



*Plantas
do
Pantanal*

Arnildo Pott
Vali J. Pott



EMBRAPA

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

PLANTAS DO PANTANAL é um guia ilustrado para fácil identificação das principais espécies da flora do Pantanal, de ervas a árvores, exceto gramíneas, ciperáceas e aquáticas. Contém fotografias de 520 espécies, entre as quais estão as plantas mais importantes para o homem e a fauna. Reúne informações sintéticas, em linguagem acessível, sobre a utilização regional (Etnobotânica) e potencial dos vegetais, por exemplo, apícolas, forrageiras, frutíferas, isca de peixe, madeiras, medicinais, ornamentais, etc. Além da etimologia científica e comum, são apresentados hábito, épocas de floração e frutificação, ocorrência (tipos de vegetação e de solo) e distribuição geográfica das espécies, bem como breves observações sobre ecologia e, eventualmente, cultivo. O livro é de interesse para estudantes, profissionais, produtores e amigos do Pantanal e das plantas do Brasil.

Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária

EMBRAPA

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária



Plantas do Pantanal

Arnildo Pott

Vali J. Pott



Plantas do Pantanal.

1994

LV - 2010.00004



27675 - 4

Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal

CPAP

Serviço de Produção de Informação

SPI

Brasília - DF

Dezembro de 1994

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à

EMBRAPA-CPAP

Rua 21 de Setembro, n. 1880

Caixa postal 109

79 320-900 - Corumbá, MS, Brasil

Tel. (067) 231-1430

Telex 067-7044 - Fax (067) 231-1011.

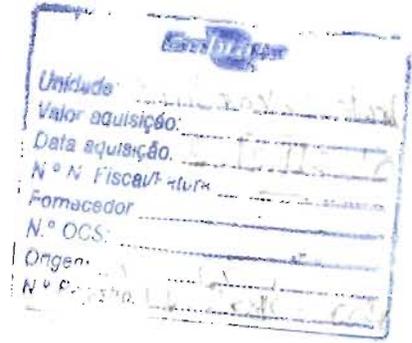
ou

Serviço de Produção de Informação - SPI

SAIN Parque Rural - Final W3 Norte

Caixa Postal 040315 - CEP 70770-901 - Brasília, DF

Telefone: (061) 348-4236 - Fax: (061) 272-4168



1ª edição

1ª impressão (1994): 3.000 exemplares

2ª impressão (2003): 1.000 exemplares

COMITÊ DE PUBLICAÇÕES:

- Presidente: João Batista Catto
- Secretário Executivo: Edison B. Pott
- Membros: Agostinho C. Catella
Luiz Marques Vieira
Judith M. F. Loureiro
Helena Batista Aderaldo
- Secretária: Rosângela G. do Prado Brazil

Normalização: Helena Batista Aderaldo

Revisão de Redação: André S. Morais
Edison B. Pott
Eurípedes Afonso
José A. Comastri Filho
Mário Dantas, Zilca Campos

Capa: Tenisson Waldow de Souza

Datilografia: Arnildo Pott e Vali J. Pott

Montagem e Arte final: Tenisson Waldow de Souza

Revisão Editorial: Marília Paranhos e Leocádia M. R. Mecnas

Editores Eletrônica: José Ilton S. Barbosa

CIP - Brasil. Catalogação - na - publicação.
Serviço de Produção de Informação (SPI) da EMBRAPA

POTT, A.; POTT, V.J.

Plantas do Pantanal / Arnildo Pott e Vali J. Pott ; Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal. - Corumbá, MS: EMBRAPA-SPI, 1994. 320 p.

1.Planta - Espécie - Pantanal. 2.Pantanal - Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal - Planta - Espécie. 3.Guia Ilustrado - Planta - Pantanal. I. POTT, V.J., Colab. II. EMBRAPA. Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal (Corumbá, MS). III. Título.

CDD 581.098172

© EMBRAPA - 1994

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente da República: Itamar Franco

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, DO ABASTECIMENTO E DA REFORMA AGRÁRIA-MAARA

Ministro: Sival Guazzelli

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA

Presidente: Murilo Xavier Flores

Diretores Executivos:

Alberto Duque Portugal

Elza Ângela Battaglia Brito da Cunha

José Roberto Rodrigues Peres

CENTRO DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DO PANTANAL - CPAP

Chefe: Mário Dantas

Chefe Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento: João Batista Catto

Chefe Adjunto de Apoio Técnico: José Aníbal Comastri Filho

Chefe Adjunto Administrativo: Rivaldavia Alves de Alencar

Sumário

Agradecimentos	11	BALANOPHORACEAE	50
Apresentação	13	<i>Langsdorffia hypogaea</i> Mart.	50
Introdução	15	BIGNONIACEAE	51
Principais ambientes	21	<i>Callichlamys latifolia</i> (L. Rich.) Schum.	51
ACANTHACEAE	23	<i>Cuspidaria cf. lateriflora</i> (Mart.) DC.	51
<i>Ruellia gemminiflora</i> H.B.K.	23	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	52
<i>Ruellia tweediana</i> Gris.	23	<i>Macfadyena unguis-cati</i> (L.) Gentry	52
<i>Stenandrium pohlii</i> Nees	24	<i>Melloa quadrivalvis</i> (Jacq.) Gentry	53
AIZOACEAE	24	<i>Paragonia pyramidata</i> (Rich.) But.	53
<i>Glinus radiatus</i> L.	24	<i>Phryganocydia corymbosa</i> (Vent.) Bur.	54
AMARANTHACEAE	25	<i>Pithecoctenium crucigerum</i> (L.) Gent.	54
<i>Achyranthes aspera</i> L.	25	<i>Tabebuia aurea</i> (Manso) B. et H.	55
<i>Amaranthus lividus</i> ssp. <i>polygonoides</i>	25	<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Tol.	56
<i>Froelichia procera</i> (Seub.) Pedersen.	26	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart.) Standl.	57
<i>Gomphrena elegans</i> Mart. v. <i>elegans</i>	26	<i>Tabebuia insignis</i> (Miq.) Sandw.	58
<i>Iresine macrophylla</i> R. E. Fries	27	<i>Tabebuia nodosa</i> (Gris.) Gris.	58
<i>Pfaffia glomerata</i> (Spr.) Pedersen.	27	<i>Tabebuia ochracea</i> (Cham.) Standl.	59
AMARYLLIDACEAE	28	<i>Tabebuia Roseo-alba</i> (Rid.) Sandw.	59
<i>Alstroemeria cf. psittacina</i> Lehm.	28	BOMBACACEAE	60
<i>Hippeastrum belladonna</i> L.	28	<i>Eriotheca gracilipes</i> (Schum.) Rob.	60
ANACARDIACEAE	29	<i>Pseudobombax longiflorum</i> (Mart. et Zucc.) Rob.	60
<i>Anacardium humile</i> St. Hil.	29	<i>Pseudobombax marginatum</i> (St.Hil.) Rob.	61
<i>Astronium fraxinifolium</i> Schot	30	BORAGINACEAE	61
<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Engl.) Fr. All.	31	<i>Cordia alliodora</i> (R.et P.) Cham.	61
<i>Schinopsis balansae</i> Engl.	32	<i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A. DC.	62
<i>Spondias lutea</i> L.	33	<i>Cordia insignis</i> Cham.	62
ANNONACEAE	34	<i>Cordia naidophila</i> Johnston	63
<i>Annona cornifolia</i> St. Hil.	34	<i>Heliotropium filiforme</i> H. B. K.	63
<i>Annona dioica</i> St. Hil.	34	<i>Heliotropium indicum</i> L.	64
<i>Annona phaeoclados</i> Mart.	35	<i>Heliotropium procumbens</i> Mill.	64
<i>Duguetia furfuracea</i> (St.Hil.) B.et H.	35	BROMELIACEAE	65
<i>Rollinia emarginata</i> Schl.	36	<i>Aëchmea distichantha</i> Lem.	65
<i>Unonopsis lindmanii</i> Fries	36	<i>Ananas ananassoides</i> (Bak.) L. B. Smith	65
<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	37	<i>Bromelia balansae</i> Mez	66
APOCYNACEAE	38	<i>Dyckia leptostachya</i> Baker	67
<i>Aspidosperma australe</i> M. Arg.	38	<i>Tillandsia duratii</i> Vis.	67
<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i> M. Arg.	38	<i>Tillandsia streptocarpa</i> Baker	68
<i>Aspidosperma quebracho-blanco</i> Schl.	39	BURMANNIACEAE	68
<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	39	<i>Burmannia capitata</i> (Walt.) Mart.	68
<i>Bonafousia siphilitica</i> (L. f.) L. Allorge	40	<i>Burmannia flava</i> Mart.	69
<i>Forsteronia pubescens</i> DC.	40	BURSERACEAE	69
<i>Hancornia speciosa</i> Gom.	41	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) March.	69
<i>Himatanthus obovatus</i> (M.Arg.) Woods.	42	CACTACEAE	70
<i>Macrosiphonia petraea</i> (S.Hil.) Schum.	42	<i>Cereus peruvianus</i> Mill.	70
<i>Prestonia coalita</i> (Vell.) Woods.	43	<i>Opuntia bergeriana</i> Weber	70
<i>Rhabdadenia pohlii</i> M. Arg.	43	<i>Pereskia sacharosa</i> Gris.	71
<i>Rhodocalyx rotundifolius</i> M. Arg.	44	CAPPARIDACEAE	71
<i>Secondatia densiflora</i> DC.	44	<i>Capparis retusa</i> Gris.	71
<i>Thevetia bicornuta</i> M. Arg.	45	<i>Capparis speciosa</i> Gris.	72
ARACEAE	45	<i>Capparis tweediana</i> Eichl.	72
<i>Dieffenbachia aglaonematifolia</i> Engl.	45	<i>Cleome guianensis</i> Aubl.	73
<i>Dracontium margaretae</i> Bogner	46	<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	73
<i>Philodendron imbe</i> Schott	46	<i>Crataeva tapia</i> L.	74
<i>Spathicarpa hastifolia</i> Hook.	47	CARICACEAE	75
ARISTOLOCHIACEAE	47	<i>Jacaratia corumbensis</i> Kze.	75
<i>Aristolochia esperanzae</i> Kze.	47	CARYOCARACEAE	76
<i>Aristolochia ridicula</i> Brown	48	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	76
ASCLEPIADACEAE	48	CECROPIACEAE (Moraceae)	77
<i>Asclepias mellodora</i> St. Hil.	48	<i>Cecropia pachystachya</i> Trec.	77
<i>Funastrum clausum</i> (Jacq.) Schl.	49	CHRYSOBALANACEAE	78
<i>Metastelma berterianum</i> (Spr.) Decne	49	<i>Couepia grandiflora</i> (Mart.et Zucc.) Bth.	78
<i>Schubertia grandiflora</i> Mart. et Zucc.	50	<i>Couepia uiti</i> (Mart et Zucc.) Bth.	78

<i>Hirtella glandulosa</i> Spreng.....	79	<i>Diospyros obovata</i> Jacq.....	105
<i>Licania minutiflora</i> (Sag.) Fritsch.....	79	ERIOCAULACEAE	106
<i>Licania octandra</i> (Hoffm.) Kze.....	80	<i>Paepalanthus lamarckii</i> Kth.....	106
<i>Licania parvifolia</i> Huber.....	80	<i>Paepalanthus speciosus</i> Koern.....	106
COCHLOSPERMACEAE	81	<i>Philodice hoffmannseggii</i> Mart.....	107
<i>Cochlospermum regium</i> (Mart et Schl.) Pilg.....	81	<i>Syngonanthus gracilis</i> Mart.....	107
COMBRETACEAE	81	ERYTHROXYLACEAE	108
<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichl.....	81	<i>Erythroxylum anguifugum</i> Mart.....	108
<i>Combretum discolor</i> Taub.....	82	<i>Erythroxylum cf. deciduum</i> St. Hil.....	108
<i>Combretum duarteanum</i> Camb.....	82	<i>Erythroxylum suberosum</i> St. Hil.....	109
<i>Combretum lanceolatum</i> Pohl.....	83	EUPHORBIACEAE	109
<i>Combretum laxum</i> Jacq.....	83	<i>Acalypha communis</i> M.Arg.....	109
<i>Combretum leprosum</i> Mart.....	84	<i>Alchornea castaneifolia</i> (Willd.) A. Juss.....	110
<i>Terminalia argentea</i> Mart et Zucc.....	84	<i>Alchornea discolor</i> Poepp.....	110
COMMELINACEAE	85	<i>Aporosella chacoensis</i> (Mor.) Speg.....	111
<i>Commelina cf. nudiflora</i> L.....	85	<i>Cnidoscylus appendiculatus</i> (P et H) P et H.....	111
<i>Murdannia nudiflora</i> (L.) Bren.....	85	<i>Croton bonplandianus</i> Bail.....	112
COMPOSITAE (Asteraceae).....	86	<i>Croton corumbensis</i> S.Moore.....	112
<i>Aspilia latissima</i> Malme.....	86	<i>Croton glandulosus</i> (L.) M. Arg.....	113
<i>Baccharis medullosa</i> DC.....	86	<i>Croton sarcopetaloides</i> S. Moore.....	113
<i>Bidens gardneri</i> Bak.....	87	<i>Dalechampia scandens</i> L.....	114
<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronq.....	87	<i>Euphorbia hyssopifolia</i> L.....	114
<i>Eupatorium hecatanthum</i> (DC) Bak.....	88	<i>Euphorbia thymifolia</i> L.....	115
<i>Eupatorium macrocephalum</i> Less.....	88	<i>Jatropha elliptica</i> (Pohl) Bail.....	115
<i>Eupatorium odoratum</i> L.....	89	<i>Jatropha weddelliana</i> Bail.....	116
<i>Melanthera latifolia</i> (Gard.) Cabr.....	89	<i>Phyllanthus amarus</i> Schum. et Thon.....	116
<i>Mikania capricorni</i> Rob.....	90	<i>Phyllanthus orbiculatus</i> L. C. Rich.....	117
<i>Mikania micrantha</i> H. B. K.....	90	<i>Sapium haematospermum</i> (M. Arg.) Hub.....	117
<i>Orthopappus angustifolius</i> (Sw.) Gl.....	91	<i>Sapium hasslerianum</i> Huber.....	118
<i>Plagiocheilus tanacetoides</i> Haenk.....	91	<i>Sapium longifolium</i> (M. Arg.) Hub.....	118
<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabr.....	92	<i>Sapium obovatum</i> Kl.....	119
<i>Solidago chilensis</i> Meyen.....	92	<i>Sebastiania hispida</i> (Mart.) Pax.....	119
<i>Silphopappus trichospiroides</i> Mart.....	93	FLACOURTIACEAE	120
<i>Trichospira menthoides</i> H. B. K.....	93	<i>Banara arguta</i> Briq.....	120
<i>Vernonia ferruginea</i> Less.....	94	<i>Casearia aculeata</i> Jacq.....	120
<i>Vernonia rubricaulis</i> H. et B.....	94	<i>Casearia decandra</i> Jacq.....	121
<i>Vernonia scabra</i> Pers.....	95	<i>Casearia sylvestris</i> Sw. v. <i>lingua</i>	122
<i>Wedelia brachycarpa</i> Bak.....	95	<i>Laetia americana</i> L.....	122
CONNARACEAE	96	<i>Xylosma venosum</i> N. E. Brown.....	123
<i>Connarus suberosus</i> Planch. ssp. <i>fulvus</i> (Pl.) Forero.....	96	GENTIANACEAE	123
<i>Rourea induta</i> Planch.....	96	<i>Coutoubea ramosa</i> Aubl.....	123
CONVOLVULACEAE	97	<i>Schultesia brachyptera</i> Cham.....	124
<i>Aniseia cernua</i> Moric.....	97	<i>Schultesia guianensis</i> Aubl.....	124
<i>Evolvulus pterygophyllus</i> Mart.....	97	GUTTIFERAE (Clusiaceae).....	125
<i>Ipomoea alba</i> L.....	98	<i>Calophyllum brasiliense</i> Camb.....	125
<i>Ipomoea chiliantha</i> Hall.....	98	<i>Kielmeyera coriacea</i> Mart.....	125
<i>Ipomoea rubens</i> Choisy.....	99	<i>Rheedia brasiliensis</i> (Mart.) Pl. et Tr.....	126
<i>Ipomoea tenera</i> Meissn.....	99	HELICONIACEAE (Musaceae).....	126
<i>Merremia umbellata</i> (L.) Hall.....	100	<i>Heliconia marginata</i> (Griggs) Pitt.....	126
CUCURBITACEAE	100	HIPPOCRATEACEAE (Celastraceae).....	127
<i>Cayaponia podantha</i> Cogn.....	100	<i>Hippocratea volubilis</i> L.....	127
<i>Melothria cf. hirsuta</i> Cogn.....	101	<i>Salacia elliptica</i> (Mart.) Peyr.....	127
<i>Siolmatra brasiliensis</i> (Cogn.) Bail.....	101	ICACINACEAE	128
DILLENACEAE	102	<i>Emmotum nitens</i> (Bth.) Miers.....	128
<i>Curatella americana</i> L.....	102	LABIATAE (Lamiaceae).....	128
<i>Davilla elliptica</i> St. Hil.....	103	<i>Hyptis brevipes</i> Poit.....	128
<i>Doliocarpus dentatus</i> (Aubl.) Standl.....	103	<i>Hyptis crenata</i> Pohl.....	129
DIOSCOREACEAE	104	<i>Hyptis microphylla</i> Pohl.....	129
<i>Dioscorea trifida</i> L.....	104	<i>Peltodon tomentosus</i> Pohl.....	130
DROSERACEAE	104	LAURACEAE	130
<i>Drosera sessilifolia</i> St. Hil.....	104	<i>Cassytha filiformis</i> Jacq.....	130
EBENACEAE	105	<i>Ocotea suaveolens</i> Hassl.....	131
<i>Diospyros hispida</i> DC.....	105	<i>Ocotea velloziana</i> (Meissn.) Mez.....	131

LEGUMINOSAE-CAESALPINIOIDEAE	132	<i>Clitoria falcata</i> Lam.	165
<i>Bauhinia bauhinioides</i> (Mart.) Macbr.	132	<i>Cratylia argentea</i> (Desv.) O.Kze.	165
<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	132	<i>Crotalaria micans</i> Link.	166
<i>Bauhinia mollis</i> (Bong.) Dietr.	133	<i>Crotalaria stipularia</i> Desv.	166
<i>Bauhinia pentandra</i> (Bong.) Vog.	133	<i>Dalbergia cuiabensis</i> Bth.	167
<i>Bauhinia rufa</i> (Bong.) Steud.	134	<i>Dalbergia riedelii</i> (Bth.) Sandw.	167
<i>Cassia grandis</i> L.f.	134	<i>Desmodium barbatum</i> (L.) Bth.	168
<i>Chamaecrista campestris</i> (Bth.) Irw. et Barn.	135	<i>Desmodium distortum</i> (Aubl.) Macbr.	168
<i>Chamaecrista flexuosa</i> (L.) Greene	135	<i>Dioclea burkartii</i> Maxw.	169
<i>Chamaecrista serpens</i> (L.) Greene	136	<i>Dioclea glabra</i> Mart.	169
<i>Copaifera martii</i> Hayne	136	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	170
<i>Dimorphandra mollis</i> Bth.	137	<i>Dolichopsis paraguariensis</i> (Bth.) Hassl.	171
<i>Diptychandra aurantiaca</i> (Mart.) Tul.	137	<i>Eriosema platycarpon</i> Mich.	171
<i>Hymenaea courbaril</i> L. v. <i>stilbocarpa</i>	138	<i>Erythrina dominguezii</i> Hassl.	172
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> (Mart.) Hayne	139	<i>Erythrina fusca</i> Lourt.	172
<i>Pterogyne nitens</i> Tul.	140	<i>Galactia glaucescens</i> Kth.	173
<i>Sclerolobium aureum</i> (Tul.) Bth.	140	<i>Indigofera hirsuta</i> L.	173
<i>Senna aculeata</i> (Bth.) Irw. et Barn.	141	<i>Indigofera lespedezioides</i> H. B. K.	174
<i>Senna alata</i> (L.) Roxb.	141	<i>Indigofera sabulicola</i> Bth.	174
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link.	142	<i>Lonchocarpus sericeus</i> (Poir.) Kth.	175
<i>Senna pendula</i> (Willd.) Irw. et Barn.	142	<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi	175
<i>Senna pilifera</i> (Vog.) Irw. et Barn.	143	<i>Machaerium amplum</i> Bth.	176
<i>Senna silvestris</i> v. <i>bifaria</i> Irw. et Barn.	143	<i>Machaerium hirtum</i> (Vell.) Stellf.	176
<i>Senna splendida</i> (Vog.) Irw. et Barn.	144	<i>Phaseolus vulgaris</i> L. v. <i>aborigenus</i>	177
LEGUMINOSAE-MIMOSOIDEAE	144	<i>Pterocarpus micheli</i> Brit.	177
<i>Acacia farnesiana</i> Willd.	144	<i>Rhynchosia minima</i> (L.) DC.	178
<i>Acacia paniculata</i> Willd.	145	<i>Riedeliella graciliflora</i> Harms	178
<i>Albizia niopioides</i> (Spr.) Burk.	145	<i>Sesbania virgata</i> (Cav.) Pers.	179
<i>Albizia polyantha</i> (Spreng f.) Lewis	146	<i>Stylosanthes acuminata</i> M. B. Ferr. et S. Costa	179
<i>Albizia polycephala</i> (Bth.) Killip	146	<i>Swartzia jorori</i> Harms	180
<i>Albizia saman</i> (Jacq.) F. v. M.	147	<i>Sweetia fruticosa</i> Spreng.	180
<i>Anadenanthera colubrina</i> v. <i>cebil</i> Bren.	148	<i>Tephrosia adunca</i> Bth.	181
<i>Calliandra parviflora</i> Bth.	149	<i>Teramnus volubilis</i> Sw.	181
<i>Entada polystachya</i> (L.) DC.	149	<i>Vatairea macrocarpa</i> (Bth.) Ducke	182
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Mor.	150	<i>Vigna longifolia</i> (Bth.) Verdc.	182
<i>Goldmania paraguënsis</i> (Bth.) Bren.	151	<i>Vigna peduncularis</i> v. <i>clitorioides</i>	183
<i>Inga uruguënsis</i> H. et A.	151	<i>Zornia crinita</i> (Mohl.) Vanni	183
<i>Mimosa adenocarpa</i> Bth.	152	<i>Zornia latifolia</i> Sm.	184
<i>Mimosa cf. chaetosphaera</i> Barn.	152	LOASACEAE	184
<i>Mimosa debilis</i> H. et B.	153	<i>Mentzelia corumbaensis</i> Hoehne	184
<i>Mimosa pellita</i> H. et B.	153	LOGANIACEAE	185
<i>Piptadenia viridiflora</i> (Kth.) Bth.	154	<i>Strychnos pseudoquina</i> St. Hil.	185
<i>Pithecellobium</i> Scalare Gris.	154	LORANTHACEAE	185
<i>Plathymenia reticulata</i> Bth.	155	<i>Phthirusa abdita</i> S. Moore	185
<i>Prosopis rubriflora</i> Hassl.	155	<i>Psittacanthus calyculatus</i> (DC.) G. Don.	186
<i>Prosopis ruscifolia</i> Gris.	156	LYTHRACEAE	186
<i>Stryphnodendron obovatum</i> Bth.	156	<i>Adenaria floribunda</i> H. B. K.	186
<i>Zygia inaequalis</i> (H.B.K.) Pitt.	157	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil.	187
LEGUMINOSAE-FABOIDEAE	157	MALPIGHIACEAE	187
<i>Acosmium subelegans</i> (Mohl.) Yak.	157	<i>Banisteriopsis pubipetala</i> (A. Juss.) Cuatr.	187
<i>Aeschynomene histrix</i> Poir. v. <i>incana</i>	158	<i>Bunchosia paraguariensis</i> Nied.	188
<i>Aeschynomene paniculata</i> Willd.	158	<i>Byrsonima coccolobifolia</i> (L.) H. B. K.	188
<i>Andira cuyabensis</i> Bth.	159	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) H. B. K.	189
<i>Andira inermis</i> H. B. K.	159	<i>Byrsonima orbignyana</i> A. Juss.	190
<i>Arachis kuhlmannii</i> Krap et Greg.	160	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) Rich.	190
<i>Bergeronia sericea</i> Mich.	160	<i>Heteropterys aphrodisiaca</i> O. Mach.	191
<i>Bowdichia virgilioides</i> H. B. K.	161	<i>Heteropterys hypericifolia</i> A. Juss.	191
<i>Calopogonium caeruleum</i> (Bth.) Sauv.	162	<i>Mascagnia benthamiana</i> (Gris.) Anders.	192
<i>Camptosema ellipticum</i> (Desv.) Burk.	162	<i>Mascagnia cordifolia</i> Gris.	192
<i>Camptosema paraguariense</i> (Chod. et H.)	163	<i>Peixotoa cordistipula</i> A. Juss.	193
<i>Canavalia aff. palmeri</i> (Pip.) Standl.	163	<i>Stigmatophyllum cf. calcaratum</i> Brown	193
<i>Centrosema brasilianum</i> (L.) Bth.	164	MALVACEAE	194
<i>Centrosema vexillatum</i> Bth.	164	<i>Abutilon ramiflorum</i> St. Hil.	194

<i>Gossypium barbadense</i> L.....	194	<i>Sauvagesia erecta</i> L.....	222
<i>Herissantia nemoralis</i> (S. Hil.) Briz.....	195	OLACACEAE	222
<i>Hibiscus furcellatus</i> Desr.....	195	<i>Dulacia egleri</i> (Rangel) Sleumer	222
<i>Pavonia angustifolia</i> Bth.....	196	<i>Ximenia americana</i> L. v. <i>americana</i>	223
<i>Pavonia sidifolia</i> H. B. K.....	196	OLEACEAE	224
<i>Peltaea riedelii</i> (Gke.) Standl.....	197	<i>Linociera hassleriana</i> (Chod.) Hassl.....	224
<i>Sida cerradoensis</i> Krap.....	197	OPILIACEAE	224
<i>Sida santaremensis</i> Mont.....	198	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers.....	224
MARANTACEAE	198	ORCHIDACEAE	225
<i>Calathea grandiflora</i> (Ros.) Schum.....	198	<i>Catasetum fimbriatum</i> Lindl.....	225
MARTYNIACEAE	199	<i>Cattleya nobilior</i> Rchb.f.....	225
<i>Craniolaria integrifolia</i> Cham.....	199	<i>Cyrtopodium virescens</i> Reich. et Warm.....	226
MELASTOMACEAE	199	<i>Stenorrhynchus australis</i> Lindl.....	226
<i>Acisanthera alsinaefolia</i> Tr.....	199	<i>Stenorrhynchus lanceolatus</i> (Aubl.) Rich.....	227
<i>Clidemia cf. bullosa</i> DC.....	200	<i>Vanilla palmarum</i> Lindl.....	227
<i>Desmoscelis villosa</i> (Aubl.) Naud.....	200	OXALIDACEAE	228
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Tr.....	201	<i>Oxalis physocalyx</i> Zucc.....	228
<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.....	201	PALMAE (Arecaceae)	228
<i>Mouriri elliptica</i> Mart.....	202	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd.....	228
<i>Mouriri guianensis</i> Aubl.....	202	<i>Allagoptera leucocalyx</i> (Drude) Kze.....	229
<i>Rhynchanthera novemnervia</i> DC.....	203	<i>Bactris glaucescens</i> Drude.....	229
MELIACEAE	203	<i>Copernicia alba</i> Morong.....	230
<i>Guarea guidonea</i> (L.) Sleumer.....	203	<i>Desmoncus cf. cuyabensis</i> Barb. Rodr.....	230
<i>Trichilia catigua</i> A. Juss.....	204	<i>Mauritia vinifera</i> Mart.....	231
<i>Trichilia elegans</i> A. Juss. ssp. <i>elegans</i>	204	<i>Orbignya oleifera</i> Bur.....	232
<i>Trichilia stellato-tomentosa</i> Kze.....	205	<i>Scheelea phalerata</i> (Mart.) Bur.....	233
MENISPERMACEAE	205	<i>Syagrus flexuosa</i> (Mart.) Becc.....	233
<i>Cissampelus pareira</i> L.....	205	PASSIFLORACEAE	234
<i>Cissampelus tropaeolifolia</i> DC.....	206	<i>Passiflora foetida</i> L. v. <i>hispida</i> Kill.....	234
<i>Odontocarya tamoides</i> (DC.) Miers.....	206	<i>Passiflora gibertii</i> Brown.....	234
MORACEAE	207	PHYTOLACCACEAE	235
<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trec.....	207	<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms.....	235
<i>Brosimum lactescens</i> (Moore) Berg.....	207	<i>Microtea scabrata</i> Urban.....	235
<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.....	208	<i>Petiveria alliacea</i> L.....	236
<i>Ficus calyptroceras</i> (Miq.) Miq.....	208	<i>Rivina humilis</i> L.....	236
<i>Ficus gardneriana</i> (Miq.) Miq.....	209	PIPERACEAE	237
<i>Ficus gommelleira</i> Kth. et Bouché.....	209	<i>Piper angustifolium</i> R. et P.....	237
<i>Ficus insipida</i> Willd.....	210	<i>Piper tuberculatum</i> Jacq.....	237
<i>Ficus luschnathiana</i> (Miq.) Miq.....	210	PLUMBAGINACEAE	238
<i>Ficus pertusa</i> L. f.....	211	<i>Plumbago scandens</i> L.....	238
<i>Sorocea sprucei</i> ssp. <i>saxicola</i>	211	POLYGALACEAE	238
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) Engl.....	212	<i>Polygala longicaulis</i> H.B.K.....	238
MYRTACEAE	213	<i>Polygala molluginifolia</i> St. Hil.....	239
<i>Campomanesia eugenioides</i> (Camb.) Legr.....	213	<i>Polygala timoutoides</i> Chodat.....	239
<i>Campomanesia sessiliflora</i> v. <i>bullata</i>	213	POLYGONACEAE	240
<i>Eugenia aurata</i> Berg.....	214	<i>Coccoloba cuyabensis</i> Wedd.....	240
<i>Eugenia biflora</i> (L.) DC.....	214	<i>Coccoloba mollis</i> Casar.....	240
<i>Eugenia egensis</i> DC.....	215	<i>Coccoloba ochreolata</i> Wedd.....	241
<i>Eugenia florida</i> DC.....	215	<i>Coccoloba rigida</i> Meisn.....	241
<i>Eugenia inundata</i> DC.....	216	<i>Ruprechtia triflora</i> Gris.....	242
<i>Eugenia pitanga</i> (Berg) Nied.....	216	<i>Triplaris americana</i> L.....	242
<i>Eugenia pyriformis</i> Camb.....	217	<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd.....	243
<i>Eugenia tapacumensis</i> Berg.....	217	PORTULACACEAE	243
<i>Gomidesia palustris</i> (DC.) Kausel.....	218	<i>Portulaca fluvialis</i> Legr.....	243
<i>Myrcia cf. fallax</i> (Rich.) DC.....	218	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.....	244
<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.....	219	RHAMNACEAE	244
<i>Psidium guineense</i> Sw.....	219	<i>Gouania lupuloides</i> (L.) Urb.....	244
<i>Psidium kennedyanum</i> Morong.....	220	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reiss.....	245
NYCTAGINACEAE	220	<i>Zizyphus oblongifolius</i> Moore.....	245
<i>Neea hermaphrodita</i> S. Moore.....	220	RUBIACEAE	246
<i>Pisonia zapallo</i> Gris.....	221	<i>Alibertia edulis</i> (L.L.Rich.) A. C. Rich.....	246
OCHNACEAE	221	<i>Alibertia sessilis</i> (Vell.) Schum.....	246
<i>Ouratea cf. hexasperma</i> (St.Hil.) Bth.....	221	<i>Borreria eryngioides</i> C. et S.....	247

<i>Borreria quadrifaria</i> Cabral	247	<i>Byttneria rhamnifolia</i> Bth.	274
<i>Calycophyllum multiflorum</i> Gris.	248	<i>Guazuma tomentosa</i> H.B.K.	274
<i>Cephalanthus glabratus</i> (Spr.) Schum.	248	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	275
<i>Chiococca alba</i> Hitch.	249	<i>Helicteres guazumaefolia</i> H.B.K.	275
<i>Chomelia obtusa</i> C. et S. v. <i>pubescens</i> Hassl.	249	<i>Helicteres lhotzkyana</i> Schum.	276
<i>Chomelia pohliana</i> M. Arg.	250	<i>Melochia parvifolia</i> H.B.K.	276
<i>Genipa americana</i> L.	250	<i>Melochia villosa</i> (Mill.) Fawc. et R.	277
<i>Guettarda viburnoides</i> C. et S.	251	<i>Sterculia apetala</i> Karst.	277
<i>Psychotria carthagenensis</i> Jacq.	251	<i>Waltheria communis</i> St. Hil.	278
<i>Randia armata</i> (Sw.) DC.	252	TEOPHRASTACEAE	278
<i>Richardia grandiflora</i> (C. et S.) Steud.	252	<i>Clavija nutans</i> (Vell.) Stahl.	278
<i>Sabicea aspera</i> Aubl.	253	TILIACEAE	279
<i>Sipanea biflora</i> (L.f.) C. et S.	253	<i>Corchorus argutus</i> H.B.K.	279
<i>Spermacoceodes glabrum</i> (Mich.) O.Kze.	254	<i>Luehea paniculata</i> Mart.	279
<i>Sphinctanthus hasslerianus</i> Chodat.	254	TURNERACEAE	280
<i>Staëlia thymoides</i> C. et S.	255	<i>Piriqueta cistoides</i> (L.) Gris.	280
<i>Tocoyena formosa</i> (C. et S.) Schum.	255	<i>Piriqueta corumbensis</i> Moura.	280
RUTACEAE	256	<i>Turnera concinna</i> Arbo.	281
<i>Fagara chiloperone</i> (Mart.) Engl.	256	<i>Turnera melochioides</i> Camb.	281
<i>Fagara hassleriana</i> Chod.	256	<i>Turnera orientalis</i> (Urb.) Arbo.	282
SALICACEAE	257	ULMACEAE	282
<i>Salix humboldtiana</i> Willd.	257	<i>Celtis pubescens</i> (H.B.K.) Spreng.	282
SAPINDACEAE	257	<i>Celtis spinosa</i> Spreng.	283
<i>Cardiospermum grandiflorum</i> Sw.	257	<i>Trema micrantha</i> (L.) Engler.	283
<i>Cardiospermum halicacabum</i> L.	258	UMBELLIFERAE (Apiaceae)	284
<i>Cupania castaneaefolia</i> Mart.	258	<i>Eryngium ebracteatum</i> Lam.	284
<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	259	<i>Eryngium elegans</i> Cham. et S.	284
<i>Diplokeleba floribunda</i> Brown.	259	URTICACEAE	285
<i>Magonia pubescens</i> St. Hil.	260	<i>Urera aurantiaca</i> Wedd.	285
<i>Melicococcus lepidopetalus</i> Radlk.	260	VERBENACEAE	285
<i>Paullinia elegans</i> Camb.	261	<i>Aegiphila candelabrum</i> Briq.	285
<i>Paullinia pinnata</i> L.	261	<i>Aloysia virgata</i> (R. et P.) A. L. Juss.	286
<i>Sapindus saponaria</i> L.	262	<i>Baillonia amabilis</i> Bocq.	286
<i>Serjania caracasana</i> (Jacq.) Willd.	262	<i>Lantana cf. canescens</i> H.B.K.	287
<i>Serjania erecta</i> Radlk.	263	<i>Lantana trifolia</i> L.	287
SAPOTACEAE	263	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Brown.	288
<i>Chrysophyllum marginatum</i> (H. et A.) Radlk.	263	<i>Lippia lupulina</i> Cham.	288
<i>Pouteria glomerata</i> (Miq.) Radlk.	264	<i>Phyla betulaefolia</i> (H.B.K.) Greene.	289
<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	264	<i>Phyla reptans</i> (H.B.K.) Greene.	289
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (R. et S.) Penn.	265	<i>Stachytarpheta elatior</i> Schrad.	290
SCROPHULARIACEAE	265	<i>Verbena aristigera</i> S. Moore.	290
<i>Angelonia hirta</i> Cham.	265	<i>Vitex cymosa</i> Bert.	291
<i>Buchnera longifolia</i> H.B.K.	266	VIOLACEAE	292
<i>Schizosepala matogrossensis</i> G. M. Barroso.	266	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Schulze.	292
<i>Scoparia montevidensis</i> (Spr.) Fries.	267	VITACEAE	292
SIMAROUBACEAE	267	<i>Cissus campestris</i> (Bak.) Camb.	292
<i>Simarouba versicolor</i> St. Hil.	267	<i>Cissus erosa</i> L.C. Rich.	293
SMILACACEAE	268	<i>Cissus sicyoides</i> L.	293
<i>Smilax fluminensis</i> Steud.	268	<i>Cissus spinosa</i> Camb.	294
SOLANACEAE	268	VOCHYSIACEAE	294
<i>Cestrum strigillatum</i> R. et P.	268	<i>Callisthene fasciculata</i> (Spr.) Mart.	294
<i>Physallis pubescens</i> L.	269	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	295
<i>Solanum amygdalifolium</i> Steud.	269	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	295
<i>Solanum cf. bonariense</i> L.	270	<i>Salvertia convallariodora</i> St. Hil.	296
<i>Solanum glaucophyllum</i> Desf.	270	<i>Vochysia cinnamomea</i> Pohl.	296
<i>Solanum paniculatum</i> L.	271	<i>Vochysia divergens</i> Pohl.	297
<i>Solanum viarum</i> Dun.	271	ZINZIBERACEAE (Costaceae)	298
STERCULIACEAE	272	<i>Costus cf. arabicus</i> L.	298
<i>Ayenia tomentosa</i> L.	272	ZYGOPHYLLACEAE	298
<i>Byttneria dentata</i> Pohl.	272	<i>Bulnesia sarmientoi</i> Lor. et Gris.	298
<i>Byttneria divaricata</i> Bth.	273	BIBLIOGRAFIA	299
<i>Byttneria filipes</i> Mart. et Sch.	273	GLOSSÁRIO	309
		ÍNDICE REMISSIVO	311

Agradecimentos

A todos os que contribuíram, desde pantaneiros que davam sua “receita” ao observar uma coleta, com destaque para Silvério Narciso (Fazenda Nhumirim-CPAP), Domingos Lopes ou “Domingão” (Fazenda Bodoquena S.A.), Otávio Damião (pescador, rio Paraguai), “Arancuan” (Fazenda Rancharia) e outros anônimos (já que não cabem todos), aos pesquisadores que colaboraram na identificação botânica, especialmente Dr. James A. Ratter (Royal Botanic Garden Edinburgh), Dr. José F.M. Valls (EMBRAPA - CENARGEN), Dr. Gert Hatschbach (Museu Botânico Municipal, Curitiba), Dra. Graziela Maciel Barroso (pantaneira de Corumbá), Profª. Cátia N. da Cunha (UFMT), Marcos Sobral (UFRGS), Profª. Efigênia de Melo (UnB), Cássia Munhoz (Jardim Botânico de Brasília), Dra. Carolyn Proença (UnB), Dr. G.P. Lewis (Kew), Dr. Antonio Krapovickas e Dra. Carmen L. Cristóbal e a sua equipe do Instituto de Botánica del Nordeste

(Corrientes, Argentina): R. Vanni, M.S. Ferrucci, A. Schinini, A. Radovancich, S. Tressens, A. Arbo; Dr. T.M. Pedersen (Corrientes), Dr. G.L. Webster (Univ. Califórnia); e todos os citados no texto no item *id.*, pois planta identificada é a coisa mais preciosa; Antonio Arantes Bueno Sobrinho (Herbário CPAP), pela dedicação; Rodiney A. Mauro (CPAP), por observações de frugivoria; Eng. Agr. Harri Lorenzi, pelas sugestões; aos proprietários de várias fazendas (Acurizal/Bodoquena S.A., Barrinhos, Campo Alto, Campo Dora, Fazendinha, Ipanema, Porto Jofre, Rancharia e Figueiral, Santana/Paiaguás, Santa Rosa/Paiaguás, e outras), pela hospitalidade e pela animadora expectativa por um livro de plantas. Aos sucessivos chefes que cumpriram sua obrigação de estimular e cobrar o trabalho. E, “last but not least”, ao empenho do pessoal da EMBRAPA-SPI, especialmente Tenisson Waldow de Souza, na editoração e arte gráfica.

Apresentação

O Pantanal é um ecossistema fantástico e tem atraído a atenção de aventureiros, pecuaristas, curiosos, turistas, investidores, ambientalistas e estudiosos, graças à pujança e ao estado de conservação de seus recursos bióticos. A fauna e a flora pantaneiras caracterizam-se pela riqueza e abundância de espécies, as quais, apesar de terem sido colocadas em risco pelas interferências humanas nas últimas décadas, não chegaram a ter comprometida irreversivelmente sua capacidade de regeneração.

O manejo sustentado desses recursos está sendo perseguido. No entanto, só poderá ser alcançado com base em estudos biológicos e ecológicos aliados às formas de uso, técnicas de conservação, cultivo e criação. A identificação taxonômica é o primeiro importante passo nesses estudos. Portanto, a elaboração deste Guia, simplesmente por proporcionar a fácil identificação de mais de 500 espécies vegetais do Pantanal, justifica-se plenamente. O presente Guia reúne informações básicas sobre 520 espécies de plantas superiores que ocorrem no Pantanal, apresentando nomes científicos e vulgares, bem como, dados relacionados com dispersão, ocorrência, usos diversos e fenologia, de forma concisa, clara e objetiva. Sem dúvida, é um compêndio obrigatório na biblioteca de todos aqueles que se dedicam ao estudo e ao manejo das plantas que ocorrem no Pantanal.

As fotografias, além de expressarem a beleza das espécies, falam mais do que as palavras e facilitam o trabalho de identificação de maneira comparativa. A simplicidade da linguagem leva ao entendimento rápido e não exige a sabedoria do botânico ou do iniciado em ciências biológicas para apreender e

usufruir dos conhecimentos apresentados.

“Plantas do Pantanal” é uma obra que estava faltando na bibliografia pantaneira. É fruto de quinze anos de trabalho do casal Pott, enfrentando a areia, os atoleiros, as enchentes, os mosquitos, o calor intenso, a falta de conforto e todas as vicissitudes da pesquisa científica no Pantanal.

A coleta das plantas, a identificação, as fotografias, a secagem e montagem das exsicatas, a preservação do material herborizado, a pesquisa bibliográfica, a coleta de informações locais transmitidas na linguagem pantaneira e as observações e experiências pessoais foram os caminhos sabiamente trilhados pelos autores para a elaboração do presente Guia.

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, e o Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal - CPAP, sentem-se orgulhosos em apresentar este trabalho, o qual revela a grandeza de sua missão. A sociedade alegra-se por receber o retorno dos seus investimentos em pesquisa. A Diretoria Executiva da EMBRAPA está de parabéns pela ousada iniciativa ao promover a publicação deste livro. O CPAP rejubila-se pela vitória de seus dois pesquisadores ao concluir a elaboração deste guia. O Dr. Arnildo Pott e a Dra. Vali Pott estão de parabéns pela primorosa obra.

Faço votos de que este Guia chegue às mãos dos estudiosos das plantas e dos leigos que necessitam usá-lo, esperando que o mesmo seja uma ferramenta eficaz e contribua para a consciência conservacionista e o uso sustentável dos recursos naturais do Pantanal.

Mario Dantas
Chefe do CPAP

Introdução

Há muito que se pergunta por um **guia de plantas do Pantanal**, ilustrado, como os livros que florescem em países mais ricos com flora mais pobre. E a EMBRAPA, com maioridade de 21 anos, prova que investe em “conhecer para conservar” os recursos da Flora do Pantanal. Conservar significa usar de forma sustentável, sem degradar. Os recursos florísticos vêm sendo usados pela pecuária há dois séculos, mas as pastagens naturais podem ter um uso múltiplo mais diversificado do que o atual. Pretende-se chamar a atenção para o valor das plantas nativas.

Frases sem verbo, texto telegráfico, espaço para mais espécies e a fotografia, que vale por mil palavras. A fotografia foi feita em filme diapositivo 35mm, ASA 100, técnica usada por Lorenzi^{131,132}. E câmara regada a suor!

Das 1700 espécies de plantas superiores ou Fanerógamas (com flor) coletadas no Pantanal em 10 anos, foram selecionadas as **500** principais, consideradas mais importantes por sua utilização atual ou potencial como alimento de fauna, apícola, forrageira, frutífera, madeira, uso medicinal, ou por outro destaque, como invasora e tóxica, ou raridade. Por isto o título não é **as plantas**. São citadas ainda mais de 400 espécies das famílias e dos gêneros enfocados, para alertar sobre plantas que podem ser parecidas, bem como ampliar esta amostra da Flora. Excluíram-se as 70 Ciperáceas (muitas apresentadas por Kissmann 1991), as 200 Gramíneas (em preparação por Valls et al., detalhando o potencial abordado por Allem & Valls 1987), bem como as 150 aquáticas (que merecem outro manual). O material está guardado no Herbário CPAP (sigla registrada no Index Herbariorum 8ª edição), para eventuais atualizações ou correções e intercâmbio.

As informações sem referência bibliográfica são observações pessoais; muitas sobre madeiras e medicinais foram ouvidas de mateiros e peões.

O uso medicamentoso não significa recomendação, apenas informação etnobotânica (registro da sabedoria pantaneira sobre as plantas) ou divulgação do valor ou do potencial curativo das plantas baseado em bibliografia (referenciada, onde podem ser buscados detalhes), pois para muitas há princípios ativos identificados, testados e vendidos em farmácia. Não se deve tomar remédio sem critério (ação, dosa-

gem) ou sem necessidade, pensando que planta só pode fazer bem (ver *Dieffenbachia*). A primeira precaução deve ser a correta identificação da planta, sendo que os livros populares em sua maioria são confusos com o nome científico, até misturando gêneros de famílias distintas. Confiar em nome comum geralmente é muito arriscado, porque pode induzir ao uso da planta errada. Algumas plantas têm tantas indicações que parecem curar tudo. Realmente há plantas maravilhosas. Mas o homem sempre anda atrás de um “elixir da juventude” e do “vigor sexual”. A propósito, ainda não descobrimos qual é o “**bodjetó**” ou “**flor-da-cobra**”, a planta dos Guatós para prolongar o orgasmo¹⁸³, pois a descrição (frutinho vermelho) é vaga demais e não foi guardado um exemplar em herbário! Um ponto crítico, não incluído aqui por fugir às nossas atribuições, é o da dosagem, qual é a dose mínima que faz efeito e a máxima que não faça mal; é a vantagem do produto preparado, com bula. Ligada a isto está a qualidade do fitoterápico; é muito importante não estar mofado, nem ter sido exposto ao sol, pois Martius¹⁴⁰ já observou que “os índios só se utilizam para uso interno de plantas frescas, a matta é a sua farmácia”. O que se pretende é resgatar e divulgar o rico conhecimento pantaneiro sobre a “farmácia do mato”, desvalorizado e em esquecimento acelerado pelo bombardeio comercial pelo rádio, muito escutado no Pantanal (e agora entra a “telecultura” pela antena parabólica), a ponto de haver peão encomendando vitaminas, enquanto o “pequi”, o “roncador” e outros maravilhosos complexos vitamínicos ficam no chão.

Quando se diz fruto comestível, o sabor ou o cheiro às vezes é forte para quem não está acostumado, dependendo muito de estar bem maduro e, claro, da fome ou sede no campo.

Pode resultar a impressão de que o Pantanal está cheio de plantas pioneiras e “invasoras”, até mesmo árvores, que aumentam de frequência com perturbação do ambiente. Correto. Mas, na maior parte, a “perturbação” já é natural, pela sazonalidade de cheia e seca, principalmente na vegetação campestre, que ocupa a maior área do Pantanal e onde ocorre a maioria das espécies. Essa alternância de fases do ritmo estacional pode ser interrompida ou intensificada por ciclos de anos de enchente e de seca; por exemplo, árvores descem para o campo, crescem até em leito

de rio, até que a cheia retorne e discipline de novo a paisagem. Talvez por isto o Pantanal seja relativamente resistente à invasão de plantas exóticas (não nativas), com exceção de áreas muito alteradas (estradas, desmatados), onde o fator regulador cheia não alcança. A profusão de trepadeiras é um indicador do contínuo remendar de lacunas na vegetação. A “embaúba”, clássico exemplo de capoeira e mata secundária, aqui cresce em vegetação original. Mas mesmo na Amazônia existem embauvais, na várzea, onde a floresta não consegue avançar para o clímax, situação similar à do Pantanal. Parece que o ambiente, por ser tão constantemente instável, selecionou espécies resistentes e oportunistas que possam responder rapidamente, ocupando espaços nesta contínua renovação. Por exemplo, *Pontederia* (“guapé”) ressurge de rizomas quietos ao sentir a cheia, gramíneas fingindo-se de mortas retornam ao baixar a água, sementes dormentes despertam na lagoa seca; “melão-de-são-caetano” (*Momordica charantia*), considerado ruderal, aqui aparece na mata quando morre a taboca que floruiu. O porco-monteiro tem impressionante atividade de “arar” campos, modificando temporariamente a vegetação de tapete de “mimosinho” (*Reimarochloa*) para ervas de folha larga e arbustos. O gado também perturba a vegetação, principalmente devido ao excesso de pastejo e pisoteio em períodos críticos de pasto, mas em geral o bovino preenche o “vazio de herbívoros no Pantanal”²¹⁹, consumindo boa parte do capim que inevitavelmente alimentaria incêndios na seca (como acontece em reservas e parques nacionais). Entretanto, onde o gado se concentra, como junto a cochos de sal, ao redor de sedes de fazenda, e em pastagem cultivada mal manejada, observam-se sinais de degradação (solo descoberto, invasoras exóticas) que indicam claramente que não se pode aumentar muito a pressão de uso do Pantanal.

Outra conclusão que se pode tirar é que as plantas vieram de outras regiões, como Chaco, Cerrado, Amazônia, Mata Atlântica, etc., e muitas são de ampla distribuição geográfica. Certo. Mas aqui no Pantanal estas espécies crescem em arranjos próprios e muitas vezes formam populações muito maiores que no lugar de origem, como “cambará” e “paratudo”, por exemplo. A migração aconteceu há muito tempo, sendo que hoje a vegetação é resistente à entrada de novas plantas, exceto em área desmatada, estrada ou outra modificação drástica do ambiente. Em fun-

ção da origem variada da flora pantaneira, a abrangência da publicação vai além do Pantanal.

Mais uma impressão talvez surja, a de que quase todas as plantas aqui são ou têm potencial como ornamentais. Bem, a beleza do Pantanal não é somente pelo tuiuiu. E não se deve seguir o conselho de um livreto turístico de que “quando for ao Pantanal, leve sementes de flores e jogue na beira da estrada”, pois a introdução de espécies é condenável e perigosa e, além do mais, aqui já existem flores, durante o ano todo.

O CPAP ainda não dispõe de sementes ou mudas das plantas, salvo para instituições conveniadas, fins de pesquisa, ou por contrato.

Este **manual** não é completo, ainda há muito mais espécies interessantes no Pantanal, algumas nem herborizadas e identificadas, mas não deve parar a prensa de coleta (presente do Jimmy Ratter, pois já quebrou a herdada do agrostólogo Anacreonte A. Araújo).

Críticas e informações adicionais serão sempre bem-vindas.

Abreviaturas usadas e explicação sobre o texto

Na apresentação das plantas tratadas é seguida a ordem alfabética de família, depois de nome científico (gênero e espécie), o qual é a identidade internacional da planta. O nome comum varia muito entre sub-regiões e até mesmo entre pessoas da mesma fazenda, e o mesmo nome às vezes é usado para várias espécies, até de famílias diferentes (ver “cipó-de-leite”, “espinheiro” ou “leiteiro”). O nome vulgar em letras maiores é considerado o mais utilizado; quando não consta, não é conhecido no Pantanal ou não foi detectado, e é um sinal de que a planta não tem utilização para o pantaneiro nem o atrapalha.

O número abaixo do nome científico e após AP é o de coleta do primeiro autor, precedido de VJP é da co-autora, ou de outro botânico mencionado, do material documentado no Herbário CPAP, seguido de **id.**=identificado por, ou **conf.**=identificação confirmada por, e nome do taxônomo, ou **comp.**=identificado por comparação com exemplar identificado por.

Etimologia= origem da palavra, é dada para facilitar a familiarização com os nomes científicos, que às vezes parecem tão difíceis e misteriosos, e tam-

bém de nomes vulgares, freqüentemente originados da taxonomia dos índios, ligada à utilização das plantas.

São dadas breves informações sobre hábito (**árvore, arbusto, erva, trepadeira**, etc.), tamanho, e eventuais características morfológicas, apenas complementares à ilustração. A época ou amplitude de floração e frutificação é dada pela abreviatura dos meses do ano, como **jan-fev**, etc. Não significa que no período dado como início ou fim alguém vai achar flor em qualquer ano ou qualquer lugar onde a planta ocorre, pois isto é variável de ano a ano, e entre locais, dependendo das chuvas e da cheia. Por exemplo, às vezes o “paratudo” tem floração sincronizada e maciça, noutros anos é paulatina e “esparramada”; em Poconé a flor do “cambará” sai mais cedo do que em Corumbá, pois no norte a cheia do rio é antes que no sul. E na mesma área pode não ser a mesma população durante todo o período indicado, p. ex. anuais (ou mesmo perenes) podem estar nascendo ou rebrotando num ponto e florescendo ou morrendo noutro a poucos metros, em função de níveis topográficos, ou seja, de umidade do terreno. Muitas vezes a época de flor e fruto é dada apenas em termos de estação do ano. Estação chuvosa, ou simplesmente chuvas, no verão, significa nov-mar, e seca ou estação seca refere-se a mai-set, ou inverno. Isto nos campos alagados por chuva. Nem sempre há seca no solo, pois a planície inundada pelo rio Paraguai pode estar no pico de cheia em plena seca climática. Se isto tudo parece um tanto complicado, e com razão, uma solução para entender melhor é ver o Pantanal em diferentes épocas, durante vários anos, em muitos locais.

Utilização: significa utilização atual no Pantanal quando sem referência, ou potencial, com número sobrescrito¹⁻²⁴⁶, respectivo à fonte bibliográfica consultada. No caso de madeiras, dens. significa densidade (g/cm³), tendo-se tirado a média quando as fontes davam valores distintos.

Uso medicinal: significa uso medicinal na região, de informação dada diretamente por pantaneiros. Quando não é registro original, é indicada a fonte, mesmo referindo-se ao Pantanal, p. ex., Guarim Neto⁹⁵.

Cultivo: quando há informação, com a referência onde podem ser encontrados detalhes.

Ecologia: comportamento da espécie ao fogo, pastejo, perturbação da vegetação, ciclo de cheia ou seca, etc., como subsídio ao manejo e à conservação.

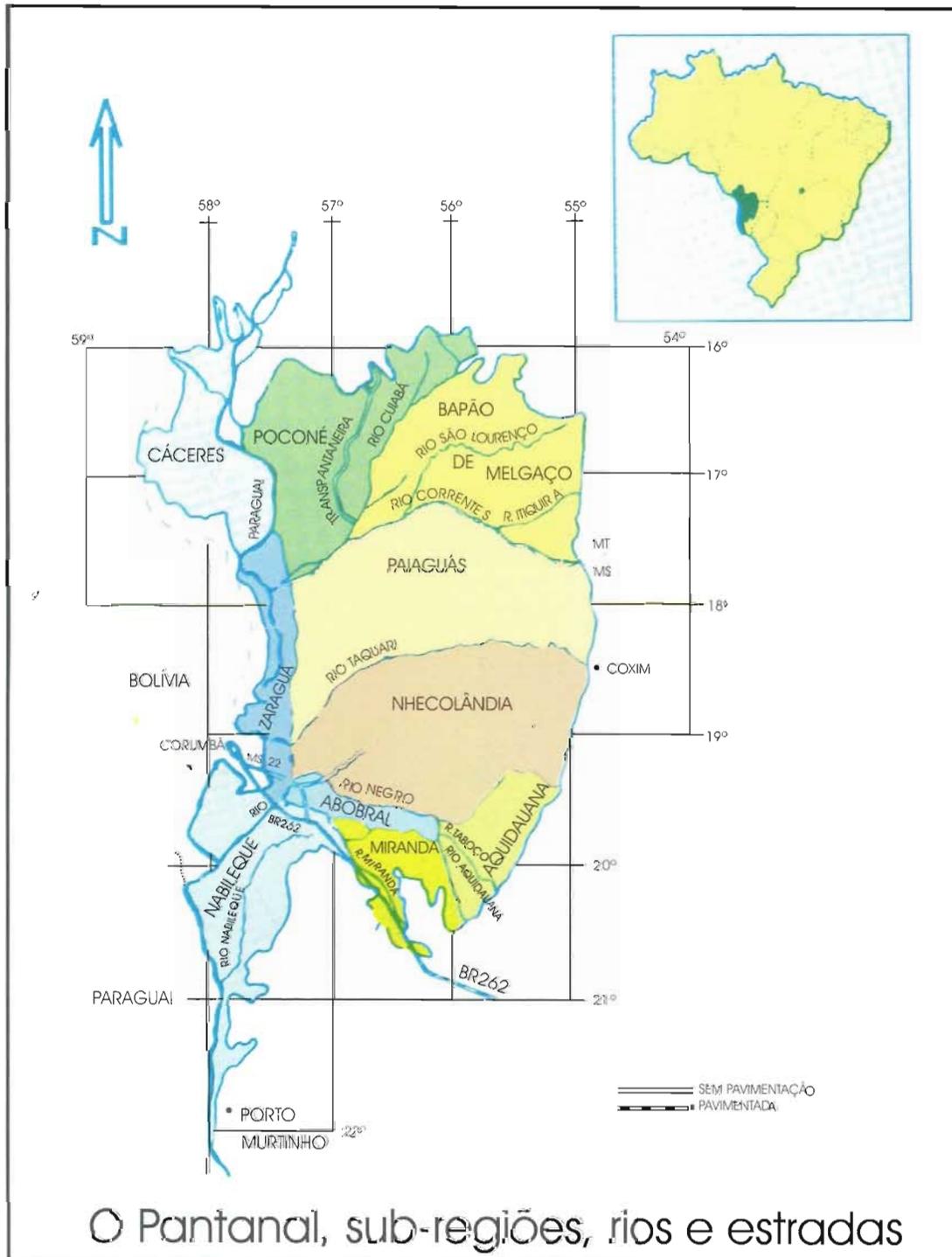
Ocorrência: freqüência, onde ocorre no Pantanal, conforme o mapa esquemático das sub-regiões, e tipo textural de solo, sendo os principais termos explicados no glossário. Quanto aos solos, estes são arenosos nas sub-regiões de Nhecolândia, Paiaguás e maior parte de Aquidauana e Abobral, e norte das sub-regiões de Poconé e Barão de Melgaço; solos argilosos predominam nas sub-regiões de Cáceres, Paraguai, Miranda e Nabileque, além de sul de Poconé e de Barão de Melgaço, e partes baixas de Aquidauana. Morraria calcária refere-se às elevações periféricas, da Serra da Bodoquena e de Corumbá, relevo muito mais antigo do que a planície sedimentar quaternária que é o Pantanal. **Cit. ant.:** citação anterior, de outro(s) autor(es), para o Pantanal, considerando apenas a planície pantaneira. Não foram consideradas citações vagas, pois há trabalhos que não especificam se a planta é do Pantanal, p. ex., colocando apenas Corumbá^{105,209}, município de 300 km de comprimento e que encosta no de Poconé e no de Coxim. Algumas espécies não apareciam na literatura desde Moore (1895)¹⁵¹, outras são citadas pela primeira vez para o Pantanal.

Distribuição: distribuição geográfica geral, que dá uma idéia da origem da flora e da amplitude ecológica das espécies. Os estados são citados pela sigla; quando consta MT (e MS) significa que é de uma fonte bibliográfica anterior à divisão do velho MT. Nos casos em que este item não consta, não foi encontrada informação.

Outra(s) sp(p): outra(s) espécie(s) do gênero, levantada(s) e/ou citada(s), para dar uma idéia do gênero na região.

É acrescentado um pequeno **glossário** para denominações regionais da paisagem e alguns termos técnicos que não puderam ser evitados, sendo que mais informação sobre o ecossistema do Pantanal pode ser encontrada entre a bibliografia citada. Foram simplificados termos como anemócoro, béquico, emenagogo, etc.

Plantas do Pantanal



Principais Ambientes

Abaixo são apresentados onze dos principais ambientes e paisagens do Pantanal abordados no texto, respectivamente: **a)** campo com "baías e caapões/cordilheiras com cerradão; **b)** cordilheira com salina e mata semidecídua; **c)** espinheiral (coberto de *Ipomoea spp.* em flor); **d)** campo com vazantes e caapões; **e)** caapão; **f)** vazante entre cordilheiras; **g)** campo alagado; **h)** campo de mimoso (*Axonopus purpusii*) com gado; **i)** campo-cerrado com "lixreira" (*Curatella americana*); **j)** corixo e caapões de mata ciliar; **k)** caronal com fogo.



a



b



c



d



e

Plantas do Pantanal



f



g



h



i



j



k

Acanthaceae

Ruellia gemminiflora H.B.K.

AP 4288

Etimologia: Ruellia=homenagem ao botânico francês Ruelle¹³; gemminiflora=flores gêmeas.

Erva perene, ereta, às vezes meio apoiada em vizinhas, 0,2-0,7 m alt., com raízes engrossadas. Florada quase o ano todo, mais intensa e sincronizada após queimada.

Utilização: Algo forrageira. Ornamental⁴⁴. Considerada medicinal¹⁰³, com alto teor de proteínas solúveis (13%) e de açúcares (41% de glicose+frutose) no rizoma, mais alto do que em plantas alimentícias cultivadas⁷⁹.

Ecologia: Aumenta a população em anos secos. Rebrotar após corte, da base subterrânea, com que também sobrevive ao fogo.

Ocorrência: freqüente, caronal, borda de cordilheira, caapão de cerrado e cerradão fino, solos arenosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: quase toda a América do Sul, no Brasil BA, MG, ES, RJ, SP, MT, GO⁴⁴, cerrados⁷⁶, e “pantanal” do norte da Bolívia⁹⁷.



Acanthaceae

Ruellia tweediana Gris.

AP 3506

Etimologia: gênero idem; homenagem ao botânico francês Tweedie.

Erva perene, ereta ou quase, 20-90 cm alt., flor jan-abr, fruto mai-ago, quando pouco chove e a cápsula pode explodir, lançando as sementes. Já em *R. hygrophila* é o contrário, a cápsula estoura quando “sente” uma gota de chuva.

Utilização: Eventualmente é comida por bovino. Era considerada perigosa para o gado, pelo nome de “alfavaca-de-cobra”⁴¹, mas não foi encontrado trabalho científico a respeito. Potencial ornamental, como algumas espécies já cultivadas²². Flor (corola) cai facilmente, não dura mais de 1 dia.

Ecologia: Rebrotar após a queimada. Aumenta de freqüência em anos de cheia.

Ocorrência: freqüente, paratidal, carandazal, campo de vazante, alagáveis, solos argilosos.

Distribuição: Paraguai, Argentina e Uruguai²².

Outras spp: *R. bahiensis*; *R. erythropus*^{61,62}, *R. hygrophila*.





Acanthaceae

Stenandrium pohlii Nees

“CAIAPIÁ”, “carapiá”

AP 1468

Etimologia: *Stenandrium*=antera fina; homenagem ao botânico Pohl; caiapiá=pedaço, do tupi⁷⁴, devido ao tamanho. “Carapiá” também vale para *Dorstenia* (Moraceae).

Erva rosulada, perene, 5-15 cm diâm.; flor out-dez. Floresce mais após a queimada¹⁰².

Utilização: Forrageira eventual. Apícola. Potencial ornamental.

Ecologia: Diminui em campo sem gado bovino, pois prefere sol, mas diminui com excesso de uso da pastagem. Aumenta em anos secos.

Ocorrência: freqüente, caronal e cerrado, solos arenosos, pouco ou não alagáveis. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: cerrado, MT¹⁰².

Outra sp.: *S. diphyllum*^{61,62}. Outras acantáceas: *Beloperone hassleri*¹⁷⁹, *Elytraria squamosa*, *Geissomeria cincinnata*, *G. tetragona*^{61,62}, *Justicia hassleri*^{61,62}.



Aizoaceae (Molluginaceae)

Glinus radiatus L.

“CARURU-DO-BREJO”

AP 5839. id. T.M. Pedersen

Etimologia: *Glinus*=nome popular latino¹¹; *radiatus*=radiado, devido aos pêlos estrelados, ou a planta com ramos saindo como raios de roda; *caruru*=erva inchada, em guarani⁵⁷. O mesmo nome é usado para *Amaranthus lividus*.

Erva anual, prostrada a subereta, flor e semente na estação chuvosa e quando o campo seca.

Utilização: Forrageira consumida em épocas de pouco pasto.

Ecologia: Pioneira de sucessão em lagoa seca ou onde a vegetação morreu por alagamento.

Ocorrência: manchas esparsas, baixadas secando, solos arenosos ou siltosos com superfície orgânica.

Distribuição: ampla, desde o sul dos Estados Unidos até o sul da América do Sul²⁶; “pantanal” do norte da Bolívia⁹⁷.

Amaranthaceae

Achyranthes aspera L.

“CARRAPICHO”, “rabo-de-coati”,
“prega-prega”, “carrapicho-praga”

AP 2690, id. T.M. Pedersen

Etimologia: *Achyranthes*=flor de palha¹¹; *aspera*=áspera (“semente”).

Erva perene, 0,5-1,5 m alt., flor e “semente” na mesma inflorescência praticamente o ano todo.

Utilização: A cinza da planta tem vários usos técnicos²¹⁷. Folha e broto são comestíveis acompanhando outros pratos, arroz, carnes e peixe²¹⁷. Xarope contra bronquite⁵²; a raiz é remédio contra disenteria²¹⁷. É forrageira enquanto jovem ou isolada, depois aumenta a dificuldade de acesso.

Invasora de pastagem cultivada, principalmente onde há ovinos, que carregam a “semente” na lã. Pode formar conjuntos “intransponíveis” ao gado e ao homem, com inflorescências cruzadas, pois os frutos machucam a pele e até penetram na roupa.

Ecologia: A plântula é pequena, depois tem entre-nós alongados e consegue ultrapassar o pasto baixo. Aumenta em anos secos; morre com a cheia.

Ocorrência: freqüente na camada orgânica de lagoa seca e esparsa em sedes de fazenda, em solos argilosos ou arenosos, férteis.

Distribuição: ruderal¹⁷², originária da Índia⁵².



Amaranthaceae

Amaranthus lividus L. ssp. *polygonoides*

(Moq.) Probst (= *A. blitum*)
“CARURU-DO-BREJO”

AP 2275, id. T.M. Pedersen.

Etimologia: *Amaranthus*=flor que não murcha, *lividus*=azulado¹⁹⁹, *polygonoides*=forma de *Polygonum* (erva-de-bicho); *caruru*=erva inchada, em guarani⁵⁷. O mesmo nome comum é usado para *Glinus radiatus*.

Erva carnosa, anual, meio deitada, 5-20 cm alt.

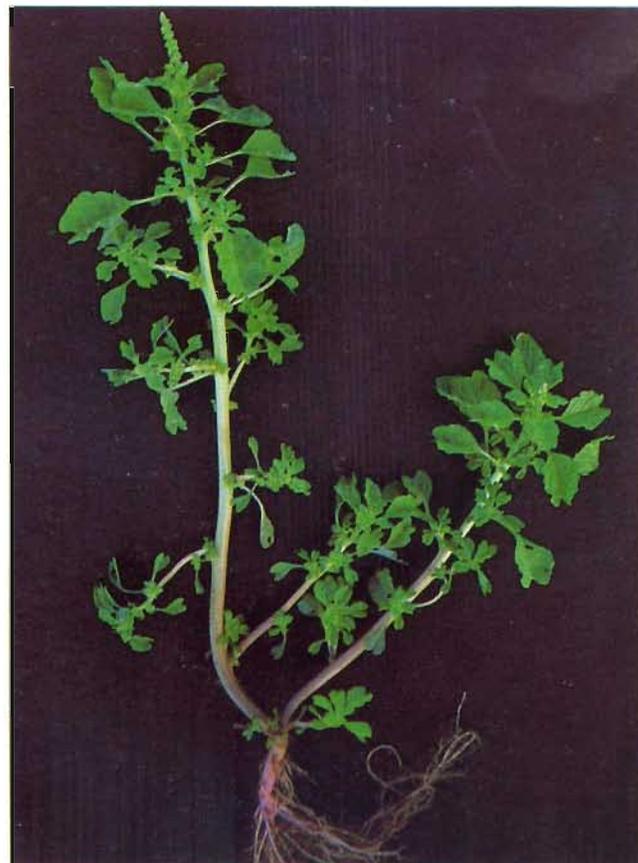
Utilização: Os carurus são comestíveis, ricos em ferro, potássio e cálcio, mas é necessário cozinhá-los, para eliminar ácido nítrico²⁴⁶. **Forrageira** de bovino e porco, rica em proteína, cálcio e fósforo. Semente comida por aves, por exemplo, “fogo-apagou”.

Ecologia: colonizadora, sendo pioneira em brejo secando.

Ocorrência: freqüente a abundante, campos muito alagáveis, solos argilosos ou outros com superfície orgânica.

Distribuição: ampla; possivelmente nativa da América do Sul, agora quase cosmopolita; beira de rios e alagados na Argentina²⁴.

Outras spp.: *A. deflexus* (“caruru”), *A. spinosus* (“caruru-de-espinho”), ruderais.





Amaranthaceae

Froelichia procera (Seub.) Pedersen

(=*F. lanata* var. *procera* Seub.)

AP 5869, id. T.M. Pedersen.

Etimologia: homenagem ao pesquisador alemão Froelich¹¹; *procera*=alto, esbelto¹⁹⁹.

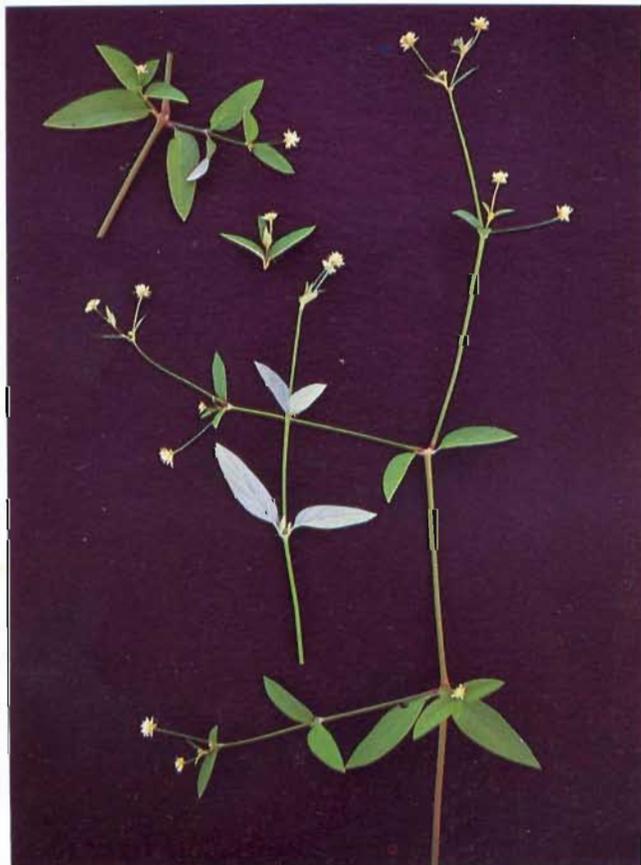
Erva perene, ereta, 0,5-1,2 m alt., com rizoma (tolera fogo). Flor na estação chuvosa.

Utilização: Forrageira, mas com poucas folhas e pouca planta, portanto produção baixa. No Nordeste uma espécie irmã é considerada boa para obter leite mais gordo, chamada de “nateira”¹⁹.

Utilização: Cresce melhor a pleno sol, mas inicialmente aumenta com a retirada do gado bovino. Tem algum potencial ornamental, havendo uma espécie cultivada na Europa²⁴.

Ocorrência: esparsa, caronal e cerrado.

Distribuição: Centro e Sul do Brasil, Paraguai e Argentina²⁴.



Amaranthaceae

Gomphrena elegans Mart. var. *elegans*

AP 4720, id. J. Siqueira.

Etimologia: *Gomphrena*=escrever, pintar (grego), relativo à folha variegada de certas spp.¹¹; *elegans*=elegante.

Erva 0,3-1,5 m alt., meio trepadora e com pêlos pluricelulares ramificados, no que difere de *Pfaffia glomerata*, com a qual se parece quando não florescida. Flor ago-set.

Utilização: Forrageira bem aceita por bovino. Potencial ornamental. O gênero é de medicinais²²³, havendo uma no planalto com o nome de “paratudo”²²³, nada aparentado com o “paratudo” do Pantanal. Desconhece-se utilização local.

Ecologia: Aumenta em campo sem gado e em anos de cheia.

Ocorrência: freqüente, carandazal, espinheiral, vazante, vegetação ciliar, alagáveis, solos argilosos. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: América do Sul tropical e subtropical, higrófito, em campos ao longo dos rios²⁴.

Outras spp: *G. glauca*^{151,179}, *G. celosioides* (ruderal), *G. macrocephala*^{61,62}, *G. vaga*.

Amaranthaceae

Iresine macrophylla R.E.Fries

“POMBEIRO-BRANCO”

AP 5102, id. T.M. Pedersen

Etimologia: Iresine=ramos entrelaçados com lâ¹¹; macrophylla=folha grande.

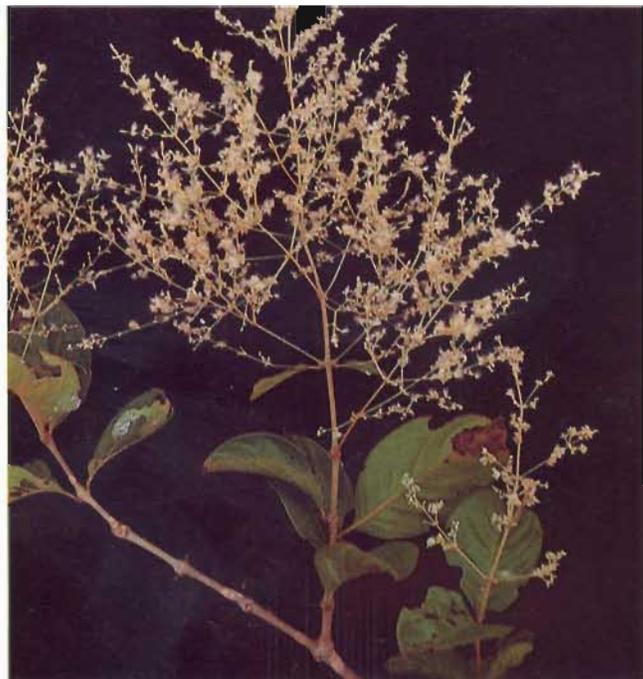
Trepadeira lenhosa, 5-20 m, atinge o topo das árvores. Flor e fruto em torno de set-out. O mesmo nome comum é mais conhecido para *Cobretum laxum*.

Utilização: Potencial ornamental. Desconhece-se uso na região.

Ecologia: Disseminada pelo vento. Parece aumentar em mata mexida e em clareiras naturais, como fazem os cipós em geral.

Ocorrência: esparsa, em matas e caapões do sul de Poconé, solo argiloso; fértil.

Outras amarantáceas: *Alternanthera ficoidea*, *A. paronychioides* (“cuspe-de-paraguai”), *A. pungens*, *A. tenella*, em geral ruderais.



Amaranthaceae

Puffia glomerata (Spreng.) Pedersen

“GINSENG-DO-PANTANAL”, “milagroso”, “malva-branca”

AP 3258, id. T.M. Pedersen; J.Siqueira; G. Marinis.

Etimologia: homenagem ao físico e químico alemão Pfaff¹¹; glomerata=aglomerada(flor).

Erva perene, ereta ou semi-ereta, 0,5-2,5 m alt.; na cheia produz raízes no caule. Raiz engrossada, geralmente bifurcada (forma humana) como o “ginseng” do Oriente. Folha nova larga e pilosa, a da inflorescência é estreita. Flor e fruto (“semente”) set-mai, e outros meses.

Utilização: **Forrageira** bem consumida por bovino, embora tenha pouca folha. Apícola e muito visitada por abelhas nativas.

Raiz **medicinal**, quase sem nome local e raro uso na região (para visão e memória), com ecdisteróides e outros princípios ativos estudados²²⁰, grande potencial para exportação, como afrodisíaco e contra “stress”, câncer e envelhecimento. No Japão já está sendo consumido como um refrigerante (seg. M.L. Saito, CNPMA-EMBRAPA).

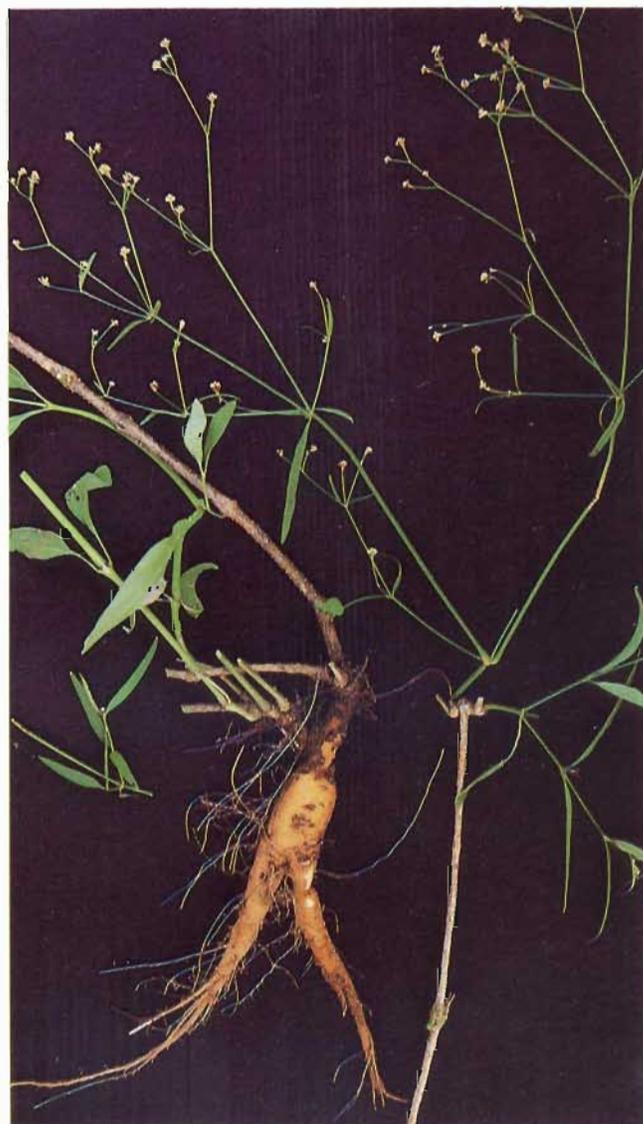
Cultivo: Propagação por semente (crescimento inicial lento, depois alongamento rápido do caule) ou vegetativa (produz raiz ramificada demais, seg. experiência da empresa Anew).

Ecologia: Aumenta em áreas sem bovino, mesmo perturbadas, como beira de estrada. Sobrevive ao fogo.

Ocorrência: muito freqüente, paratidal, carandazal, vegetação ciliar e campos de inundação de rios, solos argilosos ricos em cálcio e matéria orgânica; pouco freqüente em arenosos. Cit. ant.^{105,18}.

Distribuição: América do Sul tropical e subtropical, ao longo dos rios^{24,26}, inclusive no Chaco oriental¹⁸².

Outras spp.: *P. acutifolia*; *P. gleasonii*^{61,62}, *P. pulverulenta*.



Amaryllidaceae (Alstroemeriaceae)

Alstroemeria cf. psittacina Lehm.

(=*A. pulchella*)

AP 5510, id. A. Schinini.

Etimologia: Alstroemeria=homenagem ao botânico sueco Alstroemer⁵⁸; psittacina=de “flor-de-papagaio”⁵⁸, nome em espanhol.

Trepadeira perene, parte aérea herbácea, apoiante, 1-4 m alt. Flor na estação chuvosa.

Utilização: Muito ornamental^{45,58,91}.

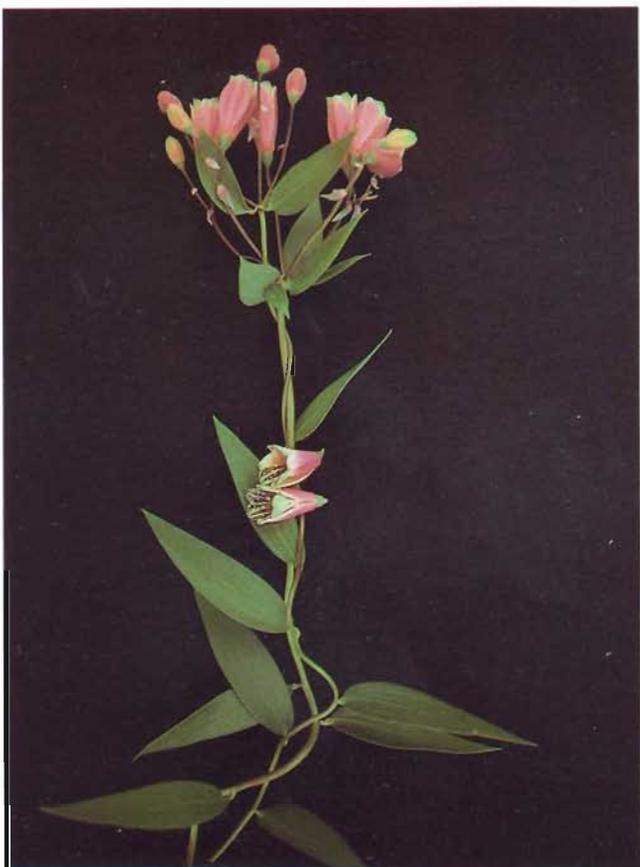
Cultivo: Propagação por rizoma.

Ecologia: Sensível ao fogo, podendo rebrotar da base.

Ocorrência: rara, beira de mata ciliar, solo argiloso, sub-região de Poconé.

Distribuição: norte do Brasil⁹¹, México⁴⁵ e Flórida²⁴⁰.

Outra Amaryllidácea: Na morraria calcárea ocorre uma espécie de um gênero afim, muito parecida, *Bomarea edulis*.



Amaryllidaceae

Hippeastrum belladonna L.

(=*Amaryllis belladonna* L.)

“LÍRIO”, “beladona”

AP 3827, id. C.N. da Cunha.

Etimologia: Hippeastrum=estrela de cavalo, em grego; belladonna=nome de planta medicinal que dilata a pupila e faz o olho da dona brilhar.

Erva perene bulbosa, flor out-dez, e também após queimada (seg. Cátia N. da Cunha, UFMT).

Utilização: Ornamental, há muitas variedades⁴⁴ e foram criados muitos híbridos, hoje mundialmente cultivada.

Forrageira eventual. Tóxica (bulbo e folha) ao gado¹⁰⁰.

Bulbo (cebola) tóxico ao homem^{103,52} em dose acima de 3 g, índios envenenavam flecha⁴⁴, contém alcalóides licorina (paralisa respiração)^{103,218}, amarilina e belamarina, excitante e narcótico, provoca salivação⁴⁴. Medicinal: coqueluche²³⁸, bronquite, asma, catarro crônico, vomitivo e diurético^{19, 52}.

Ocorrência: ocorre em manchas ocasionais, devido à propagação por bulbo, em caapão, roça, também em savana, solos férteis, Abobral e Poconé. Cit. ant.⁶¹.

Distribuição: Antilhas e América do Sul tropical⁵⁸, originária da África austral¹⁹.

Outra sp.: *H. aff. miniata*⁹⁴.



Anacardiaceae

Anacardium humile St. Hil.

“CAJUZINHO”, “cajuí”, “caju-do-cerrado”,
“cajuzinho-do-campo”

AP 4380

Etimologia: Anacardium=coração invertido (“fruto” ou pseudofruto); humile=que está no chão, humilde, pequeno¹⁹⁹; caju=de yu, amarelo⁷⁴.

Arbusto 0,5-1,5 m alt, caule subterrâneo horizontal de 1-5 m compr.; flor ago-nov, após a “chuva do caju”; fruto out-dez.

Utilização: **Fruto** (pseudofruto) muito cheiroso, comestível, praticamente não utilizado, tem muito potencial para uso extrativo. É ácido, pode ser consumido ao natural ou em suco, doces e vinho (fermentado), e a castanha torrada¹⁹⁴. A casca serve para indústria (plástico, verniz)¹⁹⁴.

Casca é estimulante e contra inflamação de garganta (gargarejo); raiz é purgante, enquanto folha e casca são contra diarreia¹⁹⁴. Resina da castanha serve para queimar calo e verruga, acalmar dor de dente^{222,52} e doenças de pele⁴¹, como manchas e espessamento¹⁹⁴. A cinza serve de pasta dental¹⁹⁴.

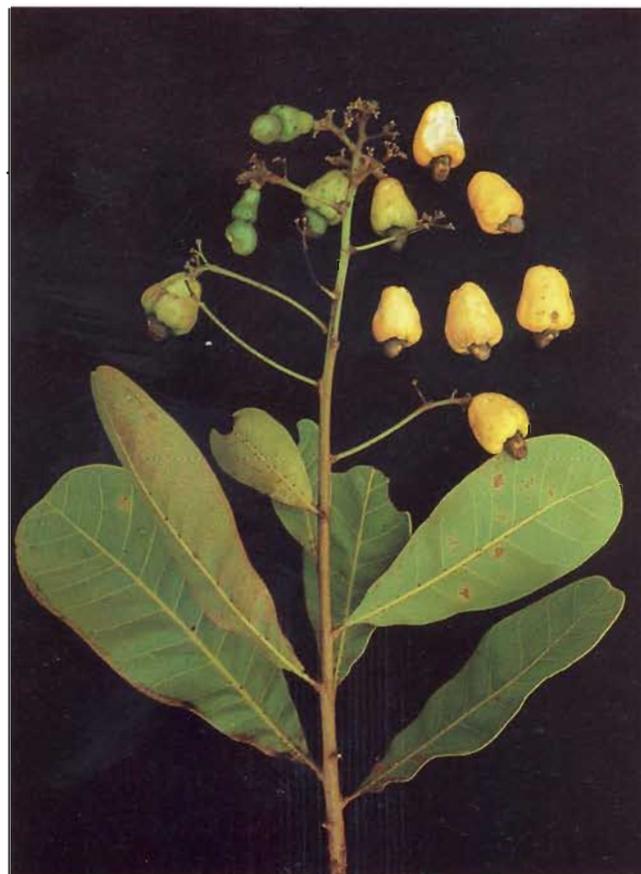
Ecologia: O xilopódio^{76,194} armazena água⁴¹ e sobrevive a fogo e cortes, pelo que se torna invasora de pastagem cultivada, se o terreno não for enleirado com lâmina dentada e bem gradeado.

Cultivo: Tem potencial para seleção e cultivo. A semente tem boa germinação (15 dias), se plantada logo¹⁹⁴. Tem boas características (número de flores e proporção de flores masculinas e bissexuadas) para melhoramento do caju cultivado¹⁹⁴.

Ocorrência: abundante na metade leste de Paiaguás e Nhecolândia, cerradão ralo, caapão de cerrado, solos arenosos. Cit. ant.^{61,169,62}.

Distribuição: cerrados^{101,76}, SP, MG, MT⁴¹, GO¹⁹⁴ e Nordeste¹³⁴.

Outras spp.: *A. nanum*⁵³, *A. occidentale* (o caju cultivado às vezes aparece em beira de caminhos e taperas).





Anacardiaceae

Astronium fraxinifolium Schott

“GONÇALO”, “gonçaleiro”, “gonçalo-alves”,
“guaritá”

AP 3426, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: Astronium=de astro (fruto com 5 sépalas em estrela); fraxinifolium=folha de *Fraxinus*, árvore européia. **Árvore** 10-25 m alt., casca característica; resina com odor de terebentina¹⁵⁹, folha com cheiro de manga (mesma família). Flor pequena, esverdeada, jul-set, quando sem folhas; “semente” out.

Utilização: Madeira das mais belas²²², vermelha zebrada, dura, pesada (dens. 0,95), durável, resistente a fungos, para marcenaria, escultura, dormente, poste, construção civil e naval^{139, 222, 42, 198, 159, 132}.

Muito apícola (néctar e pólen). Papagaios e periquitos comem fruto verde.

Casca adstringente, 12% de tanino, considerada peitoral⁴², contra diarreia^{16, 208, 9}, maior balsâmico do mundo (a dose é 3 xícaras por dia)²³⁸; fruto cáustico com óleo contra calo, dor de dente^{19, 223, 9} e parasitas de pele²²².

Cultivo: Simples; semente dura 4 meses, germina em 12 dias; crescimento rápido¹³².

Ecologia: A disseminação é pelo vento¹³². Morre com fogo alto.

Ocorrência: todas sub-regiões, muito freqüente, mata semidecídua e cerradão, e às vezes em paratidal e mata ciliar, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant. 179, 133, 16, 174, 186, 53, 96, 61, 62, 18.

Distribuição: amazônica, de ampla dispersão, em cerrado, matas semidecíduas^{197, 186} e costeiras¹⁰⁸, da Venezuela à Argentina¹³⁰, e do PA ao PR⁴² e RS¹³².

Anacardiaceae

Myracrodruon urundeuva (Engl.) Fr.All.

(=*Astronium urundeuva*)

“AROEIRA”

AP 3308, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: Myracrodruon=de myra, bálsamo¹²; urundeuva=nome guarani (uba=árvore), sendo “urundel” em espanhol¹³⁰.

Árvore 6-20 m alt., casca escura e áspera, folha com cheiro de manga, caduca. Flor ago-set, semente set-out, no início das chuvas, disseminada pelo vento.

Utilização: Madeira pesada (dens. 1,18)^{45,125,130}, dura, furada por larva de besouro, mas não se lampinada verde¹⁵⁶. Muito durável, pelo tanino (15%)¹²⁵, usada para moirão, poste, curral, esteio, ponte. Boa para roda, moenda, dormente, pisos, peças torneadas^{222,139,108,46,126,156,136,132}. Lenha não queima bem¹⁵⁶. Casca serve para curtir⁴⁶.

Muito apícola¹⁷⁰. Fruto comido por periquitos e papagaios.

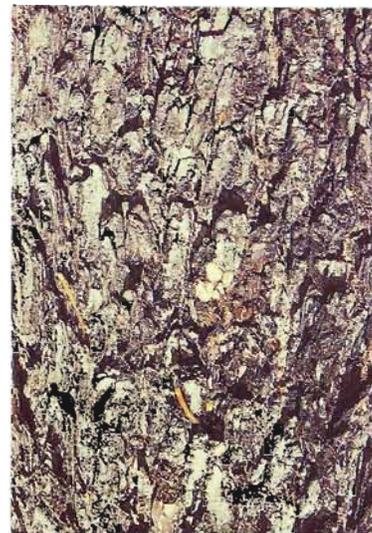
Uso medicinal: melado (casca fervida) em pano e tala de bambu pode substituir gesso em fratura. Casca balsâmica, tônica, para hemorragia, vias respiratórias e urinárias¹⁹, diarreia e para aplicar em feridas rebeldes^{52,4}, com comprovado efeito anti-inflamatório e cicatrizante, contra úlceras e alergia¹⁴³.

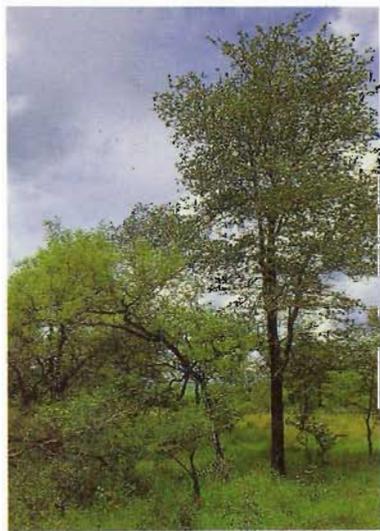
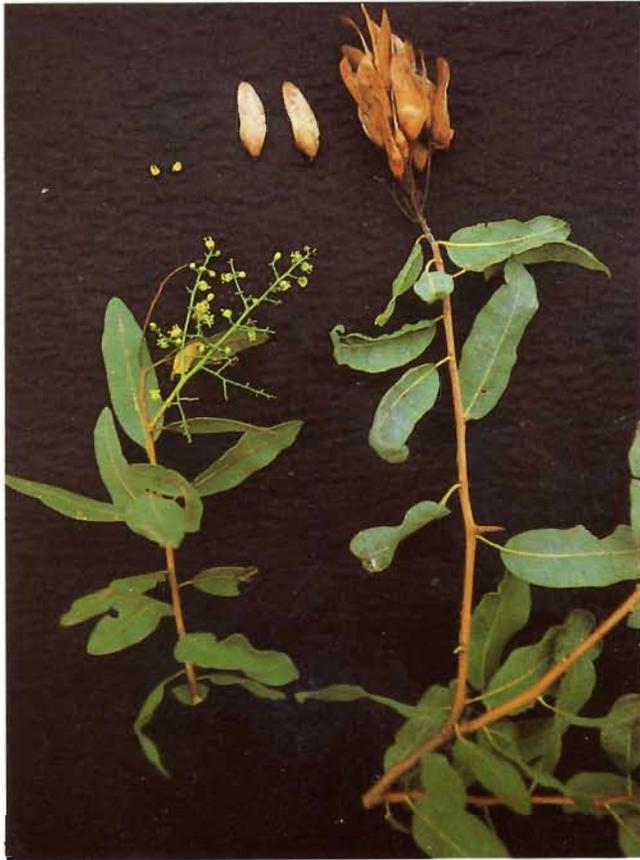
Cultivo: por semente, miúda (56 mil/kg), dura 5 meses, germina em 4-18 dias^{130,132}, comprovado no CPAP. No limpo ramifica-se muito; semente aos 10 anos¹⁵⁶.

Ecologia: Sobrevive a fogo em pastagens¹⁵⁶. Rebrotar após corte, até de raiz, mas o boi impede a regeneração comendo as folhas, também as plântulas, por isso deve-se vedar a área por 2-3 anos.

Ocorrência: todas sub-regiões, freqüente, matas e cerradão, solos ricos em cálcio, arenosos ou argilosos, não inundáveis. Cit. ant. 197,84,174,186,53,39,96,219,61,62,18.

Distribuição: mata semidecídua, mata seca de calcário, cerrado e caatinga^{198,197}, do CE ao PR, MS e Paraguai^{19,136,132} e Argentina¹⁰⁸.





Anacardiaceae

Schinopsis balansae Engl.

“QUEBRACHO”, “quebracho-vermelho”

AP 4613, id. D.E. Prado.

Etimologia: Schinopsis=parecido com *Schinus*, uma aroeira do Sul; quebracho=quebra acha, em espanhol, quebra machado.

Árvore 5-20 m alt., unissexuada (foto: flores masculinas na esquerda e femininas na direita), flor no início e fruto no fim da estação chuvosa. Não floresce enquanto não marcar 38° C à sombra, o que dá uma idéia do clima aqui (e como dá flor!).

Utilização: É a árvore florestal nacional da Argentina^{125,126}. Madeira escura, muito dura e pesada (dens. 1,2), textura fina e trançada, muito resistente à umidade, quase não apodrece, boa para poste, dormente, ponte, curral, tornearia^{125,58,182,108,126,130}; tem 38% de tanino¹³⁰ e o extrato, 63%¹²⁶. Foi muito explorada em Porto Murtinho na 2ª Guerra Mundial, quase acabando com o estoque, mas hoje a população da árvore está recuperada.

Ecologia e Cultivo: Tem potencial, para substituir a “aroeira”. Semente espalhada pelo vento, viabilidade curta, germina rapidamente^{125,58,237,130}. Semear no campo, porque tem raiz pivotante longa¹³⁰, a pleno sol (é heliófila), em solo argiloso calcário^{237,130}.

Ocorrência: mata aberta de Chaco inundável, Porto Murtinho, solo argiloso. Cit. ant.^{197,175}.

Distribuição: Chaco^{182,108}, SO do Brasil¹³⁰, MT (atual MS)⁴⁵.

Outra sp.: *S. brasiliensis* (“chamacoco” ou “chamucoco”, na murraria calcária).

Anacardiaceae

Spondias lutea L.

(= *S. mombin*)

“CAIÁ”, “acaíá”, “cajá”, “cajazeira”

VJP 1985

Etimologia: Spondias=ameixa¹²; lutea=amarela; caiá=do tupi⁷⁴, acaya.

Árvore 6-15 m alt., caducifólia, tronco com saliências multiformes de cortiça (de longe parecem espinhos). Flor creme, out-nov, fruto fev-abr.

Utilização: Fruto comestível, cheiroso, ácido. Serve para refresco (índio já fazia), doce⁴¹, geléia e compota¹⁹. É o famoso taperebá no Norte, usado para sorvete, suco e licor. Suco fermentado¹⁶² e destilado dá boa bebida⁸². É do mesmo gênero da cirigüela (*S. purpurea*), do umbu (*S. tuberosa*) e do cajá-manga (*S. dulcis*), cultivados em sede de fazendas.

É comido por porco¹⁰² e jaboti, um provável dispersor.

Tem tubérculo, que foi usado para farinha¹⁹. **Apícola.**

Madeira leve (dens. 0,51)¹⁹, branca, macia, pega cupim¹⁰⁸, serve para canoa¹⁰² e marcenaria^{41,132}; casca para modelagem, xilogravura¹⁹ e artesanato⁴.

Chá da flor contra males de garganta^{124,5,9}. Casca aromática, adstringente, vomitiva, para diarreia^{41,52,4} e gargarejo para garganta²⁰¹; semente diurética¹⁹ e contra diarreia⁴⁷.

Cultivo: Fácil, por semente. Germina em 1 mês¹³².

Também por estacas^{4,5,132}. É cultivada em vários países⁴¹, para arborização¹⁶¹ e como ornamental.

Ecologia: Sensível a fogo quando jovem, até engrossar a casca.

Ocorrência: esparsa, matas e caapões, pouco ou não alagáveis, solos calcários, Poconé e Nabileque. Cit. ant. 179,53,169.

Distribuição: teria origem africana⁸², cosmopolita tropical¹⁹, ampla dispersão neotropical¹⁹⁷, Llanos de Venezuela e Colômbia¹⁰⁸, AM a SP⁴¹, Litoral brasileiro¹⁰⁴.



Анионасеае



Annona cornifolia St. Hil.

“ATA-DE-COBRA”, “atinha-do-campo”

AP 4547, id. J.Y. Tamashiro

Etimologia: Annona=nome no Haiti, em latim é colheita do ano^{82, 11}; cornifolia=folha de *Cornus*, gênero europeu. **Arbusto** 0,2-2,0 m alt. Galhas freqüentes nas folhas. Flor em grande parte do ano, mais out-jan. Polinizada por besouros (seg. G. Gottsberger). Fruto dez-jun.

Utilização: Fruto comestível, doce, cheiroso; às vezes seca na planta. Não forrageira, raramente pastada. Folha, fruto verde e semente com resinas que seriam inseticidas; toxina da raiz e semente é eficaz contra pulgões, e a da folha, contra percevejo de cama¹⁶⁵.

Ecologia: Aumenta com perturbação e desmatamento.

Cultivo: Sementes neste gênero devem ser escarificadas¹³².

Ocorrência: freqüente, caronal, cerrado, solos arenosos. Cit. ant.¹⁶⁹.

Distribuição: GO e MT (MT e MS)^{41,104}.

Анионасеае



Annona dioica St. Hil.

“ARIXICUM”, “ariticum”

AP 4467, id. J.A. Ratter.

Etimologia: gênero idem; dioica= duas casas, ou plantas de sexo separado (mas não é o caso); “arixicum”, de araticu, do guarani, fruto do céu, pelo sabor²²⁹.

Arbusto em moita 0,4-1,0 m alt., em campo queimado ou alagável, podendo ter caule isolado de 2 m alt. em terreno mais seco e sem fogo. Tem xilopódio, pelo que tolera fogo e roçada. Flor set-mar. Fruto de 15 cm, que verga a planta ao chão, no verão, mas poucas plantas frutificam, apesar de florescerem muito. É polinizada por besouros (seg. G. Gottsberger), que não faltam aqui.

Utilização: Fruto comestível, doce, muito cheiroso. Bom para geléia e doce (seg. Semíramis P. Almeida, CPAC). Alimento de fauna, por exemplo lobinho e “teiu” (seg. Zilca Campos). Folha não forrageira, considerada venenosa pelo pantaneiro. Folha (uso ext.) contra reumatismo, fruto para amolecer feridas⁴⁶. Semente contra diarreia¹³¹.

Ecologia: Invasora de pastagem¹³¹, pelo seu caráter gregário²²⁹, de ir fechando o lugar com moitas.

Ocorrência: abundante, campo de mimoso, caronal, cerrado, borda de cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{186,61,169,62,18}.

Distribuição: América tropical menos Amazônia, no Paraguai, Bolívia e Brasil²²⁹, SP, PR, MG e MT⁴⁶, em cerrado¹⁰¹.

Анионосеае

Annona phaeoclados Mart. “ATA-VERMELHA”

AP 3841, id. W. Morawetz.

Etimologia: gênero idem; phaeoclados=ramo cor de ferrugem; ata-vermelha=folha nova avermelhada.

Arbusto 0,3-1,2 m alt., com xilopódio, do qual rebrota após fogo; flor set-dez, parece frutificar pouco.

Utilização: Desconhece-se utilização. Pouco pastada.

Ecologia: Aumenta com derrubada de árvores e em anos secos.

Ocorrência: freqüente, caronal, campos alagáveis, pequenos caapões de cerrado, solos arenosos. Cit. ant. 169,62.

Distribuição: MT⁴⁶ e Paraguai²²⁹.

Outras spp.: *A. crassiflora* (cerradão, no leste), *A. nutans* (paratidal); *A. tomentosa*¹⁸⁶.



Анионосеае

Duguetia furfuracea (St.Hil.) B.et H. “ATA-BRAVA”, “ata-de-lobo”

Ratter 5072, id. J.A. Ratter.

Etimologia: homenagem ao francês Duguet¹¹; furfuracea=parecido com caspa, i. é. com pequenas escamas¹⁹⁹

Arbusto 2-3 m alt., multitrongo (forma moitas²⁴¹), com base subterrânea que o torna resistente a fogo. Folha geralmente com galhas (caroços). Flor e fruto quase no ano todo.

Utilização: Forrageira acessível de mediana aceitabilidade pelo bovino. Baixos teores de minerais (0,24% cálcio, 0,16% fósforo), exceto cobre (12 ppm), que é médio, e bom de proteína (13% PB), para vacas¹⁷¹. Aumenta em áreas desmatadas.

Fruto comestível, lenhoso, não apreciado na região. Uma variedade de fruto vermelho era vendida em feira¹⁰⁴. Casca e raiz contra reumatismo²⁰⁸, não usadas na região. Potencial ornamental. Embira¹⁴⁷.

Ocorrência: freqüente, borda de cerradão e caapões de cerrado, solos arenosos. Cit. ant.: 179,174,169.

Distribuição: América tropical menos Amazônia, no Paraguai (inclusive Chaco) e Brasil leste, centro e sul²²⁹, flora do Cerrado^{101,77}.



Анионасеае



Rollinia emarginata Schl.

“ARIXICUM-DO-MATO”

AP 4528. id. J.Y. Tamashiro.

Etimologia: homenagem ao historiador francês Rollin^{58,11}; emarginata=ápice da folha com pequeno recorte.

Arvoreta a árvore 2,5-9,0 m alt., raiz gemífera, flor setez, fruto vermelho fev.

Utilização: Fruto comestível. No gênero, o fruto é alimento de aves^{210,132}, dispersoras. Cultivada na Argentina²⁴. É apropriada para arborização urbana^{45,210}. Madeira branca, leve, macia¹³⁰, serve para carpintaria, construção interna, caixote⁴⁵, canoa (seg. N. Saddi). Casca para corda⁴⁵. Folha contra dor de garganta¹³⁰.

Cultivo: Propagada por semente⁵⁸, que neste gênero deve ser escarificada¹³².

Ecologia: Aumenta em área alterada¹³⁰, coloniza beira de estrada.

Ocorrência: caapões de solo rico em cálcio, como o de conchas no Abobral e a mata chaquenha de Porto Murtinho. Cit. ant.^{175,169,18}.

Distribuição: Centro e Sul do Brasil, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai^{45,128,229,130 24}.

Анионасеае



Unonopsis lindmanii Fries

“PINDAÍVA-PRETA”, “carrapateira”
“pindaíva-do-brejo”, “café”

Ratter 5035. id. J.A. Ratter.

Etimologia: Unonopsis=aspecto de *Annona* (ata); homenagem ao botânico sueco Lindman (coletou aqui).

Arbusto a arvoreta, 2-5 m alt., sempreverde, casca escura, folha com galhas (donde “carrapateira”, pela crença de que daí saem carrapatos). Flor e fruto em grande parte do ano.

Utilização: Fruto de cor vinho quando maduro, comido por aves (arancuã, jacutinga, mutum), dispersoras, depois nasce sob árvores.

Fornece embira. Pouco pastada. Pouco apícola. Potencial ornamental e para reposição de mata ciliar.

Ocorrência: em todas sub-regiões, freqüente em caapões, matas, cerradão, e também em mata ciliar alagável e caronal. Cit. ant.^{179,174,186,53,61,62}.

Анионасеае

Xylopia aromatica (Lam.) Mart.
“PINDAÍVA”, “pindaíba” “pimenta-de-macaco”.

AP 4396

Etimologia: Xylopia=madeira amarga (grego)¹¹; aromatica=porque usada como condimento; pindaíba=entrecasca para linha de pescar¹⁴⁰ ou vara de anzol^{174,17}.

Arvoreta a árvore 3-10 m alt., ereta, ramos horizontais a algo pendentes. Flor e fruto na estação chuvosa.

Utilização: Madeira muito usada para vara de porteira e caibro, reta e leve. Serve para construção interna, cabo de ferramenta¹⁹, forro e caixote¹³². Tem excelente fibra branca para corda¹⁴⁷.

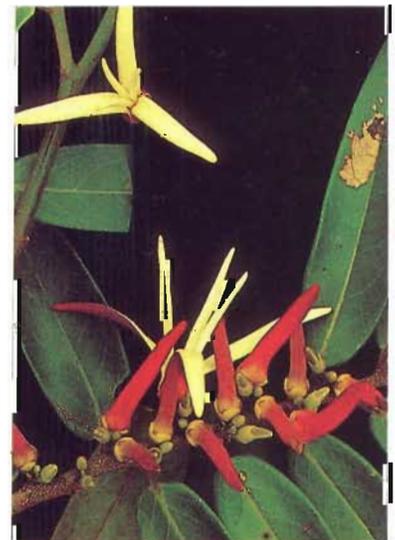
Fruto aromático¹⁹⁶, contém óleos essenciais e piperina¹⁰³ ¹⁵², substitui pimenta, é mais suave¹⁹⁸, não dá úlcera nem arde nas hemorróidas. Estimulante, contra gases intestinais ^{223,208,47}. Folha, casca e fruto usados como anti-inflamatório¹⁶⁵, contendo vários princípios identificados.

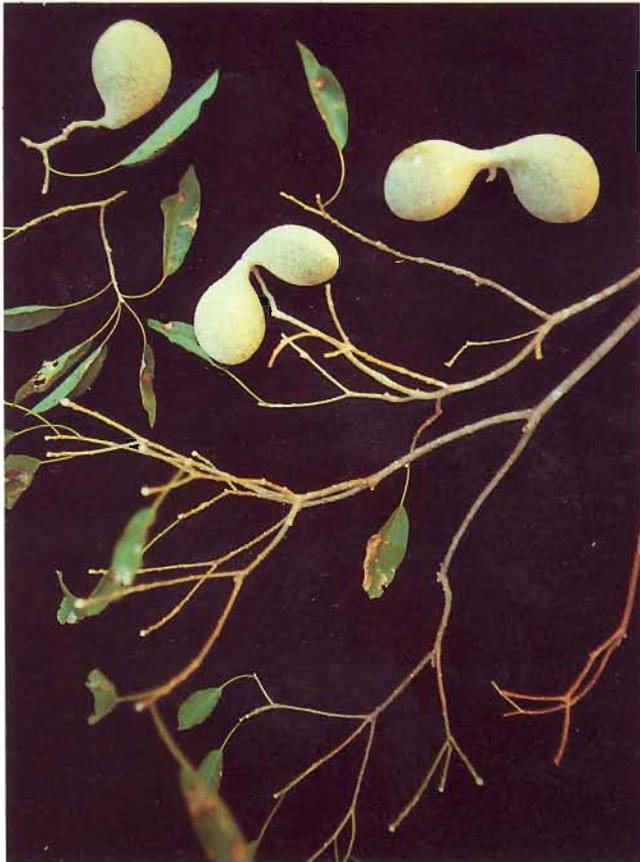
Invasora, não pastada. Fruto (arilo vermelho) é alimento de aves¹³², disseminadoras, inclusive tucano. Ornamental¹³².

Cultivo: simples, semente dura 2 meses, devendo ser escarificada¹³².

Ocorrência: abundante na metade leste de Paiaguás e Nhecolândia, e parte de Barão de Melgaço, às vezes formando pindaival, solos arenosos ou siltosos. Cit. ant. 1,61,169,62.

Distribuição: América tropical^{147,229}, cerrado^{197,76}, matas secas e cerradão¹⁰¹, PA a SP¹⁹, GO, MT e MS¹³².





Apocynaceae (família com látex)

Aspidosperma australe M.Arg.
"GUATAMBU"

AP 4621, id. seg.⁷⁰

Etimologia: Aspidosperma=semente em forma de escudo; australe=do sul; guatambu=duro e sonoro, em tupi^{74,17}, para a madeira; ou gua=fruto + tambu=larva^{57,70}.

Árvore ereta 8-18 m alt., caule liso. Flor (perfumada) julho, semente espalhada pelo vento.

Utilização: Madeira de lei, oxida pouco os metais, boa para construção civil e naval, peças flexíveis, marcenaria de luxo, tornearia, instrumentos, xilografia, ponte, mourão^{138,159}, piso⁷⁰; é amarela, usada para cabos de ferramenta, tábuas e vigas.

Casca com tanino, corante amarelo e princípio amargo, medicinal^{45,138}.

Forrageira eventual. Ornamental⁵⁹.

Cultivo: propagação fácil por semente, cultivada na Argentina⁵⁹ e em praça e rua de Corumbá.

Ecologia: É pioneira¹³⁸, portanto, cresce a pleno sol.

Ocorrência: todas sub-regiões. freqüente em solos ricos em cálcio, de que é indicador¹⁸⁶, mata semidecídua, não inundável. Cit. ant.^{174,186,53,62}.

Distribuição: dispersão num grande arco, da Bolívia, Corumbá, Chaco paraguaio, Misiones (Arg.) ao RS até MG^{138,70}.



Apocynaceae (família com látex)

Aspidosperma cylindrocarpon M. Arg.
"PEROBA-ROSA"

AP 5220, id. C.N. Cunha.

Etimologia: gênero idem; cylindrocarpon=fruto cilíndrico; peroba=do guarani pero=pelado, obra=folha⁵⁷.

Árvore ereta 15-20 m alt., casca avermelhada ao corte, motivo do nome vulgar; fruto 7 cm compr.⁴⁵.

Utilidade: Madeira valiosa. Apícola¹⁵⁵.

Ecologia: Sensível a fogo. Crescimento lento.

Ocorrência: freqüente, restrita à mata semi-decídua, solos argilosos férteis. Cit. ant.⁵³.

Distribuição: Mata atlântica com 5 meses secos¹⁹⁷, SP, MT, GO, MG⁴⁵.

Apocynaceae

Aspidosperma quebracho-blanco Schi. "QUEBRACHO-BRANCO", "quina"

AP 6960, id. D.E. Prado.

Etimologia: gênero idem; quebracho=quebra machado, blanco=branco.

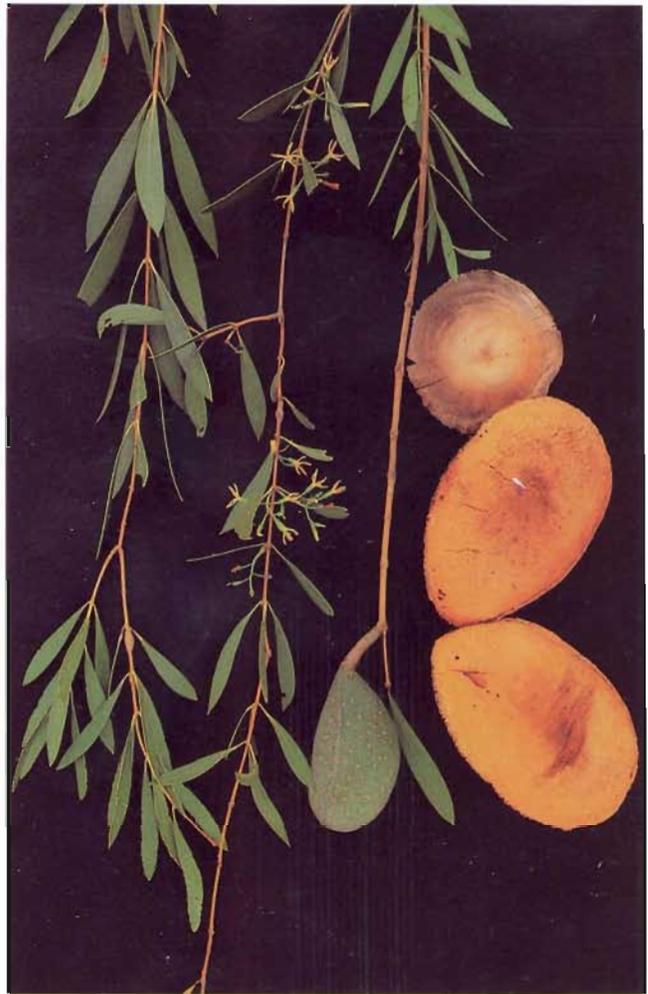
Árvore perenifólia, 4-20 m alt., ramos novos pêndulos, folha dura; flor out, fruto set-nov.

Utilização: Madeira dura, pesada (dens. 0,87), flexível, resistente, durável, para carpintaria, tornearia, esteio, roda, cabo de ferramenta, taco, brinquedos, forma e salto de sapato, carvão excelente^{126,130,58,162,45,59} e carvão ativado; não serve para uso no chão ou na água¹²⁵. Propaga-se por semente⁵⁸, viável por poucos dias¹²⁵. Não é pastada²². Casca e folha ricas em tanino²². Casca tem corante amarelo e 6 alcalóides^{125,22}, um é aspidospermina, contra dificuldade respiratória¹⁶². Tem ação paralisante do coração⁴⁵, afrodisíaca, contra febre e diarreia, e também diarreia de bezerro²². Fruto verde serve para coalhar leite para queijo e contra febre da malária²².

Ocorrência: restrita ao Nabileque, solos argilosos alcalinos ou salinos. Cit. ant. 197,84,45,186,175.

Distribuição: Chaco, Sul de MT (hoje MS), Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai^{45,130,182,22,197}.

Outra sp.: *A. triternatum* ("quebracho-branco")¹⁷⁵.



Apocynaceae

Aspidosperma tomentosum Mart. "PEROBA-DO-CAMPO", "peroba-do-cerrado", "taroba"

AP 4961, id. J.A. Ratter.

Etimologia: gênero idem; tomentosum=piloso.

Árvore 5-8 m alt., casca grossa de cortiça clara, folha nova bem pilosa, flor set-out, fruto mai-jun.

Utilização: Madeira excelente⁴⁵, para móveis e decorações¹⁰⁸. Produz cortiça, 1 cm espessura¹⁵².

Ecologia: Tolera queimada; aumenta em anos secos.

Ocorrência: esparsa, cerradão, borda de mata, solos arenosos. Cit. ant. 174,186.

Distribuição: cerrados^{76,108,77}, BA, MG, GO, MT e MT (e MS)⁴⁵, leste de Paraguai e Bolívia⁷⁰.

Outras spp.: *A. cuspa* ("guatambu-branco"⁵³), *A. cf. ulei*¹⁷⁹, *A. verbascifolium*^{61,62}.





Аросунасеае


Bonafousia siphilitica (L.f.) L. Allorge
(=*Tabernaemontana siphilitica*, *T. tetrastachya*)

AP 4945. id. S. Tressens.

Etimologia: Bonafousia=homenagem a Bonaforus¹³; siphilitica= remédio para sífilis.

Arbusto ereto, 0,5-2,0 m alt.; flor ago-mar, vê-se pouco fruto.

Utilização: Forrageira. Potencial ornamental. Flor visitada por beija-flores.

Possivelmente medicinal, a ver pelo nome específico. Desconhece-se uso no Pantanal.

Ocorrência: freqüente a abundante, mata ciliar e borda alagável de caapões, solos argilosos ou arenoso-siltosos. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: ocorre nas ilhas do Bananal¹⁸⁵ e de Maracá no extremo N do Brasil (seg. J.A. Ratter), e no "pantanal" do norte da Bolívia⁹⁷.

Outra sp.: *B. juruana*⁹⁶



Аросунасеае


Forsteronia pubescens DC.

"CIPÓ-DE-LEITE"

AP 3844. id. J.A. Ratter.

Etimologia: Forsteronia=homenagem aos 2 naturalistas Forster da expedição Cook¹³; pubescens=piloso.

Trepadeira lenhosa, 2-6 m alt. Flor set-jan, fruto ago-nov.

Utilização: Apícola. Potencial ornamental, flor perfumada. Folha comida pelo bovino. Desconhece-se uso regional.

Uma espécie parecida é usada em artesanato (cestos) na Argentina²².

Ecologia: Semente dispersa pelo vento, como é comum na família. Aumenta com perturbação, colonizando clareiras, áreas queimadas, beira de estrada. Rebrotar após cortes.

Ocorrência: esparsa em solos argilosos, freqüente em arenosos, borda de caapão, cerradão e mata. Cit. ant.^{174,61,62}.

Distribuição: CE, BA, MG, RJ e MT no Brasil⁴⁴, Bolívia, Paraguai e Argentina^{29,70}.

Apocynaceae



Hancornia speciosa Gom.

“MANGABA”, “mangabeira”, “mangava”

AP 2038

Etimologia: homenagem a Hancorne; speciosa=bela; mangaba=grude, visgo^{19,144}, ou árvore de látex⁷⁰, ou coisa boa de comer⁷⁵.

Árvore 3-10 m alt. Flor e fruto escalonados, mais out-abr.; mas o fruto é da florada anterior¹³².

Utilização: Fruto comestível. Tem mais **vitamina C** do que limão (seg. CTAA-EMBRAPA). Verde é indigesto e purgante¹⁹⁴, pode ser tóxico, mas amadurece colhido⁵. Dá doce, sorvete, suco, licor, vinho, xarope^{75,5,19}, álcool e vinagre^{19,144}.

Forrageira bem aceita por bovino. Teores baixos de minerais (0,29% cálcio, 0,14% fósforo), proteína (7% PB) no limite mínimo para vacas¹⁷¹. Fruto é alimento de fauna.

Ornamenta^{1161,132}. Madeira leve, porosa e pouco durável¹³², boa para roda, polia, marcenaria^{45,187}.

Látex impermeabiliza capa de chuva e serve de cola. Já foi importante para borracha, de 2ª por ter resina¹⁵², o que pode ser melhorado¹⁴⁴. Na guerra os “mangabeiros” diminuíram a planta no Pantanal (seg. Zelito de Barros).

Uso medicinal: banho, para doenças de pele. Chá (folha) contra gripe²³⁸, casca para doenças internas e látex para pulmão e abscessos internos⁷⁰. Caimbras⁹⁵, fígado²⁰⁸, cólica menstrual^{200,70}, diabetes e para emagrecer¹⁶⁵.

Casca contém flavonóides e taninos; a folha, esteróides/triterpenóides e taninos¹⁰⁷.

Cultivo: É cultivada na caatinga¹³². Lavar a semente (tem inibidor de germinação) e plantá-la em 2 dias, pois não germina se ressecar; frutifica em 6 anos^{5,144}, ou em 2, com enxertia (seg. J. A. Silva, EMBRAPA-CPAC).

Ecologia: Sensível ao fogo na fase jovem (casca fina), podendo sobreviver à queimada branda quando adulta. A população diminui em anos de cheia, principalmente fora da cordilheira.

Ocorrência: freqüente em borda de cordilheira e caapões de cerrado, solos arenosos, como Nhecolândia e Paiaguás. Cit. ant.^{174,186,61,169,62}.

Distribuição: Nordeste, Litoral (AP a SP), Centro-Oeste e Amazônia (não na floresta)^{108,152,197,144,132}, e outros países da América do Sul¹⁹.



Apocynaceae


Himatanthus obovatus (M.Arg.) Woods.
“ANGÉLICA”, “pau-de-leite”

AP 4582, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Himatanthus=manto da flor (bracteas envolvem o botão)¹³; obovatus=obovado, forma de ovo invertido (folha).

Arvoreta ereta 3-5 m alt., casca com cortiça; flor out-abr.

Utilização: A rebrota é pastada. Grande potencial ornamental. Flor com aroma de limão⁴⁴.

Uso med.: pressão alta. Chá da folha considerado depurativo, para manchas de pele, espinhas e coceira⁹⁵; casca contra febre e para provocar menstruação; látex para úlcera estomacal¹⁶⁸.

Ecologia: Rebrotta após corte. Sobrevive bem à queimada.

Ocorrência: freqüente, mais na parte leste, cerrado raio, caapão de cerrado, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,62}.

Distribuição: cerrados¹⁰¹, Brasil Central⁴⁴.

Outra sp.: *H. sucuuba*⁶².



Apocynaceae


Macrosiphonia petraea (St.Hil.) Schum.
“VELAME-DO-CAMPO”

AP 3830

Etimologia: Macrosiphonia=tubo longo; petraea=da pedra.

Erva perene, meio rasteira, com xilopódio desenvolvido; flor out-fev, abre ao entardecer, até de manhã, sendo polinizada por besouros noturnos.

Utilização: É explorada como medicinal no planalto, onde há outras espécies. Túbera com substâncias purgantes^{103,56}; folha em banhos contra coceiras²²³. Grande potencial ornamental²². Às vezes é pastada.

Cultivo: Propaga-se por divisão da base e por semente⁵⁸.

Ecologia: Sobrevive ao fogo, diminuindo em campo não queimado, por sombreamento pelo caapim alto.

Ocorrência: esparsa, caronal, cerrado distrófico, solos arenosos. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: Bolívia ao Uruguai²², GO ao RS¹³⁸.



Apocynaceae

Prestonia coalita (Vell.) Woods.
“CIPÓZINHO-DE-LEITE”

AP 4508. id. G. Hatschbach.

Etimologia: homenagem ao botânico Preston; coalita=unida (as metades do fruto)¹³⁸.

Trepadeira delicada, 1-2 m alt. Flor em grande parte do ano, mas observa-se pouco fruto.

Utilização: Grande potencial ornamental. Não foi observada pastada.

Ecologia: Sensível ao fogo e ao trânsito bovino.

Ocorrência: freqüente em vegetação ciliar (de corixos e vazantes) e espinheiral, solos argilosos, esparsa em arenosos.

Distribuição: CE, BA, MG, RJ ao RS, MT, GO¹³⁸, Argentina e Paraguai⁷⁰.

Outra sp.: *P. evansii*¹⁵¹.



Apocynaceae

Rhabdadenia pohlii M.Arg.
“CIPÓ-LEITEIRO-DA-FOLHA-FINA”

AP 3171, id. conf. S.G. Tressens.

Etimologia: Rhabdadenia=glândula alongada; homenagem ao botânico austríaco Pohl.

Trepadeira 1-3 m alt. Flor grande parte do ano.

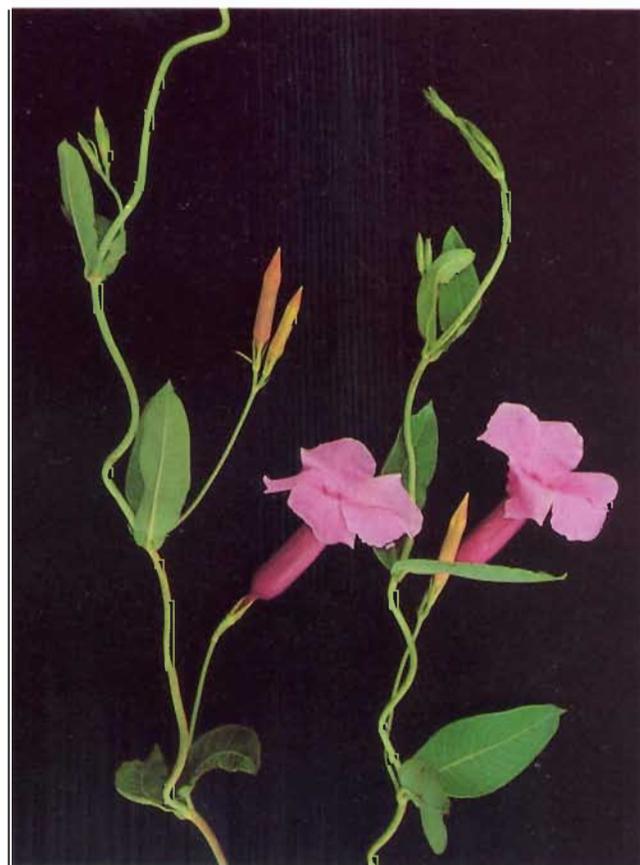
Utilização: Grande potencial ornamental. Forrageira eventual. Há uma espécie na América Central que tem látex tóxico ao gado¹⁰⁰.

Ecologia: Sobrevive à cheia e ao fogo. Aumenta com perturbação, como em beira de estradas.

Ocorrência: muito freqüente, brejos e campos alagáveis, espinheiral, solos argilosos, pouco em arenosos, férteis. Cit. ant.^{151,18}.

Distribuição: Venezuela à Argentina, no Brasil do RJ ao RS^{138,70}; também no “pantanal” do norte da Bolívia⁹⁷.

Outra sp.: *R. macrostoma*⁹⁶.





Apocynaceae


Rhodocalyx rotundifolius M.Arg.

AP 4477. id. conf. S.G. Tressens.

Etimologia: Rhodocalyx=cálice vermelho¹³; rotundifolius=folha redonda.

Subarbusto ereto, 0,2-0,7 m alt., com xilopódio. Flor out-nov.

Utilização: Grande potencial ornamental; há plantas de flor alaranjada. Não foi vista pastada. Desconhece-se uso.

Ecologia: Aumenta em desmatado e tolera roçada. Sobrevive à queimada.

Ocorrência: esparsa ou em aglomerados, em caronal e cerrado “de pau fino”, solos arenosos. Cit. ant.^{179,61}.

Distribuição: cerrado^{76,77,101}, centro do Brasil e Paraguai⁷⁰.



Apocynaceae


Secondatia densiflora DC.
“CIPÓ-DE-LEITE”

AP 5174. id. G. Hatschbach.

Etimologia: homenagem a Secondat¹³; densiflora=inflorescência densa.

Trepadeira 2-4 m alt., flor com odor de jasmim, set-nov.

Utilização: Grande potencial ornamental.

Ecologia: Sensível ao fogo. Aumenta em mata perturbada.

Ocorrência: ocasional, mata ciliar, solo argiloso, fértil. Cit. ant.¹⁵¹.

Distribuição: grande dispersão na América do Sul tropical não amazônica, Guianas, Brasil Central e Sul, Bolívia e Paraguai⁷⁰.

Outras apocináceas: *Mandevilla pohliana*, *Mesechites mansoana*, *Odontadenia lutea*, *Peschiera sp.*, *Rauwolfia mollis*, *Temnadenia sp.*

Apocynaceae

Thevetia bicornuta Muell. Arg. “LEITEIRINHO”, “língua-de-vaca” (Poconé)

Ratter 5941, id. J.A. Ratter.

Etimologia: homenagem ao monge francês Thevet¹³; bicornuta=com dois cornos (fruto).

Arbusto 1-3 m alt., com muito látex branco. Flor set-abr, inclusive na cheia.

Utilização: Forrageira muito pastada por bovino, mas talvez tóxica, o que se suspeita ocorrer na rebrota após fogo, quando falta pasto. O gênero tem o glicosídeo tevetina (age sobre o coração)^{103,218}, muito tóxico e usado como remédio popular⁷⁰, concentrado na semente¹⁹⁸.

Tem elevados teores de cálcio (0,65%), fósforo (0,30%), magnésio (0,38%) e proteína (16% PB), algo baixos de cobre e zinco, para vacas¹⁷¹. Outra espécie, *T. peruviana*, tem látex tóxico ao gado¹⁰⁰.

Tem grande potencial ornamental.

Ocorrência: abundante em solos argilosos, áreas inundáveis, como carandazal e paratudal. Cit. ant.^{151,105,1,61,62}.

Distribuição: Oeste do Brasil até Argentina, principalmente no Chaco oriental⁷⁰.

Outras spp.: *T. amazonica*¹⁷⁹, *T. peruviana*⁹⁶, *T. neriifolia* (“chapéu-de-napoleão”, cultivado).



Araceae

Dieffenbachia aglaonematifolia Engl.

AP 4684

Etimologia: homenagem ao botânico alemão Dieffenbach; aglaonematifolia=folha de *Aglaonema*, gênero da mesma família.

Erva perene 0,6-1,5 m alt., caule verde cheio de nós, 5 cm diâm., metade deitado, com raízes aéreas; látex verde. Flor não vista. No Paraguai floresce em dezembro⁵¹.

Utilização: Sem sinal de herbivoria. Odor desagradável. Arácea com látex é tóxica¹⁰³, como é “comigo-ninguém-pode” (*D. picta*)¹⁹⁸, que fecha a garganta e mata por asfixia, enquanto *D. seguine*, a mais tóxica, era (ou é) usada pelos índios para envenenar mulher indesejável e como calmante sexual para mulher¹⁹.

Ocorrência: agrupamentos raros, restritos à mata ciliar alagável de vazantes, Nhecolândia, solos arenosos férteis.

Distribuição: Paraguai e Argentina, em terreno pantanoso⁵¹, e no oeste do Paraná (seg. G. Hatschbach).





Araceae


Dracontium margaretae Bogner

AP 4673

Etimologia: Dracontium=de draco, dragão; margaretae=homenagem.

Erva bulbosa, perene, ereta, 0,5-0,8 m alt., flor jan-mar.

Utilização: Não é pastada. Sem sinal de herbivoria por inseto, talvez tóxica. Potencial ornamental.

Há espécies amazônicas denominadas de “jararaca” usadas contra picada de cobra⁴⁴.

Ecologia: Sobrevive ao fogo.

Ocorrência: manchas esparsas, caapão de vazante e mata ciliar pouco alagáveis (Nhecolândia), campo alagável de “lixeiro” (Poconé), solos arenosos ou siltosos.

Distribuição: Venezuela ao Paraguai⁵¹.



Araceae


Philodendron imbe Schott

AP 5046

Etimologia: Philodendron=amigo da árvore; imbé=nome tupi.

Erva epífita, geralmente em “acuri”, raízes longas pendentes. Polinização à noite, por insetos⁴².

Utilização: Ornamental. Casca da raiz serve para corda¹⁶⁰, durável na água¹⁴⁷; raiz usada em artesanato para peneiras, cestas^{147,16} e chapéu^{42,222}. Tem emprego medicinal, contém ácido filodêndrico (volátil), resinas, ácido tânico e imbeína, folha cicatrizante¹⁶⁰ contra erisipela, inflamações, reumatismo, infecção de íngua e dos testículos^{42,201,16}, mas é tão forte que pode fazer encolhê-los, pois também se conhece por “cipó-capa-homem”²²². Raiz purgativa¹⁶⁰.

Ecologia: Aumenta com desmatamento, por haver mais luz, se a palmeira for deixada para suporte e substrato.

Ocorrência: freqüente em mata semidecídua (Poconé) e caapões (Abobral). Cit. ant.^{16,53,96}.

Distribuição: MG²⁴¹, ES a SP⁴².

Araceae



Spathicarpa hastifolia Hook.

AP 3822, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: Spathicarpa=fruto em espata; hastifolia=folha como ponta de lança.

Erva rizomatosa. Forma da folha variável⁵¹; flor na estação chuvosa.

Utilização: Ornamental⁵⁸.

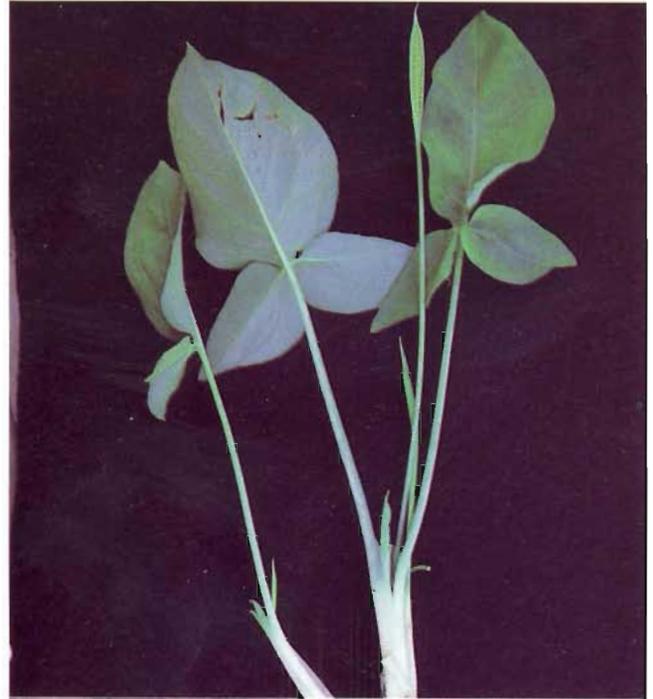
Não parece ser forrageada, talvez por toxidez, comum na família do “comigo-ninguém-pode”.

Ecologia: Aumenta com desmatamento.

Ocorrência: freqüente, matas, caapões e roças, solos ricos em cálcio.

Distribuição: América do Sul tropical⁵⁸, do leste do Brasil à Argentina e Uruguai⁵¹.

Outras aráceas: *Anthurium gracile*¹⁵¹ (epífita), *Pistia stratiotes* (aquática), *Taccarum weddellianum* (“milho-de-cobra”).



Aristolochiaceae



Aristolochia esperanzae Kze.

“BUTA”

AP 3411

Etimologia: Aristolochia=bom parto; buta=abútua, nome de planta em tupi⁷⁴ (o mesmo nome existe para *Cissampelus*).

Trepadeira perene. Caule adulto com cortiça fendida⁴⁴. Flor na época seca, odor de peixe podre, que atrai moscas, polinizadoras, que ficam presas dentro da flor até que a ereção dos pêlos cesse, mas isto não significa que seja carnívora: fruto no início das chuvas.

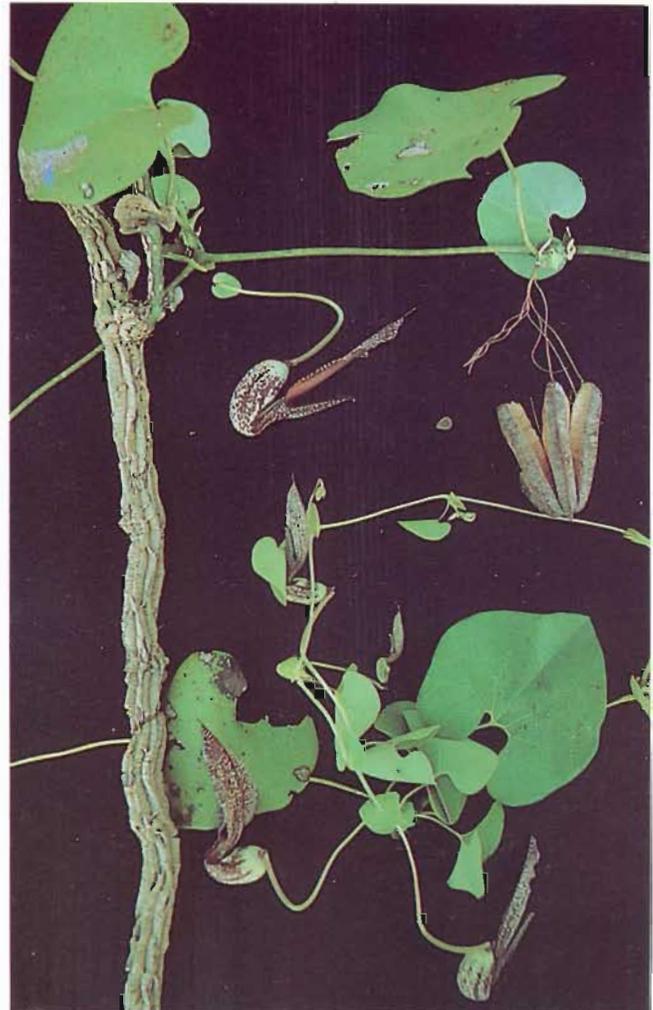
Utilização: Grande potencial ornamental.

Uso medicinal: abortivo e contra picada de cobra (raiz). Contra congestão e dores em geral⁹⁵. Os índios usavam para envenenar flecha; tóxica, pela aristoloquina, que pode matar; também medicinal (estômago, fígado, baço, rim, coração)¹⁰³, antifebril⁵⁶. Atua sobre os músculos lisos, pode dar contração uterina; dose alta causa náuseas, palpitação e ataca o cérebro⁴. Em outras regiões é o “cipó-mil-homem”, porque com ele Carlos Chagas tratou operários ferroviários com malária⁵².

Ecologia: Aumenta com perturbação.

Ocorrência: freqüente, mata, cerradão e caapão, não inundáveis, solos arenosos. Cít. ant.^{38,174}.

Distribuição: cerrado^{76,4} e Chaco oriental¹⁸², MT (MT e MS), Bolívia, Paraguai e Argentina⁴⁴.





Aristolochiaceae

Aristolochia ridicula Brown (=*A. burro*, *A. cuyabensis*) "BUTA"

AP 3419

Etimologia: gênero=idem anterior;
ridicula=provavelmente pela forma esquisita da flor.
Trepadeira perene. Flor na estação seca. Propaga-se por semente⁴⁴, levada pelo vento a curta distância.
Utilização: Grande potencial ornamental.
Uso medicinal: casca da raiz, abortiva. Isto tem fundamento na ação sobre músculos lisos, logo, contração do útero⁴. **Tóxica**, estomacal, antisséptica, e contra febre e disenteria⁴⁴. É usada contra sarna⁴. Há espécies com inseticida⁹².
Ocorrência: freqüente, borda e clareiras em cerradão e mata, solos arenosos. Cit. ant.^{179,61,62}.
Distribuição: MT (MT e MS)⁴⁴.
Outras spp.: *A. warmingii*⁶¹, *Euglipha rojasiana* (áreas de chaco).



Asclepiadaceae (família com látex)

Asclepias mellodora St. Hil. "LETEIRINHO"

AP 3485

Etimologia: Asclepias=deus da saúde, ou homenagem ao médico romano Asclepiades do ano 100 AC, porque há medicinais no gênero¹³; mellodora=odor de mel (flor).
Erva ereta, 20-30 cm alt., perene, com pequeno xilopódio, Flor jul-dez, às vezes abr.
Utilização: Potencial ornamental. **Tóxica** ao gado¹⁸², mas não observada pastada. Potencial medicinal como vomitivo²². Um dos nomes é "cega-olho", porque o látex seria capaz de cegar⁴².
Ecologia: Tolerante fogo. Tem raízes fasciculadas, o que é estratégia de sobrevivência em argila expansiva (chão que racha na seca). Mas no Litoral ocorre em areia⁴⁰.
Ocorrência: esparsa, paratidal, solos argilosos, não encontrada nas sub-regiões arenosas. Cit. ant.^{61,62,18}.
Distribuição: BA ao RS e MT⁴², Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai²².
Outra sp.: *A. curassavica* (tóxica, ruderal eventual).

Asclepiadaceae

Funastrum clausum (Jacq.) Schl.

(=*Sarcostemma clausum*)

“CIPÓ-DE-LEITE”

AP 3573, id. J. Fontella-Pereira.

Etimologia: não achado para o gênero; clausum=fechado.
Trepadeira perene, 1-5 m alt., caule até 8 cm diâm.
Raízes aéreas na cheia. Tem pouca folha, mas os ramos são verdes. Flor nov-mai, fruto jan-ago, semente levada pelo vento (comum na família).

Utilização: **Forageira** de mediana aceitabilidade pelo bovino. Comida por peixe (pacu)³⁹. Na família há espécies tóxicas¹⁰³, não havendo informação sobre esta planta. Como o látex é potável³⁹, supõe-se que não seja tóxico. No gênero há espécie com inseticida⁹².

Ocorrência: todas sub-regiões, freqüente, borda de vazantes, carandazal, paratudal, espinheiral, canjiqueiral, solos arenosos e argilosos. Cit. ant. 179,174,39,61,18.

Distribuição: da Argentina ao sul dos E.U.A., beira de rios^{24,22, 29}.



Asclepiadaceae

Metastelma berterianum (Spr.) Decne

“CIPOZINHO-DE-LEITE”

AP 4696, id. J. Fontella-Pereira.

Etimologia: *Metastelma*=“colocado entre” (estruturas dentiformes alternas aos lacínios da corola)¹³; homenagem a Bertero.

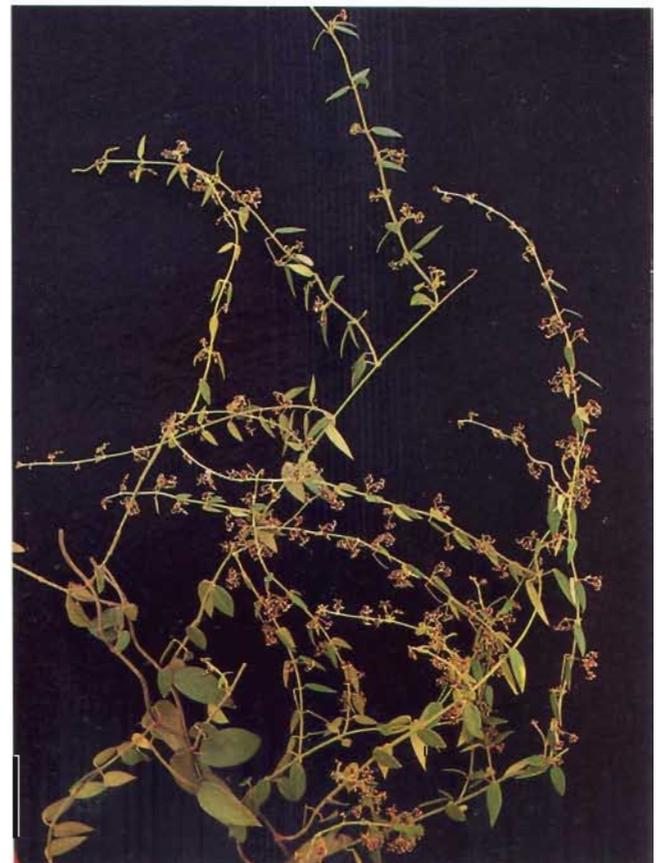
Erva volúvel, 1-3 m alt.; flor na época da cheia.

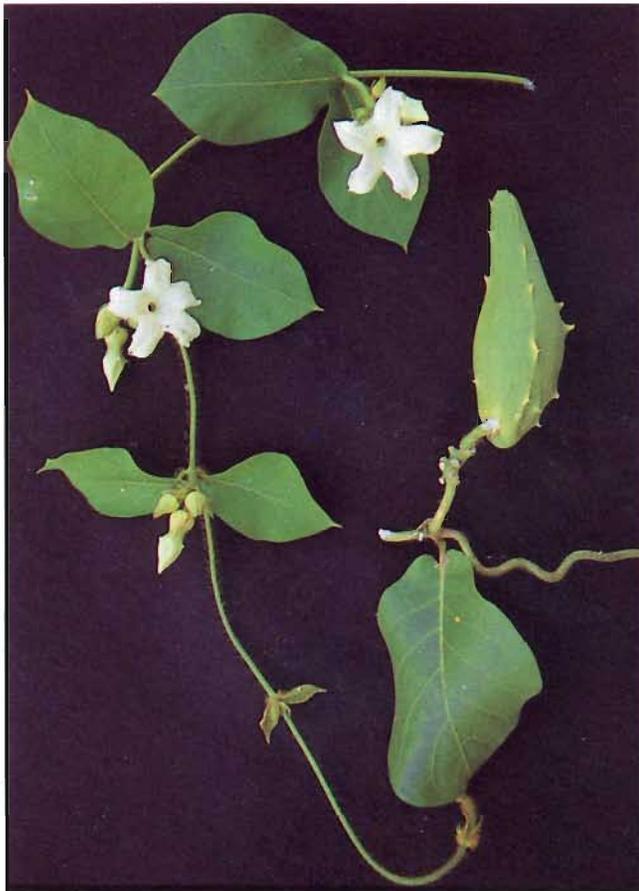
Utilização: Forrageira para bovino e peixes, pouco acessível.

Ecologia: A razão de haver tantas plantas trepadeiras no Pantanal deve ser porque elas têm vantagem competitiva em lugar alagável, podendo estar enraizada num sítio de drenagem mais favorável e colocar rapidamente a folhagem sobre plantas-suporte a vários metros donde nasceu.

Ocorrência: esparsa, vazantes e corixos, canjiqueiral, solos argilosos ou arenosos.

Outra sp.: *M. stenolobum*⁶¹.





Asclepiadaceae

Schubertia grandiflora Mart. et Zucc. “CIPÓ-DE-LEITE”

AP 4123. id. conf. J. Fontella-Pereira.

Etimologia: Schubertia=homenagem ao prof. von Schubert¹³; grandiflora=flor grande.

Trepadeira perene, 1-3 m alt. Flor na estação chuvosa, fruto (cheio de pontas, como “melão-de-são-caetano”) no final da seca/início das chuvas, como convém à disseminação da semente com “plumas” pelo vento.

Utilização: Grande potencial ornamental. Uma espécie do Nordeste é considerada tóxica para cães⁴¹. Uma de MT é medicinal²³⁸.

Ecologia: Aumenta com perturbação da vegetação lenhosa.

Ocorrência: esparsa, todas sub-regiões, tanto em solos argilosos como arenosos, mais nos férteis, em borda de caapão e cordilheira; também na morraria calcária.

Distribuição: ocorre no DF⁸⁰, e mata ciliar do Chaco oriental¹⁸².

Outras asclepiadáceas: *Calotropis procera* (“paina-de-sapo”, africana, ruderal), *Marsdenia mollissima*, *Morrenia odorata*, *Oxypetalum arnottianum* (caronal), *O. balansae*, *O. capitatum*⁶², *Telminostelma corymbosum*, *T. foetidum*, *Tweedia sp.*



Balanophoraceae

Langsdorffia hypogaea Mart.

AP 2931. id. conf. A. Radovancich.

Etimologia: homenagem ao botânico alemão

Langsdorff¹², que literalmente enlouqueceu com a flora do Pantanal durante a expedição russa; hypogaea=subterrânea.

Erva carnosa, subterrânea, sem clorofila, parasita de raiz. Sai do chão somente a inflorescência, em mai-jul. Os capítulos lembram uma Composta, os masculinos (alongados, com pontos amarelos) são menores que os femininos (esféricos, vermelhos)⁵⁶.

Utilização: Inflorescência (carnosa) nova comestível e suco considerado afrodisíaco⁷¹. Alimento de rato silvestre (seg. Zilca Campos) e, quando floresce, de porco-monteiro. Os animais que a comem são os possíveis dispersores¹¹¹. Tem cera, a balanoforina, para velas^{103,56}, semelhante à da carnaúba, e o índio usa a planta seca como tocha⁷¹.

Ecologia: A semente germina em contato com a raiz de outras plantas, destrói a casca e forma uma túbera, confundindo-se os tecidos de ambas; o mesmo acontece quando o rizoma encontra outra raiz⁵⁶.

Ocorrência: freqüente, caapões e cordilheiras, solos arenosos, contrariando que “foge às baixadas quentes e úmidas”⁵⁶. Cit. ant.^{179,174,61}.

Distribuição: ampla dispersão¹⁷⁹, América tropical, do México ao sul do Brasil^{56,111,71}, matas serranas do NE¹⁹, cerrado¹⁰¹.

Bignoniaceae

Callichlamys latifolia (L.Rich.) Schum.
“CIPÓ”

AP 4702, id. C. Proença.

Etimologia: Callichlamys=vestimenta bonita (flor)¹³; latifolia=folha larga.

Trepadeira vigorosa, 3-10 m alt.; flor mar-mai, em surtos efêmeros; fruto 20 cm compr., presente no resto do ano.

Utilização: Grande potencial ornamental. Flor visitada por mamangava, que é cliente das flores grandes desta família. Não vista pastada.

Ecologia: Rebrotar após desmatamento, e após vários cortes, aumentando em mata perturbada e clareiras naturais.

Ocorrência: esparsa, mata semidecídua e mata ciliar pouco alagável, solos arenosos férteis.

Distribuição: Amazônia, MT e RJ⁴¹, Colômbia⁸⁸.



Bignoniaceae

Cuspidaria cf. lateriflora (Mart.) DC.

AP 4964, id. C. Proença.

Etimologia: Cuspidaria=de cuspis, ápice (cálice dentado)^{211,58}; lateriflora=inflorescência lateral.

Cipó 2-6 m alt., flor set-nov, semente na estação chuvosa.

Utilização: Grande potencial ornamental⁵⁸. Flor visitada por abelhas nativas. Eventualmente pastada.

Ecologia: Rebrotar após corte ou fogo.

Ocorrência: esparsa a freqüente (mas isto é visível apenas na floração), caronal, caapão e borda de cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: gênero do Brasil⁵⁸.



Bignoniaceae



Jacaranda cuspidifolia Mart.
“CAROBA”, “bolacheira”, “carobinha”

AP 3651, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Jacaranda=nome indígena; cuspidifolia= folha pontuda; caroba=folha amarga^{103,74} para remédio⁵⁷, ou cortiça amarga¹³⁰.

Árvore caducifólia, tortuosa, 3-10 m alt. Flor set-dez, sem folhas ou com novas; fruto abr-jul., espalhada pelo vento.

Utilização: Apícola, mas mais visitada por abelhas nativas. Ornamental⁴², já é cultivada⁸⁷, p. ex. em MG¹³². Madeira leve e macia¹³².

Uso medicinal: sarna (raiz). Tem propriedade inseticida⁹². Considerado depurativo, excelente contra disenteria¹⁰³, madeira, casca e folha contra febre⁴⁵.

Cultivo: Fácil de propagar por semente, que dura 4 meses, germina em 2-3 semanas; o crescimento da muda é rápido, sendo mais lento depois no campo¹³².

Ecologia: Tolerante fogo rápido.

Ocorrência: freqüente, cerrado, mata, caapões, solos arenosos ou argilosos, ricos em cálcio; também na morraria calcária. Cit. ant.^{174,186,53,61,62,18}.

Distribuição: cerrado⁸⁷, matas¹⁰⁸, Brasil (GO, MT, MS, MG, SP, PR)^{45,132}, Paraguai, Argentina⁵⁸ e Bolívia⁸⁸.

Outras spp.: *J. cf. decurrens* (cerrado); *J. mimosaeifolia*⁵³.

Bignoniaceae



Macfadyena unguis-cati (L.) Gentry
“CIPÓ-UNHA-DE-GATO”
(*Doxantha unguis-cati*)

AP 5435

Etimologia: homenagem ao botânico Macfadyen, autor da Flora da Jamaica¹³; unguis-cati=unha-de-gato (gavinha com 3 garras).

Trepadeira lenhosa, 2-6 m alt., flor set-dez, abundante, dura poucos dias.

Utilização: Ornamental cultivada^{19,42,58,87,211}.

Folha e casca tidos como remédio diurético, e contra reumatismo, sífilis^{9,238}, febre e picada de cobra, casca contra diarreia, contém tanino^{19,42,211}. Desconhece-se uso regional.

Cultivo: propaga-se por semente e túbera⁵⁸.

Ocorrência: esparsa, mata ciliar, beira de mata semidecídua e caapões, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant.¹⁷⁴.

Distribuição: ampla dispersão na América tropical e subtropical, México à Argentina^{19,58,22,22,87,211}.

Outra sp.: *M. laurifolia*¹⁵¹.

Bignoniaceae

Melloa quadrivalvis (Jacq.) Gentry
“CIPÓ-UNHA-DE-GATO”

4479. id. M.M. Arbo

Etimologia: homenagem ao farmacêutico Mello¹³; quadrivalvis=fruto divide-se em 4 partes (valvas).

Trepadeira vigorosa, caule até 10 cm diâm., altura da copa das árvores, até 20 m alt.; gavinha com 3 garras (como *Macfadyena unguis-cati*, também “cipó-unha-de-gato”), flor jul-nov, dura poucos dias, fruto lenhoso maduro nas chuvas. Polinizada por mamangavas³⁸.

Utilização: Ornamental, já cultivada²¹¹.

Uso medicinal: chá e banho, para pulmão.

Ecologia: Rebrotar após cortes.

Ocorrência: esparsa, borda de mata semidecídua e caapões não alagáveis, carandazal mais seco, solos férteis, argilosos ou arenosos; comum na morraria calcária. Cit. ant.¹⁷⁰.

Distribuição: México à Argentina²¹¹.



Bignoniaceae

Paragonia pyramidata (Rich.) Bur.
“CIPÓ”

AP 4686

Etimologia: Paragonia=com ângulos¹³; pyramidata=piramidal.

Trepadeira vigorosa 4-8 m alt., caducifolia, fruto (30-50 cm compr.) na estação seca.

Utilidade: Flor visitada por mamangavas. Ornamental.

Ecologia: Sensível a fogo. Aumenta em clareiras naturais e causadas pelo homem.

Ocorrência: esparsa, mata ciliar alagável, caapões, solos arenosos e argilosos. Cit. ant.^{38,179}.





Bignoniaceae


Phryganocydia corymbosa (Vent.) Bur.

AP 3660, id. conf. C. Proença.

Etimologia: Phryganocydia=madeira fraca¹³;
corymbosa=flores em corimbo.

Cipó 1,5-5,0 m alt. ou extensão; flor ago-fev.

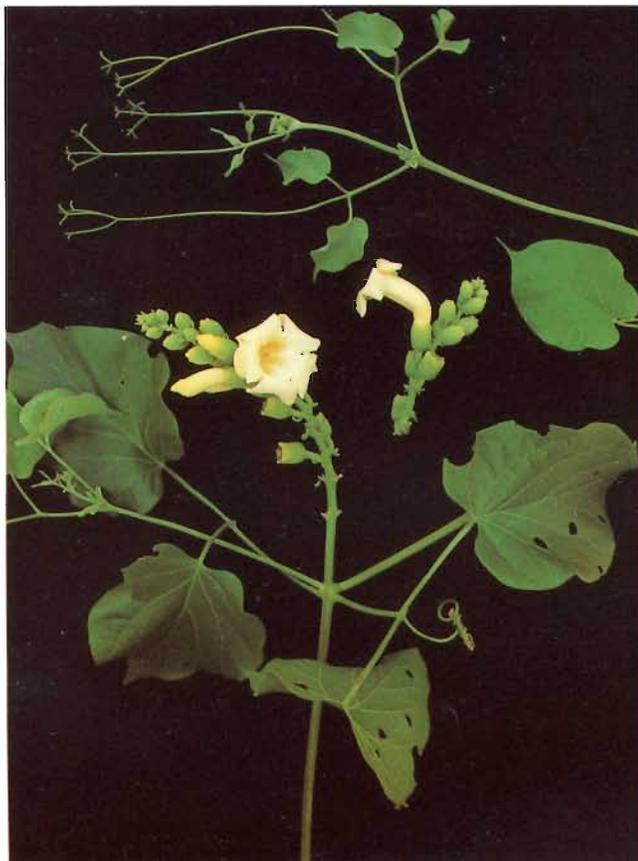
Utilização: Ornamental⁴², havendo plantas com a cor da flor mais escura, quase vermelha.

Cultivo: Propagação por semente.

Ocorrência: esparsa, mata ciliar, borda de caapões e de cordilheiras próximas a vazantes, cambarazal, solos argilosos, também em arenosos. Cit. ant.^{39,61}.

Distribuição: ampla dispersão neotropical¹⁹⁷, do PA ao RJ e MT⁴².

Outras bignoniáceas trepadeiras: *Arrabidaea brachypoda*, *A. convoluta*¹³⁵, *A. corallina*, *A. fagoides*¹³⁵, *A. seiloi*¹⁷⁹, *A. triplinervia*, *Arrabidaea sp.* (“cipó-d’água”), *Memora campicola*⁶², *Xylophragma pratense*^{61,62}.



Bignoniaceae


Pithecoctenium crucigerum (L.) Gentry

(=*P. echinatum*)

“PENTE-DE-MACACO”

AP 4570

Etimologia: Pithecoctenium=pente-de-macaco;
crucigerum=portador de cruz (caule cortado mostra desenho de uma cruz).

Cipó 3-10 m alt., caducifólio, flor nov-mai, fruto abr-set.

Utilização: Ornamental, cultivada^{87,211}. Fruto

“espinhoso” que se divide em duas “canoinhas”, sendo eventualmente usado como brinquedo e em artesanato.

Forrageira de emergência.

Cultivo: Propaga-se por semente e estaca⁵⁸.

Muito pouco pastada, além de pouco acessível.

Ocorrência: freqüente, bordas e clareiras de matas e cerradão, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{179,174,96,61}.

Distribuição: América tropical, México, Brasil, Paraguai e Argentina^{19,211}.

Bignoniaceae

Tabebuia aurea (Manso) B. et H.

(=*T. caraiba*)⁸⁸
"PARATUDO"

AP 3281

Etimologia: Tabebuia=nome indígena¹³; aurea=de ouro (flor); paratudo=remédio para tudo (em espanhol "paratodo").

Árvore 5-16 m alt., casca grossa (tolera fogo). Flor ago-out, às vezes em pés isolados até abr, conforme seca/chuva; semente out-nov.

Utilização: Flor comestível (amarga, como alface) e forrageira de arancuã, jacutinga, papagaio, bugio, veado e bovino (também come a folha). Papagaio faz ninho em ocos e come o fruto.

Uso medicinal: um "santo remédio" do pantaneiro, que masca a casca no campo, ou a põe na água, para problemas de estômago e fígado, amarelão (com leite), vermes, diabete, febre, malária; seiva para frieira; folha tostada estimulante, substitui mate. Uso prolongado em verminose e anemia²³⁸. Hepatite⁹⁵, diurético, gripe^{223,208} e inflamações¹⁶. Índio já usava folha como febrífugo, contém alcalóide carobina⁴²; é purgativa⁴⁵.

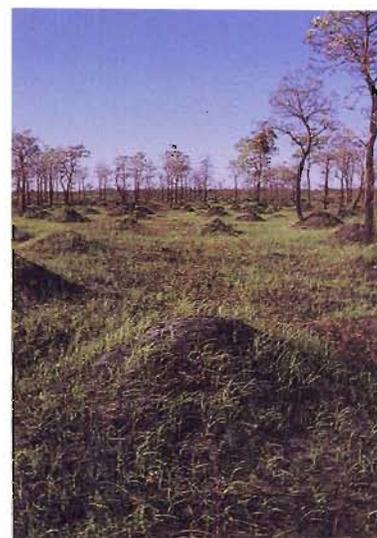
Madeira excelente¹³⁶, meio pesada (dens. 0,76), dura, muito flexível, pouco durável exposta¹³², própria para papel⁴², cabos de ferramenta¹⁶, carpintaria¹⁷, móveis, peças curvadas, artigos de esporte e construção^{42,6,132}, não usada na região, apesar de ser ipê. Fibras para corda, sob a casca. Ornamental^{58,6,87,132}.

Cultivo: Fácil propagação por semente, que é viável por pouco tempo (seg. R.A. Seitz, UFPR); germina em 10-20 dias¹³².

Ecologia: Muitas plântulas nov-dez, sobrevivendo as que escapam da cheia, em murunðu, e do fogo, até que crie xilopódio. Este existe aos 18 meses¹⁵⁸. Colonizadora (pioneira) da beira da BR-262 (Miranda-Corumbá), de rápido crescimento.

Ocorrência: dominante no paratudal, inundável, argiloso; freqüente em borda de cerradão e em caapões de cerrado, pouco ou não alagáveis, solos arenosos. Cit. ant.^{112,84,179,174,187,186,53,158,96,135,219,132,61,62,18}.

Distribuição: cerrado, savana amazônica, várzea da caatinga, mata calcária, do Suriname e AP até SP e MS, Argentina, Paraguai e Bolívia^{58,88,132}.



Bignoniaceae



Tabebuia heptaphylla (Vell.) Tol.

(=*T. ipe*)

“PIÚVA”, “piúva-do-pantanal”, “piúva-do-campo”, “piúva-roxa”, “peúva”

Cervi 3225

Etimologia: gênero idem; heptaphylla=sete folhas (folíolos); piúva=vem de ipê-uba, árvore cascuda^{74,17}, ou casca amarela¹⁷, ou árvore da casca, ou ipê=pato⁵⁷.

Árvore das mais altas do Pantanal, casca rugosa, copa aberta, adequada para pouso e decolagem do tuiuiu, que a prefere para fazer ninho. Flor jun-set, quando sem folhas; fruto maduro para a estação das chuvas.

Utilização: Madeira dura, pesada, para ponte, curral, esteio, mas difícil de trabalhar, não aceita prego. Dela é feito o remo pantaneiro¹⁷. Própria para construção pesada e externa, indefinidamente durável¹³².

Flor comestível e forrageira (idem “paratudo”), alimento de aves (arancuã, jacutinga, papagaio) e bugio.

Ornamental, é o “ipê-rosa”¹³².

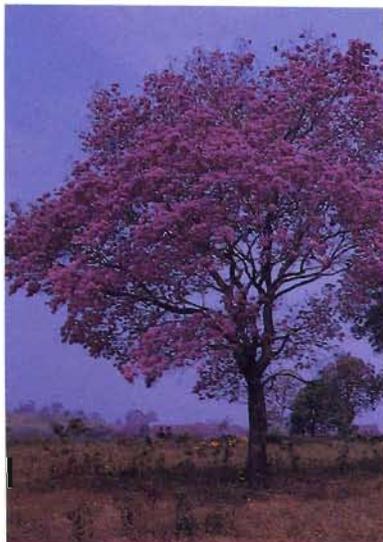
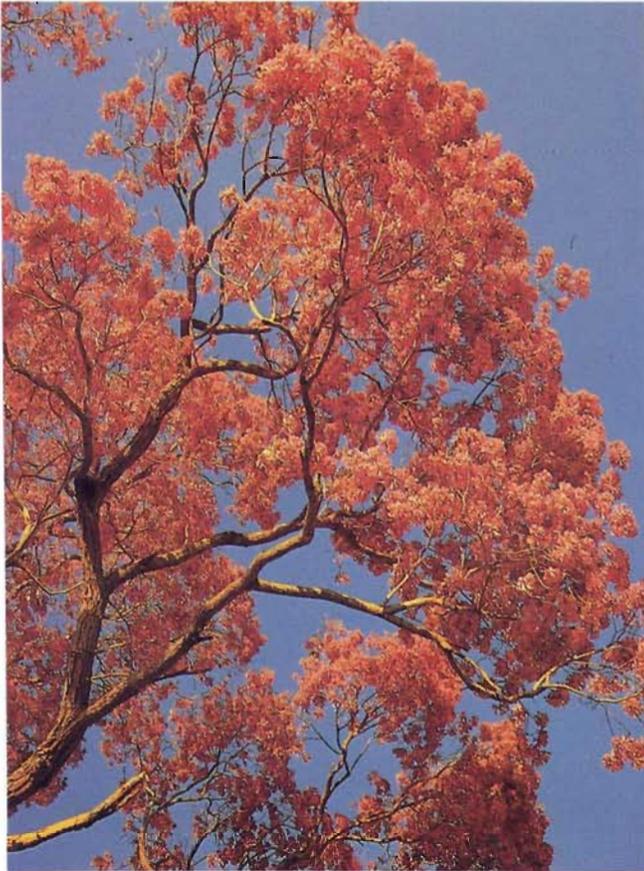
Uso medicinal: fervido da entrecasca contra câncer. O extrato da entrecasca dos ipês é depurativo, estomacal e bactericida, que o índio usava¹⁰³. Cerne contém lapachol (de “lapacho”, nome da árvore em espanhol), inibe tumores e alivia dor^{198,141,88}.

Cultivo: fácil; armazenar semente em geladeira¹³⁰, viabilidade 3-4 meses; germina em 10 dias; crescimento mais lento que o de *T. impetiginosa*¹³².

Ecologia: Sensível ao fogo na fase jovem, depois engrossa a casca. É vítima de raio, como ponto mais alto no campo.

Ocorrência: freqüente a abundante (piuval) em todo o Pantanal, associada a rios e vazantes. Cit. ant. 195,96,61,62. Citada também como *T. impetiginosa*¹ e *T. avellaneda*^{174,53}.

Distribuição: mata atlântica, BA ao RS^{88,132}, Paraguai, Argentina e chaco úmido da Bolívia⁸⁸.



Bignoniaceae



Tabebuia impetiginosa (Mart.) Standl. “PIÚVA-DA-MATA”, “piúva-da-folha-larga”, “piúva-roxa”, “piúva-preta”

AP 1395

Etimologia: gênero idem; impetiginosa=de impetigo, pelo uso contra sarna¹⁹.

Árvore ereta 12-20 m alt., casca quase lisa (sensível a fogo), 5 folíolos, caídos quando em flor, mai-set, fruto maduro no início das chuvas.

Utilização: Madeira usada para curral e carroceria. Dura e pesada (dens. 1,0), boa para acabamento interno, artigos de esporte (bola de boliche), tornearia, piso, instrumentos musicais^{136,132}, marcenaria, construção civil e hidráulica, moirão^{19,45,152}, mas gasta fio da serra e é difícil de pregar¹²⁶. Rebrotar após corte.

Pouco pastada (folha nova). Bugio come brotos (seg. Hélia M. Piedade, USP). Flor comestível, é alimento de aves (arancuã, jacutinga) e bugio.

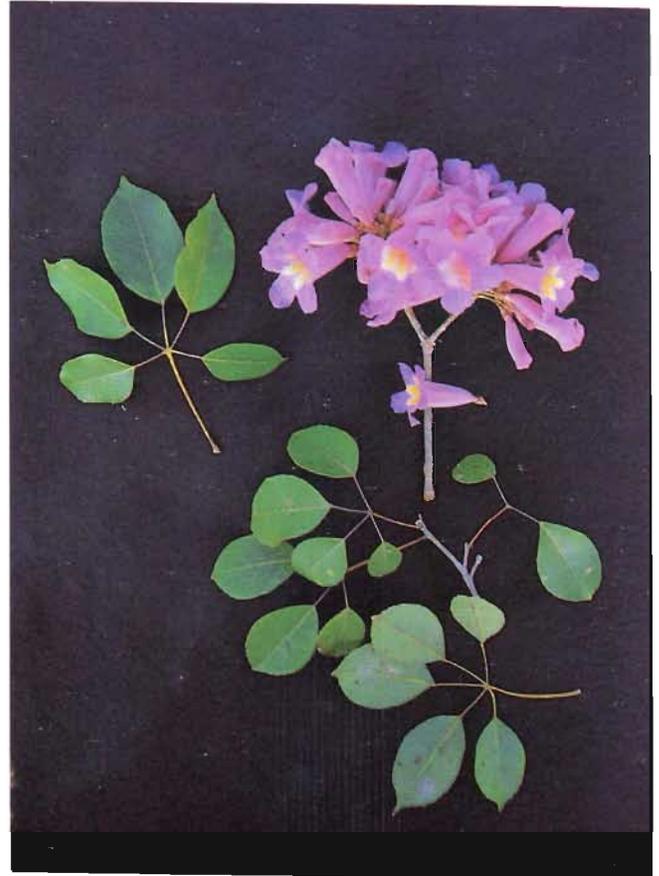
Ornamental^{45,59,87,161,88, 132}.

É o “ipê-roxo”¹³², amplamente considerado remédio contra câncer⁸⁷. Madeira medicinal⁵⁹, contém lapachol (de “lapacho”, em espanhol) e ipeína¹³⁶; casca amarga, adstringente, mucilaginoso⁴⁵, tem 5% tanino⁵⁹, contra inflamação¹⁶, “chá” ou pomada contra impetigo⁴⁵. Mas é abortivo e pode deformar feto^{2a}.

Cultivo: Guardar semente na geladeira, senão morre¹³⁰; germina em 10 dias^{161,132}; crescimento rápido¹³².

Ocorrência: freqüente, matas semidecíduas, cerradão, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant. 16, 1, 174, 186, 53, 96, 61, 62, 18.

Distribuição: ampla dispersão, México à Argentina, em matas semidecíduas⁸⁸, mata atlântica, CE a SP¹³², Nordeste, Amazônia e Centro-Oeste do Brasil^{65,136,132}, Paraguai, Argentina e Uruguai⁵⁹.





Bignoniaceae


Tabebuia insignis (Miq.) Sandw.
“PARATUDO-BRANCO”

AP 6574

Etimologia: gênero idem; insignis=ornamento (flor bonita)¹⁹⁹.

Arvoreta 2-7 m alt., casca lisa clara, flor set-out. Fruto 22 cm compr.⁸⁸. Aqui ocorre a var. *insignis*, já que as outras 2 têm folhas unifolioladas e são de Cuba e Venezuela⁸⁸.

Utilização: Ornamental, serviria para solos encharcados e jardins aquáticos.

Uso medicinal: estômago, fígado, diarreia, vermes.

Ecologia: Sensível ao fogo, que pode atingi-la em anos secos.

Ocorrência: freqüente mas restrita ao buritizal e mata ciliar inundável no norte e leste, solo argiloso ou siltoso-orgânico. Cit. ant.^{151,206,53}.

Distribuição: restrita ao pântano⁸⁷, Peru¹¹³, Venezuela, Colômbia⁸⁸, da Guiana Francesa¹²⁴ através da maior parte do Brasil até a Bolívia⁸⁸.



Bignoniaceae


Tabebuia nodosa (Gris.) Gris.
“LABÃO”, “lavão”

AP 4402

Etimologia: gênero idem; nodosa=com nós (ramos); labão=“labón”, nome no Paraguai¹³⁰.

Árvore 5-18 m alt., caducifólia, casca grossa, fendida. À primeira vista não parece *Tabebuia*, pela folha simples. Flor ago-nov, às vezes já um pouco em abr. Em Porto Murtinho, onde também se usa o nome guarani “toratai”, crê-se que quando o “labão” floresce vai chover. O mesmo dizem os campesinos no Chaco⁸⁸.

Utilização: Madeira clara, moderadamente densa, pouco conhecida, sem lapachol, boa para lenha^{187,148,130}.

Apícola. Forrageira, de pouco acesso. Ornamental.

Cultivo: Propagação por semente⁵⁸.

Ecologia: Aumenta em mata mexida e é pioneira em beira de estrada. Rebrotar após corte. Adulta, tolera fogo rápido.

Ocorrência: freqüente, no Nabileque, matas de Chaco, solos argilosos, férteis. Cit. ant.^{151,84,175,61,18}.

Distribuição: elemento do Chaco, Bolívia, Paraguai e Argentina-Chaco oriental^{182,130,88}, SP, MT⁴⁵, mas a de SP deve ser cultivada ou engano.

Bignoniaceae



Tabebuia ochracea (Cham.) Stdl. "PIÚVA-CASCUDA", "piúva-cabeluda"

AP 4326, id. J.A. Ratter.

Etimologia: gênero idem; ochracea=cor ocre; piúva=ipê-uba, árvore da casca⁵⁷.

Árvore 4-10 m alt., casca escura, flor ago-out. Polimorfa, há 4 subespécies, sendo a ssp. *ochracea* (=heteropoda) a mais austral, até Bolívia^{87,88}, é a do Pantanal¹⁷⁹.

Utilização: Madeira amarela, para móveis¹⁰⁸ e usos como os de "piúva-preta"¹⁵², muito durável, pesada e dura, para bolas de boliche, cabos, construção externa, tornearia, piso, instrumentos musicais¹³⁶, mas aqui não dá tronco volumoso. Ornamental, cultivada⁸⁷, visitada por beija-flores⁵⁶. A rebrota é um pouco pastada.

Folha (chá) para doenças venéreas e rins¹⁶⁵. Madeira contém lapachol ou ipeína¹³⁶, princípio medicinal dos ipês.

Ecologia: Tolerante fogo. Aumenta com desmatamento, rebrota muito.

Ocorrência: freqüente, transição caronal/cerradão, cerradão, solos arenosos. Cit. ant. 179.174.186.53.175.61.62.

Distribuição: ampla, de El Salvador ao Paraguai e Argentina⁸⁷, cerrados^{101,76,77}, mata seca do Chaco¹⁰⁸.

Outra sp.: *T. roseo-alba* ("piuxinga" ou "piruxinga", de 3 folíolos e flor branca).



Bombacaceae



Tabebuia roseo-alba (Rid.) Sandw. "PIUXINGA", "piruxinga", "pertinga", "piúva-branca"

Lorenzi s/n, id. H. Lorenzi.

Etimologia: gênero idem; roseo-alba=cor branco rósea (flor); piuxinga=de ipê-uba-tinga, sendo tinga=branco.

Árvore caducifólia, 5-10 m alt., flor entre set-dez, durante poucos dias, depois da primeira grande chuva; frutifica pouco, em relação à florada. Caracteriza-se por 3 folíolos⁸⁷.

Utilidade: Ornamental, cultivada^{63,87,91,132}. Apícola. Madeira usada para cabo de ferramenta. É pesada e macia, servindo para construção interna¹³².

Cultivo: Por semente, que germina em 1-3 semanas; o crescimento da muda é rápido, posteriormente também¹³².

Ecologia: Indica solo fértil. Aumenta em mata mexida. Adulta, tolera fogo rápido. É colonizadora de beira de estrada.

Ocorrência: freqüente, matas (Poconé, "salina" na Nhecolândia e em Aquidauana) e caapões (Abodral), semidecíduos, não alagáveis, solos ricos em cálcio ou alcalinos. Cit. ant. 174.53.186.

Distribuição: áreas secas do Brasil⁸⁷, em SP, MG, MS, GO¹³², MT⁵³ e CE⁶³, Bolívia, Paraguai e do Peru^{87,88}.



H. LORENZI

Bombacaceae



Eriotheca gracilipes (Schum.) Robyns "PAINA"

AP 3227

Etimologia: Eriotheca=estojó de lâ; gracilipes=pedúnculo delgado; paina=palavra malaiala⁷⁴.

Árvore caducifólia, ereta, 5-12 m alt., copa densa. Flor mai-set, fruto no início do verão chuvoso.

Utilização: Paina para travesseiro. Fornece embira. Apícola. Raramente pastada. Madeira leve, para forro, caixote e celulose¹³². Ornamental¹³².

Cultivo: propaga-se por semente, de vida curta, germina em 2-3 semanas¹³².

Ocorrência: freqüente, cerradão, solos arenosos. Cit. ant.174, 186,62.

Distribuição: cerrados^{76,77} e transição para mata semidecídua, MG a SP, GO a MS¹³² e Nordeste¹³⁴.

Bombacaceae



Pseudobombax longiflorum (Mart.et Zucc.) Rob.

"EMBIRUÇU", "imbiruçu"

AP 4343

Etimologia: Pseudobombax=falso *Bombax* (=paina)¹¹; longiflorum=flores comprida; embiruçu=embira grande, em tupi⁷⁴, de mbira-assu¹⁷.

Árvore 4-10 m alt., tronco e ramos com casca grossa de cortiça de cor castanha, folha digitada (semelhante à da mandioca, mas maior); flor 20 cm compr., floresce aos poucos, jun-set, quando sem folhas, que ressurgem em set-out, arroxeadas quando novas. Não frutifica muito.

Utilização: Muito pouco pastada. Ornamental⁸⁰. Polinizada por morcegos. Fibras da entrecasca ficam vermelhas ao ar, servem para corda e estopa^{44,141}. Paina bactericida e insetífuga¹⁰³, isolante térmico, repele água, não apodrece e não atrai rato, boa para salva-vidas, colchão e travesseiro de navio⁴⁴. Semente com 22% de óleo, serve para sabão⁴⁴.

Madeira leve e porosa⁴⁴, presta-se para caixote, celulose, canoa, cocho, gamela e aerodelismo⁴⁴.

Ecologia: Resiste ao fogo. Coloniza área desmatada, como roça velha.

Ocorrência: esparsa, caronal, cerradão ralo, solos arenosos. Cit. ant.174,186,53,62.

Distribuição: cerrados^{76,101}.

Bombacaceae

Pseudobombax marginatum (St.Hil.)Rob. “EMBIRUÇU-DA-MATA”, “paineira”

AP 6972 id. J.A. Ratter.

Etimologia: gênero idem; marginatum=com margem (folha).

Árvore 10-20 m alt., 0,5-1,5 m diâm., casca esverdeada típica, folha digitada (semelhante à de mandioca), flor rosada 12 cm compr. abr-jun, quando sem folhas; fruto 14 cm compr., frutifica muito, de forrar o chão de paina.

Utilização: Folha pastada, mas pouco acessível.

Polinizada por morcegos, visitada por beija-flores.

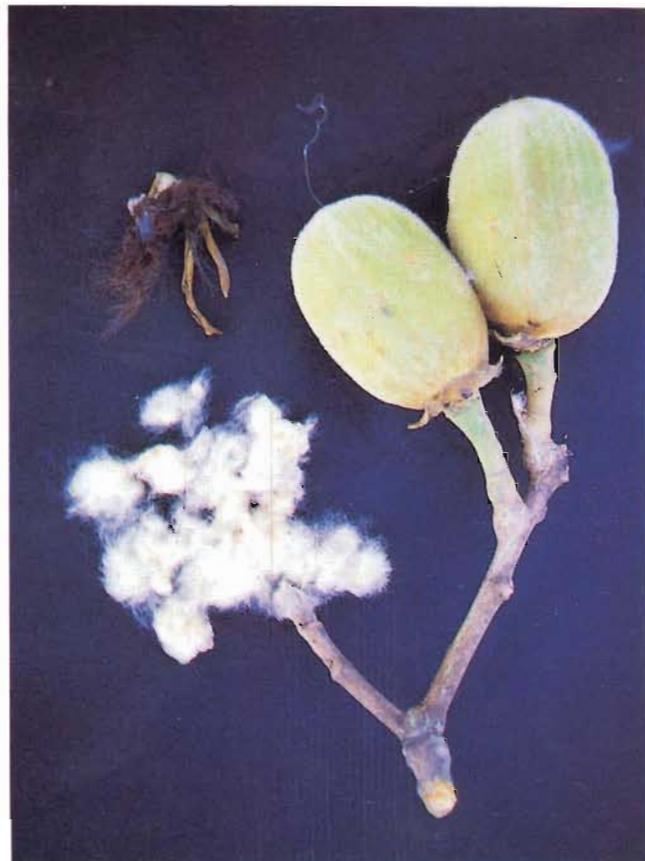
Papagaios e periquitos comem a semente (oleaginosa) antes de ser dispersa pelo vento. Ornamental, de rápido crescimento⁴⁵. **Madeira** muito leve, boa para papel⁴⁵, aeromodelismo, gamela⁴⁴ e canoa^{44,135}.

Paina para salva-vidas⁴⁴, estofamento, colchão⁴⁵, mas pode causar alergia respiratória²¹⁸.

Ocorrência: freqüente, mata semidecídua, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{179,174,186,53,135}.

Distribuição: cerrado²⁴¹, MG, GO e MT⁴⁵.

Outras sp: *P. tomentosum*^{186,53}. Outra bombacácea: *Ceiba samauna* (“paineira”, Poconé).



Boraginaceae

Cordia alliodora (R. et P.) Cham. “LOURINHO”, “falso-louro”

AP 2270

Etimologia: Cordia=homenagem aos botânicos Cordus pai e filho¹³; alliodora=odor de alho (madeira)⁴⁴.

Árvore 4-15 m alt, tronco reto, casca engrossada; flor mai-ago, odorosa, fruto logo após.

Utilização: Apícola¹⁷⁰, gênero visitado também por abelhas nativas¹⁶⁷. Folha comida por bovino.

Madeira compacta (dens. 0,91), para canoa, remo e tábua, construção civil (carpintaria) e naval^{44,19}, algo resistente a cupim¹⁸⁷. Rebrotar após corte.

Cultivo: Propaga-se facilmente por brotos de raiz¹⁹ ou semente. Muito utilizada em sistemas agrofloretais (um dos “freijó” no Norte).

Ecologia: Colonizadora de clareiras e áreas derrubadas de mata semidecídua.

Ocorrência: eventual em cerradão, freqüente em mata de salina, solos arenosos. Cit. ant.^{179,62}.

Distribuição: matas dos Llanós da Colômbia e Amazônia Ocidental¹⁰⁸, América do Sul e grande parte do Brasil¹⁹, MA ao RS⁴⁴, e do México à Argentina¹⁷⁹.





Boraginaceae

Cordia glabrata (Mart.) A. DC.
“LOURO”, “louro-preto”

AP 3823, id. C.N. da Cunha, conf. J.A. Ratter.

Etimologia: gênero idem; glabrata=sem pêlos.

Árvore ereta, 5-20 m alt., perde as folhas na seca. Galhas (engrossamento oco) na base dos ramos novos, com formigas. Flor jun-out, fruto ago-dez, disseminado pelo vento.

Utilização: Forrageira de mediana aceitação por bovino, pouco acesso; elevados teores de fósforo (0,40%), magnésio (0,59%), cobre (29 ppm) e de proteína (27% PB), bom teor de cálcio (0,42%) e zinco (26 ppm) para vacas¹⁷¹.

Apícola, floresce muito. Visitada por beija-flores^{45,132}. Ornamental¹³². Madeira decorativa, para móveis¹³².

Cultivo: Fácil, por semente, de viabilidade curta; germinação em 1-2 meses¹³², epígea.

Ecologia: Pioneira, coloniza beira de estradas e roças velhas. **Ocorrência:** muito freqüente, todas sub-regiões, matas, cerradões e caapões não inundáveis, solos férteis, arenosos ou argilosos. Cit. ant. 179,174,186,96,61,53,62,18.

Distribuição: característica de caatinga e floresta semidecídua, indica cerradão mesotrófico¹⁸⁶, do leste do Brasil ao sul do Paraguai¹³⁰.



Boraginaceae

Cordia insignis Cham.
“CALÇÃO-DE-VELHO”⁹⁶

AP 4776

Etimologia: Cordia=idem anterior; insignis=insígnia, ornamento (flor bonita)¹⁹⁹.

Arbusto perene, ereto, 1-3 m alt. Flor abr-jul, amarelada ao abrir, daí branqueia, escurecendo na frutificação; fruto amadurece em poucas semanas, na estação seca, que é favorável à disseminação pelo vento do fruto com a flor persistente tipo peteca.

Utilização: Grande potencial ornamental. Apícola. Forrageira de emergência.

Cultivo: Sem informação a respeito, mas a propagação é por semente, produzida em quantidade.

Ecologia: Sensível à queimada na fase jovem, ou adulta, se for fogo de campo sem pastejo. Pastada em épocas críticas de pasto.

Ocorrência: freqüente em “lixeiro” (campo com “lixeira”, *Curatella americana*) e cerrado em Poconé; solo arenoso, alagável. Cit. ant. 151,179,53,96.

Boraginaceae

Cordia naidophila Johnston

“LOURO-BRANCO”, “UVEIRA”, “carne-de-vaca”

AP 5262, id. C.N. da Cunha

Etimologia: gênero idem; naidophila=amiga da ninfa dos rios.

Árvore 3-10 m alt., copa larga, flor ago-dez.

Utilização: Apícola, flor odorosa. É um pouco forrageira. Potencial ornamental.

Ecologia: Colonizadora de beira de estrada. Sensível ao fogo.

Ocorrência: mata ciliar alagável, caapões e matas não alagáveis, Sul de Poconé e Rio Negro-Taboco, solos argilosos e siltosos. Cit. ant.⁵³.

Outras spp.: *C. curassavica* (arbusto); *C. trichotoma*^{61,62}, *C. verbenacea*⁶¹ (arbusto).



Boraginaceae

Heliotropium filiforme H.B.K.

AP 5151, id. R.L. Degen N.

Etimologia: Heliotropium=virada para o sol (flor); filiforme= forma de fio (planta fina).

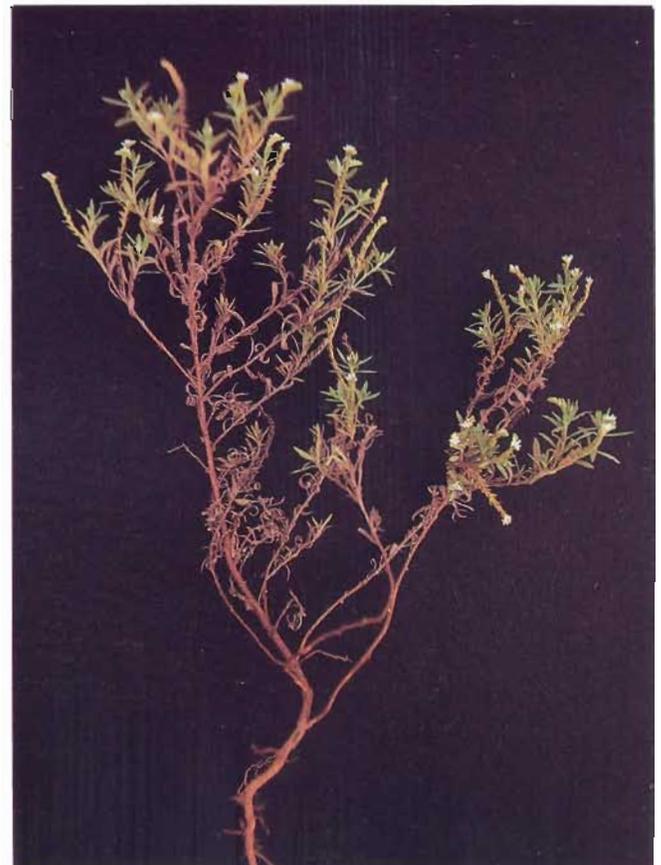
Erva anual, ereta ou prostrada, 5-25 cm alt., flor em várias épocas, em função da cheia ou da seca.

Utilização: Apícola. Forrageira eventual.

Ecologia: Indicadora de degradação de pastagem nativa, por excesso de pastejo, ou presença natural onde a inundação matou a vegetação, sendo ocupadora de solo descoberto.

Ocorrência: abundante, campos alagáveis, solos arenosos, siltosos ou argilosos. Cit. ant.^{151,179}.

Distribuição: ampla.



Boraginaceae



Heliotropium indicum L.

“CRISTA DE GALO”

AP 4475

Etimologia: Gênero idem; indicum=da Índia.

Erva anual 20-80 cm alt., flor quase o ano todo, exceto quando muito seco.

Utilidade: É um pouco forrageira. Tem propriedade inseticida⁹². Consta como remédio laxante, diurético, contra tosse, hemorróidas, feridas, úlceras, queimaduras, aftas, etc. ^{86, 131}.

Ecologia: Pioneira em áreas baixas, como beira de vazante após a cheia e lagoa seca. Indica degradação, quando dominante.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, transição campo/cordilheira, brejo seco, vários solos. Cit. ant. ^{1, 151}.

Distribuição: dos trópicos da África e Ásia, em todo o Brasil ¹³¹.



Boraginaceae



Heliotropium procumbens Mill.

AP 3322, id. conf. R. Degen N.

Etimologia: gênero idem; procumbens=que se deita.

Erva anual, 10-40 cm alt., ereta ou deitada. Flor quase ano todo.

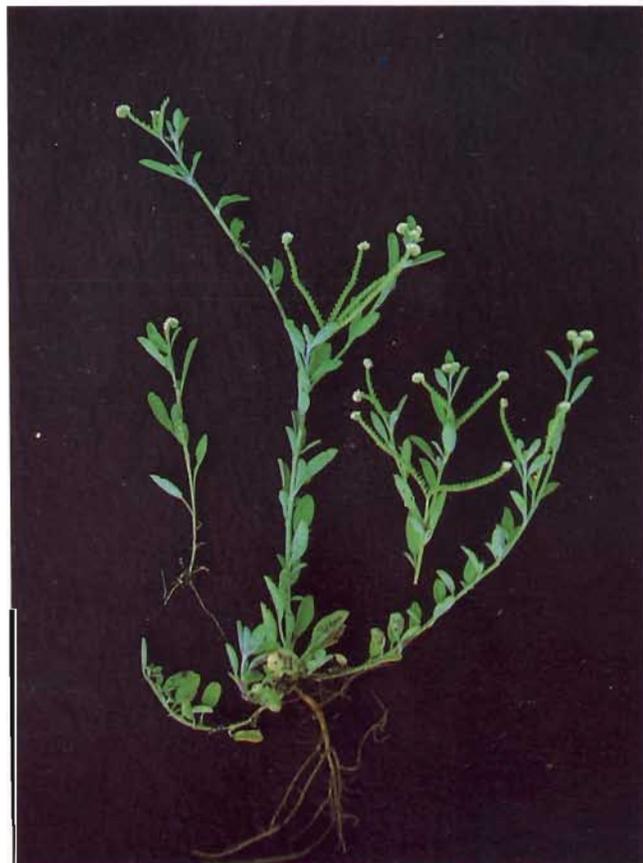
Utilização: Apícola. É comida por capivara²¹⁶, eventualmente comida por bovino, junto com gramíneas, ou quando estas escasseiam. Tóxica ao homem, contém alcalóide lasiocarpina²¹⁸.

Ecologia: Pioneira em solo desnudo, p. ex., pastagem com excesso de pisoteio, portanto, indicadora de degradação. Comporta-se como invasora e ruderal²². Praticamente desaparece em campo sem gado.

Ocorrência: abundante em solos argilosos, menos freqüente em arenosos. Cit. ant. ^{1, 18}.

Distribuição: todo o Brasil, América tropical, do Sul dos EUA ao Chile e Argentina²².

Outras spp: *H. campestre* (morraria calcária), *H. indicum* (“crista-de-galo”), *H. lagoense*, *H. ocellatum*⁶¹. Outra boraginácea: *Tournefortia paniculata*.



Bromeliaceae

Aechmea distichantha Lem.

“CARAGUATÁ-CHUÇA”

AP 4412, id. T. Wendt

Etimologia: *Aechmea*=aichme, ponta, em grego^{58,119}; *distichantha*= flores em 2 fileiras; caraguatá-chuça=nome guarani, de chussa=lança (na região diz-se chuçar a onça).

Erva rosulada, perene, rizomatosa, terrestre (pode ser epífita^{58,119}), folhas 50 cm alt., atingindo 80 cm com inflorescência, flor set-out (pouca observação).

Utilização: Ornamental, propaga-se por brotos laterais⁵⁸. Tem potencial industrial para fibra¹⁴⁷.

Fruto comestível¹¹⁹. Armazena água, fonte para matar a sede no mato^{42,119} e microhabitat para vários organismos, como mosquitos¹⁹¹.

Ocorrência: agrupamentos esparsos, mata inundável no Nabileque, Porto Murtinho, solo argiloso salinizado.

Distribuição: América do Sul tropical, até o Chaco oriental¹⁸² na Argentina^{58,191}.



Bromeliaceae

Ananas ananassoides (Bak.) L.B.Smith

“ABACAXIZINHO”, “abacaxizinho-do-cerrado”

AP 4382, id. J.F.M. Valls.

Etimologia: *Ananas*=ananan, nome indígena, “fruta-que-cheira-cheira”¹⁷; *ananassoides*=semelhante a *Ananas*, ananás.

Erva rosulada perene, 0,5 m alt., com forte rizoma, tolerando fogo. Flor set-nov, “fruto” no verão.

Utilização: **Fruto** comestível (ácido), muito aromático, também comido por bovino, porco e animais nativos; inflorescência pastada. Apícola. Tem uso semelhante ao do abacaxi comum, sendo mais ácido¹⁹⁴. Grande potencial hortícola (pode ser selecionado/melhorado) e ornamental. Germoplasma para melhoramento do abacaxi¹⁹⁴, já coletado pelo CENARGEN-EMBRAPA.

Fibra muito resistente, tão boa como a do caroá¹⁴⁷.

Ecologia: Cresce em terras pobres e secas¹⁴⁷. Pode ser invasora e acumular água para mosquitos¹¹⁵.

Ocorrência: abundante nos cerrados, cerradões abertos, bordas dos cerradões fechados e caapões, na parte leste do Pantanal, solos arenosos. Cit. ant.^{169,62}.

Distribuição: cerrados no DF, GO, MG e MT¹⁹⁴, campos arenosos de RR²⁰³; bacia dos rios Amazonas e Orinoco até o Sul do Brasil⁹⁰.



Bromeliaceae

Bromelia balansae Mez

“GRAVATEIRO”, “caraguatheiro”

VJP 714

Etimologia: homenagem a dois botânicos, o sueco Bromel⁵⁸ e Balansa, que coletou durante 11 anos no Paraguai¹⁹¹.

Erva perene, rizomatosa, 0,3-2,0 m alt. conforme o ambiente (mais alta na mata). Flor set-fev, fruto dez-jun.

Utilização: Fibra têxtil⁵⁸, no Chaco há artesanato (cintos, bolsas, roupas, etc.), de folhas maceradas em água (seg. J. Adámoli, Univ. Buenos Aires). A Argentina produz 16 t/ha de folha verde ou 0,8 t/ha de fibra seca, com 47% de celulose, longa, macia, similar à do abacaxi¹⁴⁷. É irmã da macambira do Nordeste, industrializada¹⁹⁸. Ornamental¹⁹¹.

Fruto comestível (ácido¹⁹⁸), comido tostado na Argentina¹¹⁹; cru, cozido ou assado era importante alimento dos Bororos^{105,104}. Também se pode comer o rizoma (cozido), o eixo da inflorescência (amargo) e botão floral, o que muitos bichos também sabem. A capivara rói o centro da folha (seg. Zilca Campos, CPAP), o bovino a come depois que o fogo sapecou os “espinhos”. Fruto comido por aves e quati.

Nicho de regeneração de plantas como “embaúba” e refúgio de animais (porco, cotia, quati), e de ninho de jacaré. Não acumula água para criar mosquitos¹⁹¹.

Uso medicinal: xarope contra tosse, do fruto. Amacia feridas¹⁰⁴.

Ecologia: Tende a aumentar com as queimadas de caapões e cerrados, pelo rizoma. Considerada indesejável¹, aumentou muito nas últimas décadas e dificulta o acesso do bovino à cordilheira (seg. o pecuarista Zelito de Barros), sendo usada como cerca viva^{191,104}. Também é invasora de pastagem cultivada, aumenta a partir da leira, para onde são arrastados os rizomas.

Ocorrência: muito abundante e muitas vezes dominante no estrato inferior das formações lenhosas, todo o Pantanal, qualquer solo. Cit. ant.^{174,1,95,96,53,39,62,18}.

Distribuição: América do Sul tropical^{58,191}.



Bromeliaceae

Dyckia leptostachya Baker

“GRAVATEIRINHO”

AP 2022, id. E.M.C. Leme.

Etimologia: Dyckia=homenagem ao botânico alemão Salm-Dyck¹⁹¹; leptostachya=espiga graciosa¹⁹¹.

Erva perene terrestre, 0,3 m alt., escapo floral 1,0-1,5 m; flor out-dez, fruto dez-fev.

Utilização: Ornamental¹⁹¹. Forrageira eventual, principalmente a rebrota após a queima e a inflorescência nova.

Cultivo: Fácil cultivo, a pleno sol. Propagação por divisão da base.

Ecologia: Tolerante fogo, condição para sobreviver no meio do capim-carona.

Ocorrência: ocasional, caronal e borda de caapão, pouco ou não alagável, solos arenosos.

Distribuição: MT, MG, PR, e campos arenosos do litoral de SC e RS; Bolívia, Paraguai e Argentina¹⁹¹.

Outra sp.: na borda do Pantanal, sobre pedra, há uma semelhante, *Deuterochomnia meziana*.



Bromeliaceae

Tillandsia duratii Vis.

VJP 829, id. J.F.M. Valls, conf. T. Wendt.

Etimologia: Tillandsia=homenagem ao botânico sueco Tillands; significado do nome da espécie não achado.

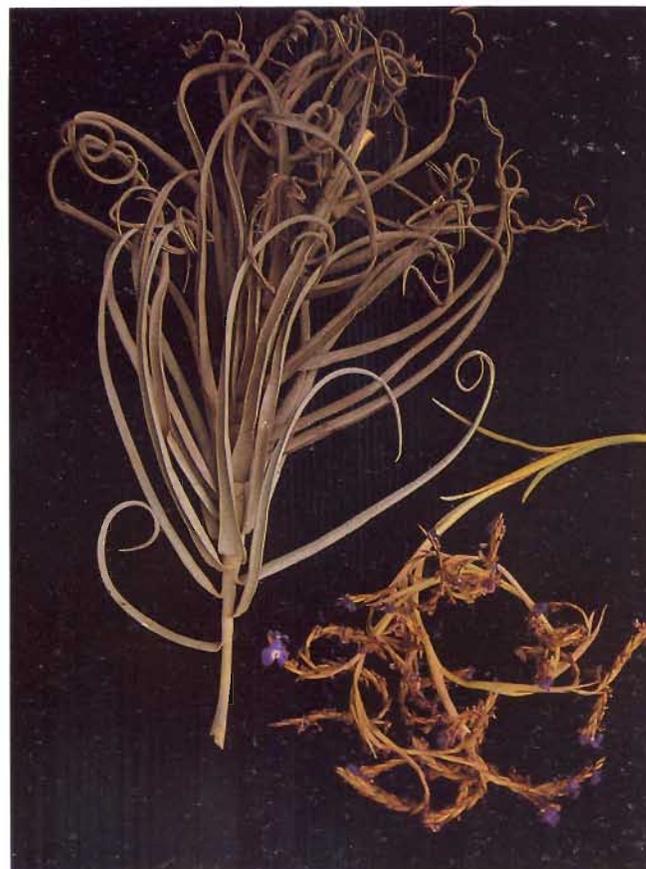
Epífita meio trepadora, pois as folhas se enrolam nos ramos da árvore hospedeira, característica que distingue esta espécie; 15-30 cm alt. na fase vegetativa, atingindo 80 cm com inflorescência. Flor no início da estação seca e fruto no início da chuvosa.

Utilização: Ornamental. Apícola. Forrageira, dada ao gado bovino na seca no Chaco¹⁸², porque o acesso natural é pequeno, sendo eventualmente pastada.

Ecologia: cresce sobre árvores do Chaco, como *Aspidosperma quebracho-blanco*, *Bulnesia sarmientoi*, *Tabebuia nodosa*, etc.

Ocorrência: somente no sul, entre Jacadigo (Corumbá) e Porto Murtinho.

Distribuição: América do Sul, até Argentina⁵⁸, no Chaco ocidental¹⁸².



Bromeliaceae

Tillandsia streptocarpa Baker

AP 4318, id. T. Wendt.

Etimologia: gênero idem; streptocarpa=fruto torcido.

Erva epífita, flor set-dez, fruto fev-abr.

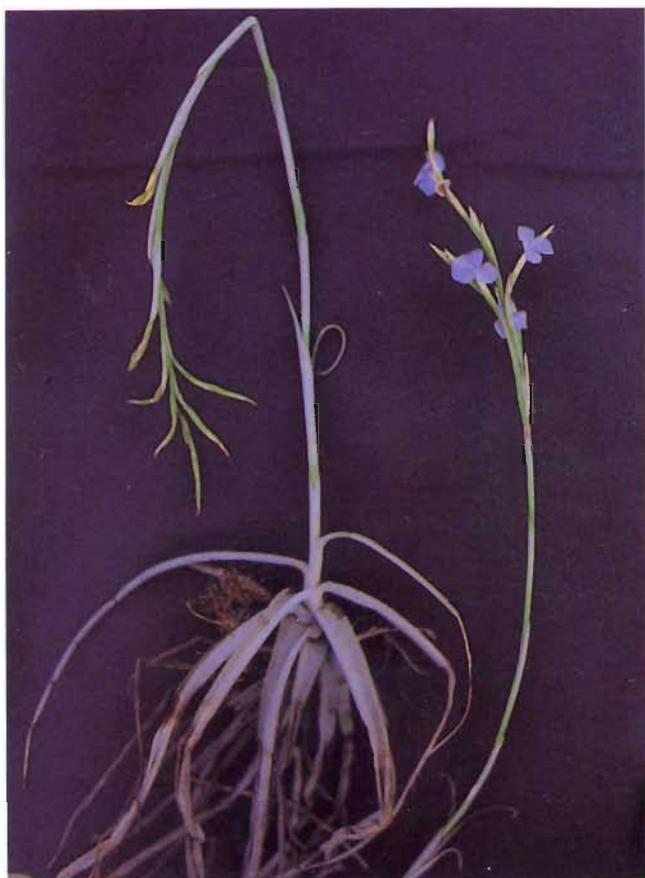
Utilização: Ornamental⁴⁶. Apícola.

Ecologia: Indicadora de proximidade de curso d'água, pois o Pantanal, em geral, tem poucas espécies de epífitas, em função de não ser um ambiente tão úmido como às vezes se pensa, por exemplo, a "barba-de-pau" (*T. usneoides*), comum até nos Everglades (Flórida), não é encontrada aqui. Esta espécie, assim como *T. loliacea*, ocorre em plena caatinga nordestina⁶.

Ocorrência: mata ciliar de vazantes, corixos e rios. Cit. ant.151.105.209.

Distribuição: América do Sul⁵⁸, inclusive na caatinga⁶.

Outra sp.: *T. loliacea* (2-5 cm alt.).



Burmanniaceae

Burmannia capitata (Walt.) Mart.

AP 2917

Etimologia: homenagem a Burmann;

capitata=inflorescência como cabeça.

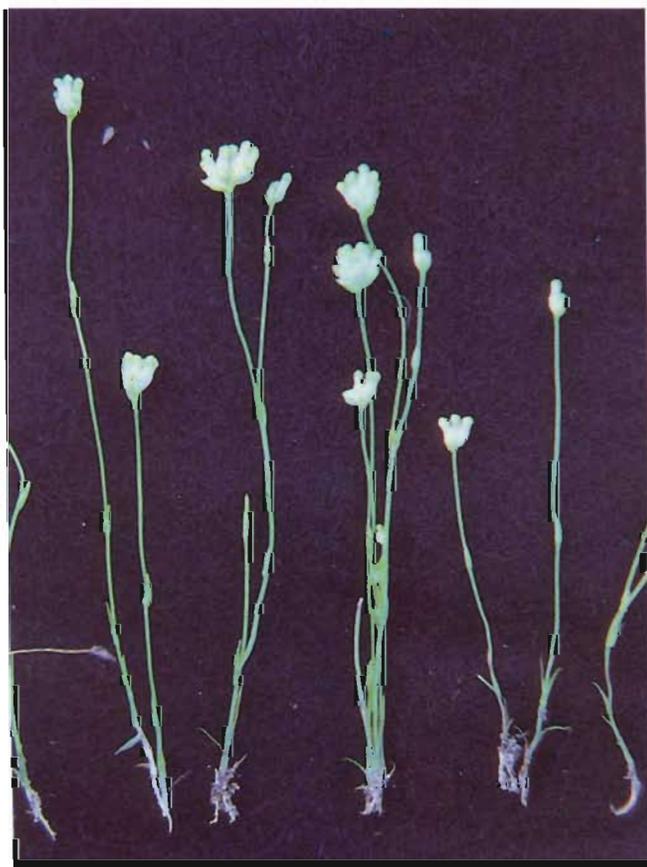
Erva anual, frágil, 2-10 cm alt., podendo ser encontrada quase o ano todo, em areia úmida. Saprófita, i.é, vive de matéria orgânica, pelo que quase não tem folha nem raiz.

Ecologia: Efêmera²¹⁵, cresce e sementa em poucas semanas.

Embora não sendo nada tolerante a pisoteio, praticamente desaparece de campo sem gado bovino, pelo sombreamento causado pelos capins altos.

Ocorrência: abundante, campos ralos em beira de lagoas, solos arenosos. Cit. ant.174.61.62.

Distribuição: campos úmidos da América tropical, da Flórida²⁴⁰ à serra na BA¹⁶⁶ e "pantanal" do norte da Bolívia⁹⁷.



Burmanniaceae

Burmannia flava Mart.

AP 5563

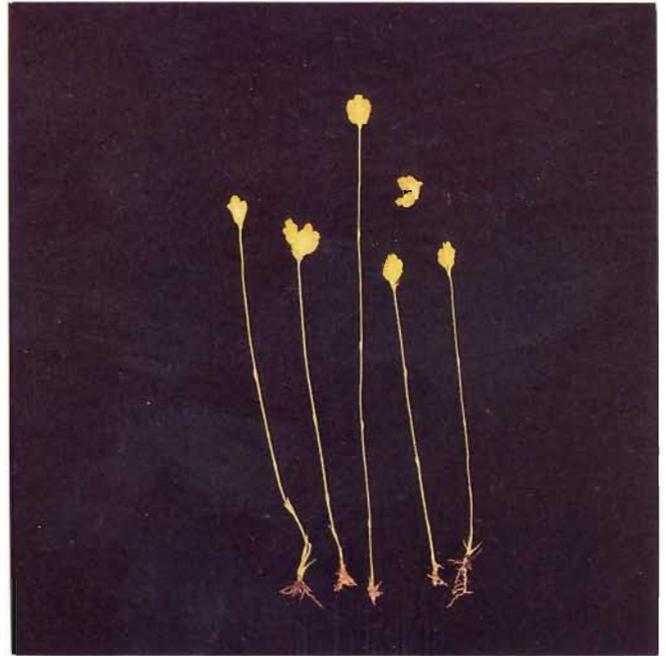
Etimologia: gênero idem; flava=amarela (flor), em latim.
Erva anual (terófito), flor na estação chuvosa e após baixar a água dos campos. Saprófita¹⁹⁷, quase não tem raiz.

Utilização: Potencial ornamental; sem informação sobre cultivo.

Ecologia: É uma efêmera, que surge, floresce e morre em poucas semanas²¹⁵. Desaparece em pastagem sem gado bovino, com o sombreamento das gramíneas altas, pois ocorre em partes muito pisoteadas ou onde a cheia deixou claros na pastagem, como borda de baías e vazantes, portanto indicadora de solo descoberto. A frequência diminui em anos secos.

Ocorrência: freqüente, campos alagáveis, solos arenosos. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: campos úmidos da América tropical, desde a Flórida²⁴⁰ até MG²⁴¹.



Burseraceae

Protium heptaphyllum (Aubl.) March.

“ALMÉCEGA”, “almésca”, “armésca”, “amécicla”.

AP 1292, id. conf. J. Tamashiro.

Etimologia: Protium=nome javanês¹²; heptaphyllum=sete folhas (folíolos); almécega=mastique, resina, em árabe⁷⁴.
Árvore perenifólia, 4-10 m alt., toda aromática. Flor jul-out, então com folha nova, avermelhada; fruto out-jan.

Utilização: Forageira bem pastada. Teores de minerais são baixos para bovino, exceto fósforo (0,18%) e proteína (11% PB), próximos da média obtida em arbustos¹⁷¹.

Bugio come o broto (seg. Hélia M. Piedade, USP). Flor cheia de formigas. Apícola (pólen e néctar), sendo uma das principais da Nhecolândia³⁶ e predominando no mel colhido em mai-jul³⁷. Eruto (arilo, a parte branca) comestível e alimento de aves, dispersoras. Também de peixes e morcegos (seg. A. L. Prado, UFMT).

Madeira meio pesada (dens. 0,77), dura, elástica, durável em interiores¹³², boa para marcenaria, carpintaria e lenha^{41, 148, 130, 136}.

Uso medicinal: folha e casca como chá contra tosse. Bronquite e coqueluche⁹⁵, úlceras, problemas de pele^{41, 223, 130} e hemorragia¹⁹. Contém resina antisséptica^{49, 120, 130} e essências. Remédio veterinário, no sal, contra berne¹⁰³. Óleo e resina^{152, 19, 130} extraída por cortes na casca, é igual à industrial, importada para incenso, bálsamo e verniz^{152, 198}, cicatrizante e insetífuga¹⁰³.

Cultivo: Semente viável por 90 dias, germina em 20¹³².

Ocorrência: muito freqüente, caapões e cordilheiras, todas sub-regiões. Cit. ant.^{174, 95, 186, 53, 61, 62}.

Distribuição: amazônica de ampla dispersão no Brasil, em mata seca e cerradão, solos arenosos^{197, 101, 132}, e América do Sul, das Guianas e Colômbia à Argentina^{19, 130}.





Cactaceae

Cereus peruvianus Mill.

“URUMBEBÁ”, “arumbeva”, “mandacaru”

AP 5725

Etimologia: Cereus=círio, tocha¹¹; peruvianus=do Peru; mandacaru=nome tupi⁷⁴, assim como urumbeba.

Cacto ereto, 2-6 m alt., na morraria calcária atinge porte arbóreo (até 16 m¹⁹). Flor noturna (atrai morcegos e muitos besouros) set-abr, fruto out-mai.

Utilização: Fruto comestível (agridoce), mas um pouco difícil de encontrar maduro, pois é alimento de aves, que o disseminam. No Chaco fazem-se xarope e doce de fruto de cactos. Do caule faz-se doce e pode ser comido cru⁴⁵, pétalas também comestíveis.

Forrageira, queimados os espinhos⁴⁵.

Peitoral, tem vitamina C⁴⁵. Suco de cacto, sendo naturalmente estéril, serve para limpar feridas e parar sangramento (contraí veias)²⁴².

Ornamental, bom para porta-enxerto de outros cactos⁵⁸.

Serve para cerca viva⁴⁵. Madeira para portas decorativas¹⁰⁸, mas na planície não forma tronco suficiente.

Cultivo: fácil, propaga-se por pedaços⁵⁸.

Ecologia: aumenta em anos secos; uma vez estabelecido, pode sobreviver onde alaga, mas fica amarelado e decadente.

Ocorrência: freqüente, borda e clareiras em cerradão (não no do leste) e matas, solos arenosos, às vezes em campo alagável (amarelado) ou epífita (sinal de ornitocoria). Cit. ant. 102,105,174,53,135,219,169.

Distribuição: Peru, PI a SP e MT^{19,45}, Uruguai e Argentina⁵⁸.



Cactaceae

Opuntia bergeriana Weber

VJP 432, id. J.A. Lombardi.

Etimologia: Opuntia=cidade grega¹¹; bergeriana=homenagem ao cactólogo alemão Berger.

Cacto 0,4-1,2 m alt., flor out-dez.

Utilização: Apícola, mas a flor fica cheia de muitos outros insetos. Potencial ornamental. Fruto comido por aves, dispersoras; comestível.

Cultivo: propaga-se via vegetativa, como aliás já acontece ao natural, a planta vai tombando e enraizando.

Ocorrência: encontrada somente na sub-região do Nabileque, solos argilosos, férteis, freqüentemente salinos.

Distribuição: Chaco.

Outra sp.: *O. retrorsa*.

Cactaceae

Pereskia sacharosa Gris.

AP 5306

Etimologia: Pereskia=homenagem ao prof. Peiresc¹¹; sacharosa=rosa dos cachorros, nome indígena argentino⁵⁸.

Arvoreta 4 m alt., caducifolia, flor out-mar.

Utilização: Um pouco forrageira. Fruto comestível e alimento de aves, dispersoras. Ornamental, às vezes cultivada, serve para cerca viva⁵⁸. É do mesmo gênero de "ora-pro-nobis" (*P. aculeata*, *P. grandifolia*), de folhas comestíveis²⁴⁶, às vezes cultivada em sede de fazendas.

Cultivo: Propaga-se por estaca.

Ocorrência: Jacadigo. Cit. ant.^{102,169}.

Distribuição: cerrado, Argentina e Paraguai⁵⁸.

Outras cactáceas: *Aporocactus flagelliformis*, *Harrisia bonplandii*, *Monvillea saddiana*²⁰⁶.



Capparidaceae

Capparis retusa Gris.

AP 4450, id. D.E. Prado, conf. A.M. Radovancich.

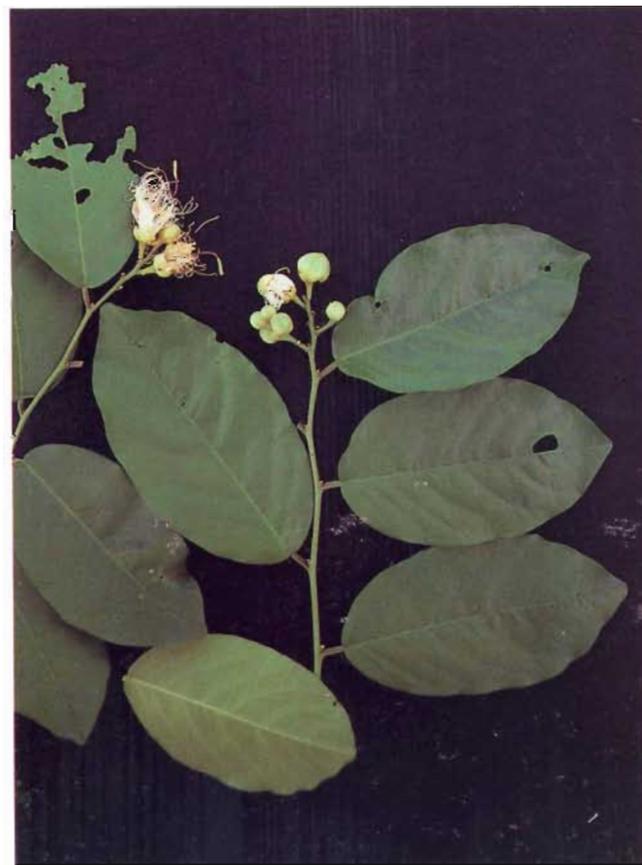
Etimologia: Capparis=kabar=cabeça, relativo ao botão floral¹¹, mesma origem árabe de alcaparra (al capara); retusa=com um pequeno recorte no ápice (folha)¹⁹⁹.

Arbusto ou arvoreta 1,5-4,0 m alt. Flor out-jan. Fruto parece uma vagem (característica desta espécie²⁴).

Utilização: Potencial ornamental. Pouco forrageira. Índios do Chaco comem o fruto fervido²⁴. É do mesmo gênero da alcaparra (*C. spinosa*), mas há espécies tóxicas, outras medicinais^{103,44}.

Ocorrência: caapões das sub-regiões de Abobral, Miranda, Aquidauana, Nabileque, solos arenosos ou argilosos, férteis, às vezes calcários ou salinos. Cit. ant.¹⁷⁵.

Distribuição: Chaco, Argentina, solos salinos^{57,24,182}.





Capparidaceae

Capparis speciosa Gris.

“MANGABA-BRAVA”, “pau-verde”

AP 4449. id. conf. D.E. Prado. conf. A.M. Radovaneich

Etimologia: gênero idem; speciosa=brilhante (folha).

Árvore ou arbusto 1,5-5,0 m alt., ramos verdes (donde um dos nomes vulgares), flor ago-dez, fruto nov-fev.

Utilização: Apícola. É pastada quando escasseia o capim. Fruto comido por galinha, porco e animais silvestres. Potencial ornamental.

Ecologia: Rebrotar após corte ou fogo.

Ocorrência: freqüente, borda de mata e caapões (Abobral, Aquidaunana, Nabileque) não inundáveis, solos arenosos ou argilosos, férteis, e mata inundável no Nabileque, solos alcalinos; também na morraria calcária. Cit. ant. 175.

Distribuição: mata ciliar de Chaco¹⁸².



Capparidaceae

Capparis tweediana Eichl.

AP 4451. id. conf. D.E. Prado. conf. A.M. Radovaneich

Etimologia: gênero idem; homenagem ao botânico francês Tweedie.

Arbusto 1,5-4,0 m alt., copa ampla, às vezes meio apoiante. Flor em grande parte do ano. Distingue-se pela flor amarela e folha cinzenta.

Utilização: Forrageira¹⁸², mas aqui não parece muito apreciada pelo gado vacum, exceto na falta de pasto. Raiz com alcalóide caparina e um glicosídeo tóxico²⁴. Grande potencial ornamental.

Ecologia: aumenta em área mexida ou desmatada, rebrotar após corte e fogo.

Ocorrência: restrita ao sul, freqüente, entre Jacadigo e Porto Murtinho. Cit. ant. 105, 175, 18.

Distribuição: mata ciliar²⁴, Chaco argentino¹⁸², Bolívia, Sul do Brasil⁴⁵.

Outra sp.: *C. cynophallophora* (morraria calcária).

Capparidaceae



Cleome guianensis Aubl.

AP 4132, id. A. Schinini.

Etimologia: Cleome=provavelmente do grego, colina⁵⁸; guianensis=das Guianas.

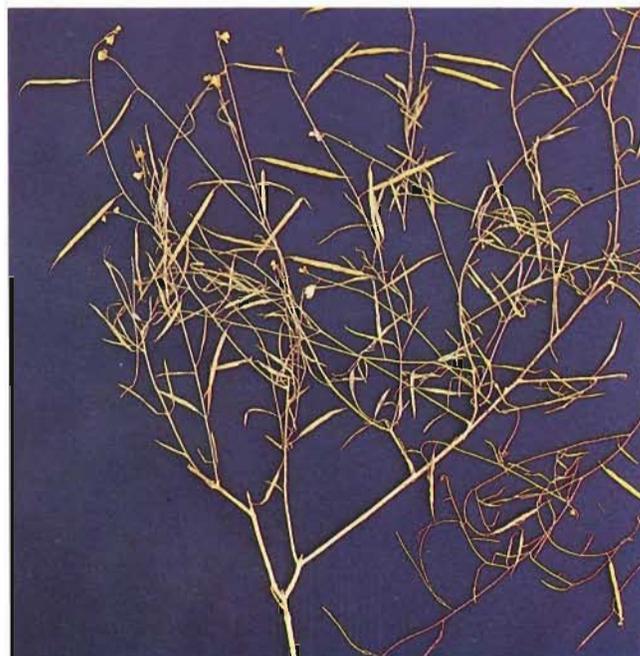
Erva 15-30 cm alt., anual, flor e fruto na estação chuvosa.

Utilidade: Forrageira eventual. Apícola de menor valor.

Ecologia: Aumenta com degradação.

Ocorrência: restrita ao Sul do Pantanal. Solos argilosos férteis.

Distribuição: chaco até Guianas.



Capparidaceae



Cleome spinosa Jacq.

AP 3857, id. L.P. de Queiroz.

Etimologia: Gênero idem; Cleome=provavelmente do grego, colina⁵⁸; spinosa= espinhosa.

Erva ereta 0,5-1,2 m alt., espinhenta (acúleos), flor na estação chuvosa.

Utilização: Apícola. Ornamental, já cultivada ("mussambê"). Evitada pelo gado⁴.

Semente contém substâncias picantes, serve de mostarda; é estomacal e sara feridas¹⁰³. Folha cáustica, comestível após fervura¹⁶²; estimula a circulação onde esfregada^{19,131}; "chá" fortificante, estomacal e contra gases; aplicada moída, alivia dor de cabeça; suco aspirado pelo nariz "descarrega a cabeça" e com óleo reduz surdez¹⁶². Flor contra tosse; raiz contra tosse, asma e bronquite^{19,4,188,131,165}. A planta toda é estimulante da digestão, sara feridas (uso ext.)¹³¹.

Ecologia: Indicadora de perturbação, pois aumenta em área mexida, principalmente se o solo for trabalhado. É invasora de cultivos⁷. Cresce a pleno sol, diminui em campo sem bovino, quando o capim se avoluma.

Ocorrência: freqüente, campos inundáveis, paratidal, carandazal, solos argilosos, férteis.

Distribuição: América tropical⁴⁵, locais úmidos, AM a SP^{19,7}.

Outras spp.: *C. affinis* ("espinho-de-sogra", ruderal), e deve haver mais espécies do grupo *C. spinosa*.



Capparidaceae

Crataeva tapia L.

CABACEIRA”, “cabaceira-do-pantanal”,
“cabeceira”

AP 6971

Etimologia: tapia=glande, testículo¹⁹, ou pente, no Paraguai¹³⁰; “cabaceira”=fruto como pequena cabaça (porongo).

Arvoreta a árvore, 2-6 m alt., flor ago-nov, fruto jan-mai (cheia). Folha, lenho e fruto têm odor de alho¹⁰⁴, por isto “pau-alho” no PR¹³⁹.

Utilização: Fruto comestível^{140,46,103}, de sabor agri-doce¹⁰⁴ pouco agradável²⁰¹ e cheiro nauseabundo, serve para bebida vinosa^{82,46} e refresco¹⁰⁴. Não se encontrou quem o tivesse experimentado. Pode ser usado como alho¹²⁴. Comido por porco, dá sabor de alho à carne¹⁰³. É comido por bugio⁹⁶, aves (incluindo galinha) e pacu, sendo usado como isca. Apícola, cheia de abelhas no fim da tarde.

Madeira esbranquiçada, dens. 0,56, meio dura, racha facilmente, pouco durável^{187,148}, serve para carpintaria^{46,187}, construção interior⁴⁶, forro¹³⁹, caixote⁴⁶ e canoa¹³⁹. Ornamental^{104,148}.

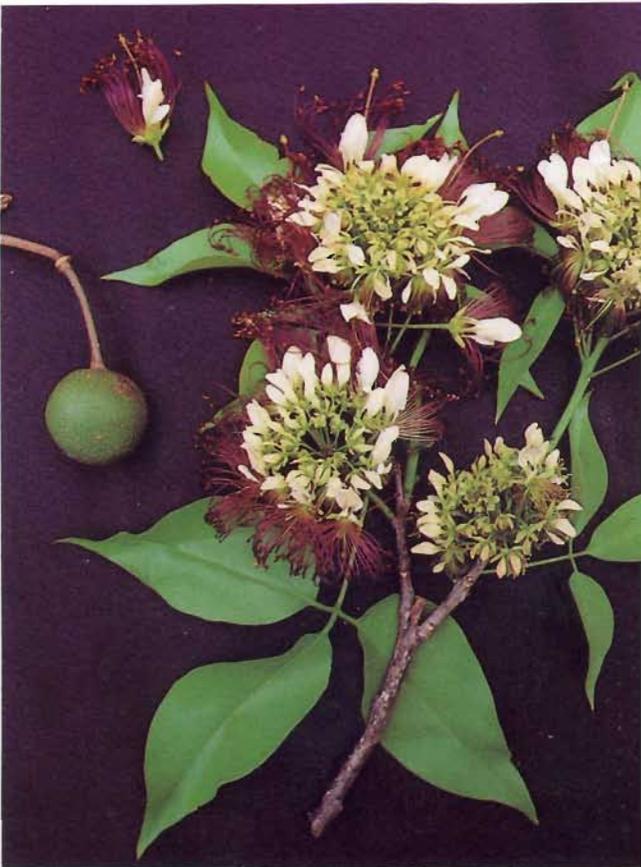
Fruto serve para xarope peitoral e antifebril¹⁰⁴; casca amarga, tônica e febrífuga⁴⁶, cáustica para emplastro contra infecção de unha e dor de cabeça^{140,201}; folha contra impaludismo¹⁴⁸, suco da folha contra “mal-del-culo” (hemorróidas)¹⁴⁰.

Ecologia: Sinal de solo fértil¹³⁹, mais ou menos salobro¹⁰⁴, coerente com a cinza rica em potássio¹³⁹.

Aumenta em área mexida, mas é sensível a fogo.

Ocorrência: esparsa, mata ciliar de rios e corixos, solos argilosos férteis. Cit. ant.^{151,105,175,169}.

Distribuição: México à Argentina^{187,106}, no Brasil em PA, PE a SP e MT (e MS)⁴⁶, mata ciliar do Chaco^{182,175}.



Caricaceae

Jacaratia corumbensis Kze. "MAMÃOZINHO"

VJP 29, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: Jacaratiá=nome indígena, yaca=cabeça, rati=chifre, a=fruta⁵⁷, ou yara-cati-á=o que solta cheiro¹⁹; corumbensis=de Corumbá, MS; mamãozinho=pequeno mamão (que significa mama ou teta grande, em Português).

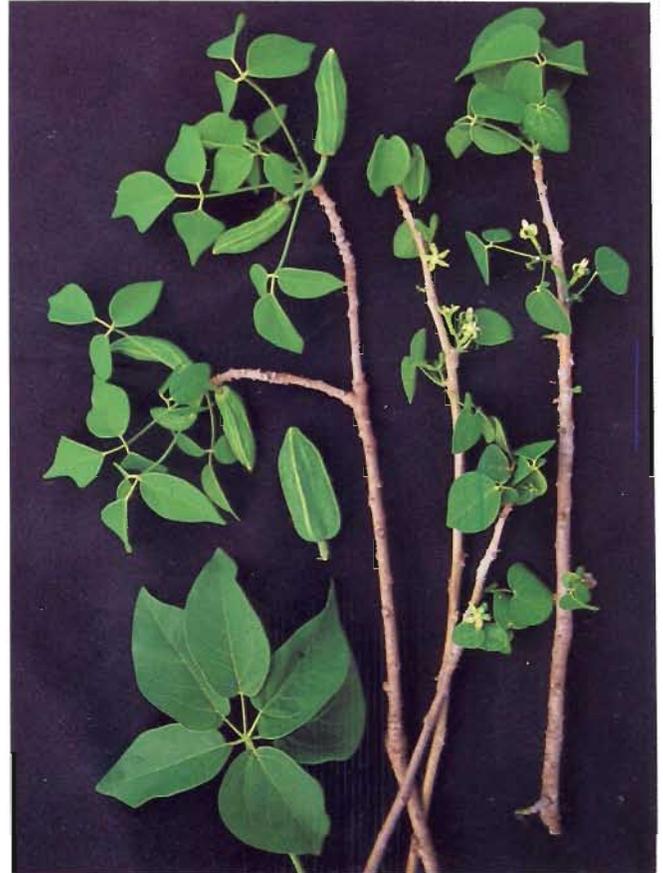
Arbusto a árvore de 1-10 m alt., folha caduca; unissexuada, flor ago-nov, fruto set-jan.

Utilização: Fruto comestível¹⁶⁹, de 3-6 cm compr., saboroso, difícil de encontrar no ponto porque é alimento de aves, que são as dispersoras. Tem potencial para cultivo. É da família do mamão cultivado (*Carica papaya*), que também ocorre, não nativo, mas subspontâneo, em área perturbada (roça, estrada), em solos férteis.

Apícola. Forrageira. Raiz carnosa, com reserva de água, procurada por animais na seca, e também pelo homem no Chaco paraguaio^{73b}.

Ocorrência: esparsa, mata semidecídua de salina, solo fértil; comum na morraria calcária. Cit. ant.^{174,169}.

Distribuição: endemismo chaquenho no sentido amplo, existente no N da Argentina, SE da Bolívia, E do Paraguai e SW do Brasil, em solo arenoso ou calcário, em locais secos^{73b}.



Caryocaraceae

Caryocar brasiliense Camb.

“PEQUI”, “piqui”, “pequizeiro”

Valls 9218.

Etimologia: caryon=noz + kara=cabeça (fruto globoso)¹¹; brasiliense=do Brasil; pequi=nome tupi, py=pele, qui=espinho¹⁹.

Árvore ereta 5-15 m alt., copada, tronco até 80 cm diâm. Flor mal cheirosa, polinizada por morcegos, out.-fev; fruto dez-fev, 1-5 sementes.

Utilização: Fruto comestível, cheiroso, que dá os típicos licor e arroz com pequi. Cru, cuidado com os “espinhos” (acúleos). Tempero de carne⁴ e feijão, enriquecendo-o de proteínas (seg. CPAC-EMBRAPA). Tem dois óleos: da polpa (40-55%), para cozinha, e da amêndoa (40%), perfumado, para cosméticos (seg. CPAC).

É a fruta mais rica em vitamina A⁽⁵⁾, mais do que gema de ovo, além de vitaminas B₁, B₃⁽¹⁹⁴⁾ e C (seg. EMBRAPA-CTAA). A tribo dos caiapós aumenta após a festa do pequi, mas há crianças “civilizadas” cegas por falta de vit. A. O óleo guardado em frasco escuro mantém a vit. A. Excelente fortificante¹⁹⁴, equivale ao óleo de fígado de bacalhau^{2a}. O queijo de pequi dura mais de 1 ano²⁰¹. Óleo em massagem contra reumatismo²⁰¹, polpa contra gripe^{223,208} e doenças respiratórias⁵², licor estomacal¹⁰³, casca febrífuga e diurética²⁰⁸. Caule contém esteróides-triterpenóides, saponinas¹⁰⁷.

Flor comida por veado mateiro. Vaca come o fruto, ferindo-se nos “espinhos”¹⁰³; o leite fica amarelo e com cheiro¹⁰⁴.

Madeira usada para cocho e curral; tem “pêlos” que dão coceira. Durável no solo⁵, mas na areia do Pantanal dura apenas na baixada. Boa para xilografia, construção civil e naval^{45,132} e marcenaria fina⁵, tem tanino e corante^{45,4}. Bom para reflorestamento^{103,5}, cresce agrupado⁴⁵.

Cultivo: conhecido^{5,132}, germina em 1-8 meses¹⁹⁴.

Ecologia: Rebrotar após corte. Aumenta em anos secos.

Ocorrência: abundante, cerrado, solos arenosos. Cit. ant.179, 53,174,186,135,219,61,62.

Distribuição: cerrado, cerrado^{197,101,77} e campo-cerrado, GO, MT, MS, SP e MG¹³².



Cecropiaceae (Moraceae)

Cecropia pachystachya Trec.

(=*C. adenopus*)⁽²⁴⁾

“EMBAÚBA”, “embaúva”, “embauveira”

AP 1924, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Cecrops=filho da Terra, meio homem e meio serpente, ou chamar (caule oco para instrumento de sopro)¹¹; pachystachya=espiga grossa; embaúba, de ambaíba=árvore ôca, em tupi⁷⁴.

Árvore ereta, 5-15 m alt., copa aberta, ramos horizontais, ocos, cheios de formigas (*Azteca*²⁴). Raízes-escora. Pé macho e pé fêmea, flor quasc no ano todo.

Utilização: Excelente forrageira, a vaca come até o galho. Elevado teor de cálcio (1,33%) e magnésio (0,38%), médio de fósforo (0,22%), cobre (10 ppm) e zinco (19 ppm), e de proteína (14%PB), para bovino¹⁷¹.

“**Fruto**” comestível, sabor de figada (maduro), alimento de bugio, morcegos, tucano, arancuã e outras aves, que a semeiam. Apícola¹⁵⁵, dá pólen, também para muitas abelhas nativas¹⁶⁷.

Lixa (de guampa de tererê), embira, flutuador de caixão de peixe. Madeira muito leve, boa para papel, lápis, brinquedos¹³², palito de fósforo, pólvora^{44,187,130}; corante, tanino¹⁶². Ornamental¹³².

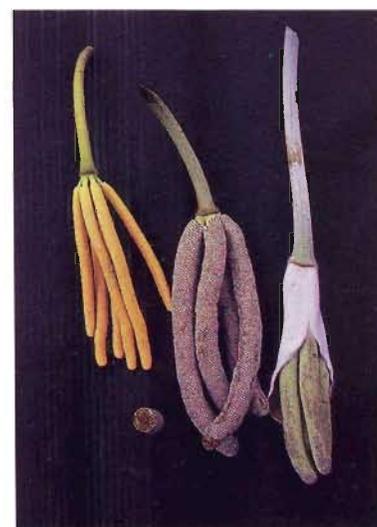
Uso medicinal: remédio para coração (folha), bronquite (flor) e tosse (broto). Suco da raiz aumenta a força do coração e a urina, e melhora a falta de ar^{19,81}. Folha e casca contra tosse e asma⁵⁹; fruto, folha¹⁶² e broto contra feridas⁸², erisipela, doenças de olhos¹⁴⁰, diabetes, diarreia e corrimento⁴⁷. Contém alcalóides, resinas e ác. gálico⁸¹ e outros princípios¹⁰⁷.

Cultivo: Dá muita semente, de menos de 1 mm; deixá-la 24 h em água antes de semear²²⁷, germina em 25-40 dias¹³², fácil transplante.

Ecologia: Pioneira, crescimento rápido, rebrota após cortes quando nova. Morre com fogo alto. Por ser muito pastada, as plântulas vingam no “gravateiro” (*Bromelia*), mas sem bovino começa a crescer fora da proteção. Indica lugar para poço, diz o pantaneiro.

Ocorrência: comum em todas sub-regiões, mata ciliar inundável, caapões e borda de cordilheira, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.186,53,219,169,61,62.

Distribuição: CE a MS e SC¹³², Paraguai e Argentina^{59,24,130}.



Chrysobalanaceae



Couepia grandiflora (Mart. et Zucc.) Bth. “GENCIANA”, “suquiana”

AP 4376, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Couepia=nome na Guiana¹²; grandiflora=flor grande; genciana=nome de plantas medicinais.

Árvore 3-8 m alt., casca com cortiça. Flor ago-out (às vezes até abr), fruto dez-fev.

Utilização: Muito pouco forrageira, exceto a rebrota, bem comida por bovino. Apícola. Fruto apreciado por morcegos^{45,132} e bovino; comestível, adocicado, sabor lembra pequi. Semente adstringente²⁰⁸.

Madeira meio pesada, dura, durável¹³², para carpintaria, construção civil e naval, dormentes, e obras na água ou umidade^{45,132}, mas não usada na região. Ornamental¹³².

Cultivo: Semente de vida muito curta, germina em 1 mês, crescimento lento¹³¹. Pode ser útil na fixação de dunas⁴⁵.

Ecologia: Aumenta com perturbação. Tolerância fogo.

Ocorrência: freqüente em cerradão e campo cerrado, solos arenosos. Cit. ant.^{174,61,62}.

Distribuição: amazônica de ampla dispersão¹⁹⁷, cerrados^{176,101}, PI a SP e MS^{45,132}, Bolívia¹¹⁴.



Chrysobalanaceae

Couepia uiti (Mart. et Zucc.) Bth. “PATEIRO”

AP 3762

Etimologia: gênero idem; uiti=nome indígena.

Árvore 3-6m alt., de copa larga e baixa. Flor ago-nov.

Utilização: Não é pastada. Abrigo de patos (daí o nome comum) e outros animais. Potencial ornamental. No gênero há espécies úteis, p. ex., duas do N e NE com frutos vendidos para fazer doce, como marmelo¹⁰⁴, e a “oiticica”, que produz óleo secante¹⁹⁸, nada constando sobre esta.

Ecologia: Considerada invasora de pastagem nativa¹, por ser colonizadora de campos baixos de bom pasto; sendo ramificada e fechada até o chão, mata as gramíneas por sombreamento, pelo que a queimada já não atinge o tronco. Sensível ao fogo na fase jovem. Rebrota após corte.

Ocorrência: abundante em campos arenosos de inundação fluvial, canjiqueiral, mata ciliar de corixos e rios menores. Cit. ant.^{179,1,61,62,18}.

Distribuição: amazônica de ampla dispersão¹⁹⁷, do PI a BA⁴⁵, em savanas, cerrados, areias e rochas ribeirinhas no Brasil central e NE, e Paraguai¹⁷⁶.

Chrysobalanaceae

Hirtella glandulosa Spreng.

AP 6511, id. conf. C. Proença, conf. J.A. Ratter.

Etimologia: *Hirtella*=de *hirtus*, pêlo rijo¹²; *glandulosa*=com glândulas (inflorescência).

Arbusto 3-4 m alt., denso, copa larga, ramos meio pendidos e apoiados, inflorescência pegajosa, flor e fruto no início da estação chuvosa.

Utilização: Potencial ornamental. Fruto comido e disseminado por aves.

Ecologia: Parte aérea sensível ao fogo, mas não é totalmente atingida porque não crescem gramíneas à sua sombra.

Ocorrência: borda de caapão e de cerradão, não alagável, solos arenosos, parte leste.

Distribuição: cerradão de solo pobre^{101,185,186}.



Chrysobalanaceae

Licania minutiflora (Sag.) Fritsch “CEDRO-D'ÁGUA”

AP 3456, id. J.A. Ratter.

Etimologia: *Licania*=nome vulgar na Guiana¹²; *minutiflora*=flor miúda.

Árvore ereta 6-15 m alt., folha nova abr.; flor ago-out, fruto na estação chuvosa.

Utilização: Apícola. Pouco comida por bovino. Madeira não usada na região, apesar do nome vulgar, que às vezes também é dado para “guanandi” (*Calophyllum brasiliense*).

Ocorrência: esparsa a freqüente, caapão e cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{174,61,62}.

Distribuição: floresta não inundada nas Guianas e Amazônia¹⁷⁶.





Chrysobalanaceae

Bicania octandra (Hoffm.) Kze. “ROXINHO”, “cinzeiro”, “cabeludinho”

AP 4277

Etimologia: gênero idem; octandra=oitos estames.

Árvore caducifolia, tortuosa, 2-6 m alt., geralmente com muitos ramos terminais secos, casca com cortiça rugosa cinza clara, bem roxa ao corte, donde “roxinho”; em geral floresce pouco, ago-set, fruto nov-dez. A subespécie *pallida*¹⁷⁹ é muito semelhante à “pimenteira” (*L. parvifolia*).

Utilização: Apícola. Pouco pastada, folha muito dura (estala ao ser esmagada). Usada para lenha. Extrato da casca é usado por índios para endurecer cerâmica¹⁷⁶.

Ecologia: tolera fogo.

Ocorrência: freqüente, caapões de cerrado, cerradão ralo e borda de cerradão, às vezes em agrupamentos em caronal, solos arenosos. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: amazônica, de ampla dispersão, Guianas, Venezuela, Amazônia, Nordeste e Brasil Central, comum em mata de galeria^{179,176}.



Chrysobalanaceae

Bicania parvifolia Huber “PIMENTEIRA”

AP 4463, id. C.N. da Cunha.

Etimologia: gênero idem; parvifolia=folha pequena; pimenteira= fruto semelhante a uma pimenta.

Árvore 4-10 m alt., tronco geralmente ramificado. Folha muitas vezes com desenho característico de inseto minador. Flor mai-jul, às vezes parcial até nov ou fev, fruto out-dez e também escalonado.

Utilização: Forrageira, apesar da folha ser meio dura. Em geral, a copa está podada por baixo pelo gado vacum. Excelente apícola. Fixa margem de rios; abrigo de patos e outros bichos. Fruto (flutua) comido por peixes.

Ecologia: Considerada invasora, por dificultar a vida com o gado, e por avançar (pioneira) sobre a pastagem nativa, em planícies de inundação de rios, corixos e vazantes.

Ocorrência: todas sub-regiões, solos arenosos e siltosos, muitas vezes dominante formando pimenteira. Cit. ant.^{179,1,53,96,219,61,62,18}.

Distribuição: espécie amazônica, de mata de galeria, de grande dispersão¹⁷⁶, também no ‘humedal’ do norte da Bolívia¹¹⁴.

Cochlospermaceae

Cochlospermum regium (Mart et Schl.) Pilg. “ALGODÃOZINHO-DO-CERRADO”, “algodãozinho”

AP 4373

Etimologia: Cochlospermum=semente em forma de caracol¹¹; regium=régio (beleza da flor).

Arbusto 0,5-2,0 m altura, com raiz engrossada e caule subterrâneo^{241,197}, que o torna resistente a fogo e pastejo. Semente pilosa, donde vem o nome popular. Flor mai-set, quando sem folhas.

Utilização: Forrageira bem aceita por bovino. Grande potencial ornamental.

Uso medicinal: raiz purgativa. Serve contra albumina na urina²³⁸. Chá considerado depurativo⁹⁵, casca para compressa em abscessos²⁰⁸. Cuidar que há outro “algodãozinho” (*Brosimum*).

Ecologia: Sobrevive à derrubada do cerrado, nas leiras.

Ocorrência: esparsa, solos arenosos, não alagáveis. Cit. ant.^{174,61,62}.

Distribuição: flora dos Cerrados^{241,76,101,196}, também Bolívia¹¹⁴.



Combretaceae

Buchenavia tomentosa Eichl.

“TARUMARANA”

Ratter 5088. id. J.A. Ratter.

Etimologia: homenagem ao botânico Buchenau; tomentosa=pilosa (folha); tarumarana=falso tarumã.

Árvore 5-15 m alt., ramos longos em andares, caducifolia, folha nova em out e abril; flor set-dez, fruto abr-ago, mas geralmente frutifica pouco, conforme o ano.

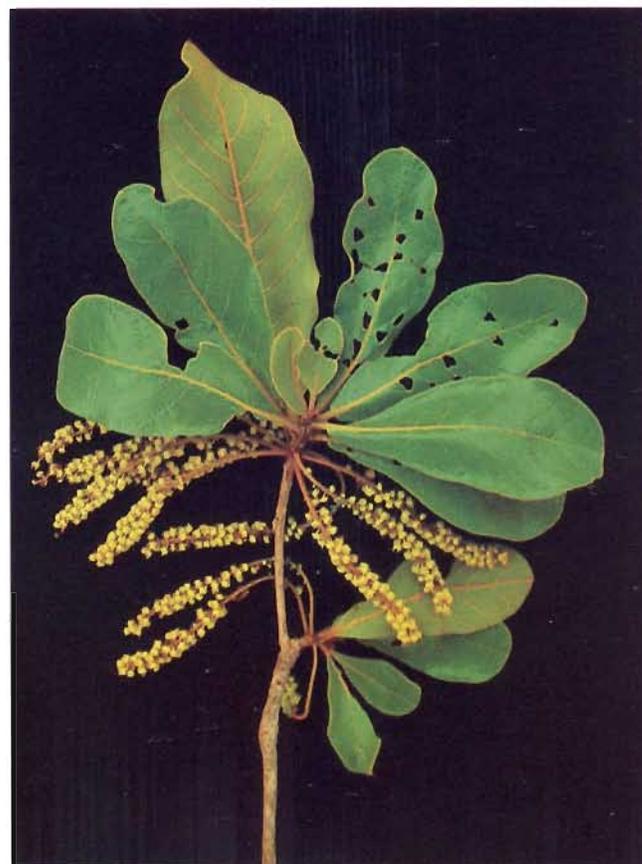
Utilização: Fruto comestível, ácido, bom para refresco e matar a sede no campo. Folha usada como substituto de chá. Madeira para varas de porteira, caibros, tábuas, lenha boa. Embira. Apícola. Raramente pastada.

Cultivo: Propagação por semente, germinação em poucos dias, com folhas cotiledonares cordiformes 3,5 cm diâm.

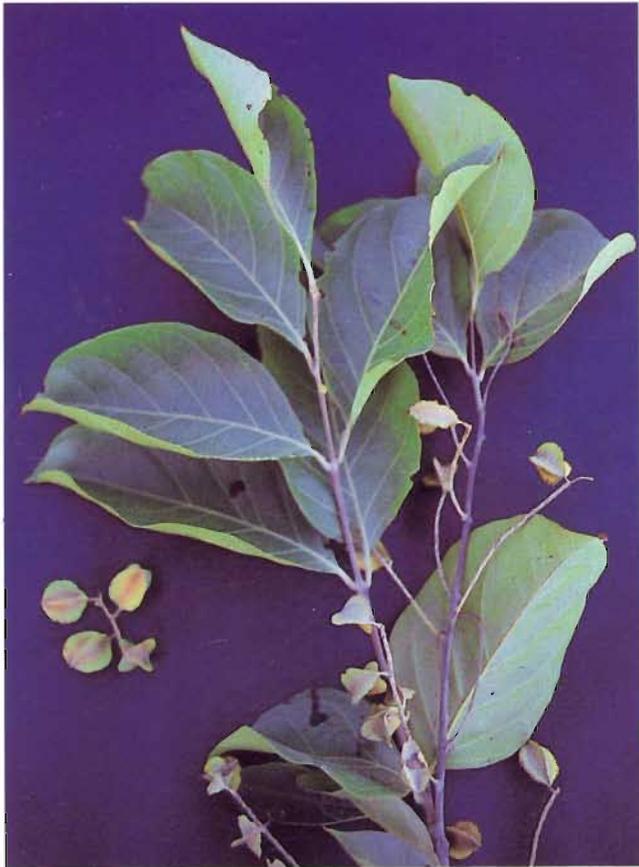
Ecologia: Tolerante a fogo. Cortada, rebrota. A população aumenta em anos secos, invadindo campos.

Ocorrência: abundante em cerradão, campo cerrado, caronal, caapão de cerrado, solos arenosos. Cit. ant.^{179,174,53,61,62}.

Outras spp.: *B. capitata*¹⁷⁹, *B. oxycarpa*⁵³.



Combretaceae



 ***Combretum discolor*** Taub.
"POMBEIRO-DO-CERRADO"

AP 6422

Etimologia: Combretum=antigo nome latino⁵⁸; discolor=de cor diferente (lados da folha).

Arbusto com ponta meio trepadora, formando moitas de 1,5-2,5 m alt.; flor na época chuvosa, fruto na seca.

Utilização: Apícola. Muito pouco pastada.

Ecologia: Rebrotta após fogo ou roçada. Aumenta com desmatamento, sendo invasora de pastagem cultivada.

Ocorrência: freqüente, cerradão e caapões de cerrado, solos arenosos.

Combretaceae



 ***Combretum duarteanum*** Camb.

AP 5450

Etimologia: gênero idem; duarteanum=homenagem a Duarte.

Arvoreta 3-5 m alt., ereta, casca lisa; flor out-dez, fruto dez-jan.

Utilização: Apícola. Potencial ornamental. Não vista pastada (insuficiente observação).

Ecologia: Sensível ao fogo.

Ocorrência: freqüente em borda de mata semidecídua, encontrada até o momento somente na sub-região de Aquidauana, já quase na transição planície/planalto. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: Paraguai (coleta de Fiebrig, Herbário de Edinburgo).

Combretaceae

Combretum lanceolatum Pohl

“POMBEIRO-VERMELHO”, “pombeiro”,
“mel-de-pomba”, “remela-de-macaco”⁹⁶
“pombeiro-branco”

AP 2963

Etimologia: gênero idem; lanceolatum=em forma de lança (folha).

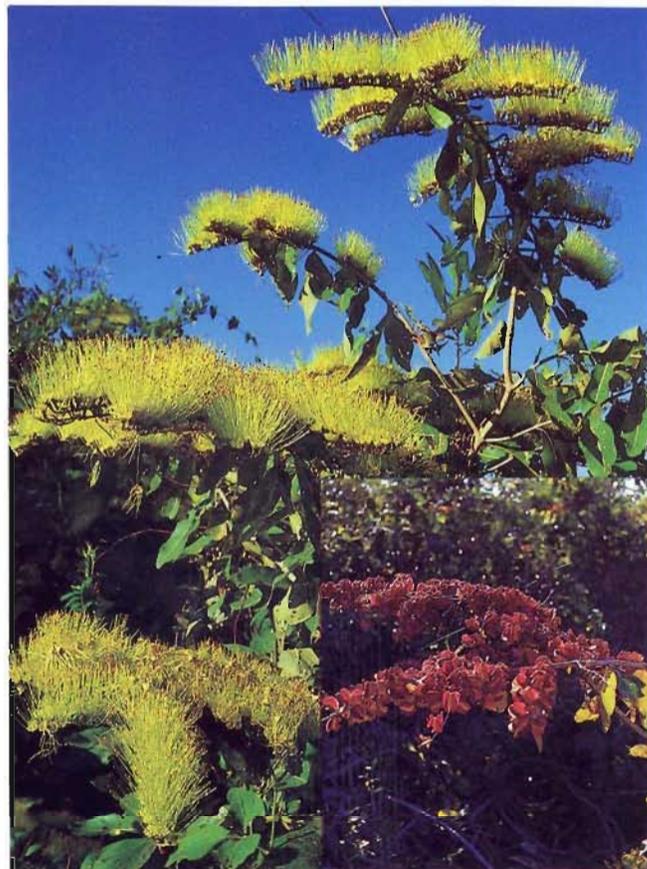
Arbusto trepador, 1-8 m alt., pode formar moitas. Flor abr-ago, fruto vermelho (daí “pombeiro-vermelho”) ago-nov.

Utilização: Apícola. Grande potencial ornamental, tanto pela flor como pelo fruto, vermelho. Aves, p. ex. pombas (donde “pombeiro”), comem estames. Néctar da flor atrai macaco-prego⁹⁶, origem de um dos nomes comuns. É abrigo de fauna, p. ex., capivara. Não é usada como remédio. Há espécies tóxicas⁹². Praticamente não é pastada.

Ecologia: Considerada invasora porque sombreia e elimina o pasto, principalmente na sub-região de Poconé. Rebrotar após cortes e fogo.

Ocorrência: abundante, espinheiral, pombeiral, mata ciliar e campos inundáveis por rio, solos argilosos. Cit. ant.¹⁷⁹, 53,96,18.

Distribuição: ocorre no Nordeste¹³⁴.



Combretaceae

Combretum laxum Jacq.

“POMBEIRO-BRANCO”, “pombeiro-preto”, “cipó”

AP 3265, id. conf. A. Schinini.

Etimologia: gênero idem; laxum=inflorescência laxa, aberta.

Trepadeira 3-10 m alt., ou arbusto ereto 1-2 m após fogo ou se não tiver suporte, pode formar conjuntos densos. Flor jul-out, muito odorosa, perceptível à distância; fruto dez-fev.

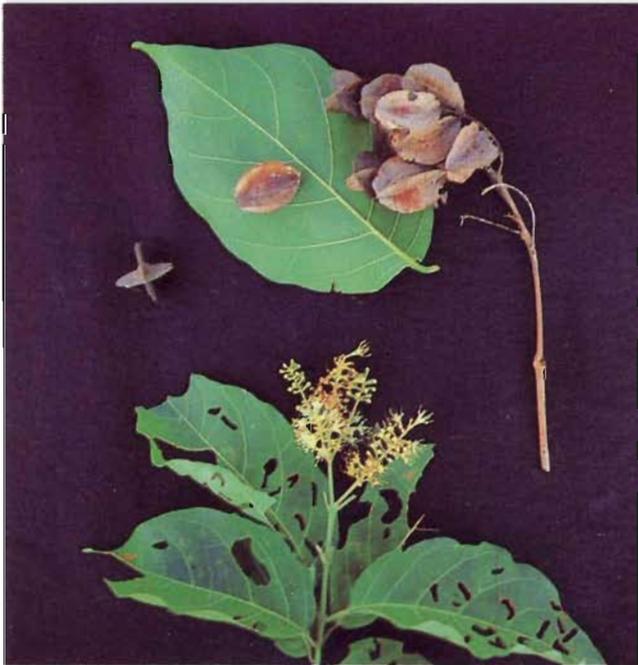
Utilização: Muito apícola. Abrigo de fauna. Não é considerada remédio. Dificilmente é pastada.

Ecologia: Invasora de campos alagáveis por água de origem fluvial. Sensível ao fogo, mas rebrotar, sendo que o fogo geralmente não a atinge porque à sua sombra quase não cresce capim.

Ocorrência: abundante, borda de caapões e vegetação ciliar, alagáveis, solos argilosos. Cit. ant.^{96,61,62,18}.

Distribuição: ampla, mata ciliar e carnaubais do NE⁶⁵, Argentina⁵⁷, alagados no Peru¹¹³ e norte da Bolívia⁹⁷, margens de cursos d'água em toda a América tropical¹⁹.





Combretaceae

Combretum leprosum Mart.

“CARNE-DE-VACA”

Ratter 5111. id. J.A. Ratter

Etimologia: gênero idem; leprosum=leproso, caspento¹⁹⁹ (folha com pontos brancos); aspecto de carne da madeira.

Árvore ereta 5-15 m alt., flor jul-nov, fruto set-mai.

Utilização: Madeira serve para tábuas. Apícola (néctar). Raramente pastada. Potencial ornamental^b. Folha e entrecasca tidas como medicinais contra hemorragia, fazem suar e são calmantes^{45,19,6}.

Ocorrência: freqüente, cerradão, mata semidecídua, solos arenosos férteis, argilosos na morraria calcária. Cit. ant. 179,174,186,96,61,62,18.

Distribuição: xerófila própria da caatinga, capoeira no Nordeste⁶, cerrado PI e MA¹⁹⁷ à BA⁴⁵, mata calcária¹⁸⁶.

Combretaceae

Terminalia argentea Mart et Zucc.

“CAPITÃO”, “pau-de-bicho”, “capitão-do-campo”

AP 3236. id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: Terminalia=término, fim (folhas aglomeradas na ponta do ramo)^{69,12}; argentea=prateada (folha nova).

Árvore ereta 5-15 m alt., casca enegrecida; flor ago-set, fruto abr-set, espalhado pelo vento. Fruto leva um ano a amadurecer¹³².

Utilização: Apícola. Embira. Madeira usada para varas, caibros, marcenaria, lenha. Madeira meio pesada, dura, para construção^{42,132}. Cinza útil para preparar couros^{42,141} e como soda para sabão. Ornamental¹³².

Uso medicinal: xarope (casca) contra tosse e para o sangue; substituto do chá (casca). Casca contra afta^{103,95,223}, tumores²⁰⁸ e resfriado²³⁸, sendo adstringente^{42,141}. Resina purgativa^{42,141}.

Cultivo: semente dura 8 meses, germina em 45 dias¹³².

Ecologia: Tolera fogo rápido. Rebrotta quando cai ou após corte.

Ocorrência: abundante em cerradão e borda de cordilheira, solos arenosos. Cit. ant. 174,95,186,39,53,96,61,62.

Distribuição: cerradão¹⁰¹ de solo rico em cálcio¹⁸⁶ e mata semidecídua, MA, MG, GO, MS, SP^{46,132} e PR⁶⁹, Bolívia¹¹⁴.

Outras spp.: *T. brasiliensis*⁵³, *T. catappa* (“sete-copas”, cultivada), *T. subsericea*¹⁷⁹.



Commelinaceae

Commelina cf. nudiflora L.

“SANTA-LUZIA”, “erva-de-santa-luzia”

AP 3342, id. comp. com Prance 26078 (CEN)

Etimologia: homenagem aos 2 irmãos botânicos holandeses Commelin⁵⁸, devido às 2 pétalas; nudiflora=flor nua.

Erva rizomatosa, perene, 20-60 cm alt., subereta. Flor durante o ano todo.

Utilização: Forageira bem aceita, tenra, mas tem pouca massa. Tem bom teor de proteína (15%)¹⁰⁰, considerada boa para produção de leite¹⁹. Por ser muito pastada, encontra-se escondida na touceira do “capim-carona” (*Elyonurus muticus*) ou entre arbustos e “gravateiro”. Ornamental⁹⁶. Folha comestível²⁴⁶.

Uso medicinal: secreção da inflorescência usada como colírio (daí o nome comum relativo à proteção dos olhos). Diurética, contra reumatismo, angina, hemorróidas, herpes, verruga, etc.¹³¹ e hemorragia¹⁹.

Cultivo: Propagação vegetativa.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, solos arenosos e argilosos, alagáveis ou não. Cit. ant.^{151,209,179,96}.

Distribuição: quase todo o Brasil, menos Amazônia¹³¹. Seria originária da África¹¹⁵ ou cosmopolita tropical¹⁹.

Outras spp.: *C. erecta*^{61,62}, *C. virginica*¹⁰⁵.



Commelinaceae

Murdannia nudiflora (L.) Bren.

AP 4706, id. R. Faden.

Etimologia: não achada para o gênero, provável homenagem a Murdann; nudiflora=flor nua.

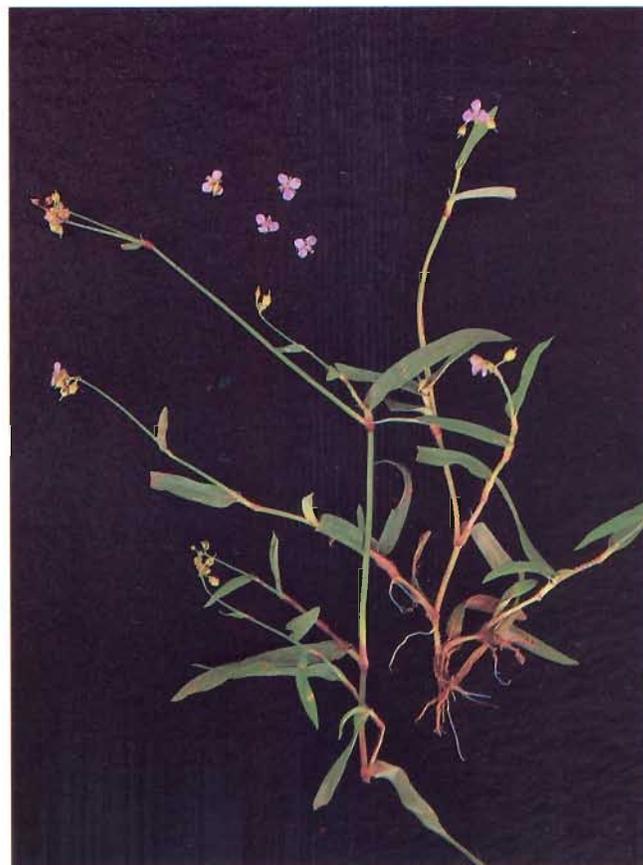
Erva rizomatosa e estolonífera, 10-20 cm alt., floresce quase o ano todo.

Utilização: Potencial ornamental.

Ocorrência: rara, encontrada apenas na fazenda Alegria, Nhecolândia, solo arenoso, não inundável; é o primeiro registro no Brasil (seg. R. Faden).

Distribuição: Ásia e Suriname (seg. R. Faden, Smithsonian Inst.) e Flórida²⁴⁰.

Outra sp.: *Murdannia sp.* (aquática).





Compositae (Asteraceae)

Aspilium latissimum Malme
“MIRASSOL”, “fumeiro”

AP 4485, id. segundo J.U.M. Santos.

Etimologia: *Aspilium*=sem mancha¹³; *latissimum*=muito larga (folha).

Erva ereta 1-2 m alt., folha áspera; flor out-mai, às vezes antes, em função da cheia.

Utilização: Muito apícola. Forrageira para bovino e, principalmente, peixes, como pacu. Potencial ornamental, a flor acompanha o sol, como girassol, donde o nome “mirassol”.

Ecologia: Pioneira na fixação de barranco de rio, na margem em que há depósito de sedimentos.

Ocorrência: abundante, densas manchas na beira de rios e corixos, alagáveis, solos argilosos e siltosos; também em “bacero” (ilha flutuante)¹⁷⁹. Cit. ant.: é a mesma planta às vezes identificada como *Oyedaea trachyphylla*¹⁷⁹.

Outras spp.: *A. floribunda* (carandazal), *A. kuntziana* (chaco).



Compositae

Baccharis medullosa DC.

AP 4743. id. M.G. Lopez.

Etimologia: *Baccharis*=homenagem a Baco, deus do vinho¹³; *medullosa*=cheia de medula.

Erva perene^{23,28}, ereta, 1,0-2,2 m alt.; flor e fruto grande parte do ano.

Utilização: Forrageira bem aceita. Desconhece-se outro uso no Pantanal. É a única espécie de *Baccharis* constatada aqui, das muitas existentes ao Sul, do gênero da “carqueja”.

Ecologia: Aumenta onde o bovino não chega, como entre arbustos de brejo e proteção de cerca; também aumenta com perturbação do solo. Coloniza solo orgânico de fundo seco de lagoa.

Ocorrência: freqüente em paratidal e carandazal, solos argilosos; às vezes em brejos e lagoas em sub-regiões arenosas.

Distribuição: sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, solos úmidos^{23,28}.

Compositae

Bidens gardneri Bak.

“PICÃO”, “picão-do-pantanal”

AP 1524

Etimologia: Bidens=2 dentes (“semente” com 2 ganchos); homenagem ao botânico Gardner.

Erva 0,4-1,5 m alt., podendo ser anual ou perene. Flor e “semente” no ano todo.

Utilização: Boa forrageira, com altos teores de cálcio (0,67%), fósforo (0,44%), magnésio (0,39%), cobre (17 ppm) e zinco (40 ppm), e de proteína (16% PB), para bovino¹⁷¹. É importante em anos secos (seg. Eng. Agr. Glei M. de Barros, Corumbá). Excelente apícola¹⁷⁰, muito visitada e sempre florida. Flor comestível. Potencial ornamental, apesar de ser de um gênero em que há ervas daninhas⁷.

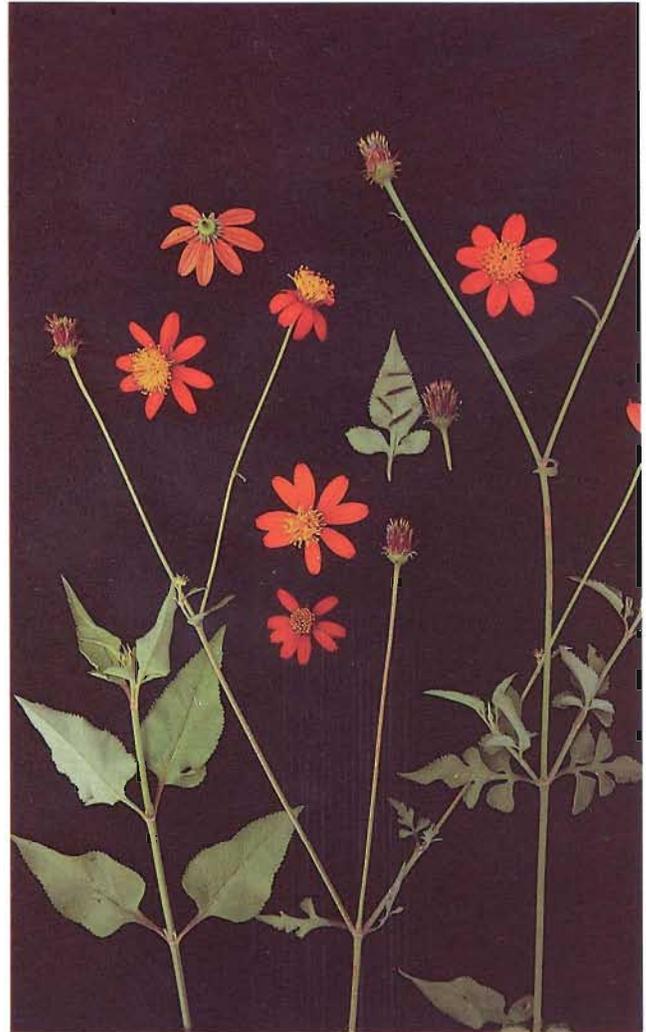
Uso medicinal: diurético, icterícia (banho). Acremucilaginosa, contra úlceras crônicas¹⁰³.

Ecologia: Geralmente encontra-se abrigada do gado bovino no “gravateiro”, pela baixa taxa de rebrota. Aumenta com perturbação, p. ex., após queimada ou desmatamento. Multiplica-se mais em anos secos.

Ocorrência: abundante, borda de cordilheira, em solos arenosos, pouco ou não inundáveis. Cit. ant.^{174,1,61,62}.

Distribuição: flora do Cerrado. Existe no planalto arenoso do alto Taquari, MS.

Outra sp.: *B. pilosa*. Também há *Cosmos caudatus*, semelhante a *B. gardneri*. Ambas são ruderais.



Compositae

Conyza bonariensis (L.) Cronq.

“VOADEIRA”

AP 4653, id. N.I. Matzenbacker.

Etimologia: Conyza=sarna (uso medicinal)¹³; bonariensis=de Buenos Aires; voadeira=semente voa.

Erva anual, ereta, 0,5-1,2 m alt., flor e fruto quase o ano todo.

Utilização: Apícola⁴⁴, o que não foi observado aqui, certamente porque as abelhas têm melhores opções. É um pouco pastada por bovino.

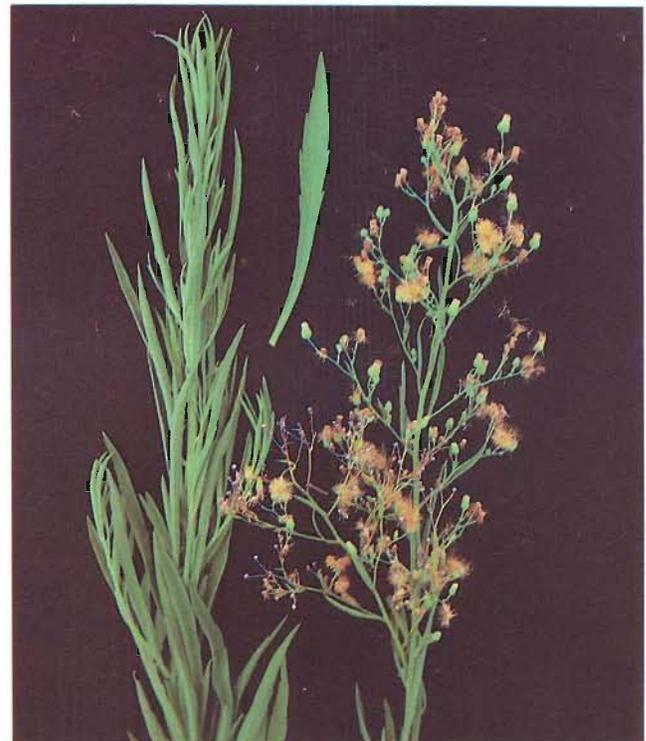
Considerado remédio diurético e contra vermes, diarreia e hemorróidas^{44,131}.

Há espécies inseticidas¹⁰³.

Ecologia: Indicador de perturbação: aumenta em anos muito secos, nas lagoas secas, ou muito chuvosos, onde a água mata vegetação; também em áreas desmatadas e caronal gradeado.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: todo o Brasil¹³¹ e América tropical⁴⁴.





Compositae

Eupatorium hecatanthum (DC) Bak.

(=*Urolepis hecatantha* (DC) King et Robinson)³⁰

AP 4001. id. conf. M.G. Lopez.

Etimologia: homenagem ao rei Eupator, primeiro a usar a planta para o fígado¹³; hecatanthum=cem flores³⁰.

Erva anual^{30,23}, ereta, 0,5-1,5 m alt., piloso-pegajosa, odor lembra "lucera" (*Pluchea*). Flor quase ano todo.

Utilização: Forrageira eventual. Ornamental, cultivada na Europa⁴⁶.

Ecologia: Prefere solo bom e é característica de subsere³⁰ ou sucessão secundária, portanto indica que houve solo desnudo, em geral por efeito da cheia, e, como colonizadora, produz grande quantidade de semente.

Ocorrência: carandazal, borda de mata alagável e vazantes, solo fértil, arenoso, siltoso ou argiloso. Cit. ant.^{62,18}.

Distribuição: sul do Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina^{23,30}.



Compositae

Eupatorium macrocephalum Less.

AP 4562. id. G.M. Barroso

Etimologia: gênero idem; macrocephalum=cabeça grande, ou capítulo (inflorescência das Compostas) grande em relação a outras espécies do gênero.

Erva perene³⁰, podendo ter comportamento anual em função da cheia; ereta, 0,5-1,0 m alt., polimorfa, flor jan-mar.

Utilização: Apícola. Potencial ornamental.

Ecologia: É de locais ensolarados e úmidos³⁰. Indicador de excesso de pastejo ou solo trabalhado, como caronal gradeado, situações em que aumenta sua população.

Ocorrência: esparsa, caronal, canjiqueiral, roça, solos arenosos.

Distribuição: ampla dispersão na América quente, do México à Argentina³⁰.

Compositae

Eupatorium odoratum L. “CRUZINHA”, “cruzeirinha”

AP 1833. id. C.L. Cristóbal

Etimologia: gênero idem; odoratum=cheiroso (flor); cruzinha=ramos opostos cruzados, o mesmo nome usado para *E. squalidum*.

Arbusto 1,0-2,5 m alt, com ramos horizontais que se apóiam um pouco nas vizinhas; flor abr-jul e às vezes em outros meses, semente (fruto) no final da seca e início das chuvas, como convém à dispersão pelo vento.

Utilização: Apícola importante, flor perfumada, assim como a outra “cruzinha” (*E. squalidum*).

Ecologia: Aumenta com perturbação, como roça, estrada e borda de caapão em campo com excesso de gado. Aumenta em anos secos. Tolerante à meia sombra.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, borda de caapões e áreas modificadas, não inundáveis, solos arenosos ou argilosos.

Distribuição: ampla; invasora de pastagem cultivada na Amazônia⁵⁵.

Outras spp.: *E. cf. betonicaeforme*¹⁷⁹, *E. candolleianum*, *E. christieanum*; *E. laevigatum*¹⁷⁹, *E. ostenii*, *E. squalidum* (“cruzinha”).



Compositae

Melanthera latifolia (Gard.) Cabrera “AGOSTINHO”

AP 3093. id. C.L. Cristóbal

Etimologia: Melanthera=antera preta; latifolia=folha larga.

Erva ereta, anual, 0,4-1,5 m alt., caule quadrangular. Capítulo (“flor”) vira-se para o sol; floresce em agosto (daí o nome comum) até maio. Produz muita semente (fruto).

Utilização: Forageira tenra, de aceitabilidade média.

Apícola. Potencial ornamental.

Ecologia: É pioneira após a cheia e aumenta com perturbação do solo. Diminui em campo com pastejado, bem como em área sem pastejo, devido ao sombreamento pelo capim alto.

Ocorrência: freqüente, áreas de inundação fluvial, solos argilosos, às vezes em arenosos, férteis.

Distribuição: sul do Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, em vegetação ribeirinha²³.

Outra Composta, semelhante: *Wulffia baccata*⁶².





Compositae


Mikania capricorni Rob.

“JASMIM-DO-CAMPO”, “cipó-do-mato”

AP 4292, id. N.I. Matzenbacher.

Etimologia: homenagem ao botânico checo Mikán³⁰; capricorni=do trópico de Capricórnio³⁰.

Trepadeira 1-4 m alt. Flor abr-ago, muito aromática, donde o nome comum.

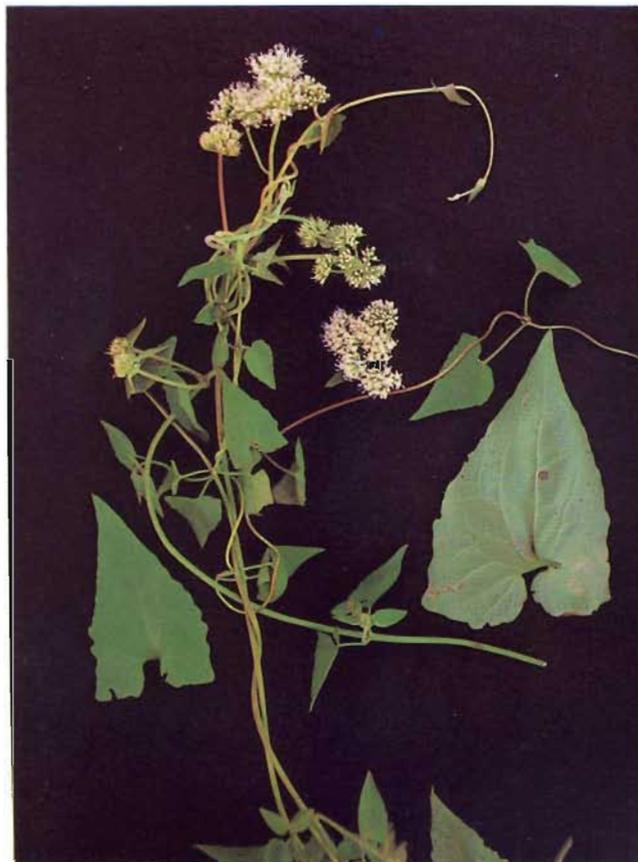
Utilização: Muito apícola¹⁷⁰. Potencial medicinal, sendo do mesmo gênero do “guaco” (*M. cordifolia*, *M. glomerata*), que contém óleo essencial, resina, tanino, saponina e guacosídeo, sendo sudorífico, antisséptico das vias respiratórias, expectorante e cicatrizante, segundo estudo da UNICAMP²²⁷, contra picada de cobra e insetos, reumatismo, gota, nevralgia, contusões, afeções intestinais e cólicas menstruais¹³¹, fazendo parte de xaropes para gripe e bronquite.

Forrageira eventual.

Ecologia: Tende a aumentar com perturbação (retirada de árvores) e em anos secos.

Ocorrência: borda de caapões e cordilheiras, solos arenosos.

Distribuição: MG, SP ao RS³⁰.



Compositae


Mikania micrantha H.B.K.

“JASMIM-DO-CAMPO”, “cipó-fofo”

AP 4762=VJP 1011, id. G.M. Barroso.

Etimologia: gênero idem; micrantha=flor pequena (capítulo).

Trepadeira 1-3 m alt., flor perfumada abr-out, semente set-out.

Utilização: Apícola. Fornece pólen e néctar¹⁶⁷. Às vezes é pastada, à medida que escasseia a forragem.

Gênero do medicinal “guaco”, usado para pulmão, intestino, reumatismo⁴⁶, várias espécies contém flavonas, cumarinas, ácidos terpênicos, sesquiterpênicos, etc.²¹². Desconhece-se uso regional.

Ocorrência: abundante, campos arbustivos, beira de caapões e vegetação ciliar de vazante, paratadal, carandazal, todos bem alagáveis, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: toda a América tropical e subtropical^{30,167}.

Outras spp: *M. congesta*³⁹, *M. cordifolia*; *M. linearifolia*^{179,96}, *M. malacolepis* (ruderal), *M. parodii* (carandazal); *M. periplocifolia*¹⁷⁹.

Compositae

Orthopappus angustifolius (Sw.) Gl. "LÍNGUA-DE-VACA"

AP 1548, id. conf. N.I. Matzenbacker.

Etimologia: Orthopappus=papus reto, que é um tipo de penacho na semente (fruto); angustifolius=folha estreita.

Erva perene, escapo floral 0,5-1,0 m alt., flor e fruto quase o ano todo.

Utilização: Apícola de menor valor. É um pouco forrageira. Às vezes é suspeita de tóxica, mas foi provado que não é²³⁶.

Ecologia: Indicador de degradação em pastagem cultivada, mas componente normal da nativa. Sobrteve ao fogo. Aumenta em anos secos.

Ocorrência: freqüente, caronal e cordilheira desmatada. Cit. ant. 151, 174, 62.

Distribuição: América tropical²³, Brasil subtropical¹³¹, campos dos estados do Sul, Uruguai e Argentina.



Compositae

Plagiocheilus tanacetoides Haenk. "MACELA-DO-CAMPO"

AP 5122, id. C.L. Cristóbal.

Etimologia: Plagiocheilus=lábio lateral (da flor)¹³; tanacetoides=parecida com *Tanacetum*, gênero europeu de Compostas.

Erva anual²³, prostrada ou ereta, 5-20 cm, folha odorosa. Flor set-dez.

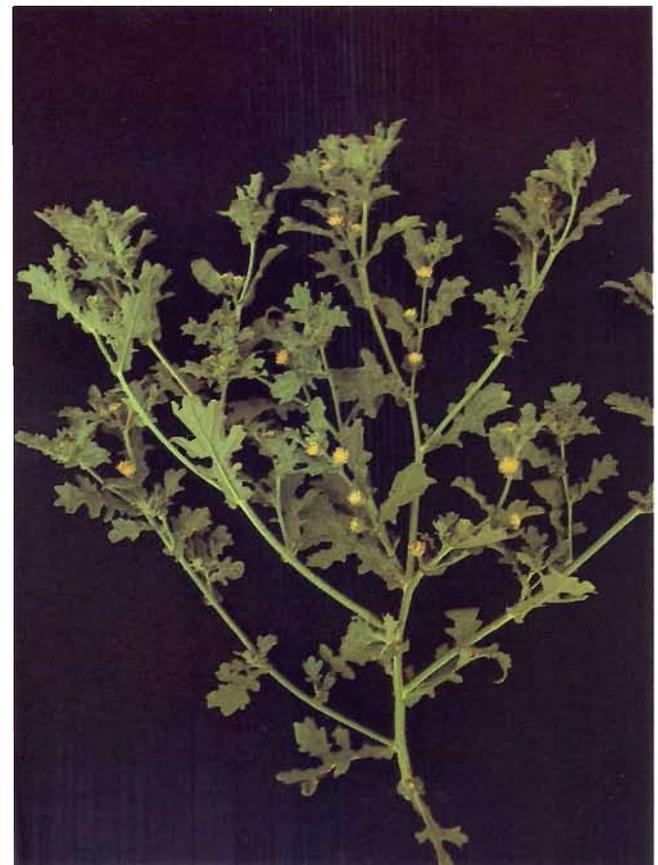
Uso medicinal: estômago e fígado, razão do nome comum. Pelo indício do cheiro, a folha deve conter óleo essencial. Forrageira de emergência.

Ecologia: Indica solo desnudo, por pisoteio ou por cheia; tem porte pequeno em terreno muito pisoteado.

Ocorrência: freqüente, corixo, vazante e lagoa temporária secos, campo alagável, solos argilosos férteis, baixo Poconé.

Distribuição: considerada endêmica (nativa somente naquele local) do Nordeste da Argentina²⁸, onde vegeta em lugares muito úmidos, em ilhas e planície de inundação do rio Paraná²³.

Outra Composta: *Achyrocline satureoides* ("macela"), rara.



Compositae



Pluchea sagittalis (Lam.) Cabr.

(=*P. quitoc*)

“LUCERA”, “erva-lucera”, “lucero”

AP 3766, id. conf. N.I. Matzenbacker.

Etimologia: homenagem ao abade Pluche¹³; *sagittalis*=em forma de flecha (folha); *lucera*=nome espanhol.

Erva perene⁵⁸, podendo ser anual¹⁶² em função de muita inundação, ereta, 0,5-1;0 m alt., folha muito cheirosa. Flor e fruto em grande parte do ano, mais na seca.

Utilização: Pouco forrageira. Apícola, mas pouco.

Uso medicinal: digestivo, diarreia, pressão alta.

Aromática⁵⁸, contém essências^{103,120}, é estomacal e para fígado, gases^{45, 201,103,19,162,23,52,86,165}, apendicite, antiinflamatório, cólica de útero, reumatismo, bronquite e tosse^{162,52,188}, regulador de menstruação^{52,200,165}. Na Argentina é vendido um aperitivo de nome “lucera”, para fígado e bilis¹⁸¹.

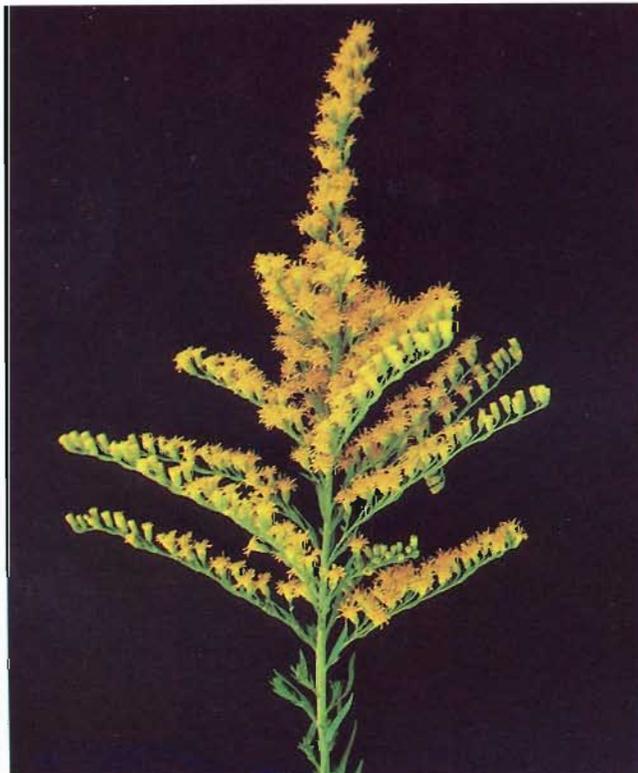
Cultivo: Propaga-se por semente e divisão de touceira⁵⁸.

Ecologia: Pioneira de terrenos úmidos⁴⁰. Indica perturbação, surgindo próximo a cocho de sal, ou solo desnudo pela cheia, em beira de salina, baía secando (aumenta em anos secos) e vazante.

Ocorrência: freqüente, carandazal, campos alagáveis, solos arenosos e argilosos, inclusive salinizados, com matéria orgânica. Cit. ant.^{174,61}.

Distribuição: América do Sul⁵⁸, todo o Brasil^{45,19}, Paraguai, Argentina e Uruguai^{181,23}, ruderal e areias úmidas do Litoral¹⁹⁷.

Compositae



Solidago chilensis Meyen

“ARNICA”, “arnica-do-campo”

AP 3682, id. conf. N.I. Matzenbacker.

Etimologia: *Solidago*=que é firme (caule)¹³; *chilensis*=do Chile.

Erva perene, ereta, 1,0-1,5 m alt., rizomatosa (raiz gemífera). Flor out-mai.

Utilização: Da flor obtém-se corante amarelo¹⁶², às vezes usado em artesanato. Folha e flor servem para encher colchão^{44,4}. Apícola^{44,4,170}, dá pólen e néctar¹⁶⁷.

Considerada tóxica ao gado, mas não é pastada^{103,23}, a não ser por gafanhoto.

Uso medicinal: lavagem vaginal; freqüentemente cultivada numa lata ou no quintal. Substitui a arnica verdadeira; amarga, boa para estômago, feridas^{44,103,4,131}, contusão^{52,165}, depurativo²³⁸; raiz analgésica¹⁸⁸.

Ocorrência: ocasional em paratidal, solo argiloso, rara em borda de caapão, solo arenoso. Cit. ant.^{179,18}.

Distribuição: América do Sul^{44,58,23}, quase todo o Brasil¹³¹.

Compositae



Stilpnopappus trichospiroides Mart.

VJP 1075. id. G.M. Barroso

Etimologia: *Stilpnopappus*=papus brilhante¹³ (penacho da "semente"); *trichospiroides*=semelhante a *Trichospira*, gênero da família.

Erva perene, rasteira, ou ascendente no meio de outras plantas, 5-25 cm alt. Flor no ano todo.

Utilização: Apícola. Grande potencial ornamental. É forrageira, comida pelo búfalo, tendo apenas 7% proteína (PB)¹⁴⁶, mínimo necessário para vacas. Consumida por bovino na falta de gramínea. Desconhece-se outro uso.

Ecologia: Cresce a pleno sol, por isso diminui em campo sem gado vacum. Aumenta em anos secos e com perturbação, sendo uma das primeiras a ocupar o solo gradeado de caronal.

Ocorrência: abundante, em caronal e em campo secundário em cordilheira (p. ex., pista de avião), solos arenosos.

Distribuição: ampla, a ver pela presença na altitude da Chapada Diamantina na BA¹⁶⁶.



Compositae



Trichospira menthoides H.B.K.

AP 5441. id. T.M. Pedersen.

Etimologia: *Trichospira*=cabelo torcido; *menthoides*=parecido com *Mentha*, gênero da menta ou hortelã cultivada.

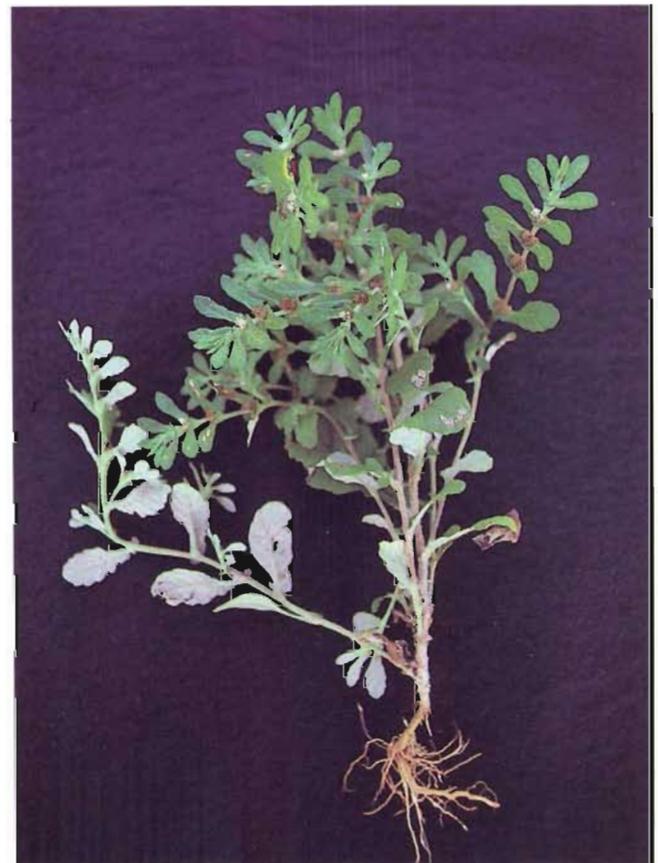
Erva prostrada ou quase ereta, com aspecto de Amarantácea. Parece anual, ao menos se comporta como tal. Flor out-nov, sementando até vir nova cheia.

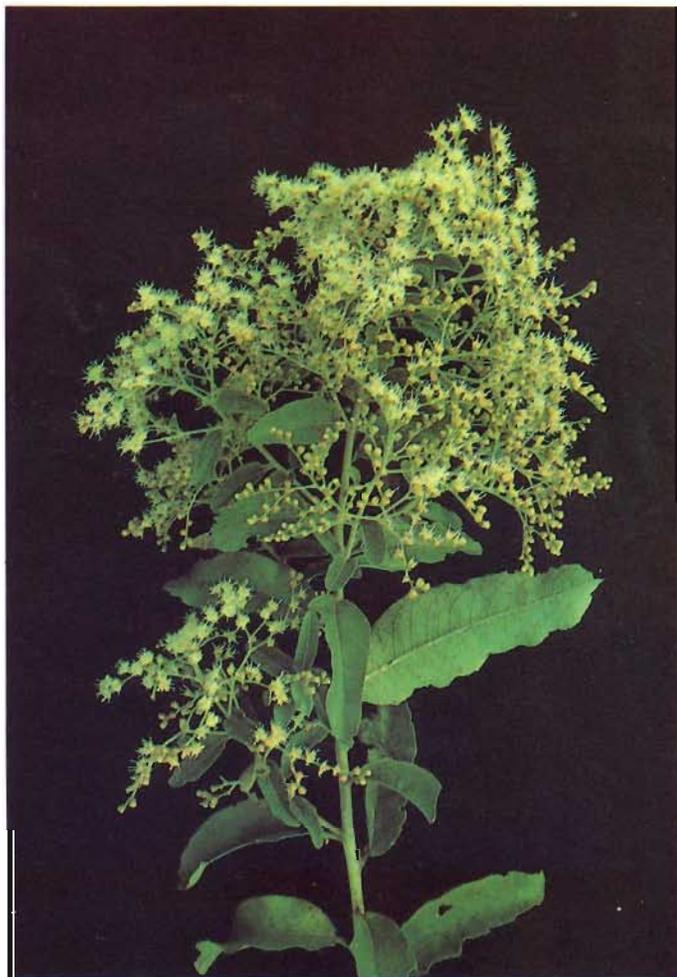
Utilização: Amarga e picante, é comida pelo gado em época crítica de pasto⁴¹, o que foi pouco observado aqui.

Ecologia: Pioneira em solo desnudo após a cheia, como em beira de rio e leito de vazantes e corixos.

Ocorrência: freqüente, beira do rio Paraguai e do falso rio Abobral, corixos, vazantes, campos alagáveis como os do Jofre, sub-região de Poconé. Cit. ant.¹⁵¹.

Distribuição: ocorre na ilha de Marajó⁴¹, que tem áreas inundáveis semelhantes ao Pantanal.





Compositae



Vernonia ferruginea Less.

“CALÇÃO-DE-VELHO”, “assa-peixe”⁹⁵

AP 4274

Etimologia: homenagem ao botânico americano Vernon; ferruginea=cor de ferrugem.

Arbusto 1-4 m alt., folha membranácea de até 30 cm compr.; flor ago-out., semente out-nov.

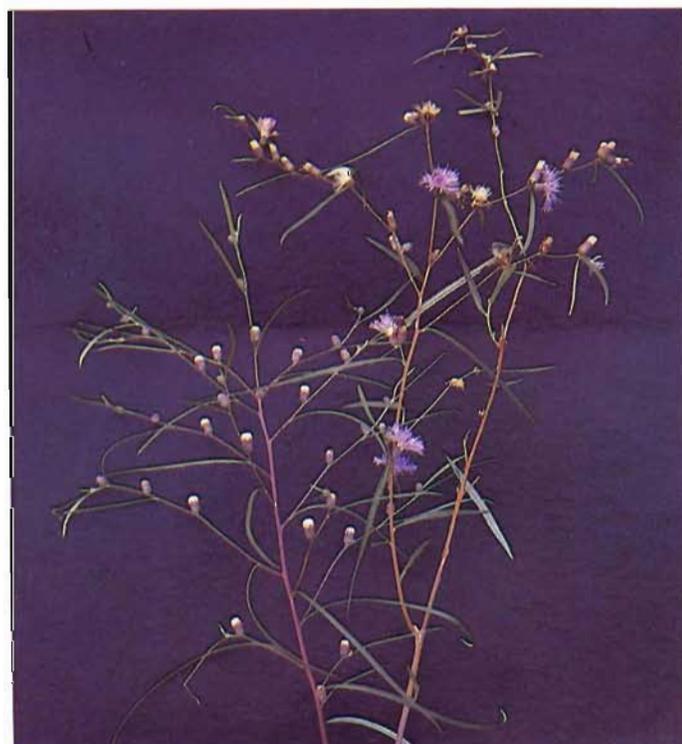
Utilização: Apícola¹⁷⁰. Este gênero dá néctar, também para várias abelhas nativas¹⁶⁷. Forrageira.

Uso medicinal: afrodisíaco (talvez por isto “calção-de-velho”). Raiz (chá) e folha (banho) usadas contra inflamação ginecológica⁹⁵. Raiz considerada depurativa e diurética^{131,223}, folha também, além de boa para tosse, e sumo do broto contra doenças dos olhos²⁰⁸. Há uma espécie africana aparentada, “estomalina” (*V. condensata*, seg. G.M. Barroso), cultivada em sedes de fazenda como remédio para digestão.

Ecologia: Invasora de pastagens em quase todo o Brasil¹³¹. No Pantanal também é encontrada em vegetação natural, embora em maior frequência em área perturbada ou desmatada.

Ocorrência: esparsa, caronal, cordilheira desmatada, borda de cordilheira e de estradas. Cit. ant.^{94,95,179,174}.

Distribuição: Brasil tropical^{131,41}, Bolívia¹¹⁴.



Compositae



Vernonia rubricaulis H et B.

AP 3128, id. conf. G.M. Barroso.

Etimologia: gênero idem; rubricaulis=caule vermelho.

Arbusto perene 1-2 m alt., ramificado na base. Com xilopódio²³, donde rebrota após queimada ou roçada. Aqui há dois tipos, que parecem espécies distintas, a var. *rubricaulis*²³, da fotografia, e uma menor (id. G.M. Barroso), meio rasteira, menos freqüente.

Utilização: Apícola (gênero do “assa-peixe”).

Muito tóxica para bovino, 20-30 g de planta fresca/kg peso vivo matam em 24 h, com lesões no fígado, podendo ser causa de mortandade que às vezes ocorre no Pantanal em Corumbá²³⁵. É pastada na rebrota pós-fogo ou pós-cheia, justamente quando falta pasto, a seletividade é menor e a proporção na dieta é maior.

Ocorrência: freqüente em carandazal, esparsa em paratadal, solos argilosos. Cit. ant.^{151,179,18}.

Distribuição: América do Sul, da Colômbia à Argentina^{23,28}, comum no Chaco oriental¹⁸².

Compositae

Vernonia scabra Pers. (*V. brasiliensis*)

“ASSA-PEIXE”

AP 5093

Etimologia: gênero idem; scabra=áspera (folha).
Arbusto 1-4 m alt. (conforme solo e inundação), com órgão subterrâneo pelo qual aumenta a touceira e sobrevive ao fogo e roçada. Flor jul-set, “semente” dispersa pelo vento até o início das chuvas.

Utilização: Muito apícola¹⁷⁰, pólen e néctar. Entra na composição de mel na Nhecolândia^{36,37}, mas há anos em que não dá boa produção (seg. Fazenda Bodoquena). É forrageira, na falta de pasto, tendo bons teores de cálcio (0,75%), fósforo (0,42%), magnésio (0,28%), cobre (22 ppm), zinco (26 ppm) e proteína (14,7% PB), para vacas¹⁷¹. É comida pela capivara²¹⁶. Pequenas aves comem a semente.

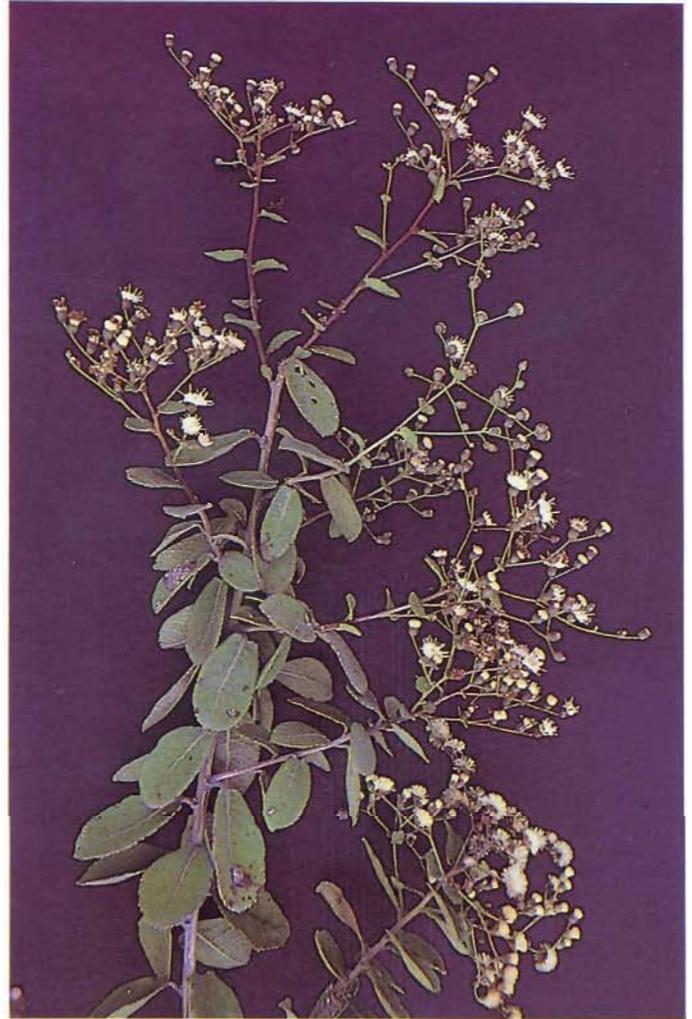
Uso medicinal: xarope da raiz contra tosse e gripe. Tem propriedades aromáticas e estimulantes; chá do broto para doenças de olhos⁴⁴.

Ecologia: Invasora de pastagem cultivada, também de nativa degradada, como caronal, aumentando principalmente em anos secos e com excesso de pisoteio.

Ocorrência: todas sub-regiões¹, geralmente em locais não alagáveis e perturbados, mas até em beira de rio intacta, qualquer solo, preferindo o fértil, no qual invade campo que alaga 30 cm prof., p. ex. no sul de Poconé. Cit. ant. 179, 1, 174, 53, 18.

Distribuição: terras abandonadas do NE¹⁹, capoeiras do PA ao ES, MG e GO⁴⁴.

Outra sp.: *V. remotiflora* (carandazal).



Compositae

Wedelia brachycarpa Bak.

AP 1683. id. C.L. Cristóbal.

Etimologia: homenagem ao prof. alemão Wedel; brachycarpa=fruto curto.

Erva perene rasteira ou ascendente, dependendo da altura da pastagem. Flor quase ano todo.

Utilização: Apícola. Forrageira eventual. Contra esta nada consta, mas no gênero há uma espécie tóxica (*W. glauca*)¹⁸², não encontrada aqui. Muito pouco pastada. Potencial ornamental.

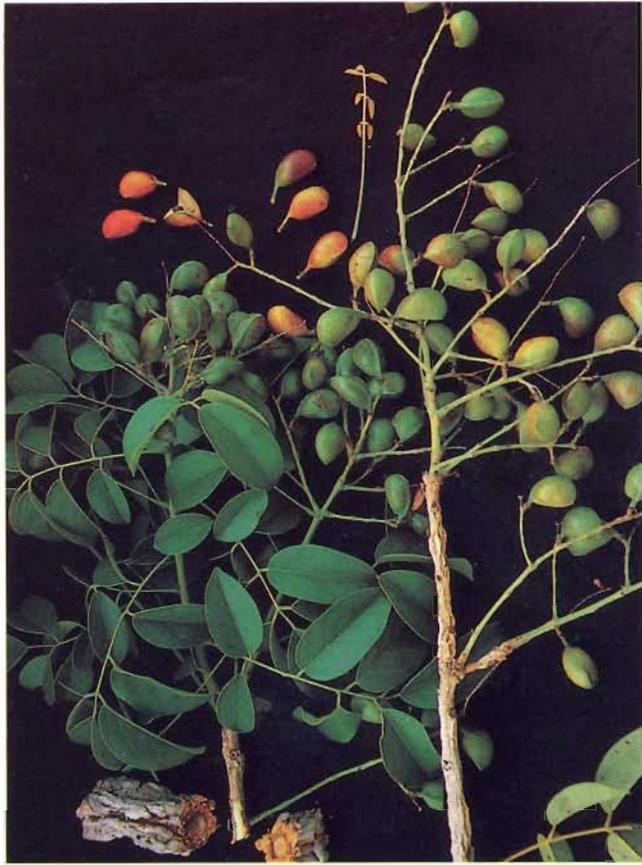
Ecologia: Invasora, aumenta com perturbação e tolera fogo. Aumenta em anos secos.

Ocorrência: freqüente, em todas sub-regiões, campos alagáveis, solos arenosos e siltosos. Cit. ant. 61, 62.

Distribuição: sul do Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina²³.

Outra sp.: *W. cf. vauthieri* DC.¹⁷⁹.





Connaraceae



Connarus suberosus Planch.

ssp. *fulvus* (Pl.) Forero

AP 3831, id. J.A. Ratter

Etimologia: Connarus=de cone, nome de árvore na Alexandria¹²; suberosus=com cortiça; fulvus=amarelado. **Arbusto** a árvore 1,5-5,0 m alt., casca com cortiça grossa; flor ago-nov, fruto nov-fev. Flor no ano todo em GO⁸³.

Utilização: Apícola. Somente a rebrota é comida por bovino, na escassez de pasto. Potencial para produção de cortiça, de 2-3 cm espessura, um pouco dura^{152,198}. Potencial ornamental.

Casca consta como útil contra diarreia^{45,208}.

Ecologia: Tolerante fogo. Componente da vegetação secundária em antigas roças. Crescimento lento.

Ocorrência: freqüente, cerrado, caronal, solos arenosos. Cit. ant.^{174,61,62}.

Distribuição: MG, PI, GO, BA⁴⁵, PA, MA, MT, SP⁸³), cerrados^{101,77}, matas serranas CE⁶⁵, Bolívia¹¹⁴.

Connaraceae



Rourea induta Planch.

“CONTA”

Ratter 5063, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Rourea=nome popular na Guiana¹², talvez de Roura, povoado próximo a Cayenne⁸³; induta=vestida¹⁹⁹.

Arbusto a arvoreta 2-3 m alt.; flor out-fev, fruto dez-mar.

Utilização: Uso artesanal: sementes como contas. Potencial ornamental. Flor perfumada¹⁰⁵. Apícola. Pouco pastada (broto). Semente tóxica, embora aparentemente inofensiva a aves¹⁸⁷.

Consta como medicinal para curar feridas⁹, deve ser pelo tanino, adstringente, que funciona como cicatrizante e bacteriostático.

Ecologia: Tolerante fogo.

Ocorrência: freqüente, cerrado ralo, caapões, caronal, solos arenosos. Cit. ant.¹⁷⁴.

Distribuição: cerrados¹⁰¹, PI a BA, MG, GO⁴⁵, MA, CE, PE, MT e SP⁸³.



Convolvulaceae

Aniseia cernua Moric.

AP 4165

Etimologia: Aniseia=desiguais (sépalas)¹³; cernua=inclinada, rastejante, prostrada¹⁹⁹.

Erva perene, prostrada ou volúvel, conforme a vegetação ao redor; flor e semente em grande parte do ano.

Utilização: Apícola. Potencial ornamental.

Ecologia: Propaga-se por semente. Aumenta em terreno perturbado e pastagem degradada, onde encontra arbustos para subir e ficar ao abrigo de patas bovinas que a arrastem; por isto aumenta também inicialmente sem gado, até que o capim alto a sombreie.

Ocorrência: abundante, vegetação ciliar, campos arbustivos, solos argilosos, pouco freqüente nos arenosos.

Distribuição: áreas inundáveis, desde as Guianas; "pantanal" do norte da Bolívia⁹⁷.



Convolvulaceae

Evolvulus pterygophyllus Mart.

AP 5875.

Etimologia: Evolvulus=de evólvere, volúvel¹³; pterygophyllus= folha assimétrica¹⁹⁹.

Erva perene, ereta, 30-60 cm alt., flor ago-fev.

Utilização: Grande potencial ornamental, existindo espécies cultivadas; também se presta como flor seca. Forrageira eventual.

Ocorrência: pouco freqüente, caronal próximo de vazante, pouco inundável, solos arenosos. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: campos de cerrado MT (e MS)¹⁰²

Outras spp.: *E. elegans*; *E. nummularius*¹⁵¹, *E. sericeus*.





Convolvulaceae

Ipomoea alba L. (= *Calonyction bona-nox*)
“VIVIU”, “abre-noite-fecha-dia”

AP 3021

Etimologia: Ipomoea=semelhante a verme (forma da planta)¹³; alba=alva, branca (flor).

Trepadeira vigorosa, até mais de 10 m de extensão. Enraíza em qualquer parte do caule⁵⁶. Corola de 10 cm diâm., abre ao por-do-sol e fecha até às 9-10 h da manhã; quase todo o ano.

Utilização: Pastada por bovino. Forrageira para peixe³⁹. Ornamental^{58,22}.

Cálice carnoso comestível, em sopas⁴¹. Semente era usada por escravos como café⁴¹. Planta tida como remédio contra reumatismo e para amolecer inflamados⁵⁶.

Cultivo: Cultivada em quase todo o mundo; propaga-se por semente e também por rizomas^{58,22} e pedaços de caule.

Ecologia: Pioneira de área alterada, como beira de estrada, onde é colonizadora.

Ocorrência: vegetação ciliar do Rio Paraguai e afluentes, solos argilosos. Cit. ant.^{105,179,39,18}.

Distribuição: ampla nos trópicos²⁹.



Convolvulaceae

Ipomoea chiliantha Hallier
“CIPÓ-DE-LEITE”

AP 3121

Etimologia: gênero idem; chiliantha=flor succulenta.

Trepadeira vigorosa e densa, pode cobrir árvores, chegando a matar “paratudo” (*Tabebuia aurea*). A parte velha da planta é perene, lenhosa, flexível. Folha sem pêlos, no que difere da espécie seguinte, *I. rubens*, a qual é pilosa. Flor (fecha ao meio-dia) ago-mar.

Utilização: Forrageira não muito palatável. Diz-se que dá mau sabor à carne bovina. Talvez seja tóxica, como é o caso do “algodão-bravo” (*I. carnea ssp. fistulosa*), mas é pastada por peixe.

Apícola, também por dois nectários na folha. Potencial ornamental, propagação por semente.

Ocorrência: abundante em áreas argilosas, como paratadal, carandazal, espinheiral, vegetação ciliar, solos argilosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: Brasil (MS, MT), Paraguai e Argentina, junto aos rios²².

Convolvulaceae

Ipomoea rubens Choisy “CIPÓ-LEITEIRO”, “cipó-de-leite”

VJP 457

Etimologia: gênero idem; rubens=vermelho (flor).

Trepadeira vigorosa. Floresce durante e após a cheia (marago).

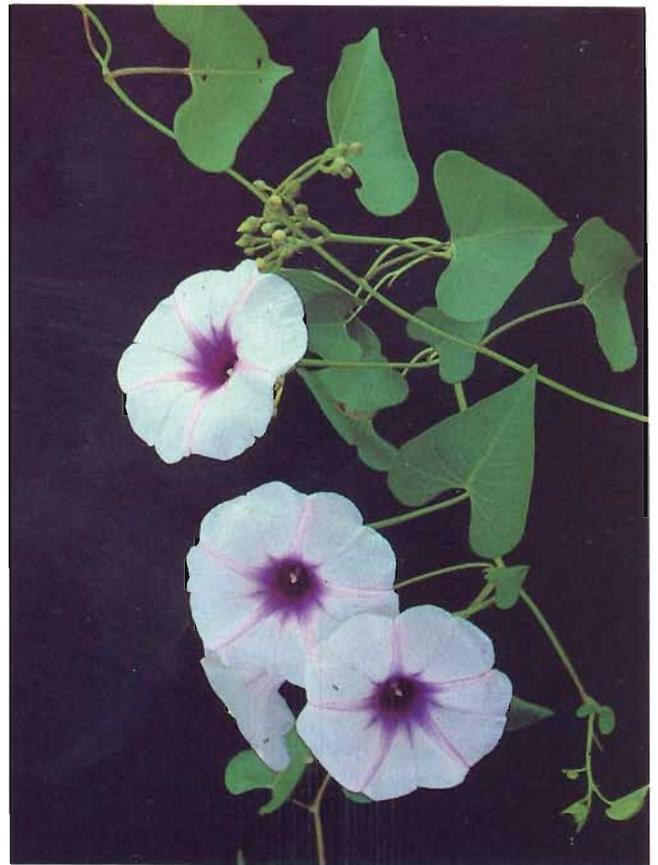
Utilização: Forrageira bem pastada, mas pouco acessível e talvez tóxica, como “algodão-bravo” que é do mesmo gênero. Também comida por peixes.

Apícola. Ornamental. Forma grandes populações, que são abrigo para fauna³⁹.

Ecologia: É uma das trepadeiras que abafa o paratidal senescente (morrendo), processo ainda não elucidado

Ocorrência: freqüente em solos argilosos, como espinheiral, paratidal e mata ciliar, solos argilosos. Cit. ant.^{39,18}.

Distribuição: Brasil, Paraguai, Argentina²².



Convolvulaceae

Ipomoea tenera Meissn.

AP 4498.

Etimologia: gênero=idem; tenera=tenra, delicada.

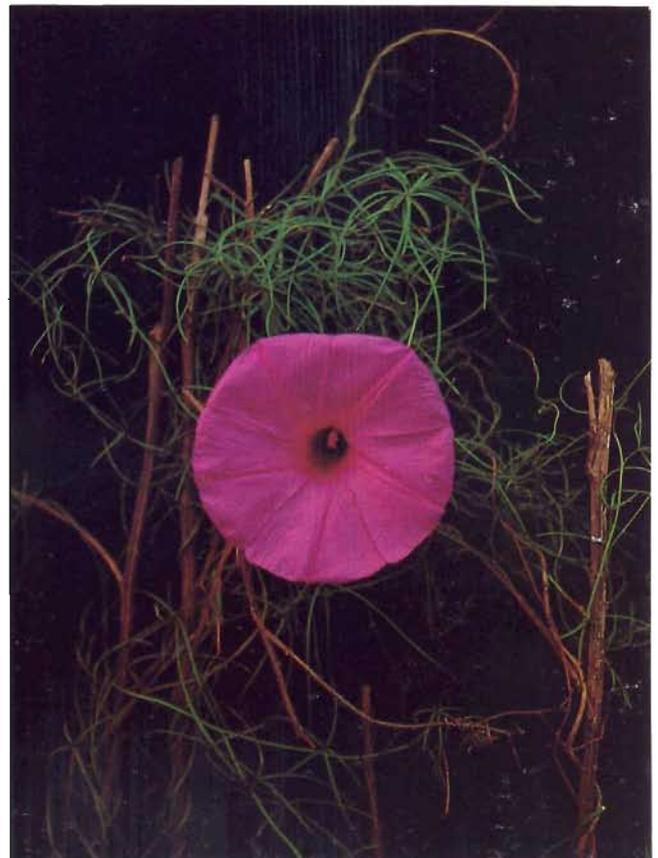
Trepadeira frágil (donde o nome da espécie), de base perene, parte aérea anual, 1-3 m alt.; flor durante e após a cheia.

Utilização: Grande potencial ornamental. Propaga-se por semente. Forrageira.

Ecologia: Aumenta sem gado, bem como em solo perturbado, p. ex. beira de estrada, e diminui em campo pastado, por ser comida ou simplesmente estraçalhada pelo trânsito bovino.

Ocorrência: esparsa, paratidal, lagoas do rio Paraguai, solos argilosos, às vezes também em vazantes e corixos em áreas arenosas.

Outras spp.: algumas ruderais (*I. aristolochiaefolia*, *I. cairica*, *I. coccinea*, *I. quamoclit*, *I. purpurea*), a cultivada batata-doce (*I. batatas*), e 8 não identificadas.





Convolvulaceae

Merremia umbellata (L.) Hall.

AP 5090

Etimologia: homenagem ao prof. alemão Merrem; umbellata=flores em umbela (como raios de guarda-chuva).

Trepadeira perene, 1-4 m alt.; flor e fruto quase o ano todo.

Utilização: Apícola, bem visitada. Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta com perturbação. Tem amplitude ecológica muito grande, pois cresce desde em campos naturais alagáveis até em solo muito seco de beira de estrada.

Ocorrência: freqüente. vegetação ciliar, paratudaí, carandazal e beira de estrada, solos argilosos; também na morraria calcária como ruderal¹⁷². Cit. ant.^{151,39}.

Distribuição: sul dos EUA à Argentina²⁹.

Outras spp.: *M. cissoides*³⁹, *M. dissecta* (com alcalóides e ác. cianídrico, tóxica ao gado¹⁰⁰).



Cucurbitaceae

Cayaponia podantha Cogn.

“MELANCIA-DE-PACU”, “melanciazinha”

AP 3407, id. D.M. Kearns. conf. V.L.G. Klein.

Etimologia: Cayaponia=nome brasileiro¹¹, indígena; podantha=flor com pé (pedúnculo).

Trepadeira 1-4 m alt., folha áspera, de formas e dimensões variáveis. Flor jun-dez, fruto mar-ago (na cheia do rio).

Utilização: Forrageira de peixe, fruto usado como isca de pacu, de onde vem o nome popular; o pescador descasca o fruto quando o peixe está trocando dentes. Aves também comem a polpa e dispersam a semente.

Apícola, pois as flores são de sexo separado; têm néctar.

Ocorrência: muito freqüente, vegetação de beira rio, carandazal, paratudal, espinheiral, solos argilosos.

Distribuição: Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, na beira dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai²³.

Outra sp.: *C. trilobata* (mata ciliar). *Melothria candolleana*, de fruto menor (2 cm), também tem o mesmo nome vulgar.

Cucurbitaceae

Melothria cf. hirsuta Cogn.

AP 4574=AP 2922, id. V.L.G. Klein.

Etimologia: Melothria=videira silvestre¹¹; hirsuta=com pêlos rijos.

Trepadeira 1-2 m alt., folha áspera, flor (creme) e fruto jun-dez.

Utilização: Há espécies tóxicas, principalmente fruto¹⁰³, e medicinais.

Ecologia: Sensível ao fogo, mas coloniza áreas queimadas ou desmatadas.

Ocorrência: esparsa, beira de caapão, campo arbustivo em borda de lagoa, solos arenosos, às vezes com superfície orgânica.

Outras spp.: *M. candolleana* (“melancia-de-pacu”), *M. fluminensis* (tóxica ao gado¹⁰⁰). Outras cucurbitáceas: *Ceratosanthes sp.*, *Cyclanthera sp.*, *Echinocystis racemosa*^{61,62}, *Luffa cylindrica* (“bucha”), *Momordica charantia* (“melão-são-caetano”), *Sicana odorifera* (“croá”, cultivado).



Cucurbitaceae

Siolmatra brasiliensis (Cogn.) Bail.

“TAIUJÁ”

AP 5275, id. D.M. Kearns.

Etimologia: Siolmatra=anagrama de Aísomitra, gênero da família; taiuiá=taya-o-ya, igual à taioba¹⁹, nome indígena de várias espécies medicinais.

Trepadeira, vai ao topo da árvore (p. ex., “ximbuva”), caule até 15 cm diâm., com saliências. Flor out (parece florescer somente após poda).

Uso medicinal: dor de dente. Raiz tida como depurativa e antissifilítica, contém caiaponina, purgativa; fruto com saponina¹⁹⁸.

Cultivo: Fácil, propaga-se bem por estaca. Cresce à meia sombra. Rebrotar mesmo cortado rente ao solo.

Ocorrência: rara, mata semidecídua, sub-regiões de Poconé e Nhecolândia, solos arenosos e argilosos; também é cultivada, sendo difícil saber onde é realmente nativa, como acontece com muitas plantas apreciadas pelos índios⁶³. Cit. ant.⁶¹.

Distribuição: BA⁴².





Dilleniaceae


***Curatella americana* L.**
"LIXEIRA"

Salis 464

Etimologia: curatus=trabalhado (arco polido com a folha)¹¹; americana=da América; lixeira=de lixa (folha). Árvore ou arbusto tortuoso, 1 m (em cupinzeiro) a 12 m alt. (em cerradão), casca grossa tipo massa folhada (protege contra fogo), folha áspera (cristais de ác. silícico¹⁰³), nova ao florescer ago-set (um pouco em outros meses), fruto (vermelho por dentro) out-nov.

Utilização: Forrageira de emergência, de composição apenas razoável para vacas (8% proteína PB, 0,35% cálcio, 0,16% fósforo, 0,23% magnésio, 11 ppm cobre, 17 ppm zinco, ¹⁷¹). Não é tóxica¹⁰³. **Fruto** comestível (arilo branco), suave adocicado, alimento de aves, dispersoras. **Apícola** importante¹⁷⁰. Ornamental⁴¹.

Madeira usada para pilão. Pesada, compacta, fibras reverbadas, muito durável ao tempo, serve para marcenaria, carpintaria, tornearia^{41,19,132}, canga, sela¹⁰⁵ e escultura. Lenha e carvão¹⁴⁸. Folha usada como **lixa** para guampa, panela, madeira, unhas, etc. Casca tem corante¹⁶² e **tanino** (10%) para curtir, também na folha^{41,114}, e esteróides/triterpenóides¹⁰⁷; serve para lavar feridas e úlceras^{41,52}, também de gado^{41,4,208}; tida como medicinal contra artrite, diabete e pressão alta¹¹⁴, e a flor, contra tosse, bronquite e resfriado^{238,9}. Fruto com corante¹⁹ e cerdas irritantes¹⁹⁶ que dão alergia¹³².

Ecologia: Apesar de plântula frágil e crescimento inicial lento¹⁹⁷, é **invasora** de pastagem¹³¹, controle por anelamento do tronco (descascar), daí morre e dá muita comida aos pica-paus; se cortada, rebrota. Aumenta onde o cerradão foi derrubado.

Ocorrência: freqüente a dominante, lixeiro ou campo com "lixeira", lixeiral, cerradões, caapões, solos arenosos. Cit. ant. 131,133,174,186,53,61,62.

Distribuição: amazônica de ampla dispersão neotropical, savana, cerrado, cerradão, mata seca, semidecídua e tabuleiro^{197,76,101,65}, do México a SP⁹⁰.

Dilleniaceae

Davilla elliptica St. Hil.

“LIXEIRINHA”, “lixreira-rasteira”, “lixinha”

AP 1357, id. conf. J.A. Ratter

Etimologia: homenagem a Davilla¹¹; elliptica = forma da folha.

Arbusto tortuoso 0,5-2,0 m alt., folha áspera, menor que a da “lixreira”, daí “lixeirinha”. Flor e fruto abr-jul.

Utilização: Forrageira de baixa aceitação, folha dura. Não é tóxica¹⁰³. Produz ramos para indústria de vime¹⁴⁷.

Casca com tanino e corante preto⁴⁶.

Uso medicinal: folha (fervida) contra inflamação externa, raiz anticoncepcional, considerada calmante sexual (isto o pantaneiro não toma!). Tem tanino e serve contra afta, em gargarejo¹⁰³. Banho contra hérnia e varizes⁹⁵.

Ecologia: Tolerante fogo.

Ocorrência: freqüente, borda de cerradão e caapão de cerrado, solos arenosos. Também na serra do Urucum. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: cerrados¹⁰¹.



Dilleniaceae

Doliocarpus dentatus (Aubl.) Standl.

“CIPÓ-DE-FOGO”

AP 4316, id. A. Schinini.

Etimologia: dolium=vaso + carpus=fruto¹¹; dentatus=dentado (folha).

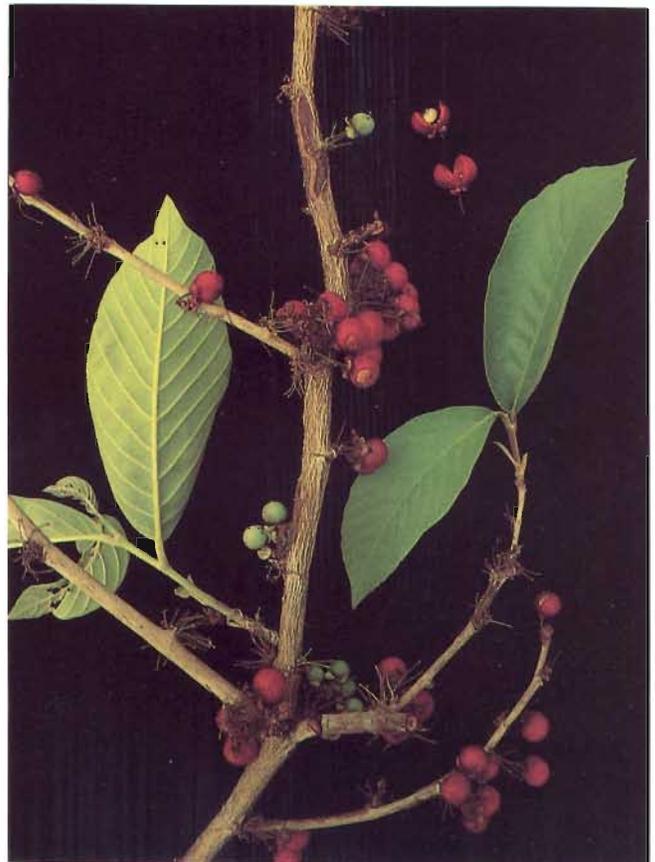
Arbusto meio trepador, 2-8 m alt.; flor jul-nov, fruto agosto, disperso por aves que dele se alimentam.

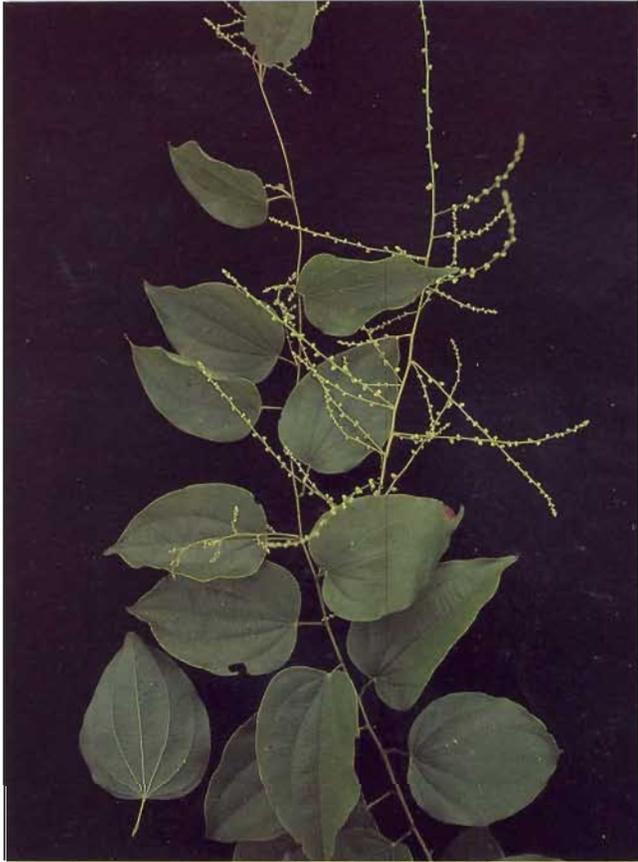
Utilização: Forrageira de boa aceitabilidade, apesar de áspera (família da “lixreira”), mas pouco acesso. Apícola. Seiva potável¹⁰³. Chá consta contra inflamação e diarreia¹⁰⁵. Potencial ornamental. Fixadora de barranco de rio.

Ecologia: Sensível a fogo, sobrevivendo à queimada branda.

Ocorrência: freqüente, pimenteiral, mata ciliar inundável, caapões de vazante, cambarazal, solos argilosos e arenosos. Cit. ant.⁶².

Distribuição: ampla dispersão neotropical¹⁹⁷.





Dioscoreaceae


Dioscorea trifida L.
“JAPECANGA”

AP 5535, id. A. Schinini.

Etimologia: Dioscorea=homenagem ao antigo médico Dioscórides⁵⁸; trifida=tripartida (nervuras da folha); japecanga=ya-ape-canga, o que tem a casca seca¹⁹.

Trepadeira espinhosa, base lenhosa e órgão subterrâneo de reserva; flor out-mai, fruto abr-jul.

Utilização: Túbera comestível, é o “cará-mimoso” plantado em GO e MT para alimento humano e de porco, já era cultivado pelos índios^{105,42,4}. Tem 38% de amido⁴². Desconhece-se uso local.

Potencial medicinal e industrial, pois no gênero há espécies com propriedades medicinais, outras inseticidas⁹². Consta contra asma e como calmante⁴².

Cultivo: propaga-se por tubérculo^{105,42,4}.

Ocorrência: esparsa, vegetação secundária (capoeira) de mata e cerrado, e cerrado, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.¹⁵¹.

Distribuição: Brasil⁴, AM, GO e MT⁴².



Droseraceae


Drosera sessilifolia St. Hil.

AP 5595, id. T.R.S. Silva.

Etimologia: Drosera=de droso, orvalho (folha com pêlos glandulosos); sessilifolia=folha sem pecíolo.

Erva viscosa, carnívora (insetívora), possivelmente anual (desaparece na seca e com fogo), 2-4 cm diâm., flor mar-jun, quando baixou a água rasa das chuvas. O nome comum que consta é “papa-mosca-de-vênus”⁴⁵, mas nunca ouvido na região.

Utilização: Ornamental, mas difícil cultivo. Há espécies que contém corante⁴⁵.

Ecologia: Indicadora de pobreza de nutrientes (nitrogênio e fósforo) no solo. Diminui sem gado bovino, devido ao sombreamento pelas gramíneas. Diminui em anos secos.

Ocorrência: freqüente somente na parte leste de Paiguás e Nhecolândia, em campos alagáveis ralos (p. ex. com *Panicum stenodes* e *Mesosetum ansatum*), de solos arenosos pobres. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: lugares pantanosos de MG⁴⁵ e cerrado do Pantanal¹⁷⁹.

Ebenaceae

Diospyros hispida DC.

“FRUTA-DE-BOI”, “olho-de-boi”

AP 4460, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Dios=Deus + pyros=pera, ou fruto divino; hispida=pilosa (ramo, folha e fruto).

Arbusto 0,5 m a árvore 7,0 m alt. Folhas variam muito, sendo de cor beje, pilosas e macias quando novas, e verde escuras lisas e duras, quando velhas. Flor ago-nov, às vezes um pouco em outros meses, fruto nov-mar (chuvas).

Utilização: Apícola. Boi come o fruto (daí o nome comum), mas muito pouco a folha. Tolerância fogo. Há espécies do gênero que contém inseticida, repelente e toxina para peixe⁹².

Ecologia: Tolerância fogo. Aumenta em anos secos.

Ocorrência: abundante, caronal, cerradão ralo, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,61,169,62}.

Distribuição: cerrados¹⁰¹.



Ebenaceae

Diospyros obovata Jacq.

(=*Macreightia obovata* Miers)

“OLHO-DE-BOI”

AP 2752, id. C.N. da Cunha.

Etimologia: gênero idem; obovata=obovada, forma de ovo invertido (folha).

Árvore ereta 3-12 m alt., flor pouco vistosa, set-dez, fruto nov-jan.

Utilização: Gênero do caqui (*D. kaki*) e do ébano, com cerne preto e duro⁵⁶. Fruto comestível quando quase preto (“maria-preta”)⁸², mas não é nada doce, o que as aves parecem não sentir, pois arancuã, jacutinga, papagaios, periquitos, tucano e outras aí fazem festa. Também é alimento de bugio.

Índios usam seiva viscosa para impermeabilizar tecidos⁵⁶. Potencial ornamental.

Ocorrência: freqüente em mata semidecídua, mata de salina, caapões do Abobral (solo de conchas), solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant.^{53,169,18}.

Distribuição: Guianas ao RS⁴⁶.





Eriocaulaceae

Paepalanthus lamarckii Kth.

AP 1064, id. A.M. Giuliatti.

Etimologia: paepalanthus=flores com farinha⁴⁹; homenagem ao francês Lamarck.

Erva anual, rosulada, parece um musgo, 2-7 cm alt.

Utilização: Potencial ornamental para miniaturas de flores secas.

Ecologia: Surge com as chuvas e/ou após a cheia, floresce em poucas semanas, portanto típica efêmera, que prospera onde a cobertura é baixa, em solos arenosos²¹⁵. Portanto, também é indicadora de pastagem degradada. Tende a desaparecer em campo sem gado bovino, com o sombreamento pelo capim alto.

Ocorrência: abundante, campos alagáveis rasos, solos arenosos. Cit. ant. 179,174,96.

Distribuição: Guiana, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil⁴¹.



Eriocaulaceae

Paepalanthus speciosus Koern.
"CANELA-DE-EMA"

AP 3460, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: gênero idem; speciosus=bonito (inflorescência).

Erva rosulada, perene, inflorescência 1-2 m alt. em out-abr.

Utilização: Forrageira de cavalo. Ornamental, exportada (não do Pantanal) como flor seca, mas de várias espécies a quantidade é tão grande que pode estar servindo para extração de alguma substância⁴⁶.

Acumula água de chuva, habitat de pequenos animais.

Ecologia: Sobrevive ao fogo.

Ocorrência: freqüente em campos da parte leste, rara em caronal, solos arenosos.

Distribuição: cerrado.

Eriocaulaceae

Philodice hoffmannseggii Mart.

AP 5601, id. A.M. Giullietti.

Etimologia: não encontrada para o gênero; homenagem ao conde de Hoffmannseggs.

Erva anual, efêmera (ciclo de poucas semanas), 1-6 cm alt., floresce ao secar o terreno.

Utilização: Potencial ornamental para arranjos secos, que é a principal utilização da família.

Ecologia: Indica perturbação, pois cresce próximo a porteiros e trilhos de veículos (no trânsito do interior do Pantanal, dá tempo para ela crescer na "bitola").

Ocorrência: campos alagáveis próximos a vazantes, solos arenosos. Cit. ant. 179, 174, 96.

Distribuição: ampla.



Eriocaulaceae

Syngonanthus gracilis Mart.

AP 1957, id. A.M. Giullietti.

Etimologia: Syngonanthus=orgãos sexuais reunidos (flores)¹⁴⁹; gracilis=delgado.

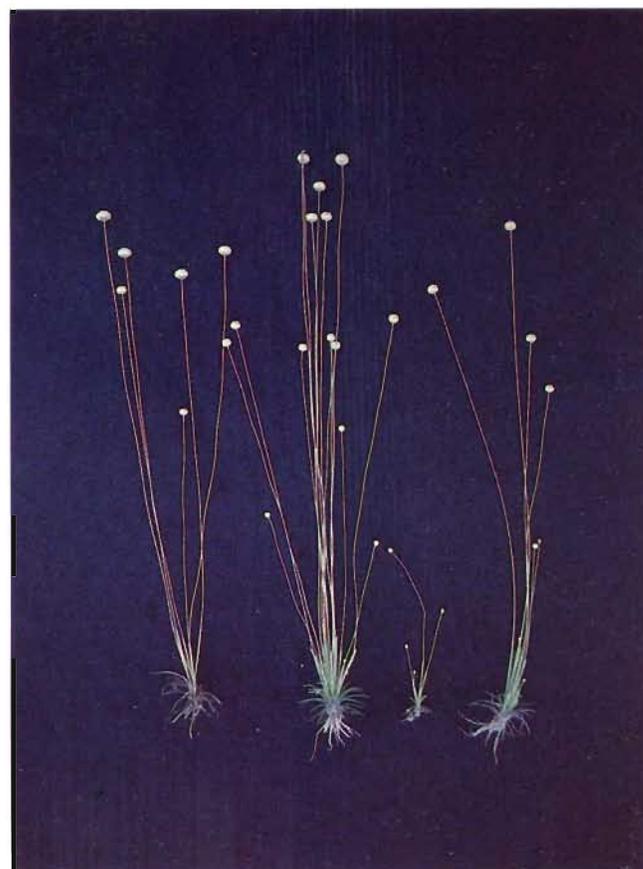
Erva anual, efêmera (ciclo de poucas semanas), 5-14 cm alt. com inflorescência; flor na estação chuvosa e ao descer a cheia.

Util: Potencial ornamental como flores secas, o que é o uso econômico da família.

Ecologia: Indicador de solo descoberto, tende a diminuir em campo abandonado.

Ocorrência: freqüente, campos alagáveis, solos arenosos. Cit. ant. 179, 174.

Distribuição: Guiana, Venezuela ao Uruguai, AM a SC¹⁴⁹.



Erythroxylaceae



Erythroxylum anguifugum Mart. "PIMENTEIRINHA"

AP 3490

Etimologia: Erythroxylum=madeira vermelha; anguifugum=espanta-cobra; pimenteirinha=fruto parece pequena pimenta, diminutivo de pimenteira (*Licania parvifolia*).

Arbusto a arvoreta, 1-6 m alt., flor e fruto quase o ano inteiro.

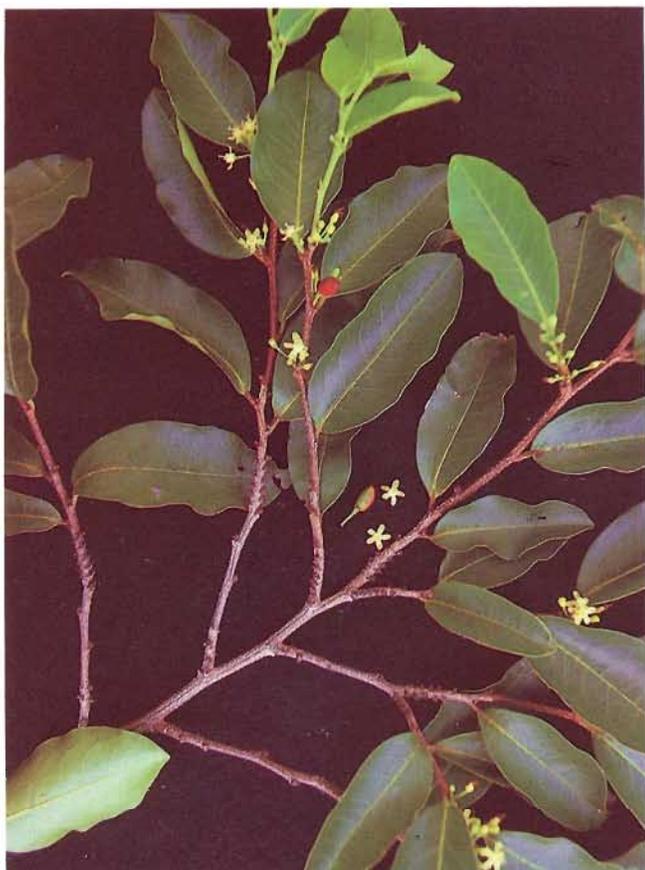
Utilização: Forrageira bem aceita por bovino, de acesso médio a baixo.

Apícola. Fruto comido por aves, que distribuem a semente.

Era usada contra picada de cobra¹⁰³, a fumaça da madeira afugenta cobra⁴⁶, de onde Martius compôs o nome da espécie. Corante preto, que já foi muito usado⁴⁶. Potencial ornamental e talvez medicinal, sendo do gênero da "coca".

Ocorrência: freqüente em orla de rios e vazantes, borda de cordilheiras e caapões, murundu de paratudal, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{38,61,62,18}.

Distribuição: MG, GO e MT (inclui MS)⁴⁶, Bolívia¹¹⁴.



Erythroxylaceae



Erythroxylum cf. deciduum St. Hil. "ATA-DE-COBRA"

AP 4552, id. J.A. Ratter.

Etimologia: gênero idem; deciduum=decíduo, que cai (folha).

Arbusto 1 m alt.; podendo chegar a pequena árvore⁵⁷, raiz gemífera, flor set-jan, fruto jan-jun.

Utilização: Apícola. Fruto tóxico¹⁵², mas o colorido sugere dispersão por aves, como ocorre com o de outra espécie do gênero¹³⁷. Pouco forrageira.

Adstringente, tida como medicinal contra diarreia¹⁰³. Potencial ornamental.

Ocorrência: grupos esparsos, caronal e cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186}.

Distribuição: PI e GO ao RS, Peru à Argentina⁴⁶.



Erythroxylaceae

Erythroxylum suberosum St. Hil.

“SOMBRA-DE-TOURO”

AP 2288

Etimologia: gênero idem; suberosum=com cortiça (casca). **Arvoreta** tortuosa, 2-4 m alt., casca com cortiça (tolera fogo). Folha tem galha (tumor) aveludada causada por uma mosquinha (Cecidomyiidae), específica da planta^{73a}. Flor ago-mar, fruto nas chuvas.

Utilização: Forrageira de mediana aceitabilidade. Teores de minerais (0,35% cálcio, 0,26% fósforo) e de proteína (15% PB) próximos aos médios encontrados para não-gramíneas, bons para vacas¹⁷¹. Apícola. Fruto é alimento de aves, dispersoras. Mas, dado à galinha, evita o chôco⁴⁶. Madeira serve para carpintaria e marcenaria⁴⁶, embora aqui não dê diâmetro suficiente. Casca tem corante e serve para curtir⁴⁶.

Uso medicinal: afrodisíaco e contra alergia de pele. Tem casca adstringente²²³, contra disenteria⁹.

Ocorrência: freqüente em cordilheiras e caapões com cerrado e cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{179,174}.

Distribuição: flora dos cerrados¹⁰¹.

Outras spp.: *E. cf. laetevirens*; *E. tortuosum*¹⁷⁹.



Euphorbiaceae

Acalypha communis M.Arg.

Webster 25373, id. G.L. Webster.

Etimologia: Acalypha=não agradável ao toque, urtiga, porque algumas são tipo urtiga¹²; communis=comum.

Erva ou subarbusto 0,5-1,5 m alt., inflorescências unissexuadas na mesma planta, flor quase o ano todo, mais na estação úmida.

Utilização: Forrageira bem aceita por bovino.

Há espécies com propriedade inseticida, medicinal, ornamental e com tanino⁹².

Ecologia: Aumenta com desmatamento.

Ocorrência: freqüente, borda de mata e cerradão, roças e áreas mexidas, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{151,105,209, 174}.

Distribuição: ampla dispersão.

Outras spp.: *A. arvensis* (anual, ruderal), *A. villosa*.





Euphorbiaceae

Achornea castaneifolia (Willd.) A.Juss.
“SARÃ”, “sarão”, “gurupιά”

AP 4724, id. conf. J.R. Monteiro

Etimologia: homenagem ao botânico inglês Alchorne¹²; castaneifolia=folha de *Castanea*, castanheira (européia).

Arbusto a arvoreta 1-6 m alt.; 10 m na Argentina⁵⁷, unissexuada; flor mar-ago, fruto jul-nov.

Utilização: Folha³⁹ e fruto comidos por peixes¹⁵⁰. Indicada para recuperação de margem de rio¹⁵⁰.

Ecologia: Importante colonizadora de areia e fixadora de barranco de rio, como pioneira formando a mata ciliar jovem, na margem que recebe deposição, e que com o tempo “amadurece” e vai sendo substituída por outras árvores (sucessão ou seqüência cronológica que se pode apreciar no canal da balsa do Morrinho, Corumbá, MS, no sentido leste-oeste).

Ocorrência: abundante em beira de rios e corixos (há um chamado de Sarã, próximo ao porto da Manga, na estrada MS-228), solos arenosos e argilosos. Cit. ant. 151,209,150,38,39,18.

Distribuição: AM a BA e MT⁴⁶, leste do Brasil. GO e Amazônia; Venezuela¹⁵¹, Bolívia¹¹⁴.

Outras spp.: *A. schomburgkiana*⁹⁶, *A. triplinervia* (serra do Urucum).



Euphorbiaceae

Achornea discolor Poepp.
“UVA-BRAVA”

Webster 25333, id. G.L. Webster; AP 3825, id. M. de Pomper.

Etimologia: gênero idem; discolor=de cor diferente (lados da folha); uva-brava=frutos em cacho pendente, de cor azul escuro quando maduros.

Árvore 2-6 m alt. ou arbusto 1-3 m quando rebrota da base após fogo; unissexuada, foto da masculina; flor jul-fev, fruto out-mar.

Utilização: Boa forrageira, muito procurada pelo bovino, que a deixa sem folhas até onde alcança. Teor de cálcio (0,39%), magnésio (0,16%), fósforo (0,3%), cobre (14 ppm) e zinco (25 ppm) é bom, e o de proteína é muito bom (18% PB), para vacas¹⁷¹.

Apícola. Fruto com arilo vermelho, alimento de aves, dispersoras; por isto nasce em cupinzeiro e murundu.

Ecologia: Espécie de mata ciliar.

Ocorrência: muito freqüente, em canjiqueiral, caapões de vazante, vazantes, beira de cordilheira e de rio, mais em solos arenosos. Cit. ant. 174,186,53,61,62.

Euphorbiaceae

Aporosella chacoensis (Mor.) Speg. "JACAREPITO", "pororoca"

AP 4350, id. D.E. Prado.

Etimologia: aporos=difícil, não descoberto¹²; chacoensis=do Chaco; jacarepito=jacaré escuro ou vermelho^{57,159}, deve ser pelo aspecto da casca.

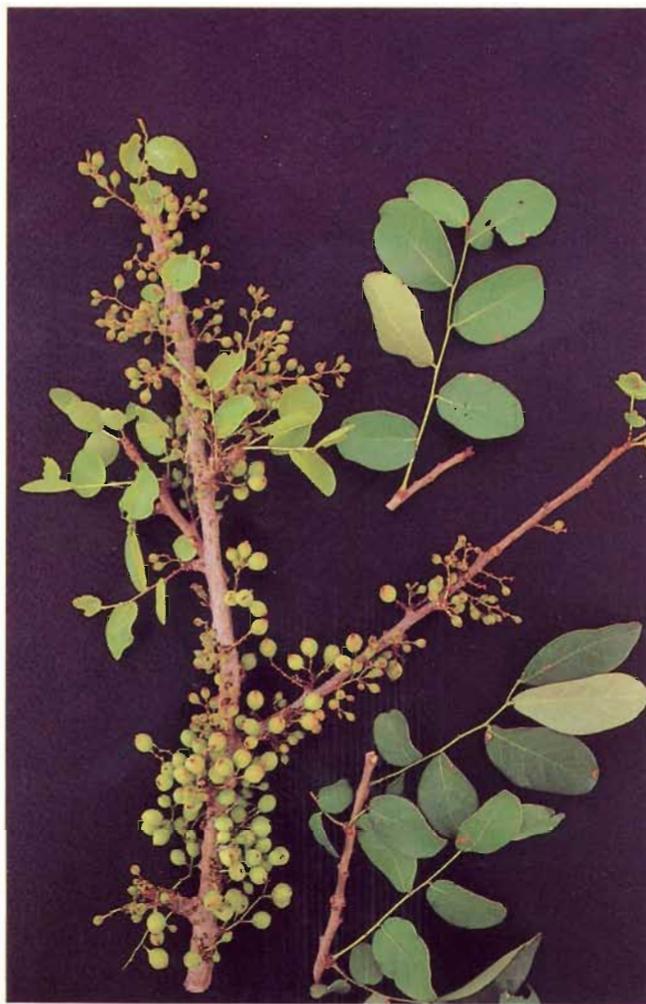
Árvore 3-6 m alt., caducifólia, ramos arqueados e um pouco pendentes; unissexuada, flor jul-set, fruto nov-jan. Pouco forrageira. Madeira mole, avermelhada, sem utilidade¹⁸⁷ atual. Potencial ornamental.

Uso medicinal: cicatrizante, provavelmente devido ao tanino.

Ecologia: Colonizador de beira de estrada, onde inundável.

Ocorrência: freqüente, entre o rio Miranda e o paratidal, mata ciliar e planície de inundação do rio Miranda entre a foz do Miranda e Porto Murtinho, solos argilosos.

Distribuição: Chaco úmido, como elemento de mata ciliar¹⁷⁵.



Euphorbiaceae

Cnidosculus appendiculatus (P.et H.) P.et H. "URTIGA", "ortiga", "cansançãozinho"

AP 2546, id. G.L. Webster.

Etimologia: Cnidosculus=comichão¹², porque os pêlos causam ardência na pele; appendiculatus=com apêndice.

Subarbusto perene, 0,5 m alt., com raiz engrossada, pêlos urticantes como "cansação"; flor e fruto set-mar.

Utilização: Potencial ornamental para jardim com rochas. Tem sinais de ser pastada; segundo o pantaneiro, é por anta.

Ecologia: Rebrotar após a queimada. Aumenta em anos secos.

Ocorrência: esparsa, borda de cordilheira, cerradão ralo, caapão de cerrado, não alagável, solos arenosos. Cit. ant.¹⁷⁴.

Outras spp.: *C. albomaculata*^{61,62}, *C. cnicodendron* (= *Jatropha urens* ou *J. vitifolia*, "cansação").



Euphorbiaceae



Croton bonplandianus Bail.

AP 3221

Etimologia: Croton=carrapato¹², pela forma da semente; homenagem ao botânico Bonpland.

Erva anual 20-50 cm alt., flor e fruto quase o ano todo.

Utilização: Invasora de cultivos. Por outro lado, é herbicida para a temida invasora *Cyperus rotundus* ("tiririca")⁹². A semente neste gênero tem potencial para óleo³⁸.

Ecologia: Aumenta em área mexida, como roça e pomar.

Ocorrência: esparsa, sedes de fazenda, solos arenosos ou argilosos, férteis.

Distribuição: ampla, ruderal.



Euphorbiaceae



Croton corumbensis S. Moore

"MALVA"

AP 4333, id. G.L. Webster.

Etimologia: gênero idem; corumbensis=de Corumbá.

Subarbusto perene, ereto, 0,5-0,9 m alt.; apresenta flor e fruto em grande parte do ano.

Utilização: Forrageira eventual de bovino, na seca ou na cheia. Apícola de importância secundária. O pólen do tipo *Croton* participa de mel da Nhecolândia como acessório^{36,37}

Ecologia: Aumenta em campo sem gado bovino, bem como em anos secos.

Ocorrência: freqüente, caronal, solos arenosos. Cit. ant. 151,174.



Euphorbiaceae

Croton glandulosus (L.) M. Arg.
“CANELA-DE-SERIEMA”, “malva”, “anxuminha”
(Poconé)

AP 5334

Etimologia: gênero idem; glandulosus=com glândulas ou pegajoso.

Erva ou subarbusto ereto, 0,3-0,6 m alt. Anual^{131,7}. Pode ser encontrada com flor e semente quase o ano todo.

Utilização: Apícola. Forrageira, de bom teor de proteína (12% PB)¹⁴⁶, para vacas. Semente tem potencial para óleo³⁸, sendo comida por pequenas aves.

Ecologia: Aumenta com queimada e/ou perturbação do solo, sendo invasora de pomar e roça. É uma das que nasce primeiro em caronal gradeado. Aumenta muito em anos secos, nos campos e nas “baías” secas, principalmente em campo fuçado por porco-monteiro.

Ocorrência: freqüente em todas sub-regiões, mais nos solos arenosos. Cit. ant.^{179,1,174}.

Distribuição: quase todo o Brasil¹³¹, mas há 4 variedades²²⁵.



Euphorbiaceae

Croton sarcopetaloides S. Moore

AP 4525

Etimologia: gênero idem; sarcopetaloides=parecido com a espécie sarcopetalum (pétala carnosa).

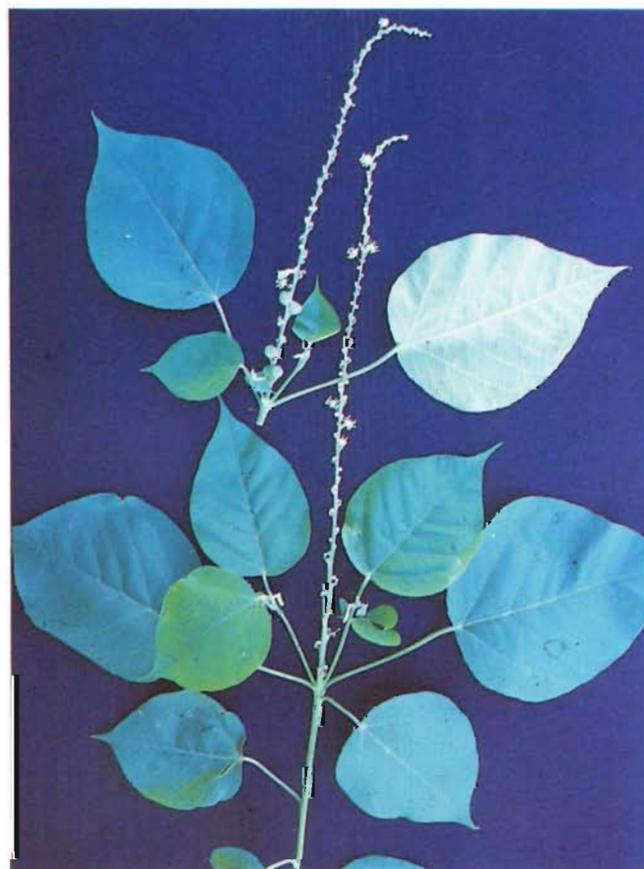
Subarbusto 1-2 m alt., flor e fruto quase o ano todo.

Utilização: É forrageira consumida por bovino em períodos críticos de pasto. Apícola. Há espécies inseticidas⁹².

Ecologia: Pioneira de sucessão após desmatamento.

Ocorrência: freqüente, caapão não inundável, solo alcalino derivado de conchas, Abobra, solos argilosos de Miranda e Nabileque. Cit. ant.^{151,18}.

Outras spp.: *C. cuyabensis*, *C. lobatus* (anual), *C. lundianus*³⁹, *C. aff. sparsiflorus*⁶², *C. urucurana* (árvore de mata ciliar); *Julocroton gardneri*¹⁷⁹.



Euphorbiaceae


D*alechampia scandens* L.
"COÇA-COÇA"

AP 5038

Etimologia: homenagem ao botânico francês Dalechamps¹²; scandens= escada (trepadeira).

Trepadeira, 1-2 m alt., um pouco urticante (daí o nome comum), flor em grande parte do ano.

Utilização: É pouco pastada. Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta em áreas perturbadas (roça, leiras, cercas). **Ocorrência:** esparsa, mata semidecídua, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: caatinga, como estranha¹⁹⁷; quase todo o Brasil¹⁹.

Outra sp.: *D. morifolia*³⁹. "Coça-coça" também vale para *Tragia melochioides*, trepadeira urticante da mesma família.



Euphorbiaceae


E*uphorbia hyssopifolia* L.
"LEITEIRINHO"

AP 3525. id. G.L. Webster.

Etimologia: Euphorbia=homenagem ao antigo médico Euphorbo¹²; hyssopifolia=folha de *Hyssopus* (gênero de Labiadas).

Erva ereta 15-30 cm alt., flor quase o ano todo.

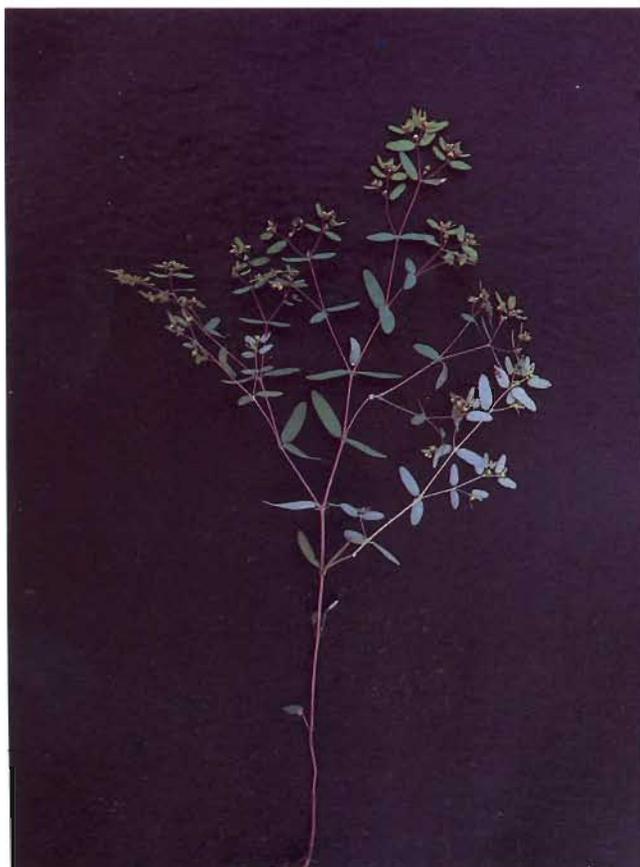
Utilização: Eventualmente pastada por bovino.

Látex cáustico (queima), considerado bom para doenças dos olhos, como endurecimento da córnea, e para úlceras crônicas^{19,131,225}.

Ecologia: Indica solo descoberto. Diminui em campo folgado (pouco gado), abafada pelo capim alto.

Ocorrência: esparsa, campos muito pisoteados, alagáveis, caronal, campina de carandá, paratudal, solos argilosos e arenosos. Cit. ant.^{174,18}.

Distribuição: todo o Brasil¹³¹, regiões tropicais e subtropicais das Américas, em praias e culturas²²⁵.



Euphorbiaceae

Euphorbia thymifolia L.

“LEITE-DE-NOSSA-SENHORA”
“nossa-senhora-da-conceição”, “leiteirinho”,
“quebra-pedra”

AP 5382. id. G.L. Webster.

Etimologia: gênero idem; thymifolia=folha de *Thymum* ou tomilho, planta européia.

Erva anual⁴⁴, bem rasteira, muito leitosa; com flor e fruto quase o ano todo, pouco visíveis a olho nu.

Utilização: Alimento de algumas aves (pombas). **Tóxica** para o gado⁴⁴, como em geral são as *Euphorbia*¹⁰³, mas com seu pequeno volume não causaria problema no Pantanal.

Uso medicinal: diurético (“quebra-pedra”). Na Índia, a semente é usada como vermífuga⁴⁴.

Ecologia: Como planta pequena e oportunista, aumenta em terreno sem cobertura, por efeito de perturbação (pisoteio, placa de esterco, fogo) ou da cheia (surge nas “baías” secas), portanto indicadora de solo desnudo ou de degradação de pastagem. Praticamente desaparece em campo sem gado bovino.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, campos inundáveis, qualquer solo. Cit. ant.^{174,1,18}.

Distribuição: ampla dispersão.

Outras spp.: *E. comosa*, *E. hirta*; *E. cf. hirtella* (179).



Euphorbiaceae

Jatropha elliptica (Pohl) Bail.

“PURGA-DE-LAGARTO”

AP 2293. id. A.C. Allen.

Etimologia: *Jatropha*=iatros (remédio) + phagein (comer)¹², ou seja, medicinal; *elliptica*=rel. à forma da folha; *purga-de-lagarto*=a planta começou a ser muito usada porque o lagarto doente ou picado de cobra ficaria bom comendo a raiz⁴⁶.

Subarbusto 0,3-1,2 m alt., látex incolor, raiz tuberosa, vermelha ao corte. Flor e fruto quase ano todo.

Utilização: Pouco pastada e pouco visitada por abelha.

Uso medicinal: raiz depurativa, sendo considerado indispensável banhar-se após tomar o chá, senão dá coceira, o que já indica toxidez. Também contra bicho-de-pé. Raiz em vinho branco contra doenças venéreas, coceira e picada de cobra⁹⁵. Contém resina, mucilagem, etc., é purgativa⁴⁶. Semente **tóxica**, com toxo-albumina e óleo muito purgativo, semelhante à do “pinhão-de-purga” (*J. curcas*, cultivado no Pantanal), de que 4 ou 5 sementes podem matar uma pessoa¹⁰³.

Ocorrência: freqüente, caronal, cerradão ralo, solos arenosos. Cit. ant.^{174,1,61}.

Distribuição: da caatinga⁷⁷.



Euphorbiaceae



Tatropa weddelliana Bail.

AP 4956, id. G.L. Webster.

Etimologia: gênero idem; homenagem ao botânico Weddell (que coletou no Pantanal).

Arbusto perene, ereto, 1-3 m alt., com túbera, látex verde-claro, folha verde azulada, flor ago-fev.

Utilização: Grande potencial ornamental para jardim rochoso, por ser muito resistente à seca. Pouco forrageira. Semente com óleo³⁹.

Ecologia: Rebrotta após corte e fogo.

Ocorrência: rara, restrita ao Abobral e Jacadigo, solos calcimórficos, não inundáveis; freqüente na morraria calcária. Cit. ant.^{186,39}.

Distribuição: talvez endêmica.

Outras spp.: *J. gossypifolia* (ruderal); *J. isabelii*^{61,62}, *J. ribifolia* (chaco).



Euphorbiaceae



Phyllanthus amarus Schum et Thon.

“QUEBRA-PEDRA”

AP 4504, id. conf. L.J.M. Santiago.

Etimologia: Phyllanthus=flor na folha (que é o ramo); amarus=amargo, amargo.

Erva anual, ereta 15-40 cm alt., flor e fruto em grande parte do ano. Dissemina-se por explosão da cápsula⁶⁸.

Uso medicinal: diurético, em chá ou no mate. Efeito comprovado contra pedras dos rins e ácido úrico, sendo a dose correta 30 a 40 g de folha fresca por litro d'água e tomar 3 xícaras por dia deste chá¹⁴³; o excesso pode ser tóxico, devido a um alcalóide¹⁴³. Outro “quebra-pedra”, parecido, mais conhecido, é *P. niruri*, de igual ação medicinal^{143,227}, contém diversos flavonóides e alcalóides que tiram a dor e relaxam para a pedra sair²¹²; cresce ao redor das casas, é muito usado⁹⁵, pois no clima quente a urina se concentra e aumenta a incidência de cálculo (significa pedra, porque no princípio calculava-se com pedrinhas).

Ocorrência: esparsa, campos alagáveis, solos argilosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: Nordeste¹⁴³ e grande parte do Brasil.



Euphorbiaceae

Phyllanthus orbiculatus L. C. Rich. "QUEBRA-PEDRA"

AP 1919, id. G.L. Webster.

Etimologia: gênero idem; orbiculatus=orbiculado ou arredondado (folha).

Erva anual, 10-40 cm alt., flor e fruto no verão.

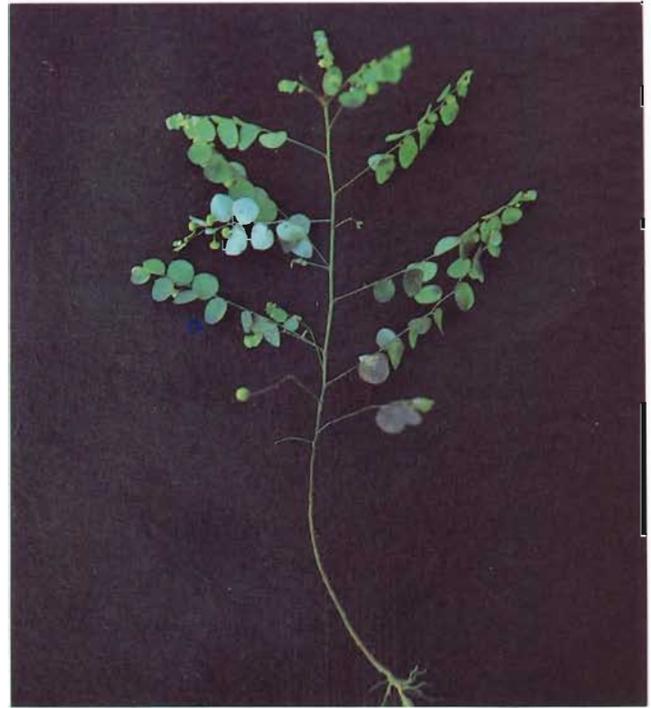
Utilização: É um pouco forrageira, mas de pouca massa.

Uso medicinal: no mate, como diurético, contra cálculo renal. Porém, não foi encontrada comprovação terapêutica para esta espécie na literatura.

Ecologia: Aumenta em mata mexida; cresce à meia sombra.

Ocorrência: freqüente, cerradão, mata semidecídua, caapão, não alagáveis, solos arenosos e argilosos; também na morraria calcária. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: ampla, a ver pela presença nas montanhas de MG¹⁶⁶.



Euphorbiaceae

Sapium haemospermum (M. Arg.) Hub. "LEITEIRA", "mutuqueira", "carrapateira", "sarã", "sarã-de-leite"

AP 1450a, id. G.L. Webster.

Etimologia: Sapium=viscoso¹², devido ao látex; haemospermum= semente cor de sangue; leiteiro=porque tem muito látex.

Árvore 2-12 m alt., copada, casca grossa; flor set-dez, fruto na estação chuvosa, dez-fev.

Utilização: Madeira esbranquiçada, macia, apta para celulose¹³⁰, esculturas, violino⁵⁸, avião e planador, não racha com prego e pode ser curvada como couro¹⁰³. Serve para cerca viva, pega de galho⁴², uma alternativa à cara troca de moirões.

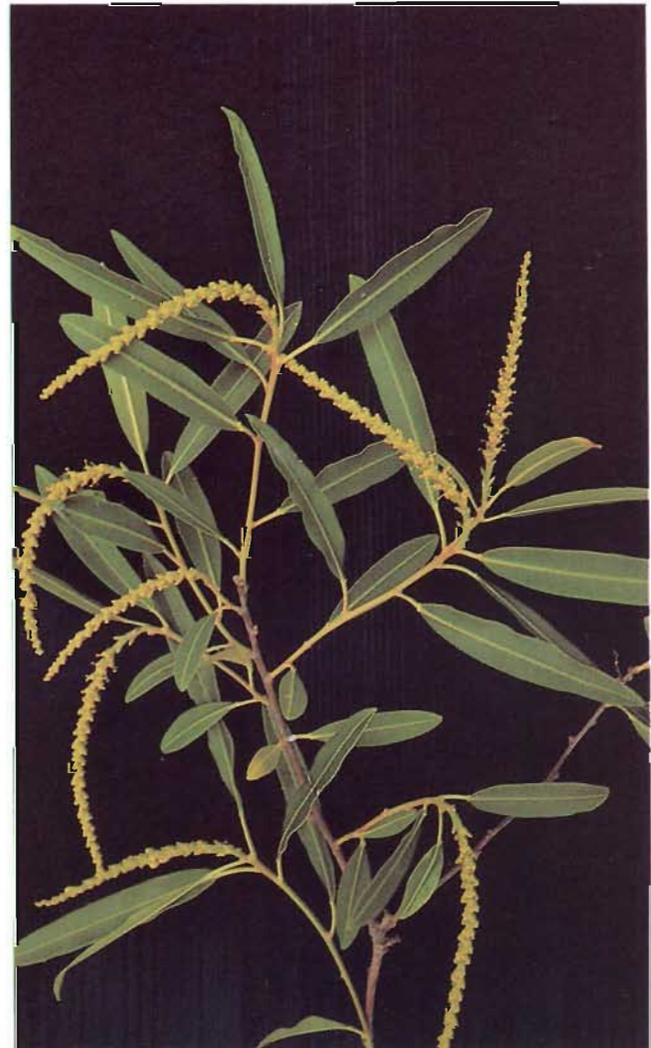
Látex irritante de pele e mucosas²¹⁸ (p. ex., olhos), famoso contra verrugas¹⁰², remédio para feridas¹¹⁴ e picada de cobra¹³⁰, dá a borracha "maniçoba"¹⁰³ e o infame visgo para capturar araras. Semente tóxica, mata ratos e cães¹⁰³. Fruto procurado por aves, que dispersam a semente.

Apícola importante, flor perfumada. Quase não é pastada.

Ecologia: Tolera queimada, mas não incêndio em campo sem gado. Rebrotar após corte. Aumenta com perturbação, coloniza beira de estrada, também sendo pioneira em tapera e roça abandonada.

Ocorrência: abundante, desde a borda inundável de lagoa, onde forma raízes aéreas, até a mata, então com maior porte, solos arenosos. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: Uruguai¹²⁸, "lecherona" (=leitoral) no delta do Paraná¹⁰⁸ na Argentina, sul do Brasil e Paraguai¹³⁰.





Euphorbiaceae

Sapium hasslerianum Huber
“LEITEIRINHO”

AP 4468, id. G.L. Webster.

Etimologia: gênero idem; homenagem ao botânico Hassler (coletou na região).

Arbusto ereto, pouco ramificado, 1-3 m alt., flor out-jan, fruto dez-mar.

Utilização: Potencial ornamental.

Suspeita de tóxica para bovinos²¹⁴, sendo um pouco pastada apenas em épocas críticas de pasto. Tem muito látex. Há espécies que dão a borracha de “murupita”¹⁹⁸.

Ecologia: Aumenta com perturbação, como junto à cerca, onde o passarinho deixa a semente.

Ocorrência: freqüente, campo pouco alagável, pequenos caapões, cerradão ralo, solos arenosos ou siltosos.

Distribuição: cerrados, por exemplo na alta bacia do rio Taquari (MS).



Euphorbiaceae

Sapium longifolium (M. Arg.) Hub.
“LEITEIRO”, “mutuqueira”, “carrapateira”

AP 3343, id. G.L. Webster.

Etimologia: gênero idem; longifolium=folha alongada; carrapateira ou mutuqueira=folha com galhas de inseto (pequena borboleta¹³⁰), donde crê-se saem carrapatos ou mutucas.

Arbusto a pequena árvore, 1,5-4,0 m alt., casca lisa, flor jul-out, fruto dez-mar. É muito semelhante a *S. haematospermum*, o qual é maior, tem caule cascudo e cresce em outro solo.

Utilização: Apícola, flor perfumada. Raramente forrageira. Sensível ao fogo. Rebrotta após corte.

Ocorrência: freqüente, paratudal, campos alagáveis, solos argilosos. Cit. ant.^{174,186,61,62}; como *S. glandulosum*¹.

Euphorbiaceae

Sapium obovatum Kl.

"SARÃ-DE-LEITE", "sarã"

AP 4696, id. J.R. Monteiro.

Etimologia: gênero=idem, obovatum=forma de ovo invertido (folha); saran ou sarandi=esparramado (ramos), em guarani⁵⁷.

Árvore 3-12 m alt., copa densa verde-escura; flor e fruto na estação chuvosa.

Utilização: Presta-se para recomposição de mata ciliar¹⁵⁰. Potencial ornamental. É de um gênero apícola. Semente dispersa por aves que se alimentam do fruto, o qual também é comido por peixes ao cair na água.

Ecologia: Colonizador de beira de rio e ilhas. Rebrotar após corte.

Ocorrência: abundante a dominante em mata ciliar alagável em ilhas e trechos de beira de rios e corixos no norte do Pantanal, diminuindo para o sul; solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{150,53}.

Distribuição: BA, MG, SP, MT e GO⁴⁴.



Euphorbiaceae

Sebastiania hispida (Mart.) Pax

"MERCÚRIO"

Cervi 3228, id. A.C. Allem.

Etimologia: homenagem ao italiano prof. Sebastian¹²; hispida=com pêlos rijos.

Erva a subarbusto perene¹, ereto, 0,5-2,0 m alt.; apresenta flor e fruto quase o ano todo.

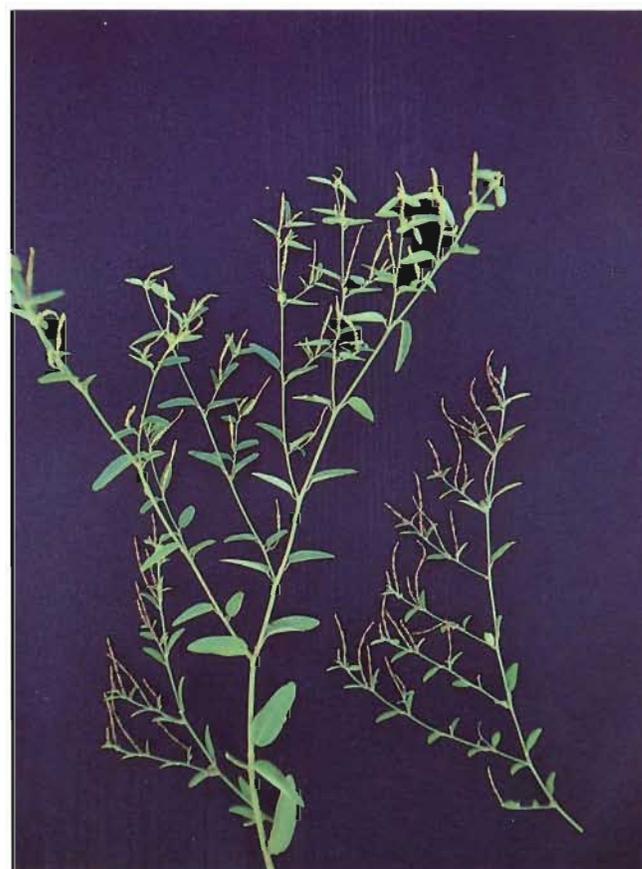
Utilização: Seiva cáustica, queima o peito do cavalo. Tinge a mão com pigmento vermelho, donde o nome comum¹. Contém esteróides/triterpenóides, flavonóides, taninos e saponinas¹⁰⁷.

Ecologia: Invasora¹. Pioneira de caronal gradeado ou campo queimado, portanto indicador de perturbação e de fogo; diminui com veda prolongada. Aumenta em anos secos, morre com cheia grande.

Ocorrência: abundante em campos alagáveis, canjiqueiral, caronal, borda de cordilheira, áreas desmatadas, solos arenosos; pouco freqüente nos argilosos, em murundu de paratidal. Cit. ant.^{174,1,18}.

Distribuição: cerrado⁶⁷, PA a MS e RS, Argentina, Paraguai e Bolívia²²⁵.

Outras spp.: *S. bidentata* e *S. serrulata*, semelhantes, e a arbórea *S. brasiliensis* ("laranjinha-branca").





Flacourtiaceae



Banara arguta Briq.

“SARDINHEIRA”, “sabinera”, “durão”, “rebenta-laçó”(Cáceres)

AP 4519

Etimologia: Banara=nome popular na Guiana¹¹; arguta=picante, agudo¹⁹⁹.

Árvore 3-6 m alt., flor nov-abr, fruto mar-mai, na cheia.

Utilização: Fruto comido por animais silvestres¹³⁰ e por peixes, daí o nome “sardinheira”; sabor doce-amargo. Usada contra febre e dor de cabeça (seg. Dr. N. Saggi, UFMT).

Suspeita de tóxica ao gado¹⁰³, mas não observada pastada no Pantanal. Potencial ornamental.

Madeira amarelada, dura, para construções rurais, lenha e carvão¹³⁰.

Ocorrência: mata ciliar inundável e vazantes, solos argilosos. Cit. ant.^{38,39,53,18}.

Distribuição: Colômbia, Peru, Bolívia, Brasil, Paraguai e Argentina, mata ciliar^{182,130,114}.

Outra sp.: *B. guianensis*^{53,96}.



Flacourtiaceae



Casearia aculeata Jacq.

“CRUZEIRO”, “espinheiro”

AP 2839

Etimologia: homenagem ao missionário holandês Casearius¹¹; aculeata=espinhenta.

Arbusto 2-4 m alt., espinhoso, flor muito odorosa, set-abr., fruto vermelho, do tamanho duma ervilha.

Utilização: Forrageira bem aceita pelo bovino, mas pouco acessível devido aos ramos curtos terminados em ponta.

Apícola importante. Fruto é alimento de aves, dispersoras, por isto às vezes nasce sobre ou ao lado de cupinzeiro e murundu.

Ecologia: Aumenta com desmatamento. Rebrotar após cortes sucessivos, ou após queimadas.

Ocorrência: freqüente em solos argilosos, pouco em arenosos, campos e caapões, vegetação ciliar, carandazal, áreas desmatadas, etc. Cit. ant.^{179,53,175,18}.

Distribuição: xerófila¹⁰¹, do México à Argentina¹⁷⁹, vasta dispersão no Brasil, do AM ao PR¹¹⁸.

Flacourtiaceae

Casearia decandra Jacq.

“PURURUCA”

AP 4520, id. C.N. da Cunha, conf. A. Radovancich.

Etimologia: gênero idem, decandra=10 estames; pururuca=pororoca, estrondo, em tupi⁷⁴.

Árvore caducifólia, ereta, 2-10 m alt., ramos perpendiculares e retos; unissexuada, flor set-nov, fruto nov-jan.

Utilização: Apícola^{45,170}, de grande valor¹¹⁸. Forrageira procurada por bovino. Madeira para varas e caibros rústicos.

Fruto (arilo) comestível⁴⁵, sendo alimento de aves, dispersoras¹¹⁸.

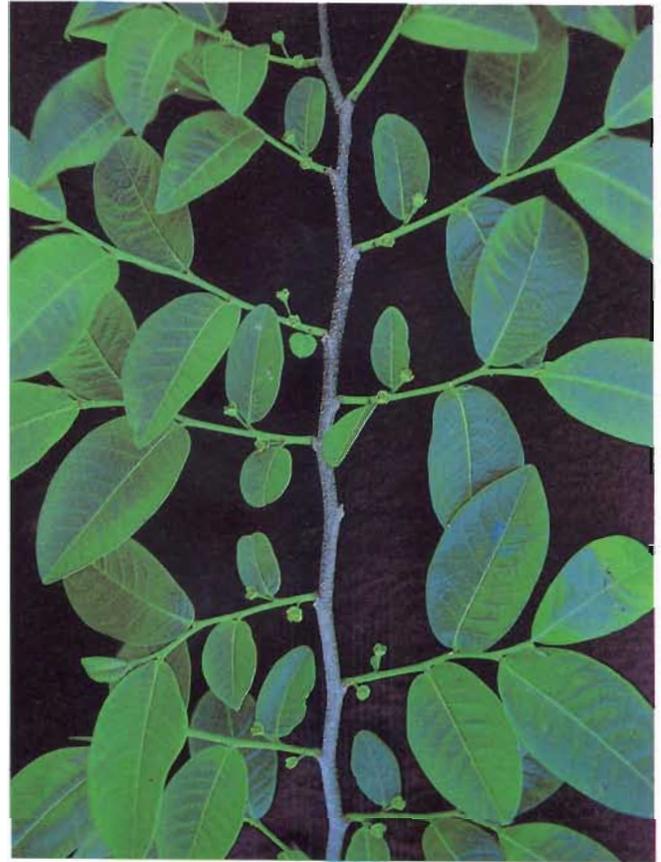
Uso medicinal: casca para picada de cobra. Em pó contra feridas e úlceras⁴⁵.

Ecologia: Rebrotar após desmatamento. Sensível a fogo, podendo rebrotar da base, na forma de arbusto.

Ocorrência: freqüente, matas, cerradão e mata ciliar inundável, solos arenosos ou argilosos, fertilidade variável. Cit. ant. 174,186,53,18.

Distribuição: América Central ao Uruguai, Paraguai, Bolívia, matas de galeria¹¹⁸.

Outra sp.: *C. gossypiosperma*, também “pururuca”.



Flacourtiaceae



Casearia sylvestris Sw. var. *lingua* "CHÁ-DE-FRADE"

Ratter 5062, id. J.A. Ratter.

Etimologia: gênero idem; *sylvestris*=da selva, floresta; *lingua*=de "língua-de-tiú", nome no Nordeste¹⁹.

Árvore ou arbusto, 2-5 m alt., casca grossa ao sol, onde sobrevive ao fogo, e fina na mata. Perenifólia, flor agout, fruto na estação chuvosa.

Utilização: **Forrageira** importante na cheia e na seca, não muito consumida quando não falta pasto. Teores de minerais não são altos (0,34% de cálcio, 0,16% de fósforo) para vacas, exceto o de magnésio (0,42%); o de proteína (13% PB) é mediano para arbustos, bom para bovino¹⁷¹. Não é tóxica¹⁰³. Fruto adocicado, comestível, comido e espalhado por aves (como sabiá²¹⁰). Importante **apícola**, flor com perfume de mel. Ornamental^{155,193,210,132}.

Madeira esbranquiçada, dura, boa para construção, tornearia, marcenaria e carpintaria, e lenha^{43,139,192,193}, resistente a cupim¹³².

Uso medicinal: calmante (peão quer distância deste chá) e depurativo (diz-se que o lagarto vence a cobra, se comer da folha). "Guassatonga" em outros estados, contém princípios anti-inflamatório e analgésico comprovados²⁰⁴, que ajudam em picada de cobra¹⁹; óleo essencial, tanino, resina, antocianossídeo e saponina; antimicrobiano e fungicida (afta, sapinho), contra úlcera gástrica, coceira e picada de inseto; estomacal, antisséptica, cicatrizante^{103,35}, diurética²²², para circulação¹⁶⁵ e contra febre, doenças de pele^{43,118,223,208}, bronquite asmática²⁰⁰, e gado envenenado por planta tóxica^{43,19}.

Ecologia: Rebrotar e aumentar muito após desmatamento, tornando-se invasora de pastagem cultivada.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, caapões e matas, solos arenosos e siltosos. Cit. ant.^{174,186,61,62}.

Distribuição: ampla, neotropical¹⁹⁷, México e Guiana ao RS^{43,19}, todo o Brasil, é da mata atlântica, também habita savana (cerrado)^{197,118,132}.

Flacourtiaceae



Baetia americana L. "SARDINHEIRA"(Cáceres), "figuinho"

AP 3629, id. J.A. Ratter.

Etimologia: homenagem a Laet¹¹; americana= das Américas.

Arbusto a árvore ramificada, 2-6 m alt., flor set-nov, fruto jan-jul.

Utilização: Apícola, flor perfumada. Fruto comido por peixes, segundo um pescador.

Gênero com madeira dura e forte, mas pouco durável¹⁸⁷. Há uma espécie com propriedade inseticida⁹².

Ecologia: Sensível ao fogo.

Ocorrência: mata ciliar baixa, alagável, solos argilosos.

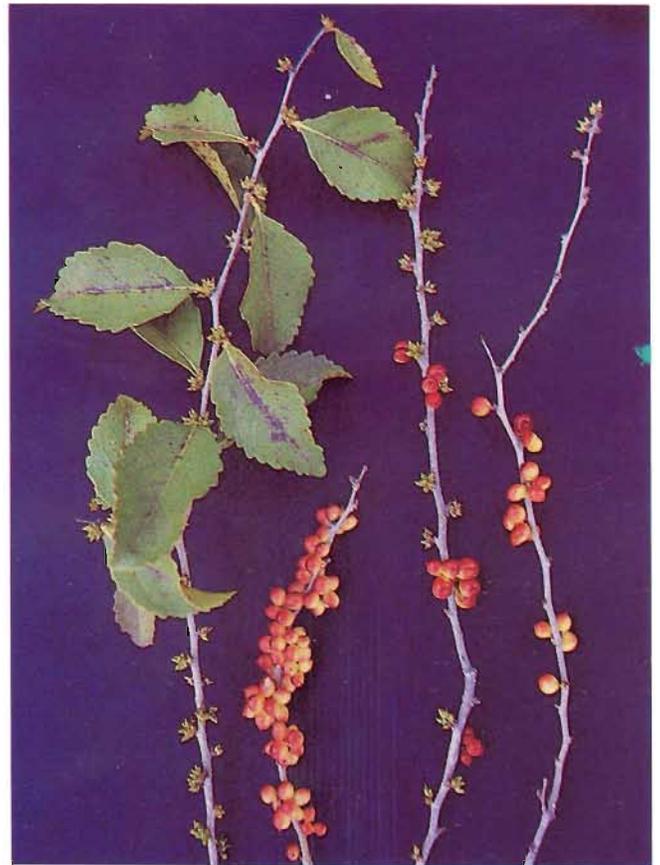
Distribuição: sendo espécie de Linneus, pôde-se prever que é de ampla dispersão. Ocorre na Bolívia¹¹⁴.

Flacourtiaceae

Xylosma venosum N. E. Brown "ESPINHEIRO"

AP 3242, id. G. Hatschbach.

Etimologia: *Xylosma*=madeira perfumada; *venosum*=venoso, cheio de veias (nervuras da folha).
Arbusto 1-3 m alt., meio caducifólio, com espinhos (às vezes sem); unissexuado, flor fev-ago, fruto out-dez.
Utilização: Algo forrageira. Apícola. Fruto comido e disperso por aves. Periquitos cortam ramos para fazer ninho, consolidado pelos espinhos. Potencial ornamental e para cerca viva. Casca adstringente⁹.
Ecologia: Aumenta em área desmatada. Rebrotta após corte ou fogo.
Ocorrência: caapões de vazante, borda de cordilheira, vegetação secundária de mata, solos arenosos ou argilosos, geralmente férteis. Cit. ant.⁶¹.
Outra sp.: *X. benthamii*¹⁷⁹. Outra flacourtiácea: *Homalium guianense*⁵³.



Gentianaceae

Coutoubea ramosa Aubl.

AP 6590

Etimologia: *Coutoubea*=nome popular nas Guianas¹³; *ramosa*=com muitos ramos.
Erva anual, ereta, 0,1-0,7 m alt.
Utilização: Forrageira, rebrotta pouco, porque logo floresce e frutifica, ao baixar a água no campo. Mas é **tóxica** ("tingui" na Amazônia), a dose letal é de 20 g/kg peso vivo²³⁶, o que equivale a cerca de 4 kg para uma vaca. Os sintomas são perda de apetite, andar lento, cólicas, redução da atividade do rúmen, coração acelerado, e morte no 2º dia, com lesões no rúmen²³⁶. Não se sabe se a intoxicação ocorre em condições naturais²³⁶, pois a toxidez de uma espécie provada experimentalmente pode ficar diluída em condições de campo¹. O problema pode aparecer ao mudar um lote de animais de uma área sem a planta para outra mais baixa com a erva.
Ecologia: Aumenta em solo desnudo após a cheia e/ou com perturbação.
Ocorrência: abundante, planícies de inundação do Abobral e Poconé, solos arenosos, siltosos ou argilosos. Cit. ant.^{61,62}.
Distribuição: várzea da Amazônia em RR²³⁶, campos de RR²⁰³, ilha do Bananal¹⁸⁵, norte da Bolívia⁹⁷ e Suriname.



Gentianaceae


Schultesia brachyptera Cham.

AP 5482

Etimologia: homenagem ao prof. Schultes¹³; brachyptera=asa curta (do cálice alado).

Erva anual, ereta, 20-60 cm alt., flor jan-jun, às vezes até ago, durante e após a cheia; desaparece na seca.

Utilização: Grande potencial ornamental. Pouco pastada, junto com gramíneas. Aqui ocorre outra espécie, *S. stenophylla*, semelhante, que é considerada tônica, amarga e febrífuga⁴².

Ecologia: Aumenta sem gado vacuum, no início, mas depois diminui com o sombreamento pelo capim alto.

Ocorrência: freqüente em campos alagáveis próximos a vazantes, solos arenosos. Cit. ant.^{179,62}.

Distribuição: ilha de Marajó, PA, BA⁴², Nordeste¹³⁴.



Gentianaceae


Schultesia guianensis Aubl.

AP 1536

Etimologia: gênero idem; guianensis=das Guianas.

Erva anual, ereta, 3-15 cm alt.; pode ser encontrada com flor quase o ano todo, onde não esteja inundado ou muito seco.

Utilização: Não é forrageira, mas pode ser pastada junto com gramíneas. Considerada tóxica violenta (no Nordeste é "mata-zombando"), mas análise não revelou nada¹⁹. Tida (raiz e folha) como aperitivo, febrífugo e para estimular menstruação¹²⁴, e depurativo na América Central¹⁹.

Ecologia: Como efêmera, cresce em pequenos claros da pastagem nativa, deixados pela cheia e/ou que surgem em campo "batido", portanto pode ser uma indicadora de pastejo excessivo.

Ocorrência: freqüente, campos alagáveis, solos arenosos.

Distribuição: América e África tropicais¹⁹.



Guttiferae (Clusiaceae) (família com látex)

Calophyllum brasiliense Camb.

“GUANANDI”, “beleza”, “landi”, “landim”,
“cedro-d’água”

AP 4462, id. C.N, da Cunha, conf. A. Radovancich.

Etimologia: Calophyllum=folha bonita;
guanandi=grudento⁷⁴.

Árvore de tronco reto ou copa baixa se isolada, 5-20 m alt., látex amarelado, flor ago-out, às vezes fev-abr.

Utilização: Muito apícola^{139,155}. Algo forrageira. **Fruto** comestível. Alimento de porco¹³⁰ e morcegos, dispersores^{32,130}, e peixes²²¹.

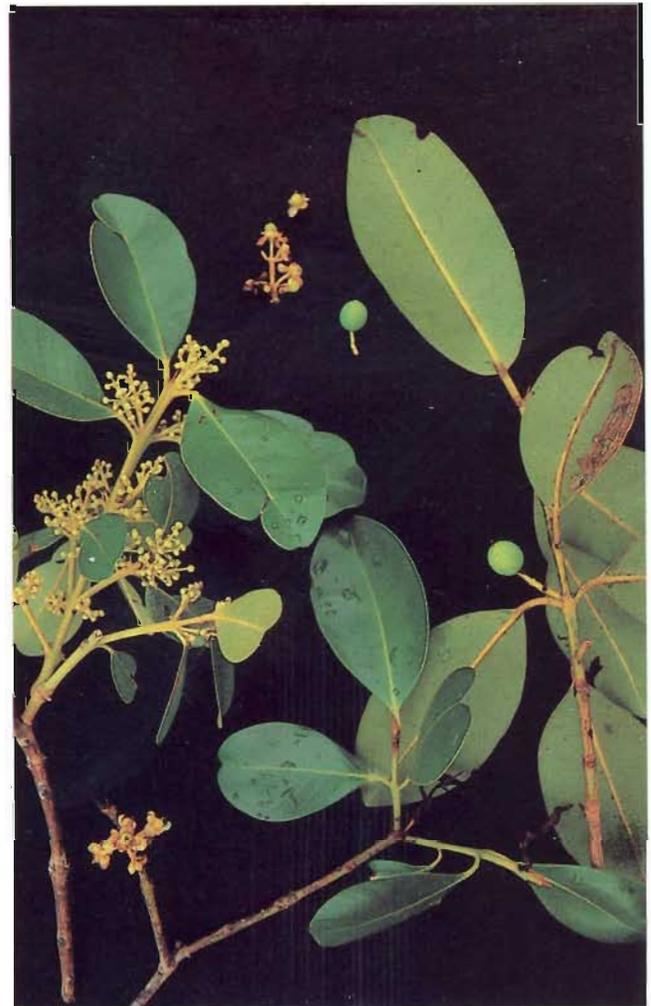
Madeira boa, a mais durável para chalana, às vezes usada para cocho. Pouco pesada (dens. 0,62), serve para remo, poste, barril, móveis, carpintaria, piso, decoração^{43,152,195,198, 187,136,130,132}.

Folha usada como chá. Casca com resina amarga e aromática⁵⁶, o “bálsamo de landim”⁵², contra úlceras e tumores^{43,208,9,52}, também de boi e cavalo⁵²; chá anti-inflamatório e contra varizes e hemorróidas⁹⁵; emplastro de látex contra hérnia¹⁴⁰, mas látex tóxico, irrita e mancha a pele^{218,198}. Semente tem óleo industrial^{139,130}.

Cultivo: fácil, sementeira direta¹³⁰, germina em 50 dias, crescimento moderado¹³².

Ocorrência: freqüente, caapões de Poconé, mata ciliar de vazantes, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{53,96,61, 169,62}.

Distribuição: ampla dispersão neotropical, do México e Guiana ao RS, Bolívia e Paraguai, mata atlântica, restinga, cerrado^{43, 196,197,56,4,130,132}.



Guttiferae

Kielmeyera coriacea Mart.

“GORDIANA”

AP 2166, id. conf. N. Saggi.

Etimologia: homenagem a von Kielmeyer; coriacea=folha como couro.

Árvore ereta 4-6 m alt., à vezes arvoreta 2-3 m de copa larga, casca grossa com cortiça clara, flor esbranquiçada nov-fev, fruto abr-jul.

Utilização: Principal fonte brasileira de cortiça, de 1-2 cm espessura^{152,198}, serve como isolante térmico em geladeira¹⁸⁷.

Potencial ornamental⁵⁶, flor aromática⁴³.

Conhecido como “pau-santo” (ou “saco-de-boi”) em outras regiões, é medicinal, folha (banho) para amolecer feridas^{43, 95,223,208}, também a resina, tônica⁴² e contra dor de dente⁴³; seiva para doença de olhos⁵⁶.

Ecologia: Resistente a fogo. Tem raiz gemífera e pega de estaca de raiz¹⁹⁷.

Ocorrência: borda de cerradão e caapões de cerrado, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,96,61,62}.

Distribuição: cerrados brasileiros^{76,101,77}, PI a SP, MG, GO, MT⁴³ e Bolívia¹¹⁴.

Outra sp.: *K. rubriflora* (de flor rósea, em cerrado, leste de Paiguás e Nhecolândia).





Guttiferae

Rheedia brasiliensis (Mart.) Pl. et Tr.

“CUPARI”, “acopari”, “acupari”, “bacupari”

AP 4458, id. N. Saddi.

Etimologia: homenagem a van Rheeede; brasiliensis=brasileira.

Árvore ereta, 3-7 m alt., copa densa verde-escuro, látex amarelo-verdoso. Brotação de folha no ano todo, flor jan-out¹⁴⁵. Fruto set-jun.

Utilização: Fruto comestível. Polpa grossa, branca e adocicada²²¹, às vezes bichada. Cultivada e comercializada na Bolívia¹¹⁴. Em anos secos frutifica pouco. Fruto importante para a fauna. é comido por aves, p. ex. arancuã²¹⁰, e peixes²²¹. Usado para vinagre e isca de peixe¹⁵¹. Forrageira de mediana aceitabilidade. Casca com tanino, para curtir, e resina, remédio⁴⁴ para doenças urinárias^{52,210}. Semente (uso ext.) para feridas e contusão²³⁸. Ornamental, madeira¹³⁰ para marcenaria, carpintaria, construção⁴⁵, cabos de ferramenta e moirão²¹⁰.

Cultivo: Propaga-se por semente, germina em 8 meses²¹⁰. Mantido irrigado, frutifica muito, quase o ano inteiro.

Ecologia: Sensível a fogo, mas pode rebrotar da base.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, borda de matas e caapões, principalmente próximo a rios e vazantes, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{96,219,61,169,62,18}.

Distribuição: Guianas à Argentina¹³⁰, Bolívia¹¹⁴.



Heliconiaceae (Musaceae)

Heliconia marginata (Griggs) Pitt.

“PACOVA”, “cana-de-macaco”

AP 4722

Etimologia: Heliconia=Helicon, montanha das musas⁵⁸; pacoba=folha que se enrola, em tupi⁷⁴.

Erva rizomatosa, folha ereta, 1-2 m alt., flor jan-abr. e ago-set, dependendo do rio e do respectivo regime de cheia.

Utilização: Usada para cobrir ranchos⁹⁶. Gênero de ornamentais, muitas cultivadas.

Fruto comido por peixes²²¹. Forrageira eventual, quando o bovino tem acesso à vegetação do verdadeiro “rocambolê” de braços mortos próximo aos rios. Certamente é comida por capivara, que prefere monocotiledôneas.

Ecologia: Forma o pacoval⁹⁶, colonizadora e fixadora de barranco de rio, tolerando meia sombra, até ser substituída por arbustos sucessores.

Ocorrência: manchas dominantes, vegetação ciliar alagável, freqüentemente entre meandros, solos argilosos. Cit. ant.^{96,62}.

Outra sp.: *H. hirsuta*³⁹.

Hippocrateaceae (Celastraceae)

Hippocratea volubilis L.

AP 3074, id. conf. J.A. Ratter, e A. Radovanchich.

Etimologia: homenagem a Hipócrates; volubilis=volúvel, trepadeira.

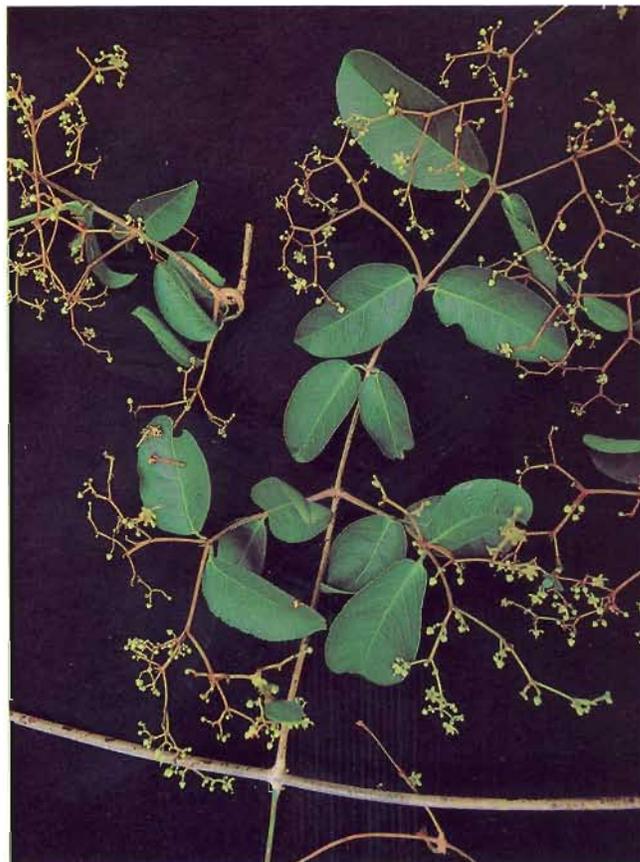
Trepadeira ou arbusto apoiante, 1-5 m alt., flor jul-dez, parece frutificar pouco.

Utilização: Caule jovem serve como corda rústica¹⁸⁷. Semente comestível, meio amarga, com 50% de óleo medicinal e alimentício^{82,187,9}. Pelo nome em outra região, “fava-de-arara”⁸², deduz-se que seja alimento de aves dispersoras. Planta tida como medicinal, contra tosse⁴²; folha desinflama e cicatriza feridas⁹. Desconhece-se uso regional.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar, espinheiral, caapões, solos argilosos. Cit. ant.^{38,61,62}.

Distribuição: da mata atlântica, restinga¹⁹⁷, América tropical e subtropical¹⁸⁷.

Outra sp.: *H. ovata*¹⁵¹.



Hippocrateaceae

Salacia elliptica (Mart.) Peyr. “SIPUTÁ”, “saputá”

AP 5072, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Salacia=uma das esposas de Netuno¹²; elliptica=forma da folha; siputá, vem de saputá=nome tupi. **Árvore** 3-8 m alt., flor mai-out, fruto ago-jan.

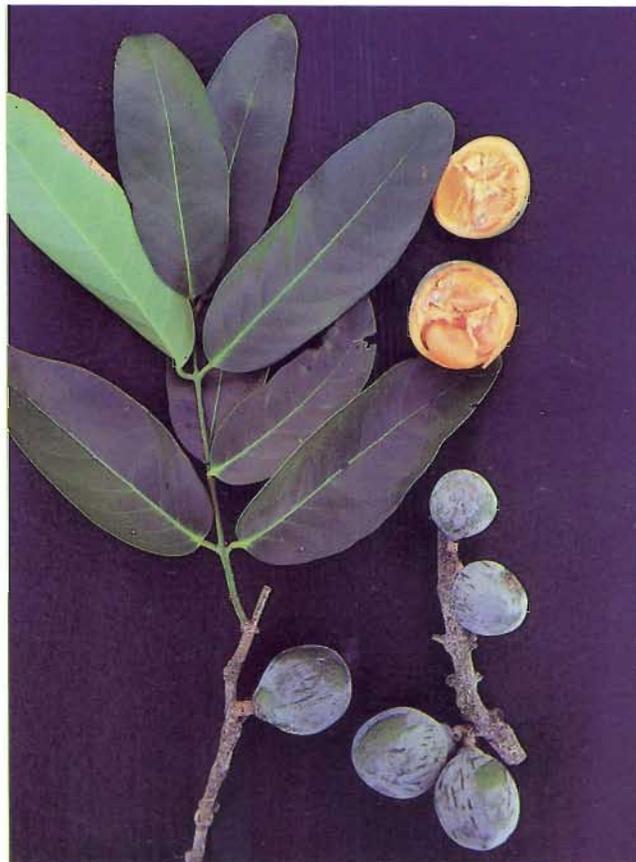
Utilização: Fruto comestível. Alimento de pacu³⁹ e outros peixes e animais. Folha comida por bovino na cheia. Madeira dura³⁹, não usada na região.

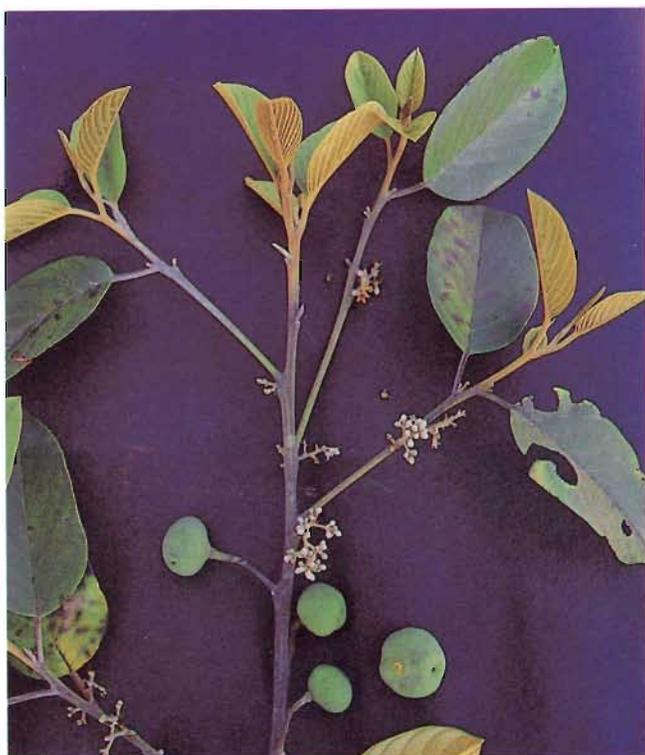
Ecologia: Sensível ao fogo.

Ocorrência: freqüente, borda sombreada de cordilheira, mata ciliar inundável, caapões de vazante e de planície de inundação fluvial, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{39,174,186,53,96,61,62,18}.

Distribuição: é da mata atlântica, desde a restinga do litoral brasileiro¹⁹⁷ à Bolívia¹¹⁴.

Outra sp.: *Tontelea cf. micrantha* (“siputá-do-cerrado”).





Icacinaceae

Emmotum nitens (Bth.) Miers

AP 6513, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Emmotum=a que supura (seiva da entrecasca)¹²; nitens=brilhante (folha).

Árvore ereta 3-10 m alt., casca quase lisa, esbranquiçada por líquens e com fendas horizontais, flor ago-nov, fruto set-dez.

Utilização: Desconhece-se uso. Potencial ornamental e florestal.

Ecologia: Sensível ao fogo.

Ocorrência: freqüente, apenas no leste, cerradão, solos arenosos.

Distribuição: espécie de mata, cerradão denso^{101,197}, GO, BA, PE⁴³ e na alta bacia do Rio Taquari (MS), que drena para o Pantanal.



Labiatae (Lamiaceae)

Hyptis brevipes Poit. “HORTELÃ-BRAVA”, “hortelãzinha”

VJP 1343

Etimologia: Hyptis=virado ou curvado para baixo (lábio inferior da flor)^{13,98}; brevipes=pé curto (pedúnculo da inflorescência).

Erva anual ereta, 0,1-0,6 m alt., odorosa. Flor quase ano todo, mas não sempre as mesmas plantas; continua florescendo até meio submersa.

Vinha sendo identificada como *H. lappacea*^{174,1}, entretanto o especialista R.M. Harley (Kew) determinou o exemplar de Prance como *H. brevipes*. Mas *H. lappacea* e *H. brevipes* são duas espécies muito aparentadas e a classificação deste grupo complexo ainda necessita estudo; *H. lappacea* é do Paraguai e Argentina⁹⁸, em carandazal e lagoas temporárias no Chaco oriental¹⁸².

Utilização: Muito apícola¹⁷⁰. Forrageira eventual.

Ecologia: Aumenta com perturbação (fuçado de porco, pisoteio, gradagem), e como pioneira em baía e vazante secas.

Ocorrência: freqüente a dominante, campos secos ou alagáveis, canjiqueiral, solos arenosos e siltosos, e como ruderal. Cit. ant.^{151,105}.

Distribuição: difusa nos trópicos^{151,22}, desde o México, todo o Norte do Brasil até SC, Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia, e Ásia tropical⁹⁸.

Labiatae

Hyptis crenata Pohl

“HORTELÃ-BRAVA”, “hortelãzinha”, “hortelã-do-campo”

AP 4304

Etimologia: gênero idem; crenata=bordo ondulado (da folha)

Subarbusto 0,3-0,8 m alt., com forte odor de hortelã. Flor quase o ano todo, exceto ago-set quando a parte aérea morre parcialmente. Às vezes identificada como *H. dilatata*¹⁷⁹, de um complexo a ser revisado, anotação do especialista R.M. Harley (Kew) na exsicata de Prance.

Utilização: Muito apícola¹⁷⁰. Um mel claro com cheiro de cravo, da Nhecolândia, é atribuído a esta flor, tendo o mesmo gosto de cravo da folha (seg. Rita Herrera, fazenda Alegria).

Uso medicinal: vermes, pulmão, também no mate e tereré. Folha esfregada na pele funciona como repelente, tem óleo essencial. Aromática e medicinal, não consta para que⁴⁶. Muito pouco pastada, tampouco apresenta danos de insetos.

Ecologia: Aumenta em anos secos. Considerada indicadora de equilíbrio de uso da pastagem¹⁰, ou seja, diminui em campo folgado, mas demora a diminuir no muito batido (seg. Zelito de Barros).

Ocorrência: abundante, caronal, borda de caapão de cerrado e cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{105,174,1}.

Distribuição: Amazônia (“salva-de-marajó”) e MG⁴⁶; presente no “pantanal” do norte da Bolívia⁹⁷.



Labiatae

Hyptis microphylla Pohl

AP 5708

Etimologia: gênero idem; microphylla=folha pequena.

Subarbusto perene 0,5-1,2 m alt., parte aérea geralmente anual, caule com aerênquima na base que esteve submersa; flor e semente na época chuvosa e até o solo secar.

Utilização: Forrageira, bem consumida por bovino, mas pouco produtiva.

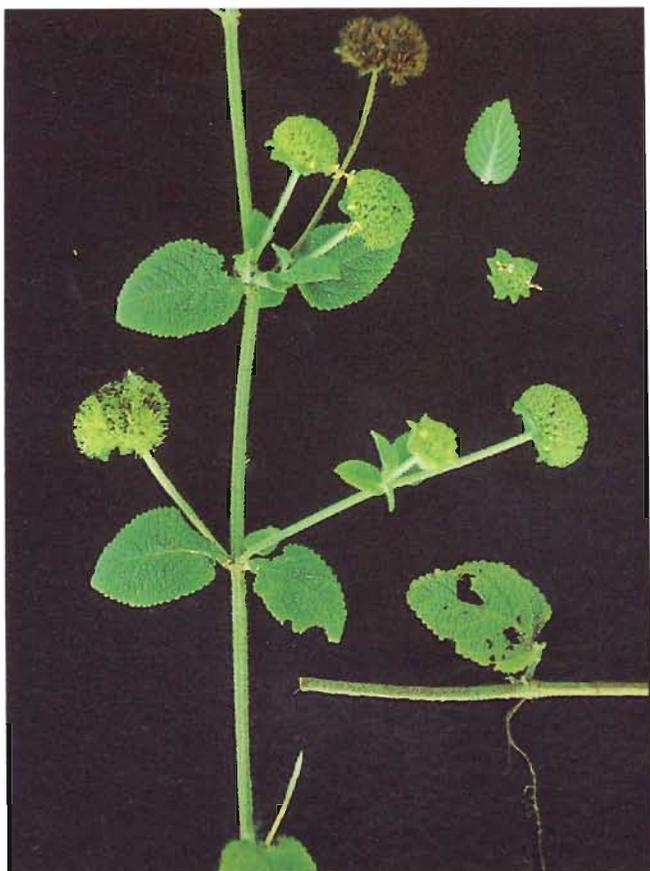
Ecologia: Quase desaparece nos meses secos, diminuindo nos anos de pouca cheia. Sensível a fogo. Coloniza fundo seco de lagoa e vazante.

Ocorrência: frequente, todas sub-regiões, principalmente em vazantes, solos arenosos. Cit. ant.¹⁵¹.

Distribuição: ampla, em savanas inundáveis da América do Sul tropical.

Outras spp.: *H. lappacea* (carandazal, paratudal), *H. lorentziana*, *H. recurvata*, *H. spicigera*, *H. suaveolens* (“tapera”); *H. velutina*¹⁰⁵.





Labiatae

 **P***eltodon tomentosus* Pohl

“PAPOULA-DO-CAMPO”

AP 4300, id. A. Schinini.

Etimologia: Peltodon=dente com disco (dilatação no ápice do cálice)¹³; tomentosus=piloso.

Erva prostrada, que enraiza nos nós, ou que se ergue até 1,5 m alt., flor quase o ano todo.

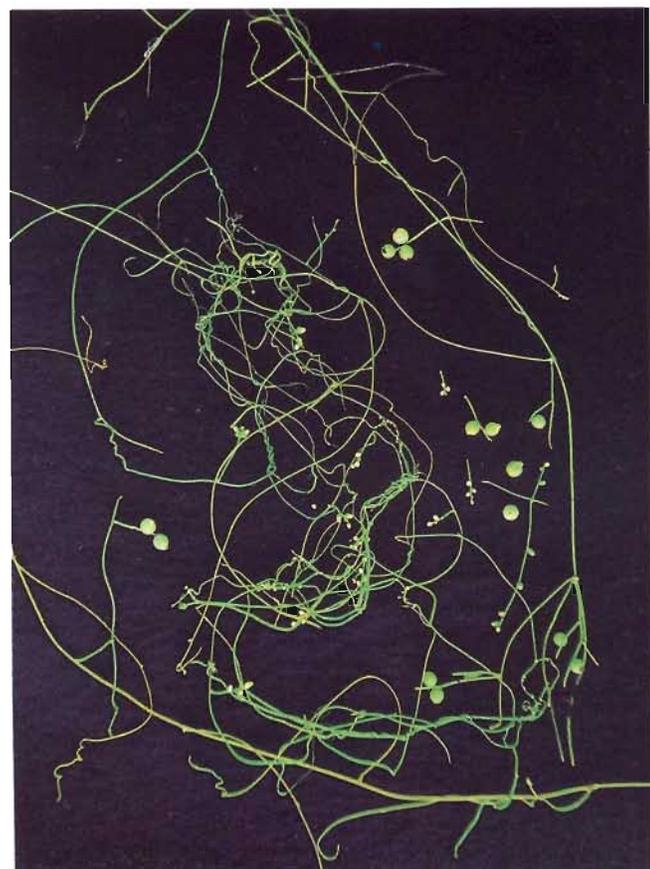
Utilização: Um pouco apícola. Potencial ornamental. Muito pouco pastada. Pertence a uma família de aromáticas.

Ecologia: Aumenta com redução da cobertura de solo, indicando degradação de pastagem, mas tolera pouca inundação, por isso também aumenta em anos secos.

Ocorrência: freqüente, caronal, borda de cerradão, cordilheira desmatada, solos arenosos. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: cerrado.

Outras labiadas, ruderais: *Leonotis napetaefolia* (“cordão-de-são-francisco”), *Marsypianthes chamaedrys* (“hortelã-brava”).



Lauraceae

 **C***assytha filiformis* Jacq.

AP 3816

Etimologia: Cassytha=cuscuta¹¹, uma parasita semelhante; filiformis=forma de fio.

Erva volúvel, parasita, que se fixa por haustórios a várias espécies (gramíneas, “gravateiro”, “assapeixe”, “cipó-de-arraia”, “ingá”, “rebenta-laço”, etc.). Flor e fruto quase o ano todo.

Utilização: Tem propriedades de inseticida e raticida⁹². Visgo serve para calafetar barcos¹²⁴.

Chá e banho para problemas renais e dores em geral⁹⁵, pedra na vesícula⁹, seiva contra dor de dente e hemorragia, uretrite⁴⁴.

Artesanato de cintos e braceletes na Nova Caledônia⁴⁴.

Ecologia: Parece ser dispersa por aves.

Ocorrência: esparsa, todas sub-regiões, borda de cerradão e caapões, caronal, cambarazal (mas não vista parasitando o “cambará”). Cit. ant.^{174, 18}.

Distribuição: ampla dispersão neotropical¹⁹⁷, cerrados¹⁰¹.

Lauraceae

Ocotea suaveolens Hassl.

“CANELEIRA”, “canela-preta”, “canela-de-cutia”

Ratter 5079, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Ocotea=nome vulgar na Guiana¹¹; suaveolens=olor suave, perfumado.

Árvore 3-8 m alt., folha odorosa, flor perfumada mai-out, às vezes até dez, fruto (vermelho) nov-jan.

Utilização: Forrageira importante pela aceitabilidade e frequência. Fruto é alimento de fauna, especialmente aves Turdídae (sabiá, etc.)¹³⁰. É uma das principais apícolas do Pantanal¹⁷⁰.

Madeira usada para moirão e lenha. É leve (dens. 0,57), boa textura, serve para tábua, móveis, papel e construção¹³⁰, tem odor de pimenta-da-jamaica⁵⁷. Potencial ornamental.

Ocorrência: comum em todas sub-regiões, em caapões, borda de cordilheira, caronal, mata ciliar alagável, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant. 174,186,53,61,62,18.

Distribuição: Bolívia, Paraguai e Argentina^{130,114}.



Lauraceae

Ocotea velloziana (Meissn.) Mez

“CANELA-BRANCA”, “caneleira-branca”

AP 4678.

Etimologia: gênero idem; homenagem ao botânico brasileiro Vellozo.

Árvore 3-10 m alt., folha com nervuras pilosas; flor mai-ago, muito odorosa; fruto out-nov.

Utilização: Apícola. Folha forrageira para bovino na cheia, acesso reduzido. Fruto comido e disseminado por aves.

Ecologia: Sensível a fogo.

Ocorrência: esparsa a freqüente, mata ciliar, caapão de vazante, às vezes em borda de caronal. Cit. ant. 179.

Distribuição: ocorre na Bolívia¹¹⁴ e junto aos rios que descem ao Pantanal.

Outra laurácea: *Aniba* sp. (“canela-amarela”, bom moirão).



Leguminosae-Caesalpinioideae (Caesalpiniaceae)



Bauhinia bauhinoides (Mart.) Macbr.

(=*B. microphylla* Vog.)

“ESPINHO-DO-DIABO”

AP 2444, id. A.M.S. da F. Vaz.; id. R. Vanni; id. G.P. Lewis, considerando válido *B. microphylla*.

Etimologia: homenagem aos botânicos gêmeos Bauhin (2 folíolos geminados, em forma de pata de vaca); bauhinoides=forma de *Bauhinia*.

Arbusto 1-4 m alt., ramificado, espinhento. Flor e vagem quase o ano todo.

Utilização: Raramente pastada. Serve para cerca viva¹⁶. Gênero de valor medicinal, mas não foi encontrada informação sobre esta espécie.

Ecologia: Invasora de pastagem e colonizadora de beira de estrada. Rebrotar após cortes e fogo, diminuindo com a queimada. Muitas vezes está associada a outros espinheiros (*Byttneria filipes*, *Mimosa spp.*), em áreas impenetráveis ao gado e ao homem, conforme expressa o nome comum.

Ocorrência: planícies de inundação dos rios Paraguai e Miranda, compondo o espinheiral; solo argiloso. Cit. ant.209,179,18, 38,135,61.

Distribuição: Brasil, Argentina e Paraguai²⁰.

Leguminosae-Caesalpinioideae



Bauhinia glabra Jacq.

“TRIPA-DE-GALINHA”

AP 5016, id. A.M.S. da F. Vaz; R. Fortunatto.

Etimologia: gênero idem; glabra=sem pêlos.

Trepadeira lenhosa, do tipo “escada-de-jaboti”. Flor agônova, semente nas chuvas.

Utilização: Potencial ornamental. Usado para amarrar construção.

Uso medicinal: diarreia, dor-de-barriga. Raiz macerada em água⁹⁵.

Ecologia: Aumenta com desmatamento, pois trepadeira é heliófila (amiga do sol).

Ocorrência: freqüente, mata ciliar e semidecídua (borda e clareira), principalmente Poconé, solos argilosos. Cit. ant.53,61.

Distribuição: caatinga e capoeira do NE, N da América do Sul (Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru), Amazônia brasileira (RR, PA, AC, RO, MT)^{64,65}, e cerrado⁹⁵.

Leguminosae-Caesalpinioideae

Bauhinia mollis (Bong.) Dietr. “PÉ-DE-BOI-DE-ESPINHO” “pata-de-vaca-de-espinho”

AP 1843, id. J.A. Ratter; A.M.S.F. Vaz.

Etimologia: gênero idem; mollis=mole.

Arbusto 1-4 m alt., flor na época chuvosa, vagem na seca.

Utilização: É um pouco comida por bovino. Fornece embira.

Ecologia: Aumenta com desmatamento, invasora de pastagem cultivada. Rebrotar após cortes ou fogo. Indica solo bom¹⁸⁴, o que se confirma no Pantanal.

Planta jovem às vezes encontrada sobre “acuri”, mas não se sabe se pode haver dispersão por ave ou por morcego (polinizador), pois a vagem estoura e lança a semente.

Ocorrência: freqüente, mata e cerradão, roça velha, solos arenosos ou argilosos, férteis; também na morraria calcária. Cit. ant.^{174,186,62,18}.

Distribuição: floresta semidecídua e cerradão de solo bom no Centro-Oeste¹⁸⁶, Bolívia¹⁴ e Argentina^{20,57}.



Leguminosae-Caesalpinioideae

Bauhinia pentandra (Bong.) Vog. “UNHA-DE-VACA”, “unhá-de-boi”

AP 4842, id. conf. A.M.S.F. Vaz

Etimologia: gênero idem; pentandra=5 machos (estames).

Arbusto a arvoreta 1,5-5,0 m alt., pouco ramificado, folhas mais nas pontas dos ramos; flor fev-jun, fruto jan-set.

Utilização: Forrageira de bovino na seca. Serve para estacas e lenha. Pela arquitetura, seria uma planta apta para sistemas agroflorestais, mas tem potencial de invasora. É de um gênero que não nodula, não fixa nitrogênio⁷². As flores das *Bauhinia* são visitadas por beija-flores e morcegos.

Ecologia: Aumenta com perturbação e em áreas desmatadas, sendo invasora de pastagem cultivada.

Ocorrência: muito freqüente, mata semidecídua e borda de cerradão, solos arenosos ou argilosos, férteis; também na morraria calcária. Cit. ant.^{209,38,135,61,62}.

Distribuição: CE e MT⁶⁵.





Leguminosae-Caesalpinioideae

Bauhinia rufa (Bong.) Steud.

(*B. unguolata* L., *B. bongardi* Steud.)
 “PÉ-DE-BOI”, pata-de-vaca, “pé-de-vaca”,
 “unha-de-vaca”

AP 3209, id. J.A. Ratter; conf. R. Vanni.

Etimologia: gênero idem; rufa=avermelhada (folha).

Arbusto 1-3 m alt., flor mai-nov, tem mau odor, polinizada por morcegos; vagem na estação chuvosa.

Utilização: Pouco pastada. Invasora de pastagem cultivada e de roça.

Usada como medicinal contra diabetes, chá de 3 folhas⁹⁵. É adstringente⁴². Em várias espécies foram achados flavonóides e taninos²¹².

Ecologia: Aumenta com desmatamento; rebrota pós corte; tolera queimada.

Ocorrência: abundante, borda de cerradão, cordilheira desmatada, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,61,62}.

Distribuição: floresta, caatinga, cerrado, BA¹²⁷, MG, SP, PR, GO e MT⁴².

Outra sp.: *B. corniculata* (com apêndice entre os folíolos, cresce em mata ciliar, solo argiloso).



Leguminosae-Caesalpinioideae

Cassia grandis L. f.

“CANAFÍSTULA”

AP 5156

Etimologia: cassia=nome hebraico ou grego¹²; grandis=grande (vagem de 30-50 cm compr.); canafístula provavelmente vem de caña-fístula (Paraguai).

Árvore 5-15 m alt., copa larga. Flor jul-nov, rosa (nova) a laranja-salmão (velha); fruto maduro fica pendurado durante meses.

Utilização: Apícola. Não comestível⁶⁵, a polpa da vagem é laxante¹²⁴, assim como fruto verde, folha, flor e semente⁸¹. Semente pode substituir “café”¹⁶.

Considerada boa lenha e a casca é usada para curtir no Pantanal. Madeira dura⁶⁴, não muito durável, serve para móveis¹⁴⁸, não usada aqui.

Indicada para arborização urbana^{19,132}.

Cultivo: Cresce bem em solo calcário na cidade de Corumbá. Semente escarificada germina em 10 dias¹³².

Ecologia: Sendo planta de sol, aumenta em mata mexida.

Ocorrência: freqüente, mata de cordilheira⁵³, mata ciliar, mata de carandá, solos argilosos. Cit. ant.^{179,2b,38,81,96}.

Distribuição: toda a América tropical continental¹⁹, do México ao norte da América do Sul¹⁰⁶, floresta amazônica^{64,197,132}, até o Paraguai¹⁴⁸.

Outra sp.: *C. coluteoides*⁶¹.

Leguminosae-Caesalpinioideae

Chamaecrista campestris (Bth.) Irw. et Barn.

AP 1640, id. G. Hatschbach.

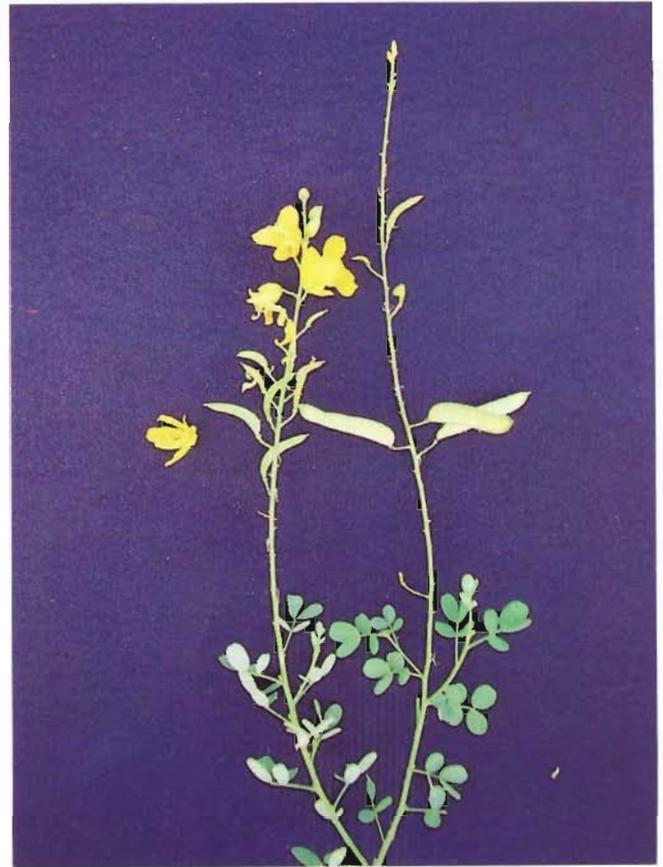
Etimologia: Chamaecrista=chmae=aná, pequena + crista=crista (da flor); campestris=do campo.

Subarbusto perene, 0,3-1,0 m alt., com pilosidade adesiva; apresenta flor e vagem em grande parte do ano.

Utilização: Pouco forrageira. Ornamental.

Ecologia: Aumenta em anos secos e em áreas desmatadas, como roça velha, capoeira, portanto indicadora de recuperação de área perturbada. Sendo pegajosa, segura sementes de plantas sucessoras disseminadas pelo vento. Rebrotar após fogo.

Ocorrência: freqüente em cordilheira desmatada, solos arenosos.



Leguminosae-Caesalpinioideae

Chamaecrista flexuosa (L.) Greene

(=*Cassia flexuosa* L.)

AP 4365, id. conf. G. Hatschbach.

Etimologia: gênero idem; flexuosa=angulosa¹⁹⁹ (caule em zigue-zague).

Erva a subarbusto 0,3-1,2 m alt., com xilopódio, do qual rebrotar após queimada; flor quase o ano todo.

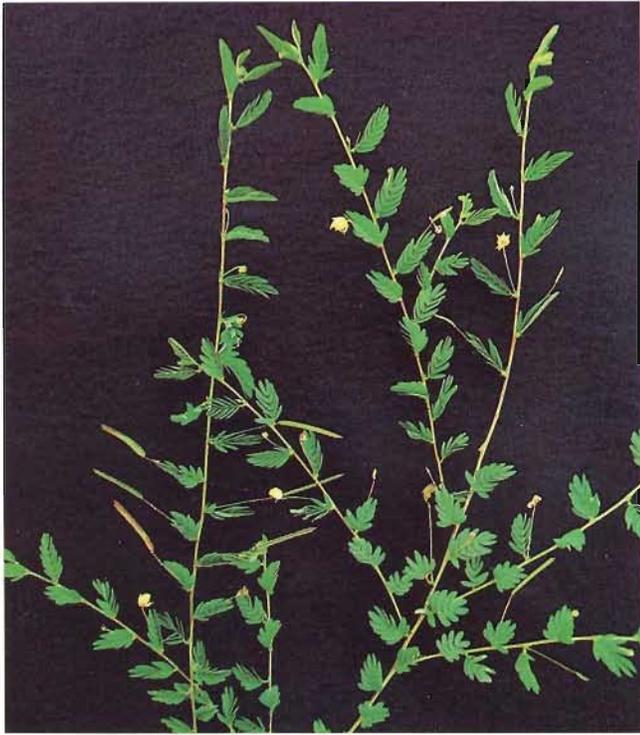
Utilização: Forrageira eventual. O gado bovino a consome em épocas críticas^{45,131}. Potencial ornamental. Considerado remédio contra dor⁸⁵.

Ecologia: Aumenta em anos secos.

Ocorrência: freqüente, caronal, áreas desmatadas, solos arenosos. Cit. ant.^{174,1}.

Distribuição: América tropical e subtropical⁶⁵, do México à Argentina, solos arenosos²⁴, no Brasil, Nordeste^{65,127} e do PA ao RS¹³¹, restinga, campo rupestre¹²⁷, cerrado^{67,77}.





Leguminosae-Caesalpinioideae



Chamaecrista serpens (L.) Greene (=*Cassia serpens* L.)

AP 4549

Etimologia: gênero idem; serpens=serpente (planta rastejante ou prostrada).

Erva perene prostrada em pastagem baixa, ou que sobe se o pasto for alto. Flor e vagem quase ano todo.

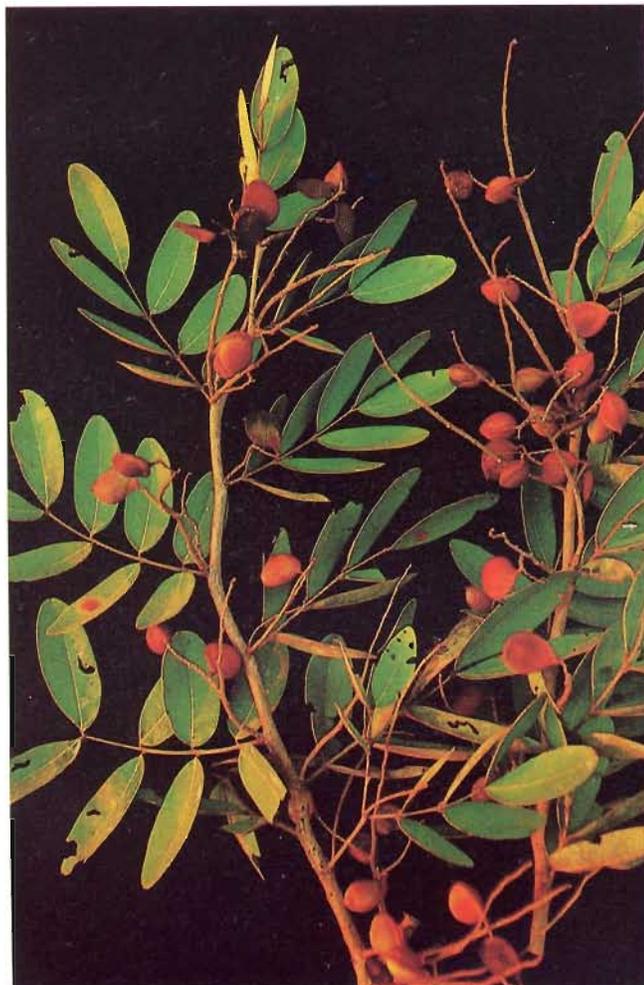
Utilização: Forrageira de pouca massa, mas é uma das poucas leguminosas de campos arenosos pobres. É de um gênero que nodula⁷², fixa nitrogênio.

Ecologia: Propaga-se por semente. Sobrevive ao fogo.

Ocorrência: freqüente em caronal e cerrado, pouco ou não alagáveis, solos arenosos.

Distribuição: savanas¹²⁷ da América tropical e subtropical²⁴.

Outra sp.: *C. rotundifolia*.



Leguminosae-Caesalpinioideae



Copaifera martii Hayne “GUARANAZINHO”

AP 3237, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Copaifera=que tem “copa”, a resina do “pau-d’óleo”, que é deste gênero; homenagem ao botânico alemão Martius.

Arbusto 1-3 m alt. ou árvore 4-6 m alt. (atingindo 50 m na Amazônia, seg. J.A. Ratter); folha nova out, flor (cor creme) jan-mai, fruto jul-ago.

Utilização: Apícola. Algo forrageira, na cheia e na seca. Parte branca (arilo) do fruto comestível, adstringente. Semente e raiz usados para misturar ao guaraná, o que originou o nome comum. Caitetu e porco comem a raiz. Fornece embira. Madeira dura, pesada (dens. 0,98), resinosa, cerne durável, serve para poste^{64,42}, mas aqui não engrossa muito. Produz óleo de copaíba (cicatrizante indígena), mas pouco^{42,64}.

Ecologia: Aumenta de população após desmatamento, como pioneira de sucessão secundária, tornando-se invasora de pastagem cultivada; rebrota de base subterrânea após corte e fogo.

Ocorrência: abundante em caapões de cerrado e em cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,61,62}.

Distribuição: Guiana, PA, inclusive Marajó, MA, PI, AM ao MT e MG^{64,42}, de cerrado¹⁰¹.

Outras spp.: *C. chodatiana*¹⁶, *C. langsdorfii* (“pau-d’óleo”).

Leguminosae-Caesalpinioideae

Dimorphandra mollis Bth. “FAVA-DE-ANTA”, “faveira”

2579

Etimologia: di=2, morpho=forma, andro=macho, ou anteras de 2 formas; mollis=mole.

Árvore 4-10 m alt., perenifólia, galhos quebram facilmente; reconhecida pela inflorescência em candelabro. Flor nov-abr, vagem ereta, demora meses para amadurecer.

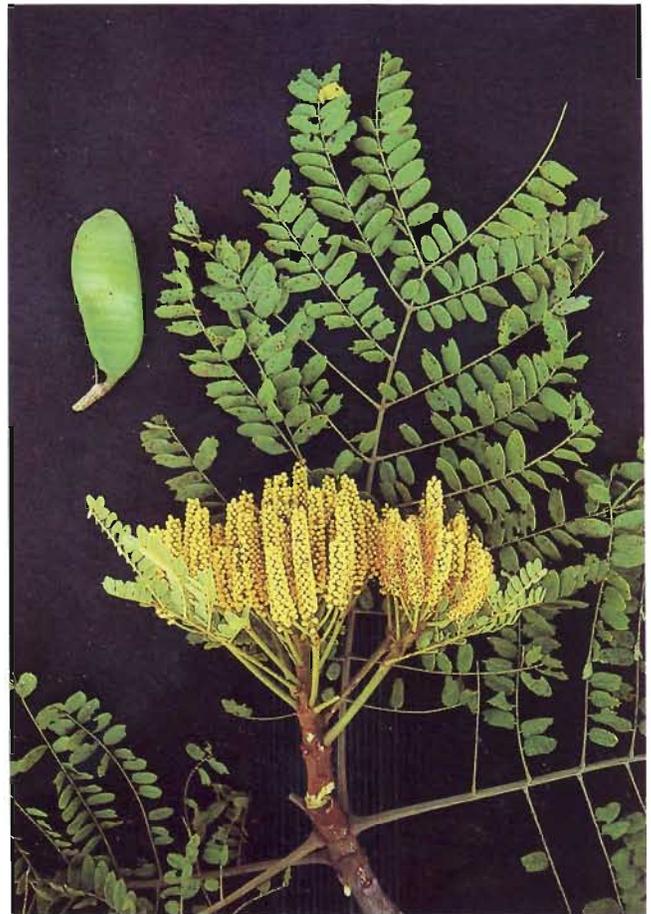
Utilização: Tóxica, 25 g/kg peso vivo mata bovino²¹⁴, mas raramente é pastada. O pantaneiro diz que a anta come a vagem, donde o nome vulgar. As favas odorosas contém 8% de rutina, ou vitamina P, exportada, que fortalece os vasos capilares^{152, 198, 196, 143}, mas é abortiva²⁰⁸. Casca tem tanino^{43, 103, 198, 107}, às vezes é usada na região para curtir. É útil em hemorragia intestinal¹³¹, fermentos e lavagem vaginal²⁰⁸. Folha seca usada em estofamento de sela, contra “pisadura” de cavalo. Contém esteróides/triterpenóides, flavonóides e saponinas¹⁰⁷. Madeira macia, para táboa, caixa, compensado, forro, brinquedos¹³², lenha e carvão¹⁰⁸. Ornamental¹³². Apícola, mais visitada por abelhas nativas.

Cultivo: Semente escarificada germina em 1 mês¹³².

Ecologia: Tolera fogo.

Ocorrência: freqüente, borda de cerradão e em caapão, solos arenosos. Cit. ant.^{174, 62}.

Distribuição: cerrado^{197, 76, 77}, PA, GO, MT, MS, MG e SP^{43, 132}.



Leguminosae-Caesalpinioideae

Diptychandra aurantiaca (Mart.) Tul. *ssp. aurantiaca*

“CARVÃO-VERMELHO”, “balsemim”

AP 4387, det. J.A. Ratter, conf. G.P. Lewis.

Etimologia: Diptychandra=2 anteras dobradas; aurantiaca=dourada.

Árvore ereta 4-10 m alt., folha caduca e casca grossa avermelhadas, donde provavelmente vem o nome comum. Flor nov-dez, vagem jun-dez, em geral em grande número.

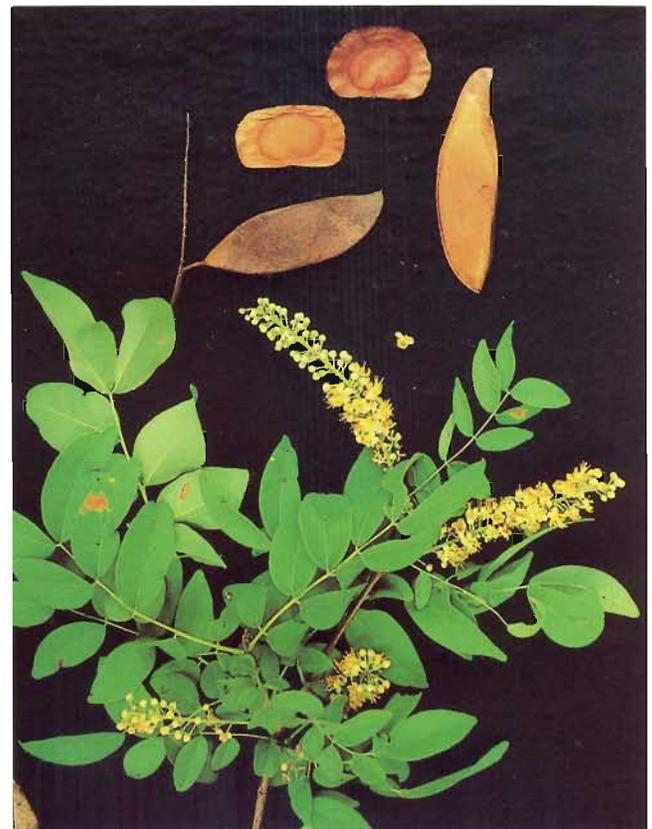
Utilização: Madeira considerada boa para moirão, muito usada no Pantanal. Serve para construção, tornearia, varal de carroça e dormente¹³², boa para lenha e carvão³⁹. Ornamental^{42, 132}.

Cultivo: Semente tem viabilidade curta, germina em 2-3 semanas, crescimento moderado¹³².

Ecologia: semente espalhada pelo vento. Rebrotar após corte, com êxito porque praticamente não é pastada.

Ocorrência: freqüente, cerradão e borda de mata semidecídua, solos arenosos. Cit. ant.^{174, 186, 61, 62}.

Distribuição: cerradão¹⁰¹ na transição com mata semidecídua, SP, MG, GO e MS¹³², e Bolívia¹¹⁴.



Leguminosae-Caesalpinioideae



Hymenaea courbaril L. var. *stilbocarpa*

(*H. stilbocarpa*)
"JATOBÁ-MIRIM"

AP 5206

Etimologia: Hymen=deus das uniões (2 folíolos unidos)¹²; courbaril=nome comum; jatobá=folha dura, em guarani⁵⁷, ou árvore de fruto duro¹⁹, ou jata-yva=fruto comestível¹⁵⁹. **Árvore** ereta até 20 m alt., folha menor (por isto mirim) que a do "jatobá-do-cerrado", fruto set-fev.

Utilização: **Fruto** (sarcotesta) comestível, adocicado, farinhento, alimento de aves e mamíferos, dispersores. Rico em cálcio e magnésio¹⁹⁴. Apícola¹⁵⁵.

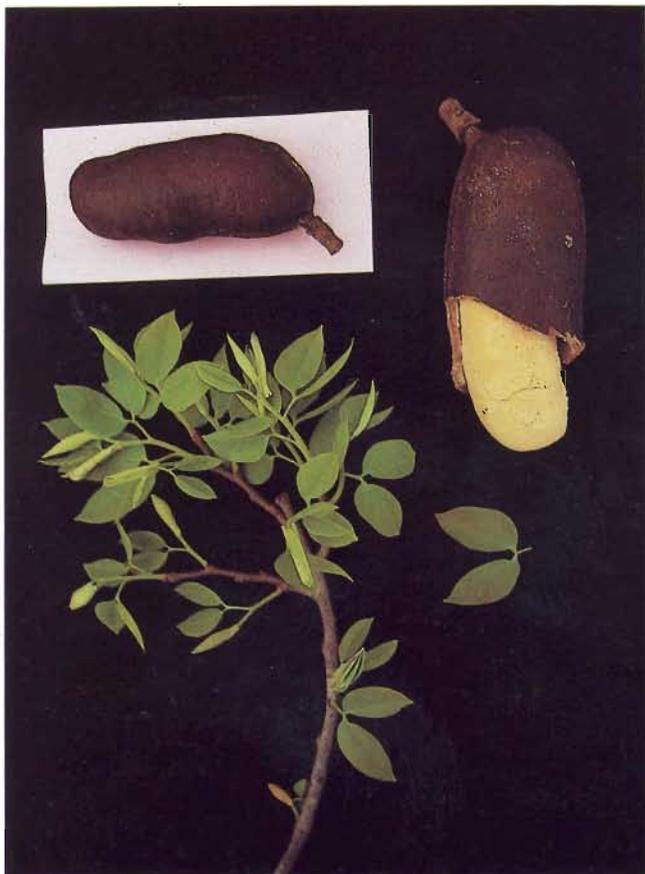
Madeira de lei, pesada (dens. 1,0), resistente a cupim, muito durável fora do chão¹³² ou dentro¹³⁰, boa para construção pesada, esteio, viga, carroceria, engenho, roda, móveis^{19, 198,159,144,132} e tonel (excelente para cachaça, degustada na ESALQ). Casca fornece corante amarelo, resina¹⁶² e canoa¹⁹⁸.

Uso medicinal: tosse. Resina "jutaicaica" ou "copal", extraída por furos, é medicinal e para verniz, já foi exportada¹⁹⁸. Tônica, estomacal, digestiva, para fraqueza infantil ou vermes, hemorragia, picada de cobra^{56,19,162,52,16,144}. A semente é ótimo fortificante²³⁸, a seiva também⁵².

Cultivo: Fácil, por semente^{161,130,144}, que dura 4 meses e germina em 15 dias, crescimento não é rápido¹³².

Ocorrência: mata ciliar alta, pouco ou não alagável, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{179,186,2b,53,16,219,169}.

Distribuição: amazônica de ampla dispersão neotropical, do México e Antilhas à Argentina^{65,19,197,176,130,144}.



Leguminosae-Caesalpinioideae

Hymenaea stigonocarpa (Mart.) Hayne "JATOBÁ", "jatobeiro"

AP 2750

Etimologia: gênero idem; não achado significado da espécie.

Árvore 5 m (no campo) a 20 m alt. (no cerradão), casca rugosa, folha nova avermelhada, flor out-dez, fruto jul-nov, plântula fev-abr.

Utilização: Fruto comestível, cru ou, na região, cozido com leite. Fornece farinha, 60 vagens dão 1 kg; conserva-se gelada, valor protéico e uso iguais a fubá, com várias receitas³.

É alimento de fauna (periquitos, papagaios, bugio, roedores, lobinho e insetos). Apícola. Pouco forrageira (broto).

Madeira usada para mangueiro. É pesada (dens. 0,9), dura¹³², boa para cerca, poste, esteio^{44,223}, construção civil e naval¹³², lenha e carvão³⁹. Casca dá canoa e resina "copal"^{152,198}.

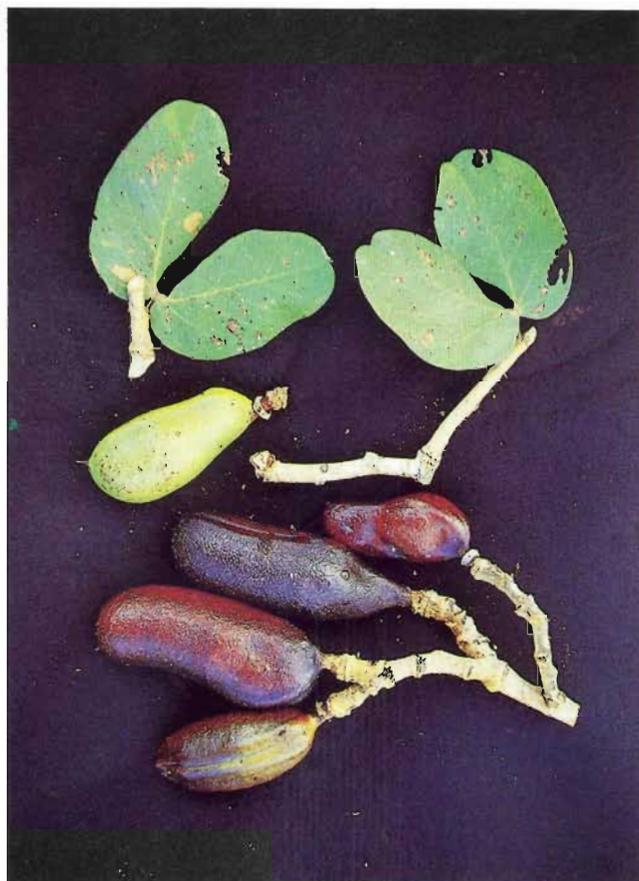
Uso medicinal: resina da casca (ou fruto) fervida para xarope contra tosse e bronquite. Também para dor de estômago e costas, contusão, fratura, fortificante, sinusite (em pó)⁹⁵, vermes^{223,165}, diarreia e inflamação⁹³. Contém tanino, essências¹²⁰ e esteróides-triterpenóides¹⁰⁷.

Cultivo: Fácil plantio, a semente lavada germina em 1 mês e no 5º atinge 55 cm alt.³. Pega de estaca de raiz¹⁹⁷.

Ecologia: Aumenta em anos secos, mas com o retorno das cheias o crescimento é retardado, inclusive morrendo. Tolerância fogo.

Ocorrência: abundante, cerradão, caapão de cerrado, caronal, solos arenosos. Cit. ant. 174,186,53,1,39,179,219,61,62.

Distribuição: cerrados, cerradão¹⁰¹, PI, BA, GO, MG, MS, SP¹³² e Bolívia¹¹⁴.



Leguminosae-Caesalpinioideae



Pterogyne nitens Tul.

“BÁLSAMO”, “bálsamo-do-pantanal” “bálsamo-bravo”, “passarinho”, “santa-fé”, “amendoim”(Poconé)

VJP 774.

Etimologia: ptero=asa, gyne=mulher, alusão ao fruto alado, levado pelo vento; nitens=brilhante (folha).

Árvore caducifólia, até 20 m alt. Flor entre fev-ago, vagem ago-nov, em abundância.

Utilização: Excelente madeira^{108,152}, cheiro de amendoim cru¹⁵⁶, densidade 0,81 (45,159), dura e resistente, para móveis finos, laminado, carpintaria, decoração, cabos de ferramenta, utensílios, peças elásticas, etc.^{45,195,198,130,132}; não é durável no chão, na água sim¹²⁶, usada em tonéis de bebidas^{136,132}. Serragem tem corante¹⁸⁷.

Uso medicinal: cicatrizante. Casca é amarga¹⁸⁷, tem tanino⁴⁵.

Cultivo: Fácil. Cultivada como ornamental na Argentina^{237,6}. Semente (8.000/kg) deve ser colhida cedo¹³⁰, dura anos, germina em 7 a 30 dias^{237,132}. Cresce ligeiro em ambiente aberto^{6,159,132}, 1-2 m/ano¹³⁰, já semente antes dos 10 anos¹⁵⁶, ou aos 5, em Corumbá.

Ecologia: Pioneira. Rebrotar após cortes.

Ocorrência: freqüente em matas e caapões de solos ricos em cálcio. Cit. ant.^{2b,38,53,186,174,135,61,62}.

Distribuição: solos calcários¹²⁷ e floresta semidecídua¹³², desde o Chaco argentino¹⁸², Paraguai, Bolívia, SC até MT (e MS) e CE^{45,65,108,198,132,114}.



Leguminosae-Caesalpinioideae

Sclerolobium aureum (Tul.) Bth.

“PAU-BOSTA”, “fede-fede”

AP 1198

Etimologia: Sclerolobium=legume duro; aureum=dourado (flor).

Árvore ereta 5-12 m alt., ramos novos pendentes; caducifólia, folha nova out; flor jan-mai, vagem ago-set.

Utilização: Muito apícola¹⁷⁰, flor aromática⁴³. Raramente forrageira, só quando já não há pasto. Ornamental⁴³.

Boa madeira para moirão⁴³, aqui não é considerada durável. Serve para carpintaria e marcenaria⁴³, sendo do mesmo gênero do carvoeiro (*S. paniculatum*), mas, conforme o nome popular, tem mau cheiro, a fezes humanas, que aparece minutos após o corte e dura um ano.

Uso medicinal: casca contra diarreia. Tem tanino.

Ecologia: Pioneira, crescimento rápido.

Ocorrência: muito freqüente, borda de cordilheira, caronal, as vezes em grupos, aumenta em anos secos; solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,53,61,62}.

Distribuição: cerradão^{101,197}, BA a SP, MG, GO e MT⁴³.

Outra sp.: *S. paniculatum*^{39,61,62}.

Leguminosae-Caesalpinioideae

Senna aculeata (Bth.) Irw et Barn.

(=*Cassia aculeata* Bth.)

“GUEIRA-DE-DOURADO”, “mata-pasto-amarelo”,
“espinheiro-branco”, “drume-drume-branco”
(Cáceres)

AP5092.

Etimologia: senna=nome antigo de planta medicinal;
aculeata=com espinhos; guelra-de-dourado=brácteas da
base da folha algo semelhantes à dita parte do peixe.

Arbusto perene 1-2 m alt., flor e vagem praticamente o
ano inteiro, inclusive meio inundada.

Utilização: Flor visitada por abelhas nativas
(mamangavas).

Ecologia: Invasora¹ de pastagem nativa muito inundável,
mesmo sem bovino; dificulta o acesso para o homem e o
gado. Parece aumentar onde se concentram búfalos.
Propaga-se por semente, produzida em abundância, sendo
grande a quantidade de plântulas em lagoas secas.
Aumenta em anos secos. Rebrotar após corte. Jovem é
sensível ao fogo

Ocorrência: todas sub-regiões, solos argilosos ou
arenosos. Cit. ant. 179,1,174,61,62,18.

Distribuição: ampla, ruderal.



Leguminosae-Caesalpinioideae

Senna alata (L.) Roxb.

(=*Cassia alata* L.)

“MATA-PASTO”

VJP 1292

Etimologia: gênero idem; alata=alada (vagem).

Arbusto perene 1-2 m, quase sempre com flor e vagem.

Utilização: Folha e casca têm propriedade inseticida,
nematicida e carrapaticida⁹².

Semente verde comestível, torrada substitui café⁴².

Invasora de pastagem¹³¹, quase não é pastada.

Uso medicinal: contra “pano” (micose de pele) e doença
venérea. Raiz é purgante violento, regulador de
menstruação e do fígado; contém tanino e ác. crisofânico;
folha jovem purgante, antifebri^{201,42,131,86}. Semente
purgante¹¹⁴. Reumatismo¹¹⁴, depurativo⁵⁸, suspeita de
abortiva¹³¹. Folha e flor em pomada contra males de
pele¹²⁴, picada de cobra e doenças venéreas¹¹⁴.

Ecologia: Aumenta em anos secos, em campos baixos e
leito de baías secas. Crescida, agüenta 20-50 cm de
alagamento temporário, morrendo com cheia maior, mas a
semente (produzida em grande quantidade) fica anos
submersa, até nova seca.

Ocorrência: abundante, agrupamentos em torno de lagoas
secando e beira de estradas, solos arenosos ou argilosos.
Cit. ant. 151,105,179,174,135,18.

Distribuição: América tropical⁵⁸ ou cosmopolita tropical,
lugares alagadiços^{65,19}.





Leguminosae-Caesalpinioideae



Senna occidentalis (L.) Link

(=*Cassia occidentalis* L.)

“FEDEGOSO”

AP 2554

Etimologia: gênero idem; occidentalis=do Ocidente.

Subarbusto perene¹³¹, ou anual²⁰ em função da cheia, 0,6-1,6 m alt., flor e vagem quase o ano.

Utilização: Semente torrada substitui café^{226,65,19}. Um dos nomes na Argentina é “café de Bonpland” (botânico), e é até cultivada para isto⁵⁸. Semente vermífuga¹⁰⁵, era fornecida com sal para cavalo na região (seg. Nilson de Barros), mas moída é tóxica ao gado (seg. Eurípedes Afonso, CPAP). A planta é suspeita de tóxica para bovinos^{214,100}, porém pouco pastada. Tóxica para peixe¹⁰³. Folha esfregada no laço dá cor esverdeada (seg. Nilson de Barros, SODEPAN).

Uso medicinal: raiz (chá ou na cachaça) para apetite, vermes, estômago, fígado, sangue, gargarejo. Também em doenças das vias urinárias⁹⁵, pois é diurética^{131,124}; erisipela¹³¹ e males da pele¹²⁴. Folha purgante e ajuda a menstruar^{131,68}, abortiva¹⁶, contra febre¹⁰⁵, gripe, azia, dor de cabeça, anemia, resguardo²⁰⁰; raiz abortiva, diurética¹³¹, vermífuga^{103,165}. Semente torrada substitui quinino¹³¹, é tônica¹²⁴ e contra dor de cabeça⁶⁸. Raiz, folha e semente são tóxicas, contém glicosídeos antraquinônicos²¹⁸ e têm inseticida e nematicida⁹².

Ecologia: Indicador de grande perturbação (estrada, porteira, cocho, roça), mas também de solo descoberto em lagoa seca.

Ocorrência: freqüente, ao redor de sedes de fazenda, qualquer solo. Cit. ant.^{151,174,1,95}.

Distribuição: cosmopolita tropical, também América subtropical, ruderal^{65,19,58}, todo o Brasil¹³¹.



Leguminosae-Caesalpinioideae



Senna pendula (Willd.) Irw. et Barn.

(=*Cassia pendula*)

AP 4928

Etimologia: gênero idem; pendula=pêndula (vagem).

Arbusto 1-3 m alt., flor e vagem em grande parte do ano, inclusive meio inundada.

Utilização: Peixes comem fruto, até saltando fora d'água para alcançá-lo, razão pela qual há pedaços de vagem na planta. Aves buscam as sementes e as disseminam. Potencial ornamental.

Ecologia: Gênero que não nodula, não fixa nitrogênio⁷². Aumenta em anos de cheia. Sensível ao fogo.

Ocorrência: abundante, vegetação ciliar, planície de inundação de rios, solos argilosos. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: ampla, do México à Argentina¹⁷⁹.

Leguminosae-Caesalpinioideae

Senna pilifera (Vog.) Irw. et Barn.

(=*Cassia pilifera* Vog.)

“PAPOULA-DO-BREJO”, “pola-do-brejo”

AP 3097, id. R. Vanni.

VJP 306, id. G. Hatschbach: var. *pilifera*.

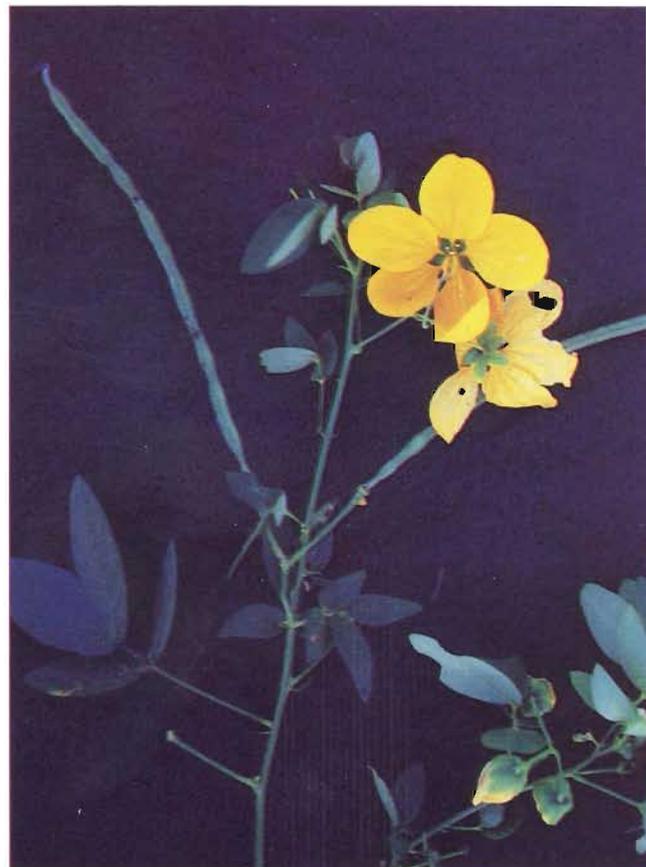
Etimologia: gênero idem; pilifera=com pêlos.

Subarbusto 0,5-2,0 m alt., rizomatoso²⁰, pelo que é resistente a fogo e pastejo. Flor mai-nov.

Utilização: Forrageira de aceitabilidade reduzida para bovino, exceto na seca. Visitada por mamangava. Medicinal indígena (febres)²⁰. Potencial ornamental.

Ocorrência: muito freqüente em solos argilosos, inundáveis, principalmente próximo a rios e corixos. Cit. ant.¹⁰⁵.

Distribuição: Argentina, Paraguai e Brasil²⁰, do PI ao RS e MT^{65, 45}.



Leguminosae-Caesalpinioideae

Senna silvestris v. *bifaria* Irw et. Barn.

AP 4816, id. G. Hatschbach.

Etimologia: gênero idem; silvestris=da selva, floresta; bifaria=em 2 séries (folha)¹⁹⁹.

Arbusto ou arvoreta 2-5 m alt., flor abr-jun, vagem 2 meses após.

Utilização: Ornamental. Tem valor apícola, para pólen⁵⁶. Algumas aves comem anteras⁵⁶.

Ocorrência: manchas ocasionais, borda de caapão e beira da Transpantaneira em Poconé, solo argiloso.

Distribuição: cerrado perturbado, BA¹²⁷; campos secos de Humaitá, Brasil central e sul tropical, e Bolívia⁶⁴.





Leguminosae-Caesalpinioideae


Senna splendida (Vog.) Irw. et Barn.
(=*Cassia splendida*)

AP 5552, id. G. Hatschbach.

Etimologia: gênero idem; splendida=esplêndida (flor).

Erva meio trepadora 0,5-1,5 m alt., flor e vagem quase o ano todo.

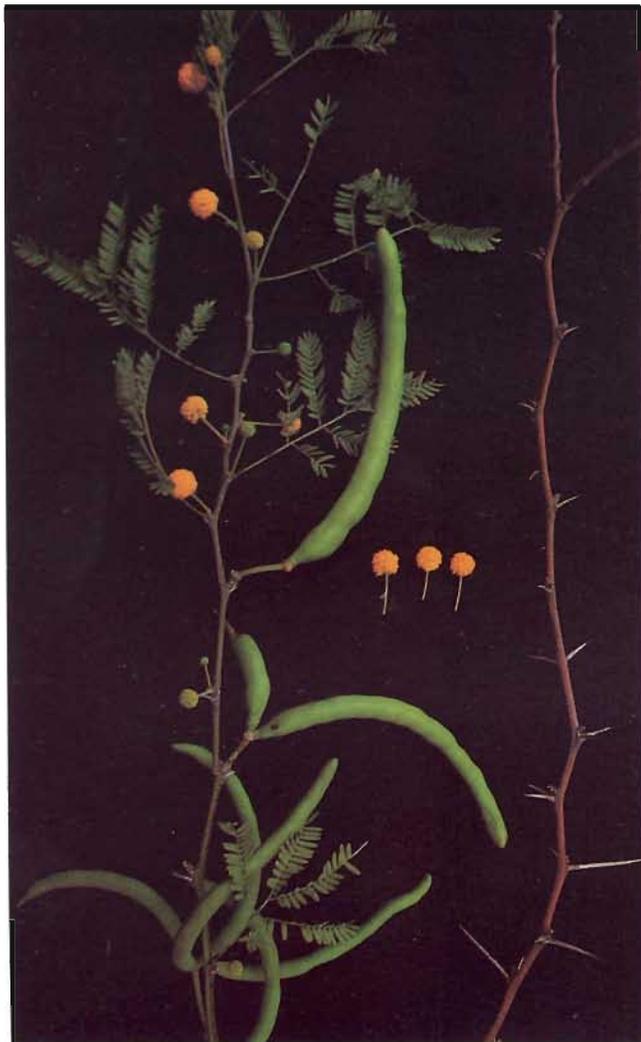
Utilização: É um pouco pastada. Muito ornamental⁴⁶, a flor é grande em relação ao tamanho da planta, seria uma flor “exótica”, termo que é usado erroneamente em lugar de bizarro, pitoresco, pois exótico significa não nativo. Raiz medicinal⁴⁶, não constando para que fim.

Ecologia: Invasora de área desmatada, indicadora de perturbação.

Ocorrência: freqüente, cordilheira desmatada, borda de cerradão, caapão, solos arenosos.

Distribuição: PI ao PR e MG^{46,99}, BA¹²⁷.

Outra sp.: *S. hirsuta*¹⁷⁹, *S. mucronata*¹⁷⁹, *S. tora* (“fedegoso-branco”).



Leguminosae-Mimosoideae (Mimosaceae)


Acacia farnesiana Willd.
“AROMITA”, “espinheiro”

VJP 35

Etimologia: Acacia=espinho¹²; homenagem ao cardeal Farnese²¹; aromita=do nome espanhol “aroma”.

Arbusto a arvoreta 1-5 m alt., muito ramificado (bom para ninho de aves); flor jul-set, fruto out-dez. Raiz e fruto com odor de alho⁴².

Utilização: Apícola (pólen). Forrageira¹⁹, mas dá mau sabor à carne⁴², aqui pouco pastada, exceto em crise de pasto. Madeira dura, pesada (dens. 0,9), para estaca, poste, roda, cabo de ferramenta, lenha, carvão^{19,42,59}, com tanino (7-13%)⁴². Dá goma similar à arábica^{42,19}.

Fruto dá corante preto^{42,92}. Flor tem farnesol e óleo essencial, para perfumaria⁴², sendo cultivada na França^{21,58}; aromatiza licor¹⁶²; tem cheiro de fralda descartável (antes do uso); tem propriedade inseticida^{165, 92}. Semente venenosa; polpa contra tumor e furúnculo, e fruto com tanino, contra diarreia⁴².

Cultivada como ornamental em vários países^{59,127}.

Ecologia: Aumenta com desmatamento. Pioneira, depois morre à sombra das sucessoras. Parece ter efeito alelopático (arma química) sobre gramíneas, que desaparecem sob a pouca sombra da copa.

Ocorrência: invasora de pastagens de Colômbia, colonizadora de beira de estrada, solos férteis. Cit. ant. 151,53,179,18.

Distribuição: pantropical, do México à Argentina, caatinga, restinga, mata costeira, mata seca e Chaco do Paraguai e Bolívia^{19,197,127,114}.

Leguminosae-Mimosoideae

Acacia paniculata Willd. "ESPINHEIRO", "angiquinho"

AP 4948

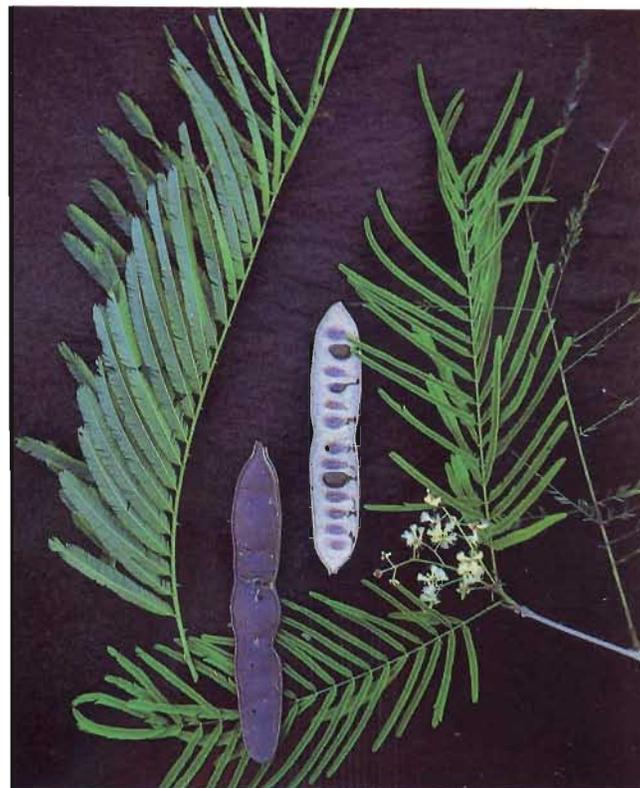
Etimologia: gênero idem; paniculata=inflorescência em panícula.

Árvore fina, 3-10 m alt., flor set-out, vagem abre devagar, durante vários meses.

Utilização: Apícola. Madeira reta serviria para caibro e escora. Lenha, carvão. É de um gênero grande, que está recebendo muito interesse para arbusto forrageiro e sistemas agroflorestais. É fixador de nitrogênio⁷². Ornamental¹⁶.

Ocorrência: muito freqüente, caapões de solo calcário (Abobral), matas semidecíduas (Poconé, Nabileque). Cit. ant. 186,53, 179,61,62.

Distribuição: ampla dispersão neotropical, xerófila da mata e chaco, Argentina, Paraguai e Bolívia^{197,57,114}, mata ciliar¹⁵⁵, capoeirão⁶⁴, mata úmida perturbada e plantação de cacau¹²⁷.



Leguminosae-Mimosoideae

Albizia niopoides (Spruce) Burk. (=*Pithecellobium niopoides*) "MULATEIRA", "angico-branco"

AP 4283, id. J.A. Ratter.

Etimologia: homenagem ao explorador italiano Albizzi¹²; niopoides=semelhante a *Niopia*, gênero de um angico.

Árvore 8-20 m alt., tronco geralmente bifurcado, flor jun-nov, vagem ago-dez.

Utilização: Apícola. É um dos locais de ninho da arara-azul²¹⁹ e do tuiuiu, pela copa aberta.

Madeira branco-amarelada, textura grosseira, fibrosa^{64,45}, dens. 0,77⁽⁶⁴⁾ pouco durável neste gênero^{148,132}, serve para táboa¹⁶ e tem fibra boa para papel⁴⁵. Crescimento rápido. É de um gênero que nodula⁷². É mantida nos cacauais, pela sombra rala⁶⁴, servindo para sistemas agroflorestais. Ornamental.

Ecologia: Coloniza área mexida, portanto, é própria para recuperar área degradada.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, borda de mata semidecídua e cerradão, caapão e mata ciliar pouco ou não alagáveis, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant.:^{61,62}; constava como *Pithecellobium edwallii*^{174,186,53}.

Distribuição: Amazônia (PA, AM, Peru), PI, várzea, BA, MT, SP^{64,45}, Bolívia¹¹⁴.





Leguminosae-Mimosoideae

Albizia polyantha (Spreng. f.) Lewis
(=*Arthrosamanea polyantha*, *Cathormium polyanthum*, e erroneamente *Pithecellobium multiflorum*, que é apenas do Peru²⁴).
“BIGUAZEIRO”, “bigueiro”, “timbó-branco”

AP 3605, id. D.E. Prado.

Etimologia: gênero idem; polyantha=muitas flores.

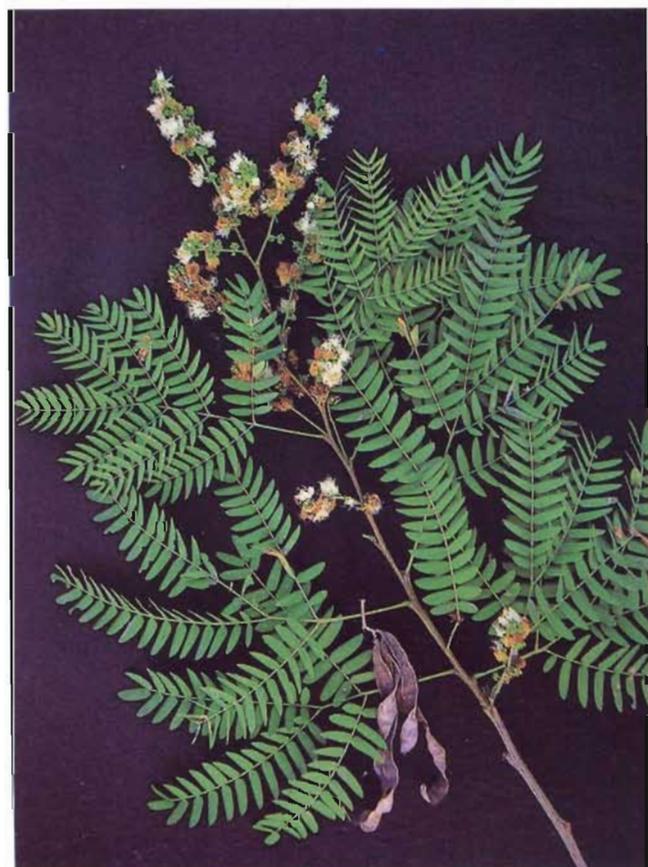
Árvore caducifolia, 5-12 m alt., de copa aberta, o que permite ser o dormitório do biguá, daí o nome popular. Flor set-out.

Utilização: Apícola. Embora forrageira no Nordeste^{65,19}, aqui raramente é pastada, talvez até seja tóxica, pois em espanhol é “timbó-blanco”. Ou se trata de outra planta, confusão frequente neste gênero.

Madeira clara, leve (dens. 0,6), macia, fácil de trabalhar, para cabos de ferramenta, caixote, móveis, tonéis, chapas e celulose, para uso interno^{126,130,24,16}.

Ocorrência: mata ciliar, solos argilosos. Cit. ant.^{179,53,18}.

Distribuição: América tropical e subtropical, da várzea amazônica e da caatinga ao Sul do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai^{65,126,128,130,127}.



Leguminosae-Mimosoideae

Albizia polycephala (Bth.) Killip
(=*Pithecellobium polycephalum*, *cathormium polycephalum*)¹²⁷,
“BIGUEIRINHO”

Etimologia: gênero idem, polycephalum=muitas cabeças (inflorescências).

Arbusto 1-3 m ou pequena árvore até 5 m alt., flor maio-out, vagem na época chuvosa. É muito semelhante a *A. polyantha* (“bigueiro”), mas menor.

Utilidade: Apícola. Madeira sem uso conhecido¹⁴⁸. Pouco pastada.

Ecologia: Sensível ao fogo, que a mantém em forma arbustiva. Coloniza beira de estrada.

Ocorrência: abundante em carandazal e campos arbustivos, solos argilosos, solos argilosos férteis.

Distribuição: América do Sul tropical⁶⁵, comum com “carandá” no chaco úmido^{182,148}.

Leguminosae-Mimosoideae

Albizia saman (Jacq.) F. v. M.

(=*Samanea saman*, *Pithecellobium saman*).
 “FARINHA-SECA”, “sete-casca”, “feijão-cru”,
 “pau-de-cangaia”, “alfarobo”, “ábobreira”,
 “ingá-de-pobre”

AP 3786

Etimologia: gênero idem; saman=nome popular¹² na Venezuela⁵⁸.

Árvore 4-10 m alt., casca grossa (tolera fogo), caducifólia; flor ago-nov, fruto após a estação chuvosa.

Utilização: Apícola, dá muito néctar¹³⁰.

Ornamental^{108,58,106,161}, boa sombra em pastagens¹⁰⁶ e madeira, cultivada na Colômbia, Venezuela e outros países⁵⁸. Madeira valiosa, escura, dura, densa^{108,106}, ou branca e fraca¹⁹, controvérsia devida à idade do tronco¹⁸⁷ ou variedades diferentes; serve para móveis, moirão¹³⁰. A árvore aqui é menor do que a procedente da América Central cultivada na BA, mas que deve ser *A. inopinata*¹²⁷. O fruto é comestível, sabor de alcaçus^{100,130}, bom alimento humano¹²⁴, doce, tem 25% de açúcar, serve para álcool¹²⁴ e bebida destilada, e conserva-se seco, cristalizado¹⁰⁰.

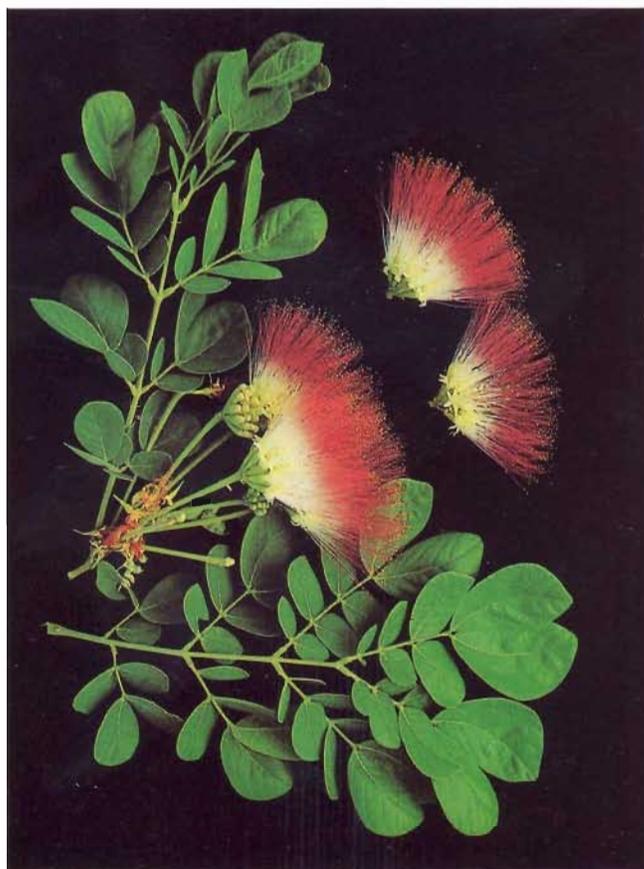
Vagem forrageira, procurada por boi e cavalo^{56,64,20,19,187,16,114}, e é usada moída como excelente alimento para vaca, porco, cabra e galinha¹³⁰. A folha é rica em proteína (26%)¹⁰⁰, mas o mesmo autor a coloca como tóxica, não deixando claro se é a semente ou a folha¹⁰⁰, e por esta suspeita já foi derrubada numa fazenda no Jacadigo. Muitas leguminosas são tóxicas quando em excesso na dieta, o que pode acontecer na cheia ou em seca severas, ao faltar capim.

Ecologia: Aumenta em anos secos. O bovino espalha a semente. Campeiros da Faz. Bodoquena acham que veio com o Zebu. Colonizadora de lugar mexido. Crescimento rápido¹³⁰.

Ocorrência: freqüente, matas semidecíduas, solos argilosos ou arenosos, férteis; também na morraria calcária desmatada. Cit. ant.^{105,179,2b,186,53}.

Distribuição: América equatorial⁵⁸ e tropical¹⁹, do México ao Paraguai¹³⁰; N (em capoeiras) e NE do Brasil⁶⁵.

Outras spp.: *P. cauliflorum* (“gaiuvira” ou “ingaiarana”)⁵³, *A. hassleri*¹⁷⁹, *A. lebbek* (cultivada), *A. tubulosa*⁶².



Leguminosae-Mimosoideae



Anadenanthera colubrina (v. *cebil*) Bren. (=*Anadenanthera macrocarpa*), var. *cebil* (Gris.) Alts. “ANGICO”, “angico-preto”, “angico-roxo”, “angico-vermelho”

Ratter 5946, id. J.A. Ratter, conf. G.P. Lewis

Etimologia: *Anadenanthera*=antera sem glândula; *colubrina*=de colubra, cobra; *cebil*=acácia, em língua quíchua¹⁶².

Árvore caducifólia, 8-20 m alt., flor jul-nov, vagem mai-nov, permanece maduro na planta até nova floração.

Utilização: Casca vermelha por dentro, aqui a preferida para curtir. Contém 15-20% tanino, industrial^{152,195,114}, mas o homem descasca demais e mata a árvore⁶. Goma igual à arábica^{41,195}.

Madeira, dura, pesada (dens. 1,0), resistente, durável (pelo tanino), para poste, curral, dormente, peças torneadas, carrocerias, pisos, construções, móveis, lenha, carvão^{130,126,136,59,6,32,132}. É difícil de furar. Vermelha, às vezes é vendida como “aroeira”.

Excelente apícola¹⁷⁰, dá néctar¹⁶⁷ e pólen³⁶. É um pouco pastada. Folha murcha é tóxica^{19,6}.

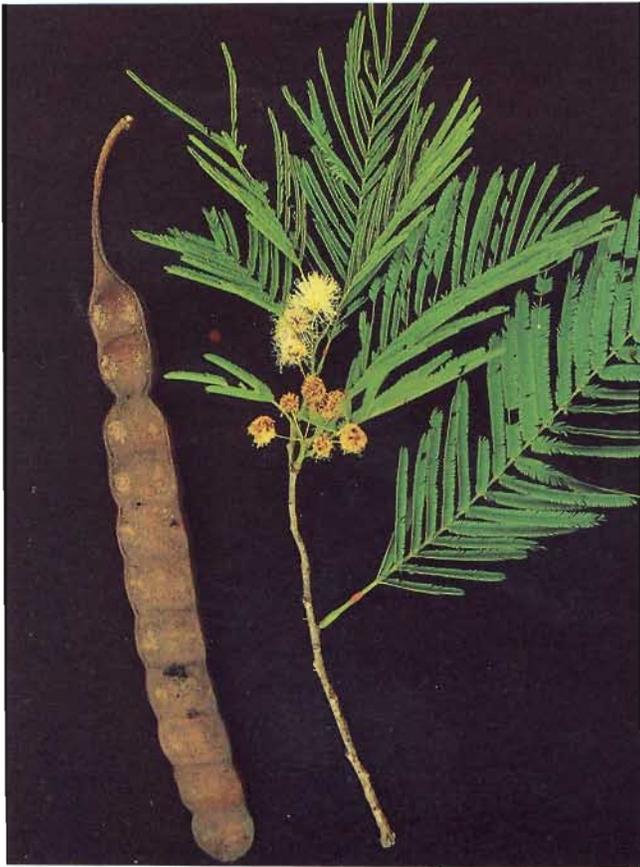
Uso med.: casca cicatrizante, melado (fervido concentrado) contra tosse. Bronquite^{95,16,52,6}. Casca amarga, tida como depurativa, contra hemorragia; semente tem alcalóides alucinógenos e narcotizantes (bufotenina, a do sapo)^{140,41,130,20,218}, foi usada contra gripe e dor de cabeça¹⁰³, baixa a pressão¹⁵².

Cultivo: Fácil, colher e plantar logo, germina em 10 dias; nodula bem, crescimento rápido (1,2 m/ano), ao sol, madeira aos 9 anos^{130,32}, moirão aos 5 e ainda rebrota¹⁹⁵.

Ocorrência: muito freqüente, matas, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant. 84,53,95,186,174,39,96,219, 61,62,18.

Distribuição: caatinga e mata decídua, Nordeste, MA, MT, MS, PR, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina^{41,65,197,130,127,186,6,132}.

Outras spp.: *A. falcata*⁵³, *A. peregrina*^{179,53}, “angicos”.



Leguminosae-Mimosoideae

Calliandra parviflora Bth. "ANGIQUINHO"

AP 4293, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Calliandra=machos bonitos (estames);
parviflora=flor pequena.

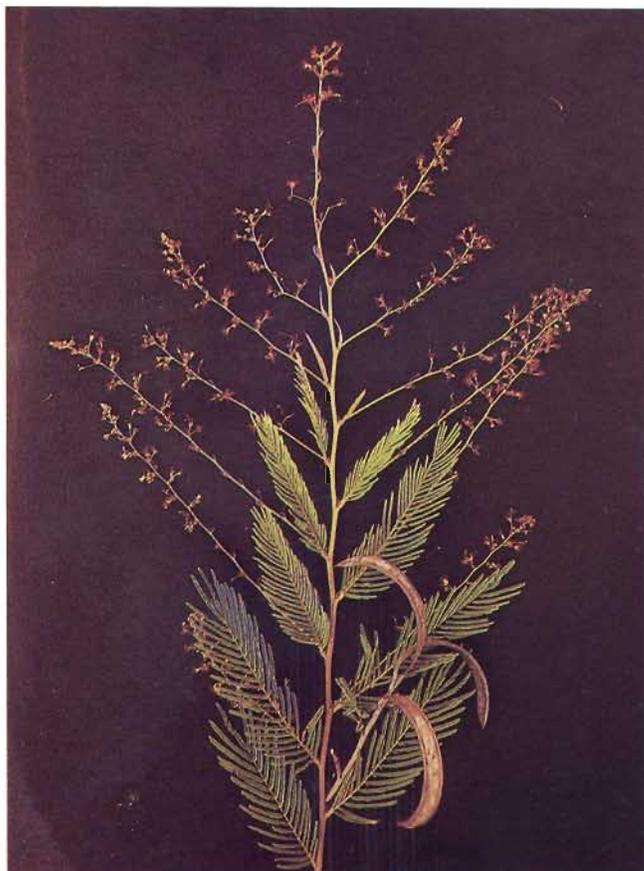
Arbusto 1-3 m alt., em moitas; flor out-dez, vagem jan-mar.

Utilização: Apícola. Forrageira eventual. Pela densidade em certas pastagens nativas arbustivas, quase pode ser considerada invasora, p. ex. em Aquidauana. Potencial ornamental¹⁶.

Ecologia: Tem órgão subterrâneo, que explica a sobrevivência a fogo e roçada. Aumenta com desmatamento. Indicadora de solo provido de cálcio¹⁸⁶.

Ocorrência: freqüente em cerradão, abundante em campo inundável em Aquidauana e Poconé, solos arenosos ou siltosos, relativamente férteis. Cit. ant.^{186,179,16}.

Distribuição: cerrado¹²⁷, cerradão mesotrófico¹⁸⁶, sul do Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina^{24,182}.



Leguminosae-Mimosoideae

Entada polystachya (L.) DC.

VJP 1751, id. J.A. Ratter.

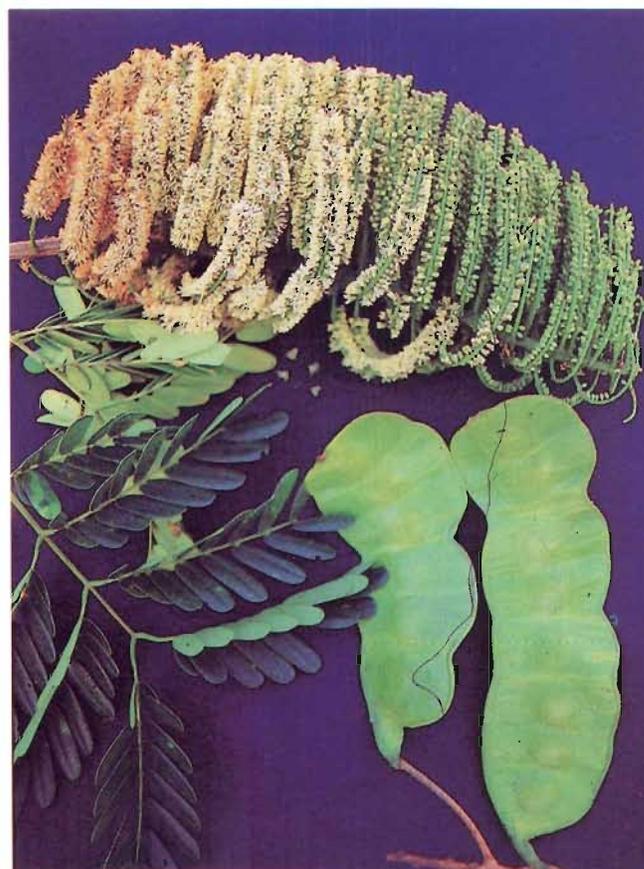
Etimologia: Entada=nome popular no Malabar, Ásia¹²;
polystachya=muitas espigas.

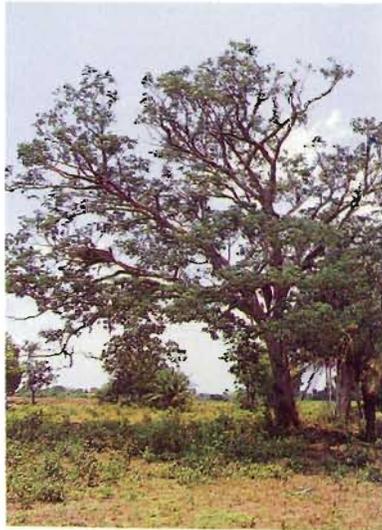
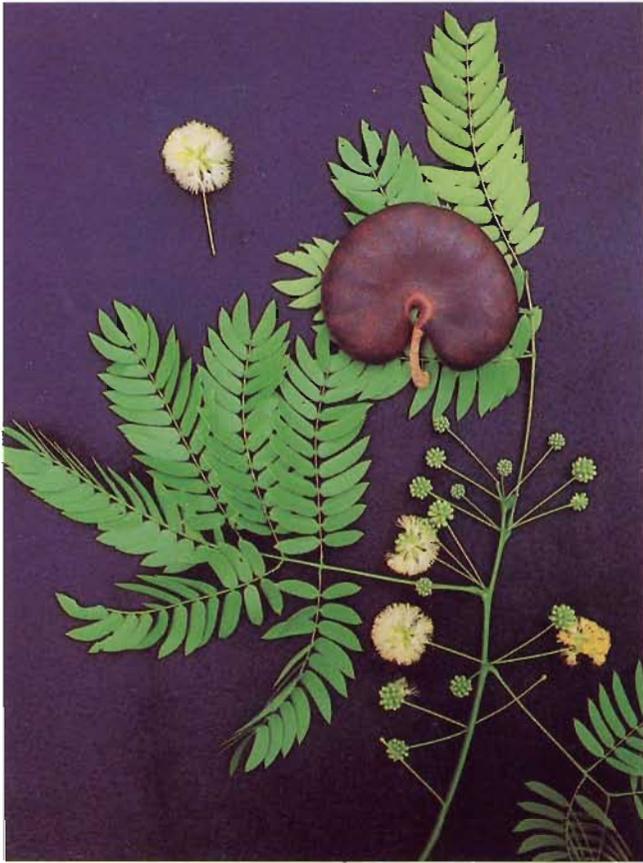
Arbusto meio trepador, 1-5 m alt.; flor mar-mai, vagem jun-ago (cheia do rio Paraguai). Inflorescência e vagem de tamanhos avantajados, de 20-25 cm compr.

Utilização: Ornamental, reduzida à forma de pequena árvore, é cultivada em SP⁴². Apícola, também muito visitada por abelhas nativas. Madeira triturada serve para fazer um tipo de sabão barato, comercializado em feira no México⁴². Desconhece-se uso na região.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar do rio Paraguai e braços, solos argilosos.

Distribuição: Amazônia, inclusive ilha de Marajó^{64,42}, PA, RR, RO, Peru, Guiana, América Central e Antilhas⁶⁴, e ampla dispersão subtropical¹⁹⁷.





Leguminosae-Mimosoideae

Enterolobium contortisiliquum (Vell.)

Morong
“XIMBUVA”, “ximbuveira”

AP 6970, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: *Enterolobium*=volta de intestino (forma do fruto); *contortisiliquum*=fruto torcido; ximbuva=ou timbaúva, de timbó-uba, árvore do veneno, em tupi⁷⁴, ou da espuma^{46,19}.

Árvore caducifólia, 10-18 m alt., 1 m diâm., copa ampla, rala; flor set-nov, após folha nova; fruto fica tempo na planta¹³⁰, maduro set-nov, flutua para disseminação⁵⁹.

Utilização: Madeira usada para canoa, interiores e vedação contra água. Foi usada em batelão¹⁷. É clara, porosa, leve (dens. 0,43), flexível, macia, durável na água, boa para colmeia, carpintaria, brinquedos, entalhe, móveis, porta, gamela, papel, etc.^{46,125,108,19,195,126,198,136,187,141,24,159,130,33}. O pó causa irritação³³.

Apícola, flor perfumada. É uma das árvores de ninho da arara-azul²¹⁹. Fruto tóxico, comido por bovino, papagaio^{162,159} e araras. Fruto serve de sabão^{46,19}, é abortivo, tem saponina (detergente, dá espuma) e taninos^{195,198,58,141,59,24,195,162,130}, também na entrecasca^{16,24}. Casca para os rins²³⁸; casca da raiz contra reumatismo⁹⁵, calmante¹⁶². Folha forrageira¹³⁰, mas tem esteróides/triterpenóides e alcalóides¹⁰⁷. Casca e folha matam peixe⁴⁶.

Cultivo: conhecido^{33,132}; tratar a semente (água quente ou ácido, ou álcool); pega de estaca; nodula bem, crescimento muito rápido^{130,193,192,132,33}.

Ocorrência: esparsa, todas sub-regiões, matas e caapões, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant.^{174,2b,186,38,179,53,96,219,61,62,18}.

Distribuição: mata atlântica, Chaco e caatinga, quase todo o Brasil, AP ao RS, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai^{64,197,108,179,130,65,114}.

Leguminosae-Mimosoideae

Goldmania paraguënsis (Bth.) Bren.

“PAU-ALHO”

AP 1871, id. J.F.M. Valls, conf. G.P. Lewis.

Etimologia: homenagem a Goldman; paraguënsis=do Paraguai.

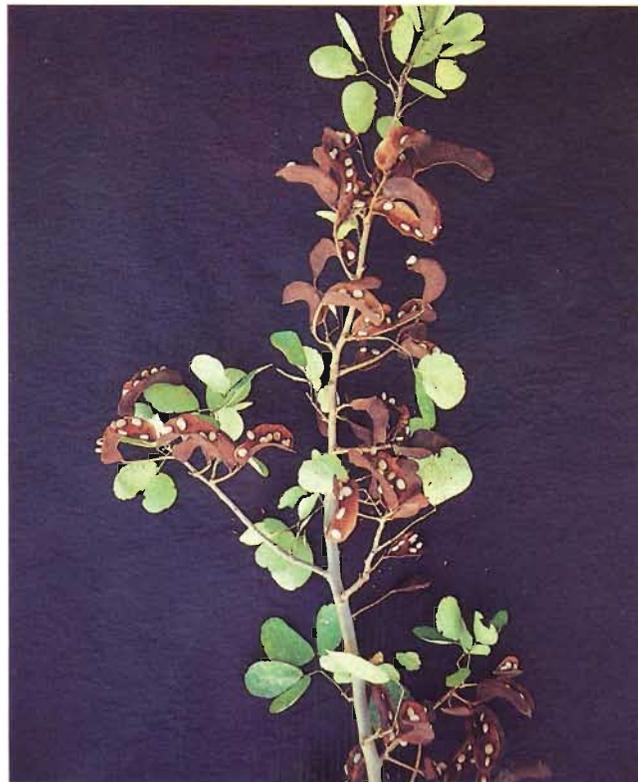
Árvore 3-7 m alt., tronco ramificado desde a base, copa até o chão. Flor no inverno; sementes ficam expostas na vagem aberta por vários meses. Ramo, folha e semente com forte odor de alho, perceptível no ar em dia quente. Há outro “pau-alho”, *Gallesia integrifolia*.

Utilização: Ainda que considerado completamente inútil, não se usa nem para queimar no Paraguai, pelo mau odor (“palo-hediondo”)¹⁴⁸, dá carvão e lenha³⁹, e deve ter potencial industrial ou como repelente para agricultura. Apícola. Apesar do cheiro, é um pouco pastada.

Ecologia: Pioneira em beira de estrada, portanto aumenta com perturbação. Rebrotar após cortes e podas sucessivos.

Ocorrência: abundante no Nabileque, solos argilosos, férteis. Cit. ant.^{84,39,18}.

Distribuição: Argentina (Chaco)¹⁸², Paraguai¹⁴⁸ e Bolívia¹¹⁴.



Leguminosae-Mimosoideae

Inga uruguënsis H et A.

“INGÁ”, “ingazeiro”

AP 5808, id. R. Vanni; Cook 576, id. R. Barneby.

Etimologia: Inga=nome na Guiana¹², ou cabeceira d’água, em guarani¹³⁰ ou tupi⁷⁴, de ib=fruto + cá=caroço, ou y-gá=o que é úmido¹⁹; uruguënsis=do Uruguai.

Árvore perenifolia, 3-10 m alt., copa larga, à vezes pendida para dentro do rio; flor ago-mar, vagem fev-abr.

Utilização: **Fruto** (arilo) comestível, alimento de peixes, aves (arancuã), mamíferos (bugio). É um pouco pastada. **Apícola**. Estames comidos por aves.

Madeira bonita, para móveis, piso, porta, papel, gamela, xilogravura, lápis^{24,126,192,132}. Seiva contém corante preto¹⁶².

Uso medicinal: casca, como cicatrizante. É adstringente¹⁶².

Cultivo: Semente vive apenas 15 dias armazenada¹³², germina em 3-6 dias^{161,132}, crescimento rápido^{24,192,132}. Recomendável para reflorestar beira de rio¹³².

Ocorrência: mata ciliar (às vezes dominante) e caapões, solos argilosos ou arenosos. Cit. ant.^{84,39,61,169,62}.

Distribuição: ampla dispersão neotropical, mata ciliar da bacia do rio Paraná^{126,197}, mata atlântica¹³².

Outras spp.: *I. edulis*^{151,221}, *I. fagifolia* (“ingazeira”, do sul de Poconé e cultivada em sedes de fazenda na Nhecolândia e Paiaguás); *I. heterophylla*⁹⁴, *I. marginata*⁵³, *I. nobilis*¹⁵¹, *I. vivescens*⁵³.



Leguminosae-Mimosoideae



Mimosa adenocarpa Bth.
“ESPINHEIRO”, “arranha-gato”

AP 4657, id. R. Vanni.

Etimologia: Mimosa=mimein, que se move (folha sensitiva)¹²; adenocarpa=fruto glanduloso.

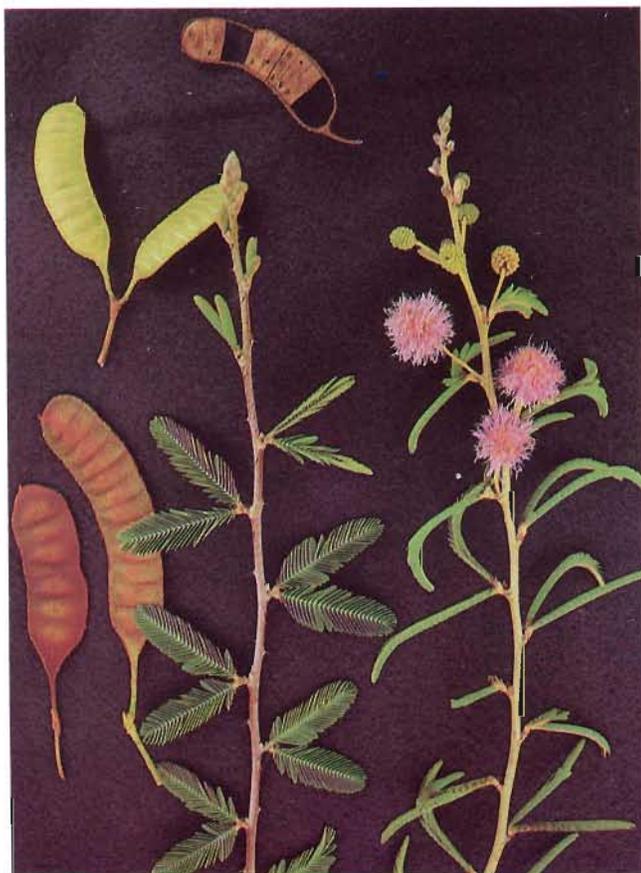
Arbusto 1-2 m alt., com pêlos glandulosos arroxeados; flor e fruto em várias épocas.

Utilização: Apícola. Forrageira emergencial, bem aceita por bovino, mas a acessibilidade é dificultada pelos espinhos.

Ecologia: Invasora (pioneira), aumenta com perturbação do solo, como caronal gradeado ou com muito pisoteio em anos secos, quando também nasce muito em lagoa seca; depois a cheia novamente reduz a população. A semente fica anos no solo.

Ocorrência: muito freqüente, caronal, lagoa seca,

Leguminosae-Mimosoideae



Mimosa cf. chaetosphaera Barn.
“ESPINHEIRO-PRETO”, “vai-o-resto”, “espinheiro”

AP 6969=VJP 1492, id. R. Fortunatto.

Etimologia: gênero idem; chaetosphaera=bola com cerdas (flores); “espinheiro-preto”=aspecto escuro da folhagem, equivale a “juquiri-negro” em espanhol; “vai-o-resto”=da camisa já rasgada, aí vai o resto.

Arbusto 1-3 m alt., denso, flor (rosa) e vagem em grande parte do ano, mesmo meio inundada.

Utilização: Apícola (pólen). Em flor, é até ornamental. Deve servir para cerca viva, porque é impenetrável. As pontas são pastadas. Refúgio de fauna e de trepadeiras que as aves aí semeiam.

Ecologia: Invasora de campos baixos e colonizadora de beira de estrada; aumenta muito em anos secos ou com a degradação da pastagem. Estabelecida, tolera fogo. Morre submersa.

Ocorrência: freqüente a dominante, campos de alagamento fluvial e lagoas secando, solos argilosos ou arenosos.

Leguminosae-Mimosoideae

Mimosa debilis H et B.

“DORME-DORME”, “drume-drume”

VJP 1223, id. R. Fortunatto.

Etimologia: gênero idem; debilis=débil.

Erva ou subarbusto perene, prostrado a meio trepador, 20-60 cm alt., folha muito sensitiva, flor e fruto quase o ano todo.

Utilização: Apícola. Forrageira.

Ecologia: Invasora em áreas desmatadas, caronal gradeado e beira de estradas.

Ocorrência: freqüente, caronal, borda de cerradão, roça, solos arenosos.

Distribuição: Suriname, Venezuela, Colômbia, AM (capoeira), PA⁶⁴, DF⁸⁰, “pantanal” do norte da Bolívia⁹⁷.



Leguminosae-Mimosoideae

Mimosa pellita H. et B.

(*M. pigra*, *M. asperata*)

“ESPINHEIRO”

AP 4515, id. R. Fortunatto.

Etimologia: gênero idem; pellita=com pêlos.

Arbusto 1-3 m alt., meio trepador, com pêlos ferrugíneos no caule, folha e fruto; flor e vagem quase o ano todo, até quando semi-submersa.

Utilização: Apícola (pólen). Abrigo de fauna, como capivara, a qual originou o nome vulgar argentino de “carpinchera”. Pouco comida por bovino.

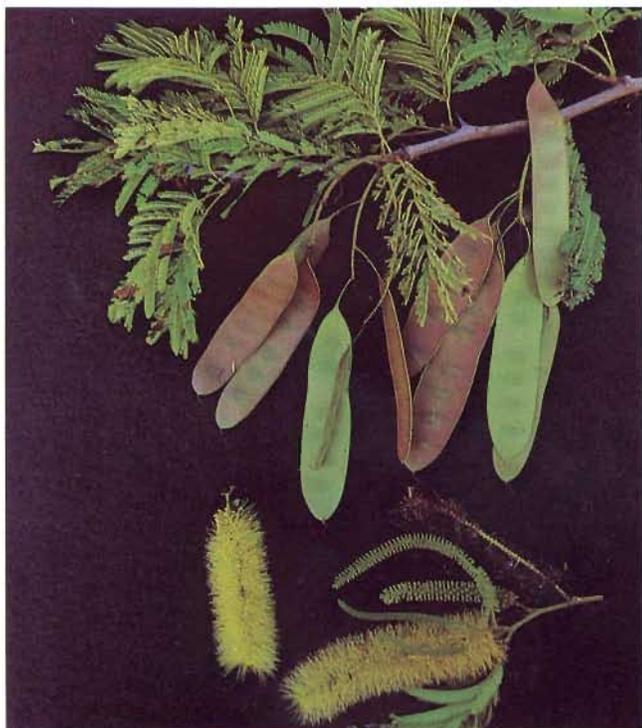
Ecologia: Invasora de pastagens próximas a rios e vazantes, pedaços de vagem flutuam para disseminação, aumentando em solo descoberto por degradação (pisoteio) ou cheia, e em anos secos. Está matando vegetação de áreas úmidas da Austrália e Tailândia¹²⁹.

Ocorrência: abundante, espinheiral, vegetação ciliar, borda de caapões, campos alagáveis, lagoas secas, solos argilosos, siltosos ou arenosos férteis. Cit. ant.^{105,18}.

Distribuição: cosmopolita tropical, América tropical e África²⁶, margens dos rios amazônicos e suas várzeas⁶⁴.

Outras spp.: *M. hexandra* (chaco), *M. laevigata* (Barão de Melgaço), *M. polycarpa*; *M. sensitiva*¹, *M. velloziana*, *M. velloziella*, etc. (“espinheiros”).





Leguminosae-Mimosoideae

Piptadenia viridiflora (Kth.) Bth.
“ESPINHEIRO”

AP 4926, id. R. Vanni; G.L. Lewis.

Etimologia: Piptadenia=glândulas que caem (das anteras)¹²; viridiflora=flor verde.

Árvore 5-7 m alt., muitas vezes com vários troncos (provável resultado de rebrota), ramificada, espinhosa; flor jul-set, fruto ago-out.

Utilização: Flor perfumada, apícola. Desconhece-se uso, além de lenha, sendo do gênero do “angico” do Sul.

Ecologia: Tem caráter de pioneira, produz muita semente, sendo colonizadora de beira de estrada, talvez uma espécie para recuperação de área degradada, a qual tenderá a aumentar com vários projetos (gasoduto, hidrovia, siderurgia, etc.). Rebrota após corte.

Ocorrência: não encontrada ainda em vegetação original do Pantanal, somente em estrada na beira da lagoa Jacadigo (BR-262, Corumbá) e do rio Paraguai (polder de Ladário), solos argilosos, férteis.

Distribuição: Norte do Brasil, Venezuela, Colômbia até Argentina²⁰; na Bolívia ocorre em vale seco¹¹⁴.



Leguminosae-Mimosoideae

Pithecellobium scalare Gris.

(*P. tortum* Mart.)

“BARREIRO”

AP 6232

Etimologia: Pithecellobium=orelha-de-macaco (fruto); scalare=escada (fruto espiralado).

Árvore caducifolia, algo tortuosa, 4-14 m alt., casca grossa com cortiça sulcada (tolera fogo); flor branca abundante set-out, fruto jul-set.

Utilização: Forrageira de mediana aceitabilidade, pouco acessível, com alto teor de proteína (27% PB), medianos de cálcio (0,35%), fósforo (0,16%) e cobre (14 ppm), e baixo de zinco (10 ppm) para vacas¹⁷¹. Apícola (néctar)¹³⁰, flor perfumada.

Madeira amarelada, decorativa, dura, semipesada, boa para móveis finos, revestimento, moldura, cabo de ferramenta, fôrma, tonel, dormente, lenha^{125,130,58,126,132}, de durabilidade controvertida^{125,126,58}, provavelmente porque *P. scalare* e *P. tortum* são espécies distintas, não apenas questão de solo ou variedade. Casca dá corante amarelo¹³⁰. Ornamental¹³².

Cultivo: Por semente (germina facilmente), estaca ou broto de raiz; crescimento rápido, como pioneira^{58,130}.

Ecologia: Coloniza beira de estrada e áreas desmatadas.

Ocorrência: conjuntos esparsos, mata semidecídua, não inundável, solos arenosos (Paiaguás) ou argilosos (Nabileque), férteis, às vezes em área alagável. Mesmo nome vulgar para *Machaerium aculeatum* e *M. hirtum*.

Distribuição: ampla na América tropical⁶⁴, Chaco úmido, Bolívia, Paraguai, Argentina, sul do Brasil^{114,148,108,20,130,132}.

Leguminosae-Mimosoideae

Plathymenia reticulata Bth.

“VINHÁTICO”

AP 4366

Etimologia: *Plathymenia*=lua achatada (forma da semente)¹²; *reticulata*=nervuras em rede; *vinhático*=do vinho, latim vineaticu.

Árvore 5-10 m alt., tronco reto na mata ou tortuosorramificado no limpo; flor set-nov, vagem quase um ano após.

Utilização: Madeira amarela, dura, muito usada para moirão e curral. Moirão dura até 50 anos¹⁹⁵, mas menos no Pantanal. Leve (dens. 0,55), muito resistente a cupim¹³², boa para construção naval, móveis, lâmina decorativa, pisos, carpintaria^{16,19,152,132} e marcenaria, sendo a madeira da raiz ainda mais bonita⁴⁶. Ótima lenha, daí o nome “candeia” no Nordeste^{195,19,65}.

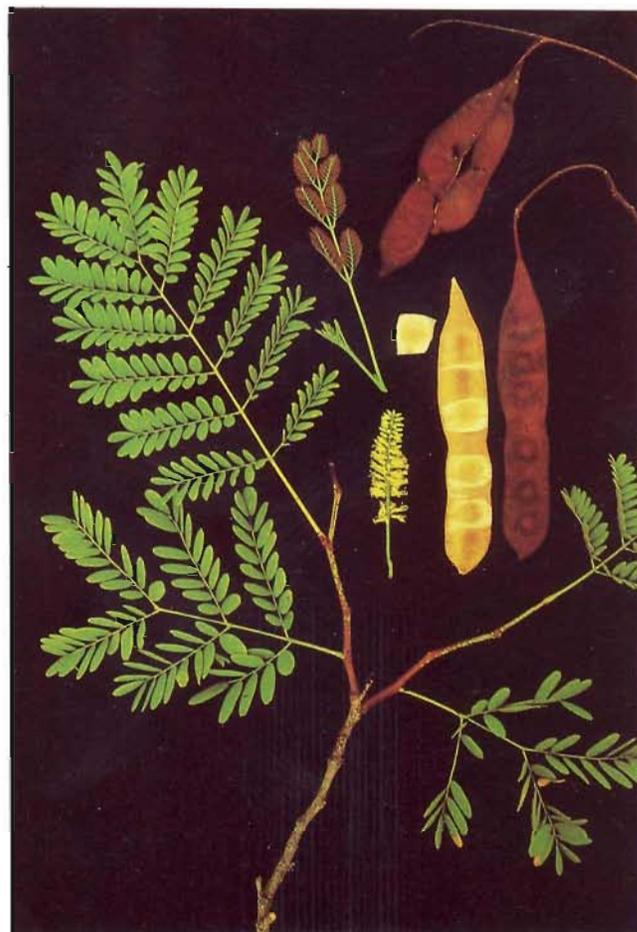
Apícola. O bovino quase não come a folha. Casca medicinal (banho) contra varizes⁹⁵, testículos inchados, hemorragia, diarreia^{2a}.

Cultivo: Germina em 10-30 dias, crescimento lento¹³².

Ecologia: Rebrotta após corte. Aumenta em anos secos. Tolerância fogo rápido.

Ocorrência: freqüente, cerradão e borda de cordilheira, solos arenosos. Cit. ant.^{84,95,179,2b,174,53,61,62}.

Distribuição: cerrados e campo rupestre, AM, PA, CE, BA, MG, GO, MT, MS, RJ, SP, Bolívia^{46,198,197,101,127,132,114}.



Leguminosae-Mimosoideae

Prosopis rubriflora Hassl.

“BARREIRO-PRETO”, “espinheiro”

AP 4603, id. J.F.M. Valls.

Etimologia: *Prosopis*=máscara¹²; *rubriflora*=flor vermelha.

Árvore pequena ou arbusto, 2-6 m alt., copa achatada e pouco densa, ramos sinuosos; flor e fruto aos poucos, em grande parte do ano.

Utilização: Algo forrageira para cabra e ovelha, inclusive a vagem, de bom valor nutritivo, e pode ser disseminada pelo esterco. É do gênero da algaroba (*P. juliflora*), que às vezes é cultivada em sede de fazenda. Madeira dura, boa para lenha e carvão.

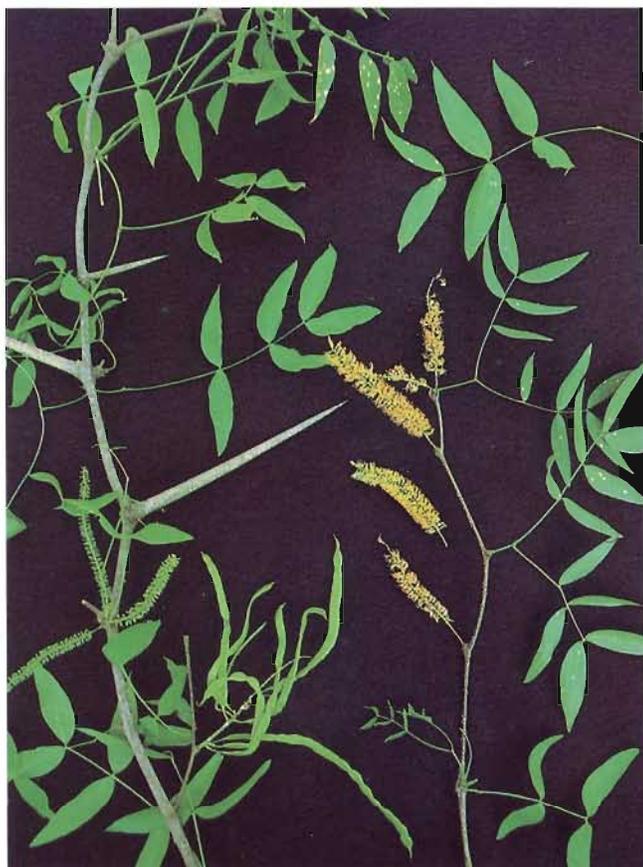
Apícola. Potencial ornamental. Certas aves (“graveteiro”) gostam de fazer ninho aí.

Ecologia: Aumenta com perturbação da vegetação, como em área desmatada, sendo invasora de pastagem. Indica solo salino, reconhecido pelas manchas peladas, quase sem vegetação herbácea. Crescimento lento.

Ocorrência: freqüente no sul do Nabileque e Porto Murtinho. Cit. ant.^{84,1,175}.

Distribuição: Paraguai²⁰, Chaco oriental¹⁸², MS, divisa Brasil-Paraguai¹⁷⁵.





Leguminosae-Mimosoideae

Prosopis ruscifolia Gris.

“ALGAROBO”

AP 4404, id. J.F.M. Valls.

Etimologia: gênero idem; ruscifolia=folha de *Ruscus*, planta européia; algarobo=nome espanhol.

Árvore 5-20 m alt., espinhos até 20 cm compr. (fura pneu de trator), às vezes ausentes, e, quando ocos, tem formigas; flor set-out.

Utilt.: Madeira dura, pesada (dens. 0,8), resistente, para poste, dormente, barril, lenha^{125,130,148}, móveis estilo Viena, carvão ativado, ác. pirolenhoso¹²⁵. Durável na água¹²⁵.

Apícola. Vagem comestível, cozida, como farinha e pão, ou fermentada em água para “chicha”¹³⁰. Folha tido medicinal, para os olhos¹⁴⁸.

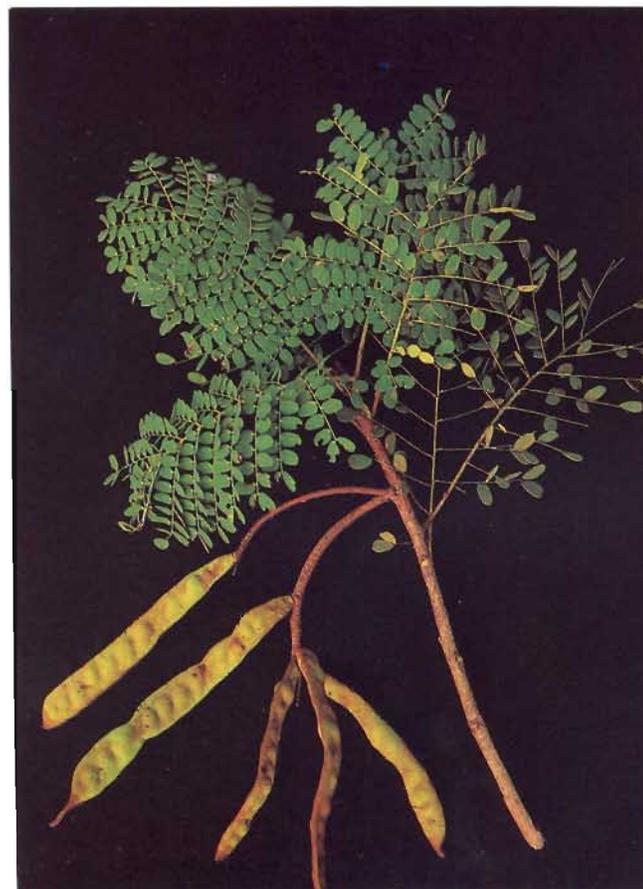
Importante forrageira no Chaco (vagem), mas espinhos furam e desvalorizam o couro¹²⁵.

Ecologia: invasora de áreas do Chaco inundável da Argentina e Paraguai, pois gado e água espalham a semente^{148,130,125,126}.

Ocorrência: Nabileque, da Estação Carandazal a Porto Murtinho, solos argilosos, alcalinos e/ou salinos. Cit. ant.^{1,175,18}.

Distribuição: Chaco, Bolívia, Paraguai e Argentina^{108,182,130,114}.

Outra sp.: *P. fiebrigi*¹.



Leguminosae-Mimosoideae

Stryphnodendron obovatum Bth.

“BARBATIMÃO”

VJP 1237, id. R. Vanni.

Etimologia: Stryphnodendron=madeira adstringente¹²; obovatum= obovado, forma de ovo invertido (folíolo).

Árvore 2-6 m alt., flor out-fev, um pouco até junho; vagem out-mar.

Utilização: Forrageira bem aceita por bovino, apesar do tanino. Teores de cálcio (0,37%), magnésio (0,17%), cobre (6 ppm) e zinco (12 ppm) são bons, o de fósforo (0,17%) é razoável e o de proteína (16% PB) é bom, para vacas¹⁷¹.

Fruto tóxico, causa fotossensibilização (“orelha frita”) e pode até matar cabra e ovelha (fazenda Caiçara, Paiaguás).

Apícola, mas suspeita de tóxica para a larva da abelha. Casca usada para curtir. Madeira resistente à umidade.

Uso medicinal: fervido da casca contra hemorragia²⁶⁶, cicatrizante, diarreia, frieira, e ferida “braba” de cavalo. Adstringente, como a famosa “casca da virgindade”⁴¹, pois o nome vem do guarani iba-timó=árvore que aperta^{56,139}. Serve para tratar gengivas²¹². É abortivo e pode dar deformação no feto^{2a}.

Ecologia: Aumenta em aos secos. Tolerância fogo, não muito alto.

Ocorrência: muito freqüente, borda de cerradão, caapão de cerrado e caronal, solos arenosos. Cit. ant.^{61,62}; como *S. adstringens*^{174,1,186}.

Distribuição: é da flora do Cerrado¹⁰¹.

Leguminosae-Mimosoideae

Zygia inaequalis (H.B.K.) Pitt.

(*Pithecellobium inaequale*)

“FALSO-INGÁ”

AP 5630, id. L. Rico.

Etimologia: Zygia=homenagem a Zyg;
inaequalis=desigual.

Arbusto ou arvoreta 1,5-5,0 m alt., cauliflora. Flor jun-jul, vagem jul-ago do ano seguinte, pois leva 1 ano para amadurecer e ainda permanece presa na planta após caírem as sementes.

Utilização: Apícola. Potencial ornamental. Desconhece-se uso nesta ou noutra região.

Ecologia: Colonizadora de beira de estrada inundável, p. ex., a do porto da Manga (MS-228), Corumbá. Sensível ao fogo. Parece ser de crescimento lento.

Ocorrência: freqüente, às vezes abundante, mata ciliar inundável, leito (dentro d'água) e margem do rio (falso) Abobral, na sub-região do Abobral.

Distribuição: Amazônia⁶⁴, PA, AM, Guiana, Venezuela, Peru⁴⁶.



Leguminosae-Faboideae (Papilionoideae, Papilionatae)

Acosmium subelegans (Mohl.) Yak.

“QUINA-GENCIANA”

“chapadinha”, “genciana”, “cascudinho”

AP 4314, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Acosmium=sem adorno (flor miúda)¹²;
subelegans=quase elegante.

Árvore caducifólia, 5-15 m alt., casca com cortiça (rugosa, clara, sai com a mão), pelo que tolera fogo. Flor set-nov, vagem abr-ago, espalhada pelo vento.

Utilização: Algo forrageira. Apícola. Flor odorosa.

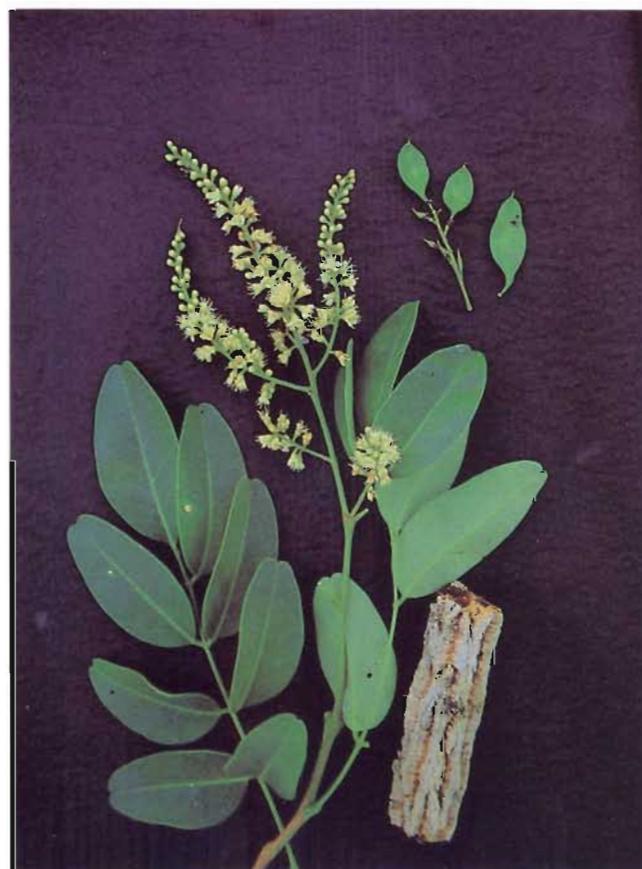
Madeira apreciada para moirão na região. Meio pesada, dura, mediana resistência a cupim, serve para acabamento interno¹³². Semente germina em 15-30 dias, crescimento lento¹³².

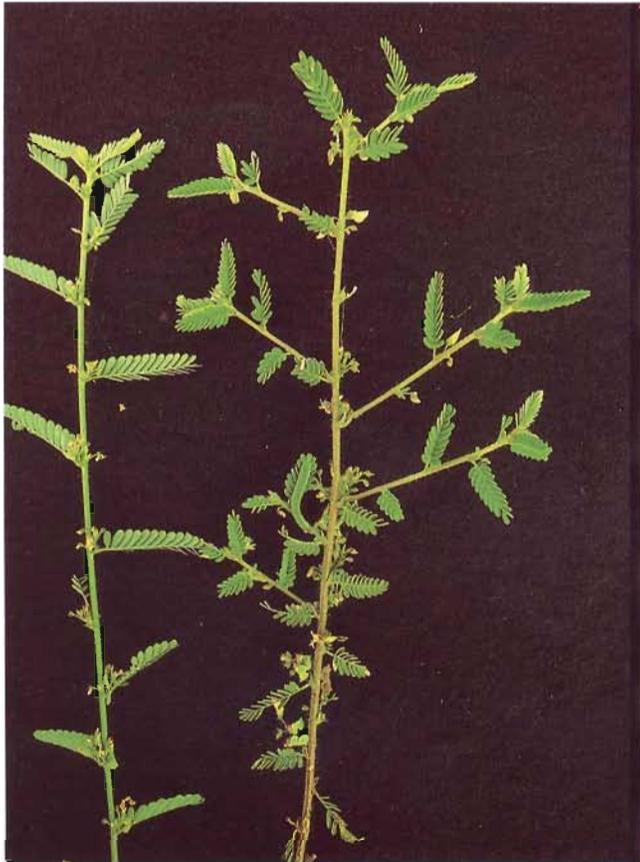
Uso medicinal: casca para lavar feridas, cicatrizante e contra dor de barriga.

Ocorrência: freqüente, cerradão, caapão de cerrado, caronal, solos arenosos. Cit. ant.^{179,186,53,62}.

Distribuição: GO, MG, SP, MS¹³² e Bolívia¹¹⁴.

Outras spp.: *A. dasycarpon* (“cascudinho”, cerrado), *A. cardenasii* (na morraria calcária).





Leguminosae-Faboideae

Aeschynomene histrix Poir.

var. *incana* (Vog.) Bth.

AP 2159, id. R. Vanni.

Etimologia: *Aeschynomene*=a que se envergonha (folha sensitiva)¹²; *incana*=esbranquiçada, grisalha.

Erva ou subarbusto perene, ou anual em função da cheia, ereto a meio trepador, 0,5-1,5 m alt., flor e vagem na maior parte do ano. A var. *incana* tem pêlos pegajosos.

Utilização: Boa forrageira⁴⁴, mais consumida por bovino durante épocas críticas, também comida por veado-catingueiro. Apícola pouco importante.

Ecologia: Aumenta em área queimada, desmatada e em anos secos.

Ocorrência: frequente, caronal e borda de cerradão, pouco ou não alagáveis, solos arenosos; também em campos alagáveis (Abobral, Nabileque) durante a seca, como planta anual. Cit. ant.^{174,18}.

Distribuição: América tropical e subtropical, Flórida à Argentina^{19,64,65}, campos altos semi-secos, arenosos^{44,24}.



Leguminosae-Faboideae

Aeschynomene paniculata Willd.

AP 4368, id. P. Rayman.

Etimologia: gênero idem; *paniculata*=inflorescência em panícula.

Erva a subarbusto, perene, ereto, 1,0-2,5 m alt., ramos verdes; flor e vagem quase o ano todo.

Utilização: Forrageira, mas de pouca folha, pastada por veado-mateiro, pouco por bovino. Apícola de menor valor.

Ecologia: Aumenta em anos secos e com desmatamento, bem como em campo queimado.

Ocorrência: esparsa, caronal, borda de cerradão e cerradão ralo, pouco ou não inundáveis, solos arenosos. Cit. ant.¹⁷⁴.

Distribuição: América tropical⁶⁴, México a SP e Paraguai, Nordeste⁶⁵, cerrado de areia, pastagem inundável¹²⁷.

Leguminosae-Faboideae

Andira cuyabensis Bth.

“MORCEGO”, “morcegueiro”

4688, id. J.A. Ratter; conf. R. Vanni.

Etimologia: Andira=morcego, em tupi, porque os frutos são comidos por morcegos¹²; cuyabensis=de Cuiabá.

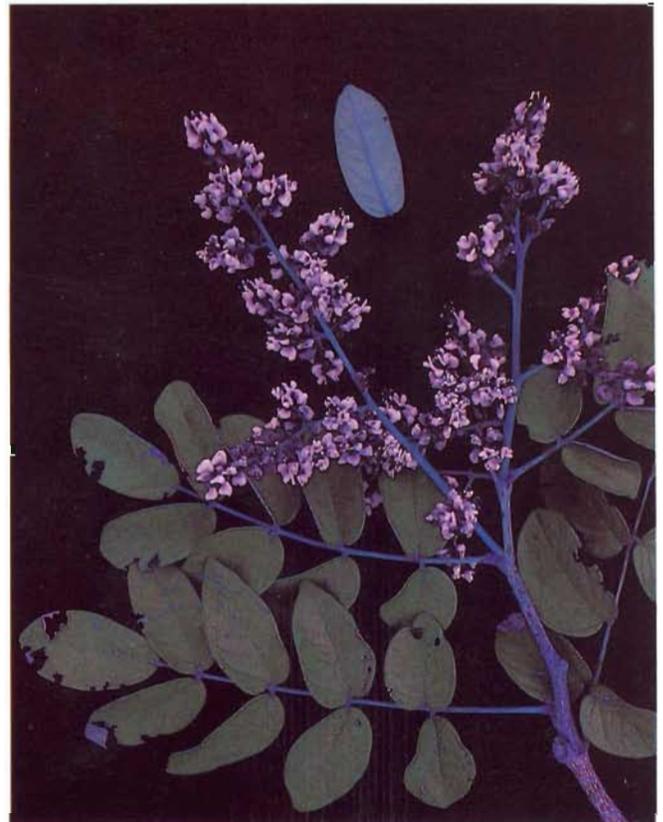
Árvore 3-12 m alt., casca grossa (proteção contra fogo), caducifólia, folha nova avermelhada; insuficiente registro de flor, dez, mar e jun; fruto out-nov.

Utilização: Madeira branca, serve para gamela, cocho e moirão de retoque. Serve para construção civil¹⁶. Muito apícola, flor perfumada. Muito pouco pastada. Fruto comido e carregado por morcegos, donde o nome regional e o científico; à noite ouve-se o ruído de caroços desta e outras espécies caindo no telhado. Potencial ornamental. Cerne macerado é vermífugo e digestivo⁹⁵.

Ecologia: Aumenta em anos secos, como pioneira no campo.

Ocorrência: freqüente, caronal, pequenos caapões de cerrado, borda e interior de cerradão, cerradão ralo, campos de “lixreira” e “fura-bucho”, solos arenosos. Cit. ant.^{179, 174, 186, 53}.

Distribuição: típica de cerradão de MT^{184, 101}, SP e GO⁴¹.



Leguminosae-Faboideae

Andira inermis H. B. K.

“MORCEGO”, “morcegueira”

AP 3612

Etimologia: gênero idem; inermis=inerme, desarmado, sem espinhos.

Árvore 3-10 m alt., copa densa e larga, muitas vezes até o chão; flor out-dez, fruto nos meses secos.

Utilidade: Apícola. Madeira usada para poste, cocho, gamela. Forte, boa para carpintaria, embarcações, soalho, dormente e tornearia¹⁶, construção e móveis^{45, 106}. Folha pouco pastada por vaca ou animais nativos. Fruto comido por morcegos (origem do nome vulgar) e outros mamíferos. O tronco freqüentemente é ôco, servindo de abrigo a abelhas, morcegos, etc.

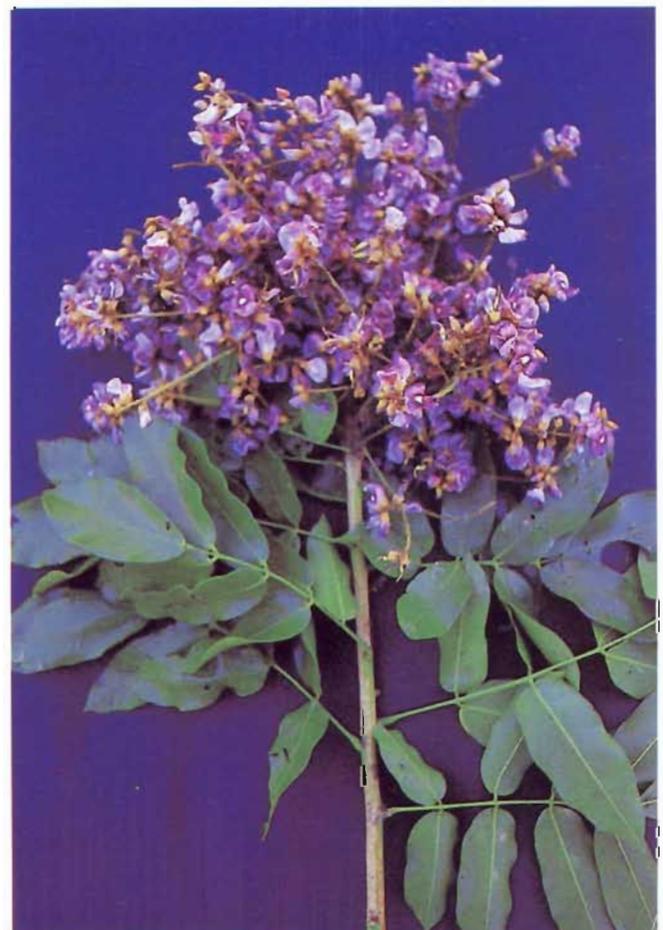
Casca amarga, narcótica, usada na Bolívia contra vermes¹⁶², sendo antelmíntica e purgante, mas vomitiva em alta dose^{45, 16, 124} constando como cicatrizante e contra erisipela¹⁶. Casca e fruto tóxicos^{106, 124}.

Ecologia: Sensível ao fogo. Continua crescendo quando tombada pelo vento ou correnteza de rio.

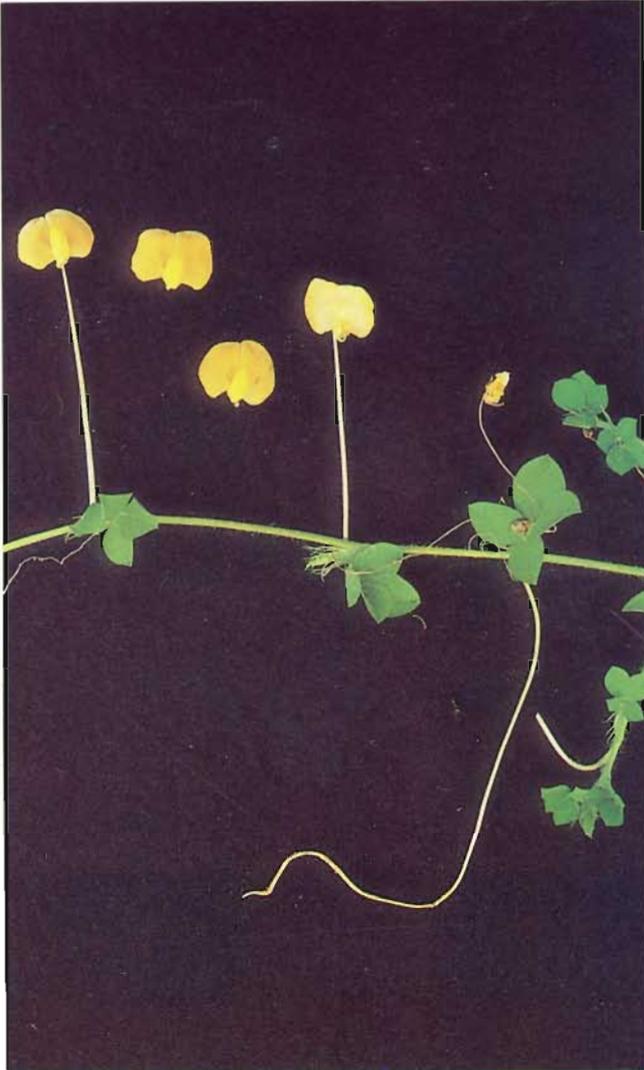
Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, mata ciliar e pequenos caapões, solos argilosos e arenosos. Cit. ant.^{53, 174}.

Distribuição: politropical (África e Brasil)¹⁹⁷, até o México¹⁰⁶.

Outras spp.: *A. humilis* (“morceguinho”, caronal), *A. paniculata* (“morcego”, cerrado), *A. cf. riverina*⁶².



Leguminosae-Faboideae



Arachis kuhlmannii Krap. et Greg.
"AMENDOIM-BRAVO"

AP 1782, id. J.F.M., Valls.

Etimologia: *Arachis*=nome antigo de ervilhaca, em grego significa sem eixo, dado o hábito prostrado¹²; homenagem ao botânico brasileiro Kuhlmann.

Erva prostrada, fruto subterrâneo. Encontrada por Krapovickas na fazenda Nhumirim, foi recém descrita como nova para a Ciência.

Utilização: boa forrageira, palatável, bom valor nutritivo, sendo persistente devido à frutificação dentro do chão, como os *Arachis* em geral. Já está em cultivo *A. pintoii*, do Nordeste, forrageira de crescente importância nos trópicos, também ornamental e para controle de erosão e melhoria de solos. Apícola.

Os *Arachis* nativos são importante germoplasma para melhoramento de amendoim, como fontes de resistência. Por exemplo, a tolerância à água de *A. hoehnei*, que agüenta 4 m de inundação por vários meses.

Ecologia: Não tolerando sombra, é favorecido pelo pastejo e pelo fogo. Cresce em areia empobrecida de roça velha, mas de modo geral os *Arachis* preferem solos ricos em cálcio, freqüentemente associados ao "barreiro" (*Machaerium hirtum*) (seg. J.F.M. Valls, CENARGEN-EMBRAPA).

Ocorrência: freqüente, manchas próximas a sedes de fazenda na Nhecolândia, áreas não inundáveis, solos arenosos.

Outras spp.: *A. appressipila* (morraria calcária), *A. hoehnei*, *A. kretschmeri*, espécies novas de Krapovickas & Gregory (seg. J.F.M. Valls), e *A. glabrata*.

Leguminosae-Faboideae



Bergeronia sericea Mich.
"BIUERA"

AP 4930, id. J.F.M. Valls, conf. R. Vanni conf., G.P. Lewis.

Etimologia: não foi achado o significado do gênero, provavelmente dado em homenagem a Bergeron¹³; *sericea*=com pêlos sedosos (lado inferior da folha).

Árvore 3-15 m alt., flor ago-nov, vagem nov-fev.

Utilização: Casca usada para curtir couro, em áreas onde não existe "angico". Serve para lenha e embira. Madeira vermelho-amarelada, pouco durável, racha fácil^{148,187}.

Muito apícola. Ornamental²⁰.

Ecologia: Coloniza beira de estrada, pelo que se deduz seu potencial para recuperação de área degradada. Sensível ao fogo.

Ocorrência: abundante, mata ciliar inundável dos rios Paraguai e São Lourenço e seus corixos, às vezes na mata mais seca, solos argilosos.

Distribuição: Paraguai¹⁸, Chaco oriental¹⁸² e rios Paraguai e Paraná na Argentina²⁰.

Leguminosae-Faboideae

Bowdichia virgilioides H.B.K.

“SUCUPIRA”, “sucupira-preta”, “sicupira”

AP 1951. id. conf. R. Vanni.

Etimologia: homenagem a Bowdich; parecido com *Virgilia*, leguminosa arbórea africana; sucupira=de sapopira, carne crua (madeira), ou cubepyra, a alisada (madeira polida)¹⁹.

Árvore caducifólia, 5-12 m alt., casca cinzenta que resiste queimada rápida. Flor jun-ago, vagem set-out.

Utilização: Apícola de destaque¹⁷⁰. Raramente pastada. Madeira estriada¹⁵², pesada (dens. 0,94)^{19,46}, dura, durável, boa para decoração, móveis de luxo, construção externa^{19,152,136}, pisos e portas^{46,132}, equivalente à valiosa “sucupira” da Amazônia¹⁹⁸. Aqui não é considerada boa para moirão. Ornamental¹³².

Uso medicinal: casca contra coceira. Rica em tanino, contra diarreia¹⁹, gota⁵⁶, diabetes^{56,16,223,208,9}, depurativa^{19,46,9}, tônica, sudorífica, aperitiva e digestiva⁹. Raiz tem alcalóide sucupirina^{19,46}. Casca da raiz para diabetes e batata da raiz contra gota, reumatismo, doença venérea e de pele⁹. Semente dá o “café de sucupira”¹⁹, depurativo e para febre^{223,208,9}, e óleo contra reumatismo⁴⁶.

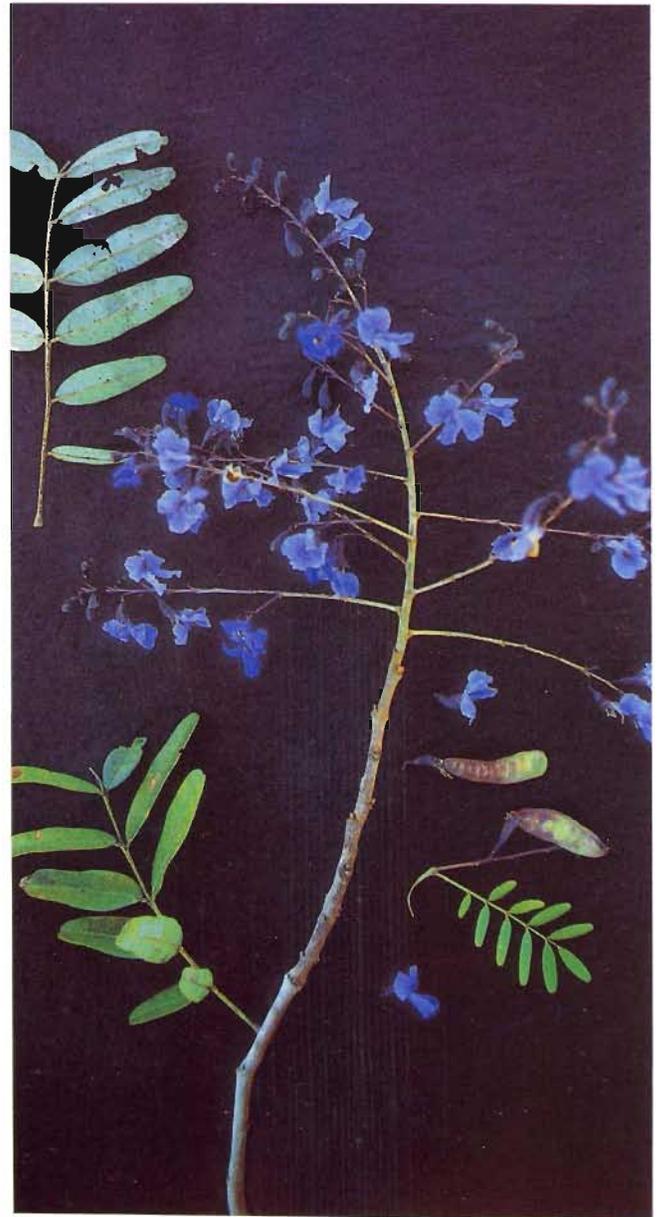
Cultivo: semente germina em 1-2 meses, crescimento rápido¹³².

Ecologia: Aumenta em anos secos, na transição do cerrado ao campo, e começa a cair em anos de muita cheia.

Ocorrência: muito freqüente, borda de cerradão, caapões de cerrado, caronal, pouco ou não alagáveis, solos arenosos. Cit. ant. 133,1,174,186,53,61,62.

Distribuição: ampla dispersão, savanas, matas secas, cerradão, caatinga, restinga, Amazônia, Nordeste e Brasil Central^{64,108,152,198,197,127}, Llanos da Venezuela e Colômbia^{65,108,215}.

Outra sp: *Pterodon emarginatus* (“sucupira-branca” ou “faveiro”, na parte leste).



Leguminosae-Faboideae



Calopogonium caeruleum (Bth.) Sauv.

AP 3667

Etimologia: *Calopogonium*=barbicha bonita (lacínios do cálice pilosos)¹²; *caeruleum*=cor do céu (flor).

Trepadeira, perene, 2-4 m alt.; flor jun-nov, vagem agosto.

Utilização: Forrageira, às vezes cultivada em outras regiões.

Apícola. Ornamental⁴⁶. Contém inseticida (fruto e semente)⁹². Caule serve para lavar roupa⁴⁶.

Ocorrência: freqüente, vegetação ciliar e campos arbustivos alagáveis por água de rio, solos argilosos. Cit. ant.^{105.1.18}.

Distribuição: América do Sul tropical e subtropical e Antilhas^{19,65}.

Outra sp.: *C. mucunoides*.



Leguminosae-Faboideae



Camptosema ellipticum (Desv.) Burk.

(=*C. scarlatinum*, *Galactia scarlatina*)

AP 3085, id. R. Vanni.

Etimologia: *Camptosema*=estandarte curvo (flor)⁵⁸; *ellipticum*=elíptico (folha).

Arbusto trepador 1-4 m alt., flor e vagem quase o ano todo.

Utilização: Forrageira pouco consumida por bovino. É de um gênero que nodula⁷². Grande potencial ornamental.

Ecologia: Sobrevive ao fogo.

Ocorrência: esparsa, borda e clareiras de cerrado, solos arenosos. Cit. ant.^{1.61.18}.

Distribuição: campo rupestre¹²⁷, cerrado.



Leguminosae-Faboideae



Camptosema paraguariense (Chod. et Hassl.) var. *parviflorum*.

AP 3173, id. R. Vanni.

Etimologia: gênero idem; paraguariense=de Paraguari, no Paraguai; parviflorum=flor pequena.

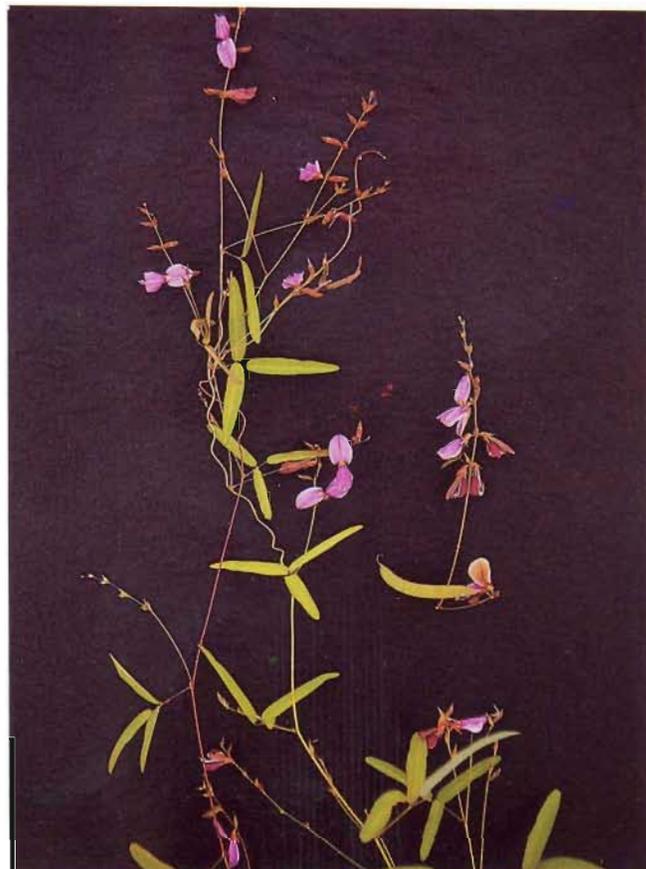
Erva perene, prostrado-volúvel (rasteira e que sobe enrolando-se). Folhas de dimensões variáveis, na mesma planta e conforme o ambiente. Flor quase no ano todo, menos quando está quase toda submersa. Vagem madura estoura e atira as sementes.

Utilização: Forrageira de bom valor nutritivo, embora de pouca massa. Apícola.

Ecologia: Rebrotar após fogo, de um pequeno xilopódio. Geralmente cresce em murundu.

Ocorrência: abundante, paratidal, carandazal e campos alagáveis por rio, solos argilosos.

Distribuição: Chaco úmido, Argentina e Paraguai²⁰.



Leguminosae-Faboideae



Canavalia aff. palmeri (Pip.) Standl. “FEIJÃO-BRAVO”, “feijão-do-mato”, “faveirinho”

AP 4433, id. R. Vanni.

Etimologia: gênero idem; homenagem a Palmer.

Trepadeira 1-4 m alt. Flor mar-out, lilás de manhã e azul à tarde; vagem abr-nov.

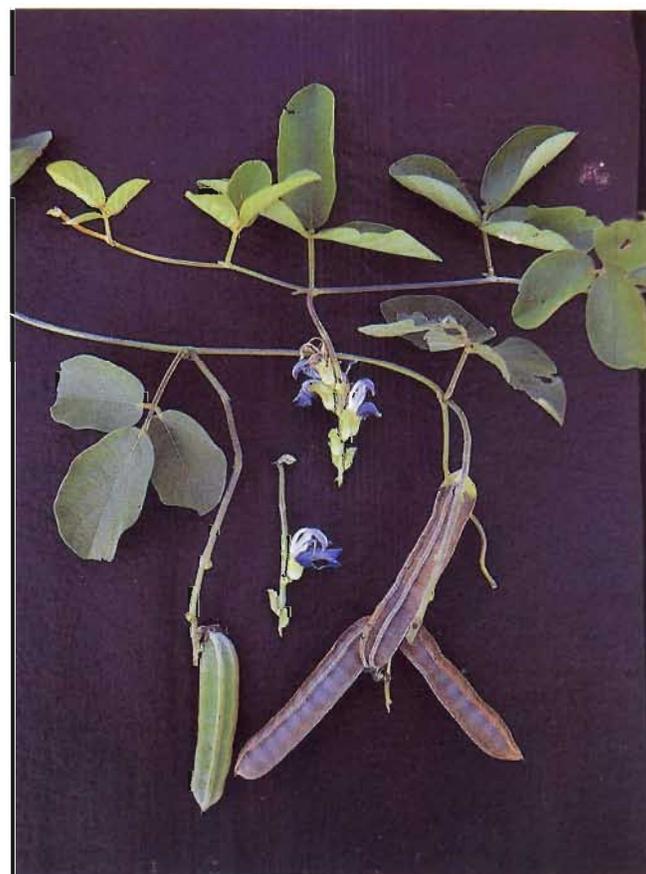
Utilização: Semente comestível, eliminando a primeira água de fervura, para remover toxinas. Apícola, polinizada por mamangavas e visitada por colibri. Forrageira eventual. Potencial ornamental.

Cultivo: Propaga-se por sementes.

Ecologia: Sensível ao fogo, mas depois coloniza clareiras deixadas pela queimada, pois aumenta com perturbação.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar, carandazal, borda de caapões, solos argilosos ou arenosos, férteis.

Outra sp.: *C. brasiliensis*¹.



Leguminosae-Faboideae



Centrosema brasilianum (L.) Bth.

AP 4281, id. J.F.M. Valls.

Etimologia: Centrosema=estandarte com espora (na flor); brasilianum=do Brasil.

Erva perene, volúvel, 0,8-3,0 m alt. Flor na época seca (abr-out), vagem madura no início das chuvas (out-dez).

Utilização: Forageira não muito palatável e acessível, mas importante na cheia e na seca.

Apícola, visitada principalmente por mamangava. Há espécies com propriedades inseticidas e nematicidas⁹².

Ecologia: Produz muita semente. Aumenta em área perturbada, como roça velha. Sensível ao fogo, nascendo depois nos claros da vegetação.

Ocorrência: freqüente, borda de caapões e cordilheiras, principalmente em vegetação secundária (capoeira), solos arenosos. Cit. ant.^{105,1.174.62,18}.

Distribuição: Brasil, América do Sul tropical e subtropical e Antilhas^{64,44,65}, restinga, capoeira, campo¹²⁷.



Leguminosae-Faboideae



Centrosema vexillatum Bth.

AP 2636, id. R. Vanni; 4166, id. J.F.M. Valls.

Etimologia: gênero idem; vexillatum=com vexilo ou estandarte (flor).

Erva perene, estolonífera e volúvel, flor e vagem escalonados, em grande parte do ano, exceto no pico da cheia.

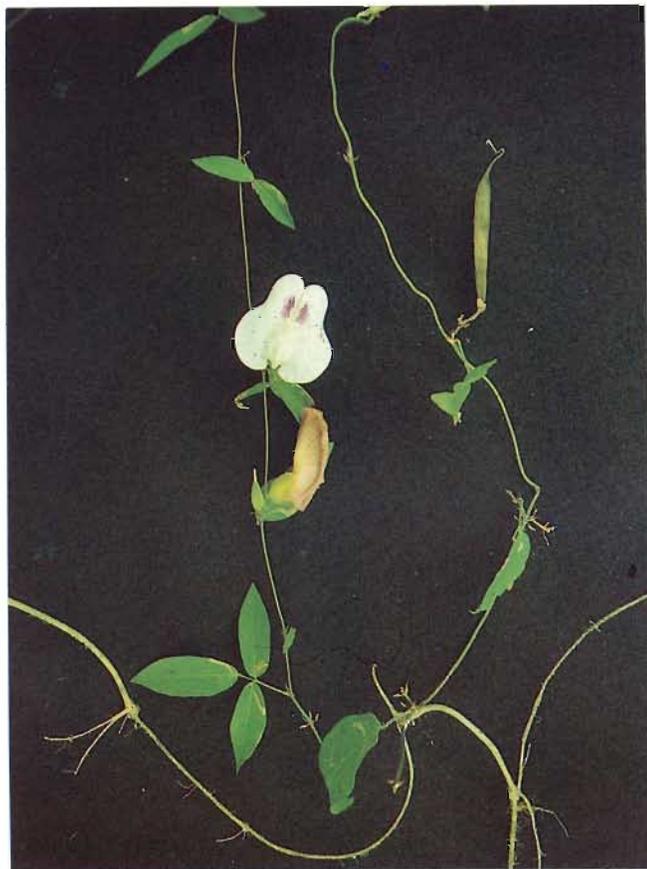
Utilização: Forrageira, com potencial para cultivo em terras úmidas. Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta com remoção da vegetação lenhosa e trabalho de solo.

Ocorrência: freqüente, carandazal, campos alagáveis, solos argilosos. Cit. ant.^{151,64,1}.

Distribuição: beira de rios, Nordeste do Brasil, Guianas^{151,44} e Amazônia⁶⁴.

Outras spp.: *C. pascuorum*; *C. pubescens*⁶²; *C. schottii*; *C. virginianum*¹.



Leguminosae-Faboideae

Clitoria falcata Lam.

(=*C. rubiginosa* Juss.)

AP 4663, id. J.F.M. Valls.

Etimologia: Clitoria=de clitóris (forma da flor)¹²; falcata=forma de foice (fruto).

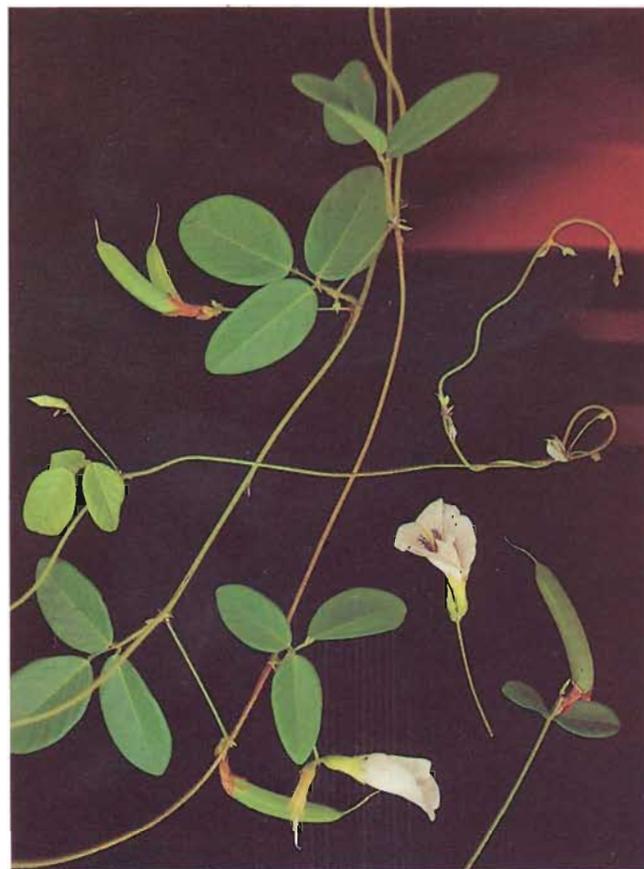
Trepadeira 1-4 m alt. Na cheia tem raízes no caule (adventícias), com nódulos. Flor na cheia. Fruto flutuante (dispersão por água), semente pegajosa, que deve aderir a animais, talvez aves, o que não foi observado.

Utilização: Forrageira pouco procurada pelo bovino, salvo em épocas de pouco pasto. Deve ter bom valor nutritivo. Ornamental⁴⁶.

Ocorrência: freqüente, beira de vazantes e campos baixos arbustivos, como o canjiqueiral, solos arenosos e siltosos. Cit. ant.¹.

Distribuição: América do Sul tropical e subtropical e Antilhas⁶⁵, mata atlântica, restinga¹²⁷.

Outras spp.: *C. stipularis* (cerrado, parte leste), *C. ternatea*.



Leguminosae-Faboideae

Cratylia argentea (Desv.) O. Kze.

AP 4817, id. G.P. Lewis.

Etimologia: Cratylia=forte, firme (caule)¹²; argentea=cor de prata (folha).

Arbusto meio trepador, 1-4 m alt., flor abr-jun., inflorescência pêndula.

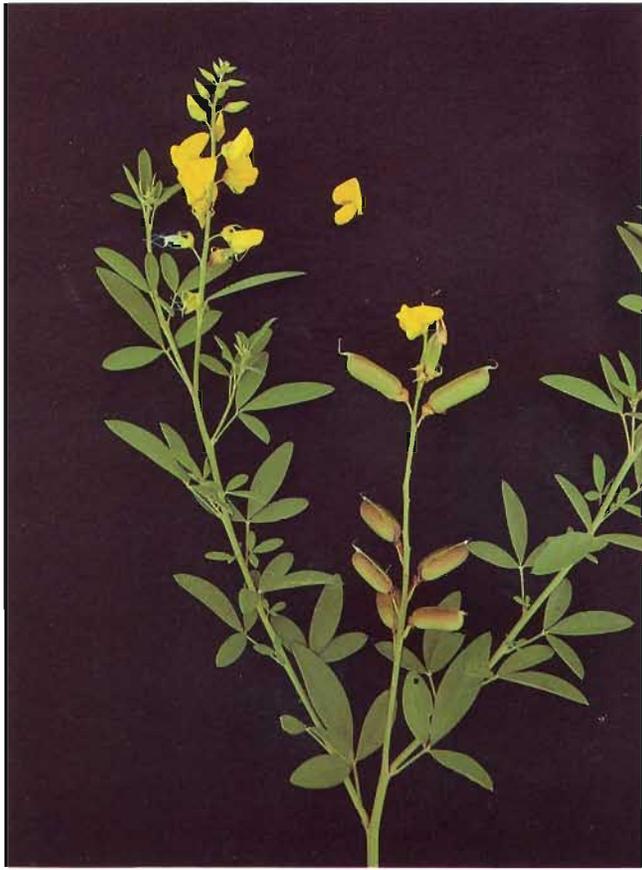
Utilização: Muito ornamental⁶⁵. Forrageira no Nordeste, aqui não foi vista pastada. Apícola e visitada por mamangavas.

Ecologia: Colonizadora de terreno perturbado e área desmatada.

Ocorrência: encontrada somente em Poconé, vegetação secundária, solo argiloso.

Distribuição: ampla, do Sul da Amazônia e Nordeste (capoeiras) até a Argentina^{65,127}.





Leguminosae-Faboideae



Crotalaria micans Link.

(=*C. anagyroides* H.B.K.)

AP 5491, id. R. Vanni.

Etimologia: *Crotalaria*=chocalho, como guizo de cascavel (a qual é do gênero *Crotalus*), pelo fruto inflado com sementes soltas que fazem ruído.

Erva anual¹³¹, ereta, 0,5-1,0 m alt., flor e vagem quase o ano todo.

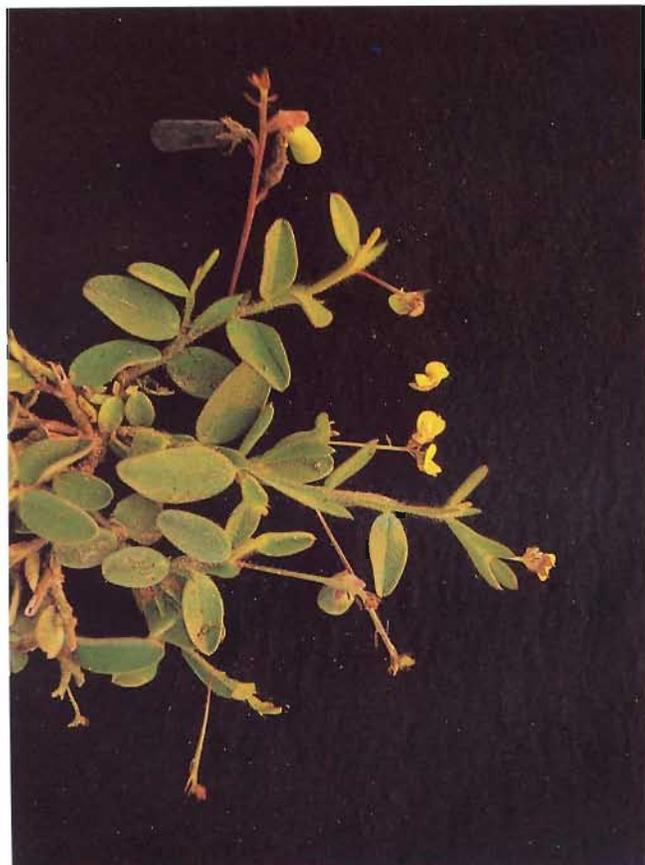
Utilização: Forrageira com 15% de proteína¹⁹ no feno, muito procurada pelo gado¹³¹. Aqui é bem pastada por bovino. Tóxica na frutificação¹³¹, pela semente¹⁹, mas que não causa dano ao bovino no campo. Há espécies inseticidas e nematicidas⁹². Ornamental²⁴. As *Crotalaria* nodulam⁷² e são usadas para adubação verde.

Considerada remédio cicatrizante e contra infecção⁸⁵.

Ecologia: Aumenta em anos secos, em campos baixos (Abobral), e em locais perturbados.

Ocorrência: esparsa a abundante, durante a seca em campos alagáveis, solos argilosos ou arenosos férteis. Cit. ant.¹³¹.

Distribuição: América Central e do Sul tropical^{19,24}, ruderal em todo o Brasil menos Amazônia¹³¹.



Leguminosae-Faboideae



Crotalaria stipularia Desv.

“XIQUE-XIQUE”, “guizo”

AP 2350

Etimologia: gênero idem; *stipularia*=com estípula (pela forma de inserção da folha).

Erva ereta ou deitada, perene (ou anual⁴⁵). Flor e vagem quase o ano todo.

Utilização: Forrageira, pouco consumida. Folha e semente tóxicas¹⁰³, uma das mais perigosas para o gado⁴⁵, mas no Pantanal não deve haver consumo suficiente para causar problema.

Apícola.

Ocorrência: esparsa, campos arenosos pouco alagáveis (caronal). Cit. ant.^{174,1}.

Distribuição: América do Sul tropical e subtropical e Antilhas^{65,45}, restinga, cerrado e ruderal¹²⁷.

Outras spp.: *C. maypurensis*, *C. incana*, *C. pallida*, *C. pilosa* (ereta, murundus do paratadal, solo argiloso), *C. vitellina*, quase todas ruderais.

Leguminosae-Faboideae

Dalbergia cuiabensis Bth.

AP 4327, id. G.P. Lewis.

Etimologia: homenagem ao médico sueco Dalberg; cuiabensis=de Cuiabá.

Arbusto subereto 1-2 m alt., flor abr-ago.

Utilização: Não foi observada pastada. Apícola de pequena importância.

Ecologia: Aumenta com desmatamento, em vegetação secundária. Sobrevive ao fogo, rebrotando da base.

Ocorrência: pouco freqüente, roça abandonada, caronal, cerradão ralo, solos arenosos.

Distribuição: MT⁴⁴.



Leguminosae-Faboideae

Dalbergia riedelii (Bth.) Sandw.

VJP 1494, id. G.P. Lewis.

Etimologia: gênero idem; homenagem ao botânico alemão Riedel, que coletou no Pantanal¹⁷⁹.

Arvoreta 2-5 m alt., torta e às vezes meio apoiada nas vizinhas; flor jul-set, fruto jan-mar, que parece o de “cumbaru”, mas menor e mais achatado. A folha muitas vezes tem pequenas galhas de inseto, em forma e tamanho de grão de arroz.

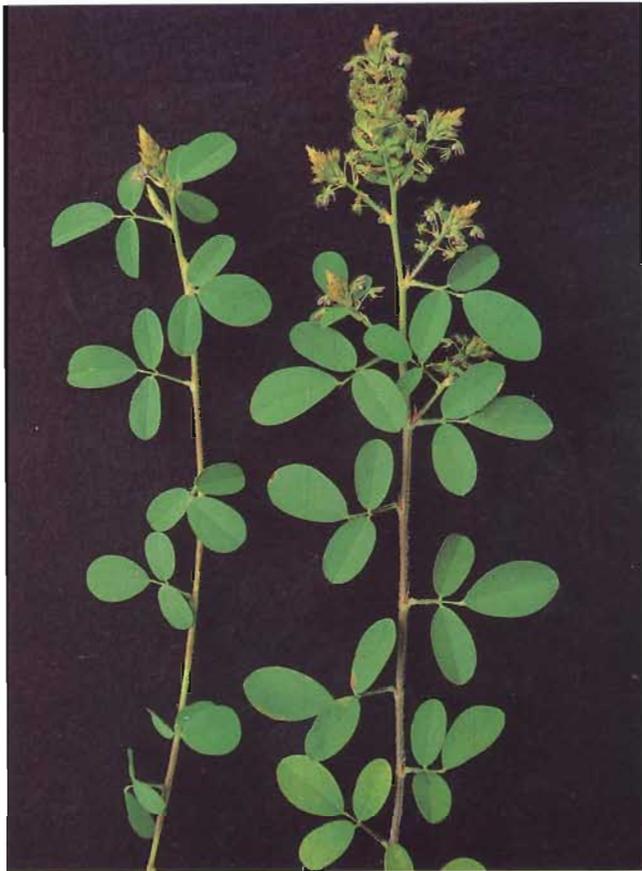
Utilização: Apícola.

Ecologia: Colonizador de beira de estrada inundável, fruto espalhado pela água; aparentemente é de crescimento lento. Sensível ao fogo, podendo rebrotar da base.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar de corixos da planície de inundaçãõ do rio Paraguai, solos argilosos.

Distribuição: amazônica (seg. G.P. Lewis); margem alagada dos rios, AM, MT, RR, Guiana⁶⁴; presente na savana inundável do norte da Bolívia⁹⁷.





Leguminosae-Faboideae

Desmodium barbatum (L.) Bth.

AP 1708, id. conf. R. Vanni.

Etimologia: *Desmodium*=fruto que gruda⁵⁸; *barbatum*=barbado (cálice).

Erva perene, prostrada (sob pastejo, na areia) ou ereta (solo argiloso), até 60 cm alt. Flor e vagem quase no ano todo.

Utilização: **Forrageira** de boa aceitabilidade pelo bovino, a ver pelo maior porte onde escapa do pastejo, junto a esterco e dentro de touceiras de "capim-carona". Boa antes da floração¹⁹, com bom teor de proteína (17% PB)¹³¹ para bovinos.

Apícola. Considerada medicinal, em banho para corrimento vaginal^{124,52} e o chá é grande diurético^{238,85}.

Ecologia: Tolerante a queimada, tem base engrossada. Inicialmente aumenta na ausência do bovino, depois é abafada pelas gramíneas altas. Aumenta em caronal gradeado.

Ocorrência: comum em campos arenosos menos alagáveis, como caronal, também em alguns argilosos, p. ex. área do rio Piquiri. Cit. ant.^{174,138}.

Distribuição: América tropical e América do Sul subtropical^{19,65}, todo o Brasil, Marajó ao RS, menos floresta amazônica¹³¹, solos arenosos¹²⁷.



Leguminosae-Faboideae

Desmodium distortum (Aubl.) Macbr.

(=*D. asperum* Desv.)

"REMENDO"

AP 5466

Etimologia: gênero idem; *distortum*=torto¹⁹⁹ (fruto).

Subarbusto perene, ereto, 0,6-2,0 m alt. com inflorescência, folha aderente à roupa, donde o nome vulgar; flor e vagem dez-mar, também jun-ago.

Utilização: **Forrageira** eventual de bovino, de alguma importância em fases críticas de pasto. É comida por cavalo⁴¹, apesar de meio dura.

Apícola. Raiz para picada de cobra²³⁸.

Ecologia: Rebrotar após a queimada. Aumenta em campo sem gado bovino.

Ocorrência: esparsa em caronal, cerradão ralo e borda de cerradão, solos arenosos. Cit. ant.¹⁷⁴.

Distribuição: mata (BA)¹²⁷, Guiana a SP, GO e MT⁴¹, RR, Peru, Colômbia e Trinidad⁶⁴.

Outras spp.: *D. affine*, *D. cuneatum*; *D. discolor*¹⁷⁹, *D. incanum* ("prega-prega"), *D. procumbens*; *D. sclerophyllum*¹⁷⁹, *D. triflorum*.

Leguminosae-Faboideae

Dioclea burkartii Maxwell

(*D. virgata*, *D. lasiocarpa*)

AP 4735, comp. com Prance 26070. (CEN) id. R.H. Maxwell.

Etimologia: homenagem ao médico grego Diócles¹², e ao botânico argentino (de Leguminosae) A. Burkart.

Trepadeira 1-5 m alt., flor mai-out, fruto nov-jan.

Utilização: Ornamental. Flor visitada por mamangava.

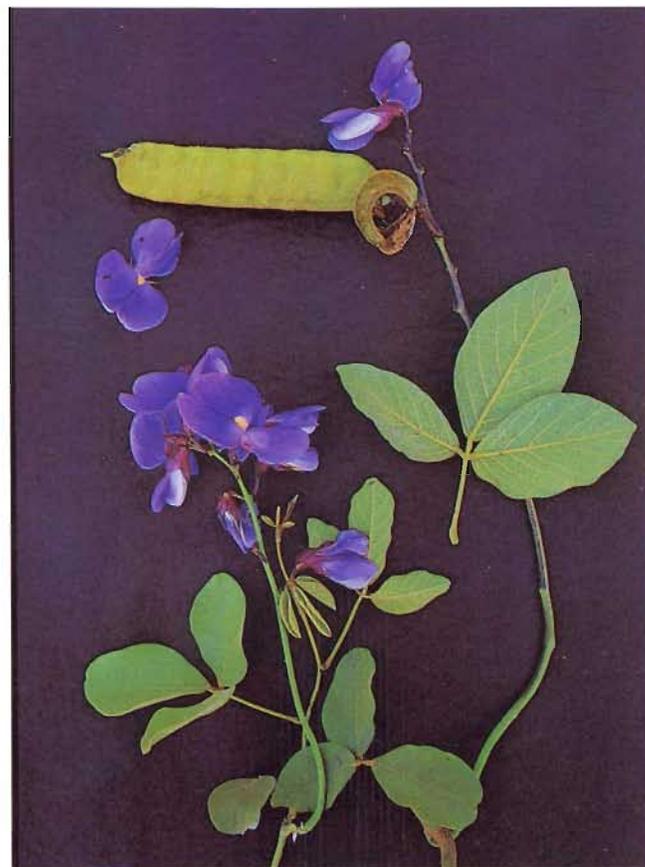
Não vista pastada. No gênero há espécie inseticida⁹².

Semente tóxica, o que é eliminado com cozimento prolongado⁴⁵. Não se sabe se é tóxica para peixes, pois muitas sementes são lançadas à água, quando a vagem estoura.

Ecologia: Colonizadora de beira de estrada inundável, que funciona como barranco de rio.

Ocorrência: esparsa, vegetação ciliar alagável de rios e corixos, solos argilosos e siltosos. Cit. ant.^{151,1.61}.

Distribuição: foi desmembrada de *D. virgata*, da Amazônia e América do Sul tropical^{64,19}.



Leguminosae-Faboideae

Dioclea glabra Mart.

AP 4308, comp. com Bueno 503 id. L.P. Queiróz.

Etimologia: gênero idem; glabra=sem pêlos.

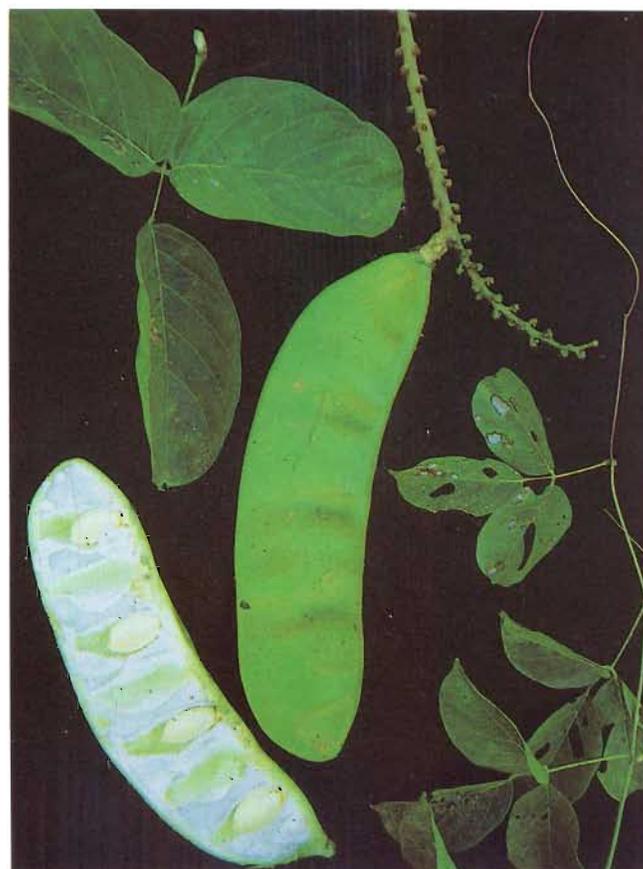
Trepadeira vigorosa 5-10 m alt., com gavinhas; flor mai-jun, fruto 20-25 cm compr., no início das chuvas (out).

Utilização: Não vista forrageada. Flor visitada por mamangava. Potencial ornamental. Vagem verde tem goma. Da semente grande de algumas espécies no CE tem-se feito farinha, considerada prejudicial se não for bem lavada⁶⁴. Contém inibidores de proteína (seg. Norlene R. Bueno, Escola Paulista de Medicina).

Ecologia: Aparece em beira de estrada, na vegetação secundária.

Ocorrência: esparsa, clareiras e bordas de matas e cerradão pouco ou não alagáveis, solos arenosos ou argilosos, férteis.

Distribuição: Guiana, AP, PA, AM, MT, GO, PI⁶⁴, caatinga na BA¹²⁷.



Leguminosae-Faboideae



Dipteryx alata Vog. "CUMBARU"

AP 2393

Etimologia: Dipteryx=2 asas (flor); alata=alada (eixo da folha); cumbaru, nome tupi¹⁴, cu=alimento + mboori=alegrar, ou mbore=que excita a língua¹⁹, é kumbaru na Bolívia¹⁴ e baru no planalto³.

Árvore 5-15 m alt., casca clara, flor out-nov, e um pouco em outras épocas. Fruto fica tempo na árvore, caindo na seca.

Utilização: Folha forrageira, bem aceita por bovino (e saúva), mas a planta pequena é pouco pastada. Bons teores de proteína (13% PB), fósforo (0,23%) e zinco 24 ppm), baixos de outros minerais, para vacas¹⁷¹. Fruto comido por bovino (expele o caroço ao ruminar) e fauna (porco, aves, etc.), que o disseminam; a polpa contém baixos teores de minerais, salvo fósforo (0,22%), mediano, e proteína (9% PB), abaixo da média de arbustos, suficiente para vacas¹⁷¹. Semente comestível, rica em cálcio, fósforo e manganês¹⁹⁴, óleos (45%) e proteína, equivale ao amendoim, serve para pé-de-moleque, rapadurinha, etc.^{198,3}, havendo receitas³.

Madeira boa, usada para moirão e construção. Pesada, resistente a fungos e cupim, durável para construção externa e interna, naval e hidráulica, carrocerias, tornearia^{42,136,132}. Muito apícola¹⁷⁰. Ornamental⁴².

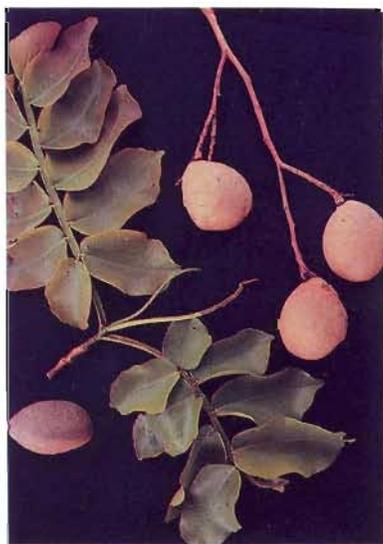
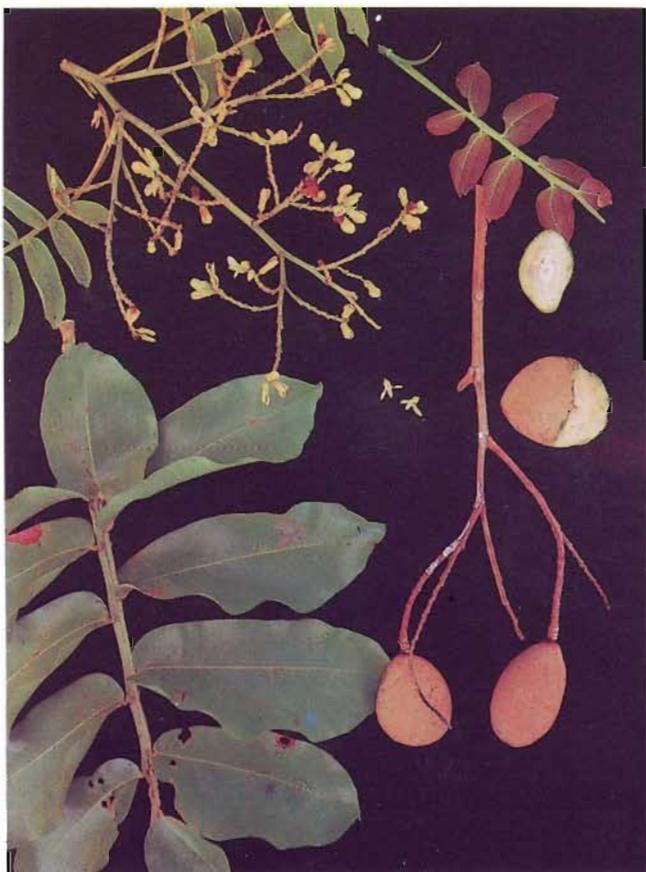
Uso medicinal: casca para dor de barriga. Semente fortificante, faz suar e menstruar; dá "óleo de baru"⁴², aromático²⁰⁸, contra dor¹⁶ e reumatismo^{223,194}. Folha com vários princípios ativos¹⁰⁷.

Cultivo: Propaga-se por semente, extraída na morsa³, daí germina em 20 dias¹⁹⁴, ou amolecendo o fruto sob saco úmido (seg. Eng.Agr. Roberto M. Franco).

Ecologia: Tolera fogo rápido.

Ocorrência: abundante, cordilheiras e caapões, solos arenosos e siltosos. Cit. ant.^{84,174,186,53,62}.

Distribuição: flora do Cerrado, compondo o cerradão¹⁰¹, solos providos de cálcio¹⁸⁴, mata seca¹⁹⁷; também Paraguai²⁰ e Bolívia¹⁴.



Leguminosae-Faboideae

Dolichopsis paraguariensis (Bth.) Hassl.

AP 4495, id. J.F.M. Valls.

Etimologia: Dolichopsis=semelhante a *Dolichos*, gênero do lab-lab; paraguariensis=da região paraguaia de Paraguari.

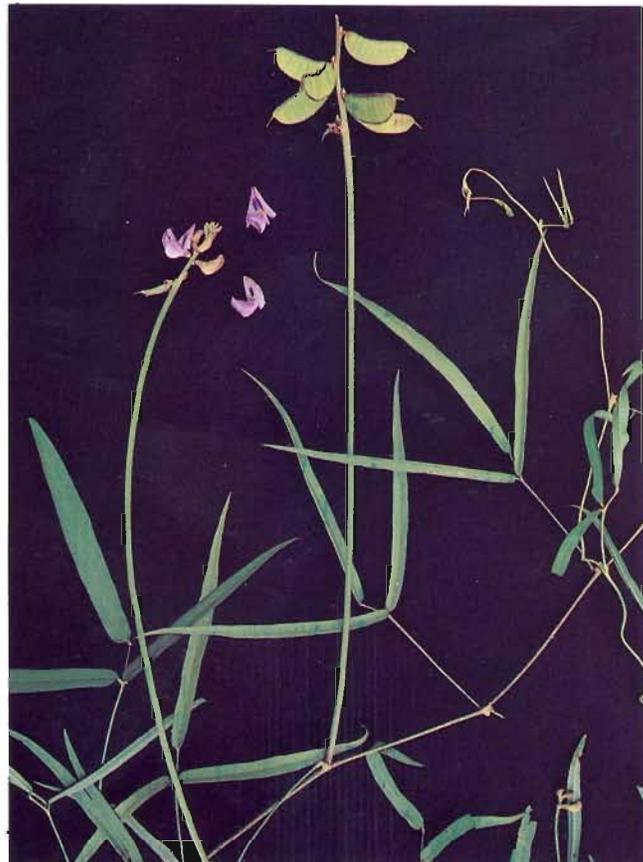
Erva prostrada e meio apoiante. Flor e fruto nov-jul.

Utilização: Boa forrageira, que merece estudo¹, ainda nem se sabe ao certo se é perene²⁴, parecendo que ao menos a parte aérea é anual, pois em out-dez há somente plantas novas, em campo queimado ou não. É tenra, procurada pelo bovino e também é alimento do cervo. Apícola. Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta após remoção do espinheiral ou carandazal com máquina, a partir do banco de sementes no solo. Tem potencial para domesticação e cultivo. Aumenta sem gado bovino, inicialmente, até ser sombreada pelo capim alto.

Ocorrência: freqüente em campos alagáveis e campinas de paratudal/carandazal, solos argilosos alcalinos e/ou salinos, Nabileque. Cit. ant.^{105,1,18}.

Distribuição: desde as fontes do rio Paraguai em Mato Grosso até a Argentina²⁴, Chaco oriental¹⁸².



Leguminosae-Faboideae

Eriosema platycarpon Mich.

AP 5690, id. R. Vanni.

Etimologia: Eriosema=estandarte piloso (da flor), de erio=lã + sema=estandarte; platycarpon=fruto chato.

Arbusto perene, ereto, 0,7-2,0 m alt.; flor e vagem set-jan.

Utilização: Forrageira de épocas críticas. Apícola e visitada por mamangavas.

Ecologia: Tende a aumentar em campo sem gado bovino. Diminui com fogo.

Ocorrência: em manchas esparsas, canjiqueiral, borda de cerradão, caronal, solos arenosos.

Distribuição: norte da Argentina²⁰.

Outras spp.: *E. crinitum*, *E. simplicifolium*, ambas de caronal e cerrado.



Leguminosae-Faboideae

 *Erythrina dominguezii* Hassl.

“MARIA-MOLE”, “abobreira”, “maleitoso”⁶²

AP 4954

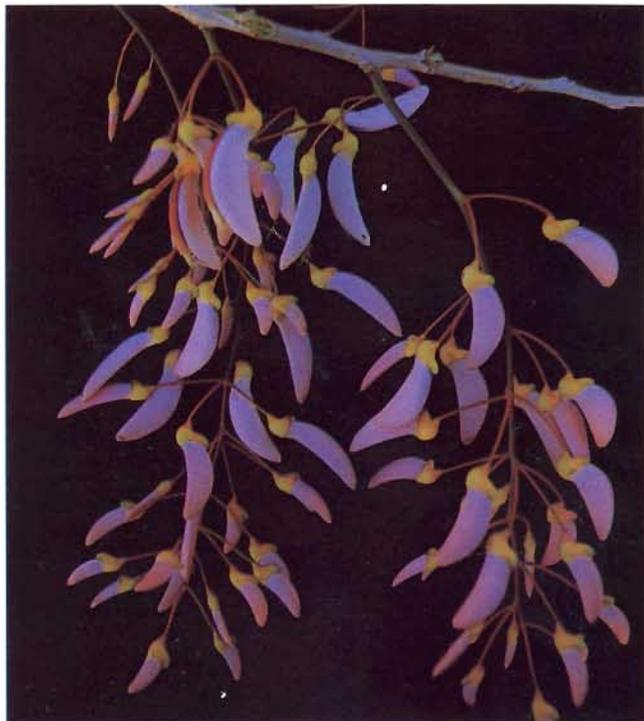
Etimologia: Erythrina=vermelho (flor); homenagem a Dominguez.

Árvore ereta 4-15 m alt., casca grossa com cortiça clara fendida, espinhenta; flor ago-set, quando sem folhas; vagem nov-dez.

Utilização: As *Erythrina* têm uso em sistemas agroflorestais, pela fixação de nitrogênio. Madeira macia, donde “maria-mole”. Ornamental e potencial para cortiça²⁰. Flor visitada por aves, como beija-flor, pelo néctar. Consta com espécie rara ou ameaçada no Distrito Federal⁸⁰.

Ocorrência: esparsa, mata semidecídua e caapões, solos arenosos ou calcários (Abobral). Cit. ant.^{174,61,62}.

Distribuição: ocorre no DF⁸⁰, Chaco no Paraguai¹⁴⁸ e Argentina²⁰, e savana úmida na Bolívia¹¹⁴.



Leguminosae-Faboideae

 *Erythrina fusca* Lourt.

(=*E. glauca*)

“ABOBREIRA”, “carne-de-vaca”

AP 3408

Etimologia: gênero idem; fusca=escura, parda¹⁹⁹ (flor).

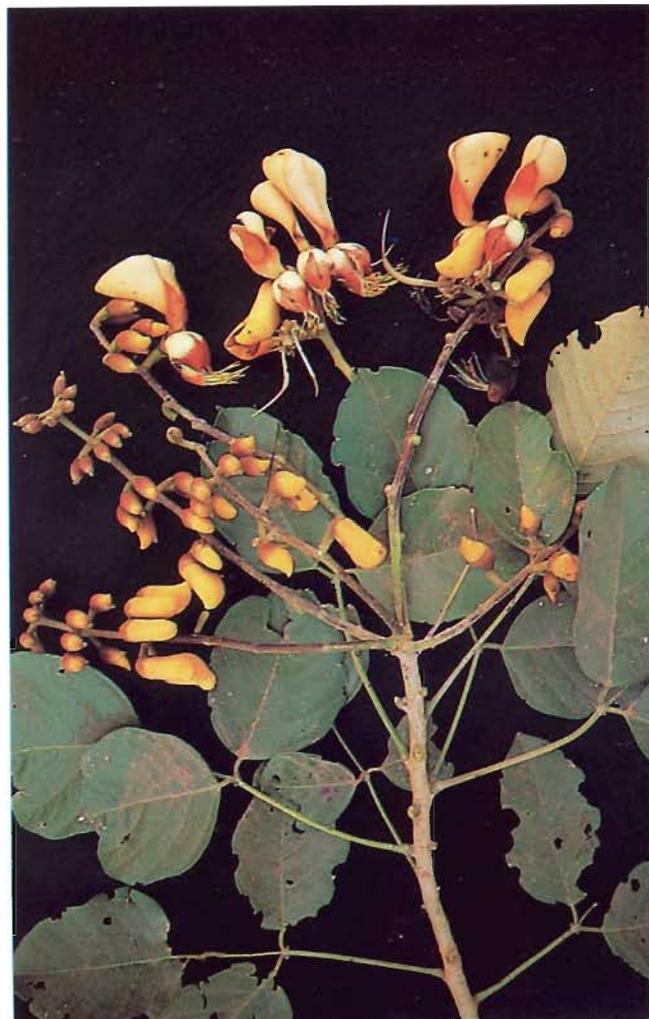
Árvore 8-15 m alt., copa larga quando isolada; flor ago-out, semente no verão. Mantém a folhagem ao florescer⁶⁴.

Utilização: Pouco forrageira. Útil para doenças do fígado, mas perigosa, tóxica, narcótica⁴⁶, com eritritina¹⁰³. Contém inseticida no caule e na semente⁹². A semente que cai no rio certamente é ingerida por peixes, mas não se sabe o efeito; sendo colorida, também deve ser comida por aves. Flor visitada por beija-flor. Serve para quebra-ventos e ornamental⁴⁶. Madeira branca, macia, leve⁶⁴. Cultivada para sombrear cacau e em sistemas agroflorestais, fixa nitrogênio e tem crescimento rápido.

Cultivo: Propaga-se por semente ou por estaca, que pode ser grande (2 m alt.), servindo para moirão vivo, havendo diversas variedades.

Ocorrência: esparsa, mata ciliar alagável do rio Paraguai, solos argilosos. Cit. ant.^{206,135}.

Distribuição: mata úmida¹²⁷, América tropical, Amazônia^{64,46}, desde a América Central à Bolívia¹¹⁴.



Leguminosae-Faboideae

Galactia glaucescens Kunth

“ALFAFA-DO-MATO”

AP 4369

Etimologia: Galactia=leite¹²; glaucescens=verde azulado (folha).

Arbusto 0,5-1,8 m alt. Flor e vagem quase o ano todo.

Utilização: Forageira não muito pastada, folha meio dura, o que, por outro lado, a protege de excesso de pastejo. Tem características desejáveis como boa produção de folhas e sementes. É espécie importante onde o gado vacum busca forragem no cerrado durante a cheia, como próximo ao rio Piquiri (seg. J.A. Comastri Filho, CPAP). Foram observadas sementes no rúmen e plântulas em esterco de vaca.

Apícola. Ornamental¹⁶.

Cultivo: Fácil, semente germina bem, crescimento rápido.

Ecologia: Rebrotas após fogo.

Ocorrência: muito freqüente, caronal, borda de cordilheira e cerradão ralo, solos arenosos. Cit. ant.^{179,174}.

Distribuição: flora do Cerrado¹⁰¹, da Colômbia ao Ceará e a Goiás⁶⁵, e da Guiana ao PR e MT⁴⁶.



Leguminosae-Faboideae

Indigofera hirsuta L.

AP 1010, id. A. Carpanezzi.

Etimologia: Indigofera=portadora de anil (gênero da anileira); hirsuta=com pêlos rijos.

Subarbusto 0,5-2,0 m alt., meio trepador, flor e vagem em grande parte do ano, mais no verão chuvoso.

Utilização: É um pouco forrageira. Há espécies tóxicas para o gado. Gênero tóxico para peixe¹⁰³, mas estes dificilmente teriam acesso à área seca onde a planta cresce.

Apícola.

Ecologia: Aumenta com desmatamento.

Ocorrência: freqüente, cordilheira desmatada, roça velha, vegetação secundária, solos arenosos.

Distribuição: América tropical e subtropical, áreas arenosas do Nordeste¹⁹.





Leguminosae-Faboideae



Indigofera lespedezioides H.B.K.

AP 2140

Etimologia: gênero idem; lespedezioides= semelhante a *Lespedeza*, gênero de leguminosa.

Subarbusto 0,5-2,0 m alt., flor e fruto quase o ano todo. Sobrevive a fogo, rebrotando da base.

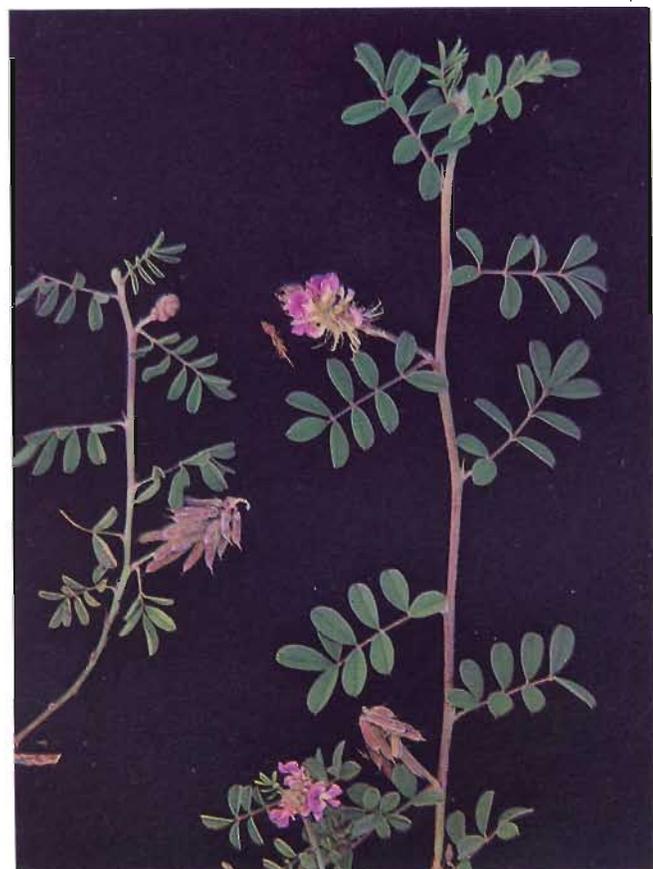
Utilização: Forageira de consumo mediano. É suspeita de tóxica para bovino²¹⁴, mas toxidez é fator relativo e geralmente fica diluída em condições de campo¹. É tóxica para peixes, como diz o nome “timbó-mirim” em MT¹⁰²; contém alcalóide índigo¹⁰³ e inseticida⁹².

Apícola. Considerado remédio diurético, contra dor, febre e inflamação⁸⁵.

Ecologia: Rebrotar após fogo.

Ocorrência: comum em paratidal (nos murundus), solos argilosos, e às vezes em beira de vazantes, solos arenosos. Cit. ant.^{105, 174, 61, 62, 18}.

Distribuição: AM, PE, MG, ES, RJ⁵⁶ e cerrado de MT¹⁰².



Leguminosae-Faboideae



Indigofera sabulicola Bth.

AP 4989

Etimologia: gênero idem; sabulicola=que mora na areia (ou no saibro¹⁹⁹).

Erva perene, prostrada, estolonífera, o que a torna adaptada ao pastejo; flor e vagem em grande parte do ano.

Utilização: Forrageira. Apícola.

Ecologia: Aumenta em campo perturbado, próximo a porteiras e caminhos.

Ocorrência: freqüente, campos alagáveis, solos arenosos férteis. Cit. ant.^{1, 174}.

Distribuição: cerrado¹⁰², restinga¹²⁷.

Outras spp.: *I. asperifolia*⁶², *I. gracilis*⁶¹, *I. suffruticosa* (“anileira”).

Leguminosae-Faboideae



Bonchocarpus sericeus (Poir.) Kth.

“FALSO-INGÁ”, “ingá-bravo”

AP 4649, id. G.P. Lewis

Etimologia: *Bonchocarpus*=fruto lanceolado;
sericeus=com pêlos sedosos (folha).

Árvore 3-12 m alt., flor nov-abr., vagem ago-set.

Utilização: Apícola. Ornamental⁹¹.

Atrativa de insetos⁹²; pelo que pode ser útil em sistemas agroflorestais, para desviar pragas das culturas e concentrá-las para controle. Madeira dura, boa de polir, serve para marcenaria, sendo preciosa no Senegal⁴⁵, mas não é apreciada na América Central¹⁰⁶, talvez por opções melhores. Casca usada em Angola para corda grosseira¹⁴⁷.

Cultivo: Fácil, propaga-se por semente, que é produzida em abundância.

Ecologia: Pioneira, coloniza beira de estrada.

Ocorrência: esparsa, caapão pouco ou não inundável, e mata ciliar, solos arenosos ou argilosos, férteis, Abobral e Miranda.

Distribuição: tropical, América Central, norte da América do Sul e África^{45,106,91,147}, xerófila de ampla dispersão, ocorre em cerrados¹⁰¹, solos arenosos de caatinga, restinga e mata costeira¹²⁷.

Outras spp.: *L. filipes*, *L. guilleminianus* (ambas, Miranda e Nabileque).



Leguminosae-Faboideae



Machaerium aculeatum Raddi

“BARREIRO”, “barreirinho”,
“espinheiro”(Poconé)

AP 4282, id. J.A. Ratter

Etimologia: *Machaerium*=sabre (forma do fruto)¹²;
aculeatum=com acúleos (donde vem agulha), espinhos.

Árvore 7-15 m alt., flor set-dez, fruto jul-set.

Apresenta uns nós nos ramos, causados por galha específica de uma mosquinha^{73a}.

Utilização: Apícola. Madeira clara, macia e leve, usada somente para lenha, mas dá muita cinza¹⁵⁹, todavia serve para construção e caixote¹³².

Ecologia: Rebrotar após corte. Surge em roça velha. Especial para recuperação de área degradada, cresce em subsolo; ornamental; germina em 1 mês, crescimento rápido¹³².

Ocorrência: esparsa, matas, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.⁵³.

Distribuição: da mata atlântica, restinga¹⁹⁷ e capoeira do Nordeste¹²⁷, PE a SP^{44,132} e do Panamá à Argentina⁶⁵.





Leguminosae-Faboideae


Machaerium amplum Bth.
“RASGA-DIABO”

AP 4773, id. G.P. Lewis.

Etimologia: gênero idem; amplum=grande (inflorescência).

Arvoreta meio trepadora, 3-10 m alt., espinhos muito afiados, motivo do nome vulgar; flor abr-jul, fruto jul-set.

Utilização: Apícola muito visitada. Eventualmente usada como lenha.

Ecologia: Rebrotar após desmatamento, coloniza roça velha e beira de estrada. Prefere lugares abertos ou desmatados, e secos⁴⁴. Sensível ao fogo, mas rebrotar da base.

Ocorrência: freqüente, mata semidecídua, mata ciliar não alagável, cerradão, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.⁶¹.

Distribuição: capoeira e mata, solos arenosos, PA, AM, RO, MA, CE, GO e MT^{64,44}.

Outras spp.: *M. acutifolium* (“carvão-branco”); *M. latifolium*¹⁷⁹, *M. paraguariense* (mata ciliar, rio Miranda).



Leguminosae-Faboideae


Machaerium hirtum (Vell.) Steff.
“BARREIRO”, “barreirinho”, “espinheiro”,
“aperta-cu”

AP 3267, id. J.A. Ratter.

Etimologia: gênero idem; hirtum=peludo.

Árvore, às vezes arbusto, 2-7 m alt., flor set-jan, fruto em grande quantidade, permanece vários meses seco na planta.

Utilização: Muito apícola. Boa forrageira de emergência, apesar de acesso limitado pelos espinhos; diz o campeiro que a vacailhada na cheia roia até a casca. Tem potencial para moirão vivo. A cinza serve para fazer sabão¹¹⁴.

Uso medicinal: casca contra diarreia (ênfatisado por um dos nomes vulgares), tosse e, em Corumbá, contra câncer.

Ecologia: Rebrotar após corte ou fogo (sensível quando jovem). Aumenta com desmatamento. Coloniza área perturbada (beira de estradas), freqüentemente associado a *Arachis*. Também ocorre junto com “carandá” em áreas denominadas de barreiro, onde o gado e animais nativos lambem o chão em busca de sais; talvez daí venha o nome comum da planta associada a essas manchas de solo salino. Indica solo alcalino¹¹⁴.

Ocorrência: freqüente a abundante, carandazal, campos pouco alagáveis, solos argilosos ricos em cálcio e sódio, Miranda, Nabileque e sul de Poconé. Cit. ant.^{186,175,18}.

Distribuição: originária ao Sul do Pantanal¹⁸⁶, ocorre em savana úmida e mata espinhosa na Bolívia¹¹⁴.

Leguminosae-Faboideae

Phaseolus vulgaris L. var. *aborigeneus*
(=*Rhynchosia edulis* Gris.)
“FEIJÃOZINHO”, “feijão-fava”, “feijão-bravo”

AP 3546, id. R. Vanni.

Etimologia: Phaseolus=barco (quilha da flor)¹²;
vulgaris=comum; aborigeneus=nativo.

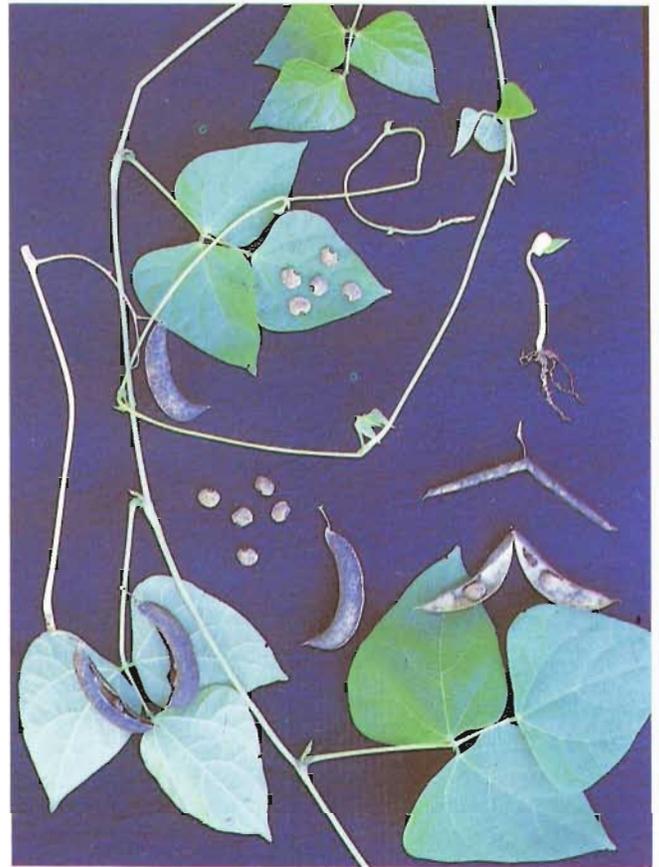
Trepadeira perene, 2-6m alt., flor jun-jul, vagem (que estoura ao sol) ago-nov, semente de várias cores. É uma variedade selvagem da mesma espécie do feijão comum. O nome na Argentina é equivalente, “porotillo”.

Utilização: Semente alimentícia, de bom sabor, às vezes colhida para comer. Talvez já tenha sido colhida ou cultivada pelo índio.

Ecologia: Aumenta em área perturbada, como beira de estrada e caapão mexido para tirar aterro de estrada, o que indica seu potencial para cultivo.

Ocorrência: manchas esparsas, caapões do Abobral e Miranda, carandazal mais seco, mata ciliar não alagável, beira de estrada, solos férteis, geralmente calcários. Cit. ant.^{1,18,61,62}.

Distribuição: América do Sul tropical e subtropical²⁴, inclusive caatinga¹²⁷.



Leguminosae-Faboideae

Pterocarpus micheli Brit.
“GAIUVIRA-AMARELA”, “ingá-bravo”

VJP 1063, id. R. Vanni.

Etimologia: Pterocarpus=fruto alado; homenagem ao botânico suíço Micheli.

Arvore 2-10 m alt., casca quase lisa, copa arredondada; às vezes tem forma de moita, arbustiva, em beira de vazante; flor set-fev, fruto mai-ago.

Utilização: Madeira branca, leve e pouco durável¹⁴⁴, macia, praticamente sem valor comercial¹⁴⁸. Serve para lenha.

Apícola, muito visitada. Potencial ornamental.

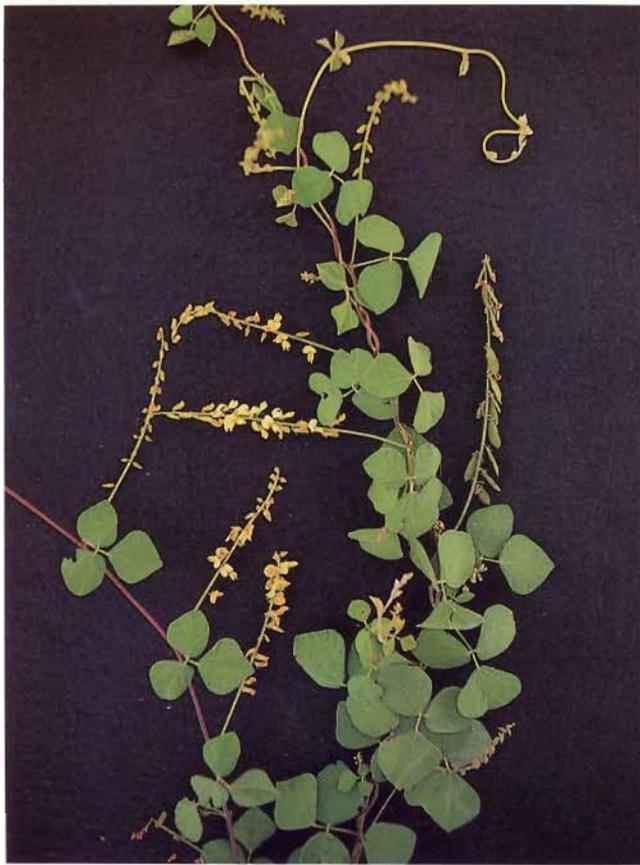
Ecologia: Coloniza beira de estrada (pioneira), onde a semente (fruto) chega por flutuação. Tem raízes aéreas na cheia, que seguram sedimentos, como muitas plantas de beira-río. Rebrotar após corte. Sensível ao fogo, podendo rebrotar da base.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar, solos argilosos e siltosos. Cit. ant.²⁰⁹.

Distribuição: mata ciliar do Paraguai oriental¹⁴⁸ e Argentina²⁰.

Outra sp.: *P. rohrii*^{96,151,179}, talvez para a mesma planta, pois *P. rohrii* é de mata de terra firme e tem fruto disperso pelo vento⁶⁴.





Leguminosae-Faboideae


Rhynchosia minima (L.) DC.

AP 3013

Etimologia: Rhynchosia=rostrada (carena da flor)¹²; minima=a menor de todas¹⁹⁹.

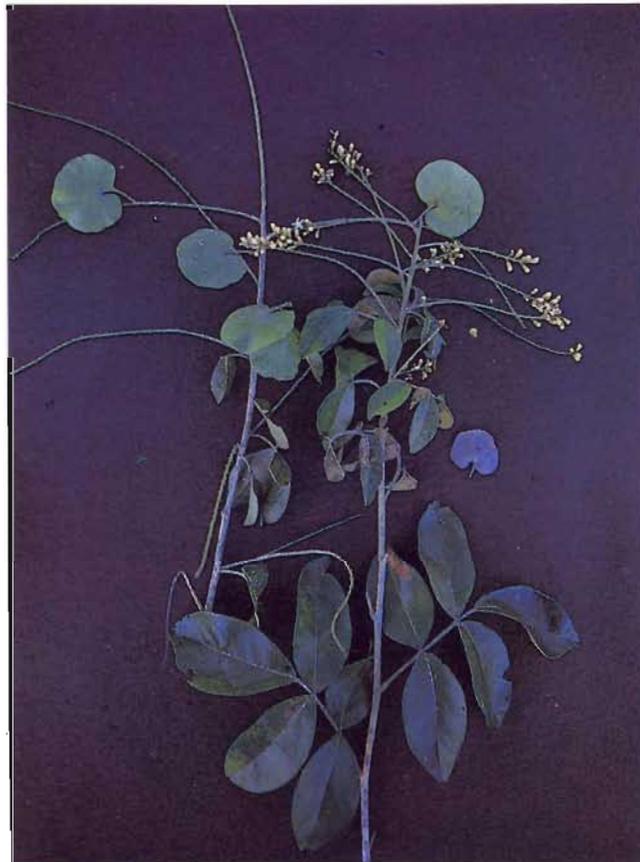
Trepadeira perene ou com a parte aérea anual, flor e vagem na maior parte do ano.

Utilização: Forageira. Apícola. Considerada remédio para tosse⁸⁶. Semente suspeita de tóxica ao gado¹⁰ e tóxica para o homem²¹⁸, problema possível com crianças ou caso alguém confundisse este feijãozinho com o verdadeiro antes apresentado.

Ocorrência: freqüente em locais perturbados e ricos em cálcio, não inundáveis se arenosos, ou alagáveis se argilosos, e em carandazal. Cit. ant.^{1,64,18}.

Distribuição: cosmopolita tropical e subtropical^{64,19}, de ambiente alterado^{19,127}.

Outra sp.: *R. leucophylla*.



Leguminosae-Faboideae


Riedeliella graciliflora Harms

AP 5590, id. G.P. Lewis.

Etimologia: Riedeliella=homenagem ao botânico alemão Riedel (que viajou pelo Pantanal¹⁷⁹); graciliflora=flor delicada.

Arbusto ereto 1-2 m alt., flor set-dez, fruto fev-mai.

Utilização: Apícola.

Muito tóxica para bovino, causa hemorragia intensa, apenas 100 g da planta pode matar uma vaca de 400 kg em poucas horas (A Granja n. 481, p. 30-31, fev/mar 1938). Não se sabe se tem causado mortes na região. Parece pouco pastada, mas há pouca observação.

Ecologia: Aumenta com desmatamento, em pastagem cultivada. Rebrotar após roçada e fogo.

Ocorrência: ainda pouco coletada; esparsa em mata e cerrado, a freqüente em pastagem cultivada, não alagáveis, solos arenosos, centro e leste da sub-região da Nhecolândia.

Distribuição: cerrado⁸⁹, BA, MG e Paraguai^{20,127}. Foi encontrada na alta bacia do Rio Taquari, em Rio Verde, MS.

Leguminosae-Faboideae

Sesbania virgata (Cav.) Pers.

(=*S. marginata* Bth.)

“SARANZINHO”, “mãe-josé”, “feijãozinho”

AP 2997

Etimologia: Sesbania=de sesaban, nome árabe egípcio de planta⁵⁸; virgata=cheio de varas, pouco ramificado⁹⁹, ou varas de vime.

Arbusto 1-4 m alt., perene de vida curta, 2-4 anos, depois morre infestado por cochonilha branca; raízes (com nódulos) no caule na cheia; flor e fruto (flutuante) quase no ano todo.

Utilização: Apícola. Fornece lenha^{41,99}. Semente torrada substitui café¹⁴⁸, sendo “café” um dos nomes na Argentina, onde é cultivada em jardim⁵⁸.

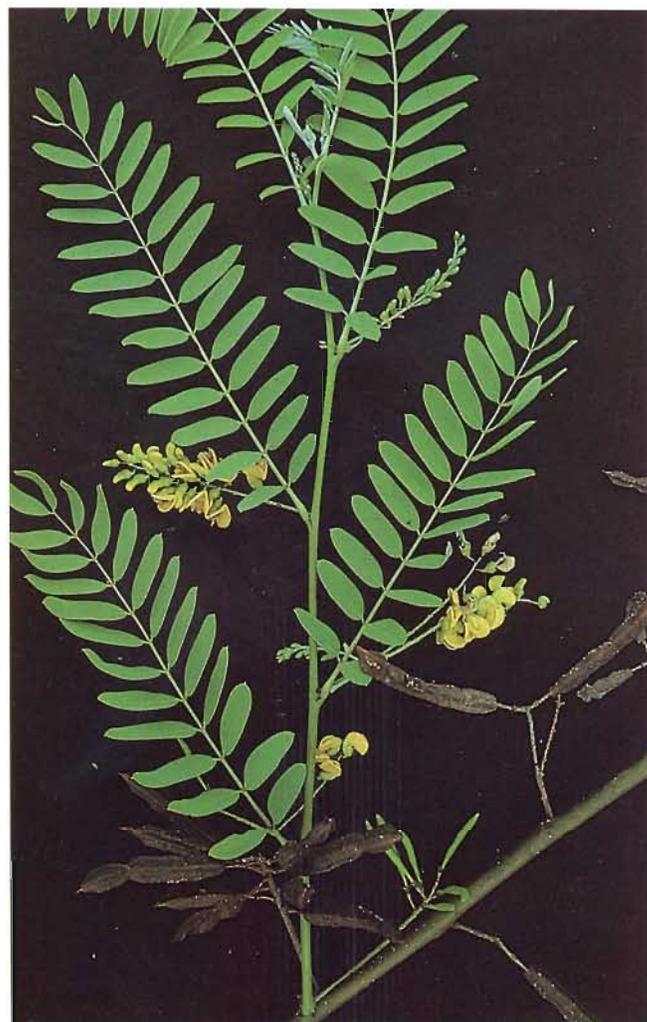
É de um gênero que está em foco para fixação de nitrogênio e forragem, mas esta espécie é rejeitada pelo bovino e até invasora.

Ecologia: Colonizadora de beira de estrada, pastagem degradada e lagoas secas, a partir de semente que passou anos submersa. Foi testada, por muda em saco plástico, para regevetar areia de draga na beira do rio Taquari, com êxito (seg. Joaquim E.G. da Silva, faz. Paiol), pois funciona como pioneira e local de pouso de aves que trazem sementes de trepadeiras e outras plantas sucessoras.

Ocorrência: freqüente, às vezes dominante, todas sub-regiões, campos alagáveis, solos arenosos ou argilosos.

Cit. ant.^{105,1,174,18}.

Distribuição: S, SE e CO do Brasil⁹⁹, Paraguai, Argentina, Uruguai²⁴.



Leguminosae-Faboideae

Stylosanthes acuminata M.B.Ferr.et S.Costa

AP 5274, id. J.F.M. Valls

Etimologia: Stylosanthes=flor-estilete (flores estereis)¹²; acuminata=pontuda (folíolo).

Erva perene, com pequeno xilopódio (rebrotar após fogo), ereta, 0,3-1,0 m alt., flor e semente out-abr.

Utilização: Forrageira, de um gênero importante em pastagens nativas e com espécies cultivadas nos trópicos. Apícola.

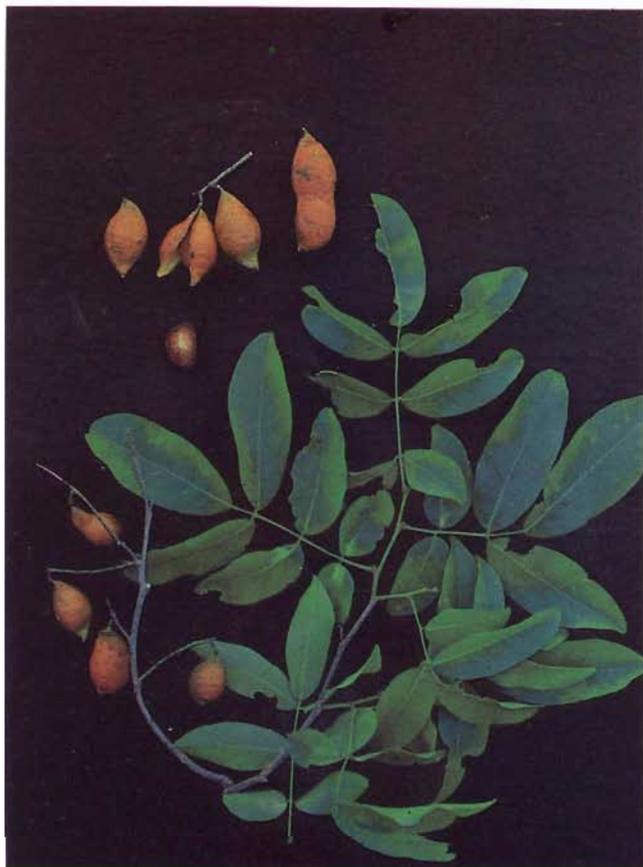
Ecologia: Sobrevive à queimada do campo.

Ocorrência: manchas esparsas, caronal, lixeiral, borda de caapão e de cerradão, solos arenosos. Cit. ant.¹.

Distribuição: BA¹²⁷, MS¹.

Outra sp.: *S. guianensis*.





Leguminosae-Faboideae

Swartzia jorori Harms

“JUSTA-CONTA”, “sangue-de-bugre”, “osso-de-burro”

AP 4481

Etimologia: homenagem ao botânico Swartz; jorori=nome popular na Bolívia¹¹⁴.

Árvore 8-18 m alt., folha nova out-abr, difícil de ver com flor (não observada), não floresce todos os anos e nem em todos locais, fruto em jul-nov, também somente certas árvores e em certos anos, não se sabendo que condições são favoráveis.

Utilização: Madeira muito dura, razão do nome regional, de pedir para ajustar a conta (demissão) quando alguém é posto a derrubá-la, sendo a árvore deixada em pé no caso de roça e sede de fazenda. Pouco durável no solo, boa e decorativa para cabo de faca, coronha e utensílios.

Casca usada para curtir couro, vermelha ao corte, daí o nome “sangue-de-bugre” em Poconé.

Como leguminosa, provavelmente é apícola, o que não foi observado.

Ocorrência: freqüente, caapão e mata semidecídua, mata ciliar em barranco alto, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant.^{179,174,53,61,62}.

Distribuição: MT⁵³, Bolívia¹¹⁴.



Leguminosae-Faboideae

Sweetia fruticosa Spreng.

“CHIFRE-DE-VEADO”, “duraque”

AP 5079, id. J.A. Ratter

Etimologia: homenagem ao jardineiro inglês Sweet¹²; fruticosa=arbustivo, lenhoso¹⁹⁹.

Árvore caducifólia^{130,132}, 5-14 m alt., flor set-out, fruto no início da estação chuvosa.

Utilização: Usada para moirão. Durável no chão e na umidade, por ter tanino (6,5%)¹³⁰. Madeira pesada (dens. 1,0), dura, semelhante à “cerejeira” (*Amburana cearensis*)¹³⁰, resistente a cupim, própria para marcenaria fina, carpintaria, decoração, tornearia^{130,132}, tacho e dormente¹⁹⁵. Ornamental¹³². Apícola.

Cultivo: A produção de sementes é pequena e estas ainda são atacadas por insetos; germinação em 1 mês; crescimento lento¹³².

Ocorrência: pouco freqüente, mata semidecídua, não alagável, solo argiloso fértil, Poconé. Cit. ant.⁵³.

Distribuição: mata atlântica, BA e SP, e mata semidecídua, MG, GO, MS, PR¹³², Paraguai¹²⁷, Bolívia¹¹⁴ e Argentina¹³⁰.

Leguminosae-Faboideae

Tephrosia adunca Bth.

AP 4310, id. conf. R. Vanni.

Etimologia: Tephrosia=cinzenta (folha);
adunca=recurvada (vagem).

Erva subereta, 30-70 cm alt., com base lenhosa
(xilópodio) perene; flor quase o ano todo.

Utilização: É um pouco pastada. Tóxica para peixe¹⁰³,
contém rotenona e tefrosina²¹⁸, que são inseticidas¹⁶⁵.

Ecologia: Aumenta em anos secos. Sobrevive ao fogo.

Ocorrência: freqüente, caronal, campos menos alagáveis,
cerradão ralo, solos arenosos. Cit. ant.^{1,174,18}.

Distribuição: campos altos da Amazônia, campos secos
do Nordeste, Centro-Oeste (cerrado¹⁰²) até RS, Uruguai e
Argentina⁶⁵.

Outra sp.: *T. cinerea*^{61,62}, talvez a mesma.



Leguminosae-Faboideae

Teramnus volubilis Sw.

AP 5100, id. J.F.M. Valls.

Etimologia: Teramnus=caramanchão, porque usada em
pérgola¹²; volubilis=volúvel (que gira)¹⁰⁹, que sobe.

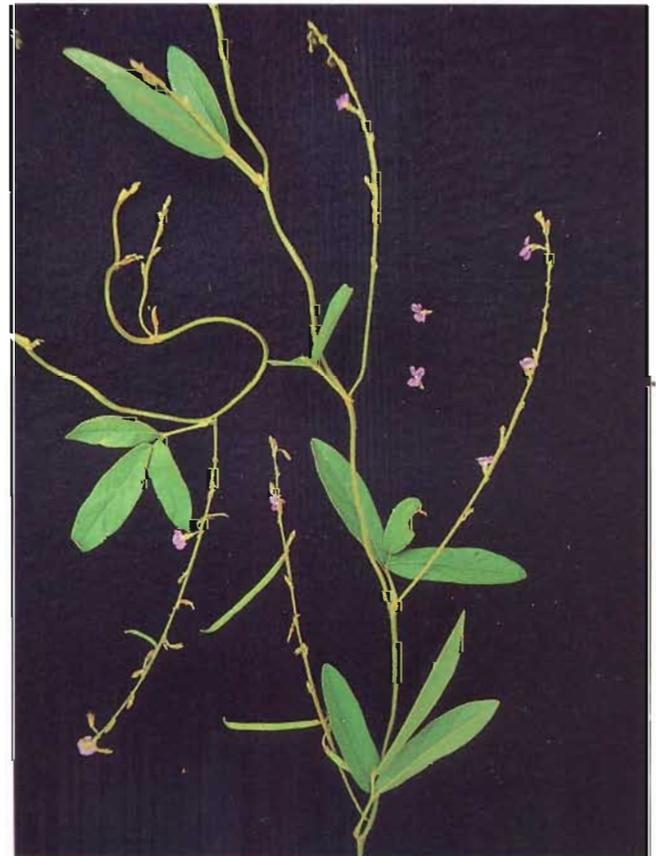
Erva prostrada, porte variando com o ambiente, 5 cm alt.
em campo muito pastejado, a 2 m entre arbustos. Flor e
vagem quase todo o ano.

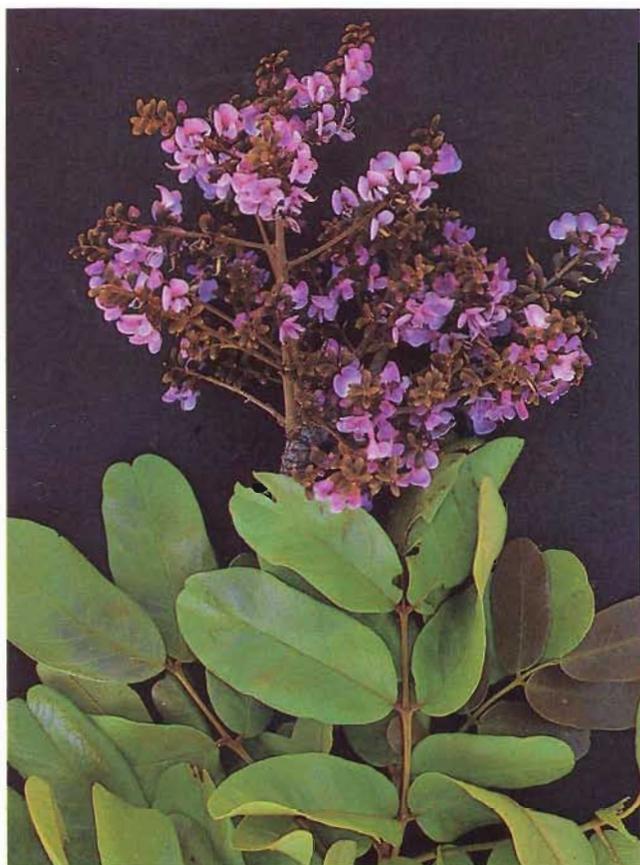
Utilização: Forageira importante, tenra, bem consumida
na seca, e com boas características de persistência
(estolonífera e volúvel, e muita semente). Considerada
excelente no Nordeste¹⁹, principalmente para cavalo⁴⁶.
Apícola.

Ecologia: Retorna após fogo.

Ocorrência: abundante em campos inundáveis de solos
argilosos, férteis, como carandazal. Cit. ant.: ^{151,1,18}.

Distribuição: América Central, Antilhas, Colômbia,
Equador, Brasil (Amazônia e Nordeste a SP)^{151,64,46,19}.





H. LORENZI

Leguminosae-Faboideae

Vatairea macrocarpa (Bth.) Ducke
"ANGELIM", "amargoso"

Lorenzi s/n., id. H. Lorenzi.

Etimologia: Vatairea=nome popular na Guiana¹²; macrocarpa=fruto longo, com asa grande; angelim=do idioma tâmul. da Índia⁷⁴, sendo o mesmo nome usado na região para *Amburana cearensis* (ou "cerejeira").

Árvore 5-10 m alt., casca com cortiça grossa, perenifólia, com brotação nova em out; flor ago, fruto com asa comprida, espalhado pelo vento, em pequeno número, nov.

Utilidade: Apícola, muito procurada por abelha, mas floração rápida. É forrageira, apesar do tanino. Madeira pesada, pardo-amarela estriada, serve para construção^{19,152}, móveis, poste e combustível¹⁵², não valorizada na região.

Uso medicinal: casca, amarga, contra problemas de estômago e diarreia.

Ecologia: Aumenta em anos secos, na transição cerrado/campo, onde é frequentemente tombada pelo vento em anos de cheia, que prejudica a raiz. Tolerante a queimada.

Ocorrência: freqüente, cerrado e caapões de cerrado, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,53}.

Distribuição: campos do MA, cerrado de MT, e caatinga do Nordeste^{65,19}; ocorre em cerrado na alta bacia do rio Taquari, MS.

Leguminosae-Faboideae



Vigna longifolia (Bth.) Verdc.

AP 5731, id. R. Vanni.

Etimologia: Vigna=antigo nome latino; longifolia=folha alongada (folíolo).

Erva volúvel, perene, 1-2 m alt. ou compr.; folha de tamanho variável, conforme ambiente e até na mesma planta; flor quase o ano todo, mais na cheia.

Utilização: Forrageira de bom valor nutritivo, parece ser muito pastejada, pois acha-se ao abrigo de espinheiros e outros arbustos. É um dos alimentos do cervo. Semente no gênero é comida por aves⁴⁰.

Ocorrência: freqüente, campos muito inundáveis, solos argilosos ou arenosos, férteis.

Distribuição: América do Sul²⁴.

Leguminosae-Faboideae

Vigna peduncularis var. *clitorioides*

(Mart.) Marech, Masch. & St.

AP 4309, id. R. Vanni.

Etimologia: gênero idem; peduncularis=com pedúnculo (flor); clitorioides= parecido com *Clitoria*, gênero de leguminosa.

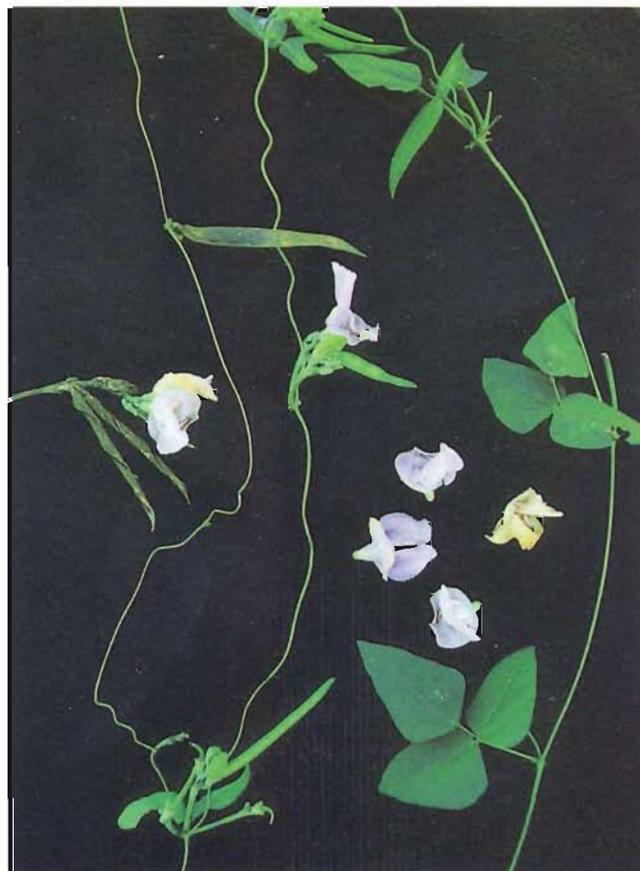
Erva perene, prostrada ou volúvel, dependendo da vegetação ao redor; flor em grande parte do ano.

Utilização: Forrageira, principalmente de veados, que também comem a cultivada *V. unguiculata* (feijão-miúdo ou feijão-de-corda). Apícola.

Ecologia: Aumenta em área sem gado bovino. Sensível ao fogo, mas rebrota do xilopódio e coloniza clareiras queimadas.

Ocorrência: esparsa, caronal, borda de caapão, solos arenosos. **Distribuição:** Argentina, Paraguai, Brasil²⁰, BA¹²⁷, CE, PI, AM, Guianas⁴³, campos da Amazônia⁶⁴.

Outras spp.: *V. adenantha*, *V. lasiocarpa*; *V. luteola*, as duas últimas de flor amarela.



Leguminosae-Faboideae

Zornia crinita (Mohl.) Vanni

(=*Z. pardina* Mohl. var. *crinita* Mohl.)

"NARIZ-DE-VACA"

4553, id. J.F.M. Valls, conf. R. Vanni.

Etimologia: homenagem a Zorn; crinita=pêlo como crina; nariz-de-vaca=porque a semente gruda no focinho da vaca.

Erva perene, prostrada ou ereta, toda pilosa. Flor e fruto quase ano todo.

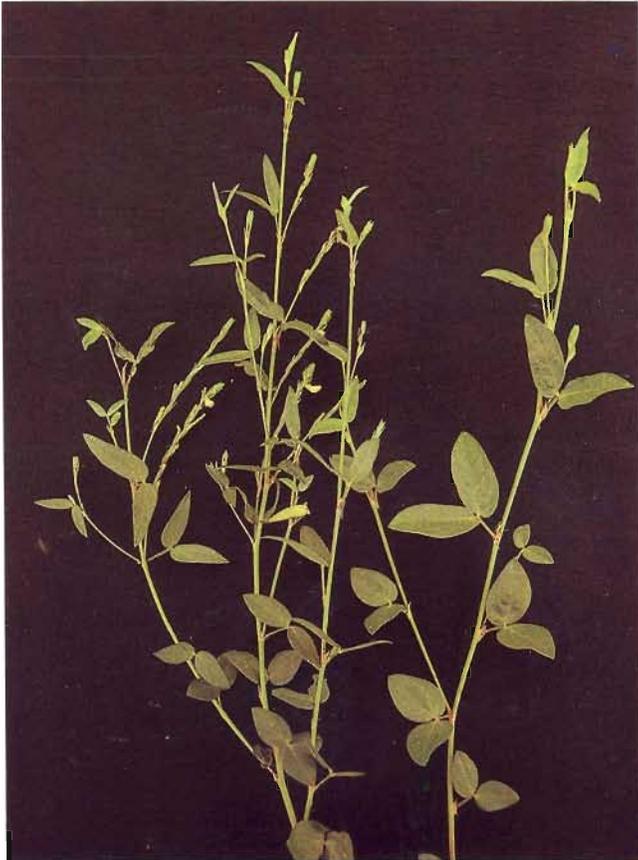
Utilização: Forrageira de pouca massa.

Ecologia: Tem estrutura de coroa (gemas basais), desejável para persistência sob pastejo e fogo. Aumenta de frequência em anos secos e em áreas roçadas, como pista de avião.

Ocorrência: comum em solos arenosos, de cordilheira desmatada e caronal. Cit. ant.!

Distribuição: ampla dispersão.





Leguminosae-Faboideae

Zornia latifolia Sm.
“ORELHA-DE-CAXINGUÊ”

AP 5470, id. R. Vanni.

Etimologia: gênero idem; latifolia=folha larga; orelha-de-caxinguelê=nome sugerido pela forma da folha.

Erva perene, rasteira, de 15-30 cm alt. quando florescida, o que ocorre quase o ano todo. Folha sem pêlos.

Utilização: Forrageira de aceitabilidade mediana.

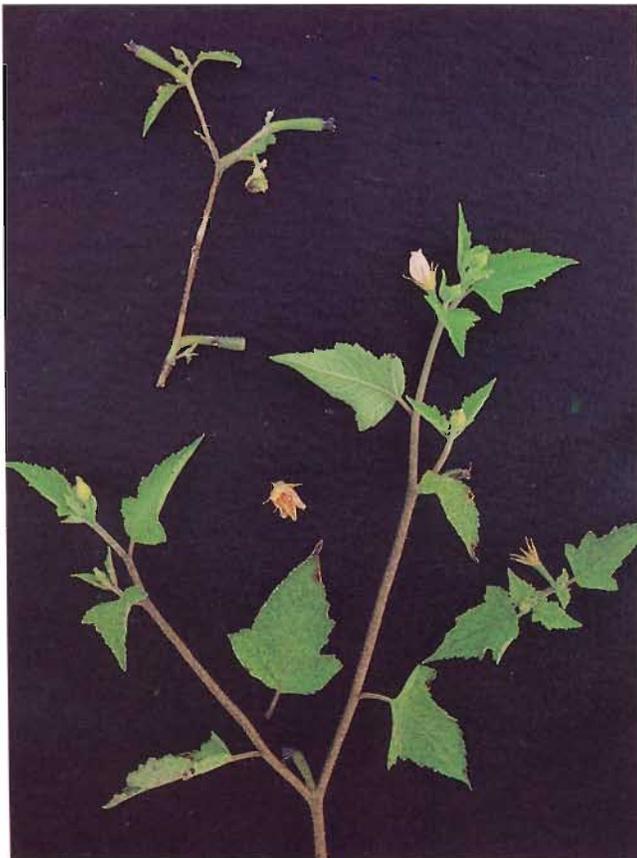
Considerada diurética, chamada de “urinária”, e laxante⁴ ou contra diarreia⁶³; em massagem, para reumatismo⁴.

Ecologia: Cresce melhor junto a esterco, onde está a salvo do pastejo por um tempo e recebe nutrientes, que são escassos na areia. Nodula⁷², e, pela cor verde, deve fixar nitrogênio. Aumenta em anos secos. Ocupa terreno mexido⁶⁷. Sobrevive à queimada.

Ocorrência: freqüente, de preferência em locais perturbados e não inundáveis, solos arenosos mais férteis. Cit. ant.⁴.

Distribuição: ampla na América do Sul²⁴.

Outra sp.: *Z. reticulata* (1 m alt., quase sem folhas, do caronal).



Loasaceae

Mentzelia corumbaensis Hoehne
“PREGA-PREGA”

AP 2237, id. conf. A. Radovancich.

Etimologia: homenagem ao botânico alemão Mentzel; corumbaensis=de Corumbá, MS.

Erva anual, 30-60 cm alt., com folhas aderentes (pêlos uncinados), flor e fruto mar-mai. Fruto também aderente, por isto “prega-prega” (mesmo nome comum para *Desmodium incanum*), disperso por animais.

Utilização: Desconhece-se uso.

Ecologia: Indicador de grande perturbação e de solo fértil.

Ocorrência: rara, encontrada somente na estrada próximo à fazenda Firme, Nhecolândia, em solo de aterro oriundo de inselberg calcário, possivelmente com o qual a semente tenha sido transportada. Cit. ant.^{102,105,179,172}.

Distribuição: considerada endêmica do Pantanal¹⁷⁹, sendo nativa na morraria calcária¹⁷².

Loganiaceae

Strychnos pseudoquina St. Hil "QUINA", "quina-do-cerrado", "quina-grossa"

AP 1803

Etimologia: strychnos=nome grego de planta narcótica, a mesma que dá estricnina (*S. nux-vomica*);

pseudoquina=falsa quina; quina=de 5 em 5, em latim⁷⁴.

Árvore 3-6 m alt., de casca grossa (cortiça); flor (verde) fev, fruto ago.

Utilização: Fruto comestível¹⁰³, não tóxico⁴³, mas não experimentado e não se come no Pantanal, talvez por ser difícil encontrá-lo.

Gado não come a folha¹⁰³, mas a rebrota (do tronco cortado) em pastagem cultivada às vezes é pastada.

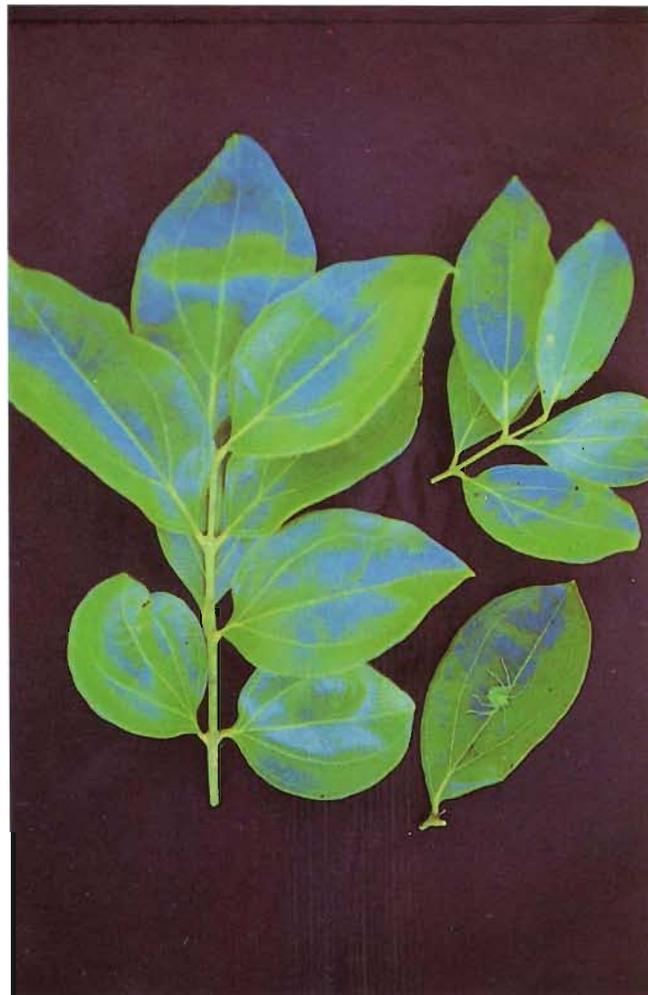
Uso medicinal: casca e lenho amargos, eficazes contra diarreia (experiência pessoal), vermes, depurativo, anticoncepcional. Casca em pó é cicatrizante¹⁶⁵. Ação comprovada contra febres^{43,102,52}, usada em malária^{95,223}, mas não contém quinino^{43,103} e nem ação contra malária¹⁹⁸; boa contra anemia²³⁸ e dores²⁰⁸; tônica^{222,52}, entrava na fórmula da "água inglesa"⁴³. Não é tóxica como a "noz-vômica"²²². Outra com nome de "quina" é o "quebracho-branco" (*Aspidosperma quebracho-blanco*).

Ecologia: Tende a aumentar com desmatamento. Tolerante fogo.

Ocorrência: esparsa, borda de cerradão, caronal, cerradão ralo, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,61,62}.

Distribuição: cerrado^{101,77}.

Outra sp.: *S. nigricans*⁶².



Loranthaceae

Phthirusa abdita S. Moore "ERVA-DE-PASSARINHO", "erva"

AP 4561

Etimologia: Phthirusa=a que corrói ou danifica¹²; abdita= desconhecida (a espécie)¹⁹⁹.

Hemiparasita (porque faz fotossíntese) lenhosa, 0,5-3,0 m envergadura, flor jun-dez.

Utilização: O fruto é alimento de aves, que são as dispersoras, como diz o nome comum.

Fruto tem látex que era usado para fazer borracha na Venezuela^{152,198}.

Ecol: Aumenta em mata e cerradão raleados. Pode matar árvores do pomar.

Ocorrência: freqüente, encontrada em todas sub-regiões, independentemente de solo. Cit. ant.⁶².

Distribuição: cerrado¹⁰¹.

Outras lorantáceas: *Phoradendron emarginatum*⁶², *Ph. piperoides*⁹⁶, *Ph. rubrum*¹⁵¹.



Loranthaceae



Sittacanthus calyculatus (DC.) G. Don “ERVA-DE-PASSARINHO”

VJP 252, id. A. Radovancich.

Etimologia: psittaco=papagaio + anthus=flor; calyculatus=com calículo, um 2o. cálice (típico da subfamília Loranthoideae)¹⁹⁹.

Hemiparasita lenhosa, flor abr-out (às vezes jan), fruto jul-out.

Utilização: Forrageira, mas pouco acessível ao gado. Fruto é alimento de aves, que dispersam a semente ao limpar o bico em galho de árvore, por isto também é visto germinando em arame de cerca, onde não cresce. Também é comido por peixes³⁹, mas para a gente o fruto é muito adstringente. Periquitos às vezes apoiam ninhos de gravetos no emaranhado desta planta e nos nós (galhas) que a parasita causa nos ramos da árvore.

Ecologia: Parasita muitas espécies arbóreas, mesmo com tanino (“angico”, “aroeira”, etc.), principalmente as isoladas e da borda da mata, exceto as de copa fechada, e às vezes arbustos, como “assa-peixe”.

Ocorrência: esparsa a freqüente, em todas sub-regiões.

Outras spp.: *P. cordatus*, *P. warmingii*, ambas de flores vermelhas.

Lythraceae



Adenaria floribunda H.B.K. var. *floribunda* “VELUDO”

Ratter 5957, id. Ratter; C.N. Cunha 2156, id. Schinini.

Etimologia: Adenaria, de adeno=glândula (na flor); floribunda=muitas flores; veludo=folha pilosa aveludada..

Arbusto ereto, ramificado, 1-3 m alt., flor muito odorosa, out-abr.

Utilização: Muito apícola (néctar). Pouco forrageira, folha mal cheirosa. Tem pontos glandulosos pretos¹⁸⁷. Potencial ornamental. Sendo dura, pode fornecer um pouco de lenha.

Ecologia: Aumenta com perturbação, como em beira de estrada. Tolerante fogo de capim baixo.

Ocorrência: freqüente, carandazal, murundus do paratodal, solos argilosos; esparsa, borda de caapão e cordilheira, solos arenosos.

Distribuição: Bolívia, Argentina^{57,114}.

Lythraceae

Bafoensia pacari St.Hil.

“MANGAVA-BRAVA”, “mangabeira-brava”,
“dedal”

AP 4328, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: homenagem ao duque de Lafoens;
pacari=nome indígena.

Árvore 3-10 m alt., casca amarelada (escura na planta
velha), folhosa, em camadas que se arrancam como papel e
que são isolante térmico contra fogo; troca folha jun; flor
abr-ago. Semente alada⁶⁵, espalhada pelo vento, no início
das chuvas.

Utilização: Muito usada para **moirão**. Madeira amarelada,
dura, para cabos de ferramenta, tacos, marcenaria, até
tábua, mas o tronco é pequeno^{130,132} e no Pantanal não
engrossa muito. Fornece corante amarelo⁴² e bom
combustível¹³⁰. Ornamental, para arborização^{161,132}.
Flor abre à noite, polinizada por morcegos⁹⁹, néctar
também atrai beija-flores⁶⁵. Pouco forrageira.

Uso medicinal: casca tem fama contra úlcera gastro-
intestinal e para lavar feridas. Em pó é cicatrizante⁹⁵.
Raiz considerada tônica e febrífuga⁴² e a planta toda é
sudorífica²⁰⁰. Casca tem taninos e flavonóides, e a folha,
esteróides/triterpenóides¹⁰⁷.

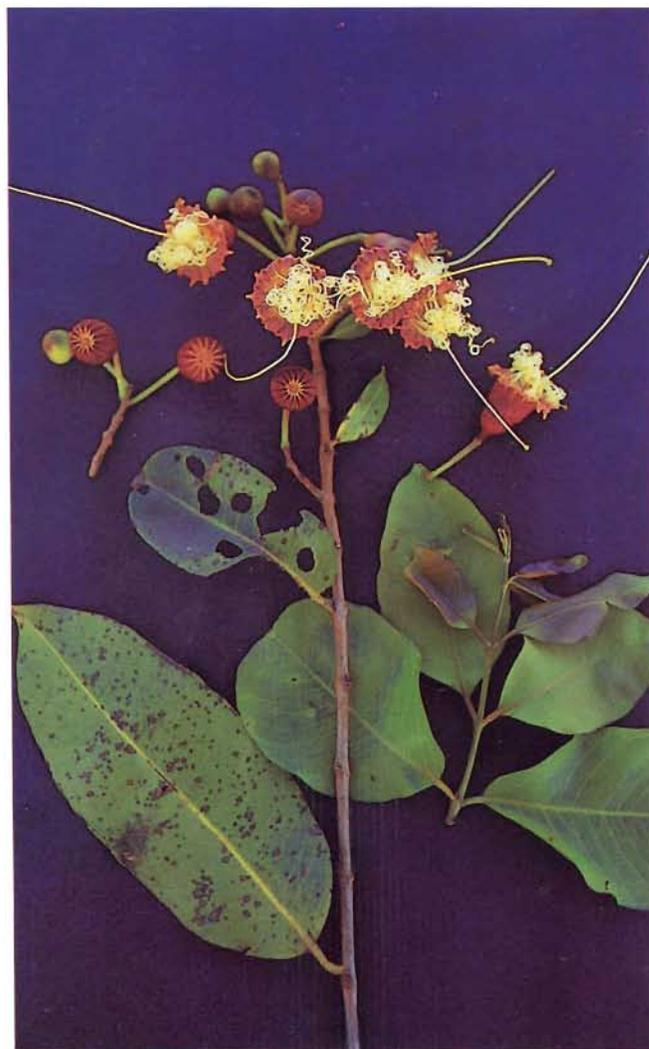
Cultivo: Germina em 15 dias, crescimento moderado¹³².

Ecologia: Rebrotar após corte; depois deveria ser feito um
desbaste, deixando no máximo 2 caules, para melhor
desenvolvimento.

Ocorrência: freqüente, cerradão, solos arenosos. Cit.
ant.174,186,53,2,179,61,62.

Distribuição: ampla, cerrados, leste do Brasil, e
Paraguai^{99,130,114,101,130}.

Outra sp.: *L. puniceifolia*¹⁷⁹ (de folha menor).



Malpighiaceae

Banisteriopsis pubipetala (A. Juss.) Cuatr.

“CIPÓ-DE-POMBA”

Ratter 5075, id. B. Gates.

Etimologia: Banisteriopsis=semelhante a *Banisteria*,
gênero da família; pubipetala=pétala com penugem.

Arbusto meio trepador 1-4 m alt., caule sulcado de até 15
cm diâm., flor ago-dez (um pouco mar-jun), fruto set-jan.

Utilização: Forrageira de mediana aceitação. Apícola¹⁷⁰.
Grande potencial ornamental.

Ecologia: Invasora de pastagem cultivada, pois rebrotar
após o desmatamento e roçadas. Tolerar fogo.

Ocorrência: abundante, cerrado e borda de caapão e
cerradão, solos arenosos. Cit. ant.151,174,186,61,62.

Distribuição: cerrados¹⁰¹, PA, MT, PI, DF, MG
(conforme coleções do Herbário do Royal Botanic Garden,
Edinburgo).



Malpighiaceae

Bunchosia paraguariensis Nied.

Ratter 6102, id. J.A. Ratter.

Etimologia: bunchos=café, em árabe¹², pelo aspecto do fruto; paraguariensis=da região de Paraguari no Paraguai.

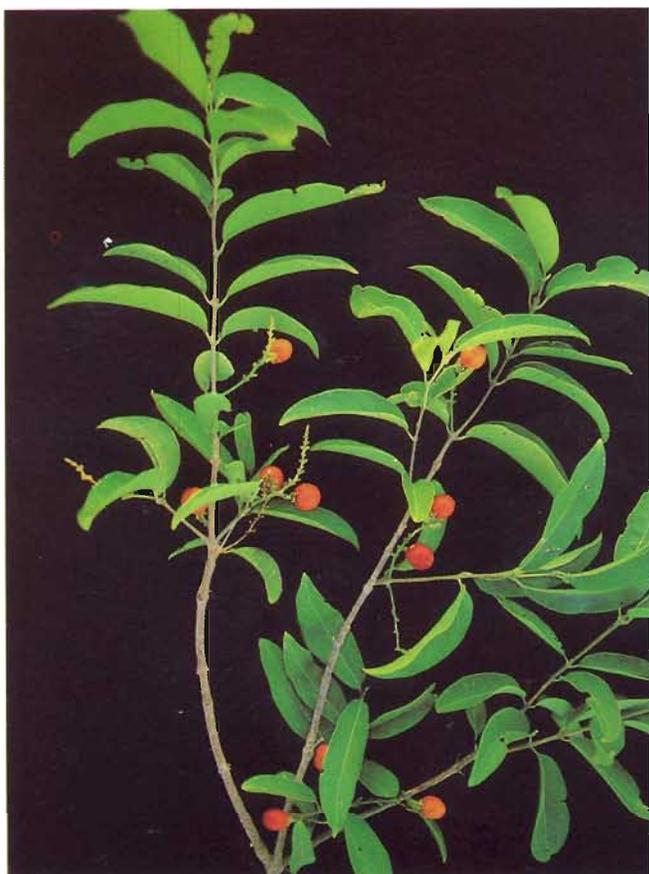
Arvoreta 2-7 m alt., casca lisa, flor set-dez, fruto nov-abr.

Utilização: Fornece lenha. Apícola. Potencial ornamental. Há uma espécie cultivada como frutífera, *B. armeniaca*⁶⁵. O fruto desta não parece comestível, sendo alimento de aves, dispersoras. Não foi vista pastada. Folha tem cheiro desagradável (de *Cestrum*) e deve ter óleo, pois mancha papel no herbário.

Ecologia: Inflorescência às vezes é acometida de deformação “vassoura de bruxa”. Componente da capoeira (vegetação secundária) em cordilheira desmatada. Rebrotar após corte.

Ocorrência: esparsa, mata semidecídua e cerradão na Nhecolândia, solo arenoso fértil, e mata alagável de espécies de Chaco no Jacadigo, solo argiloso alcalino-salino. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: Bolívia¹¹⁴ e Paraguai, provavelmente do Chaco.



Malpighiaceae

Byrsonima coccolobifolia (L.) H.B.K. “SUMANERA”, “semanera”, “somanera”

R. A. Mauro 87

Etimologia: Byrsonima=curtir¹²; coccolobifolia=folha de *Coccoloba*, gênero da “canjiquinha”.

Árvore ereta ou tortuosa, 4-8 m alt., casca áspera, flor out-dez (um pouco jul-set), fruto na estação das chuvas.

Utilização: Apícola¹⁷⁰. Forrageira em épocas de falta de pasto, mas de pouco acesso. Fruto comestível, ácido. Potencial ornamental.

Usada como lenha. Madeira escura, serve para carpintaria, móveis, carvão¹⁴⁸, mas aqui dá pouco volume.

Ocorrência: muito freqüente, caapões e cordilheiras com cerrado ou cerradão, solos arenosos. Cit. ant. 1,174,186,53,179,61,62.

Distribuição: amazônica, de ampla dispersão, em mata, cerradão e cerrado aberto^{197,101,76}, também na Bolívia¹¹⁴.



Malpighiaceae

Byrsonima crassifolia (L.) H.B.K.

“CANJICÃO”

AP 3809, id. B. Gates.

Etimologia: gênero idem; crassifolia=folha crassa, grossa. **Árvore** 3-5 m alt., semelhante à “canjiqueira”, mas tronco e folha maiores. Flor out-dez, fruto nas chuvas.

Utilização: Fruto comestível, ácido. É rico em vitamina C 178 e gordura¹⁴⁴, com 10% na semente e 20% na casca¹⁷⁸.

No Norte é “murici”, vendido ao natural ou como licor, suco e sorvete. Serve para doces, vinho, cambica-de-murici (polpa com água e farinha, NE)^{34,178,144,5}.

Conserva-se em água por 15 dias, e por mais de 40 com açúcar, e o suco, sem aditivos³⁴; no México é comido em sopas e com carne^{34,178}.

Apícola¹⁷⁰, polinizada por mamangava (*Centris*)¹⁷⁸.

Madeira útil¹⁴⁴, serve para carvão¹⁸⁷, aqui para lenha.

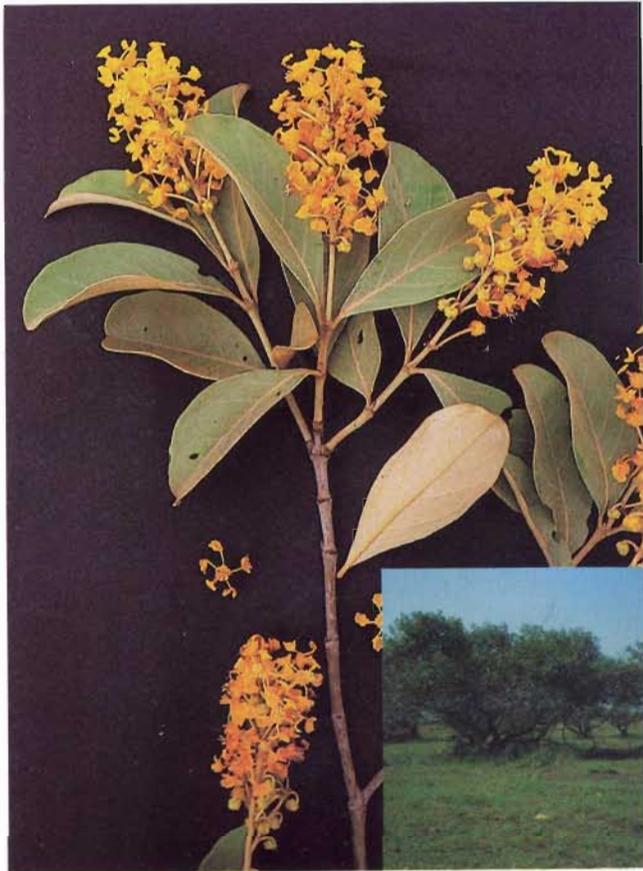
Fruto com 20% de tanino na casca, contra diarreia¹⁴⁴ e febre⁴⁵. Casca adstringente, fortificante, contra febre e tuberculose¹⁷⁸, com usos semelhantes nos Llanos¹⁴⁴, bem como para picada de cobra e bronquite⁴⁵.

Cultivo: Propaga-se por semente, cultivado na Califórnia e no México^{5,34,178}.

Ocorrência: freqüente, borda de cerradão e caapões, solos arenosos. Cit. ant. 174,169.

Distribuição: amazônica de ampla dispersão, savanas da América do Sul^{197,1}, campos, restinga, tabuleiro e capoeira^{65,34}, cerrado, caatinga e Pantanal⁴⁵, do México ao Paraguai e Bolívia^{34,144,114}.





Malpighiaceae

Byrsonima orbignyana A. Juss.

(do complexo *B. intermedia*)

“CANJIQUEIRA”

AP 5049, id. B. Gates.

Etimologia: gênero idem; homenagem ao botânico Orbigny.

Arbusto a arvoreta ramificada 1-5 m alt., casca clara, flor set-dez e um pouco em outros meses, fruto set-jan.

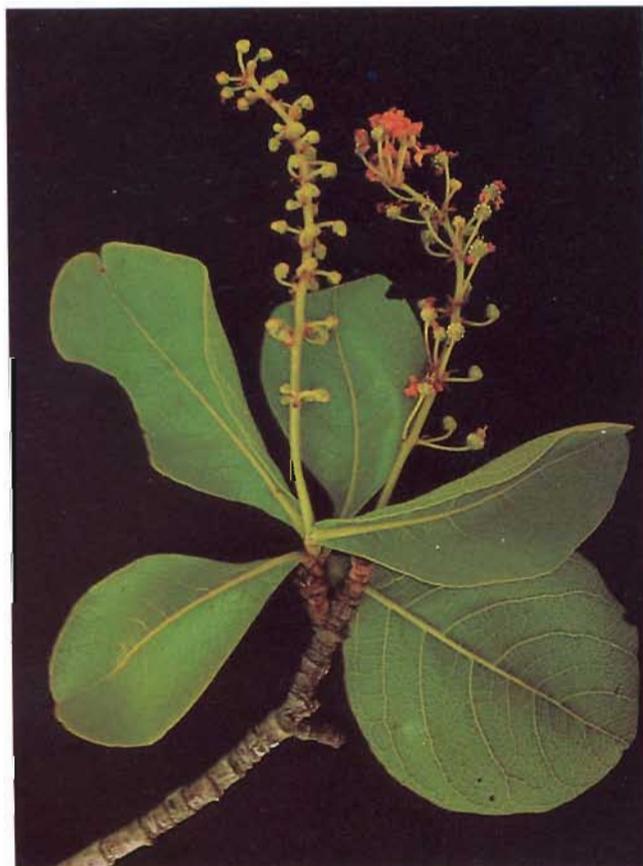
Utilização: Fruto comestível, ácido, serve para suco. Alimento de aves, dispersoras. Também de anta (seg. R.A. Mauro, CPAP). É forrageira, com teor suficiente de proteína (12% PB) e minerais (1% cálcio, 0,13% fósforo, 0,25% magnésio, 26 ppm cobre, 16 ppm zinco) para vacas¹⁷¹, mas consumo é baixo. Apícola¹⁷⁰. A lenha é muito utilizada, dá pouca fumaça.

Casca com oxalato de cálcio⁴¹ e tanino, potencial para curtume^{41,131}; combate febre e diarreia²³⁸.

Ecologia: É exclusiva de solos arenosos¹. Aumenta em anos secos, até em lagoas secas, onde morre no retorno de anos de cheia. Invasora de pastagem nativa, a mais combatida na região, cortando-a antes da cheia, ou tombando-a com trator. Contudo, não está ameaçada de extinção. É colonizadora de beira de estrada¹⁷³ e de área desmatada. Tolerante a queimada, exceto quando jovem.

Ocorrência: freqüente a dominante em campos alagáveis, formando canjiqueiral. Cit. ant. 1,174,186,61,62.

Distribuição: Amazônia⁴⁵, Bolívia¹¹⁴, Brasil central.



Malpighiaceae

Byrsonima verbascifolia (L.) Rich.

“MURICI”

AP 2391

Etimologia: gênero idem; verbascifolia=folha de *Verbascum*, verbasco (planta do Sul); murici=mborici, faz resinar¹⁹.

Árvore 3-6 m alt. Na Amazônia é um pequeno arbusto³⁴, na Venezuela também (seg. G. Sarmiento). Flor ago-dez. (e outros meses¹⁴⁵). Fruto nov-fev, em pequena quantidade.

Utilização: Fruto comestível, agridoce, usado para refresco; é alimento de aves. Na Amazônia é pouco apreciado³⁴.

Casca febrífuga, adstringente⁴²; raiz contra diarreia⁴, usada por índio em RR³⁴, mas o fruto é laxante suave^{42,52} e contra tosse e bronquite⁵²; caule e folha vomitivos e diuréticos^{42,208}. Casca com 15-20% de tanino^{42,19}, também presente na folha e na madeira, mas o teor não compensa¹³⁶. Casca com corante preto⁴², usado por índios em artefatos e algodão⁴.

Apícola. Madeira pouco durável, empena, serve para construção interna, móveis, celulose e lenha^{42,136}.

Ocorrência: esparsa, em cerradão, caronal e caapões de cerrado não inundáveis, solos arenosos. Cit. ant. 174,186,62.

Distribuição: ampla dispersão, em savanas¹⁹⁷, amazônicas e sul-americanas¹, cerrados^{76,101}, campos³⁴ e mata costeira¹³⁶.

Outras spp.: *B. crassa*⁶², *B. cydoniifolia*¹⁷⁹, *B. sericea*⁵³.

Malpighiaceae

Heteropterys aphrodisiaca O. Mach. “NÔ-DE-CACHORRO”, “cordão-de-são-francisco”

AP 3229

Etimologia: hetero=desigual + pterys=asa (do fruto); aphrodisiaca=de Afrodite, deusa do amor, ou estimulante sexual.

Arbusto meio trepador 0,6-2,0 m alt., raiz com partes engrossadas e nós (daí o nome comum, por semelhança ao pênis canino). Pode perder as folhas na seca. Flor (nova amarela, velha avermelhada) e fruto quase ano todo.

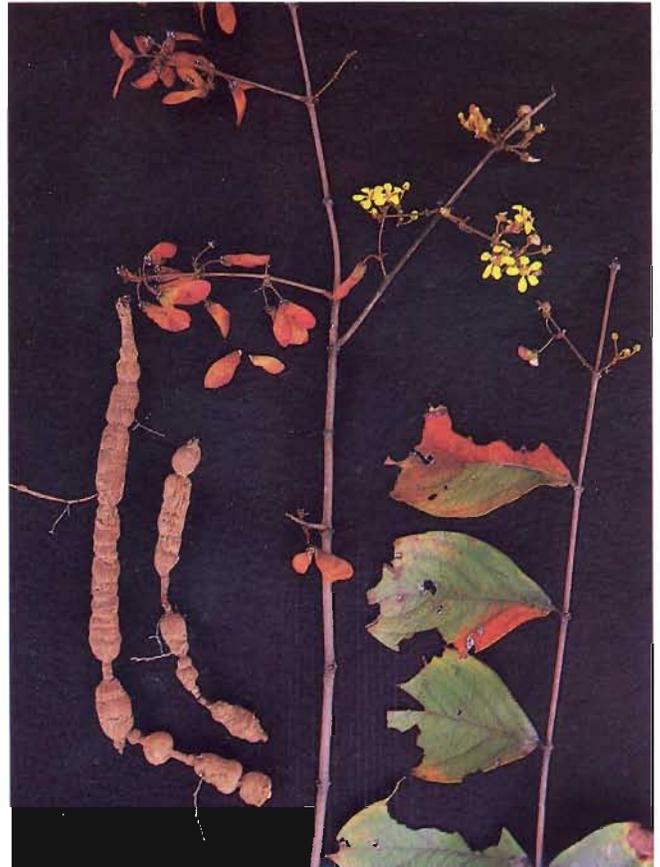
Utilização: É forrageira quando escasseia o pasto. Potencial ornamental.

Uso medicinal: raiz (curtida na cachaça) afrodisíaca (mas o pantaneiro não admite que use por isto), depurativo, contra doença venérea. Também para debilidades nervosas⁴⁵, problemas de visão e disenteria⁹⁵. O efeito de tônico sexual ainda não está comprovado¹⁹⁸.

Ecologia: Tolerante fogo; aumenta com desmatamento.

Ocorrência: esparsa a freqüente, cerradão distrófico, borda de cerradão, caapões e caronal, solos arenosos não alagáveis. Cit. ant⁶¹.

Distribuição: cerrados de MT e GO⁴⁵.



Malpighiaceae

Heteropterys hypericifolia A. Juss.

AP 3639, id. comp. material RBG Edinburgh.

Etimologia: gênero idem; hypericifolia=folha de *Hypericum*, planta do Sul com folhas opostas coladas na base.

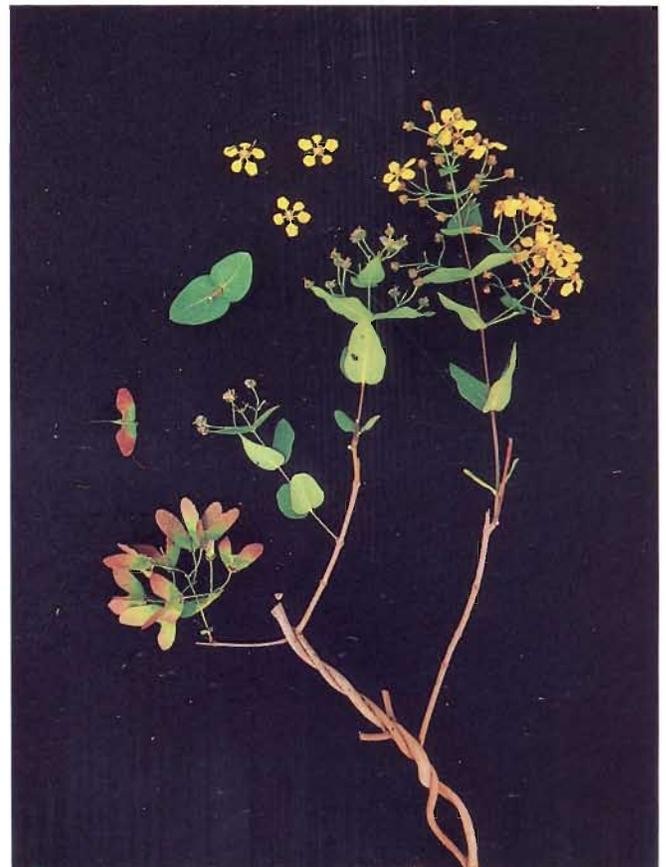
Arbusto trepador 1-3 m alt., flor (amarela, avermelhando ao fenecer) set-nov, fruto out-dez.

Utilização: Forrageira. Grande potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta com perturbação, rebrota após corte e fogo, da base rizomatosa.

Ocorrência: freqüente, mata de carandá, murundu de paratudal, caapão, vegetação secundária de mata, solos argilosos. Cit. ant.^{61,62}.

Outras spp.: *H. aff. byrsonimifolia*^{61,62}, *H. glabra* (Porto Murtinho), *H. nervosa* (Nabileque); *H. tomentosa*^{179,62}.





Malpighiaceae

Mascagnia benthamiana (Gris.) Anderson
"CIPÓ-BRANCO", "cipó-de-pomba", "cipó-prata"

AP 4364, id. Anderson

Etimologia: homenagens ao prof. italiano Mascagni e ao botânico Bentham.

Arbusto trepador, 1-5 m alt., meio ereto na rebrota; flor e fruto em grande parte do ano.

Utilização: Apícola³⁹; potencial ornamental.

Suspeita de tóxica. Várias espécies de *Mascagnia* são tóxicas a mamíferos¹⁵², como *M. pubiflora* e *M. rigida* ("cipó-prata"), já comprovadas de que causam morte súbita 24-48 h após ingestão^{198.236}, ou seja, a res (gorda e sadia), ao ser conduzida, de repente cai morta, sendo que sem ser movimentada pode não acontecer nada. Este tipo de morte tem ocorrido no Pantanal e a causa pode ser uma planta destas, o que requer estudo. É de mediana aceitabilidade pelo bovino, ou seja, é pastada pelo gado, cujo instinto não reconhece como tóxicas as plantas deste gênero.

Ecologia: Aumenta em área desmatada, nas leiras de pastagem cultivada. Tolerante a corte repetido e fogo. Semente é espalhada pelo vento.

Ocorrência: freqüente, borda de mata e cerradão (Nhecolândia), mata ciliar, solos arenosos ou siltosos, pouco ou não alagáveis. Cit. ant.¹⁷⁹.



Malpighiaceae

Mascagnia cordifolia Gris.
"COBERTOR-DO-DIABO"

AP 4395

Etimologia: gênero idem; cordifolia=folha em forma de coração; cobertor-do-diabo=conjunto de frutos alados é fofo e parece enchimento de coberta.

Trepadeira perene 1,5-4,0 m alt., flor e fruto praticamente o ano inteiro.

Utilização: Gênero de tóxicas²³⁶, não tendo sido encontrada informação para esta espécie, mas que é raramente pastada.

Potencial ornamental. O nome em idioma indígena Kadiweu (MS) significa "flor que dá na árvore".

Ecologia: Aumenta com desmatamento. Sensível a fogo, mas coloniza clareiras queimadas.

Ocorrência: freqüente, borda de mata e cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{151,61,62}.

Distribuição: de mata²⁴¹, ampla.

Outras spp.: *M. sepium*¹⁷⁹, *M. stannea*⁶².

Malpighiaceae

Peixotoa cordistipula A. Juss.

AP 4559

Etimologia: homenagem ao botânico brasileiro Peixoto¹²; cordistipula=estípula (pequena “folha” na base da folha) em forma de coração.

Arbusto escandente 1-2 m alt. Flor abr-set, em surtos que duram apenas cerca de 2 semanas.

Utilização: Não vista pastada. Grande potencial ornamental.

Ecologia: Tolera fogo, aumenta com perturbação da vegetação, p. ex., junto a estradas e cercas.

Ocorrência: pouco freqüente, mata, cerradão, solos arenosos.

Distribuição: cerrados MG²⁴¹, GO, MS e Paraguai (seg. material visto no Herbário do Royal Botanic Garden de Edinburgo).



Malpighiaceae

Stigmatophyllum cf. calcaratum Brown

AP 4488

Etimologia: Stigmatophyllum=folha com glândula; calcaratum=com espora.

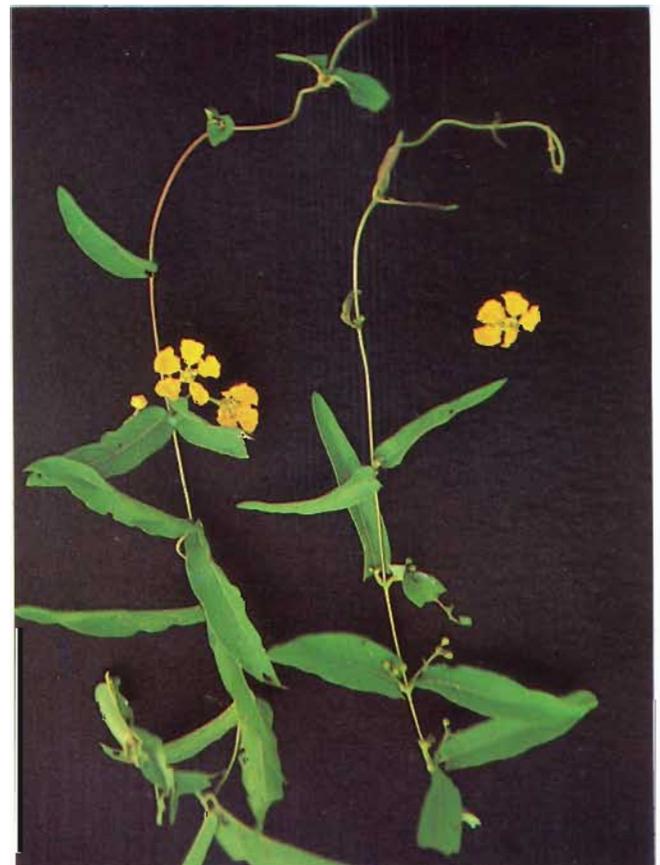
Trepadeira ou prostrada, 0,5-2,0 m alt. ou compr., de base lenhosa; folha com 2 glândulas na base, flor geralmente na cheia, em pequena quantidade e difícil de achar.

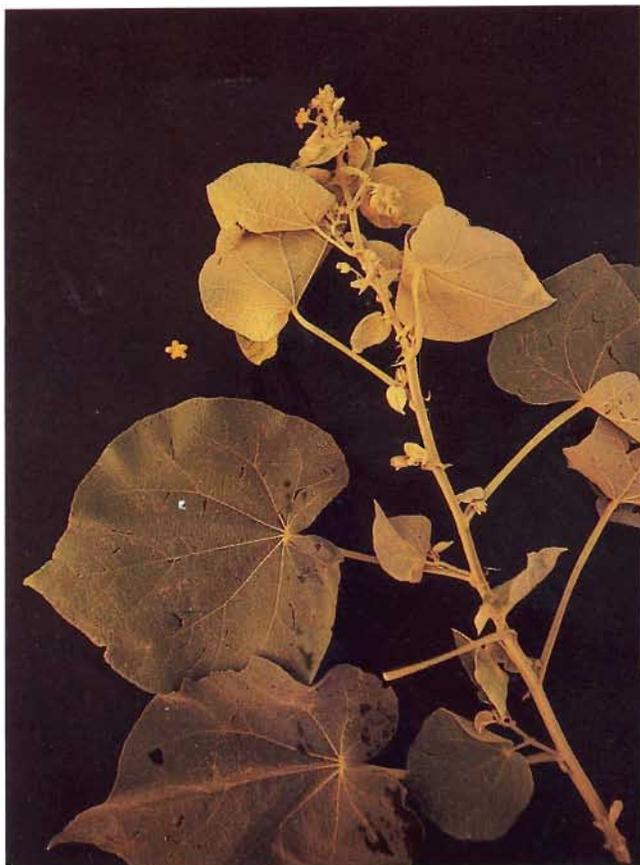
Utilização: Potencial ornamental. Pastada.

Ecologia: Rebrotar após fogo. Aumenta em locais que foram mexidos e estão em recuperação.

Ocorrência: freqüente, paratidal, vegetação ciliar, campos alagáveis, solos argilosos, férteis. Cit. ant¹⁵¹.

Outras malpighiáceas trepadeiras: *Schwannia cf. janusioides*; *S. schaleri*¹⁷⁹.





Malvaceae

Abutilon ramiflorum St. Hil.

AP 3057, id. A. Krapovickas.

Etimologia: Abútilon=não+boi+diarréia (remédio contra diarréia bovina)¹¹; ramiflorum=inflorescência ramificada.

Árbusto 2-3 m alt., flor e semente em grande parte do ano.

Util.: Produz fibras que equivalem à da juta¹⁹ para sacaria¹⁴⁷. As Malváceas em geral são ricas em fibras relativamente finas, longas e resistentes¹⁴⁷. Forrageira eventual.

Eol.: Indicador de perturbação humana.

Ocorrência: pouco freqüente, área desmatada e beira de estrada, solos arenosos ou argilosos, férteis.

Distribuição: Nordeste¹⁹.

Outra sp.: *A. aristulosum* (de mata semidecídua).



Malvaceae

Gossypium barbadense L. “ALGODÃO”

AP 3886, id. A. Krapovickas.

Etimologia: gossum=papo, ref. à cápsula¹¹; barbadense=com tufo de pêlos.

Árbusto 1,5-3,0 m alt. Flor mar-mai, fruto jun-ago.

Utilização: Têxtil, há formas selecionadas cultivadas, pois tem fibra longa, semente nua⁵⁶, portanto o selvagem é fonte de germoplasma para melhoramento.

Raiz abortiva, para regras e problemas de útero; folha vomitiva¹⁰³ e contra câncer; semente (pomada) para herpes e problemas de pele¹⁶².

Forrageira. Ornamental.

Ecologia: Indicador de perturbação.

Ocorrência: esparsa, ruderal em beira de estrada, caapões mexidos, não inundáveis, solos férteis.

Distribuição: América tropical⁵⁸, originário das Antilhas⁵⁶ ou do Peru¹⁴⁷.

Malvaceae

Herissantia nemoralis (St. Hil.) Briz.

AP 4329, id. A. Krapovickas.

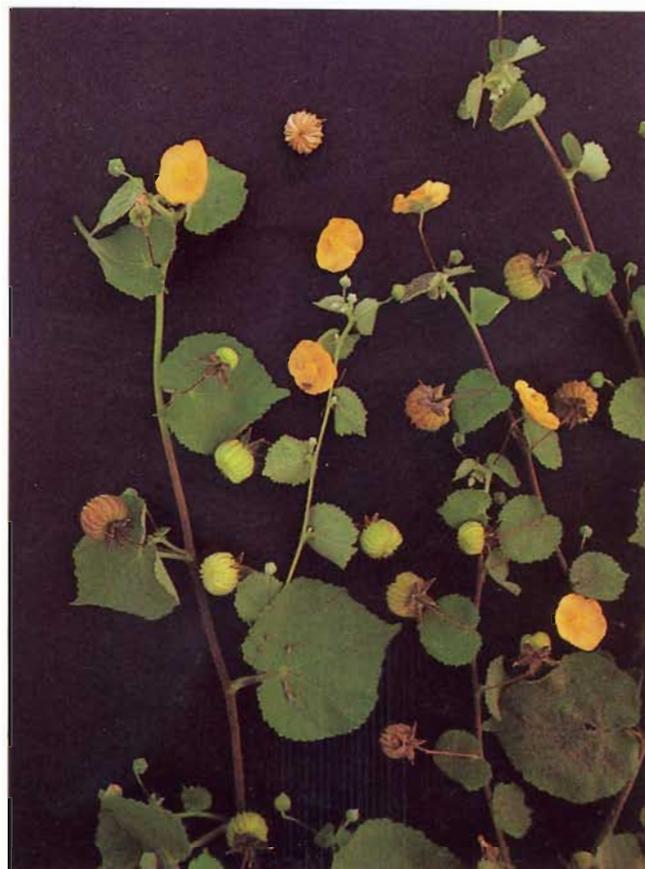
Etimologia: Herissantia=ouriço+flor (pilosidade da flor)¹¹; nemoralis=da floresta¹⁹⁹.

Subarbusto perene, prostrado a meio trepador (conforme a vegetação em volta), 0,5-1,8 m alt, flor praticamente o ano inteiro, abre após o meio-dia.

Utilização: É comida por bovino durante a cheia ou na seca. Apícola. Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta em mata mexida e também com perturbação maior como desmatamento, em roças. Cresce à meia sombra ou a pleno sol.

Ocorrência: manchas localizadas, clareira de mata, capoeira, não inundáveis, solos arenosos férteis. Cit. ant.⁶¹.



Malvaceae

Hibiscus furcellatus Desr.

5637, id. A. Krapovickas.

Etimologia: Hibiscus=nome grego para Ibis, deusa egípcia¹¹; furcellatus=bifurcado (fruto).

Subarbusto perene, ereto ou subereto, ramificado na base, 1-2 m alt., flor set-dez.

Utilização: Grande potencial ornamental, sendo do mesmo gênero do “mimo-de-vênus” ou “papoula” (*H. rosa-sinensis*), da China.

Eventual forrageira para bovino, também de peixes.

Ecologia: Tolera fogo, rebrotando da base. Aumenta em campo folgado (pouco gado) e em anos de cheia.

Ocorrência: freqüente em campos baixos, solos argilosos ou siltosos.

Distribuição: ampla, da Guiana ao RJ⁴¹; também ocorre no “pantanal” do norte da Bolívia⁹⁷.

Outra sp.: *H. striatus*⁶².





Malvaceae

Pavonia angustifolia Bth.

AP 3390, id. A. Krapovickas.

Etimologia: homenagem ao botânico Pavon; angustifolia=folha estreita.

Erva a subarbusto perene, 0,5-2,0 m alt., áspero. Flor set-jan.

Utilização: Forrageira bem pastada, sendo que a variação no tamanho da planta praticamente depende do pastejo. Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta em campo sem gado e em anos mais úmidos. Rebrotar após fogo. Forma raízes aéreas na cheia.

Ocorrência: freqüente, em paratidal, solos argilosos, férteis. Cít. ant.^{62,18}.

Distribuição: Também ocorre no "pantanal" do norte da Bolívia⁹⁷.



Malvaceae

Pavonia sidifolia H.B.K.

"MALVA", "marva", "guanxuma", "algodão-bravo"

AP 4295, id. A. Krapovickas.

Etimologia: gênero ídem; sidifolia=folha de *Sida*, gênero da família. Os nomes comuns são usados para muitas plantas, até de outras famílias; "guanxuma=yba+chama, planta e corda²²².

Erva ou subarbusto, 0,5-1,8 m alt., ramificado, pouco denso. Flor quase ano todo.

Potencial ornamental e medicinal.

Ecologia: Aumenta em anos secos e com perturbação, p. ex., área desmatada e estrada.

Ocorrência: freqüente, borda de mata e cerradão, áreas não alagáveis, solos arenosos relativamente férteis.

Distribuição: Guianas ao Paraguai, e do CE ao RJ⁴⁵.

Outras spp.: *P. apiculata* (muito semelhante); *P. gemminiflora*¹⁷⁹, *P. hexaphylla*; *hieronymi*⁶², *P. mollis*¹⁷⁹, *P. opulifolia*, *P. sororia*.

Malvaceae

Peltaea riedelii (Gke.) Standl.

AP 5025, id. A. Krapovickas.

Etimologia: Peltaea=peltado, em forma de escudo (brácteas)¹¹; homenagem ao botânico Riedel, que coletou no Pantanal¹⁷⁹.

Erva a subarbusto perene, 0,5-1,0 m alt., com ramos horizontais. Flor na época das chuvas, abre tarde da manhã e fecha ao meio-dia, parecendo não florescer muito.

Utilização: É forrageira de emergência. Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta com perturbação e em anos secos, p. ex., é uma das pioneiras na camada orgânica do fundo de lagoas secas.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, ruderal ou no campo natural, solos arenosos ou argilosos, preferindo os férteis. **Outra sp.:** *P. speciosa*¹⁷⁹.



Malvaceae

Sida cerradoensis Krap.

“MALVA”, “marva”

AP 4371, id. A. Krapovickas.

Etimologia: Sida=antigo nome grego; cerradoensis=do cerrado.

Erva perene, ereta, 20-50 cm alt. Flor quase ano todo, abre às 15-16 h (dependendo do horário de verão) e fecha 2 h depois.

Utilização: Algo forrageira. Potencial ornamental e para fibras.

Ecologia: Aumenta com desmatamento e queimada, sendo invasora de cultivos. Rebrotar após cortes. Aumenta em anos secos; não tolera muita inundação.

Ocorrência: freqüente, ruderal, em vegetação secundária em cordilheira e caronal gradeado, solos arenosos.

Distribuição: cerrados.



Malvaceae



Sida santarensis Mont. "MALVA", "marva", "anxuma"

AP 2515, id. A. Krapovickas.

Etimologia: gênero idem; santarensis=de Santarém.

Erva ou subarbusto 0,5-1,5 m alt., ramificado. Flor quase no ano todo, abre logo após o meio-dia durante 1-2 horas¹³¹.

Utill.: Forrageira de mediana aceitabilidade. Apícola.

Ecologia: Rebrotta após corte; aumenta após fogo. Invasora de culturas e ruderal¹³¹.

Ocorrência: freqüente, caronal, borda de caapão e cordilheira, e em vegetação secundária (capoeira), pouco ou não alagáveis, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: Brasil, Centro-Oeste e Nordeste¹³¹.

Outras spp.: *S. ciliaris*, *S. cordifolia*, *S. glomerata*, *S. linifolia*, *S. rhombifolia*, *S. rufescens*, *S. spinosa*, *S. urens*, *S. viarum*, *Malvastrum americanum*, *M. coromandelianum*, *Sidastrum paniculatum*, todas "malva". Outras malváceas: *Cienfuegosia affinis* (Poconé), *C. drummondii* ("guaicurucaá", Nabileque); *C. gemniflora*¹⁷⁹, *C. sulphurea*¹⁵¹, *Gaya meridionalis*, *Urena lobata*, *Wissadula paraguayensis*, *W. peltata*.

Marantaceae



Calathea grandiflora (Ros.) Schum.

Ratter 6041, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Calathea=calathos, cesto, em grego⁵⁸; grandiflora= flor grande.

Erva perene, rizomatosa, 20-60 cm alt., flor jan-fev (pouca observação).

Utilização: Grande potencial ornamental, sendo de um gênero já muito cultivado.

Sem sinal de pastejo, talvez tóxica.

Cultivo: Propagação vegetativa; cresce à sombra.

Ocorrência: rara, caapão semidecíduo; freqüente na mata da morraria calcária.

Distribuição: Brasil⁹¹.

Martyniaceae

Craniolaria integrifolia Cham.

AP 5486, id. conf. M.M. Arbo.

Etimologia: Craniolaria=pequeno crânio (o fruto)⁵⁸; integrifolia= folha inteira.

Subarbusto perene, com xilopódio⁷⁷, ereto, 1 m alt., pegajoso.

Utilização: Chá do fruto é usado contra dor em MT⁹⁶. Era considerado remédio contra picada de cobra¹⁰⁵. Potencial ornamental.

Ecologia: Aqui indica presença humana (roça, lixo, etc.).

Ocorrência: rara, sede de fazendas, não alagável, solo arenosos ou calcários, férteis.

Distribuição: ampla, América do Sul tropical e subtropical, Chaco argentino⁵⁸, cerrado^{77,96}, ruderal¹⁷².



Melastomataceae

Acisanthera alsinaefolia Tr.

AP 4583, id. A. Martins.

Etimologia: Acisanthera=antera apical¹²; alsinaefolia=folha como *Alsine*, planta européia.

Erva perene prostrado-ascendente, 0,1-0,5 m alt., com xilopódio; flor na estação seca.

Utilização: Potencial ornamental. É um pouco pastada.

Ecologia: Sobrevive à queimada do campo; tende a diminuir sem fogo, sombreada pelo *Elyonurus* que então não é pastado.

Ocorrência: esparsa, caronal, solos arenosos.

Distribuição: cerrado, ocorre em MG²⁴¹.

Outra sp.: *A. limnobios*.





Melastomataceae



Clidemia cf. bullosa DC.

AP 6279, id. C. Munhoz.

Etimologia: homenagem ao médico grego Clidemus¹²; bullosa=com bolhas, do latim bulla.

Arbusto ereto 0,8-1,6 m alt.; flor e fruto em grande parte do ano.

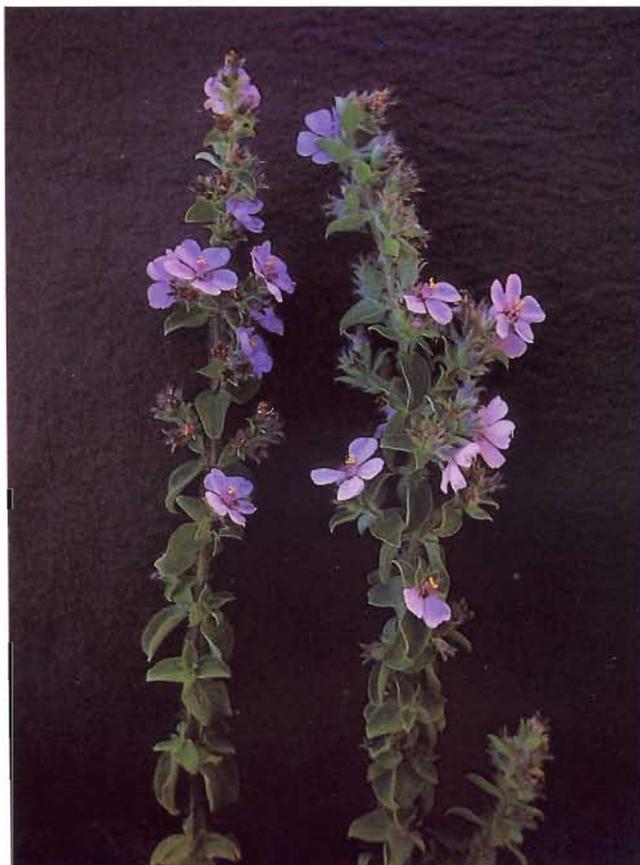
Utilização: Fruto comestível. Uma espécie semelhante (*C. hirta*) é rica em vitamina C (45). É alimento de aves, que fazem a dispersão.

Não vista pastada. Potencial ornamental.

Ecologia: Sobrevive à queimada.

Ocorrência: abundante, caapões de cerrado e borda de cerradão, parte norte e leste da região, não alagáveis ou de alagamento rápido, solos arenosos, ácidos.

Distribuição: ocorre na savana inundável do norte da Bolívia⁹⁷.



Melastomataceae



Desmoscelis villosa (Aubl.) Naud.

AP 4911, id. C. Munhoz.

Etimologia: Desmoscelis=faixa oca¹² (nas anteras); villosa=com pêlos lanosos.

Erva ou subarbusto perene, ereto, 0,5-0,8 m alt. Flor abrigo.

Utilização: Grande potencial ornamental. Pouco pastada. Desconhece-se uso na região.

Ecologia: Aumenta em anos secos.

Ocorrência: esparsa, borda externa de cordilheira e caapão, pouco ou não inundáveis, solos arenosos. Cit. ant.^{105,209}.

Distribuição: ampla; p. ex., campos de RR²⁰³, cerrado DF⁸⁰, "pantanal" do norte da Bolívia⁹⁷.

Melastomataceae

Miconia albicans (Sw.) Tr. "FOLHA-BRANCA"

AP 4384, id. J.A. Ratter.

Etimologia: homenagem ao médico espanhol Micon¹²; albicans= esbranquiçada (folha).

Arbusto ereto, copado, 1-4 m alt.; flor ago-nov., fruto na estação chuvosa.

Utilização: Potencial ornamental. Fruto é alimento de aves (pombas)¹⁰⁴, que distribuem as sementes.

A folha é tida como remédio para digestão^{19,223,208}, contém tanino¹⁰³. Desconhece-se uso regional.

Ecologia: Plântula frágil, crescimento moroso¹⁹⁷. Adulta, sobrevive à queimada.

Ocorrência: abundante em pequenos caapões, borda de cerradão distrófico e campo cerrado, pouco ou não alagáveis, na parte leste, solos arenosos. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: é da flora dos cerrados, mas de mata¹⁰¹, das Guianas a São Paulo^{19,45}.



Melastomataceae

Miconia prasina (Sw.) DC. var. *attenuata* (DC)Cogn.

AP 5312

Etimologia: gênero idem; prasina=cor verde-capim¹⁹⁹; attenuata= atenuada.

Arbusto ereto 1-2m alt.; flor out-dez, fruto dez-mar.

Utilização: Alimento de aves, dispersoras. Muito pouco pastada.

Produz corante preto⁴⁴.

Ocorrência: abundante em caapão de cerrado e borda de cerradão, na parte leste das sub-regiões de Paiaguás, Nhecolândia e Aquidauana, solos arenosos, ácidos. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: Guiana a SP⁴⁴ e Bolívia¹¹⁴.

Outra sp.: *M. ferruginata*¹⁷⁹, *M. stenostachya*⁶².





Melastomataceae

Mouriri elliptica Mart.

“COROA-DE-FRADE”, “coroa”

Salis 2020, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Mouriri=nome vulgar na Guiana¹²; elliptica=forma de elipse da folha; coroa-de-frade=anel no topo do fruto.

Árvore 2-6 m alt., tortuosa, casca (resiste a fogo) marron, grossa, com sulcos sinuosos. Folha sem as nervuras curvinérvias típicas de Melastomataceae; *Mouriri* foi proposto a passar para a família Memecylaceae. Apresenta brotamento de folha o ano todo¹⁴⁵. Flor quase ano todo, mais em set-dez; fruto verde presente no ano todo, amadurece no verão e um pouco em outras épocas.

Utilização: Fruto comestível, doce, de excelente sabor, freqüentemente bichado; alimento de fauna. Fruto medicamentoso para rins²³⁸. Apícola. Potencial ornamental. Forrageira, a ver pela linha de pastejo na copa, apesar do tanino; gado prefere a rebrota. Lenha.

Cultivo: Por semente, de poder germinativo breve.

Ocorrência: abundante, cerradão distrófico, campo-cerrado e caronal, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,61,62}.

Distribuição: cerrado¹⁰¹, MG, GO e MT (e MS)⁴⁶.



Melastomataceae

Mouriri guianensis Aubl.

“RONCADOR”

AP 5077

Etimologia: Mouriri=idem anterior; guianensis=das Guianas.

Árvore 3-7 m alt., casca lisa, não se parecendo com a “prima” anterior *M. elliptica*. Flor set-out, fruto dez-jan, e outros meses.

Utilização: Fruto de pouca polpa²²¹, comestível, tem o dobro de vitamina C da laranja ou do limão¹⁴³; é alimento de peixes²²¹ e aves. Apícola. Algo forrageira (a rebrota). Madeira dura^{42,19}.

Uso medicinal: problemas de pele. Folha adstringente, para lavar úlceras e banho pós-parto (“murta-de-parida”)^{42,19}.

Ecologia: Sensível ao fogo.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar e caapões alagáveis, solos argilosos ou arenosos somente na superfície. Cit. ant.^{221,53,61,169}.

Distribuição: amazônica, de grande dispersão, mata de galeria¹⁷⁹, mata secundária, savana inundável, restinga, carnaubal e capoeira⁶⁵, da Venezuela e Guianas ao RJ e MT^{42,19} e Bolívia¹¹⁴.

Melastomataceae

Rhynchanthera novemnervia DC.

AP 3705

Etimologia: Rhynchanthera=antera rostrada; novemnervia=com 9 nervuras (folha).

Erva ou subarbusto 0,5-1,0 m alt.; flor jan-set.

Utilização: Grande potencial ornamental. Apícola. É um pouco comida por bovino, faltando pasto.

Ecologia: Aumenta em anos de cheia, sendo semi-aquática. Diminui sem gado, pelo sombreamento do capim alto, e também em campo com excesso de pastejo. Não há Melastomataceas nos solos calcários, portanto, são indicadoras de solo ácido (seg. C. Munhoz, Jardim Botânico de Brasília), o que foi confirmado no Pantanal.

Ocorrência: abundante, às vezes forma conjuntos em borda de lagoas e vazantes, solos arenosos, ácidos. Cit. ant.61,62.

Distribuição: provável ampla dispersão.

Outra sp.: *R. secundiflora*^{105,179}.



Meliaceae

Guarea guidonea (L.) Sleumer “CAIARANA”, “cajarana”

AP 5280, id. H. Barreiros.

Etimologia: Guarea=nome vulgar da planta¹²; caiarana=falso cajá.

Árvore 4-12 m alt., caule ramificado. Fruto em torno de out.

Utilização: Apícola. Semente tóxica, antelmíntica^{103,140}, mas aves comem a polpa (arilo) vermelha, quando o fruto racha, e dispersam a semente. No gênero há planta repelente a inseto⁹². Considerada tóxica para o gado¹³², mas não foi observada pastada.

Madeira meio pesada (dens. 0,76), dura, elástica, aromática, durável no solo, serve para construção civil e naval, carpintaria, carroceria, caixa, forro, etc.¹³², não usada aqui. Ornamental e boa para recompor mata ciliar=132.

Cultivo: Germina em 40 dias, crescimento lento¹³².

Ecologia: Sensível a fogo. A árvore tem fama de ter cobra, o que foi observado na Serra do Urucum, talvez porque os frutos atraem aves e ratos.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar pouco inundável, borda de caapão ou de cordilheira próximos a vazantes, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{53,61,62}.

Distribuição: Índias Ocidentais, Guianas e Brasil⁹⁹, Amazônia até SP e MS¹³².

Outra sp.: *G. macrophylla* (“caiarana”).



Meliaceae



Trichilia catigua A. Juss.
"POMBEIRO", "veludo"

AP 5208 e 5500, id. M.S. Ferrucci.

Etimologia: Trichilia=3 folíolos; caa=planta + tiguá=flexível¹¹⁶, ou cati=mau odor + guá=fruta⁵⁷, em guarani.

Arvore 3-8 m alt. (até 10 m na Argentina⁵⁷), ramificada, copa densa, quase até o solo (ou seja, quase não é pastada), casca quase lisa. Há 2 formas, a mais comum é uma arvoreta 2-4 m alt, com flor jan-fev, fruto fev-mar.

Utilização: Madeira amarelada ou avermelhada, meio pesada (dens. 0,69), fibras longas e revesadas, para obras externas^{42,139} e internas, flexível, boa lenha^{42,116}, mas não usada aqui.

Casca com tanino e corante vermelho claro^{222,139,42,155}, boa para curtir¹¹⁶, digestiva e tônica, ou purgativa em dose maior^{42,116,9}. Inseticida^{42,116,155}.

Ecologia: Pioneira. Crescimento rápido¹³⁹. Sendo de mata ciliar¹⁵⁵, tem bom potencial para revegetar beira de rio.

Ocorrência: uma variedade em caapões quase puros em beira de vazantes próximas ao Rio Taquari, onde tem fama de resistir à derrubada com cabo de aço, apesar do solo arenoso; outra var. freqüente, mata ciliar alagável, solos argilosos; também na morraria calcária. Cit. ant.⁵³.

Distribuição: MG ao RS, Argentina, Paraguai¹¹⁶ e Bolívia¹¹⁴.



Meliaceae



Trichilia elegans A. Juss. ssp. *elegans*
"CACHUÁ"

AP 4473, id. J.A. Ratter; AP 5473, id. H. Barreiros.

Etimologia: gênero idem, elegans=elegante (folha)

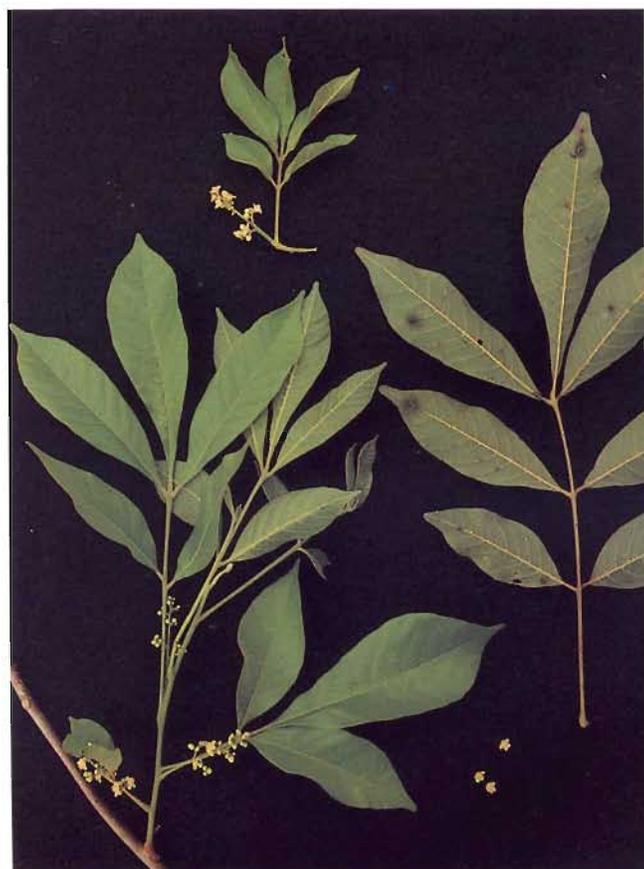
Arvoreta a árvore 3-6 m alt., flor out-dez, fruto jan-mar, semente dispersa por aves.

Utilização: Apícola. Pouco forrageira. Antelmíntica, mas tóxica¹⁰³. Casca (uso ext.) contra reumatismo, diurética, purgativa, tônica e inseticida⁴³.

Madeira resistente e durável, para marcenaria, carpintaria, boa lenha¹¹⁶. Casca para curtir, couro fica amarelo, pelo corante¹¹⁶.

Ocorrência: caapões Abobral e Poconé, mata semidecídua, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant.^{53,174,186,61,62,18}.

Distribuição: ampla dispersão, da Venezuela ao Paraguai, e de GO a SC¹¹⁶, Argentina⁵⁷ e Uruguai¹²⁸.



Meliaceae

Richilia stellato-tomentosa Kze.

“GUARANAZINHO”

AP 4017, id. H. Barreiros.

Etimologia: gênero idem; stellato-tomentosa=com pêlos estrelados (folha).

Arvoreta 3-5 m alt., flor no início e fruto durante a estação chuvosa.

Utilização: Gênero com semente com óleo medicinal e para sabão⁵⁶. Potencial ornamental.

Ocorrência: freqüente, mata semidecídua, grandes caapões, mata de “carandá”, solos argilosos, férteis. Cit. ant.179,53,96.

Distribuição: era conhecida só da Bolívia, Paraguai e Argentina¹⁶³, foi recentemente encontrada em MT⁵³.

Outras spp.: *T. pallida*¹⁷⁹, *T. rubra*⁹⁶.



Menispermaceae

Cissampelos pareira L.

“BUTA”, “orelha-de-gato”

AP 1309, id. conf. A. Radovancich.

Etimologia: cissa=hera + ampelus=videira⁵⁸; pareira=nome comum; buta=do tupi, abútua⁷⁴.

Trepadeira perene, 1-8 m alt., caule velho tem casca grossa com cortiça (agüenta fogo); unissexuada, flor mai-out, fruto nas chuvas.

Utilização: Fruto comido por aves, que o disseminam.

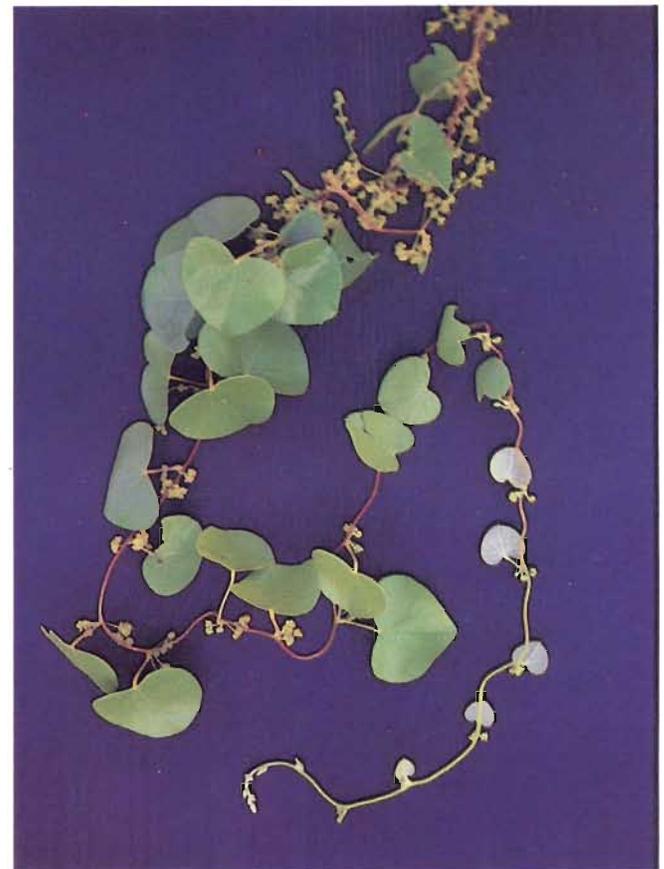
Tóxica para o gado¹⁸², consta como não pastada¹⁰³, mas no Pantanal às vezes é comida. Serve para corda¹⁴⁷.

Uso medicinal: raiz amarga, como abortivo e contra diarreia. Vomitivo de índio¹⁰³, raiz contém pelosina e buberina, é tônica, diurética, para fígado, faz menstruar e suar, febrífuga^{160,201,19,45,52,9}, purgante, contra dor de cabeça⁹, má digestão⁵² e picada de cobra^{160,47}; cataplasma contra contusão, inflamação e reumatismo⁹.

Ecologia: Aumenta com desmatamento, rebrota após cortes sucessivos e tolera fogo. Invasora de pomar.

Ocorrência: freqüente, solos arenosos e argilosos, áreas não inundáveis; também na morraria calcária. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: originária da América do Sul²⁴, neotrópico mais seco, pantropical, cosmopolita, Flórida à Argentina, África e Austrália^{19, 147, 197}, todo o Brasil⁴⁵, em mata²⁴¹.





Menispermaceae

Cissampelus tropaeolifolia DC.

AP 5116, id. A. Schinini.

Etimologia: gênero idem; tropaeolifolia=folha de *Tropaeolum*, gênero da “chaguinha” ou “chaga”, que é arredondada.

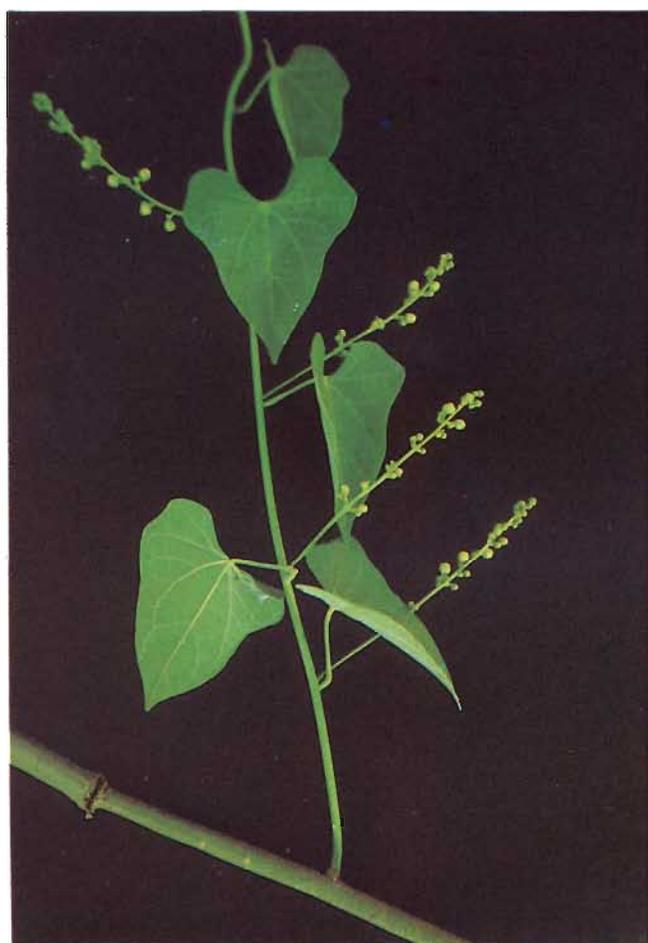
Trepadeira 1,5-4,0 m alt., flor out-nov (insuficiente observação).

Utilização: Desconhece-se utilidade, mas, considerando que é do mesmo gênero da anterior, deve ter fruto comido por aves e potencial medicinal.

Ocorrência: parece rara (ou pouco coletada), caapão não alagável, solo argiloso, Poconé. Cit. ant.¹⁵¹.

Distribuição: larga dispersão neotropical, onde mais úmido, da Nicarágua a SC e Argentina⁵⁷.

Outra sp.: *C. ovalifolia* (cerrado).



Menispermaceae

Odontocarya tamoides (DC.) Miers

AP 5173, id. A. Schinini.

Etimologia: *Odontocarya*=noz dentada (semente); *tamoides*=semelhante a *Tamus*, trepadeira do Mediterrâneo.

Trepadeira 2-6 m alt., inflorescências unissexuadas, flor em grande parte do ano, fruto nov-fev.

Utilização: Algo forrageira. Fruto não comestível⁴⁶, vermelho, alimento de aves, dispersoras. Ornamental⁴⁶. Desconhe-se uso no Pantanal.

Ecologia: Sensível ao fogo, mas rebrota após e coloniza áreas queimadas.

Ocorrência: muito freqüente, todas sub-regiões, beira de vazantes e caapões, carandazal, solos arenosos ou argilosos.

Distribuição: Amazônia⁴⁶.

Outra menispermácea: *Abuta grandiflora*.

Moraceae (família com látex)

Brosimum gaudichaudii Trec. "MAMA-CADELA", "algodãozinho"

AP 4965

Etimologia: Brosimum=comestível (fruto)¹¹; homenagem ao botânico Gaudichaud; mama-cadela=fruto semelhante à mama canina.

Arbusto a árvore, 1-8 m alt. Flor ago-nov, fruto out-jan, e menos em outros meses.

Utilização: Forrageira bem aceita por bovino.

Fruto comestível. É um "chiclé" natural¹⁵². Raiz aromática, usada em fumo. Industrializável¹⁰⁴. Madeira para marcenaria^{45,65,4}. Medicinal, contra vitiligo, contém bergapteno¹⁹⁸, com ação de pigmentação da pele, já industrializado (p. ex. o de nome comercial "Viticromin"); diurético e para hepatite²⁰⁸, gripe, bronquite e circulação¹⁶⁵. Raiz purgativa e para lesão de coluna²³⁸. Há outro "algodãozinho" (*Cochlospermum regium*).

Potencial ornamental.

Cultivo: Pega de estaca de raiz¹⁹⁷.

Ecologia: Algo sensível a fogo, quando árvore, daí rebrota da base.

Ocorrência: esparsa, cerradão e caapão de cerrado, solos arenosos. Cit. ant.^{151,174,186}.

Distribuição: flora do Cerrado^{101,77}, capoeira do Nordeste⁶⁵, AM e PA ao PR¹⁵, PI a SP, MG, MT e GO¹⁹, Paraguai¹⁴⁸, Bolívia¹⁵ e mata ciliar do Chaco oriental argentino¹⁸².



Moraceae

Brosimum lactescens (Moore) Berg

AP 5731, id. A.T. Oliveira Filho

Etimologia: gênero idem; lactescens=com leite (látex).

Árvore unissexuada¹⁵, 10 m alt., fuste baixo, copa larga, fruto out-dez. (fev-abr e set na Bolívia¹¹⁴).

Utilização: Potencial ornamental. Fruto é alimento de aves e morcegos, dispersores.

Látex amargo¹⁵.

Ecologia: Sensível ao fogo.

Ocorrência: rara ou pouco coletada, mata ciliar de corixo, solo argiloso, Poconé. Cit. ant.: Moore¹⁵¹, que coletou o tipo em MT.

Distribuição: México, América Central, Venezuela ao MA e Bacia do Alto Paraguai, e da BA a SC¹⁵; bosque amazônico, próximo a rios, na Bolívia¹¹⁴; mata alagável do Araguaia, na ilha do Bananal¹⁸⁵.





Moraceae


Dorstenia brasiliensis Lam.
“CAIAPIÁ”, “carapiá”

AP 4530, id. G. Hatschbach.

Etimologia: homenagem a Dorsten; brasiliensis=brasileiro; caapiá=erva + testículo, porque usada como excitante eficaz na fraqueza e febre tifóide¹⁴⁰. Erva perene, 10-20 cm diâm., com raiz (rizoma) carnosa, flor nov.-jun. Às vezes é epífita em “acuri”. A pequena semente é jogada longe⁴².

Utilização: Raiz aromática, com óleo volátil, para fumos e bombons^{103,198}. Adicionava-se ao guaraná. Usada na Bolívia para repelir insetos e serpentes¹⁶².

Uso medicinal: abortiva e contra cólica de útero. Provoca menstruação²³⁸. Chá da raiz contra sinusite⁹⁵. Raiz estomacal, índio usava como anestésico contra picada de cobra¹⁰³, princípio analgésico comprovado²⁰⁴. É uma das “contra-erva”, porque seria procurada por lagarto mordido de cobra⁴². Sudorífica^{19,42}, diurética^{56,19,42}, contra tosse^{19,42} e febre, antisséptico^{42,162,52}, cura disenteria; o abuso é tóxico⁴, “capa” o homem²³⁸. Tintura com “taiúva” para soldar osso quebrado⁵².

Ecologia: Aumenta com raleamento da mata.

Ocorrência: esparsa, matas e caapões não alagáveis, solos argilosos ou calcários; também na morraria. Cit. ant.¹⁵¹.

Distribuição: CE ao RS^{42,19}, Paraguai, Argentina e Uruguai²⁴.



Moraceae


Ficus calyptroceras (Miq.) Miq.
(=*F. monckii* Hassl.)
“FIGUEIRA”, “gameleira”

AP 2743, id. G. Hatschbach.

Etimologia: Ficus=figo; calyptroceras=chifre com capuz. **Árvore** 8-18 m alt., copa grande, ramos meio retos, raízes adventícias no tronco e ramos. Começa geralmente como epífita, sobre “acuri”, depois abafa a hospedeira. Fruto ago-dez.

Utilização: Forrageira bem aceita por bovino, mas, estabelecendo-se sobre outras árvores, escapa do pastejo; depois os vãos no tronco e entre raízes servem de abrigo a morcegos e abelhas. O “fruto”, de sabor pouco agradável, é importante alimento de tucanos e juritis⁵⁶ e muitas aves, morcegos e outros bichos, que a disseminam. Potencial ornamental. Látex vermífugo¹⁵⁹.

Ecologia: Crescimento rápido, frutifica em 10 anos. Sensível ao fogo, mas pode regenerar-se através de novos caules e raízes aéreas.

Ocorrência: freqüente, caapões e cordilheiras, de solos arenosos ou argilosos, férteis.

Distribuição: sulamericano, Brasil, Paraguai, Argentina, Uruguai^{26,24,59} e Bolívia¹¹⁴.

Moraceae

Ficus gardneriana (Miq.) Miq.
“FIGUEIRA”

AP 5022, id. G. Hatschbach.

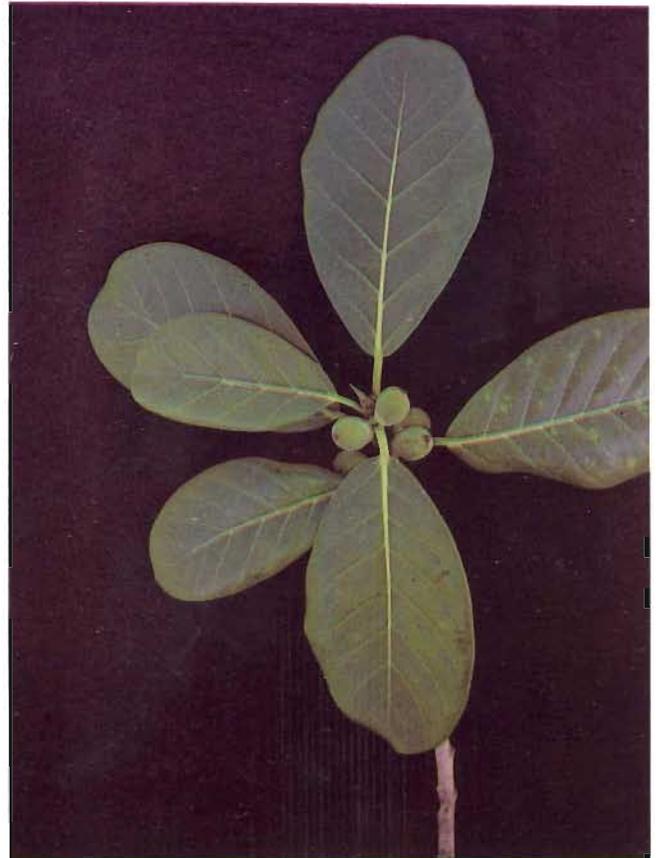
Etimologia: gênero idem; homenagem ao botânico Gardner.

Árvore 8-15 m alt.; fruto set-nov.

Utilização: Fruto muito útil para a fauna, principalmente aves (bentevi, papagaios, periquitos, sabiá, tucano), morcegos e bugio. Folha forrageira, de pouco acesso ao bovino.

Ecologia: Aumenta em cordilheira desmatada, sendo geralmente deixada em pé no desmatamento. Sensível ao fogo.

Ocorrência: esparsa, todas sub-regiões, mata semidecídua, cerradão, solos argilosos ou arenosos. Cit. ant. 179,53.



Moraceae

Ficus gomelleira Kth. et Bouché
“FIGUEIRA”, “gameleira”

AP 5140, id. G. Hatschbach.

Etimologia: gênero idem; gomelleira=gameleira (ouvido e anotado por um estrangeiro).

Árvore 10-15 m alt., galhos retos, folha e fruto pilosos; fruto set-nov.

Utilidade: Madeira leve, para canoa, artesanato (viola) e utensílios¹⁶ como gamela, donde “gameleira”.

Considerado depurativo, contra sífilis e reumatismo¹⁶.

Fruto de sabor pouco agradável; é alimento de fauna.

Ocorrência: esparsa, caapões de Poconé e Abobral, solos arenosos ou argilosos férteis. Cit. ant. 179,53.

Distribuição: RJ e SP⁴³.





Moraceae

Ficus insipida Willd.

(=*F. anthelminthica*).
“FIGUEIRA”

AP 4577

Etimologia: gênero idem; insipida=sem sabor (fruto).
Árvore 4-8 m alt., folha e figo ásperos. Frutifica dez-jun, coincidindo com o período em que há umidade para germinar.

Utilização: Fruto (cru) não comestível, comido por peixes, aves, morcegos e outros animais, dispersores. Consta que o fruto assado é ligeiramente afrodisíaco e ativa a memória¹⁹, mas uns dias no Pantanal podem ter o mesmo efeito!

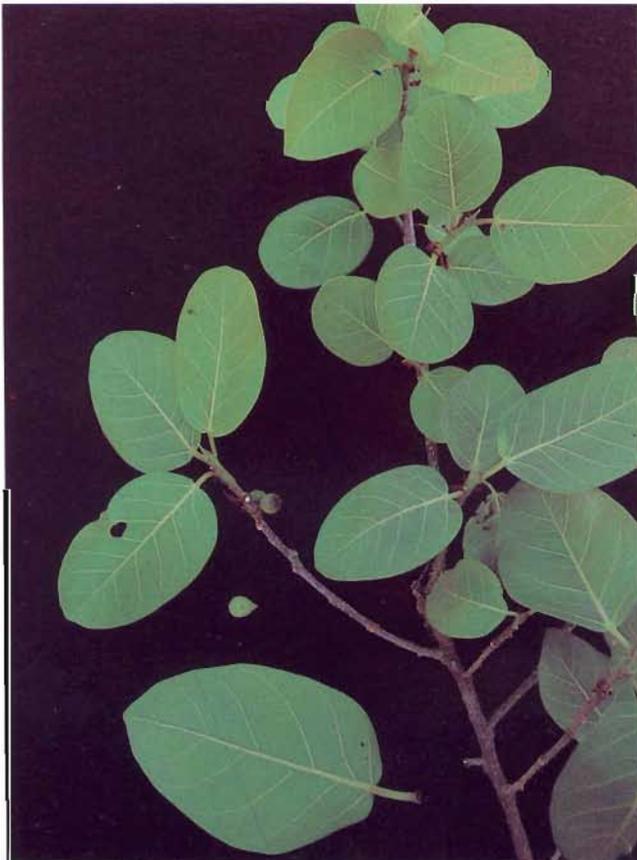
Látex serve para borracha e remédio contra vermes¹¹⁴, o que é o significado do sinônimo acima.

Madeira branca macia, pouco durável em uso externo, serve para miolo de porta, caixote e chapas¹³².

Cultivo: Indicada para recompor mata ciliar e arborização¹³². Obtém-se as sementes do fruto bem maduro, têm vida curta e germinam em 1-2 meses; crescimento rápido¹³².

Ocorrência: freqüente, mata ciliar, caapões de vazante, beira de lagoa, solos arenosos.

Distribuição: mata atlântica do RJ a SC, GO, MG¹³² e Bolívia¹¹⁴.



Moraceae

Ficus luschnathiana (Miq.) Miq.
FIGUEIRA-DE-FOLHA-MIÚDA, “figueira”

AP 4522, id. Gert Hatschbach.

Etimologia: gênero idem; luschnathiana deve ser uma homenagem, não achada.

Árvore 6-15 m alt.; inicia como epífita; copa pode ter mais largura (30 m) que altura, fora da mata; troca gradual de folha ago-set; fruto out-mai.

Utilização: Forrageira. “Fruto” é alimento de peixes, aves e mamíferos (morcegos e outros), que a semeiam depois. Várias espécies têm látex vermicida, com enzimas que atacam a mucosa dos vermes¹⁵², remédio já usado pelos índios⁵². Casca de *Ficus* era a principal fonte de fibras para roupas na África e Índia, os astecas usavam-na para papel; serve como isolante térmico¹⁴⁷.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar e caapões, solos argilosos.

Distribuição: RJ, SP⁴⁶, RS, Uruguai, Argentina e Paraguai²¹⁰.

Moraceae

Ficus pertusa L.f.

“FIGUEIRINHA”, “figueira-de-folha-miúda”

AP 4524

Etimologia: gênero idem; pertusa=perfurado (fruto com pontos).

Árvore 5-20 m alt.; distingue-se pelo figo com pintas roxas quando verde, vermelhas a pretas quando maduro; fruto em grande parte do ano, mais ago-mar.

Utilização: Forrageira bem aceita, marcada por linha de pastejo, que é até onde a vaca alcança na árvore.

Fruto comestível, doce; é alimento de bugio, morcegos, aves e peixes, dispersores. Espaços entre raízes aéreas e no tronco servem de abrigo a abelhas, morcegos, etc.

Madeira usada para gamela, colher, etc. É branca, leve (dens. 0,39), serve para forro e caixote⁴². Látex dá borracha⁴². As “figueiras” são protegidas por lei no RS²¹⁰. Ornamental, cultivada na Venezuela⁴³.

Uso medicinal: compressa do látex em dor de cadeiras. Látex é vermífica^{42,198} e alimentício, podendo ser tomado se diluído em água, senão queima a boca.

Ecologia: Inicia como epífita, geralmente em “acuri”, escapando da herbivoria na fase jovem; não morre se cair com vento e rebrota após corte. Sensível ao fogo.

Ocorrência: abundante em caapões e mata ciliar, solos férteis. Cit. ant.^{53,169,18}.

Distribuição: Amazônia ao RS²¹⁰, Bolívia¹¹⁴.

Outras spp.: *F. campograndensis*¹³⁵, *F. eximia*; *F. minor*¹⁶.



Moraceae

Sorocea sprucei ssp. *saxicola* (Hassl.) Berg.

(=S. saxicola)

FIGUEIRINHA, “figueirinha-do-pantanal”, “leiteiro-branco”

AP 3609, id. J.A. Ratter

Etimologia: Sorocea=nome brasileiro¹¹; sprucei=homenagem ao botânico Spruce; saxicola=que vive na pedra.

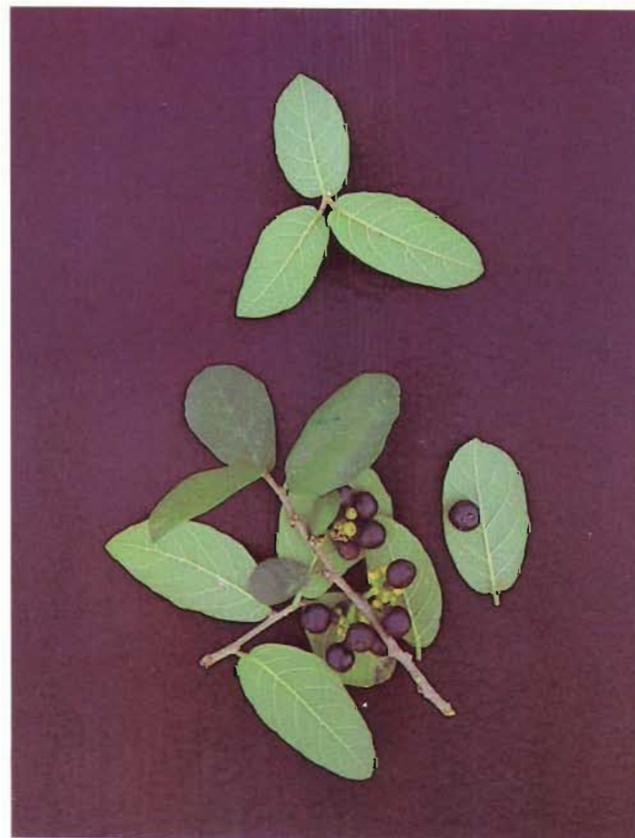
Arvoreta ou árvore, muitas vezes com vários troncos (onde inunda e/ou rebrota após fogo), 3-10 m alt., copa densa verde-escura. Folha maior à sombra e em ramos juvenis. Flor e fruto set-out; parece que não frutifica cada ano, nem em todo lugar.

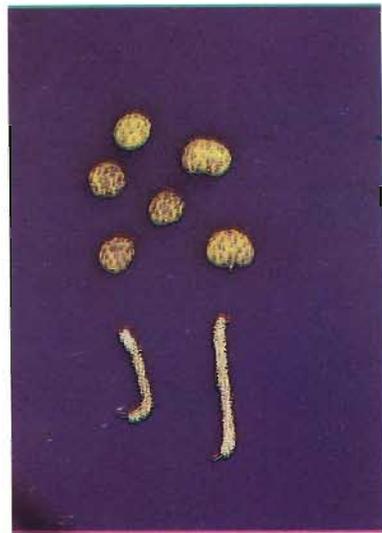
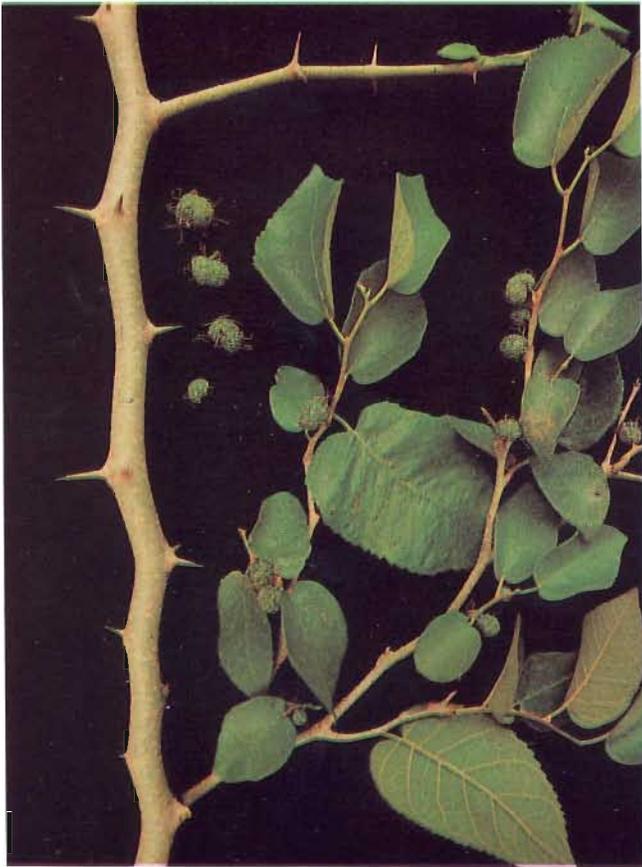
Utilidade: Forrageira, apesar da folha áspera, apreciada por bovino e sinimbu (*Iguana*). “Fruto” comestível, muito doce, é alimento de aves, dispersoras, e de outros animais. Fruto é remédio para garganta, em gargarejo, e látex faz sair pus de machucados⁴⁶. Madeira para eixo de roda¹⁴⁸; é usada para canzil.

Ecologia: Sensível a fogo, podendo rebrotar em forma arbustiva.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, matas ciliares, caapões, murundus (ai é árvore pequena) e borda de cordilheira, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{169,18}.

Distribuição: BA ao RJ⁴⁶, Paraguai, Argentina^{57,148} e Bolívia¹¹⁴.





Moraceae

Maclura tinctoria (L.) Engl.

(=*Chlorophora tinctoria*)

“TAIÚVA”, “mora”, “amora-brava”, “moreira”, “amora-do-mato”

VJP 38.

Etimologia: homenagem ao geólogo Maclure⁵⁸; tinctoria=corante; taiúva=árvore de madeira dura⁵⁷ ou caule amarelo¹⁷, de tata-yba=pau-amarelo, ou ita=pedra, juba=amarela¹⁹.

Árvore 6-15 m alt., unissexuada, folhas caducas, ramos novos esverdeados, látex amarelo-esverdeado (mancha carro). Flor ago-set, as masculinas são levadas por formigas cortadeiras (seg. G.M. Mourão).

Utilização: “Fruto” set-nov, em grande número, comestível, doce, atrai e alimenta muitas aves (especialmente sabiás¹³⁰), que espalham as numerosas sementes miúdas via fezes. Potencial ornamental, mas espinhos (duplos) caídos furam pneu.

Madeira pesada (dens. 0,97)⁴⁶, dura, flexível, muito durável no chão, resistente a insetos e fungos, para construção civil e naval, móveis e decoração^{126,159,130,136,193,132}, aqui pouco usada. Foi exportada (“pau-de-cores”) para corante^{152,198}, a maclurina, solúvel em água¹⁸⁷.

Uso medicinal: seiva contra dor de dente (estoura-o, aliviando a pressão, como a broca). É cicatrizante^{19,45} e contra dor de cabeça¹⁹. Chá da casca contra reumatismo e antiinflamatório para dente extraído⁹⁵.

Cultivo: Fácil, por semente, ou por estaca¹⁹³. Separar semente em água; germina em 15 dias; crescimento moderado¹³².

Ecologia: Prefere local úmido e ao sol¹⁹³. Rebrotar após corte, até de raiz (gemífera).

Ocorrência: freqüente, matas semidecíduas, solos férteis, mais nos argilosos do que em arenosos; também na morraria. Cit. ant.^{95,186,179,53,174,2b,96,18}.

Distribuição: ampla dispersão neotropical^{197,58,136}, México à Argentina^{179,130}, da caatinga¹⁸⁶ e de mata ciliar¹⁵⁵, clareiras, capoeiras e matas secundárias^{65,193,130}, solos ricos em cálcio¹⁹³.

Myrtaceae

Campomanesia eugenioides (Camb.) Legr.

AP 5248, id. J.R. de Mattos.

Etimologia: homenagem ao naturalista explorador espanhol Campomanes^{123,12}; eugenioides=semelhante a *Eugenia*, gênero da “pitanga”.

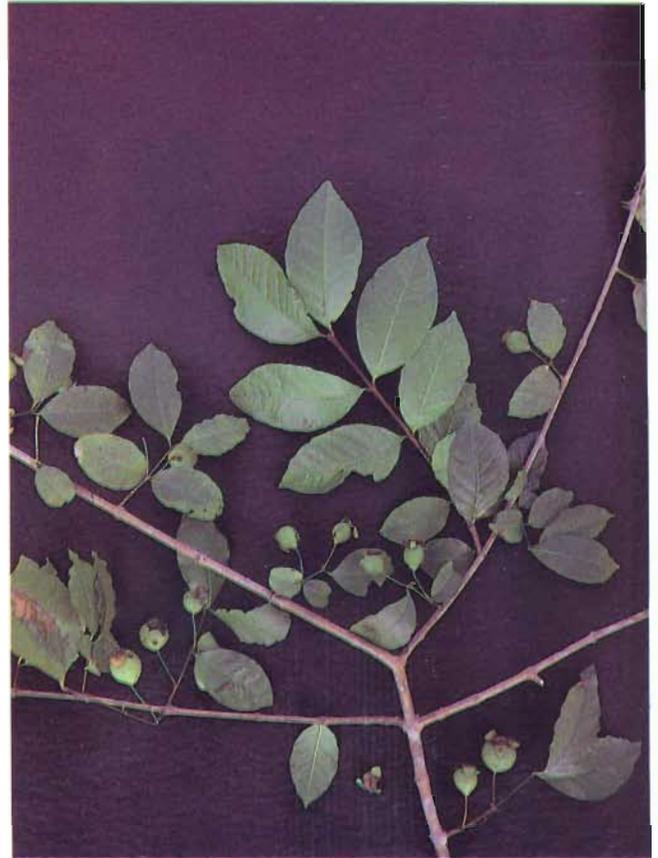
Arbusto a arvoreta, muitas vezes ramificada na base, 2-4 m alt., casca lisa, fruto nov-fev. Há 2 variedades, esta sendo a var. *eugenioides*, pela descrição¹²¹.

Utilização: Frutífera¹⁶⁹, comestível e alimento de aves e peixes. Folha é um pouco comida pelo gado.

Ecologia: Sensível ao fogo.

Ocorrência: freqüente a abundante, borda interna de mata ciliar de rios e corixos, solos argilosos ou siltosos, principalmente Abobral e Poconé. Cit. ant.¹⁶⁹.

Distribuição: SP, PR e SC¹²³, as 2 variedades de PE a SC, a var. *eugenioides* de GO a SC¹²¹.



Myrtaceae

Campomanesia sessiliflora (Berg) Mattos var. *bullata* (= *C. bullata*)

AP 5689, id. J.R. de Mattos.

Etimologia: gênero idem; sessiliflora=flor séssil, sem pedúnculo; bullata=folha com nervuras profundas.

Arbusto 1,5-3,0 m alt., caule com casca que se desprende como papel; flor out-dez, fruto dez-mar.

Utilização: É do gênero da “guavira” e “guabiroba”, portanto tem fruto comestível e que é comido por aves, dispersoras, e por peixes. Parece muito pouco pastada. É de uma família de valor apícola. Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta com desmatamento, rebrota após corte ou fogo.

Ocorrência: esparsa, cerradão, borda de mata, solos arenosos. Cit. ant.^{61,169}.

Distribuição: campo cerrado, MS, PR (oeste) e Paraguai¹²¹.

Outras spp.: *C. adamantium*^{61,62}, *C. aromatica* (“guavira”, cerrado).





Myrtaceae


Eugenia aurata Berg
"CABELUDINHO"

AP 4379, id. M. Sobral.

Etimologia: homenagem ao príncipe Eugênio de Sabóia¹²; aurata=cor dourada (flor ao secar)¹⁹⁹.

Árvore 2-5 m alt., casca grossa sulcada; flor jun-dez, fruto jul-nov (sem observação de fruto dez-jan).

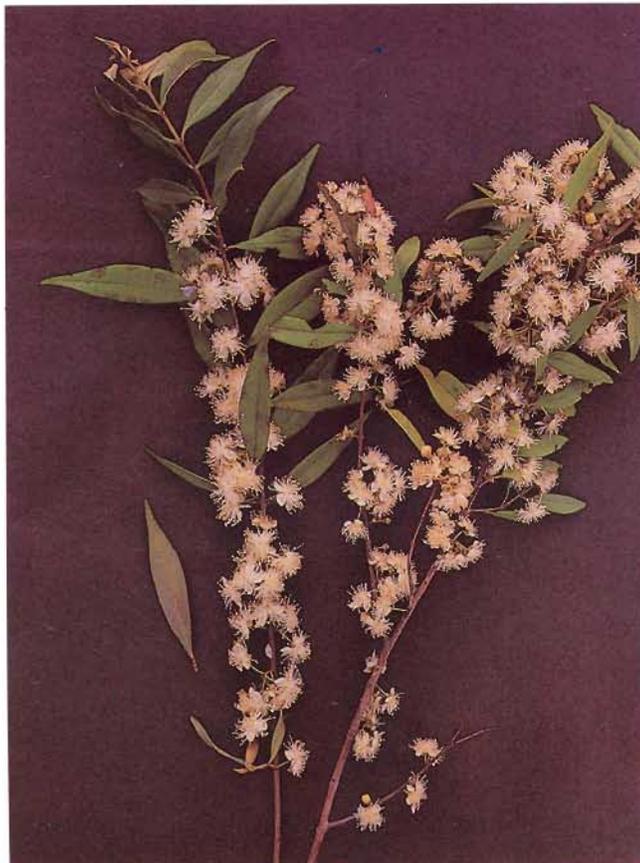
Utilização: Forageira de aceitação mediana por bovino, com razoável teor de proteína (12% PB) para vacas, sendo que o de cálcio e fósforo é médio para arbustos¹⁷¹. Tem óleo na folha, que pode ser inibidor de flora ruminal.

Apícola. Fruto comestível, adstringente, alimento de aves, dispersoras. Contém corante¹⁹⁵. Serve para lenha.

Ecologia: Rebrotar após corte. Tolerar fogo.

Ocorrência: abundante, borda de cordilheira e caapões de cerrado, solos arenosos. Cit. ant.¹⁶⁹.

Distribuição: flora do Cerrado¹⁹⁶, SP e MG⁴⁵, Bolívia¹¹⁴.



Myrtaceae


Eugenia biflora (L.) DC.

AP 6510, id. C. Proença.

Etimologia: gênero idem; biflora=com 2 flores, ou em pares.

Arbusto 1-2 m alt., formando moita; flor set-out.

Utilização: Ornamental. Flor muito perfumada. Apícola. Fruto comido e disseminado por aves.

Ecologia: Rebrotar após fogo.

Ocorrência: grupos esparsos, em caapão de cerrado, no leste de Paiaguás e Nhecolândia, solos arenosos.

Distribuição: ocorre na Bolívia, em região de savana inundável semelhante ao Pantanal^{97,114}.

Myrtaceae

Eugenia egensis DC.

AP 4927, id. M. Sobral.

Etimologia: gênero idem; egensis=pobre (fruto pequeno).

Arbusto a arvoreta 0,8-5,0 m alt., tronco de casca lisa escura, flor abr-nov, fruto mai-dez.

Utilização: Fruto comestível, embora pequeno, sendo alimento de aves, dispersoras. Apícola.

Ecologia: Sensível ao fogo.

Ocorrência: abundante, caapões, vegetação ciliar inundável e piuvál, próximos aos rios ou de inundação fluvial, solos argilosos ou siltosos. Cit. ant.^{169,18}.



Myrtaceae

Eugenia florida DC.

“JAMELÃO-DO-CAMPO”

AP 3541, id. M. Sobral.

Etimologia: gênero idem; florida=com muitas flores.

Arvoreta 2-6 m alt, casca lisa, flor jul-out, fruto nov-jan.

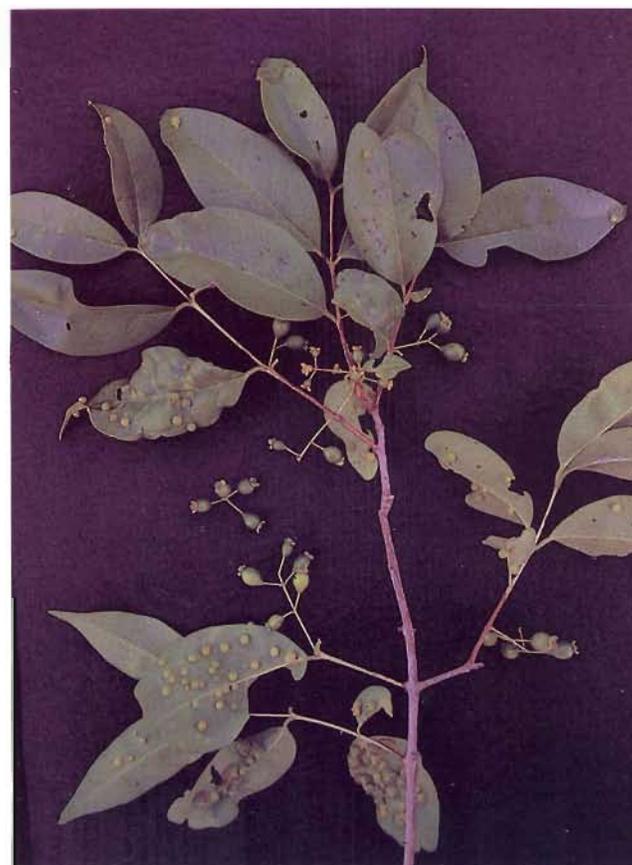
Utilização: Fruto comestível, bem maduro, senão é adstringente, mas difícil de achar porque é muito comido por aves, que são as dispersoras, também por peixes. Apícola. Serve para lenha¹²².

O verdadeiro jamelão ou jambolão (*Eugenia jambolana*), asiático, às vezes é cultivado em sede de fazendas.

Ecologia: Sensível ao fogo.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar, caapão de vazante, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{61,169,62}.

Distribuição: mata ciliar, vale amazônico, Bolívia, Colômbia, Guianas^{122,114,155}.





Myrtaceae



Eugenia inundata DC.

AP 5311, id. H.F. Leitão Filho.

Etimologia: gênero idem; inundata=inundada.

Arbusto 1,5-3,0 m alt., fruto nov-dez.

Utilização: Fruto comestível, mesmo pequeno; alimento de aves, que espalham a semente.

Potencial ornamental e pode ser incluída em recomposição de mata ciliar inundável.

Cultivo: Propagação por semente.

Ocorrência: freqüente, tende a formar agrupamentos, sob árvores em campos inundáveis ou em mata ciliar, solos argilosos; pouco freqüente em arenosos. Cit. ant.⁵³.

Distribuição: Amazônia, floresta inundável¹⁰⁸.



Myrtaceae



Eugenia pitanga (Berg) Nied.

“PITANGA”, “pitanguinha”, “pitangueira”

AP 3826, id. M. Sobral.

Etimologia: gênero idem; pitanga=vermelho^{140,19} (fruto), ou piter=beber + anga=cheiro⁸².

Arbusto 0,3-2,5 m alt., perenifólio, com raiz gemífera, forma moitas, flor ago-nov, fruto out-dez.

Utilização: Fruto comestível e alimento de aves, que a disseminam. Rico em ferro, cálcio e fósforo²⁴⁵. Serve para compota, geléia, xarope, sorvete^{4,45,5,245} e suco, já industrializado. Cultivada em vários países^{130,210}, também como ornamental, cerca viva na Austrália, onde dá pitanga o ano todo e não a comem. Apícola.

Uso medicinal: folha, contra diarreia. Aromática, balsâmica, vermífuga^{44,52,4}, contra reumatismo^{99,52}, problemas de garganta (gargarejo)^{130,59}, tosse²⁰⁰, problemas respiratórios e esclerose^{35,89}; febre^{44,19,4,52}, contém o alcalóide pitanguina, sucedâneo da quinina⁴⁵, resinas e 0,3% de óleo essencial, com princípios identificados, de ação digestiva e contra gases⁸², e contra bactérias^{2a}. Folha esmagada repele insetos¹⁶⁵. Fruto estomacal e calmante¹⁹.

Cultivo: Há pitangas selecionadas muito doces⁵, propagadas por enxertia²⁴⁵. Semente não deve secar^{192,193}, tem vida curta, germina em 20-50 dias¹³².

Ecologia: Aumenta com desmatamento. Rebrotas após fogo.

Ocorrência: agrupamentos esparsos, antigas áreas de roça, solos arenosos. Cit. ant.^{61,169}.

Distribuição: América tropical⁵⁸, Guianas ao Paraguai, Argentina e Uruguai^{122,5,130}.

Myrtaceae



Eugenia pyriformis Camb.
 “EUCALIPTO-DO-CAMPO”, “eucaliptinho”

AP 4459, id. M. Sobral.

Etimologia: gênero idem; pyriformis=forma de *Pyrus*, pera.

Arbusto 0,3-4,0 m alt., agrupado, perenifólio, flor set-nov, fruto nov-jan. Espécie polimorfa, pode haver árvore de 6-15 m alt., a uvaia ou uvalha do Sul^{159,132,58}; das 3 variedades, a var. *uvalha* tem apenas 1,5 m alt. (seg. P.E. Carvalho, CNPF).

Utilização: Fruto comestível^{46,58,192,193}, ácido, menos sucoso que “pitanga”, produz pouco no Pantanal.

Alimento de aves e mamíferos^{192,193}, dispersores.

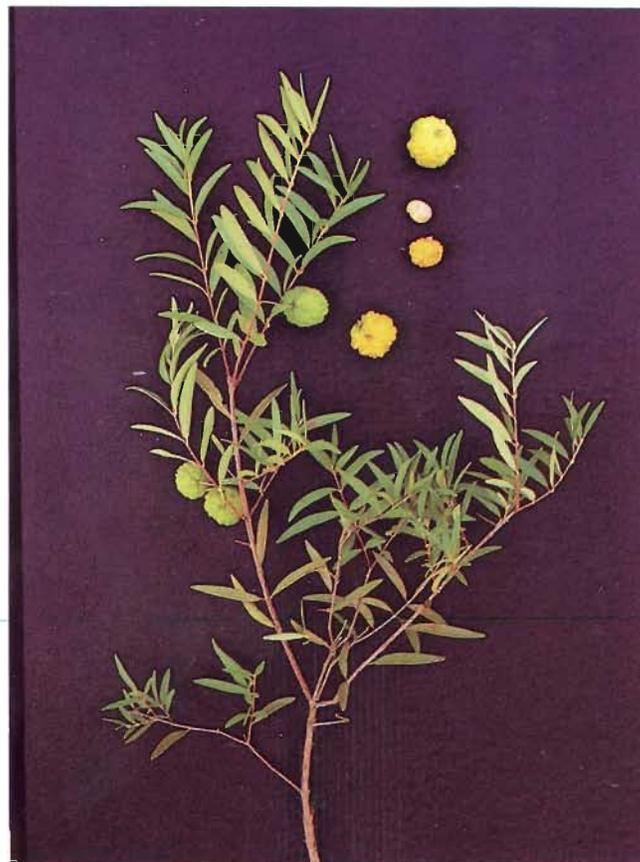
Ornamental.

Madeira dura, serve para moirão^{192,193}, lenha e carvão¹⁵⁹.

Cultivo: É indicada para plantio em beira de rio, ao sol ou à meia sombra^{192,193,132}. Reproduz-se por semente⁵⁸, viável por 2 meses^{192,193}, germina em 1 mês, crescimento lento¹³².

Ocorrência: muito freqüente, mata e cerradão, às vezes no campo, solos arenosos. Cit. ant. 186,61,62,169.

Distribuição: América do Sul tropical¹²².



Myrtaceae



Eugenia tapacumensis Berg
 “CAMBUCÁ”, “língua-de-cachorro”

AP 5634, id. M. Sobral.

Etimologia: gênero idem; não achada para espécie.

Árvore 2-4 m alt., casca lisa esbranquiçada com fendas horizontais (como pele com ruga), flor jul-dez, às vezes março; fruto vermelho escuro a negro, mar-jun.

Utilização: Apícola. O fruto é alimento de aves.

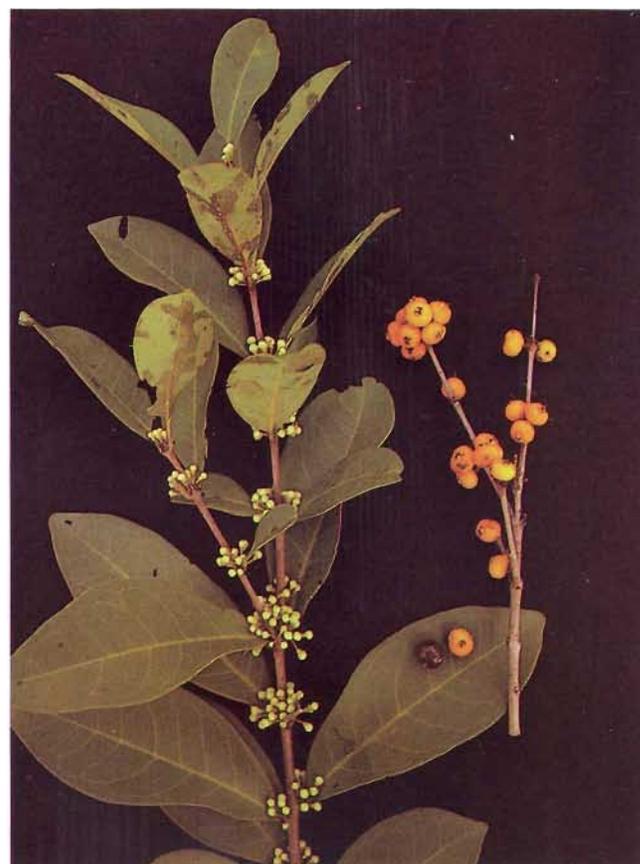
“Cambucá” sugere fruto comestível, pois é o nome de uma fruta cultivada (*Marliera edulis*), da mesma família.

Potencial ornamental. Desconhece-se utilização.

Ecologia: Aumenta com perturbação da vegetação, sendo componente da capoeira.

Ocorrência: freqüente, borda de matas e cerradão, solos arenosos. Cit. ant.¹⁶⁹.

Outras spp.: *E. angustissima* (cerrado), *E. chiquitensis*, *E. cristaensis* (cerrado); *E. chrysantha*^{61,62}, *E. flavescens*⁵³, *E. puniceifolia* (cerrado), *E. racemulosa* (mata ciliar), *E. repanda* (carandazal), *E. subcorymbosa* (cerrado).





Myrtaceae

Gomidesia palustris (DC.) Kausel
(=*Myrcia palustris*)
“BALSEMIM”, “jacarezinho”

AP 5476, id. M. Sobral.

Etimologia: homenagem ao médico brasileiro Gomides, autor de Botânica Médica em 1814¹²; palustris= palustre, do banhado.

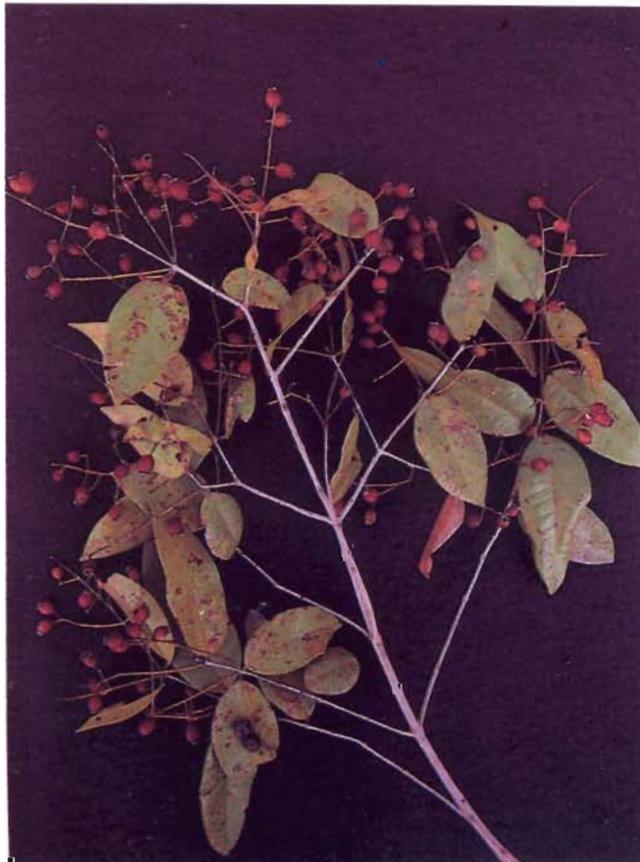
Arvorezinha ereta 1-5 m alt., casca com cortiça grossa sulcada (donde o nome “jacarezinho”); flor ago-dez, fruto dez-mar.

Utilização: Apícola. Pouco forrageira. Fruto preto, comestível, doce. Não é considerado muito bom, mas é comido por aves²¹⁰, que promovem a dispersão. Fornece lenha e pode ser usado em ornamentação: propaga-se por semente²¹⁰.

Ecologia: Tolerante queimada.

Ocorrência: freqüente a abundante, caronal, caapões de cerrado, borda de cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186}.

Distribuição: de MG a SC (restinga do Litoral e caapões do planalto) e RS, Uruguai, Argentina e Paraguai²¹⁰.



Myrtaceae

Myrcia cf. fallax (Rich.) DC.

AP 4925, id. C. Proença.

Etimologia: Myrcia=murta (nome antigo); fallax=enganador¹⁹⁹.

Arbusto 1,5-3,0 m alt., ramificado na base, flor mar-set, fruto abr-nov.

Utilização: Fruto comestível, embora adstringente e pequeno; alimento de aves dispersoras e de peixes.

Ecologia: Tende a ser beneficiada com o raleamento da mata ciliar e de trepadeiras que a abafam.

Ocorrência: freqüente, vegetação ciliar alagável, caapões de campos inundáveis por rio, solos argilosos ou siltosos.

Distribuição: amazônica; também ocorre em alagados do Peru¹¹³.

Myrtaceae

Myrcia tomentosa (Aubl.) DC. "JABOTICABA-BRAVA"

6548. id. C. Proença.

Etimologia: gênero idem; tomentosa=pilosa.

Árvore quase reta, 5-10 m alt., casca lisa cor de chumbo ou caqui, flor set-out, fruto nov-dez.

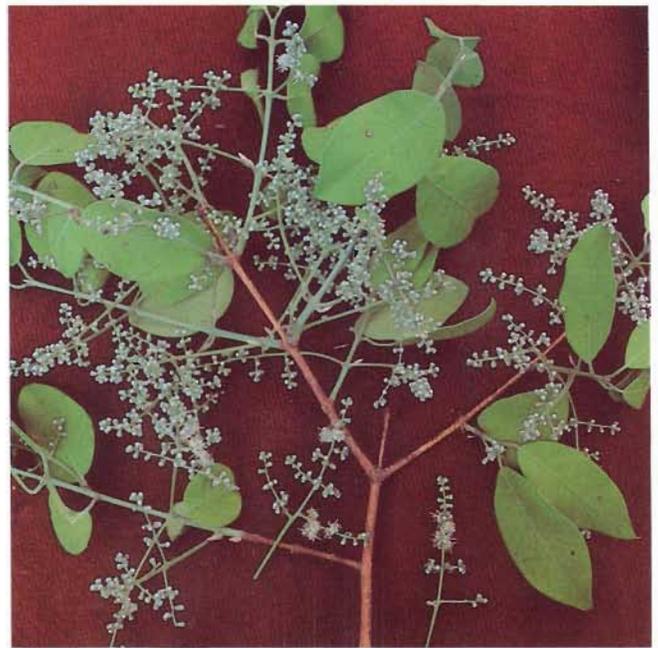
Utilização: Apícola. Flor tem odor de jasmim. Fruto é alimento de aves, dispersoras. Madeira dura.

Ecologia: Apesar de ter casca lisa, é de um ambiente sujeito a queimadas, mas rápidas.

Ocorrência: freqüente em cerrado no leste das sub-regiões de Paiaguás e Nhecolândia, solos arenosos.

Distribuição: cerrado¹⁰¹.

Outras spp.: *M. amazonica*¹⁷⁹, *M. citrifolia*^{61,62}.



Myrtaceae

Psidium guineense Sw. "ARAÇÁ"

AP 3597, id. M. Sobral.

Etimologia: Psidium=morder (fruto) ou nome grego da planta¹²; guineense=de Guiné, mas nome dado por pengano^{123,34}; araçá=ara=céu + aza=olho, em guarani⁵⁷, ou fruta com olhos¹⁷.

Arbusto 1-4 m alt. É muito semelhante à goiabeira¹²³. Flor jun-dez, fruto no verão chuvoso. Pode apresentar fruto o ano todo e perder quase todas folhas na seca¹⁴⁵. Tem galha causada por vespinha¹⁴⁴.

Utilização: Fruto comestível, também comido por aves (dispersoras) e peixes. Tem consistência dura mesmo maduro²⁴⁵, o que favorece o transporte. É vendido em feira na Amazônia³⁴. Serve para geléia, suco, doces, sorvete, licor^{245,34,144}.

Madeira usada para carajá (peça da sela). Forte, serve para cabos, vigas e engradados⁹⁹.

Apícola. Algo forrageira. Casca tem tanino, para couros finos⁴¹. Broto produz corante^{99,144}.

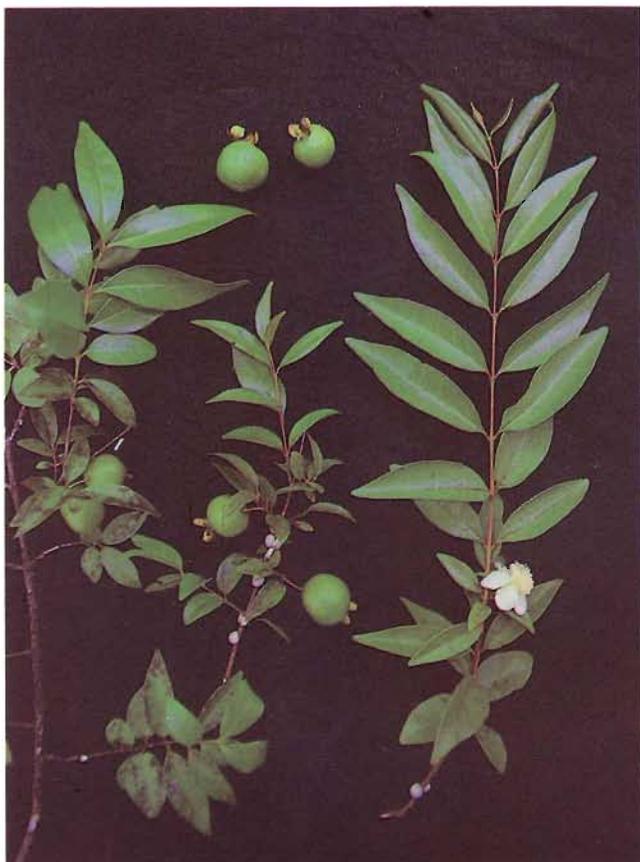
Uso medicinal: broto (tanino) contra diarreia. É cicatrizante¹⁰³. Fruto mucilaginoso e adstringente, raiz diurética e contra diarreia^{41,135}.

Cultivo: Cultivada no Brasil e em outros países⁹⁹, por semente, 4 x 5 m, cresce bem em solos fracos e arenosos¹⁴⁴, tendo potencial para os mal drenados.

Ocorrência: freqüente em todas sub-regiões, campos inundáveis, borda de caapão, solos arenosos e argilosos. Cit. ant. ^{174,135,61, 62,169,18}.

Distribuição: do México à Argentina^{34,123}, na mata ciliar do Chaco¹⁸² e na praia¹⁷⁸.





Myrtaceae

Psidium kennedyanum Morong
“ARAÇÁ-BRAVO”, “araçazinho”

AP 3177, id. M. Sobral.

Etimologia: gênero idem; homenagem a Kennedy.

Arbusto a arvoreta 1,5-5,0 m alt., tortuosa, casca lisa; flor observada somente em abr, mas deve haver em outros meses; fruto jan-ago.

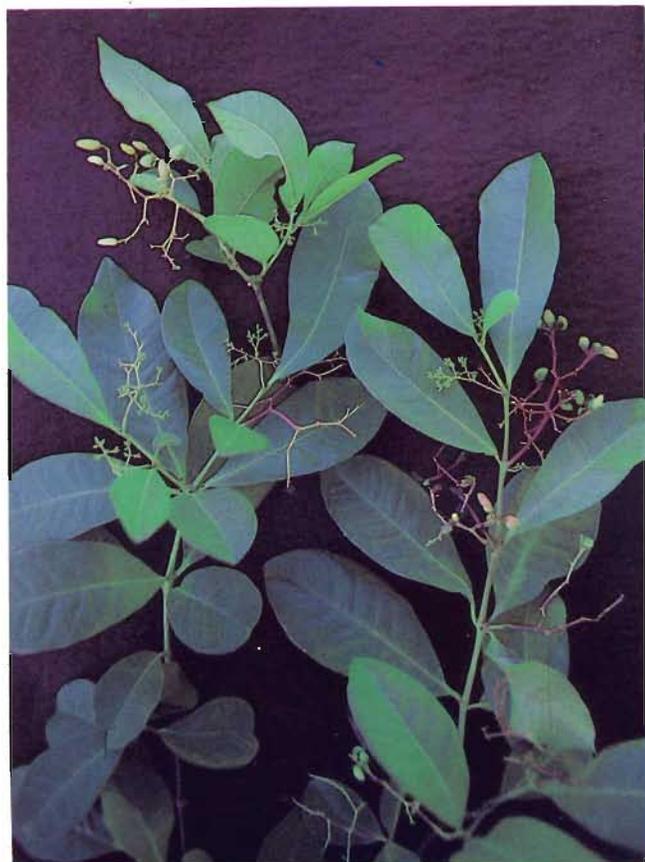
Utilização: Fruto comestível, ácido, semelhante ao “araçá” comum. Alimento de aves, dispersoras.

Ecologia: Sensível a fogo.

Ocorrência: esparsa, mata ciliar, paratidal, solos argilosos, sub-regiões de Miranda e Nabileque.

Distribuição: mata de galeria de Chaco oriental, Argentina e Paraguai¹⁸².

Outras spp.: *P. acutangulum*¹⁷⁹, *P. australe* (“araçá”, cerrado), *P. guajava* (goiabeira, ruderal), *P. nigrum*, *P. nutans* (“araçá-do-mato”), *P. sartorianum*; *P. striatulum*^{61,62}.



Nyctaginaceae

Neea hermaphrodita S. Moore
“PAU-DE-SAL”(Poconé)

VJP 579, id. conf. A.M. Radovancich.

Etimologia: homenagem ao francês Neè¹¹; hermafrodita=Hermes e Afrodite, deus e deusa gregos, alusão aos dois sexos.

Arvoreta 2-4 m alt., flor out-dez e um pouco em outros meses. Folha escurece no herbário, típico da família.

Utilização: Apícola (pouco). Algo forrageira. Potencial ornamental.

Ecologia: Sensível ao fogo.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar, borda de caapão e de mata, à meia sombra, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{151,53}.

Distribuição: Bolívia¹¹⁴, MS, MT.

Outra sp.: *N. mollis*⁹⁶.

Nyctaginaceae

Pisonia zapallo Gris. "CARRAPICHO"

AP 4919

Etimologia: homenagem ao médico Piso, que viajou com Marcgraf ao Brasil⁵⁸; zapallo=nome na Argentina; carrapicho=de carrapito, chifre de cabrito⁷⁴.

Árvore 6-12 m alt., atingindo 18 m alt. e 1 m diâm. em Poconé; espinhenta; casca cinzenta quase lisa; caducifolia, fruto out-nov., aderente, disperso por aves. É o "carrapicho" carregado por filhote de ema da foto de Sucksdorff²³³. Outros "carrapichos" na região são ervas (*Achyranthes aspera*, *Cenchrus ciliaris*) ou arbustos (*Triunfetta* spp.).

Utilização: Madeira esbranquiçada, leve (dens. 0,41), macia, fraca, porosa^{108, 130}, pouco durável em uso externo, tem sílica que dificulta serrar¹²⁶, serve para caixas^{126,130,76}, violino do povo Maskoy¹³⁰, sela e lenha^{108,148}. Rebrotar após corte.

Uso medicinal: chá da madeira para problemas de pele.

Ocorrência: esparsa, restrita, mata semidecídua (Poconé) e matinha de chaco (Nabileque). Cit. ant.^{53,175}.

Distribuição: Chaco, caapões em carandazal, Paraguai, Argentina^{108,130} e Bolívia¹¹⁴.



Ochnaceae

Ouratea cf. hexasperma (St. Hil.) Bth. "CURTE-SECO"

AP 3432, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Ouratea=de oura-ara, nome popular na Guiana¹¹; hexasperma=6 sementes.

Árvore 3-5 m alt., casca com cortiça clara (resiste fogo). Rebrotar após corte, com folhas novas avermelhadas. São freqüentes inflorescências deformadas (teratológica ou "vassoura-de-bruxa").

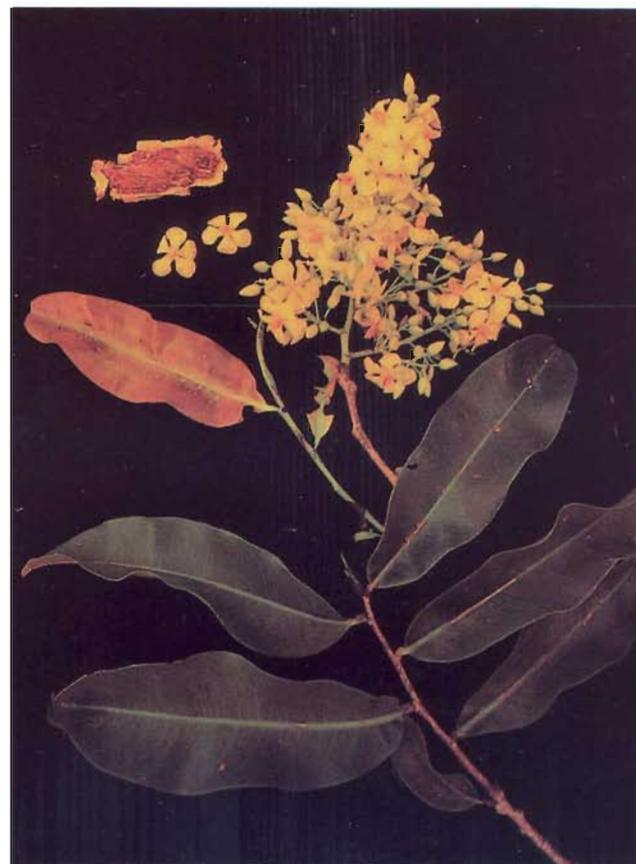
Utilização: Forrageira bem aceita pelo bovino, acesso pequeno. Teores de minerais (0,28% cálcio, 0,11% fósforo) e de proteína (9% PB) suficientes para vacas, mas abaixo da média de arbustos¹⁷¹ (referida como *O. cf. cuspidata*).

Tem tanino, curte sem água, daí o nome comum. Casca para feridas^{208,103}, pois tanino cicatriza ("curte"). Folha: chá para úlcera estomacal, adstringente, tônica¹⁰³. Há espécies que dão óleo comestível^{152,65}. Potencial ornamental. Apícola.

Ocorrência: freqüente, caapões de cerrado e cerradão fraco, solos arenosos. Cit. ant.¹⁸⁶.

Distribuição: MG, GO, PI, CE⁴⁵.

Outra sp.: *O. castaneifolia* (mata ciliar).





Ochnaceae



Sauvagesia erecta L.

AP 3706, id. conf. A. Schinini.

Etimologia: Sauvagesia=homenagem ao francês Savage¹¹; erecta=ereta.

Erva 10-20 cm alt., perene, mas parte aérea geralmente é anual devido à cheia. Flor em grande parte do ano.

Utilização: Ornamental⁴².

Amargo-aromática e mucilaginoso, tida como remédio contra moléstias dos olhos e pulmões, febre, sangue na urina^{103,42}, diurética^{177,9}, problemas digestivos^{42,103,124}, antiinflamatória^{42,124}. Apesar de tão medicinal, desconhece-se o uso na região.

Ecologia: Aumenta em anos de cheia.

Ocorrência: muito freqüente, campos alagáveis, da borda da "baía" à da cordilheira, solos arenosos. Cit. ant.^{105,61,62}.

Distribuição: América tropical e África⁴², Amazônia¹⁷⁷, Nordeste¹³⁴, areia úmida em cerrado⁶⁷.



Oleaceae



Dulacia egleri (Rangel) Sleumer

(=*Liriosma egleri* Rangel)¹⁴

"PAU-DE-RATO", "fruta-de-urubu", "pau-de-alho"

AP 4457, id. conf. A. Schinini.

Etimologia: não encontrada.

Arbusto a arvoreta, 1-4 m alt., folha com forte odor de cebola podre, donde vem o nome comum, mas a flor (out-dez) é perfumada e apícola, em grande quantidade; fruto dez-jan.

Utilização: Deve ter potencial para repelente ou outro princípio útil como defensivo, pois não se nota dano de inseto. Portanto, pode ter sucesso como ornamental, não é planta não danificada por praga. Não é pastada.

Ocorrência: freqüente, em interior de caapões do Abobral, mata de "salina", pimenteiral, mata ciliar, e borda de mata e cerradão, solos arenosos e argilosos. Cit. ant.: como *D. candida*^{61,62,18}.

Distribuição: ocorre na mata alagável do Araguaia¹⁸⁵.

Outra oleácea: *Aptandra liriosmoides*⁵³.

Olacaceae

Ximenia americana L. var. *americana* “LIMÃO-BRAVO”, “limãozinho”

AP 1456, id. J.A. Ratter

Etimologia: homenagem a Ximenes; americana=da América.

Arbusto a árvore, 2-5 m alt., com espinhos (mais salientes em planta a pleno sol, com menos folhagem), lembra o limoeiro, donde o nome vulgar. Flor com pétalas pilosas, ago-out, muito perfumada; fruto (drupa) out-dez. Carozo flutua, tem tecido com ar, para germinação na água¹¹⁷.

Utilização: Fruto comestível, ácido, sabor lembra ameixa. Consumido na Argentina¹⁸², adstringente⁶⁵. É comido por animais, dispersores. Pétalas e sementes também são comestíveis²⁴, estas têm 65% de óleo alimentício, usado por nativos africanos no cabelo⁴¹, e é purgativo^{19,114}. Há ácido cianídrico na noz^{117,114}, tóxico, como na de pêssego e ameixa.

Madeira leve, elástica, rósea¹⁹, dura, odorosa, substituta do sândalo, mas de pouco volume^{117,148,114}, boa para cabos de ferramenta¹⁹.

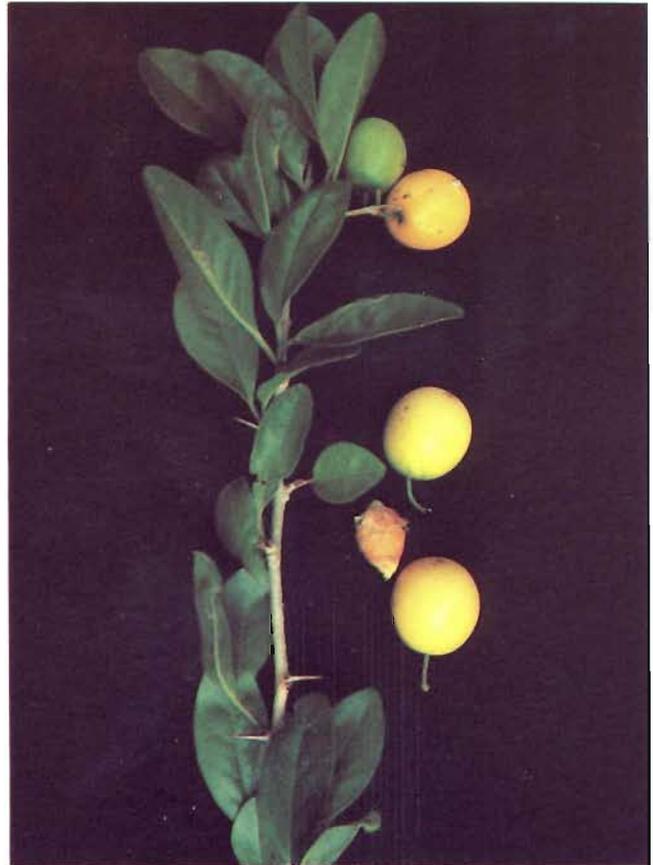
Casca com tanino e resina, índios do Chaco usam-na contra doença venérea²⁴, sendo depurativa e purgativa¹⁰³; adstringente, contra menstruação excessiva e como cicatrizante (em pó)¹⁹. Folha e casca contra fogo selvagem²³⁸ e para lavar feridas⁵².

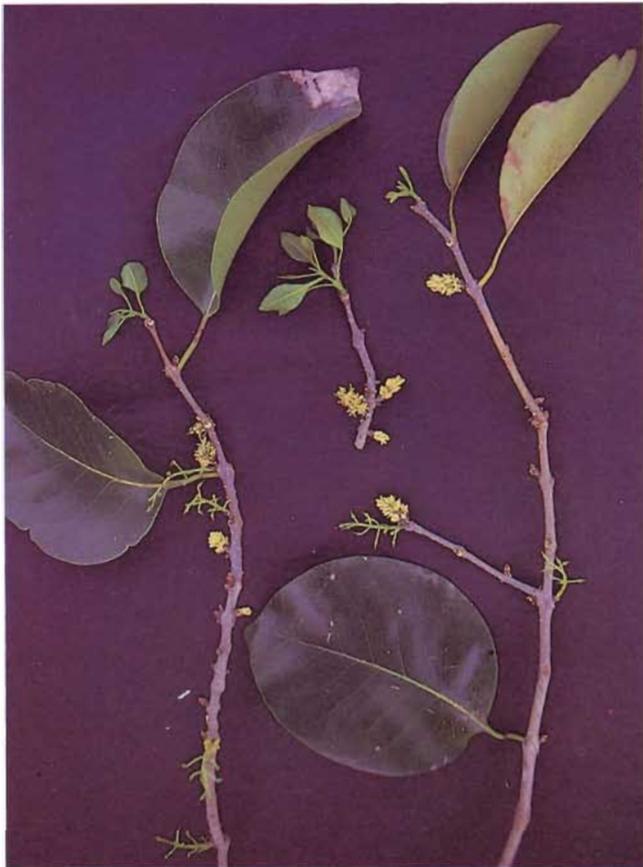
Tóxica ao gado, tem glicosídeos cianogênicos na brotação²⁴, mas consumo é pequeno.

Ecologia: Rebrotar após corte ou fogo.

Ocorrência: esparsa, caronal, borda de caapões e cordilheiras, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.¹⁷⁴.

Distribuição: politropical (Brasil e África)¹⁹⁷ ou cosmopolita tropical¹⁹, com ampla dispersão na América tropical²⁶.





Oleaceae

Binociera hassleriana (Chod.) Hassl.

“PAU-DE-VIDRO”, “pau-de-sal”, “osso-de-burro”

AP 3201, id. J.A. Ratter.

Etimologia: homenagem ao médico Linocier¹³ e ao botânico suíço Hassler, que achou a espécie (no Paraguai). **Árvore** 5-15 m alt., madeira cortada fica lisa “como vidro”, donde o nome comum. Flor ago-set., fruto nas chuvas.

Utilização: Fruto comido por morcegos, prováveis disseminadores.

Madeira dura, boa para móveis e carvão³⁹, mas aqui não é usada.

Algo forrageira, de acesso reduzido. Apícola. É de um gênero com casca medicinal e cultivada como ornamental¹¹⁴.

Ocorrência: freqüente, em matas da Nhecolândia, Poconé e Nabileque, em solos ricos em cálcio, arenosos ou argilosos; às vezes na transição caronal-cerradão, então de baixo porte. Cit. ant.^{174,186,53,61,62,18}.

Distribuição: Argentina⁵⁷, Paraguai¹⁸⁶ e Bolívia¹¹⁴. A família é de clima mais frio, como a oliveira (*Olea*, que dá o nome à família).



Opiliaceae

Agonandra brasiliensis Miers

“TINGE-CUIA”, “quinze-cuia”

AP 4476

Etimologia: Agonandra=machos unidos (estames); brasiliensis=do Brasil.

Árvore ereta, 8-15 m alt., cortiça grossa com largos sulcos verticais. Folhas e ramos novos pêndulos. Flor ago-out, fruto out-dez.

Utilização: Madeira pesada (dens. 0,88)¹⁹, amarelada, para marcenaria, tornearia, taco, decoração^{45,152,198,4} armação de sela e de roda¹⁴⁸, lenha e carvão³⁹, aqui usada para moirão. Produz boa cortiça, de até 4 mm espessura^{152,198}. Semente oleaginosa, comestível^{45,4}; tem 53% de óleo que não congela, nem a -20°C⁽⁴⁾. A polpa é doce, saborosa, comida por animais^{65,45}, dispersores. Raiz amarga, serve para colorir cerveja, por isto também chamada de “cerveja-de-nobre”^{198,4}, (ou seria “de pobre”?), mas que talvez pudesse substituir o lúpulo importado.

Folha medicinal, em banho, contra reumatismo^{19,45,9}.

Ecologia: Sobrevive à queimada.

Ocorrência: freqüente em matas e cerradão, solos ricos em cálcio. Cit. ant.^{174,186,39,61,62}.

Distribuição: cerradão, mata semidecídua¹⁹⁷ e tabuleiros⁶⁵, do PA, MA, CE, PI, GO, MG, SP e MT⁴⁵, freqüente no cerrado de MS¹⁹⁷.

Orchidaceae

Catasetum fimbriatum (Morren) Lindl.

(=*C. saccatum*)

“SUMBARÉ”, “parasita”

AP 4622, id. conf. F. Barros

Etimologia: cata=abaixo + setum=cerda (apêndices da coluna)⁵⁸; fimbriatum=fimbriado, franjado¹⁹⁹; sumbaré=do tupiumaré⁷⁴.

Epífita, perde a folha na seca; unissexuada; a flor masculina é a com “barba” e a feminina é a arredondada; flor jan-mai, dura muitos dias se a mamangava não carregar a polínia (massa de pólen), lançada sobre seu dorso como por catapulta, pois murcha depois da visita do inseto.

Utilização: Ornamental; há variedades, inclusive uma com flor masculina e flor feminina na mesma planta¹⁰⁵.

Uso local como cola, do pseudobulbo. A cola é forte, serve para sapato²³³. Forrageira, onde o gado alcançar.

Ecologia: Morre em incêndio, mas sobrevive ao fogo rápido, morrendo apenas as folhas, pois as gemas ficam protegidas na base dos bulbos aquosos e entre raízes esponjosas, portanto, indicador de intensidade da queimada.

Ocorrência: muito freqüente, especialmente sobre “carandá”, às vezes sobre “acuri” e “bocaiúva”, raramente em outras árvores (“pimenteira”). Cit. ant.^{105,2,233,174,18}.

Distribuição: PA, MT⁴², Norte e Nordeste do Brasil, Bolívia⁹⁰ e Paraguai.

Outra sp.: *C. barbatum*¹⁰⁵.



Orchidaceae

Cattleya nobilior Rchb. f.

“PARASITA”

AP 6515

Etimologia: homenagem a Cattley; nobilior=nobre, flor muito perfumada¹⁹⁹; parasita=palavra muito errada para orquídea, pois é epífita (epi=sobre + fita=planta), isto é, ela apenas vive sobre a casca da árvore, nada suga dela, tanto que se pode cultivá-la em xaxim ou outro substrato inerte.

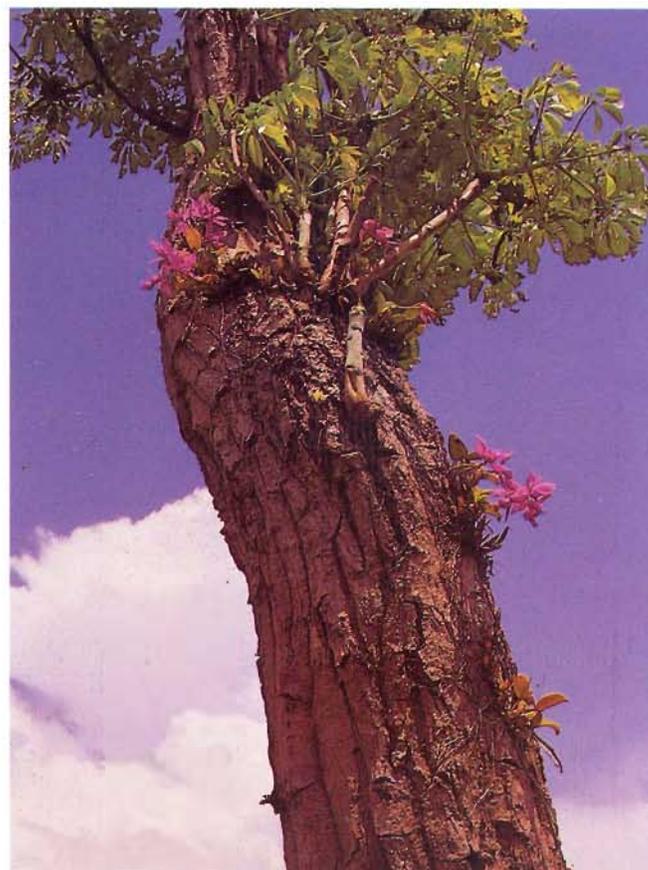
Epífita 10-20 cm alt.; cresce sobre tronco vertical; flor set-nov.

Utilização: Muito ornamental^{42,206}, proposta como flor-símbolo do MT²³³. Às vezes transplantada para árvores do pomar em fazendas.

Ecologia: Aumenta com raleamento da vegetação, devido ao aumento de luz; diminui ou desaparece com desmatamento.

Ocorrência: somente em mata ciliar com “buriti” e mata ou cerradão próximos, perto da serra, no leste. Cit. ant.²³³.

Distribuição: ocorre em MT²³³ e DF⁸⁰.



Orchidaceae



Cyrtopodium virescens Reich. et Warm.

AP 3442, id. L.B. Bianchetti.

Etimologia: *Cyrtopodium*=pé curvo (forma do labelo da flor)⁵⁸, *virescens*=esverdeado (flor).

Erva terrestre, 0,4 m alt., escapo florífero de 0,7 m. Flor set-out.

Utilização: Ornamental. Cicatrizante (pseudobulbo)²⁰⁸.

Ecologia: É provável que o gado reduza a população, pois reapareceu na área sem bovinos da fazenda Nhumirim, na Estação Ecológica Nhumirim, CPAP. Pode sobreviver a fogo rápido, perdendo apenas as folhas.

Ocorrência: rara, borda de mata de "salina", solo arenoso. Cit. ant. (só gênero)^{2b}.

Distribuição: cerrado; ocorre em MG²⁴¹.



Orchidaceae



Stenorrhynchus australis Lindl.

AP 3849, id. L.B. Bianchetti.

Etimologia: *Stenorrhynchus*=bico estreito (flor); *australis*=do Sul (para os botânicos europeus antigos, podia ser de GO ou BA para o Sul).

Erva perene, terrestre, rosulada, 0,5 m alt. com escapo floral, flor out-nov.

Utilização: Ornamental. É comida pelo gado.

Ecologia: Rebrotta após fogo. Tende a diminuir em campo sem gado, abafada pelo capim alto.

Ocorrência: ocasional, às vezes vários indivíduos próximos, caronal e campos alagáveis com "lixreira" (*Curatella*), solos arenosos. Cit. ant.¹⁷⁴.

Distribuição: cerrado; ocorre em MG²⁴¹.



Orchidaceae

Stenorrhynchus lanceolatus (Aubl.) Rich.

AP 4454, id. L.B. Bianchetti.

Etimologia: gênero idem; lanceolatus=forma de lança (folha).

Erva perene, terrestre, rosulada, 0,5 m alt. florida, flor out-dez.

Utilização: Ornamental. Forrageira eventual.

Ecologia: A maioria das poucas orquídeas do Pantanal é terrestre. Rebrotam após fogo. Diminuem em campo sem gado, sombreada pelo capim alto

Ocorrência: rara, campo alagável e pântano, solo argiloso.

Distribuição: cerrados¹⁰¹ e provavelmente Guianas, cuja flora foi estudada pelo primeiro autor do nome da espécie, Aublet.

Outras orquídeas: *Campylocentrum* sp.; *Encyclia leucantha*⁶², *Habenaria aricaensis*^{233,96}, *H. orchioalcar*, *Oeocloclados maculatus*.



Orchidaceae

Vanilla palmarum Lindl.

“BAUNILHA-DE-ACURI”

AP 5045

Etimologia: Vanilla=pequena bainha⁵⁸, ou vagem, do latim ao português ficou baunilha; palmarum=da palmeira.

Epífita trepadeira, raiz com disco adesivo. Flor set-abr, fruto no semestre seco, como convém à disseminação pelo vento.

Utilização: Ornamental. Fruto muito aromático, sem a vanilina produzida pela baunilha verdadeira (*V. planifolia*)¹⁹⁸, embora tenha sido afirmado que sim²³³, mas é rico em óleos essenciais, e usado para aromatizar roupa e alimentos⁴¹. Considerado afrodisíaco e febrífugo⁴¹. Comido por macacos e morcegos⁴¹, mas a dispersão de orquídeas é pelo vento. Forrageira eventual, onde o gado alcança.

Ocorrência: abundante, em “acuri”, mais em área mexida (mais luz), e às vezes em “babaçu”. Cit. ant.^{233,174,96,18}.

Distribuição: MT (e MS), BA a SP e MG⁴¹.

Outras spp.: *V. chamissonis*^{61,62}, *V. ensifolia*¹⁵¹.



Oxalidaceae



Oxalis physocalyx Zucc.

AP 4558=Allem 1669, id. G.M. Barroso.

Etimologia: Oxalis=de oxy=vinagre + salis=sal (sabor da folha); physocalyx= cálice como bexiga.

Erva perene, ereta, 0,5-0,8 m alt., flor dez-mar.

Utilização: Forrageira eventual de bovino. Contudo, é de um gênero de tóxicas, com oxalato de potássio, que causa descalcificação²¹⁸. Há espécies medicinais^{41,208}.

Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta em anos secos. Sobrevive à queimada.

Ocorrência: esparsa, caronal, borda de cerradão, caapões de cerrado, pouco ou não alagáveis, solos arenosos.

Distribuição: SP, GO⁴¹, MG²⁴¹, MT²⁰⁹.

Palmae (Arecaceae)

Acrocomia aculeata (Jacq.) Lodd.

(=*A. totai* Mart.)¹¹⁴

“BOCAIÚVA”, “bocaiuveira”

VJP 2408.

Etimologia: Acrocomia=mecha na altura⁵⁸ ou copa em cabeleira¹⁴¹; aculeata=espinhenta; bocaiúva(macaúba): em guarani, mboca=que se quebra estalando + ya=fruta + iba=árvore⁸².

Palmeira 5-20 m alt., espinhosa no caule (acúleo 3-12 cm), folha e espata. Flor set-jan; fruto amadurece em 13-14 meses¹³⁰, cai out-dez.

Utilização: Folha bem aceita por boi e cavalo, “róida” ao redor dos espinhos. Fruto procurado por tatu-peba (seg. Zilca Campos, CPAP), bovino, eqüino, suino, roedores (até rato doméstico), ema, araras, disseminadores. Dá gosto de óleo ao leite⁴². Araras buscam caroço que o gado soltou no curral. Refúgio de morcegos; japuira trança ninho na folha.

Fruto comestível (polpa); cozido com leite, como fortificante; sorvete (Corumbá), farinha (Casa do Artesão, Corumbá). Semente (castanha) comestível, crua ou torrada⁴². Óleo comestível afim ao de oliva, importante indústria no Paraguai, Bolívia e N da Argentina^{130,231}. Produz 15-60 kg frutos/planta, até 23 t/ha⁽¹³⁰⁾. Sábões^{42,16}. Palmito. Caule e raiz contém amido¹⁶². Fibra para chapéu e balaio⁴². No Paraguai usam-se flores de “totali” nas casas no Natal²³¹. Madeira usada para parede, caibro e ripa. Caroço serve de brita em concreto, na planície sem pedra.

Uso medicinal: raiz, diurética. Contra abscessos¹⁶ e doenças respiratórias²³¹. Óleo laxante^{238,16}. Seiva potável e fermentável, febrífuga¹⁶².

Cultivo: Fácil, frutifica aos 6 anos. Semente dura anos, germina a 20 cm prof. Cresce a pleno sol, 0,5 m/ano⁽¹³⁰⁾.

Ocorrência: muito freqüente, partes não alagáveis (exceto por água corrente), solos arenosos ou argilosos, rara em pobres de cálcio no leste; abundante na mórria calcária. Cit. ant. 105,174,1,186,53,39,96,219.

Distribuição: ampla na América do Sul, considerando tudo uma espécie só¹¹⁴, do PA a SP e MS¹³²; ou como *A. totai* apenas Bolívia, Paraguai e Argentina¹⁰⁵, Bacia do Paraguai¹³⁰. Os índios devem tê-la disseminado



Palmae

Allagoptera leucocalyx (Drude) Kuntze “IRIRI”, “oiriri”, “oriri”, “ariri”

AP 4306, id. J.A. Ratter.

Etimologia: leuco=branco + calyx=cálice; ariri=lontra⁵⁷, em guarani (mesma origem de ariranha).

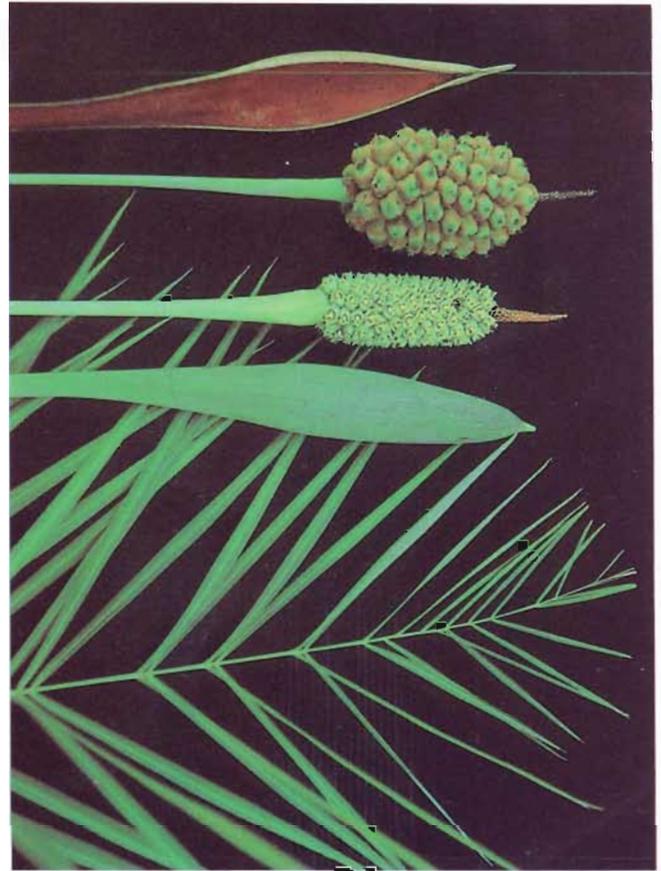
Palmeira sem caule aparente ou pequeno, 0,5-2,0 m alt. Flor fev-ago, fruto em torno de nov-dez.

Utilização: Forageira de mediana aceitação pelo gado, recurso para a cheia ou seca severa. Serve de indicador para avaliar como está o pasto: se “iriri” está muito comido, está faltando capim (seg. Laurindo de Barros, fazenda Ipanema). Usada para vassoura rústica. Parte basal do fruto é macia, comestível (lembra palmito) e contém um pouco de água, com sabor de coco verde. Semente oleaginosa¹⁶. Alimento de roedores. Polpa do fruto é febrífuga⁷⁴.

Ecologia: Tolerante fogo.

Ocorrência: muito freqüente, cerradão ralo e caapões de cerrado, solos arenosos. Cit. ant.^{209,174,179}.

Distribuição: campos e cerrados, PR e MT⁴².



Palmae

Bactris glaucescens Drude “TUCUM”

AP 4513

Etimologia: Bactris=baktrion, bengala em grego; glaucescens=verde azulado (folha); tucum, de ty=líquido (do fruto) + cum= que é alimento²⁰², ou ti-cum, ponta comprida (espinho)¹⁷.

Palmeira 1-4 m alt., em agrupamentos densos, flor mai-dez, fruto dez-mai.

Utilização: Fruto comido por peixes e aves, muito usado como isca de pacu. Fruto neste gênero dá óleo comestível, com carotenos (vitamina A), sabor agradável, mas não se conserva bem¹⁵².

Forageira de emergência. Apícola¹⁵⁵. Fibra longa, excelente¹⁷.

Ecologia: Embora palmeiras geralmente sejam tolerantes a fogo e até aumentem com tal manejo, uma queimada forte mata o “tucum”, porque tem caule fino, podendo rebrotar da base. Fixadora de barranco de rio, retém sedimentos.

Ocorrência: vegetação ciliar alagável, beira de caapão, solos argilosos ou siltosos. Cit. ant.^{202,209,179,1,38,96,219,169,62,18}.

Outra sp.: *B. coccinea*, “tucum-vermelho”²²¹, 8 m alt., margens do Rio Paraguai em MT.





Palmae

Copernicia alba Morong

(=*C. australis*)

“CARANDÁ”, “carandeiro”

AP 1880

Etimologia: homenagem ao astrônomo Copérnico; alba=branca; carandá=de caranday, palmeira da água, em guarani^{108,126} ou caraná, resina balsâmica, em caraíba¹⁴⁰. **Palmeira** de 8-20 m alt. (até 25 m ¹³⁰). Flor jul-nov, fruto fev-mai.

Utilização: Madeira apreciada para cerca (durável na água), construções e curral; tem que ser “maduro” (planta velha).

Forrageira de emergência, pastada quando nova; acesso dificultado pelos espinhos (acúleos) nos pecíolos. Fruto comestível¹³⁰ e alimento (é isca) de peixe (pacu), periquitos e araras, dispersores.

Apícola (pólen). Ornamental. Folha tem cera igual à da carnaúba¹⁵², mas teor menor¹⁹⁸; serve para chapéus, roupas, cestos e cordas ^{130,17}, os índios Kadiweu fazem artesanato; vassoura (inflorescência). Palmito. Raiz diurética²³⁸.

Ecologia: Indica solo alcalino ou salino. Pioneira, tolera fogo, que é violento nas folhas caídas e penduradas, e mata árvores da sucessão, favorecendo o carandazai, a ponto de ser invasora no Nabileque. Na beira do Rio Paraguai tolera 5 m de cheia, mas em lagoa na areia, apenas 0,5 m.

Ocorrência: principalmente nos carandazais do Nabileque. “salinas” da Nhecolândia, pouco em Poconé e Cáceres. Cit. ant.^{102,105,84,1,174,53,186,96,219,18}.

Distribuição: elemento do Chaco¹⁹⁷, sudoeste do Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina¹³⁰.

Palmae

Desmoncus cf. cuyabensis Barb. Rodr.

“URUMBAMBA”, “urubamba”

AP 3550

Etimologia: Desmoncus=com ganchos; cuyabensis=de Cuiabá ou do rio Cuiabá; urubamba=nome tupi⁷⁴, sendo que uru deve ser coisa ruim, referente ao espinho.

Palmeira trepadora, através das brácteas retrorsas que sobem na vegetação como arpões. Fruto fev-mai.

Utilização: Fruto comestível, doce, saboroso, não grudento e nem muito grande para abocanhar como o de outras palmeiras; comido por aves, dispersoras atraídas pela cor vermelho-brilhante, e, caído, por mamíferos. Forrageira eventual, apesar dos espinhos, que são incômodos ao vaqueiro. Ornamental¹⁶. Caule fornece “palha” para cobertura de casas e artesanato¹⁶, como cadeiras^{44,162}, sendo famosas as feitas por artesãos do Mato Grosso.

Ecologia: Rebrotar após cortes. Caule sensível ao fogo, rebrota da base.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar, orla de caapões e cordilheiras, de preferência próximos a vazantes, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{202,105}

Distribuição: MT^{202,44}.

Outra sp.: *D. leptoclonos*^{105,16}.



Palmae

Mauritia vinifera Mart.

“BURITI”

AP 5430

Etimologia: homenagem ao holandês Mauritius de Nassau; vinifera=que dá vinho; buriti=mbiriti (tupi), árvore que dá líquido¹⁹ ou água da palmeira¹⁷.

Palmeira 5-15 m alt., flor jul-set, fruto ago-jan.

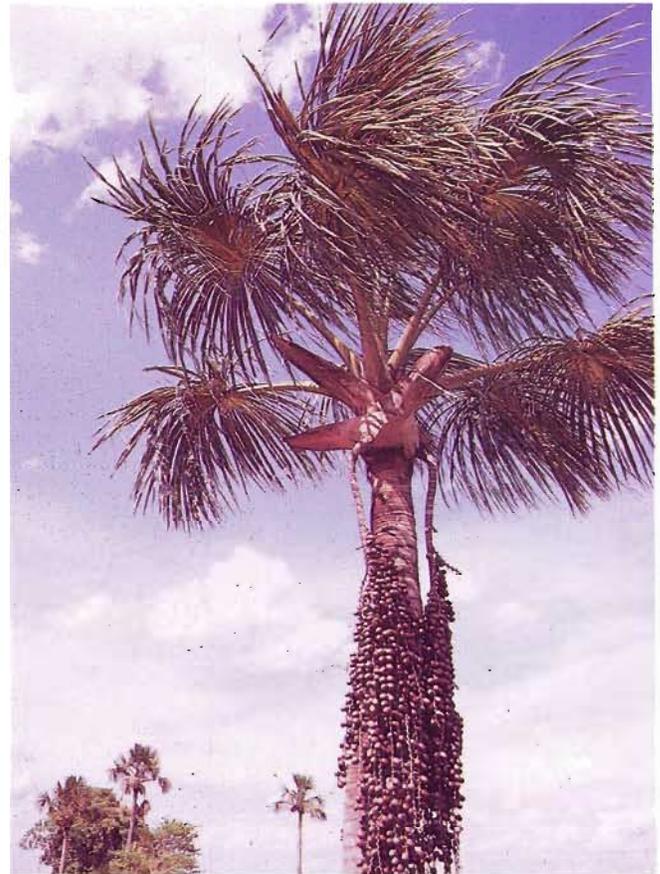
Utilização: “Árvore da vida” de Humboldt, dela tudo se aproveita¹⁹, mas aqui pouco se utiliza. **Fruto** comestível, da polpa é feito um doce apreciado. Fornece **óleos** comestíveis, polpa com 8,5%, vermelho pelo alto teor de carotenos (pré-**vitamina A**)^{152,198}. Tem mais **vit. C** do que limão (CTAA-EMBRAPA). Amêndoa com 48% óleo claro^{152,198}; bom para envernizar e amaciar couro⁴¹. Chá para intestino²³⁸, óleo vermífugo⁵². Dá palmito¹⁹, e a medula do caule contém líquido potável e amido para sagu^{152,34,198,162}. Por cortes no caule e cacho obtém-se líquido com 50% de glicose, que foi usado na guerra do Paraguai¹⁹⁴; fermentado dá vinho^{152,34,198,52}, saboroso e tônico¹⁹.

Ripas, jangada, folha para cobertura e fibras para rede, esteira^{19,16,194} e cordas³⁴, pecíolo dá cortiça para rolha^{152,198} e brinquedos³⁴.

Fruto é alimento de araras e roedores, que o disseminam. Também é levado pela água¹⁴¹. Não se propaga na sombra¹⁹⁷. **Cultivo:** Semente escarificada germina em 1-6 meses¹⁹⁴.

Ocorrência: abundante apenas no leste de Barão de Melgaço e planície dos rios Negro e Taboco, Aquidauana, solos siltosos, crescendo no campo; em mata ciliar apenas bem próximo à serra. Cit. ant.^{102,105,198,16,219,169}.

Distribuição: CE, BA, MG, GO, MT (e MS), áreas úmidas ou veredas dos cerrados, solo ácido^{19,34,198}. A da Amazônia é *M. flexuosa*³⁴.



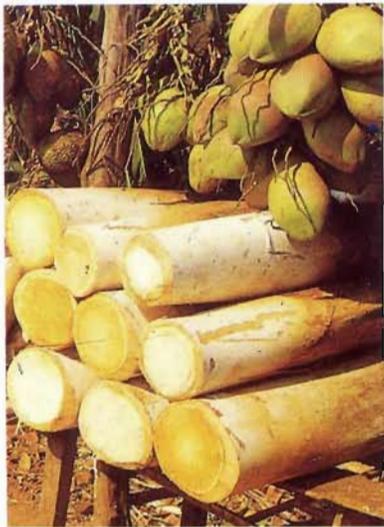
Palmae



Orbignya oleifera Bur.

“AGUAÇU”, “babaçu”

AP 6454



Etimologia: homenagem ao botânico Orbigny; oleifera=que tem óleo; babaçu=uauaçú=fruto grande, em tupi¹⁹⁸, ou fruto ovalado, guarani¹³⁰, de uaa=fruto¹⁹. **Palmeira** 10-22 m alt., folha de 4 m (usada para cobrir construções); fruto caindo no ano todo. É das poucas plantas aqui com musgos no caule, porque a água da chuva retida no topo escorre lentamente caule abaixo; por isto o solo é mais seco e o lençol, mais fundo (seg. O.C. de Souza, CPAP).

Utilização: Semente comestível, que é alimento de araras e roedores. Tem 60-70% de óleo, não rancifica, tem vitamina E; serve para margarina, sabão, detergente, torta (23% proteína) para animal^{152,198}. Óleo industrial¹¹⁵. Leite de coco equivale ao leite humano⁴. Polpa em pó é alimentícia e medicinal (antinflamatório, analgésico, laxante, etc.) (rótulo da IBRAN, Maracanaú, CE), tendo 10% de amido¹⁵², substitui o da mandioca⁴. Palmito é vendido em MT.

Casca (mesocarpo) do coco produz carvão ativado para filtros e coque siderúrgico^{152,198}, aqui usado para churrasco. Folha para chapéu, cesto^{162, 144}, caroço para botão¹⁴⁴.

Ecologia: Resistente a fogo, que às vezes passa e afeta árvores sensíveis, aumentando a dominância da palmeira.

Ocorrência: dominante, babaçual, matas não inundáveis, solos arenosos, em cordilheiras mais altas, associadas a “salinas” e grandes vazantes do centro da Nhecolândia; também em Cáceres e Barão de Melgaço (seg. M.P. Silva, CPAP). Cit. ant.^{102, 105,198,219,169}.

Distribuição: amazônica, havendo 90.000 ha na Nhecolândia¹⁹⁷, afluentes do rio Paraguai em MT¹⁰⁵; MA e PI onde lençol freático raso¹⁰⁸, GO e DF.

Palmae

Scheelea phalerata (Mart.) Bur.

(*Attalea phalerata* Mart.)

“ACURI”, “acurizeiro”, “bacuri”

AP 4427, id. C.N. da Cunha, conf. L.R. Noblik.

Etimologia: homenagem a Scheel; phalerata=com colar, florida¹⁹⁹; acuri=de guacory ou uacory, em guarani⁴³, de yba-cory=fruta apressada¹⁷. “Bacuri” na Amazônia é de outra família.

Palmeira (foto na pág. 52) de 2-12 m alt., inflorescências unissexuadas na mesma planta, jun-out. Fruto verde quase no ano todo, cai no inverno.

Utilização: **Forrageira** muito importante; a planta jovem é bem pastada, mas na adulta as folhas acessíveis estão velhas ou secando. Era ração de cavalo do Exército⁴³. O teor de cálcio (0,22%) na folha é baixo (apesar de crescer em solo bom de cálcio, até indica lugar para roça), enquanto o de outros minerais (0,24% fósforo) e de proteína (12% PB) é médio para arbustos, bom para vacas¹⁷¹; a polpa do fruto tem teor médio de magnésio (0,19%) e cobre (10 ppm), e baixo de outros minerais e proteína (3% PB) para vacas¹⁷¹. **Fruto** é importante alimento de roedores³¹ (p. ex. cotia), gado, porco, caititu, queixada, araras e periquitos, todos dispersores. Já e mutum também o comem⁴³.

Água de coco; fruto e semente **comestíveis**; óleo; **palmito**. **Apícola**, também para abelhas nativas. Folha para cobertura de casas, fibra (chapéus, na Bolívia¹⁶²) e desatolar veículo. Licor do caule¹⁶², fortificante, levemente alcoólico, era apreciado pelos Guatós¹⁸³. Abriga epífitas (*Polypodium decumanum*, *Psilotum nudum*, *Ficus*, *Vanilla*, etc.), abelhas, morcegos e aves. Ornamental⁹⁶.

Uso medicinal: Colírio (água do fruto, que é estéril).

Ocorrência: abundante, muitas vezes em formação densa (acurizal), matas e caapões, menos nas partes arenosas pobres em cálcio do leste. Cit. ant.^{202,105,84,186,174,53,96,219,62,18}.

Distribuição: ampla no MT (e MS)¹⁵¹.



Palmae

Syagrus flexuosa (Mart.) Becc.

“ACUMÃ”, “acuman”

AP 4389, id. J.A Ratter

Etimologia: flexuosa=sinuosa¹⁹⁹; acumã=nome tupi⁷⁴.

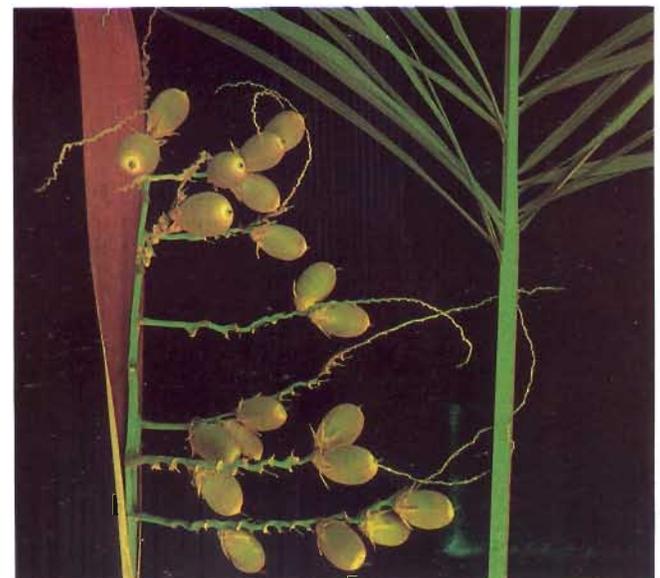
Palmeira de estipe 0,5-1,0 m alt., folhas 2 m compr., porte intermediário entre “acuri” e “iriri”. Flor jul-nov, fruto set-jan.

Utilização: **Fruto** com polpa fibrosa rica em mucilagem doce e óleo-sacarino, comestível¹⁰⁴. Fornece álcool, fibras, óleos comestíveis (polpa e amêndoa)⁴². Fruto comido por porcos, roedores, jaboti.

Folha forrageira. Serve para vassoura⁷⁴. Ornamental, cultivada em vários países⁴².

Ocorrência: freqüente, cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186}.

Distribuição: cerrados¹⁰¹, DF⁸⁰, cerradão da ilha do Bananal¹⁸⁵.





Passifloraceae

Passiflora foetida L. var. *hispida* Kill.

AP 4471, id. conf. A.C. Cervi.

Etimologia: Passiflora=flor da paixão; foetida=fedida; maracujá=fruto de sorver, do guarani mburucaya ou marau-ya¹⁹.

Erva trepadeira pegajosa, mal cheirosa (daí o nome da espécie), flor na maior parte do ano. Há 2 variedades no Pantanal, a outra é *gossypifolia* (id. A.C. Cervi).

Utilização: Fruto comestível, bem maduro¹²⁴; é alimento de aves¹⁶, prováveis dispersores, e serve de isca para peixe. Potencial ornamental. Usada na agricultura como cobertura de colheitas¹²⁴.

Folha tônica, contra gonorréia¹⁹ e calmante¹⁶; uso externo contra erisipela e doenças de pele^{9,52}.

Ecol.: Aumenta em área desmatada.

Ocorrência: esparsa, caronal, caapão, borda de cordilheira, área desmatada, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{151,16, 174,96,135,61}.

Distribuição: pantropical, África, Brasil¹⁹⁷, México¹⁹.



Passifloraceae

Passiflora giberti N. E. Brown

“MARACUJAZINHO”, “maracujá-bravo”, “maracujá-do-mato”

AP 4698. id. A.C. Cervi.

Etimologia: gênero idem; homenagem a Gibert.

Trepadeira 1-3 m alt., flor e fruto quase o ano todo, mais nas chuvas.

Utilização: Fruto comestível, doce, também alimento de aves, que são as dispersoras, o que explica a alta frequência em cercas.

Potencial ornamental. Apícola, flor perfumada.

Uso medicinal: calmante, sumo contra brotoeja e alergia de pele; raiz e flor para problemas de pressão e coração. Várias espécies têm princípios medicinais identificados.

Ecologia: Aumenta com perturbação, sendo comum em capoeira e beira de estrada, principalmente próximo às pontes. Sensível ao fogo, mas reaparece após, por semente, nos claros da vegetação.

Ocorrência: freqüente, em borda de caapões, cordilheiras e mata ciliar, solos arenosos e argilosos. Cit. ant.¹⁶⁹.

Distribuição: MT, MS, Paraguai e Argentina (seg. A.C. Cervi).

Outras spp.: *P. cincinnata* (mata semidecídua), *chrysophylla* (caronal), *P. misera*, *P. suberosa* (morraria); *P. vespertilio*⁹⁶.

Phytolaccaceae



Gallesia integrifolia (Spreng.) Harms

(=*Goesia integrifolia*)
 “PAU-ALHO”, “pau-d’alho”

AP 5073, id. C.N. da Cunha.

Etimologia: homenagem a Gallesio¹¹; integrifolia=folha inteira.

Árvore ereta 5-15 m alt. Fruto out. Folha e casca com forte odor a alho, perceptível na mata sob sol forte.

Utilização: Apícola¹⁵⁵, apesar do cheiro a alho¹⁸⁷. Madeira clara, esponjosa, de difícil acabamento (estrutura laminada), pouco durável, perde o cheiro ao secar, serve para tábuas, sarrafos, caixas e construção rústica^{136,187}, pouco resistente a cupim¹³².

Sudorífica (compressa, banho)⁵⁶, tem uso contra vermes, tumor de próstata, e para rins, contém saponinas¹⁰³, desconhecendo-se uso regional.

Cinza rica em potassa, útil para sabão e adubo¹⁸⁷.

Cultivo: Por semente, germina em 15 dias, crescimento rápido¹³².

Ecologia: Rebrotar quando cai. Muito resistente ao corte, rebrota tanto que se torna invasora na mata secundária¹⁸⁷, mas no Pantanal ocorre em matas originais. É padrão de terra fértil¹³⁶, confirmado aqui.

Ocorrência: matas semidecíduas, mata ciliar não alagável, solos argilosos férteis. Cit. ant.⁵³. Há outro “pau-alho”, *Goldmania paraguensis*.

Distribuição: amazônica¹⁴⁸, mata atlântica da BA ao PR^{65,197,136,132} e semidecídua de GO, MG, MS, SP e PR¹³², Bolívia e Peru^{136,114}, recém aparecida no Paraguai¹⁴⁸.



Phytolaccaceae



Microtea scabrida Urban

AP 5433

Etimologia: Microtea=pequenez (flor)¹¹; scabrida=áspera.

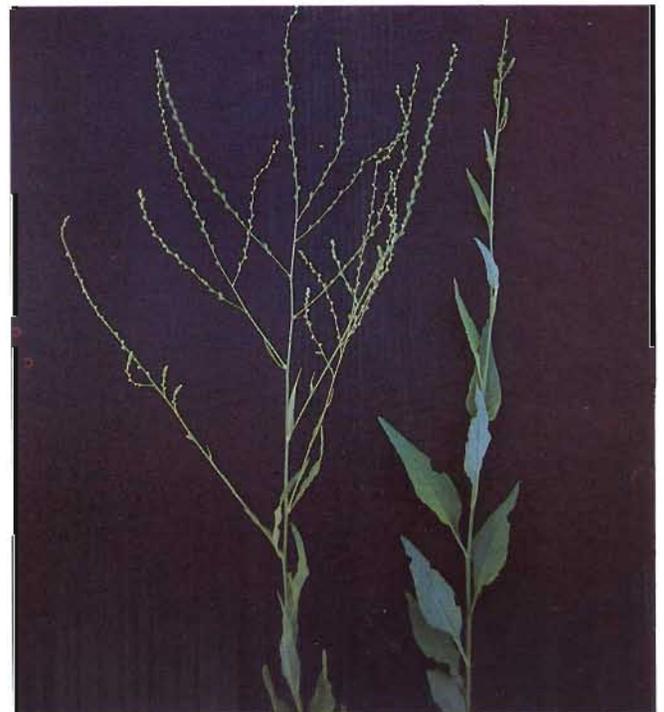
Erva 20-60 cm alt., parece anual; flor set-jan.

Utilização: Desconhece-se utilização. Não parece pastada. É de uma família rica em plantas mal cheirosas, tóxicas e medicinais, não tendo sido encontrada informação sobre esta.

Ecologia: Aumenta em áreas perturbadas.

Ocorrência: freqüente em certas áreas alagáveis, à meia sombra ou ao sol, vegetação ciliar dos rios Miranda e Aquidauana, carandazal em borda de lagoa no Nabileque, solos argilosos ou siltosos.

Distribuição: PE ao RS, em clareira de mata⁴⁵, também no Chaco²⁴.



Phytolaccaceae



Petiveria alliacea L. (= *P. tetrandra* Gomez) "GUINÉ"

AP 3901

Etimologia: homenagem ao farmacêutico Petiver¹¹; alliacea=relativo ao alho (cheiro).

Erva 0,5-1,0 m alt., com forte odor a alho. Flor quase o ano todo.

Utilização: Pastada eventualmente, crê-se que transmite sabor amargo ao leite. **Tóxica** ao gado¹⁰⁰.

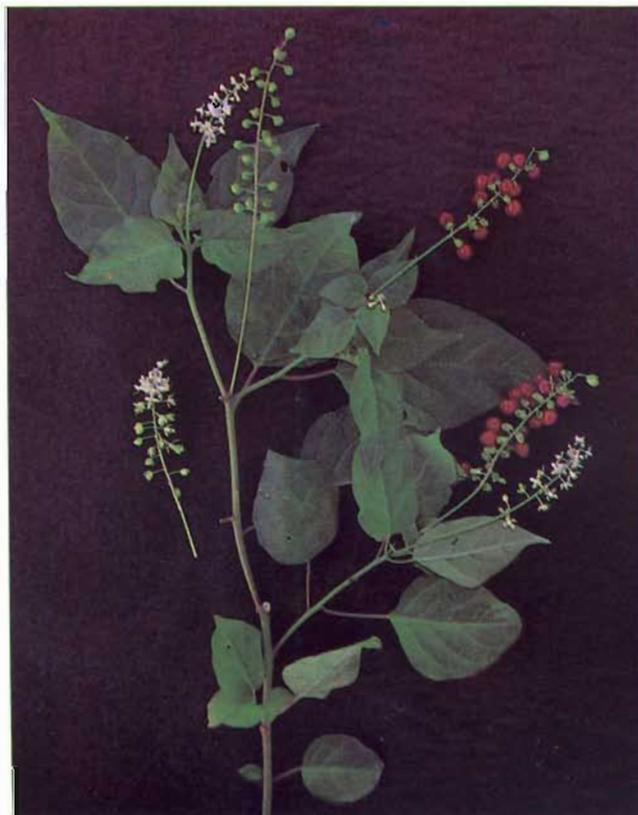
Uso medicinal: palito da raiz contra dor de dente, reumatismo. Contém óleo essencial, saponina, tanino e flavonóides; combate vírus, fungos e bactérias, é antiinflamatória²²⁷. Tem princípio ativo anestésico, sudorífico, abortivo, vermífida^{19,46,103,213}; estimulante, diurético, anti-venérea, mas uso interno somente sob orientação médica, porque é **tóxica**, em especial a raiz^{19,213,188}, pode matar⁴⁶, era "remédio de amansar senhor" dos escravos¹⁹. Uso externo analgésico, em massagens, compressas, banhos, para dor de cabeça, reumatismo^{56,213,188}, problemas circulatórios, inflamação da boca e dor de dente (bochecho)^{35,227}. Inseticida, usada contra parasitos de pele¹⁴⁸.

Muitas vezes cultivada, vendida em vaso na feira e usada em rituais.

Ocorrência: esparsa, ruderal e em caminhos na mata, à sombra, solos argilosos ou arenosos, férteis. Cit. ant.^{174,53,89,2b,18}.

Distribuição: África e América tropical^{19,46}, todo o Brasil²¹³.

Phytolaccaceae



Rivina humilis L.

AP 4770, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: homenagem ao botânico Rivinus¹¹; humilis=pequeno.

Erva ou subarbusto, 0,3-0,7 m alt. Flor e fruto em grande parte do ano.

Utilização: Fruto contém corante vermelho⁴⁴, por isto "sangre-de-toro" na Argentina¹¹⁹, que índios do Chaco usam para tingir lã, algodão ou fibras de gravateiro²⁴, lábios e faces¹¹⁹. Folha (seca) serve para curar feridas de pessoas¹⁶² e animais¹¹⁹. Quando pastada, passa cheiro e sabor desagradáveis ao leite²⁴.

É cultivada como ornamental, pelo fruto^{44,24}.

Cultivo: Propaga-se por semente e divisão de planta⁵⁸. É de ambiente sombreado e úmido⁴⁴.

Ocorrência: esparsa, caapões não inundáveis, solos férteis; também na morraria calcária. Cit. ant.^{172,18}.

Distribuição: ruderal¹⁹⁷, América Central, Guianas a SP, Paraguai, Argentina^{44,119}, cosmopolita tropical e subtropical¹⁰⁵.

Piperaceae

Piper angustifolium R. et P.
“PIMENTA-DO-MATO”

AP 5427

Etimologia: Piper=pimenta (árabe)¹¹;
angustifolium=folha estreita.

Arbusto 2-4 m alt., espiga com flor e fruto ago-fev.

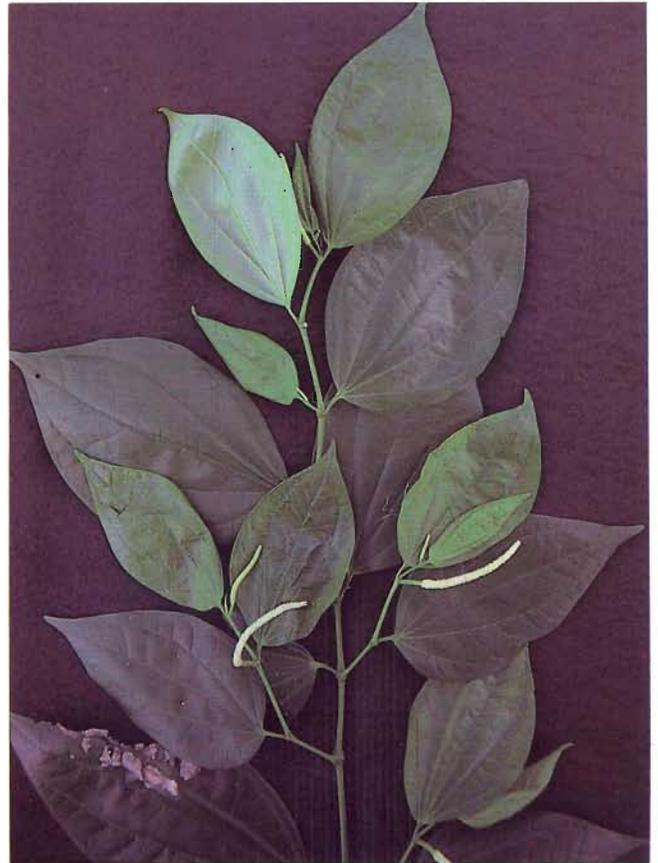
Utilização: Fruto comestível, quando bem maduro, senão trava a boca; alimento de aves e morcegos, dispersores. Forrageira de bovino.

Folha e flor digestiva, balsâmica, adstringente e laxante; folha para hemorragia (por isto, “erva-de-soldado”), feridas, úlceras, corrimento vaginal¹⁹. Muitos *Piper* têm fruto diurético e cicatrizante⁹.

Ecologia: Aumenta em desmatados e clareiras, como pioneira.

Ocorrência: freqüente, bordas de matas, caapões, mata ciliar, alagáveis ou não, solos siltosos ou argilosos, férteis.

Distribuição: América tropical, AM a SP¹⁹.



Piperaceae

Piper tuberculatum Jacq.
“PIMENTA-DO-MATO”, “pimenta-de-macaco”,
“dedo-de-urubu”

AP 2711, id. C. Zamudio.

Etimologia: gênero idem; tuberculatum=tuberculado (nós dos ramos).

Arbusto 1-4 m alt., às vezes se apoia um pouco nas vizinhas; flor e fruto praticamente o ano todo, mais nos meses chuvosos.

Utilização: Substituto de pimenta-do-reino (do mesmo gênero), já usado pelos índios⁴¹. Os “frutos” picantes são comestíveis, quando bem maduros, senão travam a língua. Aves e morcegos comem os frutos e os disseminam.

Folha aromática e sedativa; raiz aromática, acre e picante, usada pelos índios contra veneno de cobra⁴⁴ e mascada para dor de dente¹⁴⁰ e serve de condimento¹⁶. Há espécies que entram no curare⁵⁶. Chá da espiga é estimulante e contra gases⁴⁵. Uma espécie amazônica (*P. spininervium*) está sendo cultivada experimentalmente para safrol, o óleo da famosa canela-sassafrás, ameaçada de extinção.

Ocorrência: freqüente, em matas e caapões, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.¹⁷⁹.

Distribuição: toda a América tropical⁴⁴, vegetação secundária e mata inundável¹¹⁴.

Outras spp.: *P. aduncum*³⁹, *P. gaudichaudianum*; *P. amalago*³⁸.





Plumbaginaceae


***Plumbago scandens* L.**

AP 5084

Etimologia: Plumbago=com chumbo, pela cor da raiz¹¹; scandens=escada (trepadeira).

Erva 0,5 m alt., podendo chegar a subarbusto 1-2 m¹⁹, meio trepador⁴¹. Fruto com pêlos pegajosos, disseminado por animais, por isso aparece em trilhas da mata.

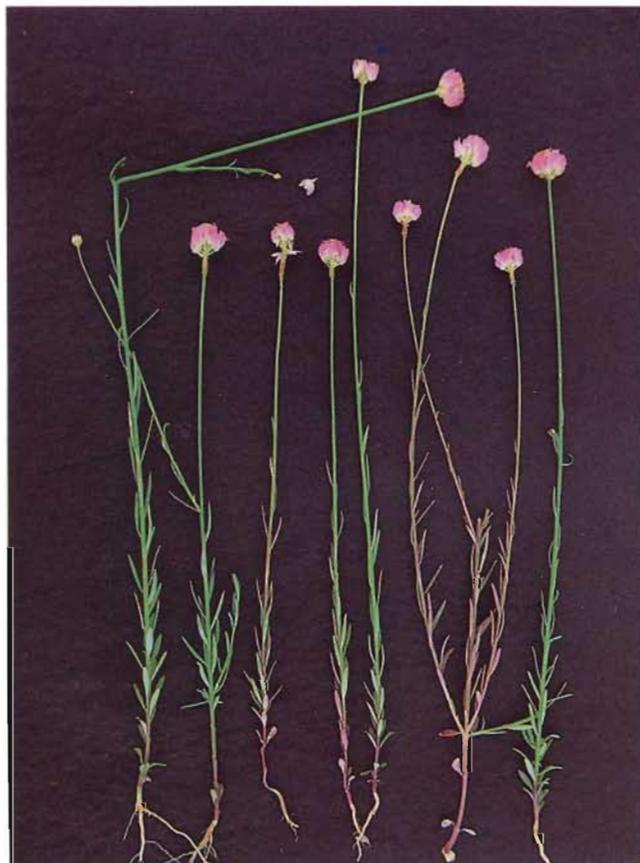
Utilização: Raiz muito amarga, suco venenoso, serve para curar berruga; folha venenosa e cáustica, usada por curandeiros na nuca de doentes mentais. por isto "erva-de-louco" ou "erva-do-diabo" ^{41,56,19,76}. Contém plumbagina e ofioxilina, em desuso na medicina⁴¹.

Suspeita de tóxica ao gado^{103,214}, sendo eventualmente pastada, mas a quantidade disponível é pequena. São necessários 10 g de folhas/kg peso vivo para matar bovino (seg. Eurípedes Afonso, CPAP).

Ecologia: Indica perturbação na mata, por crescer em clareiras.

Ocorrência: pouco freqüente, matas, solos argilosos ou arenosos, férteis; também na morraria calcária. Cit. ant.⁶¹.

Distribuição: América do Sul tropical e subtropical²⁹, AM até SP e MT^{41,19,76}.



Polygalaceae


***Polygala longicaulis* H.B.K.**

"BRILHANTINA", "alcanfo-do-campo"

AP 3820

Etimologia: Polygala=muito leite (acreditava-se que uma espécie européia faz a vaca dar mais leite); longicaulis=caule longo.

Erva anual, ereta. Raiz com cheiro de "brilhantina" ou pomada tipo "Gelol" ou "Iodex", como todas do gênero. Flor na estação chuvosa.

Utilização: Tóxica ao gado¹⁰³, mas não há problema porque as plantas são pequenas e o salicilato de metila está na raiz. A raiz serve para lavar roupa¹⁰³.

Uso medicinal: calmante, no tereré ou no mate; contra picada de cobra, em cima da ferida. Índios já usavam em ofidismo¹⁰³. A raiz das *Polygala* contém glicosídeo saponina, com efeito vomitivo, diurético e tônico de vias respiratórias¹⁰³.

Ecologia: Diminui em campo sem gado. É da categoria das efêmeras, que crescem ligeiro, sementam e desaparecem²¹⁵.

Ocorrência: freqüente, caronal e campo alagável, solos arenosos. Cit. ant.^{179,174}.

Distribuição: do México à Argentina, e todo o Brasil²⁴³.

Polygalaceae

Polygala molluginifolia St. Hil.

“ALCANFO-DO-CAMPO”, “cânfora”, “bengüê”

AP 3553

Etimologia: gênero idem; molluginifolia=folha de *Mollugo*, erva que ocorre no Pantanal (*M. verticillata*); alcanfo=cânfora.

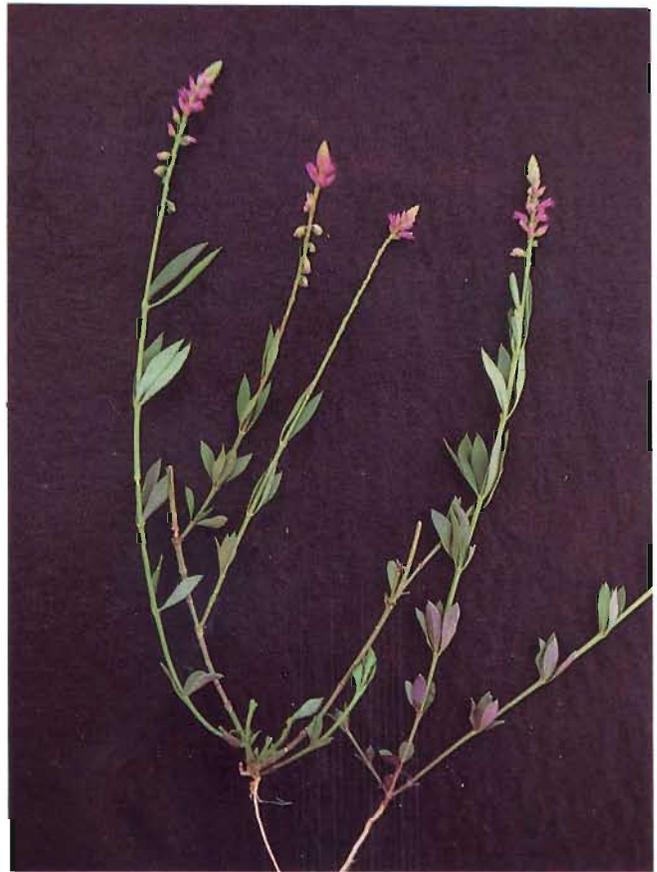
Erva perene, 15-25 cm alt., raiz engrossada que sobrevive ao fogo, flor em grande parte do ano, mais no início da estação chuvosa.

Utilização: Raiz medicinal, com salicilato de metila, que dá o cheiro de pomadas usadas em esportes (no Nordeste é chamada de “iodeque”¹⁴³). Raiz colocada em álcool ou óleo serve para massagem em contusão, luxação, dor reumática e muscular, estimula a circulação local¹⁴³. Tomando-se, tem efeito para fazer vomitar²²².

Forrageira eventual, embora tóxica (ver espécie anterior).

Ocorrência: freqüente, murundus do paratidal, solos argilosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: SP ao RS, Uruguai, Argentina, Paraguai²⁴³.



Polygalaceae

Polygala timoutoides Chod.

AP 4942

Etimologia: gênero idem; timoutoides=semelhante a timoutou, nome na Guiana, de outra espécie.

Erva anual, ereta, 8-15 cm alt.; flor abr-dez, quando o campo não está alagado.

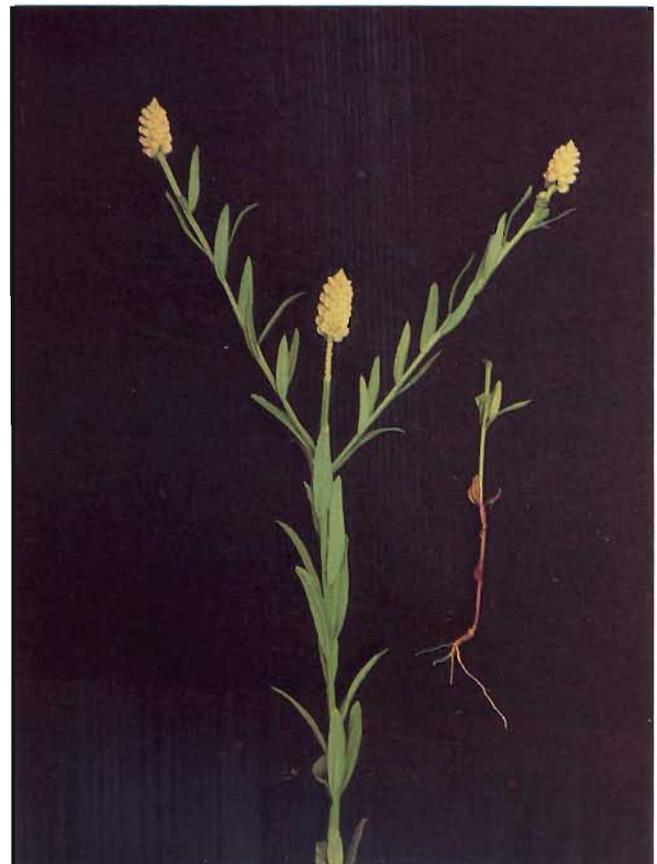
Utilização: Apícola. Potencial medicinal igual às duas anteriores.

Ecologia: Tende a diminuir em campo sem gado, pelo sombreamento das gramíneas altas.

Ocorrência: pouco a muito freqüente, canjiqueiral, vazante, solos arenosos. Cit. ant.^{151,174,18}.

Distribuição: ampla.

Outras spp.: *P. adenophylla*, *P. tenuis*.





Polygonaceae



Coccoloba cujabensis Wedd.

“CANJIQUINHA”, “uva-do-campo”, “uveira-do-mato”.

AP 4960, id. E. de Melo.

Etimologia: Coccoloba=fruto lobado¹¹, lobos carnosos do perianto⁵⁸; cujabensis=de Cuiabá.

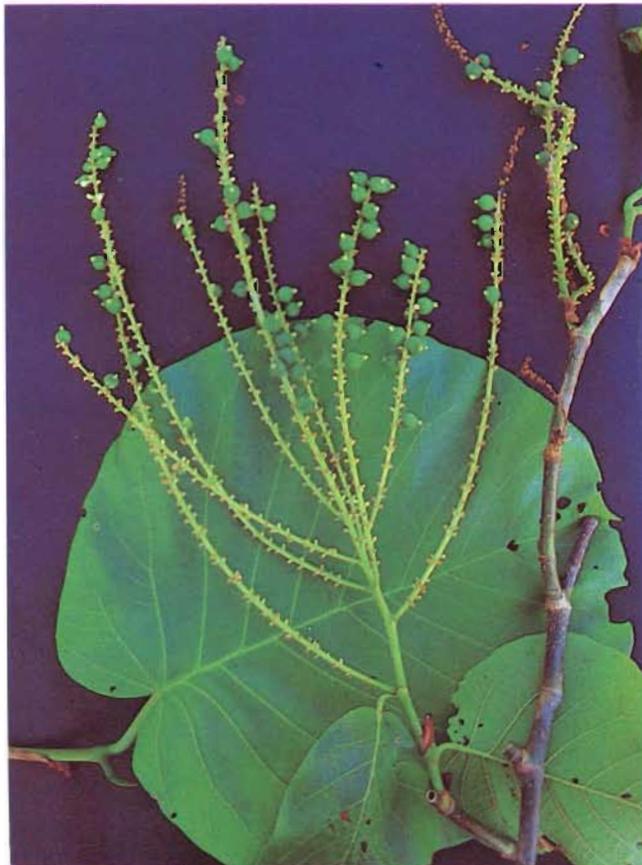
Arbusto a árvoreta 1-4 m alt., vários troncos, ramificados, casca lisa castanha; flor abr e ago-nov, fruto out-nov e abramai.

Utilização: Apícola. Forrageira. Fruto forrageado por aves, que fazem a dispersão. A parte branca (arilo) do fruto é comestível, adocicada.

Ecologia: Rebrotas após corte.

Ocorrência: freqüente, caapões e borda de matas, solos argilosos; também na morraria calcária. Cit. ant. 151, 179, 61, 62.

Distribuição: MT¹⁷⁹, savana úmida do Beni na Bolívia¹¹⁴.



Polygonaceae



Coccoloba mollis Casar.

AP 6581, id. E. de Melo.

Etimologia: gênero idem; mollis=macio, com pêlos macios¹⁹⁹.

Árvore 4-12 m alt. (até 25 m na Bolívia¹¹⁴), às vezes com vários caules (onde há queimadas), flor set-nov., fruto nov-jan.

Utilização: Forrageira. Apícola. Fruto comido e disseminado por aves. Caule e ramos ocios têm pequenas formigas, não agressivas.

Ocorrência: freqüente em cerradão ralo no leste de Paiaaguás e Nhecolândia, solos arenosos.

Distribuição: ocorre em cerradão na ilha do Bananal¹⁸⁵ e bosque amazônico na Bolívia¹¹⁴.

Polygonaceae

Coccoloba ochreolata Wedd.

“CANJIQUINHA”, “uveira-do-mato”

AP 4960, id. E. de Melo.

Etimologia: gênero idem; ochreolata=com pequena ócrea (espécie de joelheira na base da folha desta família)

Arbusto a árvore ramificada ou de vários troncos, nodosos, casca áspera semelhante à da pereira; 2-8 m alt., copa larga, ramos um pouco pendentes; folha da rebrota pode ter 25 cm compr.; flor ago-dez, fruto out-fev.

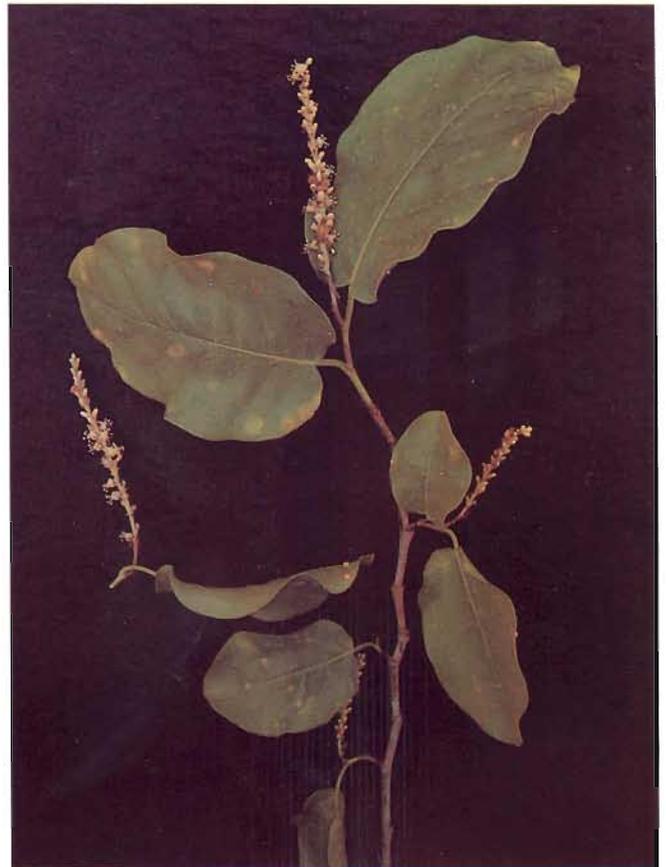
Utilização: Fruto (arilo) ácido, comestível e para refresco; é alimento de aves, que o disseminam. Forageira de boa aceitabilidade por bovino, limitada pela altura; também veado-mateiro a come, além de insetos, a ver pelos danos na folha.

Apícola. Há espécies que dão madeira para móveis e construção¹⁴⁸.

Cultivo: É dum gênero que pode ser propagado por galhos⁵⁸.

Ecologia: Rebrotas após corte.

Ocorrência: freqüente, borda de caapões, borda e clareira de mata semidecídua, mata ciliar de vazante e campos alagáveis por rio, solos arenosos e argilosos.



Polygonaceae

Coccoloba rigida Meisn.

“CANJIQUINHA”

AP 5290, id. E. de Melo.

Etimologia: gênero idem; rigida=rígida (folha dura).

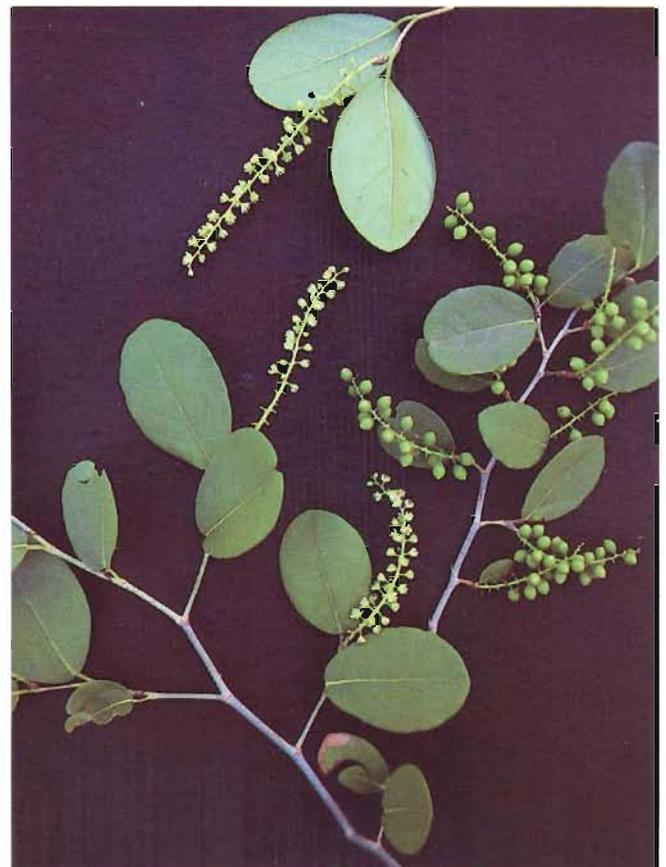
Arbusto ramificado a arvoreta de vários troncos, 1-4 m alt., copa alargada; flor out-dez, também abr (Porto Murtinho); fruto nov-mar.

Utilização: Forrageira. Apícola. Fruto comido por aves, que fazem a disseminação.

Ecologia: Aumenta em mata mexida. Rebrotas após corte.

Ocorrência: freqüente, mata decídua e matinha alagável de chaco, solos argilosos, Nabileque; também na morraria calcária.

Outras spp.: *C. microphylla* (mata ciliar), *C. ovata*; *C. paraguariensis*¹⁵¹.



Polygonaceae

Ruprechtia triflora Gris.

AP 4921, id. D.E. Prado,

conf. A. Schinini, conf. E. de Melo.

Etimologia: homenagem ao botânico checo Rupprecht; triflora=três flores.

Arbusto a árvore 2-6 m alt., às vezes com vários troncos, casca desfolha-se como papel (o nome em guarani significa pele-de-velha); unissexuado, flor e fruto em agnov, disseminado pelo vento.

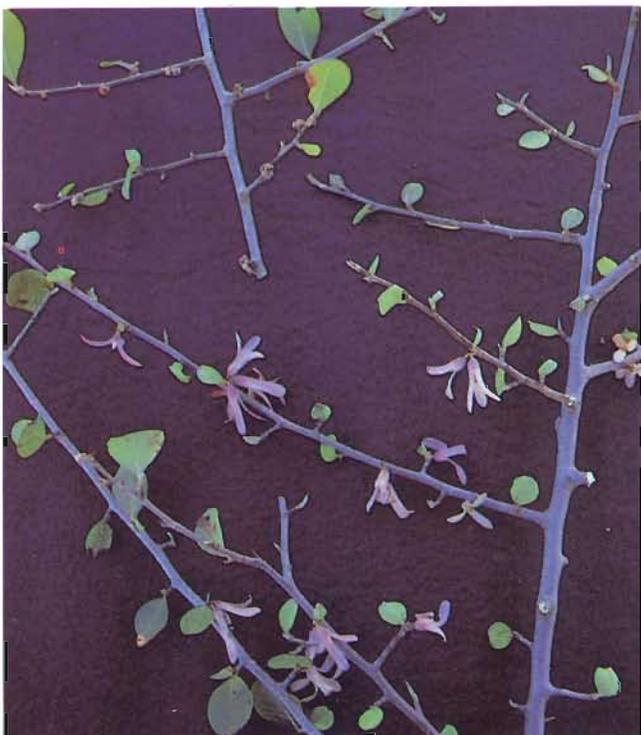
Utilização: Potencial ornamental. É forrageira quando falta capim.

Ecologia: Tolera queimada, mas não incêndio de campo abandonado. Rebrotar após cortes.

Ocorrência: restrita ao Nabileque, freqüente em carandazal, mata chaquenha, solos argilosos mal drenados. Cit. ant. 186,175.

Distribuição: Chaco Ocidental na Argentina¹⁸², bosque chaquenho na Bolívia¹¹⁴.

Outra sp.: *T. exploratricis* (mata ciliar).



Polygonaceae

Triplaris americana L.

(*T. formicosa*; *T. surinamensis*, *T. noli-tangere*)
“NOVATEIRO”, “pau-de-novato”, “novato”,
“formigueiro”, “louvateiro”

AP 4939, id. E. Melo.

Etimologia: Triplaris=flor com 3 tépalas¹¹; americana=das Américas.

Árvore ereta, 5-15 m alt., pouco ramificada, folha macia; unissexuada, flor ago-set, “semente” (fruto alado vermelho) set-out. **Formigas** vermelhas (*Crematogaster*) vivem dentro dos ramos ocos, muito agressivas, alvoroçam-se à simples aproximação da pessoa, e o novato não sabendo disto logo leva ferroadas, daí o nome da planta. É “palo-diablo” na Bolívia¹¹⁴.

Utilização: Apícola. Forrageira. Ornamental, sendo que a bonita, de inflorescência vermelha, é a feminina. É cultivada em ruas de Campinas e outras cidades, originária do Pantanal (seg. H.F. Leitão Filho, UNICAMP), mas em SP não ocorre a temida formiga. Madeira para construção⁴⁶, não usada na região, apenas para lenha, que não dá brasa. A casca consta como remédio contra hemorróidas⁹, como erva-de-bicho (*Polygonum spp.*, da mesma família), e diarreia, devido aos 5% de tanino⁴⁶. O “chá” é excitante e contra íngua^{43,52}. Os pêlos da flor causam muita coceira⁴³.

Cultivo: Germina em 20 dias¹³². Crescimento rápido.

Ocorrência: abundante, mata ciliar e caapões muito inundáveis, solos argilosos. Cit. ant. 151,94,53,179,43,2b,96,62.

Distribuição: delta do Orinoco¹⁰⁸ e Amazônia; alagados das Guianas e Amazônia⁴⁶, e MT⁴³.



H. LORENZI

Polygonaceae

Triplaris gardneriana Wedd.

“NOVATEIRO-PRETO”

AP 3071, id. E. Melo.

Etimologia: gênero idem; homenagem ao botânico Gardner.

Árvore 2-7 m alt., caule tortuoso e ramificado, copa baixa, folha dura; unissexuada, flor jul-ago, “semente” (fruto) ago-out (meses secos, ventosos), espalhado pelo vento. Sem formigas vermelhas, só pretas, pouco agressivas.

Utilização: Apícola. Forrageira. Grande potencial ornamental, a feminina, por ter fruto vermelho. Madeira leve, fácil de trabalhar¹⁶, desconhecendo-se uso regional. Remédio para hemorróidas¹⁶, aliás é da mesma família das “ervas-de-bicho” (*Polygonum spp.*), que têm tal nome porque se pensava que a causa daquele mal fosse um bicho¹⁴⁰.

Ecologia: Colonizadora de áreas perturbadas, como beira de estrada.

Ocorrência: freqüente, caapões, carandazal, borda de corixos e lagoas, pouco ou não inundável, Cáceres, sul de Poconé, Miranda e Nabileque, solos argilosos, férteis; também em partes mal drenadas na morraria calcária. Cit. ant.: como *T. schomburgkiana*^{179,53,18}.

Distribuição: Ceará⁴⁵, mata semidecídua na Bolívia¹⁴.



Portulacaceae

Portulaca fluvialis Legr.

“NOVE-HORA”, “nove-horas”

AP 3961

Etimologia: Portulaca=de portula, pequena porta (por ser purgativo)¹¹; fluvialis=do rio.

Erva perene carnosa, rasteira ou ascendente, 5-25 cm alt. Flor no ano todo, abre de manhã, antes das “onze-horas” conhecidas em jardinagem, daí o nome regional.

Utilização: Muito apícola. Grande potencial ornamental. Comestível e medicinal, como a “beldroega”, do mesmo gênero (*P. oleracea*)²⁴⁶. Forrageira tenra, mas aquosa, pouca massa.

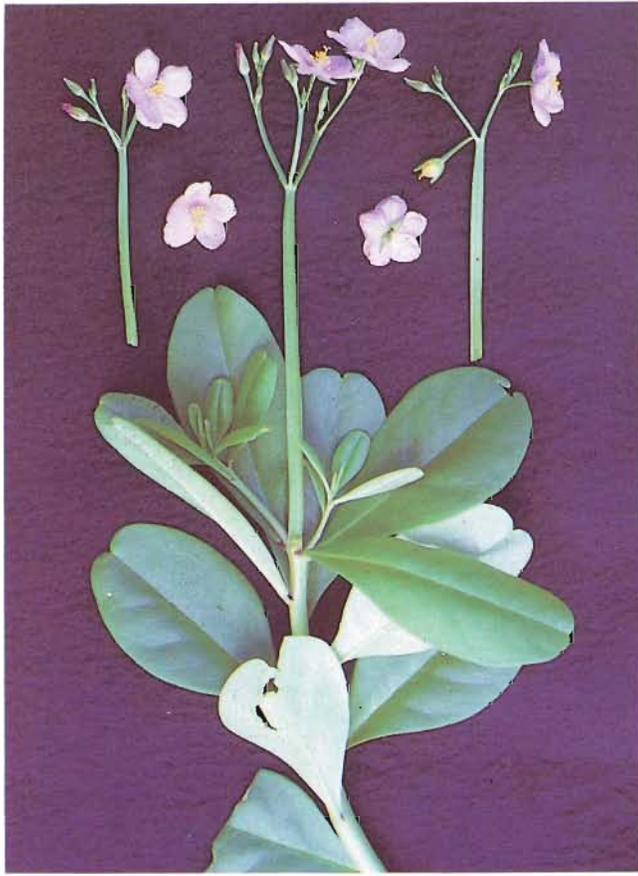
Ecologia: Nasce muito em claros pós-fogo.

Ocorrência: muito freqüente, áreas perturbadas (p. ex. sedes de fazendas), pouco ou não alagáveis, solos arenosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: da bacia amazônica ao Uruguai, em solos arenosos²⁴.

Outras spp.: *P. oleracea* (ruderal), *P. rosae*⁶¹, e algumas não identificadas.





Portulacaceae

Talinum triangulare (Jacq.) Willd.
"CARURU"

AP 2696

Etimologia: Talinum=nome da planta na Nigéria¹¹; triangulare=triangular (folha).

Erva carnosa, perene, raiz engrossada, flor quase o ano todo, ficando aberta pela manhã.

Utilização: Comestível, crua, levemente ácida, semelhante à vendida em Belém. Faz-se salada da folha e das pontas dos ramos²⁴. Potencial ornamental, para "rock garden". A cor da flor varia de esbranquiçada a avermelhada.

Forageira de bovino e herbívoros nativos. Apícola. Consta como remédio para amolecer feridas⁸⁵.

Cultivo: Propaga-se bem por galhos²⁴.

Ocorrência: ocasional, caapões, carandazal, mata semidecídua, solos argilosos ou arenosos, férteis; comum na morraria calcária. Cit. ant.: como *T. crassifolium*^{151,102,105,186, 18}.

Distribuição: ampla nas Américas, invasora em todo o mundo²⁴.



Rhamnaceae

Gouania lupuloides (L.) Urb.

AP 2006

Etimologia: homenagem a Gouan¹²; semelhante a *Lupulus*, o lúpulo, planta européia.

Trepadeira lenhosa, 2-5 m alt., folha 12 cm compr., flor abr-ago, fruto jul-nov.

Utilização: Apícola. É comida por bovino em períodos críticos de pasto. Potencial ornamental.

Casca produz fibra fina e resistente¹⁴⁷. Há uma espécie inseticida⁹².

Ecologia: Aumenta com perturbação. Coloniza beira de estrada.

Ocorrência: freqüente, borda de mata e cerradão, caapão, caronal, solos arenosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: ampla distribuição na América tropical¹⁴⁷.

Outra sp.: *G. polygama*, para Corumbá³⁸.

Rhamnaceae

Rhamnidium elaeocarpum Reiss. “CABRITO”, “cabriteiro”, “bosta-de-cabrito”

AP 5062

Etimologia: *Rhamnidium*=parecido com *Rhamnus*, gênero-tipo da família; *elaecarpum*=fruto oleoso.

Árvore ou arbusto, caule ereto, 2-15 m alt. Flor set-nov, fruto jan-fev.

Utilização: Madeira pesada, dura, durável no chão, boa para moirão, dormente, construção e obra hidráulica, lenha e carvão^{46,132}. É usada para caibro de rancho, por ser reta. Forrageira de mediana aceitabilidade por bovino.

Apícola. Fruto comestível, doce, de pouca polpa, alimento de aves; nasce muito sob outras árvores, às vezes sobre o “acuri”, sinal de dispersão por aves.

Chá da casca contra dor de estômago⁹⁵.

Cultivo: Fácil; semente dura 3 meses, germina em 10 dias, crescimento rápido¹³².

Ecologia: Aumenta em área desmatada. Rebrotta após corte.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, matas e cerradão (mais nas bordas), caapões, caronal, não inundáveis, solos arenosos ou argilosos, mais nos férteis; também na morraria calcária. Cit. ant.151,84,174,186,2b,53,175,61,62,18.

Distribuição: ampla, do Peru ao leste do Brasil e a Argentina¹⁴⁸, mata atlântica do CE ao RS, mata semidecídua de GO, MG, MS, SP e PR¹³².



Rhamnaceae

Zizyphus oblongifolius Moore “OLHO-DE-BOI”

AP 4408, id. D.E. Prado: Ratter 6104, id. J.A. Ratter.

Etimologia: *Zizyphus*=nome grego de planta⁵⁸; *oblongifolius*=folha alongada.

Arvoreta 2-4 m alt., de copa larga, a árvore 6-15 m alt. na mata; flor set-dez, odorosa; fruto preto jan-jun.

Utilização: **Apícola.** Forrageira. Fruto muito comido por bovino, ovino, caprino, porco e animais nativos. É comestível, sem muito sabor, mas é irmã do “juazeiro” da caatinga nordestina, que é rico em vitamina C. A folha é como a do “juazeiro” e serve para limpar os dentes (seg. Maria R. Araújo, CPAP).

Ecologia: Rebrotta após cortes e fogo.

Ocorrência: restrita ao Nabileque, freqüente em matinha de chaco, mata ciliar, solos argilosos calcários; também na morraria. Cit. ant.179,84,175,135,169. Há outros “olho-de-boi” (*Diospyros*, *Tocoyena*).

Distribuição: MT (e MS)⁴⁴.





Rubiaceae

Alibertia edulis (L.L. Rich.) A. C. Rich.
“MARMELADA”, “marmelada-olho-de-boi”,
“marmela-de-bola”, “bola”

AP 4381

Etimologia: homenagem a Alibert, que escreveu sobre plantas medicinais¹³; edulis=édulo, comestível.

Arbusto 1-3 m alt., unissexuado, sendo a flor feminina isolada e as masculinas agrupadas e numerosas, set-dez. Pode dar fruto o ano inteiro³⁴, ao menos verde há quase sempre.

Utilização: Forrageira de épocas críticas. Fruto comestível, sabor marmelada, pode ser consumido ao natural (cuidado com larvas de mosca-das-frutas) e serve para fazer doce. É alimento de fauna, principalmente aves, sendo que veado-mateiro o come verde.

Chá da folha é considerado calmante⁹⁵, e o fruto, refrigerante e estomacal⁴³. Os ramos contém esteróides/triterpenóides e taninos¹⁰⁷.

Madeira dura e pesada¹⁸⁷, embora muito fina.

Ornamental⁴³.

Ocorrência: abundante, cerrados, caapões e murundus, solos arenosos do leste. Cit. ant.^{53,61,169,62}.

Distribuição: flora do Cerrado⁸⁹, Amazônia¹⁰⁴ até a América Central, capoeiras e áreas campestres³⁴.



Rubiaceae

Alibertia sessilis (Vell.) Schum.
“MARMELADA”, “marmelada-preta”,
“marmelada-de-cachorro”

AP 5084, id. J.A. Ratter, conf. E. Cabral.

Etimologia: gênero idem; sessilis=séssil, sem pecíolo.

Arbusto a arvoreta 2-5 m alt., caule escuro, perenífolia; unissexuada, flor ago-dez, fruto dez-fev. Folha nova surge na estação chuvosa¹⁴⁵.

Utilização: Fruto comestível, doce, sabor marmelada, mas freqüentemente com “inquilino” (larva de inseto) que deixa só a casca. É alimento de aves e vários outros animais.

Forrageira de épocas críticas. Madeira dura e pesada¹⁴⁸, não usada. Raiz contra reumatismo²³⁸.

Cultivo: Fácil, por semente.

Ocorrência: abundante, cerradão e caapões, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,61,62}.

Distribuição: de mata, ocorre em cerrados, cerradão¹⁰¹, CE, GO, MT, MG⁴⁵.

Outras spp.: *A. cf. concolor* (“marmeladinha”); *A. verrucosa* (“marmelada-de-espinho”, seg. A.L. Prado). Outras Rubiaceas “marmeladas” e “marmelos”; *Amaiuoa corymbosa*⁶², *Am. guyanensis*⁵³, *Duroia eriopila* (Poconé).

Rubiaceae

Borreria eryngioides C. et S.

AP 4988, id. E. Cabral.

Etimologia: homenagem ao liquenólogo Borrer; eryngioides=parecido com *Eryngium*, gênero de Umbelliferae (ocorre aqui).

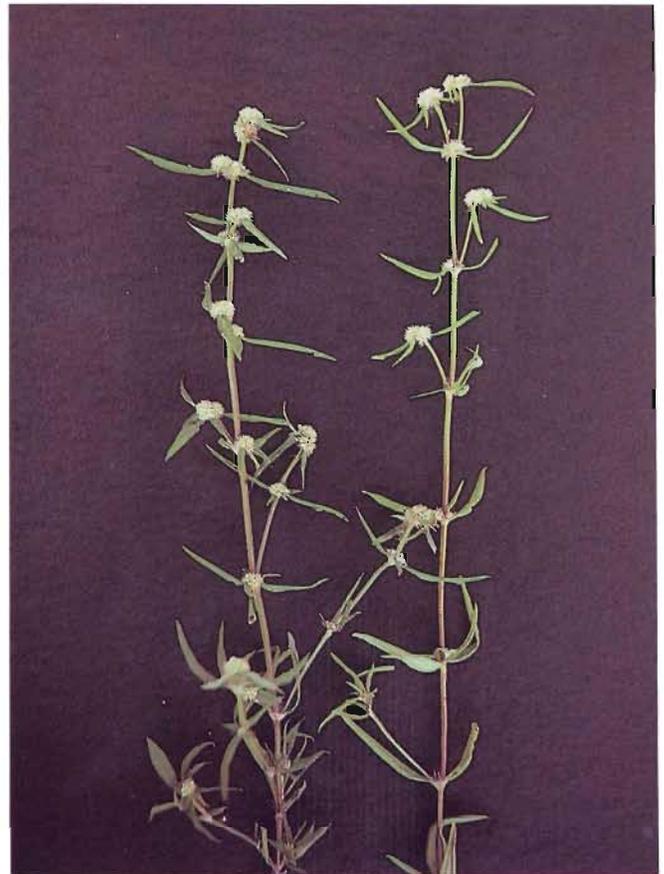
Erva ereta, 15-30 cm alt, flor out-dez. Perene²³, mas parece ter comportamento de anual, devido à cheia.

Ecologia: Indicador de solo descoberto, por efeito de inundação prolongada ou por excesso de pastejo.

Ocorrência: abundante, campos do Sul de Poconé. Cit. ant.¹⁰⁵

Distribuição: Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina²³, inclusive no Chaco¹⁸².

Outra sp.: *B. tenella*. Outras Rubiáceas afins: *Diodia macrophylla*, *D. teres*, *Galianthe cristata*.



Rubiaceae

Borreria quadrifaria Cabral

(do grupo *B. verticillata* ou *B. capitata*)

“VASSOURINHA-DE-BOTÃO”, “vassourinha”

AP 3312, id. E. Cabral.

Etimologia: gênero idem; quadrifaria=4 fileiras (de folhas, caule quadrangular).

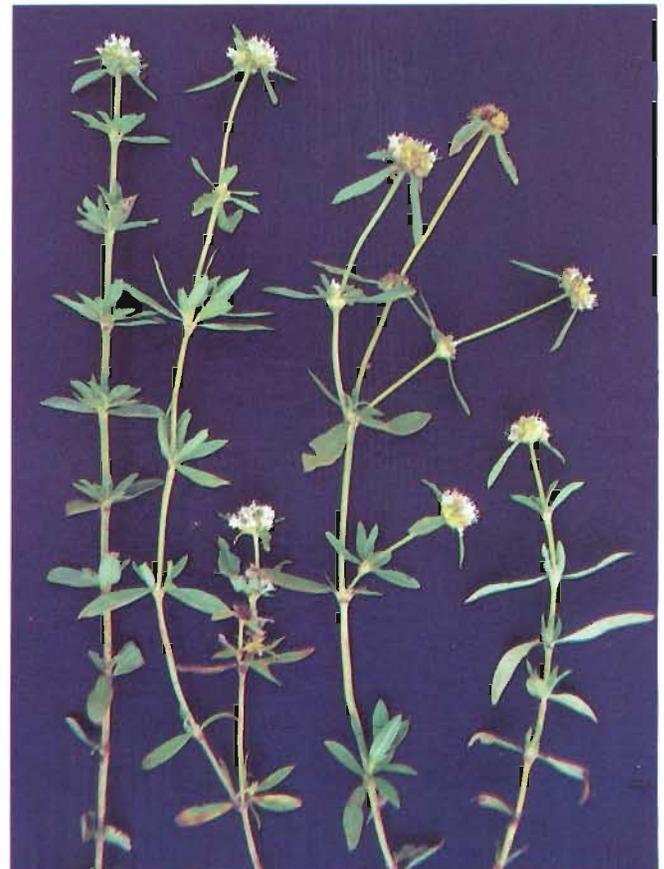
Erva ereta, 10-40 cm alt., perene, com rizoma (sobrevive fogo), flor no ano todo.

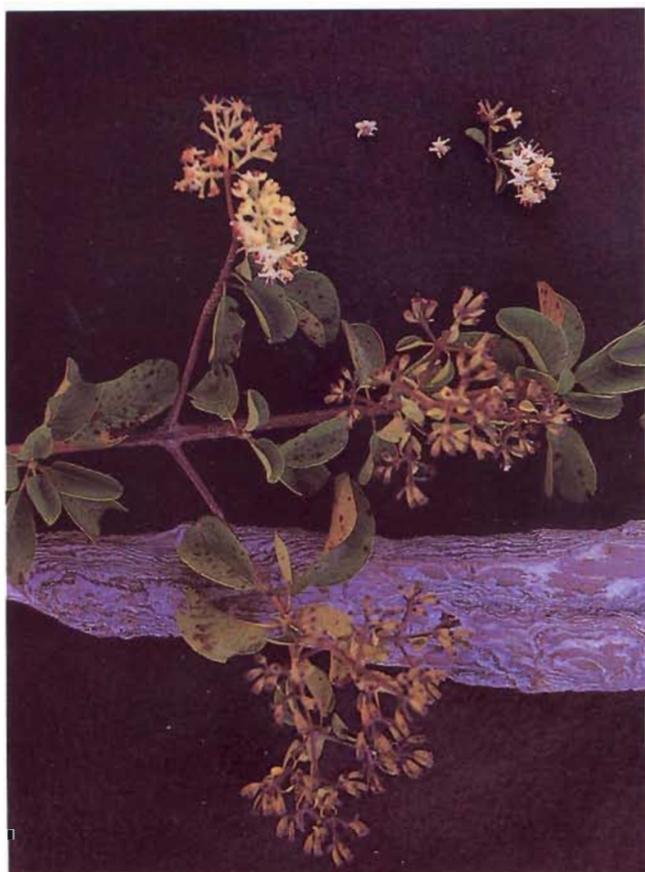
Utilização: Apícola. É um pouco forrageira. Semente comida pela pombinha “fogo-apagou”.

Raiz provoca vômito, contém emetina, o princípio medicinal da “ipecacuanha”^{222, 131}.

Ocorrência: muito freqüente, todas sub-regiões, campos alagáveis, solos arenosos; esparsa em argilosos, como paratudal. Cit. ant.^{179,1,174,61,62}.

Distribuição: *B. verticillata* é ruderal, todo o Brasil^{46,197,131}.





Rubiaceae

Calycophyllum multiflorum Gris.
"CASTELO"

R.A. Cândido Pereira 23.

Etimologia: Calycophyllum=folha do cálice, ou uma sépala modificada¹³; multiflorum=muitas flores.

Árvore 10-20m alt., tronco reto com sulcos longitudinais, ramos com geometria que lembra cedro do Líbano. Flor fev-mai, às vezes ago; semente jun-set..

Utilização: Flor aromática, muito apícola¹⁷⁰.

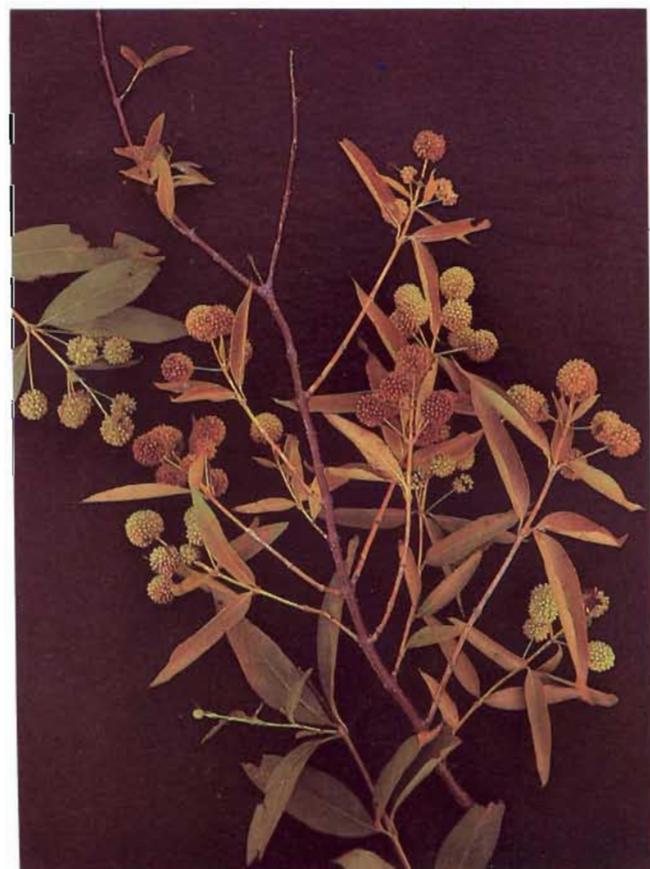
Madeira amarela, dura, pesada (dens. 0,86), textura fina, boa de polir, para marcenaria, tornearia, entalhe, peças curvadas e de máquinas, taco, revestimento, etc., lenha e carvão; dá tora de 40 cm diâm. aos 40 anos^{108,126,130,159}. Casca tida como tônica e antifebri¹³⁰.

Cultivo: Propagação por semente⁵⁸.

Ecologia: Rebrotar após corte; tolera queimada rápida, mas morre com fogo alto.

Ocorrência: restrita, matas semidecíduas, solos argilosos ricos em cálcio; abundante na miorria calcária. Cit. ant. 179.186,53.18.

Distribuição: Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina^{58,182,114}.



Rubiaceae

Cephalanthus glabratus (Spr.) Schum.
"SARÃ"

AP 5406

Etimologia: Cephalanthus=flor em cabeça (inflorescência globosa), glabratus=sem pêlos.

Arbusto 1,5-2,5 m alt. (até 5 m ⁴⁶), formando densa moita arredondada, devido à raiz gemífera; flor e fruto no verão.

Utilização: Medicinal⁵⁸, contém oxidases e traços de saponinas⁴⁶.

No gênero, a semente é comida por aves¹⁵⁴.

Cultivo: Propaga-se por semente ou via vegetativa⁵⁸.

Ocorrência: esparsa em vazantes e corixos, restrita aos brejos dos rios Taboco e Negro, Aquidauana, solos siltoso-orgânicos.

Distribuição: da flora do Sul do Brasil (onde se chama de "sarandi"), Paraguai, Uruguai e Argentina²³, de mata ciliar¹⁸² e pântanos¹²⁸.

Rubiaceae

Chiococca alba Hitch.

(=*C. anguifuga* Mart.)

AP 5464. id. H. F. Leitão Filho

Etimologia: Chiococca=baga de neve¹³; alba=branca.

Arbusto trepador, 1-4 m alt., flor dez-fev.

Utilização: Algo forrageira. Fruto comestível⁶⁸ e é alimento de aves, dispersoras.

Raiz com princípio amargo, considerado afrodisíaco, diurético, laxante, depurativo, provoca menstruação, contra reumatismo¹⁹ e doenças venéreas, usado por índio contra cobra (donde *anguifuga* do sinônimo), provoca vômito⁴⁵; flor calmante e narcótica¹²⁴. Antinflamatório comprovado²⁰⁴.

Ecologia: Aumenta sem gado, como na área da Estação Ecológica na fazenda Nhumirim, CPAP.

Ocorrência: esparsa, borda de matas e cerradão, solos arenosos. Cit. ant.¹⁶⁹.

Distribuição: ampla, da Flórida à América do Sul^{45,19}, restinga no NE⁶⁸, até a Argentina¹⁸².



Rubiaceae

Chomelia obtusa C. et S. var. *pubescens*

Hassl.

“ESPINHEIRO-DO-CERRADO”, “espora-de-galo”, “rouba-tempo”, “taleira”.

N.C. Bueno 288, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Chomelia=homenagem ao médico francês Chomel^{58,13}; obtusa=rombuda (folha); pubescens=pilosa.

Arbusto a arvoreta 1,5-5,0 m alt., flor nov-abr (pouco em outros meses), fruto jun-ago.

Utilização: Forrageira de mediana aceitação por bovino, acesso dificultado pelos ramos pontudos; folha com bons teores de proteína (12% PB), cálcio (0,33%), magnésio (0,29%), cobre (15 ppm) e zinco (33 ppm), e razoáveis fósforo (0,16%), para vacas¹⁷¹.

Flor com perfume de jasmim, que é da mesma família. Ornamental⁵⁸. Dispersa por aves que se alimentam do fruto.

Cultivo: Propaga-se por semente⁵⁸

Ecologia: Rebrotas após corte ou fogo.

Ocorrência: abundante, pequenos caapões e borda de cerradão mata, solos arenosos e siltosos. Cit. ant^{174,186,179,53,175,61,62}.

Distribuição: Brasil⁵⁸, PE a SP, MG, GO e MT⁴⁶.



Rubiaceae



Chomelia pohliana M. Arg.

S.M. Salis 359. id. E. Cabral

Etimologia: gênero idem; pohliana=homenagem ao botânico Pohl.

Arvoreta ou arbusto meio trepador 1,5-5,0 m alt., com espinhos; flor out-mar, fruto dez-abr.

Utilização: Potencial ornamental, flor com suave perfume de jasmim (mesma família).

Dispersão por aves que se alimentam do fruto.

Desconhece-se utilização.

Ocorrência: esparsa a freqüente (no leste), cerradão, caapões, solos arenosos e siltosos.

Distribuição: cerrados, por exemplo na alta bacia do rio Taquari (MS).



Rubiaceae



Genipa americana L.

“JENIPAPO”, “jenipava”

AP 3850

Etimologia: Genipa=jenipapo=mancha escura, em tupi⁷⁴, ou fruto de esfregar⁸²; americana=das Américas.

Árvore ereta, 5-12 m alt., unissexuada, flor set-dez, fruto out-fev. e quase sempre há imaturo.

Utilização: Fruto comestível, doce, difícil de achar maduro, por ser alimento de aves (arancuã, tucano, etc.) e peixes, e isca de pacu. Serve para suco⁴, jenipapada, passa⁵, álcool⁴⁴, vinagre¹⁴⁴, doces e licor. Pode-se congelar (seg. Araê Boock). Apícola^{130,155} e de beija-flor. Folha pastada.

Madeira usada para remo, escultura, fôrma de queijo e lenha (queima úmida). Boa para cabo de ferramenta, canoa, colher, gamela, carpintaria, marcenaria, decoração, entalhe, palito, raquete^{44,102,104,19,195,198,159,132}. Casca serve para curtir^{44,19,198,4}.

Uso medicinal: casca para feridas. Contém taninos e mucilagem¹²⁰, anti-inflamatória¹⁶, cura diarreia (“tapaculo” no Paraguai¹⁴⁸), mas raiz purgante^{9,124}. Fruto afrodisíaco⁴⁴, tônico³⁴, diurético, para anemia, estômago e fígado^{4,165}, nervos e intestino^{238,9}, com óleo essencial, jenipapina, ác. tartárico e glicose¹⁷⁸. Semente contra diarreia e hemorragia¹⁶², é forte vomitivo⁹. Índio se pinta com o corante preto do fruto verde¹⁵², contra insetos e o temido peixinho candiru (*Vandellia*)¹³⁰.

Cultivo: Por enxertia^{58,144} ou semente, que dura 3 meses e germina em 1 (244,132), plantio 8 x 8 m (144), dá fruto aos 5 anos e madeira aos 10 (244). Há o jenipapo-grande, o sem semente⁵ e um que dá no ano inteiro²⁴⁴.

Ecologia: Sensível a fogo.

Ocorrência: todas sub-regiões, mata ciliar alagável, caapões e borda de mata e cerradão, solos argilosos ou arenosos. Cit. ant.197,84,2b,179,53,174,135,219,18.

Distribuição: ampla dispersão neotropical, América Central e do Sul, do México à Argentina, Marajó a SP e MS^{34,197,178,5,244,130,44}.

Outra sp.: *G. spruceana*⁶².



Rubiaceae

Guettarda viburnoides C. et S. "VELUDO", "veludo-branco"

AP 4546, id. H.F. Leite Filho, conf. E. Cabral.

Etimologia: homenagem ao médico Guettard¹³; viburnoides=semelhante a *Viburnum*, gênero de Caprifoliaceae.

Arvoreta 2-6 m alt., ramos meio trepadores, flor out-dez, fruto jan-fev.

Utilização: Fruto comestível^{102,46}. Madeira pardo-amarelada a cinzenta, estriada, serve para cabos¹⁴⁸. Potencial ornamental, flor com odor de jasmim (mesma família).

Ocorrência: freqüente, borda e sub-bosque de mata e cerrado, solos arenosos. Cit. ant.^{151,174,186,61,62}.

Distribuição: da mata atlântica, restinga¹⁹⁷, cerrados¹⁰¹, cerrado de solo bom¹⁸⁶.



Rubiaceae

Psychotria carthagenensis Jacq. (=*P. alba*)

AP 4781, id. E. Cabral

Etimologia: Psychotria=de psique, mente, alusão às propriedades medicinais¹³; carthagenensis=de Cartagena.

Arbusto ereto 1-3 m alt. Rizomas que "andam"²³. Flor out-fev, fruto jun-ago.

Utilização: Fruto vermelho, comido e espalhado por aves, depois nasce sob árvores, à meia sombra. Potencial ornamental. Gênero de medicinais, mas desconhece-se algum uso desta espécie. Forrageira.

Ocorrência: freqüente, vegetação ciliar inundável, cambarazal, pimenteiral, caapão de vazante, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.⁹⁶.

Distribuição: da América Central ao delta do rio Paraná^{58,23} e ao Uruguai¹²⁸.



Rubiaceae



Randia armata (Sw.) DC.

“VELUDO-DE-ESPINHO”, “espinheiro”, “unha-de-gato”

AP 5326, id. conf. E. Cabral.

Etimologia: homenagem ao farmacêutico Rand¹³; armata=armada, com espinhos.

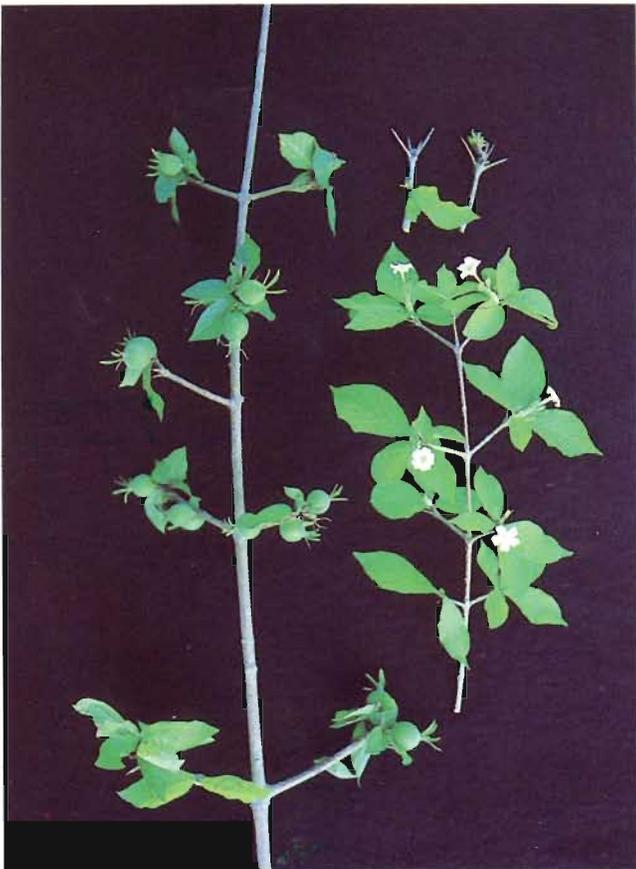
Arbusto a arvoreta 1-3 m alt., com espinhos em forma de para-raio (do antigo), flor set-dez, fruto jul-dez.

Utilização: É um pouco forrageira. **Fruto** comestível, alimento de aves, que o dispersam, depois nasce sob árvores. Rebrotar após cortes sucessivos.

Ornamental, cultivada, daí sofre de uma praga do cafeeiro (da mesma família)⁴³. Raiz com corante amarelo⁴³. Casca da raiz amarga, tônica e contra febre⁴³. Flor serve para perfume⁴³.

Ocorrência: freqüente, mata semidecídua, mata ciliar, solos argilosos ou arenosos, providos de cálcio. Cit. ant.^{151,174,186,179,175,18}.

Distribuição: xerófita de ampla dispersão neotropical^{197,101}, na América do Sul, Brasil⁴³ e Bolívia¹¹⁴.



Rubiaceae



Richardia grandiflora (C. et S.) Steud.

“BERNARDA”

AP 5187

Etimologia: Richardia=homenagem ao botânico inglês Richardson¹³; grandiflora=flor grande.

Erva perene (pode ser anual¹⁹), prostrada, sempre cheia de areia. Floração abundante no ano todo.

Utilização: Forrageira para cavalo e ovelha, que a apanham com os dentes; o bovino a consome junto com gramíneas.

Importante apícola¹⁷⁰. Medicinal, raiz contém emetina (faz vomitar), como a “ipeca”¹⁰³.

Ecologia: Indicadora de degradação de pastagem¹, aumenta em anos secos. Diminui em campo sem gado. É pioneira em caronal gradeado.

Ocorrência: abundante em áreas arenosas pouco ou não alagáveis, caronal, canjiqueiral. Cit. ant.^{151,174,61,62,18}.

Distribuição: dunas, do CE ao RS¹⁹.

Outra sp.: *R. brasiliensis*.



Rubiaceae

Sabicea aspera Aubl.

AP 5503

Etimologia: Sabicea=nome popular nas Guianas¹³; aspera=áspera (folha).

Arbusto trepador 1-4 m alt., flor nov-fev, fruto dez-mar.

Utilização: Fruto comido por aves, que fazem o papel de disseminadoras. Potencial ornamental. Desconhece-se uso.

Ecologia: Sensível a fogo, pelo que tende a diminuir em anos secos, quando a queimada atinge os brejos.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar alagável, cambarazal, solos argilosos e arenosos.

Distribuição: Guianas e Amazônia (conforme material visto no Herbário de Kew).

Outras rubiáceas: *Coutarea hexandra*, *Palicourea crocea*, *P. rigida*, *Perama sp.*, *Rudgea cornifolia*¹⁷⁹, *Simira rubescens* (Poconé).



Rubiaceae

Sipanea biflora (L.f.) C.et S.

AP 3833.

Etimologia: Sipanea=nome da planta nas Guianas¹³; biflora=com 2 flores (aos pares).

Erva perene, rasteira, estolonífera. Flor no início das chuvas e após a cheia.

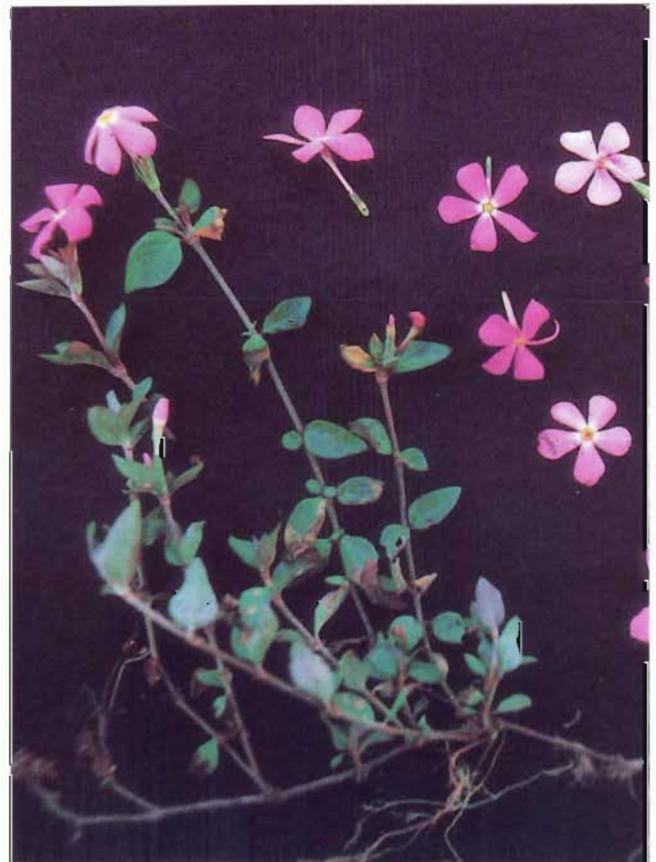
Utilização: Grande potencial ornamental, pode ser propagada vegetativamente, forma tapetes.

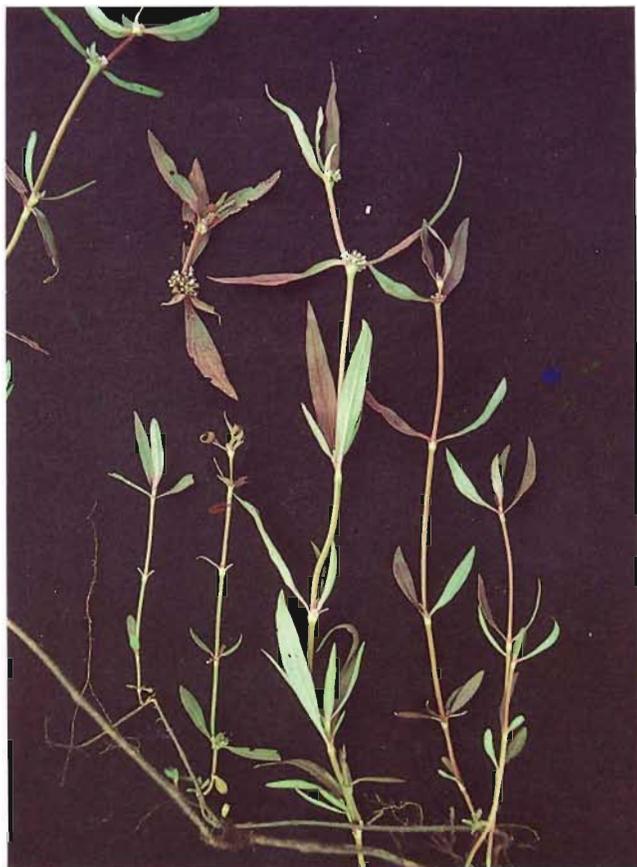
Ecologia: Cresce melhor ao sol, tolera meia sombra, desaparecendo quando a sucessão do campo vai para "rabo-de-burro" (*Andropogon spp.*) ou arbustos e árvores. Suporta certa intensidade de pisoteio e rebrota após a queimada ou a cheia.

Ocorrência: abundante em borda de corixo e vazante, e entre "cambará" e "pimenteira" espaçados, solos arenosos ou siltosos, férteis, alagáveis 1-3 m prof.

Distribuição: Ilha do Bananal e Guianas, locais úmidos (conforme material visto no Herbário de Kew).

Outra sp.: *S. pratensis*^{61,62}.





Rubiaceae



Spermaceodes glabrum (Michx.) O. Kze.

AP 3289, id. conf. E. Cabral.

Etimologia: *Spermaceodes*=parecido com *Spermaceo* (semente com ápice), gênero da família ao qual a espécie já pertenceu¹³; *glabrum*=sem pêlos.

Erva perene, ereta ou meio caída, arroxeadá, flor em grande parte do ano, limitada por cheia ou por falta de umidade.

Utilização: Desconhece-se uso.

Ecologia: Aumenta com degradação do campo, diminui com sombreamento; rebrota após fogo.

Ocorrência: freqüente, paratuda, campos alagáveis, solos argilosos. Cit. ant.18.

Distribuição: Antilhas até Argentina⁴³.



Rubiaceae



Sphinctanthus hasslerianus Chodat “REBENTA-LAÇO”, “arrebenta-laço”

4506=Ratter 6098, id. D.C. Zappi (Kew).

Vinha sendo identificado como *S. microphyllus* K.Schum.

Etimologia: *sphinct*=comprimido + *anthus*=flor; homenagem ao botânico Hassler (coletou na região).

Arbusto 1-2 m alt., com aspecto de xerófita. Flor agônova., fruto na cheia.

Utilização: Pouco pastada. Fruto não parece comido por peixes, mas por aves, que dispersam a semente. Potencial ornamental.

Ecologia: Invasora¹, e como diz o nome, difícil de arrancar. Rebrota após fogo ou corte. Diminui com sombreamento.

Ocorrência: muito freqüente, às vezes dominante em manchas, campo, vegetação ciliar, espinheiral, muito inundáveis, solos argilosos. Cit. ant.179,1.96.

Rubiaceae

Staëlia thymoides C. et S.

VJP 1009, id. E. Cabral.

Etimologia: Staëlia=homenagem ao barão Von Stael Holstein¹³; thymoides=parecida com *Thymus*, tomilho (planta européia, de tempero).

Erva perene, ereta, 10-30 cm alt., com pequeno xilopódio, com que sobrevive ao fogo. Flor qu. se o ano todo.

Utilização: Não parece ser pastada, apenas quando misturada às gramíneas. Potencial ornamental.

Ecologia: Invasora e indicadora de excesso de pastejo, típica de solo arenoso¹.

Ocorrência: abundante, caronal, campos, áreas desmatadas, somente em solos arenosos. Cit. ant.^{105,61}; como *S. vestita*^{1,18}.

Distribuição: Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai²³.



Rubiaceae

Tocoyena formosa (C. et S.) Schum. “OLHO-DE-BOI”, “marmelada-preta” ou “marmelo-preto”(Poconé)

AP 2405

Etimologia: Tocoyena=nome popular nas Guianas¹³; formosa=bonita (flor).

Arbusto 1-4 m alt., caule reto com casca fina. Flor na época chuvosa; alguns frutos velhos permanecem por meses na planta, já enegrecidos.

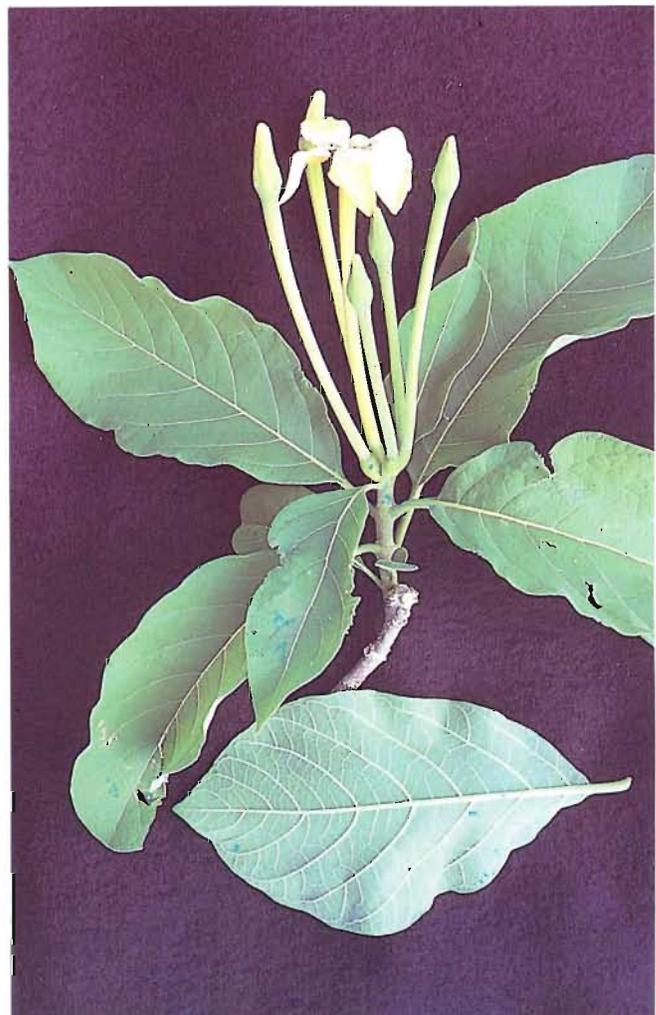
Utilização: Excelente forrageira, que a vaca come até onde ela alcança, por isto encontra-se protegida no “gravateiro” e entre outros arbustos. Tem o maior teor de cálcio (0,8%) e magnésio (0,5%) constatado em arbustos do Pantanal, o de fósforo (0,3%) é médio, os de cobre e zinco são baixos, e o de proteína (14% PB) é médio, bom para vacas¹⁷¹. Às vezes é suspeita de tóxica no planalto, mas não consta nada contra a planta (seg. J. Döbereiner). Fruto é alimento de aves, que fazem a disseminação; embora de aspecto atrativo, cor laranja, tem péssimo sabor. Potencial ornamental.

Ecologia: Sensível a fogo, podendo rebrotar da base.

Ocorrência: freqüente, bordas de cordilheira e caapões, principalmente em solos arenosos. Cit. ant.^{174,18}

Distribuição: flora do Cerrado^{101,77}, também no Nordeste^{134,65}.

Outra sp.: *T. brasiliensis*, flor parecida, folha mais dura, árvore, sendo que a revisão de A. L. Prado (tese M. Sc., UNICAMP) sinonimizou as duas espécies.





Rutaceae

Fagara chiloperone (Mart.) Engl.
(=*Zanthoxylum chiloperone* Mart.)
“CERA-COZIDA”, “laranjeira-brava”

Ratter 5101, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Fagara=antigo nome de planta aromática⁴⁸.
Árvore 8-16 m alt., caducifolia, casca característica, com cortiça grossa; forte odor (família da arruda), semelhante a urina de onça; flor na estação seca (jun-set), fruto out-jan²⁰⁷.

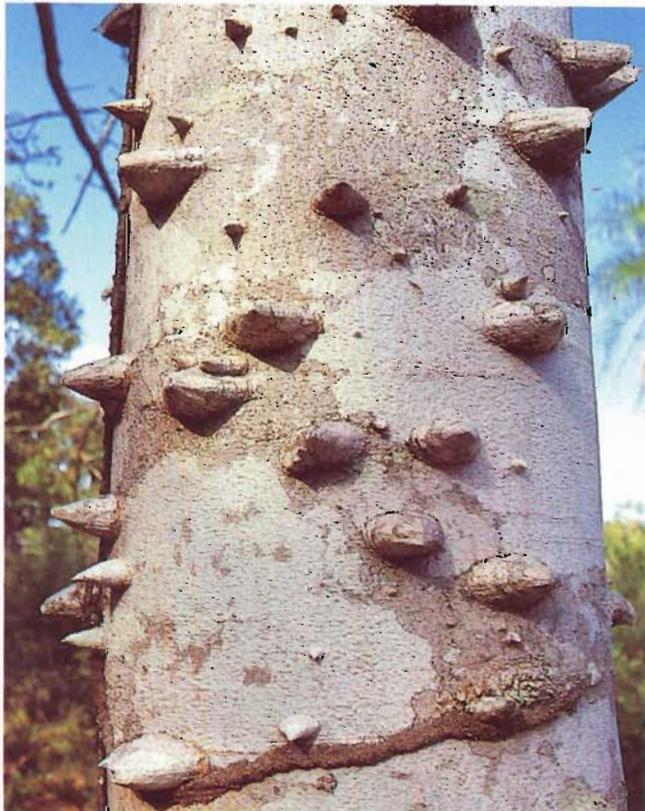
Utilização: Madeira dura, amarelada, com aspecto de cera que lhe deu o nome na região, sendo utilizada para moirão, cabo de ferramenta, tábuas. Serve para carpintaria, construção, forro, tamanco^{46,159,132}.

Apícola. Forrageira eventual. Semente comida e disseminada por aves; viabilidade de 3 meses, germina em 50 dias¹³².

Ecologia: No Paraguai aumenta em área desmatada, como beira de estrada²³⁰, o que não ocorre no Pantanal.

Ocorrência: freqüente, matas semidecíduas, solos arenosos ou argilosos, ricos em cálcio, Cit. ant.^{174,186,39,18}.

Distribuição: MG, RJ, SP e PR, na mata semidecídua^{46,132}, Paraguai¹⁴⁸, Argentina⁵⁷.



Rutaceae

Fagara hassleriana Chod.
(=*Zanthoxylum hasslerianum*)
“MAMINHA”, “maminha-de-porca”, “mamica-de-porca”

Ratter 5068, id. J.A. Ratter; 2956, id. J.R. Pirani.

Etimologia: gênero idem; hassleriana=homenagem ao botânico Hassler (coletou na região).

Árvore ereta, 2-10 m alt., folha com odor forte (da família da arruda), flor abr-jun, fruto ago-nov.

Utilização: Forrageira de mediano consumo, acesso dificultado pela altura e pelos espinhos (acúleos) nos ramos e folhas, que causam ferimentos ao vaqueiro.

Apícola, dá muita flor, de cobrir o chão. Madeira para uso interno. Medicinal, com xantopicrina¹⁰³.

Ecologia: É verdadeira invasora de campos inundáveis no sul de Poconé, formando conjuntos fechados, o “maminheiro”. A semente preta brilhante é alimento de aves, depois nasce sob árvores e ao redor de postes e cupinzeiros, formando um núcleo inicial de caapão, até a próxima grande cheia impedir a sucessão. Tolerância fogo rápido.

Ocorrência: muito freqüente em todas sub-regiões, principalmente em solos arenosos, em cordilheiras e caapões, pouco ou não alagáveis; esparsa em canjiqueiral e beira de lagoa; campos do Jofre (Poconé). Cit. ant.^{174,186,96,61,62,18}.

Distribuição: Paraguai²³⁰.

Outras spp.: *F. naranjillo*, *F. pterota* (mata calcária, chaco), *F. rhoifolia* (“maminha-preta”), *F. riedeliana*

Salicaceae

Salix humboldtiana Willd.

"SARÃ"

AP 6239

Etimologia: salix=salvo, salgueiro; homenagem ao naturalista alemão von Humboldt; saran=esparramado⁵⁷ ou talvez de sarandi, nome indígena para arvoretas de beira rio.

Árvore 3-6 m alt. (até 30 m⁵⁶), caducifólia, unissexuada, flor jul, semente ago. Semente dura apenas 1-2 semanas^{193, 132}, é dispersa pela água, demorando a afundar por ser pilosa (seg. J.F. Ribeiro, CPAC-EMBRAPA).

Utilização: Madeira macia, leve, sem cheiro, por isto usada na Argentina para caixa de frutas e alimentos¹²⁵; serve para carpintaria, marcenaria e celulose^{125,190,193,132}; tratada com sulfato de cobre dura 8 anos¹²⁵; tem corante^{126,130}.

Casca amarga, tem ác. salicílico (vem de salix) ou salicina, contra febre e dor, calmante, tônico^{59,130,190,193}, e contra cálculo renal¹⁹⁰.

Forageira de veados²³⁴ e gado. Apícola (néctar)²³⁴.

Ramos ricos em auxina, hormônio para enraizar estacas de outras árvores¹³⁰. Ornamental, para arborização^{161,132}, mas raízes entopem drenos.

Cultivo: Planta-se por estacas, crescimento rápido¹³⁰.

Ocorrência: encontrado no rio Aquidauna, abundante, parte com barranco alto, solo arenoso.

Distribuição: sul-americana, do México ao Uruguai, e de MG ao RS, colonizadora de margens e ilhas de rios^{125,26,190,130,132}.



Sapindaceae

Cardiospermum grandiflorum Sw.

"POCA"

AP 4285, id. M.S. Ferrucci.

Etimologia: cardio=coração + spermum=semente (fruto como coração); grandiflorum=flor grande; poca=bexiga natatória de peixe.

Trepadeira perene, 2-4 m alt., flor out-mai, na estação chuvosa; fruto jun-ago.

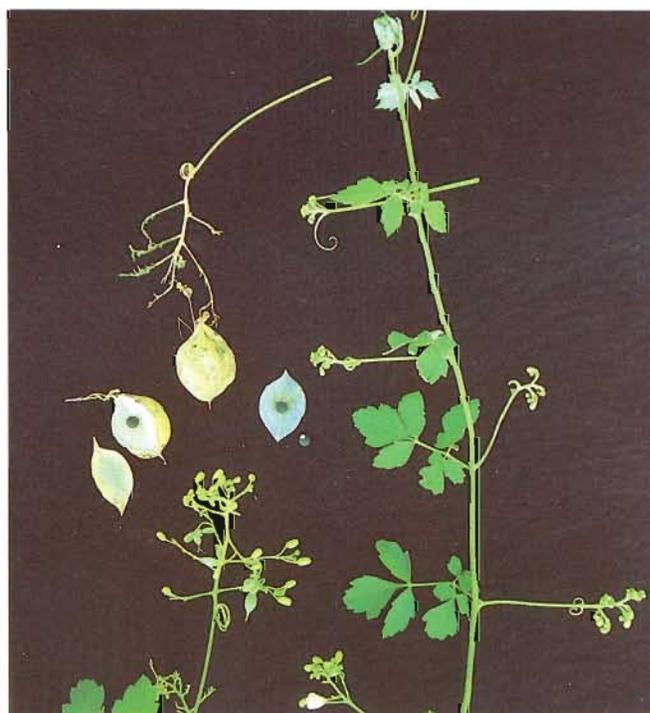
Utilização: Ornamental^{42,19,58}. Raiz e folha tidas como remédio contra tosse^{201,42,19}.

Cultivo: Propaga-se por semente⁵⁸.

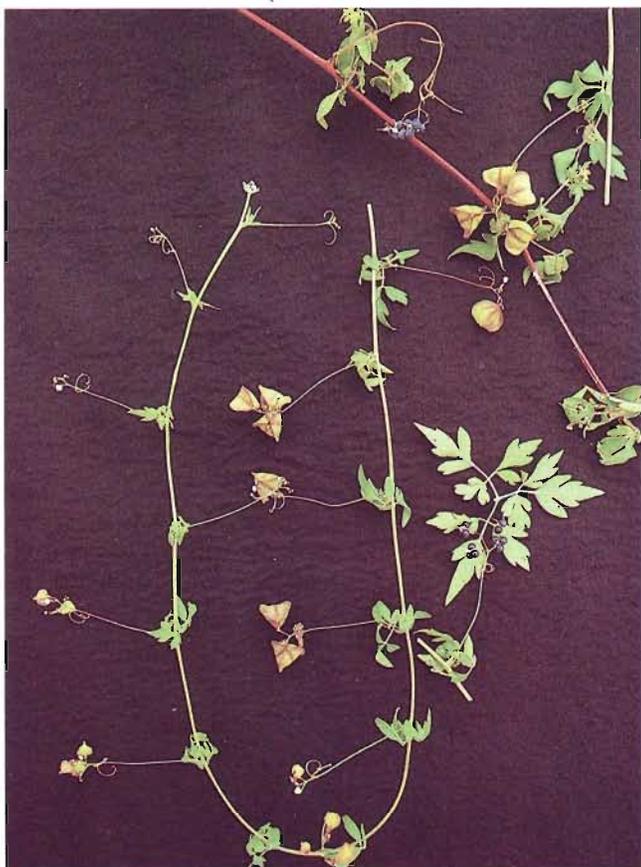
Ecologia: Aumenta com perturbação da mata.

Ocorrência: esparsa, bordas e clareiras de cerradão e matas, solos arenosos.

Distribuição: África tropical, Austrália, América tropical e subtropical, do México ao Chile, Argentina e Uruguai, PA ao RS^{58,189,19,78}.



Sapindaceae



Cardiospermum halicacabum L.

“POCA”

VJP 372. id. M.S. Ferrucci.

Etimologia: gênero idem; halicacabum=als+cacabon, barril de sal, em grego (forma do fruto)¹⁸⁹.

Erva anual, trepadeira, ou freqüentemente prostrada, ao não achar suporte no solo descoberto pós-cheia; flor e fruto em várias épocas.

Utilização: Forrageira¹⁸⁹, mas aqui quase não é pastada. Apícola⁴². Ornamental⁵⁸. Semente para colar indígena¹⁸⁹ e artesanato^{42,4}.

Raiz fedida, considerada estomacal, diurética^{42,124} e aperitiva^{42,189,86,85}, contém mucilagem e saponina¹⁸⁹.

Folha também medicinal¹⁸⁹, laxante e sudorífica^{42,131}, é alimento de emergência na Índia e China^{42,4}. Semente comestível, africanos a consideram boa para memória^{42,19} e nervos¹³¹.

Ecologia: Aumenta com perturbação como estrada¹⁷³ e desmatamento, ou onde a cheia matou a vegetação.

Ocorrência: abundante, campos alagáveis e clareiras de mata, solos argilosos; também em arenosos, férteis. Cit. ant.^{18, 61,18}.

Distribuição: ampla dispersão, cosmopolita tropical e subtropical^{58,189}, todo o Brasil^{131,189} e África¹⁹⁷.

Sapindaceae



Cupania castaneaefolia Mart.

“CAMBOATA”

AP 5511. id. M.S. Ferrucci.

Etimologia: homenagem ao botânico italiano Cupani¹⁸⁹; castaneaefolia=folha de *Castanea*, castanheira européia; camboatá=madeira dura de trabalhar, em guarani⁵⁷.

Árvore ou arvoreta, 3-6 m alt., perenifólia, flor dez-fev.

Utilização: Apícola. No gênero os frutos são aproveitados e dispersos por aves⁹⁶. Potencial ornamental. Não se tem informação de uso regional da planta ou se a folha é comida por gado. No gênero há plantas tóxicas (casca) para peixe⁹².

Ecologia: Aumenta com perturbação, sendo colônizadora de beira de estrada.

Ocorrência: freqüente em bordas de matas, Poconé, solos argilosos. Cit. ant.⁹⁶.

Outra sp.: *C. vernalis*^{96,53}.

Sapindaceae

Dilodendron bipinnatum Radlk.

“MARIA-POBRE”, “mulher-pobre”, “mãe-pobre”

AP 2953, id. J.A. Ratter

Etimologia: não achada para o gênero; bipinnatum=bipinada (folha dividida em pinas de foliólulos).

Árvore caducifolia, 6-15 m alt., copa aberta; flor jun-set, fruto out-dez, mas não todos anos.

Utilização: A cinza coada (=decoada) substitui soda para sabão, donde vem sugestivos nomes populares (um é “puta-pobre”, em outras regiões)⁴⁶.

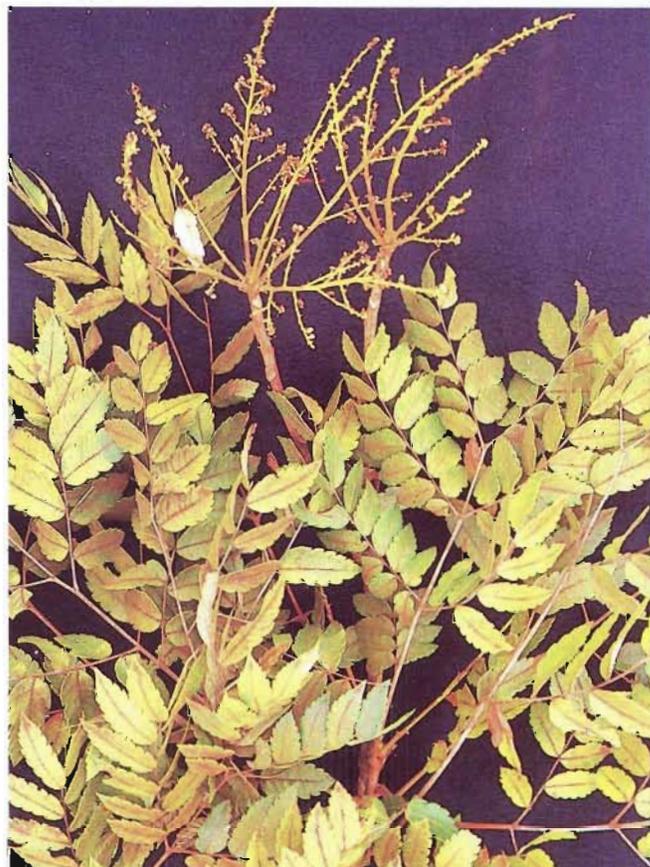
Algo pastada. Semente **comestível**¹⁰⁸, sabor desagradável, aves (periquitos) comem arilo branco e derrubam fruto e espalham sementes. Semente tem óleo combustível^{46,132}. Madeira de valor econômico na Amazônia¹⁰⁸, leve, muito macia, cheia de goma⁴⁶, para lenha¹³². Boa para sombra e paisagismo¹³².

Cultivo: Germina em 15 dias, crescimento rápido¹³².

Ecologia: Rebrotar após desmatamento. Indicador de cerradão com mais cálcio¹⁸⁶

Ocorrência: esparsa, mata semidecídua e cerradão, às vezes em mata de galeria inundável, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant. 174, 186, 53, 2b, 96, 61, 62, 18.

Distribuição: ampla, matas da Amazônia e Caribe¹⁰⁸, mata seca e cerradão^{197,101}; Peru, Bolívia, Paraguai⁷⁸.



H. LORENZI

Sapindaceae

Diplokeleba floribunda Brown

“CANELA-DE-COTIA”

AP 5299, id. C.A. Conceição, conf. J.A. Ratter.

Etimologia: não achada para o gênero; floribunda=muitas flores.

Árvore de até 15 m alt. ou arvoreta de 3 m, perenifolia; flor nov-dez, fruto jun-dez.

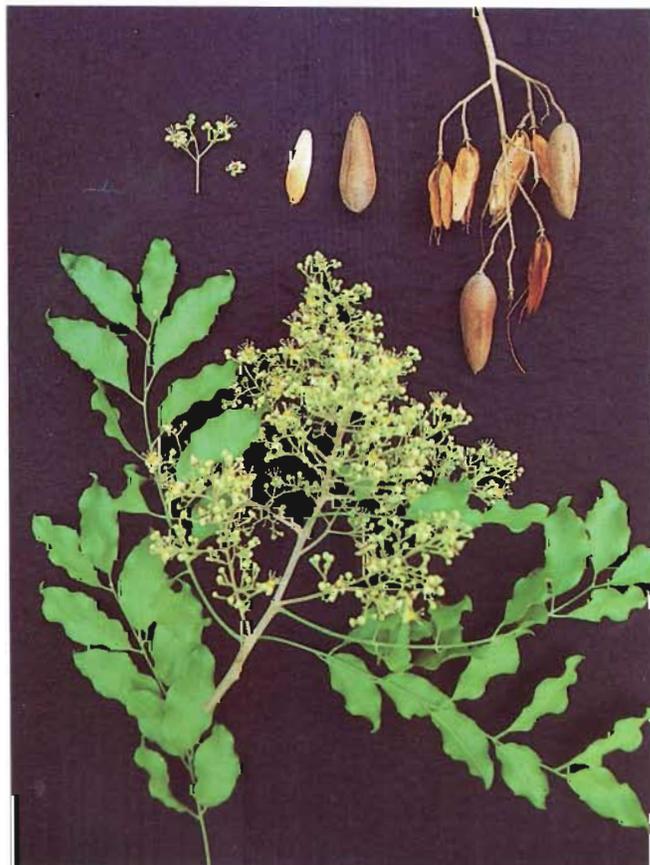
Utilização: Gado não come, nem com fome. Muito **apícola** (seg. Méd. Vet. Nheco G. da Silva). Ornamental e florestal⁵⁸, dá tronco reto¹³⁰, madeira amarelada, dura (“palo-piedra” na Argentina⁵⁸) e pesada (dens. 0,95), contrai-se ao secar, pouco usada porque pouco conhecida¹³⁰, mas boa de trabalhar, acabamento bonito, para uso interno e móveis¹⁸⁷, não usada aqui. Serve para lenha e carvão³⁹.

Contém esteróides/triterpenóides, flavonóides, tanino, saponinas¹⁰⁷.

Cultivo: Propaga-se por semente e estaca⁵⁸.

Ocorrência: restrita a áreas de influência de Chaco, no Nabileque, solos alcalinos, bem como na morraria calcária. Cit. ant. 186, 39, 175, 18.

Distribuição: Chaco oriental¹⁸², Bolívia, Paraguai e Argentina^{130,114,78}, e MS⁷⁸.



Sapindaceae



Magonia pubescens St. Hil. "TIMBÓ"

AP 4398, id. C.A. Joly.

Etimologia: Magonia=nome brasileiro¹²; pubescens=piloso (folha); timbó=cor branca, fumaça (veneno)⁷⁴.

Árvore caducifólia, 6-15 m alt., casca com relevo "martelado" como tacho de cobre (seg. A.C. Catella), flor set, perfumada; fruto fica pendurado durante meses, abrindo no final da seca.

Utilização: Apícola, mas dá mel tóxico^{103,46}. Raramente pastada. Seiva tóxica para peixe^{19,198,132}.

É considerado ótimo carvão siderúrgico em MG. Madeira meio pesada, dura, resistente a cupim, serve para construção, lenha¹³² e moirão¹⁴¹. Ornamental; semente usada em arranjos.

Uso local da cinza como soda para sabão. Semente contém óleo fino e incolor, que serve para cozinha e sabão^{19,46,152,198}.

Semente com saponina, para limpeza de úlceras²⁰⁸; chá da casca para tratar ferida de cavalo^{103,46,208,141} e de gente^{19,46}; raiz acalma os nervos²³⁸.

Cultivo: A semente tem viabilidade de 3 meses, germina em 20 dias; crescimento moderado¹³². Pega de estaca de raiz¹⁹⁷.

Ocorrência: freqüente, em grupos, cerradão de solo fértil, caapão, arenoso ou siltoso. Cit. ant.^{174,186,61,62}.

Distribuição: cerrados¹⁰¹, cerradão de solo melhor¹⁸⁶, CE até MG, PI, GO, MT e MS^{46,132}, Paraguai, Bolívia^{78,114}.

Sapindaceae



Melicoccus lepidopetalus Radlk. "ÁGUA-POMBA-MACHO"

AP 2306, id. M.S. Ferrucci.

Etimologia: Melicoccus=baga de mel; lepidopetalus=pétala com escamas, característica do gênero.

Árvore ereta, 10-20 m alt., copa larga quando isolada; unissexuada, flor ago-set, fruto nov-jan. É semelhante a "água-pomba" (ou "pitomba" em outras regiões, *Talisia esculenta*), que também ocorre aqui.

Utilização: Fruto agridoce comestível, rico em ferro^{130,78,114}. É curioso que seja rico em ferro, pois em solo alcalino esse nutriente é pouco disponível. Serve para refresco¹¹⁴, semente também é comestível¹⁴⁸. Cultivada para fruto e sombra no Chaco argentino⁵⁸, Paraguai^{148,78} e no Brasil¹⁴⁵, ornamental¹¹⁴. Deve ter sido disseminada pelos índios. O fruto é alimento de fauna. A folha é um pouco comida por bovino.

Madeira amarelada, dura, fibrosa, flexível, para carpintaria e móveis^{159,187,78,114}.

Cultivo: Por semente⁵⁸.

Ocorrência: freqüente, caapões (Abobral) e mata semidecídua (Miranda e Nabileque), solos calcários. Cit. ant.^{169,18}.

Distribuição: mata ciliar do Chaco Oriental argentino¹⁸², Paraguai e Bolívia^{58,45,78}, MS⁷⁸.

Sapindaceae

Paullinia elegans Camb.

AP 4527, id. M.S. Ferrucci.

Etimologia: Paullinia=homenagem ao dinamarquês prof. Paulli^{82,12}; elegans=elegante.

Trepadeira 2-6 m alt., flor ago-nov. fruto no verão chuvoso.

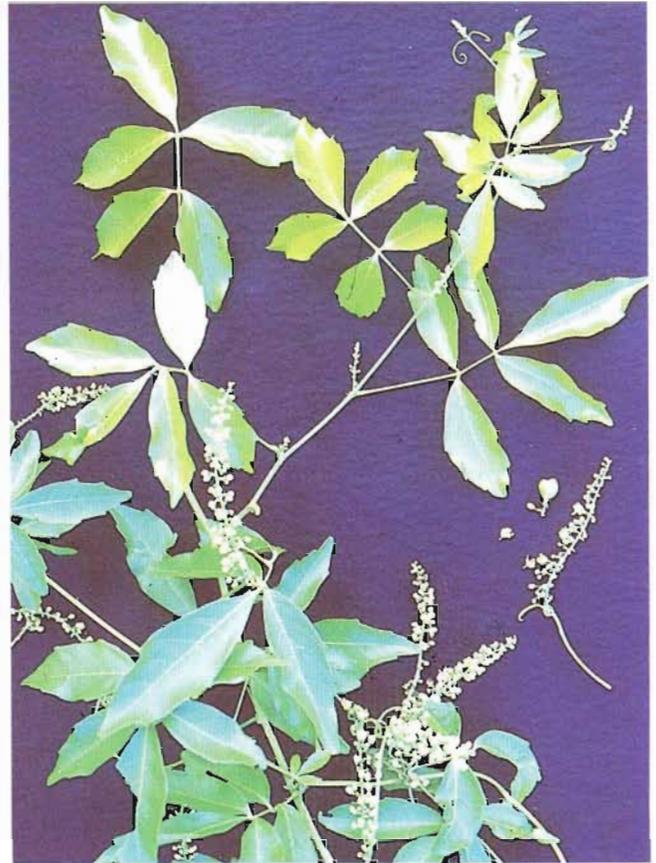
Utilização: Arilo comestível, branco, doce¹⁹, comido por aves, dispersoras. É do gênero do guaraná (*P. cupana* var. *sorbilis*).

Tóxica para peixe^{103,19,189}, veneno solúvel em água¹⁹, e suspeita de tóxica para bovinos²¹⁴.

Ecologia: Aumenta com desmatamento. Coloniza beira de estrada.

Ocorrência: esparsa. caapões e borda de mata, solos argilosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: Nordeste ao RS e MT, Bolívia, Colômbia, Paraguai, Argentina e Uruguai^{42,103,19,189,78}.



Sapindaceae

Paullinia pinnata L.

“CIPÓ-CINCO-FOLHA”, “fruta-de-pomba”

AP 2145, id. M.S. Ferrucci.

Etimologia: gênero idem; pinnata=pinada (folha).

Cipó 0,5-6,0 m alt./compr., flor ago-fev, fruto na cheia.

Utilização: Apícola¹⁷⁰. Forrageira emergencial. Suspeita de tóxica para bovinos²¹⁴, mas foi provado que não é²³⁶.

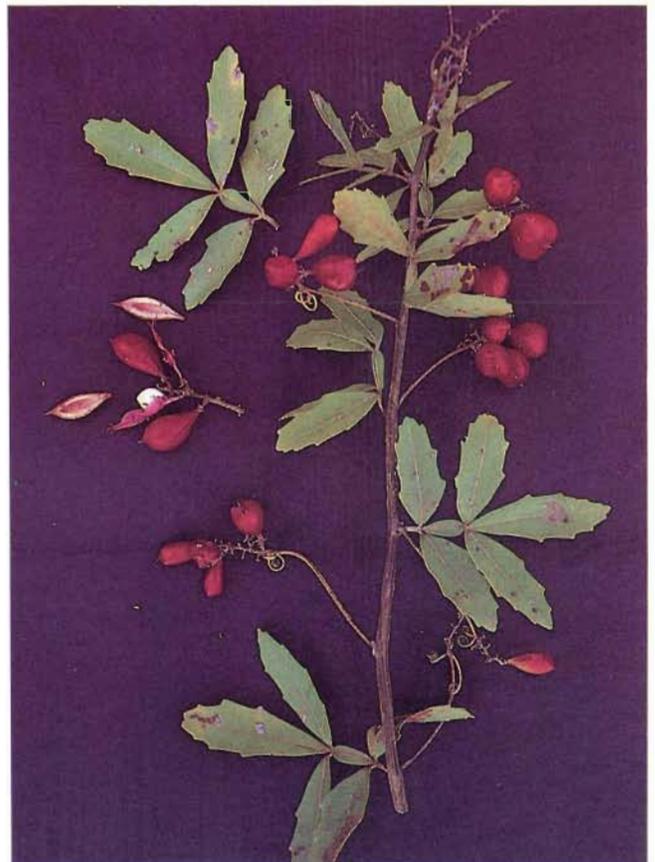
Tóxica para peixes, usada pelos índios para pescar^{140,103,42,152,198,19,56,63,52}. É sedativo e narcótico, era vendido em tintura⁴². **Venenosa**, casca e semente também, não se recomendando tomar⁹. Folha em compressa é forte analgésico^{42,9}, usada por índios do PA⁹; contém alcalóide timboína⁴².

Arilo adocicado, comestível. Semente (melhor, o arilo) é alimento de aves, répteis, peixes e formigas³⁹, dispersores. Casca (irrita a pele) dá fibras para chapéu, cesto e trançados^{19,42}; madeira flexível⁴².

Ocorrência: abundante, caapões alagáveis ou não, paratidal, carandazal, solos argilosos ou calcários, também em arenosos. Cit. ant.^{96,61,169,62,18}.

Distribuição: toda a América e na África tropicais^{42,103,19,187}, do México à Argentina⁷⁸.

Outra sp.: *P. seminuda*⁹⁴, *P. cf. spicata*.





Sapindaceae

Sapindus saponaria L.

“SABONETEIRA”, “cassita”, “cássita”, “cassiteira”

AP 3421, id. conf. M.S. Ferrucci

Etimologia: Sapindus=sabão da Índia; saponaria=que dá sabão; cassita=um dos nomes na Argentina^{130,59} e Paraguai⁷⁸.

Árvore de tronco reto¹³⁰, 3-12 m alt., perenifólia, flor jun-jul, fruto set-dez.

Utilização: Toda a planta contém saponina¹³⁰, mais no fruto^{103,58,16,218}, 37%, triturado serve de sabão^{19,46,130,59,132}, por isto foi espalhada em eras pré-colombianas¹⁰⁵. Semente inseticida^{92,4,114} e com óleo para sabonete⁴.

Não é pastada. Suspeita de tóxica para bovino²¹⁴. Bovino¹⁶², morcegos¹³² e aves (periquito) (seg. R.A. Mauro) comem o fruto, tóxico para peixe¹⁰³ e o homem²¹⁸. Considerada medicinal, fruto contra febre, reumatismo, rins, picada de cobra⁵⁹ e hemorragia uterina¹⁶²; óleo da semente contra ferroadada de arraia^{130,59,114}; casca, raiz e folha contra uretrite e corrimento⁹; raiz contra sarna¹⁶⁵; casca contra tosse^{238,16}. Madeira (dens. 0,76) pouco durável no solo, pouco uso industrial^{19,130,59}, difícil de trabalhar¹⁸⁷, dura e compacta, serve para construção, caixote e brinquedos¹³².

Apícola; dá néctar¹³⁰. Semente para artesanato⁴⁶. Ornamental^{46,58,132}, já cultivada⁴.

Cultivo: Germina em 20 dias^{161,132}, ou propaga-se por estaca⁵⁸.

Ecologia: Aumenta em área mexida.

Ocorrência: freqüente, matas semidecíduas e caapões, solos argilosos férteis, Abobral e Nabileque; também na morraria calcária. Cit. ant.^{179,186,53,39,16,2b,96,18}.

Distribuição: América tropical e subtropical, do México e Flórida à Argentina^{19,59,58,130,78}, Amazônia até GO e MT¹³².



Sapindaceae

Serjania caracasana (Jacq.) Willd.

AP 4397, 3455, id. M.S. Ferrucci

Etimologia: Serjania=homenagem a Serjeant¹²; caracasana=de karakara-sã, em guarani, corda de caracará⁷⁸.

Trepadeira lenhosa, caule até 5 cm diâm., leitosa, flor ago-dez (ou praticamente ao longo do ano¹⁶⁷).

Utilização: Apícola, dá néctar¹⁶⁷. Potencial ornamental. Serve para cestos e corda rústica¹⁸⁷.

Tóxica para peixe^{42,187}. Contém 3 saponinas (serjanosídeos)¹⁹⁸.

Ocorrência: freqüente, borda de mata e cerradão, solos arenosos.

Distribuição: desde o México⁷⁸, América Central, Venezuela, Peru, quase todo o Brasil^{42,167}, MT, PR ao RS e ao Paraguai⁷⁸ e Argentina⁵⁷.

Sapindaceae

Serjania erecta Radlk. "CIPÓ-CINCO-FOLHA"

AP 5474, id. conf. M.S. Ferrucci.

Etimologia: gênero idem; erecta=caule ereto.

Arbusto ereto a meio trepador, 1-3 m alt.; flor jan-jun.

Utilização: É pastada em períodos críticos de forragem. Suspeita de ser tóxica para bovinos²¹⁴. Caule e raiz ricos em saponina, para envenenar peixe e flecha^{42,44,46,56,208,16}. É considerada calmante²³⁸; folha contra úlcera; raiz contra pressão alta⁹⁶. Potencial ornamental¹⁶.

Ecologia: Rebrotar da base após fogo ou roçada.

Ocorrência: esparsa a freqüente, cerradão da parte leste, caronal, solos arenosos. Cit. ant.^{179,96}.

Distribuição: cerrado^{101,77}, MG, MT, SP, PR⁴⁶, RS⁴², BA, GO, SP, PR, MS, Bolívia e Paraguai⁷⁸.

Outra sp.: *S. minutiflora* (Poconé).



Sapotaceae (família com látex)

Chrysophyllum marginatum (H. et A.) Radlk. "LEITEIRINHO", "uvinha", "pimenteira-de-arancuã"

3414, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Chrysophyllum=folha dourada; marginatum=com margem (folha).

Arvoreta 2-5 m alt. (até 20 m no Paraguai¹³⁰), perenifolia, flor muito odorosa, fev-set, fruto ago-jan, sem chuva frutifica pouco.

Utilização: Fruto comestível²², alimento de morcegos e aves, especialmente pombas¹³⁰, e, a ver por um dos nomes, arancuã, que são os dispersores. Ornamental²². É pastada por bovino na cheia e na seca.

Madeira creme ou rosada, pouco conhecida¹³⁰, não utilizada aqui, nem atinge volume suficiente.

Ecologia: Rebrotar após corte. Morre com fogo severo, mas em geral faz tanta sombra que não cresce capim embaixo para queimar; após queimada rápida, rebrotar em forma arbustiva.

Ocorrência: freqüente, caapões de cerradão e borda de cerradão, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186}.

Distribuição: América tropical e subtropical⁵⁸, Bolívia ao Uruguai^{22,114}, mata ciliar¹²⁸, matas de transição do Chaco¹⁰⁸, mata de Misiones, Argentina¹⁸².





Sapotaceae


Pouteria glomerata (Miq.) Radlk.
“LARANJINHA-DE-PACU”, “laranjinha”

AP 5436, id. C.N. Cunha.

Etimologia: Pouteria=nome de árvore na Guiana¹¹;
glomerata= aglomerada (inflorescência).

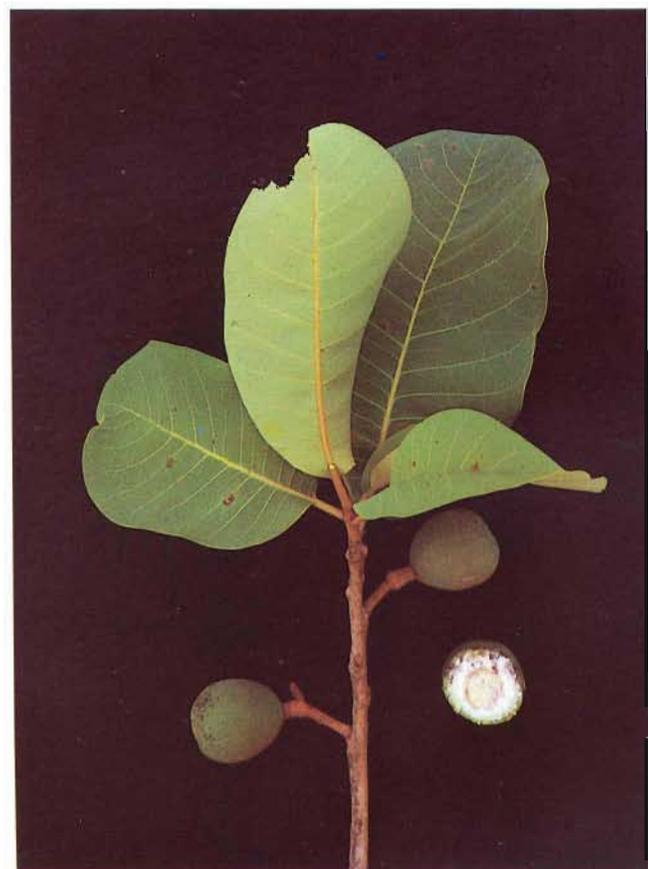
Arbusto a árvore, 1-8 m alt., ramificada até o solo (ou seja, o gado parece não comer a folha). Flor set-dez, fruto jan-ago.

Utilização: Gênero de frutas comestíveis, é alimento de peixes, apreciada como isca de pacu. Por isto alguns pescadores a mantém ao fazer a roça, protegendo-a do fogo, a que é sensível, e até plantando-a, por semente.

Ecologia: Pioneira no avanço da mata ciliar sobre o campo, mas não chega a ser invasora porque não vai longe da beira do rio. Presta-se bem para revegetar margem de rio.

Ocorrência: freqüente a abundante, mata ciliar, mata alagável, piauval, solos argilosos ou siltosos. Cit. ant.^{53,96,169}.

Distribuição: Chaco oriental, mata ribeirinha¹⁸².



Sapotaceae


Pouteria ramiflora (Mart.) Radlk.
“FRUTA-DE-VEADO”, “fruteira”

AP 5453

Etimologia: gênero idem; ramiflora=que dá flor nos ramos.

Árvore 4-10 m alt., ereta, folhagem verde-azulada clara; flor jun-set, fruto nov-jan.

Utilização: Algo pastada. Fruto comestível¹⁸², mas às vezes depreciado na região por ser alimento de veado-mateiro, donde o nome popular. É parente do sapoti, que dá matéria prima para a goma de mascar. Fruto muito consumido por morcegos, que são disseminadores¹³², além de aves.

Madeira meio pesada, dura, de fácil apodrecimento, serve para construção interna, caixote e brinquedos¹³². Ornamental¹³².

Cultivo: Semente viável por pouco tempo, germina em 1 mês; crescimento moderado¹³².

Ecologia: Tolerante a queimada.

Ocorrência: muito freqüente, caapões de cerrado, borda de cordilheira, solos arenosos, não alagáveis. Cit. ant^{174, 186,62}.

Distribuição: cerrados¹⁰¹ e mata semidecídua, Amazônia e Centro sul¹³².

Sapotaceae

Sideroxylon obtusifolium (R. et S.) Penn.

(=*Bumelia obtusifolium*, *B. sartorum*)¹⁶⁴
 "LARANJINHA", "laranjeira-brava", "laranjinha-preta", "leiteiro-preto" (Poconé),
 "guajuvirai" (Porto Murtinho).

AP 4621, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: Sideroxylon=madeira de ferro;
 obtusifolium=folha obtusa (ápice cortado).

Árvore 5-20 m alt., às vezes em forma arbustiva, com vários troncos (rebrotas), casca sulcada, ramos algo pendidos, copa fechada. Flor mai-out ou fev, muito odorosa, fruto set-dez, até abr.

Utilização: Folha e fruto **forrageiros**, também em outras regiões^{45,198}. Ramos velhos transformados em espinhos¹⁹⁷, o que dificulta pastejo e favorece lugar para ninho de pequenas aves. Fruto é alimento de veados, pombas e outras aves⁶.

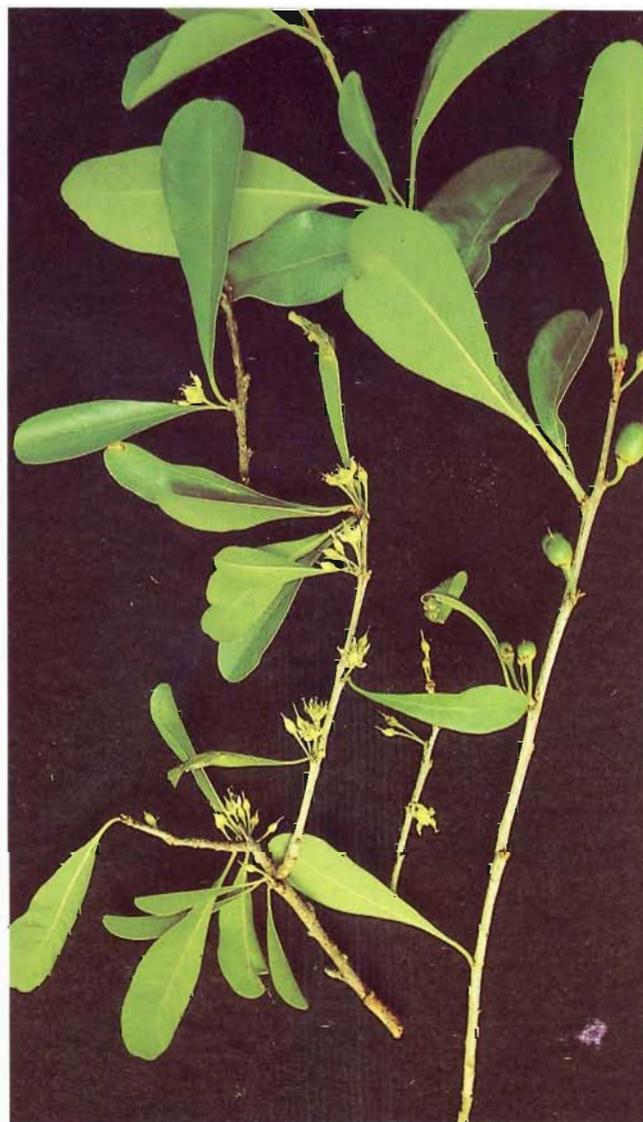
Fruto comestível^{58,6,144}, melhor cozido²², verde contém goma de mascar¹³⁰, sendo da mesma família da planta usada para tal. Madeira para carpintaria^{45,22,130,6}, lenha¹⁸⁷ e carvão²². **Apícola**.

Uso medicinal: casca contra pressão alta. Há árvores em Corumbá já demais descascadas. A casca é adstringente e tônica^{45,19}, com ação comprovada para diabete, inflamação e cicatrização²¹.

Cultivo: Propaga-se por semente^{58,144}, cresce devagar.

Ocorrência: muito freqüente em matas não inundáveis, de solos férteis, p.ex., caapões de solo de conchas no Abobral; também na morraria calcária. Cit. ant.^{53,175,61,169,62,18}.

Distribuição: ampla dispersão, do México à Argentina^{29,130,22,164}, é a "quixabeira" do Nordeste^{45,6}, nome às vezes ouvido aqui.



Scrophulariaceae

Angelonia hirta Cham.

AP 3840

Etimologia: Angelonia=de angelon, nome de planta em Caracas¹³; hirta=pilosa (folha).

Erva de base perene, parte aérea anual, ereta, 0,4-0,8 m alt., raízes fasciculadas, flor jan-set, ou também em outros meses, dependendo das chuvas ou umidade do solo.

Utilização: Ornamental¹⁹. **Apícola**. Gênero medicinal, como sudorífico e calmante^{19,41}; uma espécie é tida como remédio contra tosse⁹.

Ocorrência: esparsa a freqüente, todas sub-regiões, em campos alagáveis, de solos arenosos e siltosos.

Outras spp.: *A. brevipes*¹⁵¹, *A. gardneri*¹⁵¹, *A. integerrima* (Poconé), *A. micrantha* (Porto Murtinho).



Scrophulariaceae

Buchnera longifolia H.B.K.

AP 4046, id. conf. A. Schinini.

Etimologia: homenagem ao botânico amador Buchner¹³; longifolia= folha longa.

Erva perene, com pequeno xilopódio (sobrevive ao fogo), flor na estação chuvosa.

Ecologia: Diminui com aumento de utilização da pastagem nativa, por ser consumida pelo gado, e também com veda prolongada, pelo sombreamento imposto pelos capins altos.

Ocorrência: freqüente, caronal e campos pouco alagáveis, solos arenosos.

Distribuição: ampla, PE, BA, MG, PR, SC e RS¹⁰⁹, e da Venezuela ao Uruguai, em campos úmidos²².



Scrophulariaceae

Schizosepala matogrossensis G. M. Barroso

AP 4943, id. G.M. Barroso.

Etimologia: Schizosepala=sépala dividida; matogrossensis=do Pantanal do Mato Grosso, donde foi descrita pela Dra. Graziela M. Barroso.

Erva 5-15 cm alt., flor set-dez. Parece anual, ao menos se comporta assim, em função da cheia.

Utilização: Potencial ornamental. Desconhece-se alguma utilização.

Ecologia: Diminui em campo folgado, aumenta com excesso de gado, portanto pode ser indicadora de manejo.

Ocorrência: freqüente, vazantes e campos de inundação fluvial, solos arenosos ou siltosos, férteis, como os do Abobral e Poconé.

Distribuição: pouco conhecida, talvez endêmica do Pantanal.

Outras escrofulariáceas: *Bacopa* spp., *Gratiola* sp., *Ildefonsia* sp., *Lindernia diffusa*, *L. nummularioides*.



Scrophulariaceae

Scoparia montevidensis (Spr.) Fries

(=*S. flava* C. & S.)

“VASSOURINHA-DO-BREJO”, “salsinha-do-brejo”

N.C. Bueno 40.

Etimologia: Scopa=escova ou vassoura; montevidensis=de Montevidéu.

Erva rasteira a quase ereta. Flor praticamente o ano todo.

Utilização: Muito apícola¹⁷⁰. Potencial ornamental.

Uso medicinal: diarreia, contusões. É curiosa a descoberta pelo pantaneiro deste remédio igual à consagrada “vassourinha” *S. dulcis*, que é parente mas não é parecida, a não ser a flor à lupa.

Ecologia: Aumenta em anos secos, onde havia brejo e lagoa, ou com perturbação; por exemplo, é das primeiras colonizadoras de caronal gradeado e de áreas desmatadas. Diminui em campo sem gado, pelo adensamento das gramíneas.

Ocorrência: abundante, campos alagáveis, caronal, solos arenosos. Cit. ant.^{179,174,18}.

Distribuição: todo o Brasil⁴⁶, Uruguai, Argentina, Paraguai e Chile^{22,109}

Outras spp.: *S. dulcis* (“vassourinha”), *S. nudicaulis* (chaco).



Simaroubaceae

Simarouba versicolor St. Hil.

“PERDIZ”

Cervi 3230

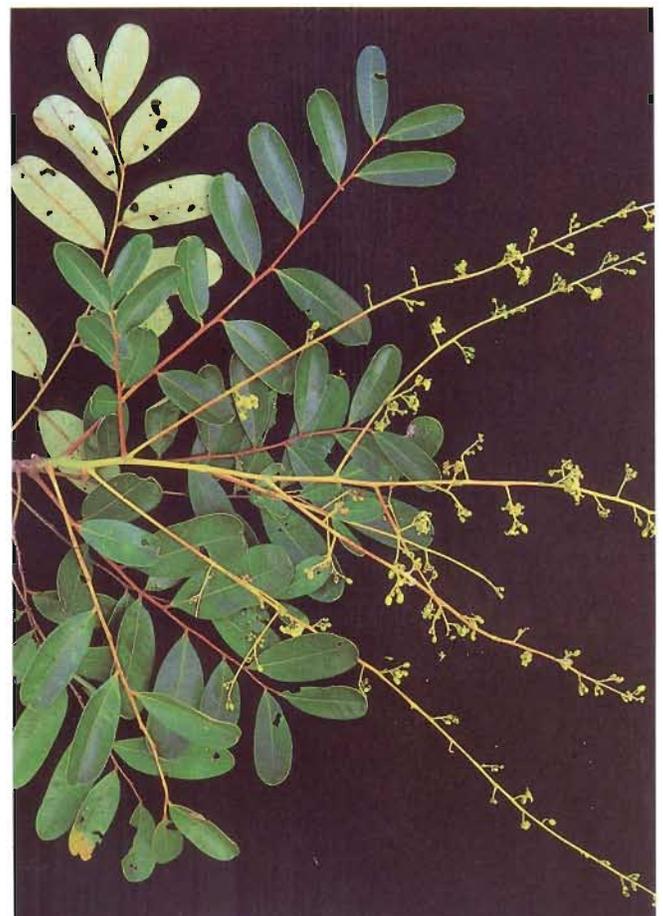
Etimologia: Simarouba=nome da planta nas Guianas; versicolor=de cores diferentes (lados superior e inferior da folha); “perdiz”=encurtamento do nome “mata-perdiz”.

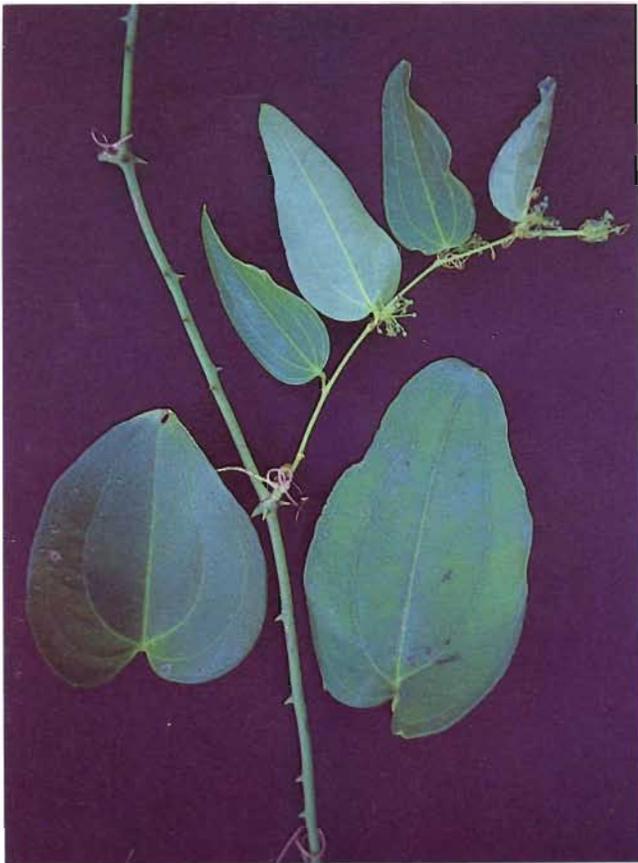
Árvore ereta 5-12 m alt.; flor jul-ago, fruto nov-dez.

Utilização: Madeira branca, porosa, leve (dens. a0,39), serve para tamanco, carpintaria (forros)^{19,45,187,136}, caixão¹⁰⁸, instrumentos musicais, brinquedos, palitos, compensados¹³⁶, tábua e móveis. Altamente resistente a cupim¹³⁶, insetífuga, para caixas de documentos e de herbário¹⁰³. Fibras para corda, estopa e papel^{19,147,45}. Dá a “casca paraíba”, inseticida e antelmíntica^{45,103,65}, contém quassina¹⁶⁵, amarga, tônica, febrífuga, contra anemia, diarreia^{222,52,45,16}, estomacal⁵⁶, e narcótica, era usada contra piolhos, sarna, feridas e cobra^{201,52,45,16,9}. Fruto contra febre^{9,223,208}. Fruto comestível^{45,16}, mas não se comprovou isso. Por ser raramente pastada, é considerada tóxica no Pantanal, sendo a casca usada contra sarna canina. A casca é venenosa, noutras regiões é “mata-menino” ou “mata-cachorro”^{45,9}.

Ocorrência: muito freqüente, caapão de cerrado, lixeiro, caronal e borda de cordilheira, solos arenosos. Cit. ant.^{174,186,179,53,39,96,61,62}.

Distribuição: ampla, quase todo o Brasil⁴⁵, do MA ao RS¹³⁶, em cerrados^{101,76} e caatinga¹⁹⁸.





Smilacaceae

Smilax fluminensis Steud.

“JAPECANGA, “douradona”, “japecanga-folha-larga”

AP 5389, id. R. Andreatta.

Etimologia: Smilax=espinho, em grego¹⁶⁰, ou raspador¹¹⁵; fluminensis=do RJ (de onde foi descrita); japecanga=ya-ape-canga, o que tem a casca seca¹⁹, em tupi.

Cipó 1-6 m alt., base subterrânea, com muitos caules ; flor e fruto no verão chuvoso.

Utilização: Apesar dos espinhos, é **forrageira** bem consumida, tendo alto teor de cálcio (0,73%), bons de proteína (12% PB), magnésio (0,28%), cobre (9 ppm) e zinco (23 ppm), e razoável de fósforo (0,14%), para vacas¹⁷¹. As nervuras da folha são fibrosas e podem ser expelidas na ruminção. Fruto comido por aves, dispersoras.

Uso medicinal: raiz, em doenças venéreas e dor lombar, rins e coração. Tido como depurativa¹⁹⁸ e diurética⁸⁶. Os *Smilax* contém mucilagem, smilacina, saponina e tanino, e variam em suas propriedades medicamentosas¹⁶⁰.

Ecologia: Formam um entrelaçado difícil de transpor, a pé ou a cavalo, pelos incômodos espinhos. Aumenta em mata mexida. Em pomar, pode cobrir e matar as cultivadas. Rebrotam após corte ou fogo repetidos.

Ocorrência: abundante, todas sub-regiões, matas, cerradão e caapões, não inundáveis, solos arenosos e argilosos.

Outras spp.: *S. benthamiana*^{179,96}, *S. brasiliensis*, ambas “japecanga-folha-fina”.

Solanaceae

Cestrum strigillatum Ruiz et Pav.

“PAU-DE-RATO”

AP 3214

Etimologia: Cestrum=martelo (forma dos filetes na flor)¹³; strigillatum=com pêlos longos.

Arbusto 1-3 m alt., pêlos estrelados pedunculados no lado inferior da folha, que a tornam cinza. Flor jun-set, abre à noite, muito perfumada, atrai mariposas.

Utilização: **Forrageira** bem aceita por bovino, apesar de ter folha mal cheirosa, donde o nome vulgar (há outra com este nome, ver *Dulacia*). Mas é um gênero de plantas tóxicas, as coeranas¹⁰³, árvores não encontradas aqui. Tóxica para peixes¹⁰³. Fruto comido por aves, que a disseminam, daí nasce sob árvores.

Medicinal¹⁴⁸. Há espécies com princípios repelentes e herbicidas⁹². Ornamental⁵⁸.

Cultivo: Multiplica-se por estacas⁵⁸.

Ecologia: Aumenta em locais perturbados. Rebrotam após corte ou fogo.

Ocorrência: freqüente, borda de cordilheira, caapões, roça velha, não inundáveis, solos arenosos ou argilosos, férteis; também na morraria calcária. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: América do Sul⁵⁸, oeste e sul do Brasil, Bolívia, Peru, Colômbia²²⁴ e Argentina⁵⁸.

Solanaceae

Physalis pubescens L.

AP 5490=AP 5915, id. G. Hatschbach.

Etimologia: *Physalis*=de physa, bexiga (fruto envolto no cálice inflado); *pubescens*=pilosa.

Erva anual²² ou perene¹³¹, 25-60 cm alt., flor e fruto em variadas épocas.

Utilização: Fruto comestível¹⁹; os mexicanos usam uma espécie na comida. Folha diurética, laxante^{238,19}, estimulante do aparelho gênito-urinário^{19,131} e narcótica, para problema de ouvido, fígado e baço¹³¹, boa para reumatismo, por eliminar a causa que é o ácido úrico, e fruto também laxante, diurético e para inflamados²³⁸; pode ser tóxica⁸⁵.

Ecologia: Invasora de pastagem cultivada, roça e pomar, ruderal.

Ocorrência: esparsa, sedes de fazenda, solos arenosos ou argilosos, férteis.

Distribuição: pantropical²², Índia e América tropical, das Guianas a SP¹⁹.

Outra sp.: *P. angulata* (vazantes argilas).



Solanaceae

Solanum amygdalifolium Steud.

AP 4725, id. conf. A. Schinini.

Etim: gênero idem; amygdalifolium=folha de *Amygdalus*, "amendoeira" asiática.

Trepadeira perene, herbácea, 1-5 m alt., caule de secção hexagonal ou pentagonal; flor em grande parte do ano, fruto na seca.

Utilização: Flor com perfume suave. **Ornamental**, propaga-se por galhos e divisão de touceira⁵⁸, cultivada, sendo rústica e de longa floração^{22,29}. Contém alcalóides²², provavelmente sendo tóxica, o que é comum no gênero e na família, pois não se observou sinal de herbivoria. Fruto comido por aves, que dispersam as sementes.

Ocorrência: esparsa, mata ciliar inundável, solos argilosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: sul do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai^{22,28}.





Solanaceae

Solanum cf. bonariense L.

“JURUBEBA-BRAVA”, “falso-algodão-bravo”,
“algodoeiro-branco”

AP 3516

Etimologia: gênero idem; bonariense=de Buenos Aires.

Árbusto 1-2 m alt., ereto, flor quase o ano todo, concentrada out-nov, fruto na cheia (abr). Hábito semelhante ao verdadeiro “algodão-bravo” (*Ipomoea carnea* ssp. *fistulosa*).

Utilização: É um pouco pastada, mas está mais para invasora de pastagem. Fruto comido por aves, dispersoras.

Uso medicinal: raiz, para estômago. Na Argentina é usada para falsificar o remédio vegetal beladona²², a solanácea da atropina.

Ecologia: Rebrotar após fogo. Não tolera sombra.

Ocorrência: abundante, campos alagáveis, carandazal, solos argilosos, sub-regiões de Miranda e Nabileque, também Cáceres. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: sul do Brasil, Argentina e Uruguai²².



Solanaceae

Solanum glaucophyllum Desf.

(=*S. malacoxylon* Sendt., como é mais conhecida)
“ESPICHADEIRA”

AP 2844

Etimologia: gênero idem; glaucophyllum=folha verde azulada.

Subarbusto ereto 0,5-1,8 m alt., fino, pouco ramificado, com rizoma (tolera fogo e cortes). Flor quase no ano todo.

Utilização: Tóxica, causa “espichamento” ou “espichação”, que é o acúmulo exagerado de cálcio no organismo animal⁶⁰. É pouco pastada, mas a folha seca caída ingerida junto com pasto ainda tem o fator de enrijecimento de tecidos da vaca, que fica “espichada” e pode morrer de fome porque não consegue mais andar⁶⁰. Uns creem que o gado “vicia” a comê-la. Grande potencial para remédio veterinário em fraturas, febre do leite, ovo de casca mole¹⁵⁷, utilizando o mesmo princípio fixador de cálcio que a torna problemática, em razão da riqueza em vitamina D³. Do mesmo modo, tem potencial contra o raquitismo em crianças. Medicinal, raiz contra inflamação e laxante¹⁶.

Fruto comestível¹⁶, mas cuidado com solanáceas. É comido por aves, que espalham a semente. Isto explica a associação da planta com cupinzeiro¹ e junto a cercas.

Cultivo: Propaga-se por sementes e brotos⁵⁸.

Ecologia: Aumenta em locais muito pisoteados.

Ocorrência: freqüente, campos alagáveis, somente em solos argilosos, férteis, justamente (ou injustamente) os ricos em cálcio (seria ideal que crescesse nos arenosos, pobres em Ca), sendo muito freqüentes na sub-regiões de Poconé, Miranda e Nabileque. Cit. ant.^{60,1,18}.

Distribuição: Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina^{58,22}.

Solanaceae

Solanum paniculatum L.

“JURUBEBA”

AP 5420, id. G. Hatschbach.

Etimologia: gênero idem; paniculatum=inflorescência em panicula; jurubeba=yu, espinho + peba, chato¹⁹.

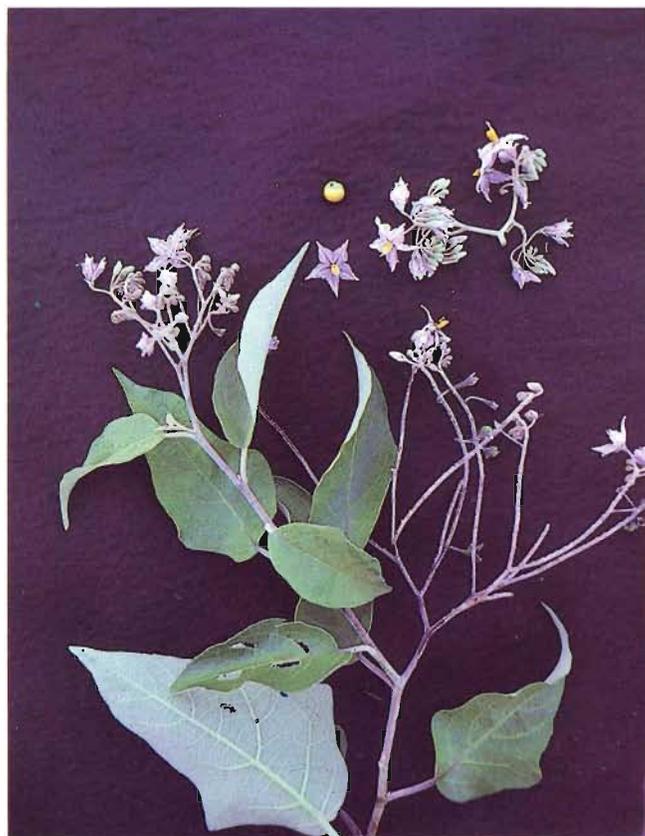
Arbusto 1-4 m alt., com alguns espinhos (acúleos). Flor out-jan, fruto dez-mar.

Utilização: Flor visitada por mamangava. Fruto pode ser comido frito, em omelete²⁴⁶ e em conserva.

Uso medicinal: figado. O fruto é ótimo para curar ressaca²⁴⁶. Raiz, folha e fruto (verde) contém jurubidina (ou jurubebina²⁰¹), resinas, mucilagens e ácidos orgânicos; fruto digestivo, serve para figado, hepatite, baço; folha, cicatrizante e febrífuga^{9,131,227}, e para emagrecer³⁵; raiz amarga, tônica, digestiva, diurética, anemia^{201,131,227,47}, aperitiva, febrífuga e laxante^{19,9,201} e falta de suor²³⁸; flor contra resfriado, rins²⁰⁸ e diabetes^{9,224}; e muito mais. Mas, contendo alcalóides, evitar uso prolongado²¹².

Ocorrência: ocasional, em grupos ou isolado, em taperas ou em murundu (provavelmente levado por aves), diversos solos. Cit. ant.¹⁷⁴.

Distribuição: América tropical²⁴⁶, capoeiras, ruderal do NE ao RS^{131,224}, cultivado no CE¹⁹.



Solanaceae

Solanum viarum Dun. (= *S. reflexum*)

“JOÁ”, “juá-bravo”

AP 1527, id. J.A. Comastri Filho.

Etimologia: gênero idem; viarum=das vias, dos caminhos; joá, de ju=espinho, em guarani¹³⁰.

Erva anual¹³¹ ou subarbusto perene de vida curta, 0,3-1,1 m alt., flor e fruto quase o ano todo, mais nas chuvas.

Utilização: Bovino e anta comem o fruto, que contém 9% de proteína (PB), 0,2% de cálcio e 0,3% de fósforo¹⁷¹, nutrientes que em boa parte devem estar na semente não digerida.

Uso medicinal: fruto aplicado em furúnculo, raiz contra dor de coluna e rins.

Ecologia: Aumenta em anos secos. Típica de locais muito alterados, como aterros de estrada, roça, mancha onde queimou um tronco ou leira, áreas de pisoteio violento perto de cochos e porteiras, curral e malhador, nestes devido à semente vinda no esterco (já nasce adubada).

Invasora de pastagem^{55,131}.

Ocorrência: abundante, todas sub-regiões, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{174,173}.

Distribuição: Amazônia⁵⁵, Centro-Oeste, Leste e Sul do Brasil, ruderal¹³¹, Paraguai e Argentina²².

Outras spp.: *S. americanum* (“maria-preta”), *S. lycocarpum* (“lobeira”, “fruta-de-lobo”), *S. sisymbriifolium* (“joá”).





Sterculiaceae

Ayenia tomentosa L.

AP 4707, id. C.L. Cristóbal.

Etimologia: não foi achado o significado do gênero; tomentosa=pilosa (folha).

Subarbusto ereto 0,5-1,2 m alt., flor e fruto em grande parte do ano.

Utilização: É um pouco consumida por bovino.

Ecologia: Aumenta em anos secos. Elemento da capoeira.

Ocorrência: esparsa, cordilheira desmatada, às vezes em caronal perturbado, pouco ou não alagáveis, solos arenosos.

Distribuição: ampla, ruderal; ocorre no alto da serra na BA¹⁶⁶.

Outra sp.: *A. O'donellii* Cristóbal (carandazal).



Sterculiaceae

Byttneria dentata Pohl
"ESPINHEIRO"

AP 4096, id. C.L. Cristóbal.

Etimologia: Byttneria=homenagem ao alemão Büttner, professor de Botânica⁵⁰; dentada=dentada (folha).

Arbusto 1-2 m alt., flor e fruto na estação chuvosa.

Utilização: Forageira bem aceita por bovino, apesar de espinhosa.

Ecologia: Aumenta sem gado. Rebrotar após fogo.

Ocorrência: freqüente, em todas sub-regiões, em áreas pouco alagáveis, de solos arenosos (caronal) ou argilosos (murundu em paratuda). Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: Guianas a SP, MG e GO⁴⁶.

Sterculiaceae

Byttneria divaricata Bth. "ESPINHEIRO"

AP 3561, id. conf. C.L. Cristóbal.

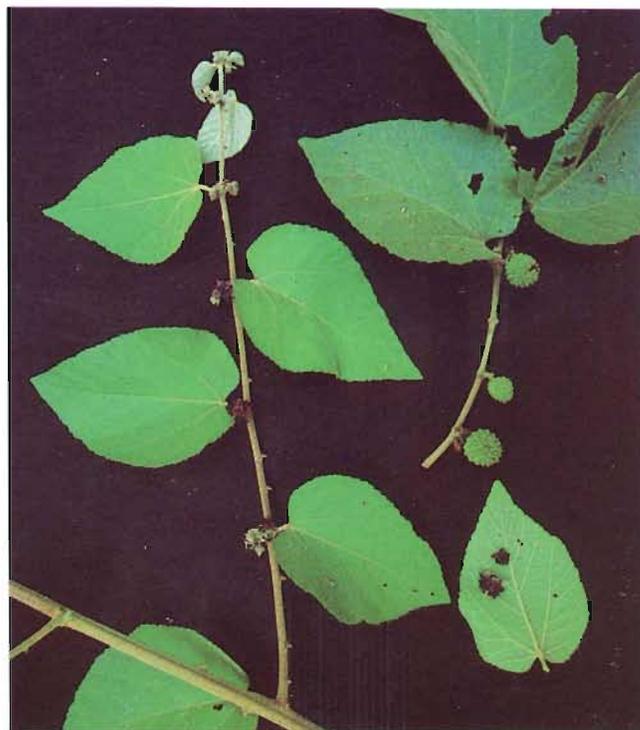
Etimologia: gênero idem; divaricata=divergente (ramos)¹⁹⁹.

Arbusto meio trepador, 2-5 m alt., flor e fruto ago-dez.

Utilização: Forrageira eventual de bovino.

Ecologia: Colonizadora de beira de estrada inundável, ou seja, um dique marginal artificial, em seu papel de pioneira de mata ciliar. Rebrotar após corte e fogo.

Ocorrência: abundante, mata ciliar alagável, mais na borda com o campo (oposta ao rio), rios Miranda e Paraguai, solos argilosos. Cit. ant.¹⁸.



Sterculiaceae

Byttneria filipes Mart.et Sch. "ESPINHEIRO", "saran-d'espino"

AP 3022, id. J.A. Ratter, conf. C.L. Cristóbal.

Etimologia: gênero idem; filipes=pé fino.

Arbusto muito espinhoso, 1,5-4,0 m alt., meio trepador por meio dos ramos horizontais; flor ago-mar, fruto mai-nov.

Utilização: Os caules e ramos se entrelaçam formando um emaranhado praticamente intransponível, tornando o espinheiral quase impenetrável por gado e homem, por isso considerada invasora de pastagem, mas pelo mesmo motivo é excelente abrigo de fauna, inclusive onça, além de geralmente ter água no meio, por ser um dos últimos locais a secar em campos sem lagoa.

É um pouco forrageira, "lambida" com cuidado devido aos espinhos.

Ecologia: Aumenta em anos de cheia. Rebrotar após cortes e fogo. Colonizadora de beira de estrada e de barranco de rio.

Ocorrência: dominante em espinheirais que se formam em certas antigas linhas de drenagem (vazantes), freqüente em vegetação ciliar, beira de caapão, solos argilosos, muito inundáveis, pelos rios Miranda e Paraguai. Cit. ant.^{18,96,61}.

Distribuição: da BA ao Paraguai⁴⁴ e matas ribeirinhas do Chaco oriental argentino¹⁸².



Sterculiaceae



Byttneria rhamnifolia Bth.

“RASGA-OLHO”, “espinheiro”

AP 5258, id. C.L. Cristóbal.

Etimologia: gênero idem; rhamnifolia=folha de *Rhamnus*, gênero-tipo das Ramnáceas.

Arbusto trepador 2-4 m alt., flor set-nov, fruto no verão chuvoso.

Utilização: Forrageira eventual para bovino. Perde as folhas onde submersa, em parte devido ao pastejo do pacu.

Ecologia: Rebrotar após roçada. Aumenta com perturbação da vegetação.

Ocorrência: freqüente, mata ciliar alagável, mais nas bordas, solos argilosos.

Outras spp.: *B. genistella*, *B. palustris*, ambas sem espinho, “raiz-de-bugre”, medicinais (diarréia).



Sterculiaceae



Guazuma tomentosa H.B.K.

“CHICO-MAGRO”

AP 5011

Etimologia: Guazuma=nome mexicano¹¹; tomentosa=pilosa, o que torna folha cinzenta.

Árvore, às vezes arbusto, 3-8 m alt., copa ampla. Flor set-mar, fruto mai-set., sendo que geralmente há frutos velhos.

Utilização: Semente comestível, sem gosto⁴¹, mas serve para enganar a fome no campo. Forrageira, folha e fruto, de gado e pacu. Apícola, flor perfumada.

Madeira usada na Índia para marcenaria e caixote⁴¹.

Cultivada como ornamental em vários países tropicais⁴¹.

Dá-embira e lenha (leve, queima ligeiro). Casca na garapa serve para clarear a rapadura.

Uso medicinal: casca, para emagrecer. Casca contra elefantíase e doenças de pele⁴¹.

Ecologia: Pioneira, aumenta com perturbação e coloniza beira de estrada. Rebrotar após corte, até de raiz.

Ocorrência: freqüente, mata seca, carandazal, paratudal, caapões, alagáveis ou não, solos argilosos. Cit. ant. 179, 18, 53.

Distribuição: América do Sul⁴¹.



Sterculiaceae

Guazuma ulmifolia Lam.

“CHICO-MAGRO”

AP 4276, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: gênero idem; ulmifolia=folha de *Ulmus*, olmo, europeu.

Árvore 5-10 m alt., flor perfumada mai-out, fruto quase sempre presente.

Utilização: Apícola (néctar). Dá mel saboroso^{130,114}. Folha forrageira. Fruto comido pelo gado^{19,45}, bugio (seg. R.A. Mauro, CPAP) e outros animais nativos, que difundem a semente¹³⁰. Semente comestível, crua ou cozida¹¹⁴.

Madeira leve, mole, durável no seco¹³², para caixa, barril, papel (44% de celulose)^{45,19,4}, carpintaria, interiores, cabos, lenha e excelente carvão

(pólvora)^{130,148,187,159,132}. Embira, que serve para corda^{147,187,130,132,114} e tecido^{19,147,45,4}. Ornamental¹³².

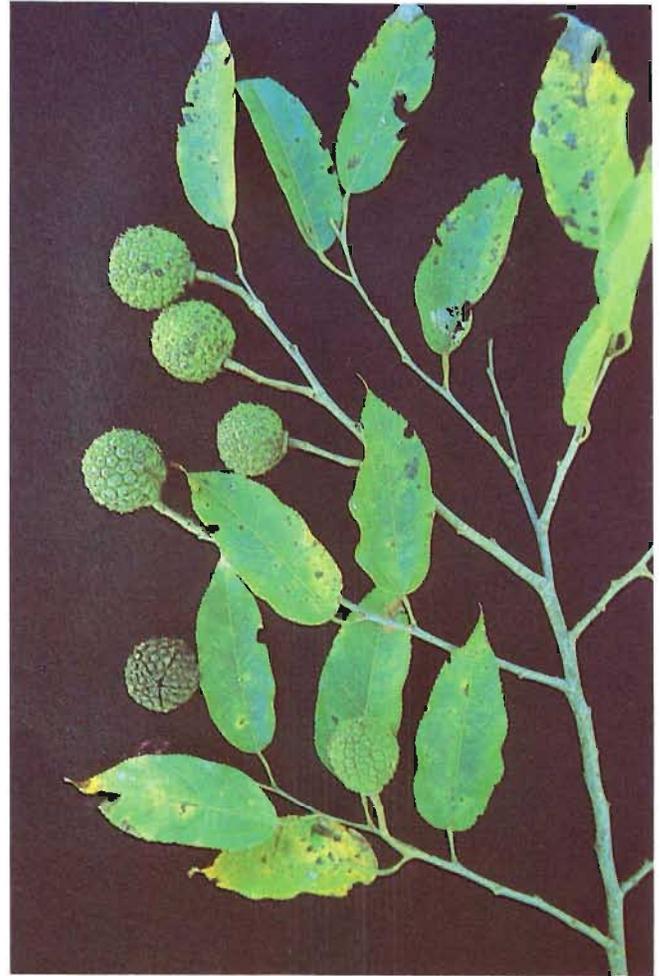
Uso medicinal: casca e fruto para emagrecer. Folha sudorífica e purgativa⁹⁵. Tóxica em excesso⁴, dá náuseas, vômito e disenteria¹⁰³. Casca contém taninos¹⁰⁷.

Entrecasca tida como remédio para resfriado²³⁸, feridas, tosse, asma^{9,52}. Remédio para queda de cabelo e piolho^{19,9}. Fruto substitui mate⁹⁵.

Cultivo: Semente germina em 7-14 dias¹³². Crescimento rápido, ao sol, serve para plantio de lenha¹³⁰.

Ocorrência: muito freqüente, mata não inundável, solos arenosos. Cit. ant.^{151,179,2b,174,186,53,96,135,61,62}

Distribuição: amazônica de ampla dispersão^{45,197} na América tropical, do México ao Paraguai e Argentina^{147,4,130}, no Brasil da Amazônia ao PR, em mata semidecídua¹³² e cerrado¹⁹⁷.



Sterculiaceae

Helicteres guazumaefolia H.B.K.

“ROSCA”, “rosquinha”

AP 3742, id. C.L. Cristóbal.

Etimologia: Helicteres=fruto em helicoidal; guazumaefolia=folha de *Guazuma* (“chico-magro”).

Arbusto ereto 1-5 m alt., formando conjuntos. Flor e fruto quase no ano todo. Fruto abre por movimentos higroscópicos (variação na umidade do ar).

Utilização: Forrageira de destaque, um dos arbustos preferidos pelo bovino. Teores elevados de cálcio (0,7%), magnésio (0,4%) e mediano de zinco (35 ppm) e proteína (12% PB), para vacas¹⁷¹. Flor alimenta beija-flores e morcegos polinizadores. Como ornamental em hotéis-fazenda poderia atrair colibris (e turistas).

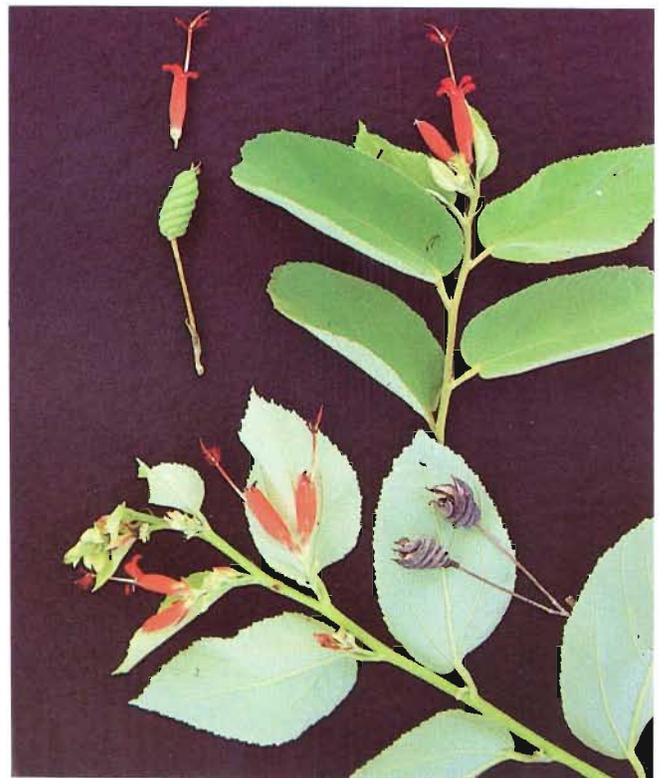
Produz fibras, duras¹⁴⁷, sendo usada como embira na região.

Uso medicinal: febre.

Ecologia: Rebrotar após fogo ou corte da pequena base lenhosa subterrânea.

Ocorrência: freqüente em todas sub-regiões, principalmente ao redor de caapões e cordilheiras. Cit. ant.^{61,62,18}.

Distribuição: AM, GO, MT (e MS)⁴⁶ e CE¹⁹.





Sterculiaceae

Helicteres lhotskyana Schum.
"ROSQUINHA"

AP 3791, id. C.L. Cristóbal.

Etimologia: gênero idem; homenagem ao botânico Lhotsky.

Arbusto a arvoreta subereta, 1,5-5,0 m alt., flor e fruto em grande parte do ano, em pequeno número.

Utilização: Forrageira. Fornece embira. Madeira castanho clara, dura e pesada¹⁸⁷, mas aqui não foi observado tronco viável.

Ecologia: Rebrotta após corte, aumenta com desmatamento. Indica solo fértil.

Ocorrência: esparsa, cerradão, matas, solos arenosos ou argilosos, providos de cálcio; também na morraria calcária. Cit. ant.^{174,38,186}.

Distribuição: também ocorre na Bolívia¹¹⁴.

Outras spp.: *H. cf. brevispira*; *H. sacarolha*⁹⁴.



Sterculiaceae

Melochia parvifolia H.B.K.
"MALVINHA"

AP 2999, id. C.L. Cristóbal.

Etimologia: gênero idem; parvifolia=folha pequena.

Arbusto perene, ereto, ramificado, 0,8-2,0 m alt.; flor quase no ano todo.

Utilização: Forrageira palatável, mas tem pouca folha, pequena.

Muito apícola. Ornamental¹⁶.

Ecologia: Rebrotta após corte ou fogo. Colonizadora de áreas desmatadas e beira de estrada. Aparece em caronal onde havia cocho ou malhador. Aumenta em anos secos.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, carandazal, solos férteis, arenosos ou argilosos, pouco ou não inundáveis. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: PI a BA⁴⁵.

Sterculiaceae



Melochia villosa (Mill.) Faw et R.

var. *tomentosa*
"MALVA"

AP 3839, id. C.L. Cristóbal.

Etimologia: gênero idem; villosa=lanosa (planta pilosa); tomentosa=pilosa, o que dá a cor cinza à folha.

Subarbusto perene, meio prostrado a quase ereto, 0,3-1,0 m alt., com xilopódio. Flor quase o ano todo.

Utilização: Apícola. Forrageira eventual.

Ecologia: Tolerante fogo. Aumenta com a degradação da pastagem nativa, portanto indicadora de excesso de gado, mas também coloniza onde o pasto morreu por inundação. Invasora de arroz irrigado⁵⁰.

Ocorrência: abundante, campos alagáveis, principalmente em solos arenosos e siltosos, também em argilosos. Cit. ant. 174,1.

Distribuição: RJ ao RS, campos do litoral; Bolívia, Paraguai e Argentina, campos inundáveis⁵⁰.



Sterculiaceae



Sterculia apetala (Jacq.) Karst

(não é sinônimo de *S. striata*, o "mandovi" da morraria calcária).

"MANDOVI", "manduvi", "manduvizeiro",
"amendoim-de-bugre"

AP 1923, id. C.L. Cristóbal.

Etimologia: Sterculia=homenagem a Sterculus, deus do esterco, devido ao forte cheiro em plantas do gênero¹¹; apetala=sem pétala; mandovi=mesma origem indígena de amendoim.

Árvore de tronco reto, 10-20 m alt. Flor jul-ago, quando sem folhas, fruto mai-set.

Utilização: Semente comestível, rica em óleo e proteína, comida por bugio, aves (periquitos, araras) e roedores. É uma das árvores em que a arara-azul faz ninho no ôco²¹⁹, sendo que o tronco danificado por fogo geralmente tem mais ocos. Tem copa espaçosa para ninho do tuiuiu. Forrageira na fase jovem, depois o gado não alcança mais as folhas.

Madeira leve, para construção interna, canoa, caixote⁴² e caixão¹⁰⁸. Ornamental⁴².

A castanha é considerada remédio, para tosse^{238,42}.

Cultivo: Fácil propagação por semente, crescimento rápido.

Ocorrência: freqüente, caapões não inundáveis, matas, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant. como *S. striata*^{179,174, 186, 53,96,219,61,62,18}.

Distribuição: mata do Caribe, na Venezuela, e da América Central ao norte da América do Sul¹⁰⁸.



Sterculiaceae



Waltheria communis St. Hil.

“MALVA-BRANCA”, “malva”, “marva”

AP 1082

Etimologia: Waltheria=homenagem ao botânico alemão Walther; communis=comum.

Erva a subarbusto, perene, bem rasteiro, 0,5-3,0 m compr., com xilopódio, com que sobrevive a fogo e cortes. Flor no ano todo, em grande número.

Utilização: Apícola importante. Forrageira eventual, comida pelo búfalo, tendo bom teor de proteína (13% PB)¹⁴⁶ para vaca.

Uso medicinal: dente extraído, em bochecho. Contra disenteria (mucilaginosa), sudorífica, vomitiva, diurética, estimulante, peitoral; uso externo em feridas, cicatrizante^{103,42,223}.

Ecologia: Aumenta em áreas perturbadas¹, com excesso de pastejo, mas especialmente em anos secos, quando se torna verdadeira invasora de pastagem nativa, chegando a dominante.

Ocorrência: abundante, caronal e campos inundáveis, solos arenosos. Cit. ant.^{105,174,1}.

Distribuição: cerrados⁷⁶, GO, MG, MT e Paraguai⁵⁰, cerrado desmatado em SP⁶⁷.

Outras spp.: *W. americana*, *W. paniculata*, *W. viscosissima*, eretas, ruderais.

Teophyrastaceae



Clavija nutans (Vell.) Stahl

“CHÁ-DE-ÍNDIO”, “chá-de-bugre”

AP 4111, id. conf. A. Schinini.

Etimologia: homenagem ao naturalista espanhol Clavijo Paxardo¹¹; nutans=pendente (flor)¹⁹⁹.

Arbusto ereto, 0,3-2,0 m alt.; flor jan-set, fruto mai-dez.

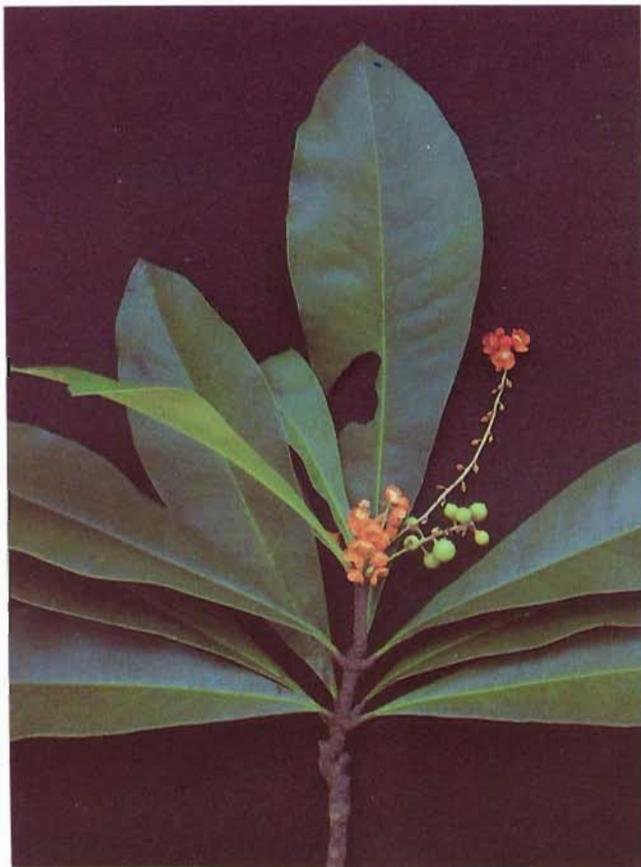
Utilização: Forrageira de mediana aceitação por bovino, folha dura.

Grande potencial ornamental, cresce à sombra. Algumas espécies do Brasil são cultivadas na Europa⁴³.

Uso medicinal: disenteria. No Paraguai é empregada contra dor de cadeiras²³²; considerada remédio para febre¹⁰³.

Ocorrência: muito freqüente em mata de solo calcário, como os caapões de solo de conchas no Abobral e Miranda, e matas do Nabileque; também junto a córregos na morraria calcária. Cit. ant.: só gênero^{2b}.

Distribuição: Brasil central e sul, Bolívia e Paraguai²³².



Tiliaceae

Corchorus argutus H.B.K.

AP 3293, id. M.S. Ferrucci.

Etimologia: Corchorus, de korein=limpar (laxativo)¹¹; argutus= picante, agudo, cortante¹⁹⁹.

Erva ou subarbusto perene, 0,2-0,7 m alt. Flor quase o ano todo.

Utilização: É um pouco forrageira.

Gênero da juta, cultura de área inundada com potencial para o Pantanal baixo. Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta com perturbação; diminui sem gado, pelo sombreamento da macega.

Ocorrência: freqüente, paratidal, inundável, solos argilosos. Cit. ant.¹⁵¹.

Outra sp.: *C. hirtus*⁶² (anual).



Tiliaceae

Luehea paniculata Mart.

“AÇOITA-CAVALO”

AP 3438, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Luehea=homenagem a van der Lühe¹¹; paniculata=flor em panícula.

Árvore 5-12 m alt., tronco reto na mata, algo tortuoso no campo. Flor no fim da seca e fruto no fim das chuvas.

Utilização: Forrageira de aceitabilidade não muito boa por bovino, possivelmente pelo tanino.

Apícola, mamangavas visitam-na ao anoitecer.

Tida como medicinal, casca contra hemorragia, disenteria e reumatismo; entre-casca para tumores, úlceras, feridas, queimadura^{41,4,16,95,223} e tosse²³⁸.

Madeira boa para peças curvadas como hélice de avião e sela^{4,41}. Fibra para corda rústica¹⁴⁷.

Ecologia: Propaga-se por semente. Crescimento rápido⁴, mas inicial lento¹⁹⁷.

Ocorrência: freqüente, todas sub-regiões, em cordilheira de solo fértil, e na sub-região de Aquidauana também no campo, próximo ao rio. Cit. ant.^{84,53,174,186,61,62}.

Distribuição: bacia amazônica a SP e MT, até Bolívia e Peru^{147,198}, de mata, pode habitar savana, como cerrado¹⁹⁷.

Outra sp.: *L. grandiflora*¹⁷⁹.





Turneraceae

Piriqueta cistoides (L.) Gris.

AP 3860, id. M.M. Arbo.

Etimologia: Piriqueta=nome comum na Guiana¹¹; cistoides=parecido com *Cistus* (planta européia).

Erva ou subarbusto⁸, perene, ereto, flor set-dez.

Utilização: Desconhece-se utilização. Grande potencial ornamental.

Ocorrência: esparsa, paratudal, carandazal, campos alagáveis, solos argilosos, Nabileque e Poconé.

Distribuição: América Central e do Sul, Guianas até Argentina, no Brasil até PR⁸.



Turneraceae

Piriqueta corumbensis Moura
“GUANXUMA”, “malva”

AP 4319, id. M.M. Arbo.

Etimologia: gênero idem; corumbensis=de Corumbá; “guanxuma”=vem de yba=planta + chama=corda²²², devido às fibras.

Erva a subarbusto 20-60 cm alt., perene, com xilopódio e rizoma, pelo que tolera fogo. Flor quase o ano inteiro, aberta pela manhã.

Utilização: Apícola. Pouco forrageira. Grande potencial ornamental.

Ecologia: Indicadora de degradação, pois aumenta na “praia” da fazenda.

Ocorrência: freqüente, caronal e cordilheira desmatada, solos arenosos. Cit. ant.^{61,62}.

Outra sp.: *P. aurea*^{61,62}, *P. australis*.

Turneraceae

Turnera concinna Arbo

AP 5550, id. M.M. Arbo.

Etimologia: Turnera=homenagem ao médico inglês Turner¹¹; concinna=elegante, belo¹⁹⁹ (flor).

Subarbusto ereto 50-80 cm alt., flor fev-abr, semente junho-ago.

Utilização: Potencial ornamental.

Ocorrência: pouco freqüente, caronal com árvores de cerrado, centro da Nhecolândia, solo arenoso. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: Brasil (MS), Bolívia e Paraguai⁸.



Turneraceae

Turnera melchiodides Camb.

“GUANXUMA”

4301, id. M.M. Arbo.

Etimologia: gênero idem; melchiodides=parecido com *Melochia* (Sterculiaceae); “guanxuma”=yba+chama, planta de corda²²².

Erva ereta de base lenhosa perene, flor praticamente o ano todo, abre às 10 h e fecha às 15 h.

Utilização: É um pouco forrageira, comida por bovino na seca. Folha considerada medicinal para retirar espinho e inflamação¹⁹.

Ecologia: Sobrevive à queimada. Aumenta em anos secos.

Ocorrência: freqüente, caronal e borda de cerradão, solos arenosos.

Distribuição: solos arenosos úmidos, Nordeste¹⁹; savana inundável no norte da Bolívia⁹⁷.



Turneraceae



Turnera orientalis (Urb.) Arbo

AP 4502, id. M.M. Arbo.

Etimologia: gênero idem; orientalis=do Oriente ou do leste.

Erva anual ereta, flor na estação chuvosa.

Utilização: Desconhece-se uso. Há espécies medicinais, com óleo essencial^{41,19,124}. Potencial ornamental. Flor abre no final da manhã e dura até às 16-17 h⁽⁸⁾.

Ocorrência: esparsa, campos alagáveis, solos argilosos.

Distribuição: leste do Brasil, do PA ao PR, Peru, Paraguai e Argentina, solos arenosos úmidos, beira de rios e lagos⁸.

Outras spp: *T. grandiflora*, *T. weddelliana*.



Ulmaceae



Celtis pubescens (H.B.K.) Spreng.

“TALEIRA”, “rouba-tempo”, “esporão-de-galo”, “limãozinho”, “quineira”, “espinheiro”, “grupeiro”, gurupιά”, “cruzeirinho”.

AP 3787, id. J. A. Ratter.

Etimologia: Celtis=chicote (usado para cabo de chicote)¹¹, antigo nome grego⁵⁸; pubescens=com pêlos curtos.

Arbusto meio trepador, 1-4 m alt., espinhento. Sempre verde¹³⁰, mas em seca maior perde a maioria das folhas. Flor set-dez, fruto nov-fev.

Utilização: Melífera. É forrageira de emergência, especialmente a brotação. É um dos arbustos forrageiros do Chaco¹⁸². Fruto comido por tucano e outras aves, que disseminam a planta sob árvores. Fruto comestível¹⁰³, mas de pouca polpa¹³⁰ em relação a outras espécies do gênero. Madeira dura e pesada (dens. 0,81), amarelo-ocre, boa para cabos de ferramenta, carvão, lenha¹³⁰ e moirões¹⁰⁸, mas aqui o tronco geralmente não cresce o suficiente.

Uso medicinal: tosse.

Ecologia: Invasora, aumenta com desmatamento; rebrota após fogo ou corte.

Ocorrência: freqüente, matas e cerradão, solos ricos em cálcio, arenosos ou argilosos; também na morraria calcária. Cit. ant.^{174,18}.

Distribuição: Colômbia à Argentina e Brasil¹³⁰.



Ulmaceae

Celtis spinosa Spreng. (= *C. tala*)

“GURUPIÁ”, “grupiá”, “grupieiro”, “sarã-de-espinho”

AP 5287, id. C.N. da Cunha.

Etimologia: gênero idem; spinosa=espinhosa.

Arbusto a árvore ramificada, 2,5-5,0 m alt., ramos em zigue-zague. Caducifólia⁵⁹, flor set-dez, fruto jan-mar.

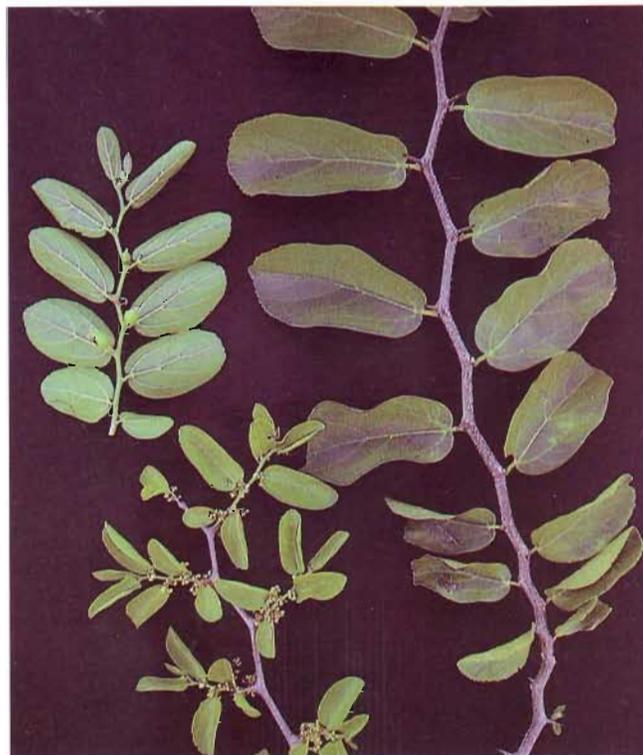
Utilização: Madeira dura e pesada, para cabos, carvão e lenha⁵⁹.

Fruto adocicado, comestível, pouca polpa, procurado por aves, que dispersam a semente⁵⁹, e alimento de peixes¹⁵⁰. Na Argentina nasce embaixo de fios, onde as aves pousam (seg. R. Luti, Univ. de Córdoba). É um pouco pastada por bovino, acesso muito limitado pelos espinhos e até para o capim embaixo, pelo que é considerada invasora.

Ocorrência: freqüente, borda de caapão e mata, vegetação secundária, alagáveis ou não, Nabileque e Poconé, solos argilosos. Cit. ant.^{84,150,53,169}.

Distribuição: América do Sul⁵⁸, Venezuela, Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil^{182,128,114}.

Outra sp.: *C. iguanea* (planta parecida, de mata ciliar, folha comida por *Iguana* ou sinimbu).



Ulmaceae

Trema micrantha (L.) Engler

“PIRIQUITEIRA”, “piquitera”, “cambriúva”, “quindiúva”, “crindiúva”, “amora-brava”, “chico-magro”

AP 5390

Etimologia: Trema=furo (caroço “esburacado”)¹¹; micrantha=flor pequena.

Arvoreta ereta, 3-6 m alt., ramos horizontais pouco ramificados. Flor e fruto ago-abr.

Utilização: Excelente forrageira, o que se sabe há tempo^{42,103}, com 20% de proteína (PB), o gado até puxa e quebra ramos para alcançar as folhas. Aumenta a produção de leite¹⁹². Fruto é alimento de muitas aves, dispersoras. Apícola. Folha e casca adstringentes^{42,131,130}, para feridas¹¹⁴, sífilis e reumatismo^{238,131}; contém esteróides/triterpenóides, taninos e saponinas¹⁰⁷. Madeira leve, macia, fraca, boa lenha, carvão para pólvora, fibras para corda^{42,130,132}. Fibras fortíssimas, serve até para tecido rústico; ramos muito flexíveis, para cestos¹⁴⁷. É uma das embrisas do pantaneiro.

Cultivo: Apropriada para recuperação de área degradada; semente viável por vários anos, germina em 5 meses, crescimento rápido¹³².

Ecologia: Rebrotar após corte¹³⁰. Sensível a fogo, mas germina bem após desmatamento e queimada, como pioneira.

Ocorrência: Freqüente, borda e clareira de cordilheira, e principalmente em capoeira e leira de áreas desmatadas, solos arenosos ou argilosos, férteis. Cit. ant.^{174,96,62,18}.

Distribuição: original da mata atlântica¹⁹⁷, México, América Central e do Sul⁴², em todo o Brasil¹³¹.



Umbelliferae (Apiaceae)



Eryngium ebracteatum Lam.

AP 4416, id. B.E. Irgang.

Etimologia: *Eryngium*=barba de cabra, em grego¹²; *ebracteatum*=sem brácteas.

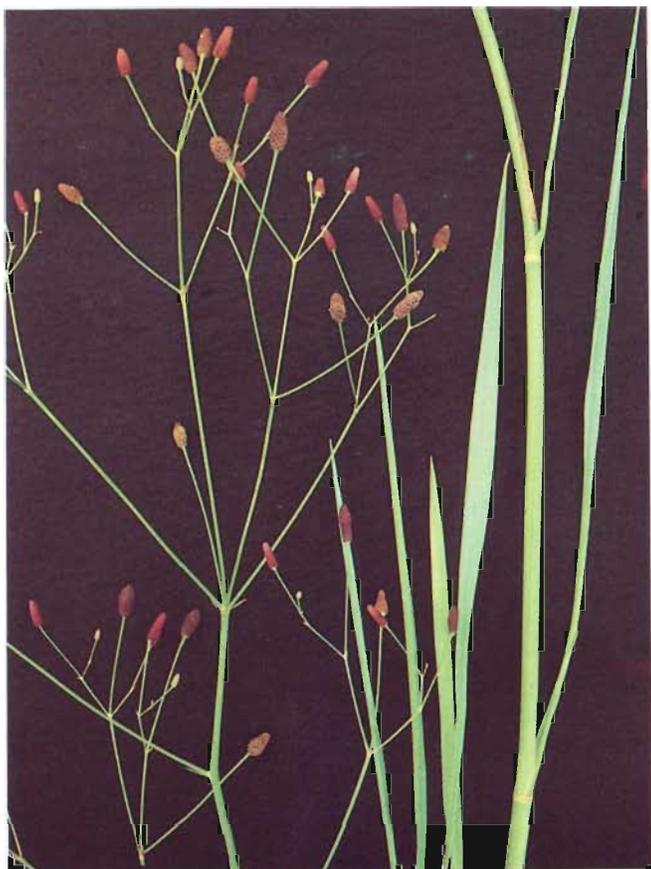
Erva rosulada, perene, com odor de salsa (da mesma família), inflorescência até 2,5 m alt., em grande parte do ano.

Utilização: Apícola e forrageira, de pouca expressão.

Ecologia: Sobrevive ao fogo. A região é pobre em umbelíferas, tanto em espécies como em freqüência, ao contrário de áreas úmidas mais ao sul.

Ocorrência: esparsa, paratudal, carandazal, vazante, solos argilosos. Cit. ant.^{151,18}.

Distribuição: América tropical e subtropical⁵⁸, Honduras ao Uruguai¹⁴² e Argentina⁴⁶, no Chaco Oriental argentino¹⁸².



Umbelliferae



Eryngium elegans C.et S.

“GRAVATERINHO”

AP 3580

Etimologia: gênero idem; *elegans*=elegante (folha).

Erva rosulada perene, cheiro de cenoura (da mesma família, que tem canais de óleo), inflorescência 0,8-1,5 m alt., em várias épocas.

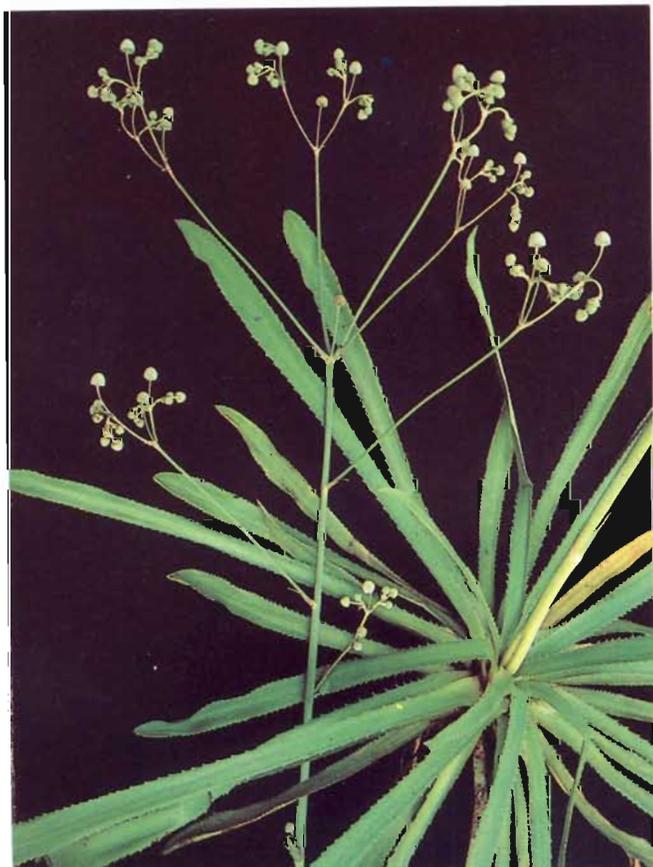
Utilização: Desconhece-se uso.

Ecologia: Rebrotta após fogo.

Ocorrência: pouco freqüente, caronal, canjiqueiral, carandazal mais seco, solos arenosos. Cit. ant.¹⁸.

Distribuição: talvez todo o Brasil⁴⁶, MG e MT (inclui MS) ao RS, Bolívia, Argentina e Uruguai¹⁴².

Outras umbelíferas: *E. foetidum* e *Coriandrum sativum*, ambos coentro, temperos cultivados; *Apium leptophyllum* (ruderal).



Urticaceae

Urera aurantiaca Wedd.

“URTIGA-DE-PACU”, “urtiga”, “cansação”

AP 3563

Etimologia: Urera=que queima; aurantiaca=dourada (fruto).

Subarbusto 1-2 m alt., com estolhos²⁴, plantas unissexuadas²⁴, flor jan-abr, fruto mar-mai.

Utilização: Folha enrolada no anzol é usada como isca para pacu, que pasta a planta na cheia. Frutinho comestível, aguado e de pouca polpa, mas é alimento de pequenas aves, dispersoras, e de peixes.

Potencial ornamental, mas folha queima a pele.

Medicinal, diurético⁴⁵. Produz fibra têxtil^{45,147}, que serve até para tecidos finos²²².

Utilização: Aumenta em mata mexida, em resposta ao aumento de luz.

Ocorrência: abundante em vegetação ciliar alagável, solos argilosos; esparsa em beira de mata e caapão de vazante, solos arenosos. Cit. ant.¹⁶⁹.

Distribuição: margens de rios e matas úmidas, sul do Brasil²⁴, MT (e MS)^{45,147,222}, GO²²², Paraguai, Argentina²⁴ e Bolívia¹¹⁴.



Verbenaceae

Aegiphila candelabrum Briq.

AP 4124

Etimologia: aegiphila=amiga da cabra, ou apreciada por cabra¹³; candelabrum=candelabro (inflorescência piramidal).

Arbusto meio trepador, 3-5 m alt., flor dez-mar, fruto fev-mai.

Utilização: Fruto é alimento de aves (arancuã). Sem observação sobre cabra ou vaca gostar da folha. Potencial ornamental e para recompor mata ciliar.

Ocorrência: esparsa, mata ciliar e caapões em campos de vazante, solos siltosos ou argilosos, Aquidauana, Abobral, Nabileque.

Distribuição: Paraguai (coleta de Fiebrig, Herbário do Royal Botanic Garden de Edinburgo).

Outra sp: *A. lhotzkyana* (cerrado).





Verbenaceae

Aloysia virgata (Ruiz et Pav.) A. L. Juss.
(=*Lippia urticoides* Steud.)

AP 4478, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Aloysia=homenagem à princesa espanhola Marie Luise^{58,13}; virgata=cheio de ramos, como vime¹⁹⁹. **Arbusto** a arvoreta 2-5 m alt. (10 m na Argentina⁵⁷), de folha áspera, caduca. Flor (odorosa) set-nov, às vezes abr-jun.

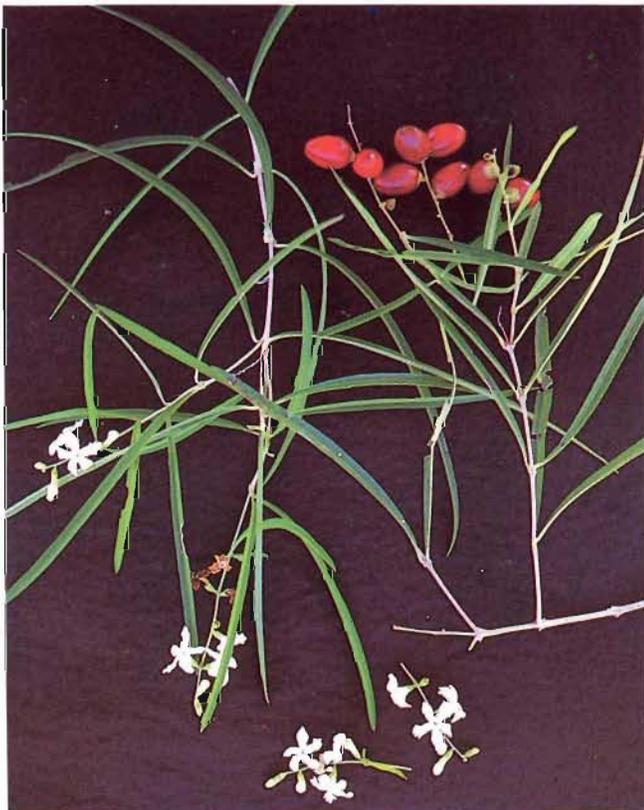
Utilização: *Apícola*. É pastada, pouco acessível. Aromática, rica em óleos essenciais,²² serve para perfumaria⁴⁵. Medicinal²², usada no Paraguai como peitoral, estomacal, relaxante, contra reumatismo e sarna¹⁴⁸. Há espécies com propriedade inseticida⁹². Ornamental⁵⁸. Madeira para esteio, moirão, lenha, carvão⁴⁵, cabos, caixote, peças torneadas, mas pouco durável no chão¹³².

Cultivo: Multiplica-se por estacas⁵⁸ ou semente, que é dispersa pelo vento e germina em 7-14 dias; crescimento rápido¹³².

Ecologia: Rebrotar após cortes. Chega a ser invasora de pastagens¹³². Padrão de terra boa⁴⁵.

Ocorrência: clareiras de matas e caapões, solos arenosos ou argilosos, ricos em cálcio; também na morraria calcária. Cit. ant.^{174,186}.

Distribuição: América tropical e subtropical, do Peru ao Uruguai²² e Argentina^{58,57}; PA a SP e MT⁴⁵, na mata semidecídua mexida¹³².



Verbenaceae

Baillonia amabilis Bocq.
“SARÃ”, “saran”, “sarão”

AP 2982, id. J.A. Ratter.

Etimologia: Baillonia=homenagem ao botânico francês Baillon; amabilis=agradável; sarã=esparramado⁵⁷, talvez de sarandi, nome indígena para arvoretas de beira-rio.

Arbusto a arvoreta 1-4 m alt. Flor out-mai, fruto abr-jun.

Utilização: *Apícola*. Potencial ornamental, flor com perfume suave. Fruto comido e espalhado por aves. Às vezes é considerada invasora de pastagem natural, mas não abafa o capim e é um pouco pastada.

Ecologia: Tende a aumentar em área perturbada, como junto a pontes, e/ou em anos de grandes cheias. Sensível a fogo.

Ocorrência: freqüente, vazantes, corixos, espinheiral, campos alagáveis por rios (Miranda, Paraguai), solos argilosos. Cit. ant.^{151,209,53,18}.

Verbenaceae

Lantana cf. canescens H.B.K.

AP 4484=3856, id. R. Sanders.

Etimologia: Lantana=do latim lentare, porque os ramos flexíveis servem para trançar¹³; canescens=grisalho.

Subarbusto 0,5-2,0 m alt., flor ago-jan.

Utilização: Apícola. Potencial ornamental, com eventual risco de tornar-se invasora onde não é nativa, por ser disseminada por aves, como aconteceu com *L. camara* na Austrália. Há espécies com propriedade inseticida⁹².

Ecologia: Componente da capoeira jovem. Rebrotta após cortes ou fogo.

Ocorrência: freqüente, área desmatada, não inundável, solo calcário; também na morraria.

Distribuição: México, Venezuela, Colômbia, BA⁴⁴.



Verbenaceae

Lantana trifolia L.

“CIDREIRA”(falsa), “uvinha-do-campo”

AP 5418, id. R. Sanders.

Etimologia: gênero idem; trifolia=3 folhas.

Arbusto 0,5-2,5 m alt., flor e fruto em grande parte do ano. Confundível com “cidreira-do-campo” (*Lippia alba*), mas distingue-se pelo pedúnculo mais longo da inflorescência, fruto carnosos e pelo odor bem menos agradável, além do ambiente não alagável.

Utilização: É pouco pastada por bovino, sendo que há uma do gênero que é tóxica (*L. camara*)²³⁶, não encontrada no Pantanal. Tida como remédio contra a tosse e para menstruar⁸⁵. Apícola. Fruto comido por crianças e aves, dispersoras. Potencial ornamental.

Ecologia: Aumenta em área desmatada ou perturbada. É invasora de pastagem na Amazônia⁵⁵. Foi levada para a Índia, onde cresce em aterros beira-mar⁴¹.

Ocorrência: freqüente, borda de caapões e matas, solos argilosos. Cit. ant.¹⁰⁵

Distribuição: Guiana, SP, MG⁴¹ e Amazônia⁵⁵.





Verbenaceae

Bippia alba (Mill.) N. E. Brown
"CIDREIRA-DO-CAMPO"

AP 4358.

Etimologia: homenagem ao botânico italiano Lippi¹³; alba=branca (flor).

Arbusto 0,3-1,5 m alt. Folha com pêlos tuberculados na face superior e densos na inferior, muito odorosa (lembra hortelã), razão do nome popular. Flor quase o ano todo.

Utilização: Muito apícola. Algo forrageira.

Uso medicinal: calmante. Também contra gripe⁹⁵. Folha sudorífica, calmante, estomacal, estimula menstruação; raiz aperitiva, laxante¹⁹, contra caimbras do estômago e intestinos, males nervosos, insônia, problemas de coração e circulação, dor reumática e asma¹⁸⁸. Contém óleos essenciais lipiona e piperonita, matéria prima do mentol²², cosméticos, perfumes e síntese da vitamina A⁴⁹.

Cultivo: É cultivada em escala doméstica, multiplica-se por estaca.

Ecologia: Toler a fogo, rebrota após cortes. Aumenta com perturbação.

Ocorrência: Abundante, paratudal, carandazal, canjiqueiral, campos alagáveis, vegetação ciliar, em solos argilosos, também nos arenosos férteis. Cit. ant.^{105,179,16,18}.

Distribuição: América tropical e subtropical, do Sul dos EUA e México à Argentina^{19,58,22}.



Verbenaceae

Bippia lupulina Cham.

AP 4374

Etimologia: gênero idem; lupulina=semelhante ao lúpulo (da cerveja).

Subarbusto perene, ereto, 0,5-1,0 m alt, com xilopódio. Flor quase durante o ano todo.

Utilização: Grande potencial ornamental, cada inflorescência dura várias semanas, mas não há informação sobre propagação. Apícola. Algo forrageira.

Ecologia: Rebrota após fogo. Indicadora de campo pouco pastado, pois aumenta em área sem gado bovino.

Ocorrência: freqüente, típica do caronal, também ocorre em caapões de cerrado, borda de cordilheira e campos pouco alagáveis, solos arenosos. Cit. ant.^{179,174}.

Distribuição: cerrados^{67,76,77,101}.

Verbenaceae

Phyla betulaefolia (H.B.K.) Greene

AP 5163, id. A. Schinini.

Etimologia: Phyla=turma, companheiros (flores agrupadas)¹³; betulaefolia=folha de *Betula*, árvore européia.

Erva ereta ou meio deitada, possivelmente anual, levemente aromática, flor out-nov.

Utilização: Forrageira.

Ecologia: Diminui em campo sem gado bovino, pelo sombreamento do capim alto.

Ocorrência: freqüente em vazante e corixo secos, solos argilosos, principalmente na sub-região de Poconé. Cit. ant. 151,209.

Distribuição: Amazônia e SP, lugares úmidos⁴⁵.



Verbenaceae

Phyla reptans (H. B. K.) Greene

(=*Phyla nodiflora* var. *reptans* (Spr.)Mold.)

AP 5162, id. G. Hatschbach.

Etimologia: gênero idem; reptans=reptante, rasteira.

Erva perene prostrada, flor na maior parte do ano.

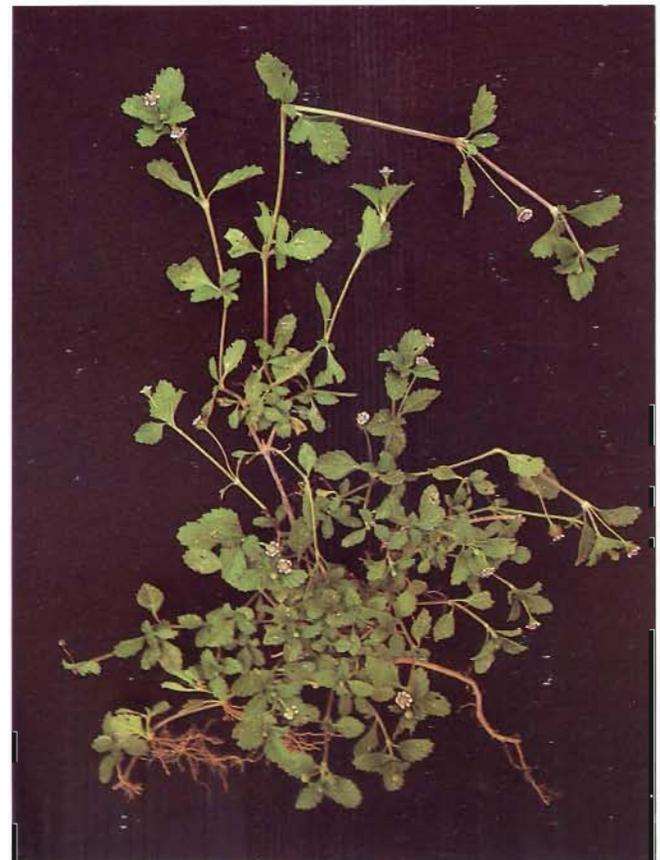
Utilização: Apícola, que é uma característica da família. Considerada boa forrageira (12% proteína) em várzeas de MG⁴⁶. Potencial ornamental.

Cultivo: Propagação vegetativa.

Ecologia: Aumenta com perturbação, diminui em campo sem gado.

Ocorrência: muito freqüente, beira de vazante e corixo, borda de caapão, carandazal, espinheiral, solos argilosos ou calcários. Cit. ant.¹⁰⁵.

Distribuição: América tropical e subtropical, da Venezuela à Argentina, em lugares úmidos da mata ciliar²².





Verbenaceae

Stachytarpheta elatior Schrad.
(=*S. angustifolia* var. *elatior*)

AP 4941

Etimologia: Stachytarpheta=espiga densa; elatior=mais alto¹⁹⁹.

Erva anual, ereta, 30-80 cm alt., flor em várias épocas, quando o local seca.

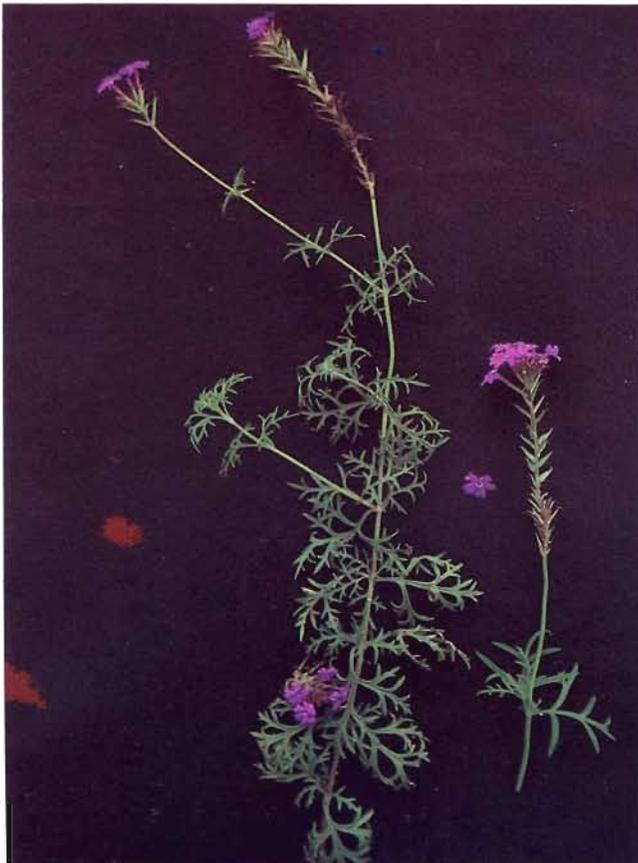
Utilização: Apícola. Potencial ornamental.

Consta como medicinal⁹⁶, chá quente contra febres^{46,16}. Gênero de plantas diuréticas⁵⁶.

Ocorrência: freqüente, formando agrupamentos em lagoa temporária seca e campo alagável por rio, solos arenosos ou siltosos, férteis. Cit. ant.^{105,179,96}.

Distribuição: BA e MG, em terreno brejoso⁴⁶.

Outra sp.: *S. cayennensis* ("gervão", "gerbão"), *C. polyura*¹.



Verbenaceae

Verbena aristigera S. Moore

AP 6816, id. comp. com Hatschbach 49225 id. H.N. Moldenke.

Etimologia: Verbena=conduzir pedra, do céltico ferfaen, porque uma espécie era usada contra pedras na bexiga¹³; aristigera=com cerdas.

Erva perene, prostrada ou ereta, 30-50 cm alt., com pequeno xilopódio, folha odorosa, flor fev-abr e outros meses.

Grande potencial ornamental, há espécies cultivadas.

Uso medicinal: amarelão (anemia).

Ecologia: Aumenta de freqüência com redução da cobertura da vegetação por efeito de cheia, fogo ou pastejo.

Ocorrência: freqüente, carandazal, paratudal, campos alagáveis, solos argilosos. Cit. ant.^{151,61}.

Outra sp.: *V. phlogiflora*¹⁷⁹.

Verbenaceae

Vitex cymosa Bert.

“TARUMÃ”, “tarumeiro”

AP 3782, id. conf. J.A. Ratter.

Etimologia: Vitex=do latim viere, juntar, tecer (cestos)¹³; cymosa=tipo de inflorescência.

Árvore ereta, até 20 m alt., copada. Perde as folhas no inverno, renovando-as durante ou após a floração, set-nov: fruto nov-fev.

Utilização: FORAGEIRA procurada por bovino. Os teores de minerais e de proteína (12% PB) são medianos para arbustos¹⁷¹. O fruto, de cheiro forte, que se sente à distância, é comido por lobinho (seg. R. A. Mauro, CPAP), porco, aves e peixes.

Importante apícola¹⁷⁰, confirmado por análise palinológica de mel de jun-jan³⁷, embora não apareça muito pólen dela no mel, que é claro, de ótimo sabor (seg. Heitor M. Herrera; faz. Alegria).

Madeira boa, usada para esteio. Moirão dura no alagado⁴⁶, não no seco⁸⁴. Serve para construção, moirão, dormente¹⁶ e papel³⁹. Fruto comestível^{46,16} e medicinal¹⁶². Folha medicinal⁹⁵, tida como depurativa²³⁸. Ornamental⁴⁶, é sombra apreciada nas cidades da região¹⁰⁵ e em sede de fazendas.

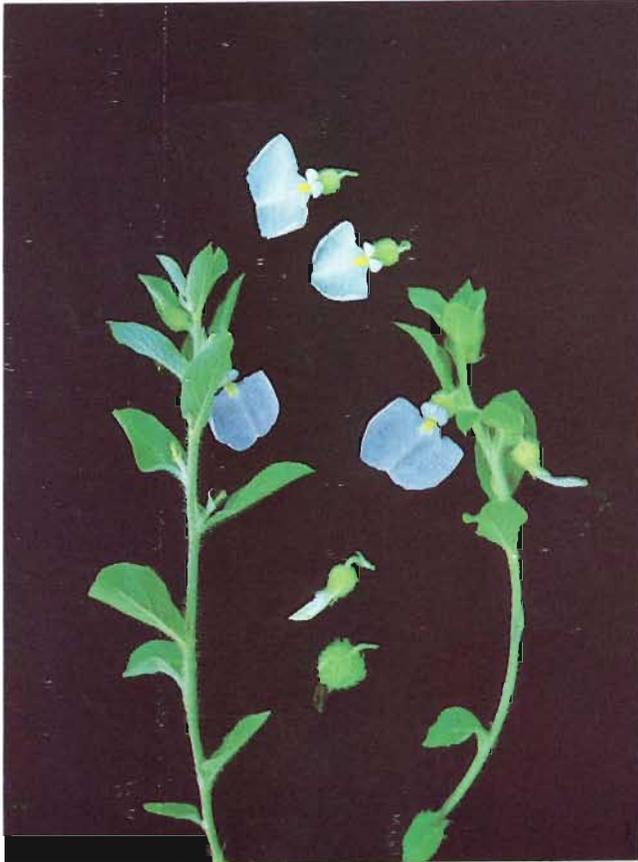
Cultivo: Cultivo por semente.

Ecologia: Jovem, rebrota após corte. Pode ter raízes no caule, onde inunda; tolera cheia rápida (30 cm na Nhecolândia) ou de água corrente (4 m na beira do Rio Paraguai). Sensível a fogo quando adulta.

Ocorrência: muito comum em todas sub-regiões, em matas, caapões, mata ciliar inundável, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant. 84,174,186,53,96,219,61,62,18.

Distribuição: “tarumã-da-várzea” da Amazônia, Brasil central^{74,46}, Chaco Oriental argentino¹⁸², de floresta e cerrado mesotrófico¹⁸⁶.





Violaceae

Hybanthus calceolaria (L.) Schulze (=*H. ipecacuanha*)

AP 4320, id. conf. G. Hatschbach.

Etimologia: Hybanthus=flor com giba (pequena corcunda); calceolaria=de calceolus, sapatinho (forma da flor)¹³.

Erva a subarbusto perene, 20-80 cm alt., flor o ano todo, aberta somente pela manhã, fechando às 10-11 h.

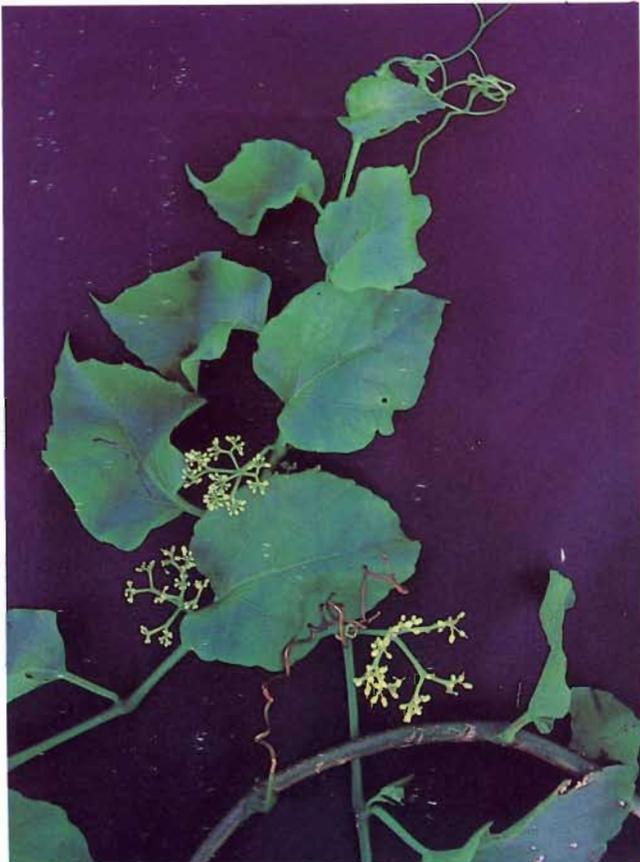
Utilização: Grande potencial ornamental. É um pouco forrageira, quando escasseia o pasto. A raiz é vomitiva¹⁹, certas espécies contendo até 6% de princípio semelhante à emetina (da "ipecacuanha"), medicinal¹⁰³. Há uma espécie inseticida⁹².

Ecologia: Aumenta em área desmatada e em anos secos.

Ocorrência: freqüente, caronal, borda de cordilheira, roça velha, pista de aviação, solos arenosos, pouco ou não inundáveis. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: ampla dispersão sub tropical ¹⁹⁷, Litoral e lugares arenosos de quase todo o Brasil¹⁹ e na Bolívia (conforme material visto no Herbário do Royal Botanic Garden de Edinburgo).

Outra sp.: *H. bigibbosus*. Outra violácea: *Corynostylis pubescens* (mata ciliar).



Vitaceae

Cissus campestris (Bak.) Camb.

AP 2381, id. A. Dunaiski.

Etimologia: Cissus=hera, em grego¹²; campestris=do campo.

Trepadeira perene 1-4 m alt. ou compr., flor nov-abr.

Utilização: Apícola. É comida por bovino. Potencial ornamental e medicinal. Desconhece-se uso regional.

Fruto comestível quando bem maduro, mas pouco saboroso⁴⁶, alimento de aves, que espalham a semente.

Ecologia: Aumenta com desmatamento, como oportunistas e amigas da luz que são as trepadeiras.

Ocorrência: freqüente na parte leste, borda cerradão e caapão de cerrado, não alagáveis, solos arenosos. Cit. ant.¹⁶⁹.

Distribuição: cerrados²⁴¹, MG e BA⁴⁶.

Vitaceae

Cissus erosa L. C. Rich.

(=*C. salutaris*)

“CIPÓ-DE-ARRAIA-LISO”

AP 5277, id. A. Dunaiski.

Etimologia: gênero idem; *erosa*=recortada (folha).

Trepadeira perene de 1-6 m de extensão, caule alado parecendo quadrangular, sem espinhos (acúleos); flor e fruto quase o ano todo.

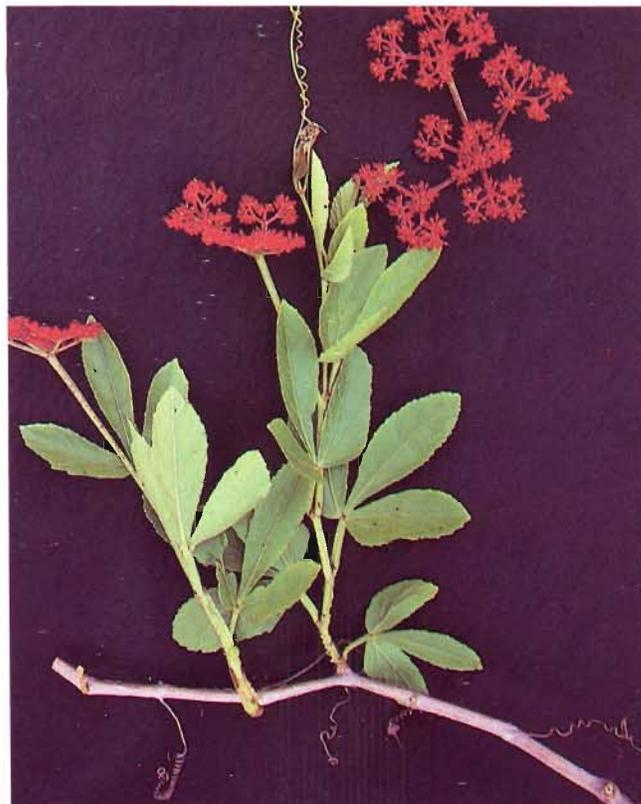
Utilização: Potencial ornamental. Fruto comestível, fermentado dá vinho⁴⁶. Raiz diurética^{46,66} e contra verrugas²⁰⁸.

É um pouco pastada. Apícola.

Ecologia: Aumenta em campo sem gado e sem fogo. Tem xilopódio, com que sobrevive à queimada⁶⁶ e à seca⁶.

Ocorrência: esparsa, borda de cerradão, pequenos caapões, caronal, pouco ou não alagáveis, solos arenosos. Cit. ant.^{66,61,169,62}.

Distribuição: toda a América tropical¹⁹, México, Suriname, Venezuela, Bolívia; AM, PA, RN, BA, MG, MS, RJ, SP, PR, GO e MT, cerrados^{42,66}.



Vitaceae

Cissus sicyoides L.

“UVINHA”, “uva-brava”

AP 5410, id. A. Dunaiski

Etimologia: gênero idem; *sicyoides*=parecido com *Sicyos*, gênero de trepadeiras da família da abóbora (Cucurbitaceae).

Trepadeira, sobe 1-6 m alt., flor quase o ano todo. Às vezes tem deformação tipo vassoura-de-bruxa por fungo (*Micosyrinx cissi*⁶⁶).

Utilização: Forrageira. Apícola. Ornamental. Caule serve para trançados¹⁹ e das raízes fazem-se cestos na América Central⁶⁶. O fruto contém corante azul; a folha macerada espuma¹⁹, sendo usada na América Central para lavar linho⁶⁶; contém esteróides/triterpenóides e taninos¹⁰⁷. Considerado sudorífico para gripe¹⁹, pressão alta¹⁶, uso externo em reumatismo e abscessos^{46,66,16}; seiva enrubesce a pele⁷⁶; raiz boa para intestino²³⁸.

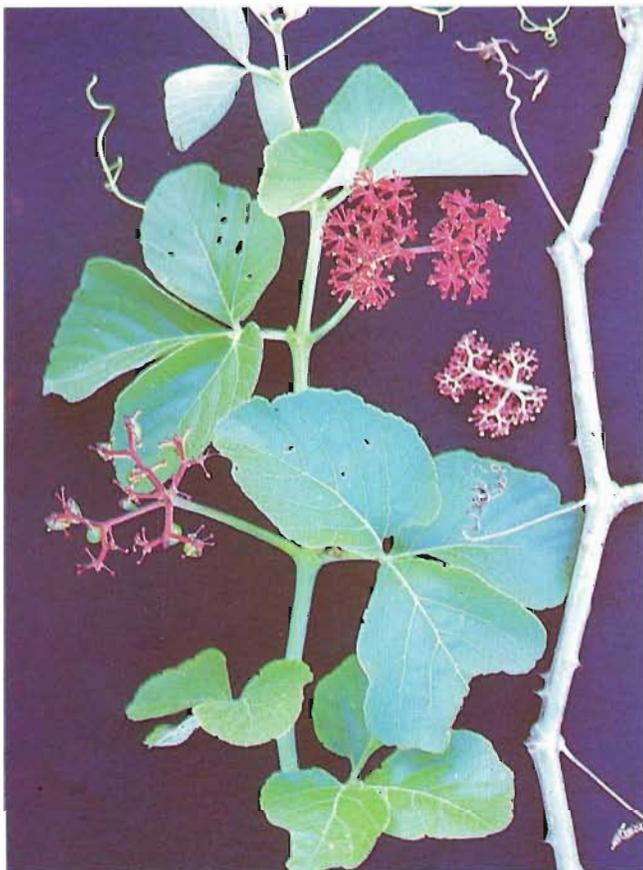
Cultivo: Multiplica-se por estaca⁵⁸, cresce melhor a pleno sol, em terreno alagadiço ou seco⁶⁶.

Ecologia: Aumenta com perturbação, por preferir locais abertos.

Ocorrência: muito freqüente, carandazal, vegetação ciliar, caapão de vazante, espinheiral, solos argilosos, pouco freqüente nos arenosos. Cit. ant.^{179,66,96,135,169,18}.

Distribuição: ampla dispersão neotropical¹⁹⁷, na América Central e do Sul, da Flórida à Argentina e ao Uruguai, no Brasil do AM ao RS^{76,66}.





Vitaceae



Cissus spinosa Camb.

“CIPÓ-DE-ARRAIA”, “uveira”

AP 4526, id. A. Dunaiski.

Etimologia: gênero idem; spinosa=espinhosa.

Trepadeira 2-8 m alt. ou de extensão, caule em zig-zague, espinhoso; flor quase o ano todo.

Utilização: É um pouco pastada. Fruto comido por peixes^{221,66} e aves, dispersoras, por isto sendo freqüente em cercas. Apícola.

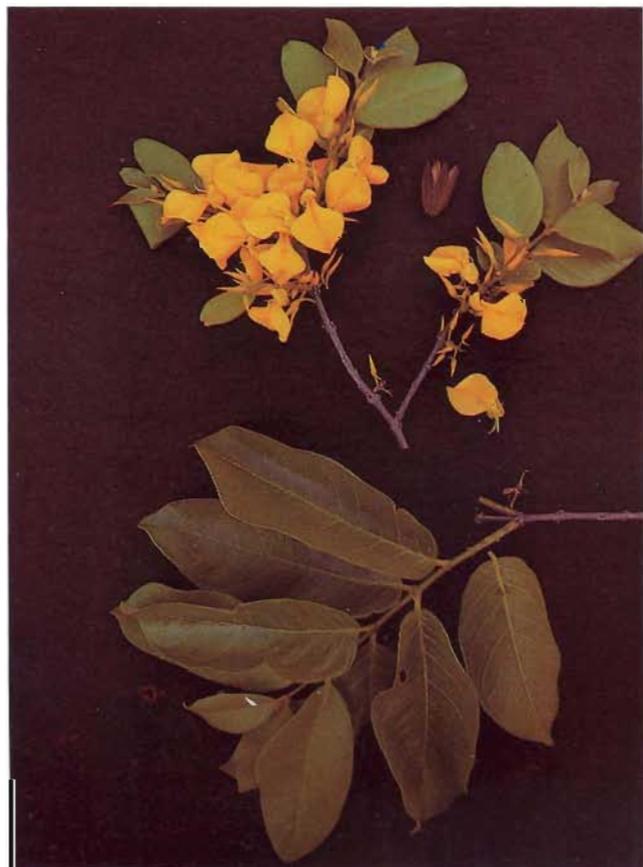
Dificulta muito a passagem do homem, sendo abrigo de fauna.

Uso medicinal: emplastro para ferroadas de arraia, donde viria o nome popular. Contém taninos¹⁰⁷.

Ecologia: Tem papel de colonizadora e fixadora de margem de rio, com longas raízes aéreas pendentes até o solo ou a água, e que retêm sedimentos e detritos. Sensível ao fogo, mas logo reconquista clareiras na vegetação.

Ocorrência: abundante, mata ciliar e caapões inundáveis, carandazal, espinheiral, cambarazal, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant. 179,39,66,61,62,169.

Distribuição: ocorre mais no Centro-Oeste, também BA, MG e PR⁶⁶.



Vochysiaceae



Callisthene fasciculata (Spr.) Mart.

“CARVOEIRO”, “carvão”, “carvão-branco”

AP 5308, id. C.N. da Cunha.

Etimologia: homenagem ao naturalista Calístenes¹²; fasciculata=em feixe.

Árvore ereta 4-15 m alt., casca escura, grossa e muito rugosa (sobrevive a fogo); flor out-dez, fruto set-nov (de flor do ano anterior).

Utilização: Madeira boa muito utilizada para moirão. Contém substância resinosa⁴². Serve para lenha^{42,16} e, como diz o nome, carvão.

Ecologia: O pantaneiro de Poconé faz um manejo de corte adequado à persistência da espécie⁵⁴. Rebrotas após corte, não sendo pastada, o que a torna apropriada para sistema silvo-pastoril.

Ocorrência: forma agrupamentos denominados carvoeiros ou carvoais na sub-região de Poconé^{54,53}, ausente no centro da Nhecolândia, por crescer em solos providos de cálcio¹⁸⁶; freqüente em cerradão em Aquidauana e próximo à serra no leste, e em Albuquerque, Corumbá. Cit. ant. 53,186,96,61,62.

Distribuição: Brasil central¹⁸⁴, MG, GO e MT⁴², e Bolívia¹¹⁴.

Vochysiaceae

Qualea grandiflora Mart.

“PAU-TERRA-MACHO”, “pau-terra-folha-larga”

AP 2516

Etimologia: Qualea=nome popular¹²; grandiflora=flor grande (no gênero); “macho” é pela folha maior que a da outra espécie.

Árvore ereta ou tortuosa, 3-10 m alt., casca grossa, pelo que agüenta fogo. Jovem tem tubérculo inicial, depois, raiz gemífera¹⁹⁷. Flor out-fev, fruto jul-set.

Utilização: Muito usada para moirão, durável onde inunda. Madeira serve para obras internas, caixas⁴², táboa, brinquedos¹³² e móveis¹⁰⁸. Ornamental¹³². Pouco pastada por bovino (só a rebrota), mas anta parece gostar. Tem tanino^{42,45}. Produz vários corantes, negro na casca¹⁶², amarelo na raiz⁷⁶, amarelo no fruto⁴⁵, e a semente fornece tinta de escrever¹⁶².

A casca é considerada antisséptica (uso ext.), e o chá da folha contra azia e para banho de criança^{208,223}.

Cultivo: Semente viável por menos de 2 meses, germina em 25-50 dias; crescimento muito lento¹³².

Ecologia: Rebrota após corte.

Ocorrência: muito freqüente, cerradão, solos arenosos. Cit. ant. 133,179,174,1,186,39,96,135,61,62.

Distribuição: cerrados^{108,76,77}, da Amazônia a SP, MG, GO, MS^{42,132}, MT⁹⁶ e Bolívia¹¹⁴.



Vochysiaceae

Qualea parviflora Mart.

“PAU-TERRA”, “pau-terrinha”

AP 2478

Etimologia: gênero idem; parviflora=flor pequena; pau-terra=devido à madeira frágil⁶⁵.

Árvore ereta 4-15 m alt., casca rugosa escura, flor out-jan, fruto na seca, jul-set.

Utilização: Apícola, visitada por abelhas nativas. Raramente pastada. Madeira leve, mole, pouco durável ao tempo; serve para canoa¹⁶, brinquedos, caixote¹³² e construção⁷⁶, aqui pouco aproveitada, apenas na falta de melhor. Ornamental¹³².

Casca em pó ou chá é considerado antisséptico (externo)²⁰⁸, provavelmente pelo tanino, em que é rica^{76,45,132}; folha contra azia²⁰⁸.

Cultivo: Semente morre em 3 meses, germina em 25-50 dias; crescimento muito lento¹³².

Ecologia: Tolera fogo.

Ocorrência: abundante, cerradão, solos arenosos pobres em cálcio. Cit. ant. 179,174,1,186,53,39,135.

Distribuição: cerrados^{197,76,101}, BA, MG, SP, MS^{45,132} e MT⁵³.





Vochysiaceae

Salvertia convallariodora St. Hil.

AP 6508

Etimologia: homenagem ao francês Salvert, cunhado do botânico Saint Hilaire¹²; convallariodora=perfume de *Convallaria*, flor nacional da Finlândia e Suécia⁴.

Árvore ereta 4-10 m alt., poucos ramos (frágeis), copa aberta, casca com cortiça (agüenta fogo), fruto out.

Utilização: Madeira macia, não durável ao tempo, serve para carpintaria, caixote e brinquedos^{42,132}.

Fruto verde procurado por papagaios¹³² e outras aves, a ver pela cápsula roída.

Ornamental¹³². Flor com aroma de limão¹¹⁴, não é igual mas dá uma idéia melhor do que *Convallaria*.

Cultivo: Semente viável por curto tempo, germina em 1 mês; crescimento muito lento¹³².

Ocorrência: esparsa, encontrada somente em cerradão ralo do leste, próximo à serra, solos arenosos. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: cerrados¹⁰¹, PA ao PR, MG, GO, MS^{42,132} e AP.



Vochysiaceae

Vochysia cinnamomea Pohl

“QUINA-DOCE”, “pau-doce”, “casca-doce”

AP 4386, id. P.E. Oliveira.

Etimologia: *Vochysia*=de vochy, nome da planta na Guiana¹²; *cinnamomea*=relativo à canela¹⁹⁹, devido aos pêlos cor de canela⁴⁵ ou ao cheiro.

Árvore ereta 3-8 m alt., casca com cortiça clara (tolera fogo); flor ago-out, às vezes abr.

Utilização: Madeira usada para canga. Potencial ornamental.

Uso medicinal: xarope da casca para tosse. Casca macerada em água contra diarreia⁹⁵. Casca também contra gripe, e resina contra tosse²⁰⁸ e escarro de sangue¹⁰².

Ocorrência: freqüente na metade leste de Paiguás e Nhicolândia, cerradão, solos arenosos.

Distribuição: Brasil central e Paraguai²²⁸, cerrados^{101,197,45}.

Vochysiaceae

Vochysia divergens Pohl "CAMBARÁ"

AP 1971

Etimologia: gênero idem; divergens=divergente, ou cores distintas dos lados da folha, significado de cambará em guarani¹³⁰, kamará em tupi⁷⁴, ou camba-acá-ará=folha e casca rugosas⁴¹, ou mato triste¹⁷.

Árvore ereta, 5-18 m alt., copada; flor ago-set, algumas já jun, outras out-nov; fruto no início da estação chuvosa.

Utilização: Muito apícola, também visitada por beija-flores e macacos em busca de néctar. Flor comida por peixes. Abrigo de fauna. Muito ornamental.

Madeira leve, dela é feita a canoa pantaneira, cocho, vara de porteira, rancho. Servia para batelão¹⁷. É própria para tábuas (seg. Eng. Emilio L. de Barros, Corumbá), sendo do gênero das "quarubas" da Amazônia, usadas para marcenaria, compensado e celulose^{44,152}.

Uso medicinal: xarope da casca (resina) com mel tem fama para curar tosse e gripe. Chá da folha contra asma, gripe e apendicite⁹⁵. Seiva serve de colírio²³⁸.

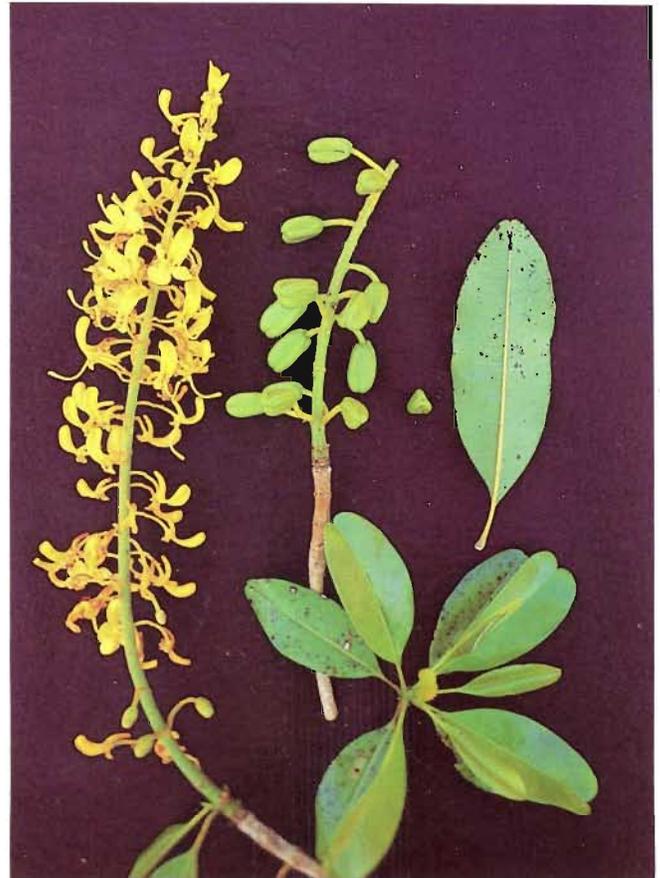
Ecologia: É a pior invasora de pastagens naturais no sul de Poconé e partes da planície do rio Paraguai. Como pioneira, não cresce à própria sombra¹⁵³, e vai avançando sobre o campo. Áreas que eram campo limpo hoje são cambarazal (seg. Eng. Cássio L. de Barros, pecuarista). Rebrotar após corte, mas morre se o tronco for apenas descascado em volta. Derrubada uma, nascem cem! Jovem (até 2 m alt.) é sensível ao fogo, mais tarde engrossa a casca. O melhor controle seria o aproveitamento econômico.

Ocorrência: cambarazal, mata ciliar, caapões, campos de inundação por rio, corixo ou vazante, solos argilosos ou siltosos, também em arenosos.

Cit. ant. 151, 239, 179, 16, 174, 1, 95, 186, 53, 96, 135, 219, 62, 18.

Distribuição: espécie amazônica.

Outras spp.: *V. haenkeana* ("cambarazinho"), *V. rufa*^{61,62}, *V. thyrsoides* ("casca-doce", "pau-de-goma"), comuns na parte leste.



Zingiberaceae (Costaceae)



Costus cf. arabicus L.

“CANINHA”, “caninha-do-brejo”, “cana-do-brejo”, “cana-de-macaco”, “cana-brava”

AP 4672

Etimologia: Costus=de kosht, nome na Índia⁴¹; arabicus=da Arábia.

Erva perene, rizomatosa, ereta, 0,5-2,0 m alt., semi-carnosa. Flor quase no ano todo.

Utilização: Forrageira procurada por bovino. Bom teor de cálcio (0,6%); o de outros minerais e de proteína (10% PB) se aproxima do mediano para vacas¹⁷¹. Inflorescência (ou semente) é alimento de aves, estando freqüentemente estropiada. Rizoma comestível, tem amido igual ao de araruta⁴¹. Ornamental⁴¹.

Uso medicinal: tem fama como diurético, é vendida em feiras da região e muitas vezes cultivada no quintal. A propriedade diurética é conhecida para várias espécies²²². Mas são ricas em oxalatos^{2a}, que são causa de cálculo renal, a não ser que funcione por ação homeopática.

Cultivo: Propagação por rizoma.

Ecologia: Parte aérea sensível ao fogo, rebrota do chão.

Ocorrência: freqüente, caapões e bordas de mata e cerradão, mata ciliar, geralmente com “gravateiro”, pouco ou não alagáveis, solos arenosos ou argilosos. Cit. ant.^{61,62}.

Distribuição: considerada de origem asiática⁴¹; também ocorre em “murundu” na savana inundável do norte da Bolívia⁹⁷.



Zygophyllaceae



Bulnesia sarmientoi Lor. et Gris.

“PAU-SANTO”

Ratter 6490, id. J.A. Ratter, conf. J.H. Hunziker.

Etimologia: homenagem ao presidente chileno Bulnes, e ao argentino Sarmiento⁵⁸; pau-santo=de “palo-santo”.

Árvore 5-8 m alt. (8-20 m no Paraguai e Argentina^{58,130}), caducifólia, flor no verão, fruto no fim do verão.

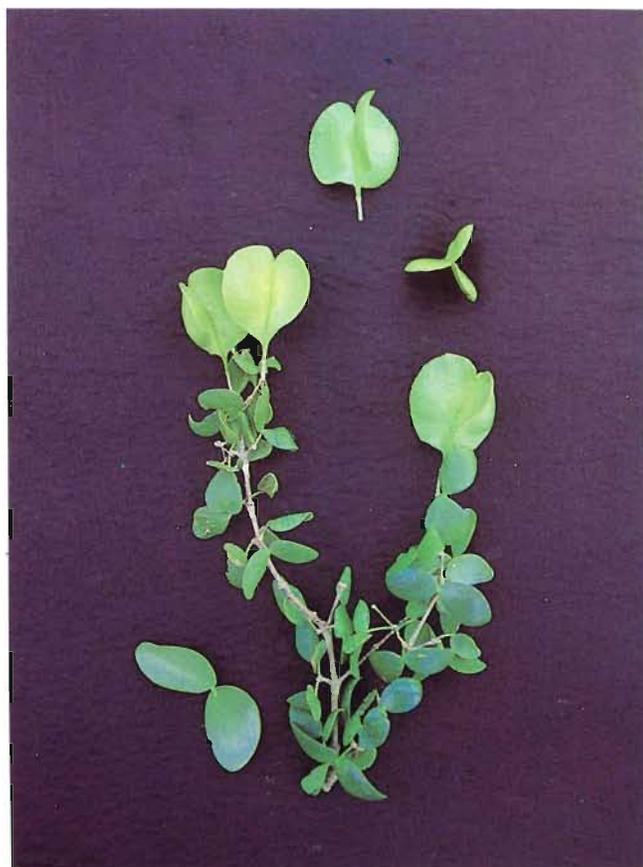
Utilização: Foi usada para dormente e parece ter sido abundante na região¹⁷. Madeira verde-estriada, aromática, muito pesada (dens. 1,28), dura e textura fina, boa para tornearia (copos, cuia, bucha de hélice, fivela, instrumentos) e móveis, contém oxalato e resinas (15%) contra fungos e insetos, extraordinária durabilidade, mesmo no chão^{103,102,58,125,126,130}. Resina da serragem para vernizes e tintas^{126,130}. Lenha pega fogo logo, fumaça cheirosa¹³⁰. Contém óleo essencial guaiacol, usado para perfumes, espiral contra insetos^{125,58,126,130}, cicatrizante¹³⁰, sífilis, reumatismo e estômago^{103,105}. Vendida como remédio na feira em Corumbá.

Folha é comida por ovelha e cabra na seca.

Ecologia: Aumenta em terreno mexido. Rebrotar após corte, quando jovem. Crescimento lento.

Ocorrência: restrita ao Nabileque, da Lagoa Jacadigo a Porto Murtinho, solos argilosos mal drenados. Cit. ant.^{102,105,84,175}.

Distribuição: Bolívia, Paraguai e Argentina¹³⁰, em chaco úmido.



Bibliografia

1. ALLEM, A. C.; VALLS, J. F. M. **Recursos forrageiros nativos do Pantanal**. Brasília: EMBRAPA-CENARGEN, 1987. 339 p. il. (EMBRAPA-CENARGEN. Documentos, 8).
- 2a. ALMEIDA, E.R. **Plantas medicinais brasileiras: conhecimentos populares e científicos**. São Paulo: Hemus, 1993. 341 p. il.
- 2b. ALMEIDA, A.F.; CAMPOS, A.G.P.; PAIVA, C.L. **Análise ambiental para determinação de uma unidade de conservação no Pantanal do Mato Grosso (MS)**. Piracicaba: Caiman Agropecuária/FEALQ, 1986. Relatório datilografado.
3. ALMEIDA, S.P.; SILVA, J.A.; RIBEIRO, J.F. **Aproveitamento alimentar das espécies nativas dos cerrados: araticum, baru, cagaita e jatobá**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1987. 83 p. il. (EMBRAPA-CPAC. Documentos, 26).
4. ALZUGARAY, D.; ALZUGARAY, C. **Flora Brasileira**. São Paulo: Três Livros e Fascículos, s.d. 3 v.
5. ANDERSEN, O.; ANDERSEN, V.U. **As frutas silvestres brasileiras**. Rio de Janeiro: Globo, 1988. 167 p.
6. ANDRADE LIMA, D. **Plantas das caatingas**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 1989. 243 p. il.
7. ARANHA, C.; LEITÃO FILHO, H.F.; YAHN, C.A. **Sistemática de plantas invasoras**. Campinas: Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1988.
8. ARBO, M.M. Turneraceae. In: SPICHTIGER, R. **Flora del Paraguay**. Ville de Genève: Conservatoire et Jardin Botanique, 1987.
9. BALBACH, A. **A flora nacional na medicina doméstica**. São Paulo: A Edificação do Lar, 1969. v. 2.
10. BARROS NETO, J. **A criação empírica de bovinos no Pantanal da Nhecolândia**. São Paulo: Resenha Tributária, 1979. 158 p.
11. BARROSO, G. M.; GUIMARÃES, E.F.; ICHASO, C.L.F.; COSTA, C.G.; PEIXOTO, A.L. **Sistemática de angiospermas do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1978. v. 1.
12. BARROSO, G.M.; PEIXOTO, A.L.; COSTA, C.G.; ICHASO, C.L.F.; GUIMARÃES, E.F.; LIMA, H.C. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. Viçosa: UFV, 1984. v. 2.
13. BARROSO, G.M.; PEIXOTO, A.L.; COSTA, G.C.; ICHASO, C.L.F.; GUIMARÃES, E.F.; LIMA, H.C. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. Viçosa: UFV, 1986. v. 3.
14. BASTOS, A.R. Contribuição ao estudo do gênero *Liriosma* Poepp. & Endl. **Boletim do Museu Botânico Municipal**, Curitiba, n. 14.
15. BERG, C.C. Olmedieae, Brosimeae (Moraceae). In: **Flora Neotropica**. New York: Hafner, 1972. (Monograph, 7).
16. BERG, M.E. van den. Formas atuais e potenciais de aproveitamento das espécies nativas e exóticas do Pantanal Mato-Grossense. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SOCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1., 1984, Corumbá. **Anais...** Brasília: EMBRAPA-DDT, 1986. p. 131-136. (EMBRAPA-CPAP. Documentos, 5).
17. BERTELLI, A.P. **O paraíso das espécies vivas: Pantanal de Mato Grosso**. São Paulo: Cerifa, 1984. 337 p. il.
18. BOOCK, A.; ARAÚJO, M.R.; POTT, A.; PESSOTI, J.E.; SILVA, M.P.; POTT, V.J.; SOUZA, O.C. Estratégia de ocupação e usos das pastagens nativas do Pantanal do Nabileque em Mato Grosso do Sul. In: PUIGNAU, J.P. (ed.) **Utilización y manejo de pastizales**. Montevideo: IICA-PROCISUR, 1994, p. 135-158. (IICA-PROCISUR. Diálogo, 40).
19. BRAGA, R. **Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará**. 3. ed. Fortaleza: Escola Superior de Agricultura de Mossoró, 1976.
20. BURKART, A. **Las leguminosas argentinas silvestres y cultivadas**. Buenos Aires: ACME, 1952. 476 p. il.
21. BURKART, A. Leguminosas, Mimosoideas. In: REITZ, F. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1979.
22. BURKART, A. **Flora Ilustrada de Entre Rios (Argentina)**, Dicotiledôneas Metaclamídeas (Gamopétalas), A: Primulales a Plantaginales. Buenos Aires: INTA, 1979. (Colección Científica del INTA, tomo 6, parte 5).
23. BURKART, A. **Flora Ilustrada de Entre Rios (Argentina)**, Dicotiledôneas Metaclamídeas (Gamopétalas), B: Rubiales, Cucurbitales, Campanulales (incluso Compuestas). Buenos Aires: INTA, 1974. (Colección Científica del INTA, tomo 6, parte 6).
24. BURKART, A.; BURKART, N.S.T.; BACIGALUPO, N.M. **Flora Ilustrada de Entre Rios**, Dicotiledôneas Arquiclamídeas, A: Salicales a Rosales (incluso Leguminosas). Buenos Aires: INTA, 1987 (Colección Científica del INTA, tomo 6, parte 3).

25. CABRERA, A.L. **Flora Ilustrada de la Provincia de Buenos Aires**. Buenos Aires: INTA, 1963. (Colección Científica del INTA, tomo 4, parte 6a).
26. CABRERA, A.L. **Flora Ilustrada de la Provincia de Buenos Aires**. Buenos Aires: INTA, 1967. (Colección Científica del INTA, tomo 4, parte 3a).
27. CABRERA, A.L.; KLEIN, R.M. Compostas, tribo Mutisiae. In: REITZ, R. Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1973.
28. CABRERA, A.L. **Flora Ilustrada de la Provincia de Jujuy**, parte 10: Compositae. Buenos Aires: INTA, 1978 (Colección Científica del INTA, tomo 13).
29. CABRERA, A.L. **Flora de la Provincia de Jujuy**, Rep. Argentina, parte 8: Clethraceas a Solanaceas. Buenos Aires: INTA, 1983. (Colección Científica del INTA, tomo 8).
30. CABRERA, A.L.; KLEIN, R.M. Compostas. 4. Tribo: Eupatorieae. In: REITZ, R. Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1989.
31. CAMPOS, Z.M.S.; MOURÃO, G.M. Predação e dispersão de sementes por dois pequenos roedores no Pantanal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ZOOLOGIA, 1988, Curitiba. **Resumos...** Curitiba: Sociedade Brasileira de Zoologia, p. 509.
32. CARPANEZZI, A.A. **Zoneamento ecológico para plantios florestais no Estado do Paraná**. Brasília: EMBRAPA-DDT, 1986. 89 p. (EMBRAPA-CNPF. Documentos, 17).
33. CARVALHO, P.E. **Espécies florestais brasileiras, recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira**. EMBRAPA-CNPF, 672 p. (no prelo).
34. CAVALCANTE, P.B. **Frutas comestíveis da Amazônia**. II. Belém: Museu Paraense E. Goeldi, 1974 (Publicações Avulsas, 27).
35. CERVI, A.C.; NEGRELLE, R.R.B.; SBALCHIERO, D. Espécies vegetais utilizadas na terapêutica popular no município de Curitiba, Paraná, Brasil. **Estudos de Biologia**, Curitiba, v. 23, p. 5-42, 1989.
36. CHAVES, S.A.M.; BARTH, O.M. Tipos polínicos encontrados em amostras de mel do Pantanal da Nhecolândia - Mato Grosso do Sul. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 39., 1988, Belém. **Resumos...** Belém, PA: Sociedade Botânica do Brasil, 1988. p. 117.
37. CHAVES, S.A.M.; BARTH, O.M. Identificação dos tipos polínicos em amostras de mel na sub-região da Nhecolândia, Corumbá - Pantanal - Mato Grosso do Sul. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 40., 1989, Cuiabá. **Resumos...** Cuiabá, MT: Sociedade Botânica do Brasil, 1989. p. 211.
38. CONCEIÇÃO, C. A.; PAULA, J. E. Contribuição para o conhecimento da Flora do Pantanal Mato-Grossense e sua relação com a fauna e o homem. In: SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SOCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL, 1., 1984, Corumbá. **Anais...** Brasília: EMBRAPA-DDT, 1986. p. 107-130. (EMBRAPA-CPAP. Documentos, 5).
39. CONCEIÇÃO, C. A.; PAULA, J. E. Contribuição ao conhecimento da flora do Pantanal Mato-Grossense. **Revista Científica e Cultural UFMS**, Campo Grande, v. 5, n. 1, p. 13-22, 1990.
40. CORDAZZO, C.V.; SEELIGER, U. **Guia ilustrado da vegetação costeira no extremo sul do Brasil**. Rio Grande: FURG, 1988. 275 p. il.
41. CORREA, M.P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1926. v. 1.
42. CORREA, M.P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1931. v. 2.
43. CORREA, M.P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1952. v. 3.
44. CORREA, M.P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1969. v. 4.
45. CORREA, M.P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1974. v. 5.
46. CORREA, M.P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1975. v. 6.
47. COSTA, M.F.G.; KOMISSAROW, B.; BRAGA, M.P.; SADDI, N.; D'ALINCOURT, L. **Percorrendo manuscritos entre Langsdorff e D'Alincourt**. Cuiabá: Universitária, 1993. 105 p. il.
48. COWAN, R.S.; SMITH, L.B. Rutáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1973.
49. CRAVEIRO, A.A.; FERNANDES, A.G.; ANDRADE, C.H.S.; MATOS, F.J.A.; ALENCAR, J.W.; MACHADO, M.J.L. **Óleos essenciais de plantas do Nordeste**. Fortaleza: UFC, 1981. 210 p.
50. CRISTÓBAL, C.L. Esterculiáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1983.
51. CROAT, T.B.; MOUNT, D. Araceae. In: SPICHTER, R. **Flora del Paraguay**. Ville de Genève: Conservatoire et Jardin Botaniques, 1988.

52. CRUZ, G.L. **O livro verde das plantas medicinais e industriais do Brasil**. Belo Horizonte: s.n., 1965. 2 v., 864 p.
53. CUNHA, C.N. **Estudo florístico e fitofisionômico das principais formações arbóreas do Pantanal de Poconé - Mato Grosso**. Campinas: UNICAMP, 1990. 142 p. il. Dissertação de Mestrado.
54. CUNHA, C.N.; GUARIM, V.L.M.S.; MORAES, E.C.C. Dados preliminares sobre a dinâmica de população dos carvoeiros *Callisthene fasciculata* (Spr.) Mart., no Pantanal de Poconé, MT. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 36., 1985, Curitiba. **Resumos...** Curitiba: Sociedade Botânica do Brasil, 1985. p. 121.
55. DANTAS, M.; RODRIGUES, I.A. **Plantas invasoras de pastagens cultivadas na Amazônia**. Belém: EMBRAPA-CPATU, 1980. 23 p. (EMBRAPA-CAPTU. Boletim de Pesquisa, 1).
56. DECKER, J.S. **Aspectos biológicos da flora brasileira**. São Leopoldo: Rotermund, 1936.
57. DEVOTO, F.E.; ROTHKUGEL, M. **Índice de la flora leñosa Argentina**. Buenos Aires: Ministerio de Agricultura, 1942. 182 p. (Publicacion Miscelanea, 140).
58. DIMITRI, M.J. **Enciclopédia Argentina de Agricultura y Jardineria**. 2. ed. Buenos Aires: ACME, 1972. v. 1.
59. DIMITRI, M.J.; BILONI, J.S. **Libro del arbol**. 3. ed. Buenos Aires: Celulosa Argentina, 1976. v. 1.
60. DÖBEREINER, J. "Espichamento", intoxicação de bovinos por *Solanum malacoxylon* no Pantanal de Mato Grosso. **Pesquisa agropecuária brasileira**, Sér. Vet., v. 6, p. 91-117, 1971.
61. DUBS, B. **Catalogue of flowering plants from Mato Grosso and Mato Grosso do Sul, Brazil, represented in the Herbarium collection of the Institute of Systematic Botany, University of Zürich (Z) and the Regnellian Herbarium at Stockholm (S)**. Küssnacht: Betrona Verlag, 1993.
62. DUBS, B. **Differentiation of woodland and wet savanna habitats in the Pantanal of Mato Grosso, Brazil**. Küssnacht: Betrona Verlag, 1994. 103 p. il. (The Botany of Mato Grosso, series B, n.1).
63. DUCKE, A. **Plantas de cultura precolombiana na Amazônia Brasileira**. Notas sobre as espécies ou formas espontâneas que supostamente lhes teriam dado origem. Belém: IAN, 1946. (IAN. Boletim Técnico, 8).
64. DUCKE, A. **Notas sobre a flora neotropical, II; As leguminosas da Amazônia brasileira**. Belém: Instituto Agrônomo do Norte, 1949. 248 p. (IAN. Boletim Técnico, 18).
65. DUCKE, A. **Estudos botânicos no Ceará**. Mossoró: Escola Superior de Agricultura, 1979. 104 p.
66. DUNAISKI Jr., A. **O gênero *Cissus* L. (Vitaceae) no Estado do Paraná, Brasil**. Curitiba: UFPR, 1991. Dissertação de Mestrado.
67. EITEN, G. Habitat flora of Fazenda Campininha, São Paulo, Brazil. In: FERRI, M.G. (coord.) **SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO**, 3., 1971, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Blücher/EDUSP, 1971. p. 155-202.
68. ESTEVES, G.L. **Contribuição ao conhecimento da vegetação da restinga de Maceió**. Maceió: Secretaria do Planejamento, 1980. (Coordenadoria do Meio Ambiente. Boletim Técnico, 1).
69. EXELL, A.W.; REITZ, R. Combretáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1967.
70. EZCURRA, C.; ENDRESS, M.E.; LEEUWENBERG, A.J.M. Apocynaceae. In: SPICHTIGER, R.; RAMELLA, L. **Flora del Paraguay**. Ville de Genève: Conservatoire et Jardin Botaniques, 1992.
71. FALCÃO, W.F.A. Balanoforáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1975.
72. FARIA, S.M.; LEWIS, G.P.; SPRENT, J.I.; SUTHERLAND, J.M. Occurrence of nodulation in the Leguminosae. **New Phytologist**, v. 111, n. 607, p. 607-619, 1989.
- 73a. FERNANDES, G.W.A.; MARTINS, R.P. As galhas. **Ciência Hoje**, v. 4, n. 19, p. 58-64, 1985.
- 73b. FERNANDEZ CASAS, J. Caricaceae. In: SPICHTIGER, R. **Flora del Paraguay**. Ville de Genève: Conservatoire et Jardin Botaniques, 1987.
74. FERREIRA, A.B.H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
75. FERREIRA, M.B. Frutos comestíveis nativos do Cerrado em Minas Gerais. **Informe agropecuário**, Belo Horizonte, v. 6, n. 61, p. 9-18, 1980.
76. FERRI, M. G. **Plantas do Brasil; espécies do cerrado**. São Paulo: Blücher/USP, 1969.
77. FERRI, M.G. **Vegetação brasileira**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: USP, 1980. 157 p. il.
78. FERRUCCI, M.S. Sapindaceae. In: SPICHTIGER, R.; RAMELLA, L. **Flora del Paraguay**. Ville de Genève: Conservatoire et Jardin Botaniques, 1991.

79. FIGUEIREDO-RIBEIRO, R.C.L.; DIETRICH, S.M.C.; CHU, E.P.; CARVALHO, M.A.M.; VIEIRA, C.C.J.; GRAZIANO, T.T. Reserve carbohydrates in underground organs of native Brazilian plants. **Revista brasileira de Botânica**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 159-166, 1986.
80. FILGUEIRAS, T.S.; PEREIRA, B.A.S. Flora do Distrito Federal. In: Pinto, M.N. (org.) **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990. p. 331-388.
81. FIUZA, A.; SADDI, N. O potencial medicinal da flora da Ilha de Taiaí. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 40., 1989, Cuiabá. **Resumos...** Cuiabá: Sociedade Botânica do Brasil, 1989. p. 86.
82. FONSECA, E.T. **Frutas do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. 281 p.
83. FORERO, E.; GARZON, M.R. Connaraceae. In: RIZZO, J.A. **Flora do Estado de Goiás Coleção Rizzo**, Goiânia, v. 9, 1987.
84. FURTADO, P.P.; GUIMARÃES, J.G.; FONZAR, B.C.; PIRES, J.M. Vegetação. In: BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Projeto Radambrasil. **Folha SF 21. Campo Grande**. Rio de Janeiro: Secretaria Geral, 1982. p. 281-333. (Levantamento de Recursos Naturais, 28).
85. GAVILLANES, M.L.; BRANDÃO, M.; CARDOSO, C. Plantas daninhas medicamentosas de uso popular. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 36., 1985, Curitiba. **Anais...** Brasília: IBAMA, 1990. p. 653-675.
86. GAVILLANES, M.L.; CARDOZO, C.; BRANDÃO, M. Plantas daninhas como medicamentosas de uso popular. **Informativo Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 13, n. 150, 1988.
87. GENTRY, A.H. The cultivated species of *Tabebuia* with notes on other cultivated Bignoniaceae. **Proceedings of the 3rd. Annual Conference**, p. 52-79, 1982.
88. GENTRY, A.H. Bignoniaceae-Part II (Tribe Tecomeae). In: **Flora Neotropica**. New York: New York Botanic Garden, 1992. (Monograph 25/II).
89. GOODLAND, R.; FERRI, M.G. **Ecologia do cerrado**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. 193 p. il.
90. GOTTSBERGER, G.; MORAWETZ, W. Floristic, structural and phytosociological analysis of the savanna of Humaitá (Amazonas). **Flora**, v. 178, n. 1, p. 41-71, 1968.
91. GRAF, A.B. **Tropica, color cyclopedia of exotic plants and trees**. 3. ed. East Rutherford: Roehrs, 1986.
92. GRAINGE, M.; AHSMED, S.; MITCHELL, W.C.; HYLIN, J.W. **Plant properties reportedly possessing pest-control properties; an EWC/UH Database**. Honolulu: East-West Center/University Hawaii, 1985. 249 p.
93. GRANDI, T.S.M.; TRINDADE, J.A.; PINTO, M.J.F.; FERREIRA, L.L.; CATELLA, A.C. Plantas medicinais de Minas Gerais, Brasil. **Acta botânica brasilica**, v. 3, n. 2, 1989. Supl.
94. GUARIM NETO, G. Plantas do Brasil - Angiospermas do Estado de Mato Grosso - I. **Rodriguesia**, v. 36, n. 59, p. 105-121, 1984.
95. GUARIM NETO, G. **Plantas utilizadas na medicina popular do Estado de Mato Grosso**. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia/CNPq, 1987. 58 p. il.
96. GUARIM NETO, G. Plantas do Brasil - Angiospermas do Estado de Mato Grosso - Pantanal. **Acta botânica brasilica**, v. 5, n. 1, p. 25-47, 1991.
97. HAASE, R.; BECK, S.G. Structure and composition of savanna vegetation in Northern Bolivia: a preliminary report. **Brittonia**, New York, v. 4, n. 1, p. 80-100, 1989.
98. HARLEY, R.M. Labiadas. In: REITZ, R. (ed.) Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1985.
99. HASHIMOTO, G. **Conheça o verde**. São Paulo: Centro de Pesquisa de História Natural, fascículos 1-15, 1985-1988.
100. HAVARD-DUCLOS, B. **Las plantas forrajeras tropicales**. Barcelona: Blume, 1968.
101. HERINGER, H.P.; BARROSO, G.M.; RIZZO, J.A.; RIZZINI, C.T. A flora do Cerrado. In: FERRI, M.G. (coord.) **SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO**, 4., 1976, Brasília. **Bases para utilização agropecuária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977. p. 211-232.
102. HOEHNE, F.C. **Phytophysionomia do Estado de Mato Grosso e ligeiras notas a respeito da composição e distribuição da sua flora: estudo preliminar**. São Paulo: Nacional, 1923. 103 p. il.
103. HOEHNE, F.C. **Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais**. São Paulo: Graphicars, 1939. 355 p. il.
104. HOEHNE, F.C. **Frutas indígenas**. São Paulo: Instituto de Botânica, 1946.
105. HOEHNE, F.C.; KUHLMANN, J.B. **Índice bibliográfico e numérico das plantas colhidas pela Comissão Rondon**. São Paulo: Secretaria da Agricultura, 1951. 400 p.
106. HOLDRIDGE, L.R.; POVEDA A., L.J. **Arboles de Costa Rica**. San Jose: Centro Científico Cultural, 1975. 546 p. v. 1.

107. HONDA, N.K.; GARCEZ, W.S.; GARCEZ, F.R.; CONCEIÇÃO, C.A. Estudo químico de plantas de Mato Grosso do Sul I: triagem fitoquímica. **Revista Científica e Cultural UFMS**, Campo Grande, v. 5, n. 1, p. 37-46, 1990.
108. HUECK, K. **Florestas da América do Sul**. São Paulo: Polígono, 1972. 466 p. il.
109. ICHASO, C.L.F.; BARROSO, G.M. Escrofulariáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1970.
110. INOUE, M.T.; RODERJAN, C.V.; KUNIYOSHI, Y.S. **Projeto madeira do Paraná**. Curitiba: Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná, 1984. 260 p. il.
111. JOLY, A.B. **Botânica, introdução à Taxonomia Vegetal**. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1975.
112. JOLY, A.B. **Conheça a vegetação brasileira**. São Paulo: USP, 1980. 165 p. il.
113. KAHN, F.; LEÓN, B.; YOUNG, K.R. **Las plantas vasculares en las aguas continentales del Peru**. Lima: IFEA, 1993.
114. KILLEEN, T.J.; GARCIA E., E.; BECK, S.G. **Guía de arboles de Bolívia**. La Paz: Herbario Nacional de Bolívia/Missouri Botanical Garden, 1993. 958 p. il.
115. KISSMANN, K.G. **Plantas infestantes e nocivas**. São Paulo: BASF, 1991. Tomo 1.
116. KLEIN, R.M. Meliáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1984.
117. KLEIN, R.M. Olacáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1988.
118. KLEIN, R.M.; SLEUMER, H.O. Flacourtiáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1984.
119. KONCZEWSKA, F.W. **Guia de flores argentinas**. Buenos Aires: Albatros, 1976.
120. LAINETTI, R.; BRITO, N.R.S. **A saúde pelas plantas e ervas medicinais do mundo inteiro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980. 163 p.
121. LANDRUM, L.R. *Campomanesia, Pimenta, Blepharocalyx, Legrandia, Acca, Mirrhinium*, and *Luma* (Myrtaceae). In: **Flora Neotropica**. New York: New York Botanical Garden, 1986. (Monograph 45).
122. LEGRAND, C.D.; KLEIN, R.M. Mirtáceas (Eugenia). In: REITZ, R. (ed.) Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**. 1969.
123. LEGRAND, C.D.; KLEIN, R.M. Mirtáceas, 8. *Campomanesia* - 16. *Psidium*. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1977.
124. LEMEÉ, A. **Flore de la Guyane Française**. Paris: Lechevalier, 1956. v. 4.
125. LEONARDIS, R.F.J. **Árboles de la Argentina y aplicaciones de su madera**. Buenos Aires: Editorial Suelo Argentina, 1948. 277 p.
126. LEONARDIS, R.F.J. **Libro del arbol**. 2. ed. Buenos Aires: Celulosa Argentina, 1976. v. 2.
127. LEWIS, G.P. **Legumes of Bahia**. Kew: Royal Botanic Garden, 1987.
128. LOMBARDO, A. **Flora arbórea y arborecente de Uruguay**. 2. ed. Montevideo: Concejo Departamental de Montevideo, 1964. 151 p. il.
129. LONSDALE, W.M. Litterfall in an Australian population of *Mimosa pigra* L., an invasive tropical shrub. **Journal of Tropical Ecology**, v. 4, p. 381-392, 1988.
130. LOPEZ, J.A.; LITTLE JR., E.L.; RITZ, G.F.; ROMBOLD, J.S.; HAHN, W.J. **Arboles comunes del Paraguay**. Asunción: Cuerpo de Paz, 1987. 425 p. il.
131. LORENZI, H. **Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas, tóxicas e medicinais**. Nova Odessa: H. Lorenzi, 1982. 425 p. il.
132. LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa: Plantarum, 1992. 368 p. il.
133. LOUREIRO, R.L.; LIMA, J.P.S.; FONZAR, P.C. Vegetação. In: BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Projeto Radambrasil. **Folha SE-21. Corumbá e parte da Folha SE-20**. Rio de Janeiro: Secretaria geral, 1982. p. 329-372 il. (Levantamento de Recursos Naturais, 27).
134. LUETZELBURG, P. **Estudo botânico do Nordeste**. Rio de Janeiro: Ministério de Viação e Obras Públicas, 1922-1923. 2 v. (ed. facsímile CNPq).
135. MAGALHÃES, N.W. **Conheça o Pantanal**. São Paulo: Terragraph, 1992. 390 p.
136. MAINIERI, C.; CHIMELO, J.P. **Fichas de características das madeiras brasileiras**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas, 1978 (Publicação IPT, n. 1791).
137. MAIXNER, A.E.; FERREIRA, L.A.B. Contribuição ao estudo das essências florestais e frutíferas nativas no Estado do Rio Grande do Sul-1. **Trigo e Soja**, Porto Alegre, n. 28, p. 3-27, 1977.
138. MARKGRAF, F. Apocináceas. In: REITZ, R. (ed.) Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1968.
139. MARTINS, R. **Livro das árvores do Paraná**. Curitiba: Diretório Regional de Geografia do Estado do Paraná, 1944. 100 p.

140. MARTIUS, C.F.P. **Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros.** São Paulo: Nacional, 1939. Traduzido por P. Silva (original 1844).
141. MARX, R.B.; TABACOW, J.; ALCÂNTARA, A. **Árvores, Minas Gerais.** Rio de Janeiro: AC & M, 1989.
142. MATHIAS, M.E.; CONSTANCE, L.; ARAUJO, D. Umbelíferas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1972.
143. MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais, guia de seleção de plantas usadas em fitoterapia no Nordeste do Brasil.** Fortaleza: IOCE, 1989.
144. MATTOS, J.R. **Fruteiras nativas do Brasil.** Porto Alegre: s.n., 1990, 271 p. v. 4.
145. MATTOS, P.P.; SALIS, S.M. Fenologia de frutíferas nativas na sub-região da Nhecolândia, Pantanal Mato-Grossense. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 45., 1994, São Leopoldo. **Resumos...** São Leopoldo: Sociedade Botânica do Brasil, 1994. p. 374.
146. MAZZA, C.A.; SILVA, M.P.; PARRON, L.M.; POTT, A. Teores de proteína das principais forrageiras da dieta de bubalinos no Pantanal. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 26., 1989, Porto Alegre. **Resumos...** Porto Alegre: SBZ, 1989. p. 423.
147. MEDINA, J.C. **Plantas fibrosa da flora mundial.** Campinas: Instituto Agrônomo de Campinas, 1959. 913 p.
148. MICHALOWSKY, M. **Arboles y arbustos del Paraguay.** Asuncion: Ministério de Agricultura y Ganaderia, 1953. 183 p. (Servicio Técnico Interamericano de Cooperacion Agrícola. Publicacion n. 231).
149. MOLDENKE, H.N.; SMITH, L.B. Eriocauláceas. In: REITZ, R. (ed.) Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1976.
150. MONTEIRO, J.R. Identificação, usos e utilidades das espécies de "sarã" do rio Cuiabá. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 38., 1987, São Paulo. **Resumos...** São Paulo: Sociedade Botânica do Brasil, 1987. p. 193.
151. MOORE, S. le M. The phanerogamic botany of the Matto Grosso expedition, 1891-92. **Transaccions of The Linnean Society of London**, Series Botany, London, v. 4, p. 265-516, 1895.
152. MORS, W.B.; RIZZINI, C.T. **Useful plants of Brazil.** San Francisco: Holden-Day, 1966.
153. NASCIMENTO, M.T.; CUNHA, C.N. Estrutura e composição florística de um cambarazal no Pantanal de Poconé, MT. **Acta botanica brasílica**, v. 3, n. 1, p. 3-23, 1989.
154. NIERING, W.A. **Wetlands.** New York: National Audubon Society, 1985.
155. NILSSON, T.T. Levantamento do potencial econômico da mata ciliar e sugestões quanto ao seu aproveitamento racional. In: Barbosa, L.M. (coord.) SIMPÓSIO SOBRE MATA CILIAR, 1989, São Paulo. **Anais...** Campinas: Cargill, 1989. p. 144-155.
156. NOGUEIRA, J.C.B. **Reflorestamento heterogêneo com essências indígenas.** São Paulo: Instituto Florestal, 1977. (Boletim Técnico, 24).
157. NUNES, I.J. **Ação da planta *Solanum malacoxylon*, em interação com cálcio, sobre aves em postura.** Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1976. Tese de Mestrado.
158. OLIVEIRA, A.K.M. **Alguns aspectos de estrutura e comparação entre paratundais no Pantanal de Miranda-MS.** São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1993. Dissertação de Mestrado.
159. ORTEGA TORRES, E.; STUTZ DE ORTEGA, L.; SPICHIGER, R. Noventa espécies forestales del Paraguay. In: SPICHIGER, R. (ed.). **Flora del Paraguay.** Ginebra: Conservatoire et Jardin Botaniques, 1989 (Série especial, n. 3).
160. PECKOLT, T.; PECKOLT, G. **História das plantas medicinaes e uteis do Brazil.** Rio de Janeiro: Typographia Laemmert, 1888.
161. PEDROSA, J.B. **Arborização de cidades e rodovias.** Belo Horizonte: IEF-MG, 1983. 64 p.
162. PEÑA, R. **Flora Cruceña.** La Paz: Litografías e Imprentas Unidas, 1976.
163. PENNINGTON, P.D. Meliaceae. In: **Flora Neotropica.** New York: New York Botanical Garden, 1981. (Monograph 28).
164. PENNINGTON, P.D. Sapotaceae. In: **Flora Neotropica.** New York: New York Botanical Garden, 1990. (Monograph 52).
165. PEREIRA, R.D. Contribuição ao estudo das plantas insecticidas, insectífugas e insectívoras. **Garcia Orta**, Lisboa, v. 15, n. 2, p. 167-203, 1967.
166. PINTO, G.C.P.; BAUTISTA, H.P.; LIMA, J.C.A. A Chapada Diamantina, sua fisionomia e peculiaridades florísticas. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 35., 1984, Manaus. **Anais...** Brasília: IBAMA, 1990. p. 256-295.

167. PIRANI, J.R.; CORTOPASSI-LAURINO, M. **Flores e abelhas em São Paulo**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1993.
168. PLUMEL, M. Le genre *Himatanthus* (Apocynaceae) révision taxonomique. **Bradea**, Rio de Janeiro, v. 5, supl., 1991.
169. POTT, A. Fruteiras nativas do Pantanal. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE RECURSOS GENÉTICOS DE FRUTEIRAS NATIVAS, 1992, Cruz das Almas. **Anais...** Cruz das Almas: EMBRAPA-CNPMP, 1993. p. 77-80.
170. POTT, A.; POTT, V.J. **Inventário da flora apícola do Pantanal em Mato Grosso do Sul**. Corumbá, MS: EMBRAPA-CPAP, 1986. 16 p. (EMBRAPA-CPAP. Pesquisa em Andamento, 3).
171. POTT, E.; POTT, A. Níveis de nutrientes em plantas não-gramíneas pastejadas por bovinos na sub-região dos Paiaguás, do Pantanal Mato-Grossense. **Pesquisa agropecuária brasileira**, Brasília, v. 22, n. 11/12, p. 1293-1299, 1987.
172. POTT, V.J.; POTT, A. Flórua ruderal da cidade de Corumbá, MS. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 36., 1985, Curitiba. **Anais...** Brasília: IBAMA, 1990. p. 519-535.
173. POTT, V.J.; POTT, A. **Plantas colonizadoras da estrada transpantaneira (da fazenda Leque ao retiro Chatelodo) na Nhecolândia, Pantanal**. Corumbá, MS: EMBRAPA-CPAP, 1986. 9 p. (EMBRAPA-CPAP. Comunicado Técnico, 7).
174. POTT, V.J.; POTT, A.; RATTER, J.A.; VALLS, J.F.M. **Flora da fazenda Nhumirim, Nhecolândia, Pantanal; relação preliminar**. Corumbá, EMBRAPA-CPAP, 1986. 26 p. (EMBRAPA-CPAP. Pesquisa em Andamento, 5).
175. PRADO, D.E.; GIBBS, P.E.; POTT, A.; POTT, V.J. The Chaco-Pantanal transition in southern Mato Grosso, Brazil. In: FURLEY, P.A.; PROCTOR, J.; RATTER, J.A. (eds.) **Nature and dynamics of forest-savanna boundaries**. London: Chapman & Hall, 1992. p. 451-470.
176. PRANCE, G.T. Chrysobalanaceae. In: **Flora Neotropica**. New York: Hafner, 1972 (Monograph 9).
177. PRANCE, G.T. **Algumas flores da Amazonia**. Manaus: INPA, 1976. 56 p. il.
178. PRANCE, G.T. **Manual de Botânica econômica do Maranhão**. São Luís: Gráfica Universitária UFMA, s. d. 253 p.
179. PRANCE, G.T.; SCHALLER, G.B. Preliminary study of some vegetation types of the Pantanal, Mato Grosso, Brazil. **Brittonia**, v. 34, p. 228-251, 1982.
181. RAGONESE, A.E. La vegetación de República Argentina. II. Estudio fitosociológico de las Salinas Grandes. **Revista de Investigaciones Agrícolas**, Buenos Aires, v. 5, n. 1, p. 1-233, 1951.
182. RAGONESE, A.R. **Vegetación y ganadería en la República Argentina**. Buenos Aires: INTA, 1967. 218 p. il.
183. RAMIRES, M. Segredos do Pantanal que conheci com os Guató. **MS Cultura**, Campo Grande, ano 3, n. 7, 1987.
184. RATTER, J.A. Observations of the vegetation of Northeastern Mato Grosso. I. The woody vegetation types of the Xavantina-Cachimbo Expedition area. **Philosophical Transactions of the Royal Society of London**, v. 266, n. 880, p. 449-492, 1973.
185. RATTER, J.A. Notes on the vegetation of the Parque Nacional do Araguaia (Brazil). **Notes from the Royal Botanic Garden Edinburgh**, v. 44, n.2, p. 3111-342, 1987.
186. RATTER, J.A.; POTT, A.; POTT, V.J.; Cunha, C.N.; Haridasan, M. Observations on woody vegetation types in the Pantanal and around Corumbá. **Notes from the Royal Botanic Garden Edinburgh**, v. 45, n. 3, p. 503-525, 1988.
187. RECORD, S.J.; HESS, R.W. **Timbers of the New World**. New Haven: Yale University, 1943.
188. REIS, G.M.C.L.; ZURLO, M.A.; AUGUSTO, M.M. **Jardim de cheiros; plantas medicinais**. Brasília: Jardim Botânico de Brasília, 1989.
189. REITZ, R. Sapindáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1980.
190. REITZ, R. Salicáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1983.
191. REITZ, R. Bromeliáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1983.
192. REITZ, R.; KLEIN, R.M.; REIS, A. **Projeto madeira de Santa Catarina**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1978. 320 p.
193. REITZ, R.; KLEIN, R.M.; REIS, A. **Projeto madeira do Rio Grande do Sul**. S.l., Herbário Barbosa Rodrigues/SUDESUL, 1988.
194. RIBEIRO, J.F.; SILVA, J.A.; FONSECA, C.E.L. Espécies frutíferas da região do cerrado. In: DONADIO, L.C.; MARTINS, A.B.G.; VALENTE, J.P. (eds.) **Fruticultura tropical**. Jaboticabal: 1992. p. 159-189.
195. RIZZINI, C.T. **Árvores e madeiras úteis do Brasil**. São Paulo: Blücher/USP, 1971.
196. RIZZINI, C.T. Sobre as principais unidades de dispersão do cerrado. In: SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO, 3., 1971, São Paulo. São Paulo: USP/Blücher, 1971. p. 117-132.

197. RIZZINI, C.T. **Tratado de Fitogeografia do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1979. 374 p. v. 2.
198. RIZZINI, C.T.; MORS, W.B. **Botânica econômica brasileira**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1976.
199. RIZZINI, C.T.; RIZZINI, C.M. **Dicionário botânico clássico latino-português abonado**. Rio de Janeiro: IBDF-Jardim Botânico, 1983. 282 p. (IBDF-Jardim Botânico. Estudos e Contribuições, 2).
200. RIZZO, J.A.; MONTEIRO, M.S.R.; BITENCOURT, C. Utilização de plantas medicinais em Goiânia. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 36., 1985, Curitiba. **Anais...** Brasília: IBAMA, 1990, v. 2. p. 691-714.
201. ROCHA, F.D. **Botânica médica cearense**. Fortaleza: Typographia Moderna, 1919.
202. RODRIGUES, J.B. **Sertum palmarum brasiliensium**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1989. Fac-símile de: Bruxelles: Typ. Veuve Monnom, 1903.
203. RODRIGUES, W.A. Plantas dos campos do Rio Branco (Território de Roraima). In: SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO, 3., 1971, São Paulo. São Paulo: USP/Blücher, 1971. p. 182-193.
204. RUPPELT, B.M.; PEREIRA, E.F.R.; Gonçalves, L.G.; Pereira, N.A. Pharmacological screening of plants recommended by folk medicine as anti-snake venom. I. Analgesic and anti-inflammatory activities. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, Rio de Janeiro, v. 86, supl. II, p. 203-205, 1991.
205. SACCO, J.C. Passifloráceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1980.
206. SADDI, N. **Origem, história e atividades do Herbário Central da Universidade Federal de Mato Grosso**. Cuiabá: Herbário Central, 1988. 89 p. il. (Herbário Central. Publ. Avulsas, 1).
207. SALIS, S.M.; MATTOS, P.P. Fenologia de arbóreas nativas com potencial madeireiro na sub-região da Nhecolândia, Pantanal Mato-Grossense. In: CONGRESSO FLORESTAL PANAMERICANO, 1., CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 7., 1993, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Sociedade Brasileira de Silvicultura/SBEF, 1993. p. 762.
208. SALLES, A.H.; REIS, G.M.L.C.; ZURLO, M.A. **Hortomedicinal do cerrado**. Brasília: Jardim Botânico de Brasília, 1989.
209. SAMPAIO, A.J. A flora de Matto Grosso, memória em homenagem aos trabalhos da Comissão Rondon. **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 19, 1-125 p., 1916.
210. SANCHOTENE, M.C.C. **Frutíferas nativas úteis à arborização urbana**. Porto Alegre: Sagra, 1989. 306p. il.
211. SANDWITH, N.Y.; HUNT, D.R. Bignoniáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1974.
212. SANTOS, C.A.M.; TORRES, K.R.; LEONART, R. **Plantas medicinais: Herbarium flora et scientia**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1988. 160 p.
213. SANTOS, E.; FLASTER, B. Fitolacáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1967.
214. SANTOS, H.L.; FERREIRA, M.B.; D'ASSUMPCÃO, W.R.C. **Levantamento de plantas tóxicas para bovinos no Estado de Minas Gerais; distribuição geográfica**. Belo Horizonte: EPAMIG, 1975.
215. SARMIENTO, G. **The ecology of neotropical savannas**. Cambridge: Harvard University, 1984. 235 p. Traduzido por Otto Solbrig.
216. SCHALLER, G.B. Mammals and their biomass on a Brazilian ranch. **Arquivos de Zoologia**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 1-36, 1983.
217. SCHINZ, H. Amaranthaceae. In: ENGLER, A.; PRANTL, K. **Die natürlichen Pflanzenfamilien**. 2. ed. Leipzig: Verlag Engelmann, 1934. v. 16c.
218. SCHVARTSMAN, S. **Plantas venenosas**. São Paulo: Sarvier, 1979. 176 p. il.
219. SCHWEIZER, J. **Ariranhas no Pantanal**. Curitiba: Edibran, 1992. 202 p. il.
220. SHIOBARA, Y.; INOUE, S.; KATO, K.; OISCHI, Y.; NISHIMOTO, N.; OLIVEIRA, F.; AKISUE, G.; AKISUE, M.K.; HASHIMOTO, G. A nortriterpenoid, triterpenoids and ecdysteroids from *Pfaffia glomerata*. **Phytochemistry**, v. 32, n. 6, p. 1527-1530, 1993.
221. SILVA, D.S.B.; SADDI, N. Frutos nativos da Ilha de Taiamã na alimentação da ictiofauna. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 40., 1989, Cuiabá. **Resumos...** Cuiabá: Sociedade Botânica do Brasil, 1989. p. 83.
222. SILVA, J.R.M. **Plantas medicinaes e industriaes**. Rio de Janeiro: Typographia Almeida Marques, 1923. 164 p.
223. SIQUEIRA, J. **Utilização popular das plantas do cerrado**. Rio de Janeiro: Loyola, 1981.
224. SMITH, L.B.; DOWNS, R.J. Solanáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1966.
225. SMITH, L.B.; DOWNS, R.J.; KLEIN, R.M. Euforbiáceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí, **Flora Ilustrada Catarinense**, 1988.
226. SOLETO, D. **Os pioneiros da EMBRAPA de Corumbá no Pantanal Mato-Grossense**. Corumbá: EMBRAPA-CPAP, 1988. 24 p. (EMBRAPA-CPAP. Documentos, 8).

- 227.SOUZA, S.; TRAJANO, J.; VESPUCCI, R. (eds.) **Ervas e temperos; Guia Rural**. São Paulo: Abril, 1991.
- 228.SPICHIGER, R.; LOIZEAU, P.-A. Vochysiaceae. In: SPICHIGER, R.; BOCQUET, G. **Flora del Paraguay**. Ville de Genève: Conservatoire et Jardin Botaniques, 1985.
- 229.SPICHIGER, R.; MASCHIERA, J.-M. Annonaceae. In: SPICHIGER, R.; BOCQUET, G. **Flora del Paraguay**. Ville de Genève: Conservatoire et Jardin Botaniques, 1983.
- 230.SPICHIGER, R.; STUTZ DE ORTEGA, L. Rutaceae. In: SPICHIGER, R. **Flora del Paraguay**. Ville de Genève: Conservatoire et Jardin Botaniques, 1987.
- 231.STÄBLER, D.E. **Pflanzen in Paraguay, Plantas en el Paraguay**. Asunción: Zamphirópolis, 1987.
- 232.STAHL, B. Teophrastaceae. In: SPICHIGER, R.; BOCQUET, G. **Flora del Paraguay**. Ville de Genève: Conservatoire et Jardin Botaniques, 1985.
- 233.SUCKSDORFF, A. **Pantanal, um paraíso perdido ?** Rio de Janeiro: Siciliano, 1985.
- 234.TARVER, D.P.; RODGERS, J.A.; MAHLER, M.S.; LAZOR, R.L. **Aquatic and wetland plants of Florida**. Tallahassee: Florida Department of Natural Resources, 1988. 127 p. il.
- 235.TOKARNIA, C.H.; DÖBEREINER, J. Intoxicação de bovinos por *Vernonia rubricaulis* (Compositae) em Mató Grosso. **Pesquisa veterinária brasileira** v. 2, n. 4, p. 143-147, 1982.
- 236.TOKARNIA C.H.; DÖBEREINER, J.; SILVA, M.F. **Plantas tóxicas da Amazônia a bovinos e outros herbívoros**. Manaus: CNPq/INPA, 1979. 95 p.
- 237.VALENTINI, J.A.; LOMBARDI, C.R. Sobre el posible manejo de los bosques del Noreste Argentino, por el metodo de cortas a clareos con repoblacion artificial por siembra directa. In: CONGRESSO FLORESTAL ARGENTINO, 1., 1969, Buenos Aires. **Actas...** Buenos Aires: s.n., 1969. p. 773-779.
- 238.VALLETE, Frei, C. **Riquezas medicinais da flora brasileira**. São Paulo: Cupolo, s.d. 139 p.
- 239.VELOSO, H.P. **Aspectos fito-ecológicos da Bacia do Alto Paraguai**. São Paulo: USP, 1972, 31 p. (USP. Biogeografia, 7).
- 240.WARD, D.B. **Checklist of the vascular flora of Florida**. Gainesville: University of Florida, 1968 (IFAS. Technical Bulletin, 726).
- 241.WARMING, E.; FERRI, M.G. **Lagoa Santa e a vegetação de cerrados brasileiros**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1973. 326 p. il.
- 242.WERNER, D. **Onde não há médico**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- 243.WURDACK, J.J.; SMITH, L.B. Poligaláceas. In: REITZ, R. (ed.). Itajaí: **Flora Ilustrada Catarinense**, 1971.
- 244.XAVIER, M; XAVIER, A.T.T.N. Jenipapo: uma espécie indígena para reflorestar. **Cerrado**, Brasília, v. 8, n. 34, p. 20-23, 1976.
- 245.ZAYAS, J.C. **La guayaba y otras frutas Myrtáceas**. Habana: Instituto del Libro, 1968. 87 p.
- 246.ZURLO, C.; BRANDÃO, M. **Ervas comestíveis: descrição, ilustrações e receitas**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

Glossário



- Acurizal:** mata de “acuri” (*Scheelea phalerata*), não inundável (exceto por água corrente).
- Anta:** (mamífero) *Tapirus terrestris*.
- Arancuã:** (ave) *Ortalis canicollis*.
- Arara:** (ave) *Ara spp.*
- Arara-azul:** (ave) *Anodorhynchus hyacinthinus*.
- Baía:** lagoa temporária ou permanente, de variado tamanho, desde as pequenas da Nhecolândia às grandes do rio Paraguai.
- Bugio:** (mamífero) *Alouatta caraya*.
- Caapão:** ilha de árvores, geralmente em terreno 0,3-3,0 m acima do campo, de várias floras (p. ex. caapão de cerrado, caapão de vazante); diâmetro variável, geralmente 5-100 m; muitas vezes está alinhado com outros caapões (seg. J. Adámoli); forma preferida a capão (=capado), como caatinga e catinga; vem de caa-pãu= pedaço de mato¹⁷, em guarani.
- Caducifólia:** decídua, árvore ou vegetação que perde as folhas, geralmente na época seca.
- Caititu, cateto:** (mamífero) *Tayassu tajacu*.
- Cambarazal:** formação arbórea dominada por cambará (*Vochysia divergens*), normalmente fechada como uma floresta, geralmente inundável por rio ou corixo.
- Campina:** pequeno campo, p.ex., em carandazal; ver campo.
- Campo:** vegetação herbácea, geralmente com predominância de gramíneas; no Pantanal há variantes, sendo campina quando é pequeno, “largo” quando é extenso.
- Canjiqueiral:** campo arbustivo de canjiqueira (*Byrsonima orbygniana*), alagável, solo arenoso.
- Capivara:** (mamífero) *Hydrochaeris hydrochaeris*
- Carandazal:** campo com muito carandá (*Copernicia alba*), alagável.
- Caronal:** campo de capim-carona (*Elyonurus muticus*), pouco ou não alagável, periodicamente queimado; carona vem do espanhol, peça de arreio⁷⁴, sob a sela; às vezes era feita com saco com este capim.
- Cerrado:** é a savana brasileira¹⁹⁷, flora ou vegetação do Brasil central, com árvores tortuosas e de casca grossa; pode ter várias fisionomias, de campo a cerradão, conforme o tamanho e a densidade de arbustos e árvores.
- Cerradão:** forma florestal (as copas das árvores se tocam) de cerrado; cobre a maior parte das cordilheiras, principalmente nas sub-regiões de Nhecolândia e Paiguás; é chamado de cerrado no Pantanal
- Cervo-do-pantanal:** (mamífero) *Blatocerus dichotomus*.
- Chaco:** vegetação de parte da Argentina, Paraguai e Bolívia, de uma flora própria; em geral é semi-árido, embora haja áreas úmidas, mas tem nada a ver com charco em português.
- Cheia:** inundação, que pode ser por água de rio ou apenas de chuva (maior parte do Pantanal), ou ambas.
- Cipó:** planta lenhosa trepadeira; de ici=ib, árvore + ci=pegar + pó=fibra⁸².
- Colonizadora:** planta que ocupa terreno desnudo.
- Cordilheira:** paleodique marginal, ou cordão arenoso ou argiloso, geralmente não inundável, 1-3 m acima do nível dos campos, coberto de vegetação arbórea do tipo cerradão ou mata semidecídua; a palavra vem de cordi=coração, porque nos Andes a falta de ar causa palpitação.
- Corixo:** do espanhol “coriche”, curso d’água de leito definido, fluxo estacional e que geralmente não seca; às vezes é braço de rio.
- Corixão:** pequeno rio, defluente de outro (do Taquari saem vários) e de vazão mais ou menos permanente; tem mata ciliar.
- Cutia, cotia:** (mamífero) *Dasyprocta punctata*.
- Epífita:** planta que vive sobre outra (epi=sobre, fito= planta), sem ser parasita (nome comum inadequado), como as orquídeas ebromélias.
- Espinheiral:** conjunto denso de arbustos espinhentos (*Byttneria filipes*, *Cissus spinosa*, *Mimosa spp.*, etc.), alagável.
- Ema:** (ave) *Rhea americana*.
- Embira:** casca fibrosa de certas árvores e arbustos, que serve de corda improvisada; vem de mbira.
- Fogo-apagou:** (ave) *Scardafella squamata*.
- Gravateiro:** comunidade de *Bromelia balansae*, geralmente marca até onde sobe a cheia.
- Jacutinga:** (ave) *Pipile pipile*.
- Lixeiral:** campo com muita “lixreira” (*Curatella americana*), alagável.
- Lixeiro:** campo alagável com “lixreira” (*Curatella americana*) e outras árvores em murundus.
- Lobinho, guaraxo:** (mamífero) *Cerdocyon thous*.
- Mamangava:** (insetos) *Bombus spp.* e outros gêneros, abelha preta grande, com ferrão.
- Mata calcária:** floresta decídua sobre solo calcário; mata seca.
- Mata ciliar:** mata de galeria ou mata ripária, alagável ou não,



que acompanha um curso d'água (rio, corixo, vazante, lagoa).

Mata semidecídua: ou floresta semicaducifólia, em que a maioria das árvores perde as folhas, menos “acuri” e outras do sub-bosque; não alagável, exceto no Nabileque.

Murundu: pequena elevação (0,5-2,5 m alt.), diâmetro variável, desde o tipo cupinzeiro até uma área de caapão.

Mutum: (ave) *Crax fasciolata*.

Neotropical: do Neotrópico (neo=novo), ou trópico do Novo Mundo, das Américas de clima quente.

Pacu: (peixe) *Piaractus mesopotamicus*.

Pantropical:(pan=tudo), de todos trópicos (África, Ásia, Américas, etc.)

Papagaio: (ave) *Amazona spp.*

Paratudal: campo com “paratudo” (*Tabebuia aurea*), alagável, geralmente com murundus do tipo cupinzeiro, aos quais a árvore está associada.

Periquito: (ave) *Aratinga, Brotogeris, Nandayus, Myiopsitta, Pionus*, etc.

Perturbação: distúrbio da vegetação ou do solo, ação antrópica, desequilíbrio ecológico, alteração no ambiente ou no ecossistema.

Pioneira: planta de início de sucessão, que cresce a pleno sol; colonizadora.

Piuval: agrupamento de piúvas (*Tabebuia heptaphylla*), desde campo com piúvas a mata de piúva, alagável.

Porco-monteiro: (mamífero) *Sus scrofa* forma *feral*; é da mesma espécie do porco doméstico, apenas asselvajado; monteiro vem do espanhol montero=del monte, ou do mato.

Praia: sede de fazenda, geralmente mantida capinada e varrida (para controle de cobra), expondo a areia; é até onde chega a água.

Quati: (mamífero) *Nasua nasua*.

Queixada: (mamífero) *Tayassu pecari*.

Ruderal:(rudera=ruína), que cresce em terreno abandonado, como roça velha e beira de estrada.

Salina: lagoa alcalina, salobra, que não tem camalotes nem peixes, mas repleta de algas e insetos aquáticos, sendo isolada de outras águas; os sais presentes são principalmente carbonatos de sódio e potássio; é procurada pelo gado e por animais silvestres.

Savana: campo com árvores esparsas.

Subereto: quase ereto (planta, caule).

Tucano: (ave) *Ramphastos toco*.

Tuiuiu: (ave) *Jabiru mycteria*.

Vazante: linha de drenagem de leito pouco definido ou interrompido, de fluxo bem estacional; muitas vezes é difícil distingui-la de corixo, outras, de campo.

Veado-campeiro: (mamífero) *Ozotoceros bezoarticus*.

Veado-catingueiro: (mamífero) *Mazama gouazoubira*.

Veado-mateiro: (mamífero) *Mazama americana*.

Vegetação ciliar: toda vegetação ribeirinha (rio, corixo, vazante, lagoa), desde herbáceas e trepadeiras do estágio inicial da sucessão, arbustos, até a mata ciliar ou de galeria, ou ripária, propriamente dita.

Xilopódio:(xilo=madeira, pódio=pé): raiz engrossada, ou túbera, lenhosa, “pião”, de ervas e subarbustos ou árvores jovens, em que ficam gemas abaixo do chão; lignotúbera.

Índice remissivo



A

- abacaxizinho, 65
abacaxizinho-do-cerrado, 65
abobreira, 147, 172, 172
abre-noite-fecha-dia, 98
Abutilon ramiflorum, 194
Acacia farnesiana, 144
Acacia paniculata, 145
acaiá, 33
Acalypha communis, 109
Achyranthes aspera, 25
Acisanthera alsinaefolia, 199
açoita-cavalo, 279
acopari, 126
Acosmium subelegans, 157
Acrocomia aculeata, 228
acumã, acuman, 233
acupari, 126
acuri, acurizeiro, 233
Adenaria floribunda, 186
Aëchmea distichantha, 65
Aegiphila candelabrum, 285
Aeschynomene histrix, 158
Aeschynomene paniculata, 158
Agonandra brasiliensis, 224
agostinho, 89
água-pomba-macho, 260
aguaçu, 232
airiri, 229
Albizia niopiooides, 145
Albizia polyantha, 146
Albizia polycephala, 146
Albizia saman, 147
alcanfo-do-campo, 238
Alchornea castaneifolia, 110
Alchornea discolor, 110
alfafa-do-mato, 173
alfarobo, 147
algarobo, 156
algodão, 194
algodão-bravo, 196
algodãozinho, 81, 207
algodãozinho-do-cerrado, 81
algodoeiro-branco, 270
Alibertia edulis, 246
Alibertia sessilis, 246
Allagoptera leucocalyx, 229
almécega, almésca, 69
Aloysia virgata, 286
Alstroemeria cf. psittacina, 28
Amaranthus lividus, 25
amargoso, 182
amécicla, 69
amendoim, 140
amendoim-bravo, 160
amendoim-de-bugre, 277
amora-brava, 212, 283
amora-do-mato, 212
Anacardium humile, 29
Anadenanthera colubrina v. cebil, 148
Ananas ananassoides, 65
Andira cuyabensis, 159
Andira inermis, 159
angélica, 42
angelim, 182
Angelonia hirta, 265
angico, 148
angico-branco, 145
angico-preto, 148
angico-roxo, 148
angico-vermelho, 148
angiquinho, 145, 149
Aniseia cernua, 97
Annona cornifolia, 34
Annona dioica, 34
Annona phaeoclados, 35
anxuma, 198
anxuminha, 113
aperta-cu, 176
Aporosella chacoensis, 111
araçá, 219
araçá-bravo, araçazinho, 220
Arachis kuhlmannii, 160
ariri, 229
Aristolochia esperanzae, 47
Aristolochia ridicula, 48
ariticum, arixicum, 34
arixicum-do-mato, 36
armésca, 69
arnica, arnica-do-campo, 92
aroeira, 31
aromita, 144
arranha-gato, 152
arrebenta-laço, 254
arumbeva, 70
Asclepias mellodora, 48
Aspidosperma australe, 38
Aspidosperma cylindrocarpon, 38
Aspidosperma quebracho-blanco, 39
Aspidosperma tomentosum, 39
Aspilia latissima, 86
assa-peixe, 94, 95
Astronium fraxinifolium, 30
ata-brava, 35
ata-de-cobra, 34, 108
ata-de-lobo, 35
ata-vermelha, 35
atinha-do-campo, 34
Ayenia tomentosa, 272



B

babaçu, 232
bacaiúva, 228
Baccharis medullosa, 86
Bactris glaucescens, 229
bacupari, 126
bacuri, 233
Baillonia amabilis, 286
bálsamo, 140
bálsamo-bravo, 140
bálsamo-do-pantanal, 140
balsemim, 137, 218
Banara arguta, 120
Banisteriopsis pubipetala, 187
barbatimão, 156
barreirinho, 175, 176
barreiro, 154, 175, 176
barreiro-preto, 155
Bauhinia bauhinoides, 132
Bauhinia glabra, 132
Bauhinia mollis, 133
Bauhinia pentandra, 133
Bauhinia rufa, 134
baunilha-de-acuri, 227
beladona, 28
beleza, 125
bengüê, 239
Bergeronia sericea, 160
bernarda, 252
Bidens gardneri, 87
biguazeiro, 146
bigueirinho, 146
bigueiro, 146
biuera, 160
bocaiúva, bocaiuveira, 228
bola, 246
bolacheira, 52
Bonafousia siphilitica, 40
Borreria eryngioides, 247
Borreria quadrifaria, 247
bosta-de-cabrito, 245
Bowdichia virgilioides, 160
Bromelia balansae, 66
Brosimum gaudichaudii, 207
Brosimum lactescens, 207
Buchenavia tomentosa, 81
Buchnera longifolia, 266
Bulnesia sarmientoi, 298
Bunchosia paraguariensis, 188
buriti, 231
Burmannia capitata, 68
Burmannia flava, 69
buta, 47, 48, 205
Byrsonima coccolobifolia, 188
Byrsonima crassifolia, 189
Byrsonima orbignyana, 190

Byrsonima verbascifolia, 191
Byttneria dentata, 272
Byttneria divaricata, 273
Byttneria filipes, 273
Byttneria rhamnifolia, 274

C

cabaceira, cabeceira, 74
cabaceira-do-pantanal, 74
cabeludinho, 80, 214
cabrito, cabriteiro, 245
cachuá, 204
café, 36
caiaí, 33
caiaipiá, 24, 208
caiarana, 203
cajá, cajazeira, 33
cajarana, 203
caju-do-cerrado, cajui, 29
cajuzinho, cajuzinho-do-campo, 29
Calathea grandiflora, 198
calção-de-velho, 94
Calliandra parviflora, 149
Callichlamys latifolia, 51
Callisthene fasciculata, 294
Calophyllum brasiliense, 125
Calopogonium caeruleum, 162
Calycophyllum multiflorum, 248
cambará, 297
camboatá, 258
cambriúva, 283
cambucá, 217
Campomanesia eugenoides, 213
Campomanesia sessiliflora, 213
Camptosema ellipticum, 162
Camptosema paraguariense, 163
cana-brava, 298
cana-de-macaco, 126, 298
cana-do-brejo, 298
canafistula, 134
Canavalia aff. palmeri, 163
canela-branca, 131
canela-de-cotia, 131, 259
canela-de-ema, 106
canela-de-seriema, 113
canela-preta, 131
caneleira, 131
caneleira-branca, 131
cânfora, 239
caninha-do-brejo, 298
canjicão, 189
canjiqueira, 190
canjiquinha, 240, 241, 241
cansanção, 285
cansançãozinho, 111
capitão, capitão-do-campo, 84



- Capparis retusa*, 71
Capparis speciosa, 72
Capparis tweediana, 72
caraguatá-chuça, 65
caraguateiro, 66
carandá, carandeiro, 230
carapiá, 24, 208
Cardiospermum grandiflorum, 257
Cardiospermum halicacabum, 258
carne-de-vaca, 63, 84, 172
caroba, carobinha, 52
carrapateira, 36, 117, 118
carrapicho, 25, 221
carrapicho-praga, 25
caruru, 244
caruru-do-brejo, 24, 25
carvão, 294
carvão-branco, 294
carvão-vermelho, 137
carvoeiro, 294
Caryocar brasiliense, 76
casca-doce, 296
cascudinho, 157
Casearia aculeata, 120
Casearia decandra, 121
Casearia sylvestris, 122
Cassia grandis, 134
cassita, cássita, cassiteira, 262
Cassytha filiformis, 130
castelo, 248
Catasetum fimbriatum, 225
Cattleya nobilior, 225
Cayaponia podantha, 100
Cecropia pachystachya, 77
cedro-d'água, 79, 125
Celtis pubescens, 282
Celtis spinosa, 283
Centrosema brasilianum, 164
Centrosema vexillatum, 164
Cephalanthus glabratus, 248
cera-cozida, 256
Cereus peruvianus, 70
Cestrum strigillatum, 268
chá-de-bugre, chá-de-índio, 278
chá-de-frade, 122
Chamaecrista campestris, 135
Chamaecrista flexuosa, 135
Chamaecrista serpens, 136
chico-magro, 274, 275, 283
chifre-de-veado, 180
Chiococca alba, 249
Chomelia obtusa, 249
Chomelia pohliana, 250
Chrysophyllum marginatum, 263
cidreira (falsa), 287
cidreira-do-campo, 288
cinzeiro, 80
cipó, 51, 53, 83
cipó-branco, 192
cipó-cinco-folha, 261, 263
cipó-de-arraia, 294
cipó-de-arraia-liso, 293
cipó-de-fogo, 103
cipó-de-leite, 40, 44, 49, 50, 98, 99
cipó-de-pomba, 187, 192
cipó-do-mato, 90
cipó-fofo, 90
cipó-leiteiro, 99
cipó-leiteiro-da-folha-fina, 43
cipó-prata, 192
cipó-unha-de-gato, 52, 53
cipozinho-de-leite, 43, 49
Cissampelus pareira, 205
Cissampelus tropaeolifolia, 206
Cissus campestris, 292
Cissus erosa, 293
Cissus sicyoides, 293
Cissus spinosa, 294
Clavija nutans, 278
Cleome guianensis, 73
Cleome spinosa, 73
Clidemia cf. bullosa, 200
Clitoria falcata, 165
Cnidoscylus appendiculatus, 111
cobertor-do-diabo, 192
coça-coça, 114
Coccoloba cujabensis, 240
Coccoloba mollis, 240
Coccoloba ochreolata, 241
Coccoloba rigida, 241
Cochlospermum regium, 81
Combretum discolor, 82
Combretum duarteanum, 82
Combretum lanceolatum, 83
Combretum laxum, 83
Combretum leprosum, 84
Commelina nudiflora, 85
Connarus suberosus, 96
conta, 96
Conyza bonariensis, 87
Copaifera martii, 136
Copernicia alba, 230
Corchorus argutus, 279
cordão-de-são-francisco, 191
Cordia alliodora, 61
Cordia glabrata, 62
Cordia insignis, 62
Cordia naidophila, 63
coroa, coroa-de-frade, 202
Costus cf. arabicus, 298
Couepia grandiflora, 78
Couepia uiti, 78
Coutoubea ramosa, 123
Craniolaria integrifolia, 199
Crataeva tapia, 74
Cratylia argentea, 165
crindiúva, 283
crista-de-galo, 64



Crotalaria micans, 166
Crotalaria stipularia, 166
Croton bonplandianus, 112
Croton corumbensis, 112
Croton glandulosus, 113
Croton sarcopetaloides, 113
cruzeirinha, 89
cruzeirinho, 282
cruzeiro, 120
cruzinha, 89
cumbaru, 170
Cupania castaneaeifolia, 258
cupari, 126
Curatella americana, 102
curte-seco, 221
Cuspidaria lateriflora, 51
Cyrtopodium virescens, 226

D

Dalbergia cuiabensis, 167
Dalbergia riedelii, 167
Dalechampia scandens, 114
Davilla elliptica, 103
dedal, 187
dedo-de-urubu, 237
Desmodium barbatum, 168
Desmodium distortum, 168
Desmoncus cf. cuyabensis, 230
Desmoscelis villosa, 200
Dieffenbachia aglaonematiifolia, 45
Dilodendron bipinnatum, 259
Dimorphandra mollis, 137
Dioclea burkartii, 169
Dioclea glabra, 169
Dioscorea trifida, 104
Diospyros hispida, 105
Diospyros obovata, 105
Diplokeleba floribunda, 259
Dipteryx alata, 170
Diptychandra aurantiaca, 137
Dolichopsis paraguariensis, 171
Doliocarpus dentatus, 103
dorme-dorme, 153
Dorstenia brasiliensis, 208
douradona, 268
Dracontium margaretae, 46
Drosera sessilifolia, 104
drume-drume, 153
drume-drume-branco, 141
Duguetia furfuracea, 35
Dulacia egleri, 222
durão, 120
duraque, 180
Dyckia leptostachya, 67

E

embaúba, embaúva, 77
embauveira, 77
embiruçu, 60
embiruçu-da-mata, 61
Emmotum nitens, 128
Entada polystachya, 149
Enterolobium contortisiliquum, 150
Eriosema platycarpon, 171
Eriotheca gracilipes, 60
erva, 185
erva-de-passarinho, 185, 186
erva-de-santa-luzia, 85
erva-lucera, 92
Eryngium ebracteatum, 284
Eryngium elegans, 284
Erythrina dominguezii, 172
Erythrina fusca, 172
Erythroxylum anguifugum, 108
Erythroxylum cf. deciduum, 108
Erythroxylum suberosum, 109
espichadeira, 270
espinheiro, 120, 123, 144, 145, 152, 152, 153, 154, 155, 175, 176, 252, 272, 273, 273, 274, 282
espinheiro-branco, 141
espinheiro-do-cerrado, 249
espinheiro-preto, 152
espinho-do-diabo, 132
espora-de-galo, 249
espório-de-galo, 282
eucalipto-do-campo, eucaliptinho, 217
Eugenia aurata, 214
Eugenia biflora, 214
Eugenia egensis, 215
Eugenia florida, 215
Eugenia inundata, 216
Eugenia pitanga, 216
Eugenia pyriformis, 217
Eugenia tapacumensis, 217
Eupatorium hecatanthum, 88
Eupatorium macrocephalum, 88
Eupatorium odoratum, 89
Euphorbia hyssopifolia, 114
Euphorbia thymifolia, 115
Evolvulus pterygophyllus, 97

F

Fagara chiloperone, 256
Fagara hassleriana, 256
falso-algodão-bravo, 270
falso-ingá, 157, 175
falso-louro, 61



farinha-seca, 147
 fava-de-anta, 137
 faveira, 137
 faveirinho, 163
 fede-fede, 140
 fedegoso, 142
 feijão-bravo, 163, 177
 feijão-cru, 147
 feijão-do-mato, 163
 feijão-fava, 177
 feijãozinho, 177, 179
Ficus calyptroceras, 208
Ficus gardneriana, 209
Ficus gomelleira, 209
Ficus insipida, 210
Ficus luschnathiana, 210
Ficus pertusa, 211
 figueira, 208, 209, 209, 210, 210
 figueira-de-folha-miúda, 210, 211
 figueirinha, 211
 figueirinha-do-pantanal, 211
 figuinho, 122
 folha-branca, 121
 formigueiro, 242
Forsteronia pubescens, 40
Froelichia procera, 26
 fruta-de-boi, 105
 fruta-de-pomba, 261
 fruta-de-urubu, 222
 fruta-de-veado, 264
 fruteira, 264
 fumeiro, 86
Funastrum clausum, 49



gaiuvira-amarela, 177
Galactia glaucescens, 173
Gallesia integrifolia, 235
 gameleira, 208, 209
 genciana, 78, 157
Genipa americana, 250
 ginseng-do-pantanal, 27
Glinus radiatus, 24
Goldmania paraguënsis, 151
Gomidesia palustris, 218
Gomphrena elegans, 26
 gonçaleiro, 30
 gonçalo, gonçalo-alves, 30
 gordiana, 125
Gossypium barbadense, 194
Gouania lupuloides, 244
 gravateirinho, 67, 284
 gravateiro, 66
 grupiá, 283
 grupeiro, 282

grupieiro, 283
 guajuvirá, 265
 guanandi, 125
 guanxuma, 196, 280, 281
 guaranazinho, 136, 205
Guarea guidonea, 203
 guaritá, 30
 guatambu, 38
Guazuma tomentosa, 274
Guazuma ulmifolia, 275
 guelra-de-dourado, 141
Guettarda viburnoides, 251
 guiné, 236
 guizo, 166
 gurupiá, 110, 282, 283



Hancornia speciosa, 41
Heliconia marginata, 126
Helicteres guazumaefolia, 275
Helicteres lhotzkyana, 276
Heliotropium filiforme, 63
Heliotropium indicum, 64
Heliotropium procumbens, 64
Herissantia nemoralis, 195
Heteropterys aphrodisiaca, 191
Heteropterys hypericifolia, 191
Hibiscus furcellatus, 195
Himatanthus obovatus, 42
Hippeastrum belladonna, 28
Hippocratea volubilis, 127
Hirtella glandulosa, 79
 hortelã-brava, 128, 129
 hortelã-do-campo, 129
 hortelãzinha, 128, 129
Hybanthus calceolaria, 292
Hymenaea courbaril, 138
Hymenaea stigonocarpa, 139
Hyptis brevipes, 128
Hyptis crenata, 129
Hyptis microphylla, 129



imbiruçu, 60
Indigofera hirsuta, 173
Indigofera lespedezioides, 174
Indigofera sabulicola, 174
Inga urugüensis, 151
 inga, ingazeiro, 151
 ingá-bravo, 175, 177
 ingá-de-pobre, 147
Ipomoea alba, 98



Ipomoea chiliantha, 98
Ipomoea rubens, 99
Ipomoea tenera, 99
Iresine macrophylla, 27
iriri, 229

JK

Jaboticaba-brava, 219
Jacaranda cuspidifolia, 52
Jacaratia corumbensis, 75
jacarepito, 111
jacarezinho, 218
jamelão-do-campo, 215
japecanga, 104, 268
japecanga-folha-larga, 268
jasmim-do-campo, 90
jatobá, 139
jatobá-mirim, 138
jatobeiro, 139
Jatropha elliptica, 115
Jatropha weddelliana, 116
jenipapo, jenipava, 250
joá, juá-bravo, 271
jurubeba, 271
jurubeba-brava, 270
justa-conta, 180
Kielmeyera coriacea, 125

L

labão, 58
Laetia americana, 122
Lafoensia pacari, 187
landi, landim, 125
Langsdorffia hypogaea, 50
Lantana cf. canescens, 287
Lantana trifolia, 287
laranjeira-brava, 256, 265
laranjinha, 264, 265
laranjinha-de-pacu, 264
laranjinha-preta, 265
lavão, 58
leite-de-nossa-senhora, 115
leiteira, 117
leiteirinho, 45, 48, 114, 115, 118, 263
leiteiro, 118
leiteiro-branco, 211
leiteiro-preto, 265
Licania minutiflora, 79
Licania octandra, 80
Licania parvifolia, 80

limão-bravo, 223
limãozinho, 223, 282
língua-de-cachorro, 217
língua-de-vaca, 45, 91
Linociera hassleriana, 224
Lippia alba, 288
Lippia lupulina, 288
lírio, 28
lixreira, 102
lixreira-rasteira, 103
lixeirinha, lixinha, 103
Lonchocarpus sericeus, 175
lourinho, 61
louro, 62
louro-branco, 63
louro-preto, 62
louvateiro, 242
lucera, lucero, 92
Luehea paniculata, 279

M

macela-do-campo, 91
Macfadyena unguis-cati, 52
Machaerium aculeatum, 175
Machaerium amplum, 176
Machaerium hirtum, 176
Maclura tinctoria, 212
Macrosiphonia petraea, 42
mãe-josé, 179
mãe-pobre, 259
Magonia pubescens, 260
maleitoso, 172
malva, 112, 113, 196, 197, 198, 277, 278, 280
malva-branca, 27, 278
malvinha, 276
mama-cadela, 207
mamãozinho, 75
mamica-de-porca, 256
maminha, maminha-de-porca, 256
mandacaru, 70
mandovi, manduvi, manduvizeiro, 277
mangaba, mangabeira, 41
mangaba-brava, 72, 187
mangabeira-brava, 187
mangava, 41
maracujá-bravo, maracujá-do-mato, 234
maracujazinho, 234
maria-mole, 172
maria-pobre, 259
marmelada, 246
marmelada-de-bola, 246
marmelada-de-cachorro, 246
marmelada-olho-de-boi, 246



marmelada-preta, 246, 255
 marmelo-preto, 255
 marva, 196, 197, 198, 278
Mascagnia benthamiana, 192
Mascagnia cordifolia, 192
 mata-pasto, 141
 mata-pasto-amarelo, 141
Mauritia vinifera, 231
 mel-de-pomba, 83
 melancia-de-pacu, 100
 melanciazinha, 100
Melanthera latifolia, 89
Melicoccus lepidopetalus, 260
Melloa quadrivalvis, 53
Melochia parvifolia, 276
Melochia villosa, 277
Melothria cf. hirsuta, 101
Mentzelia corumbaensis, 184
 mercúrio, 119
Merremia umbellata, 100
Metastelma berterianum, 49
Miconia albicans, 201
Miconia prasina, 201
Microtea scabrida, 235
Mikania capricorni, 90
Mikania micrantha, 90
 milagroso, 27
Mimosa adenocarpa, 152
Mimosa cf. chaetosphaera, 152
Mimosa debilis, 152
Mimosa pellita, 152
 mirassol, 86
 mora, moreira, 212
 morcego, morcegueira, morcegueiro, 159
Mouriri elliptica, 122
Mouriri guianensis, 122
 mulateira, 145
 mulher-pobre, 259
Murdannia nudiflora, 85
 murici, 190
 mutuqueira, 117, 118
Myracrodruon urundeuva, 31
Myrcia cf. fallax, 218
Myrcia tomentosa, 219



nariz-de-vaca, 183
Neea hermaphrodita, 220
 nó-de-cachorro, 191
 nossa-senhora-da-conceição, 115
 novateiro, 242
 novateiro-preto, 243
 novato, 242
 nove-hora, nove-horas, 243



Ocotea suaveolens, 131
Ocotea velloziana, 131
Odontocarya tamoides, 206
 oiriri, 229
 olho-de-boi, 105, 105, 245, 255
Opuntia bergeriana, 70
Orbignya oleifera, 232
 orelha-de-caxinguelê, 184
 orelha-de-gato, 205
 oriri, 229
Orthopappus angustifolius, 91
 ortiga, 111
 osso-de-burro, 180, 224
Ouratea cf. hexasperma, 221
Oxalis physocalyx, 228



pacova, 126
Paepalanthus lamarckii, 106
Paepalanthus speciosus, 106
 paina, 60
 paineira, 61
 papoula-do-brejo, 143
 papoula-do-campo, 130
Paragonia pyramidata, 53
 parasita, 225, 225
 paratudo, 55
 paratudo-branco, 58
 passarinho, 140
Passiflora foetida, 234
Passiflora gibertii, 234
 pata-de-vaca, 134
 pata-de-vaca-de-espinho, 133
 pateiro, 78
 pau-alho, 151, 235
 pau-bosta, 140
 pau-d'alho, 235
 pau-de-alho, 222
 pau-de-bicho, 84
 pau-de-cangaia, 147
 pau-de-leite, 42
 pau-de-novato, 242
 pau-de-rato, 222, 268
 pau-de-sal, 220, 224
 pau-de-vidro, 224
 pau-doce, 296
 pau-santo, 298
 pau-terra, 295
 pau-terra-folha-larga, 295
 pau-terra-macho, 295
 pau-terrinha, 295



- pau-verde, 72
Paullinia elegans, 261
Paullinia pinnata, 261
Pavonia angustifolia, 196
Pavonia sidifolia, 196
pé-de-boi, 134
pé-de-boi-de-espino, 133
pé-de-vaca, 134
Peixotoa cordistipula, 193
Peltaea riedelii, 197
Peltodon tomentosus, 130
pente-de-macaco, 54
pequi, pequizeiro, 76
perdiz, 267
Pereskia sacharosa, 71
peroba-do-campo, 39
peroba-do-cerrado, 39
peroba-rosa, 38
pertinga, 59
Petiveria alliacea, 236
peúva, 56
Pfaffia glomerata, 27
Phaseolus vulgaris v. *aborigenus*, 177
Philodendron imbe, 46
Philodice hoffmannseggii, 107
Phryganocydia corymbosa, 54
Phthirusa abdita, 185
Phyla betulaefolia, 289
Phyla reptans, 289
Phyllanthus amarus, 116
Phyllanthus orbiculatus, 117
Physalis pubescens, 269
picão, 87
picão-do-pantanal, 87
pimenta-de-macaco, 237
pimenta-do-mato, 237, 237
pimenteira, 80
pimenteira-de-arancuã, 263
pimenteirinha, 108
pindaíba, pindaíva, 37
pindaíva-do-brejo, 36
pindaíva-preta, 36
Piper angustifolium, 237
Piper tuberculatum, 237
Piptadenia viridiflora, 154
piquei, 76
piqueira, 283
Piriqueta cistoides, 280
Piriqueta corumbensis, 280
piriqueira, 283
piruxinga, 59
Pisonia zapallo, 221
pitanga, pitangueira, pitanguinha, 216
Pithecellobium scalare, 154
Pithecoctenium crucigerum, 54
piúva, 56
piúva-branca, 59
piúva-cabeluda, 59
piúva-cascuda, 59
piúva-da-folha-larga, 57
piúva-da-mata, 57
piúva-do-campo, 56
piúva-do-pantanal, 56
piúva-preta, 57
piúva-roxa, 56, 57
piuxinga, 59
Plagiocheilus tanacetoides, 91
Plathymenia reticulata, 155
Pluchea sagittalis, 92
Plumbago scandens, 238
poca, 257, 258
pola-do-brejo, 143
Polygala longicaulis, 238
Polygala molluginifolia, 239
Polygala timoutoides, 239
pombeiro, 83, 204
pombeiro-branco, 27, 83
pombeiro-do-cerrado, 82
pombeiro-preto, 83
pombeiro-vermelho, 83
pororoca, 111
Portulaca fluvialis, 243
Pouteria glomerata, 264
Pouteria ramiflora, 264
prega-prega, 25, 184
Prestonia coalita, 43
Prosopis rubriflora, 155
Prosopis ruscifolia, 156
Protium heptaphyllum, 69
Pseudobombax longiflorum, 60
Pseudobombax marginatum, 61
Psidium guineense, 219
Psidium kennedyanum, 220
Psittacanthus calyculatus, 186
Psychotria carthagenensis, 251
Pterocarpus micheli, 177
Pterogyne nitens, 140
purga-de-lagarto, 115
pururuca, 121

2

- Qualea grandiflora*, 295
Qualea parviflora, 295
quebra-pedra, 115, 116, 117
quebracho, 32
quebracho-branco, 39
quebracho-vermelho, 32
quina, 39, 185
quina-do-cerrado, 185
quina-doce, 296
quina-genciana, 157
quina-grossa, 185
quindiúva, 283
quineira, 282

R

rabo-de-coati, 25
Randia armata, 252
 rasga-diabo, 176
 rasga-olho, 274
 rebenta-laço, 120, 254
 remela-de-macaco, 83
 remendo, 168
Rhabdadenia pohlii, 43
Rhamnidium elaeocarpum, 245
Rheedia brasiliensis, 126
Rhodocalyx rotundifolius, 44
Rhynchanthera novemnervia, 203
Rhynchosia minima, 178
Richardia grandiflora, 252
Riedeliella graciliflora, 178
Rivina humilis, 236
Rollinia emarginata, 36
 roncador, 202
 rosca, 275
 rosquinha, 275, 276
 rouba-tempo, 249, 282
Rourea induta, 96
 roxinho, 80
Ruellia gemminiflora, 23
Ruellia tweediana, 23
Ruprechtia triflora, 242

S

Sabicea aspera, 253
 sabinera, 120
 saboneteria, 262
Salacia elliptica, 127
Salix humboldtiana, 257
 salsinha-do-brejo, 267
Salvertia convallariodora, 296
 sangue-de-bugre, 180
 santa-fé, 140
 santa-luzia, 85
 sarã-de-espinho, 283
Sapindus saponaria, 262
Sapium haematospermum, 117
Sapium hasslerianum, 118
Sapium longifolium, 118
Sapium obovatum, 119
 saputá, 127
 sarã, saran, 110, 117, 119, 248, 257, 286
 sarã-d'espinho, 273
 sarã-de-espinho, 283
 sarã-de-leite, 117, 119
 saranzinho, 179
 sarão, 110, 286

sardinheira, 120, 122
Sauvagesia erecta, 222
Scheelea phalerata, 233
Schinopsis balansae, 32
Schizosepala matogrossensis, 266
Schubertia grandiflora, 50
Schultesia brachyptera, 124
Schultesia guianensis, 124
Sclerolobium aureum, 140
Scoparia montevidensis, 267
Sebastiania hispida, 119
Secondatia densiflora, 44
 semanera, 188
Senna aculeata, 141
Senna alata, 141
Senna occidentalis, 142
Senna pendula, 142
Senna pilifera, 143
Senna silvestris, 143
Senna splendida, 144
Serjania caracasana, 262
Serjania erecta, 263
Sesbania virgata, 179
 sete-casca, 147
 sicupira, 161
Sida cerradoensis, 197
Sida santaremensis, 198
Sideroxylon obtusifolium, 265
Simarouba versicolor, 267
Siolmatra brasiliensis, 101
Sipanea biflora, 253
 siputá, 127
Smilax fluminensis, 268
Solanum amygdalifolium, 269
Solanum cf. bonariense, 270
Solanum glaucophyllum, 270
Solanum paniculatum, 271
Solanum viarum, 271
Solidago chilensis, 92
 somanera, 188
 sombra-de-touro, 109
Sorocea sprucei saxicola, 211
Spathicarpa hastifolia, 47
Spermacoceodes glabrum, 254
Sphinctanthus hasslerianus, 254
Spondias lutea, 33
Stachytarpheta elatior, 290
Staëlia thymoides, 255
Stenandrium pohlii, 24
Stenorrhynchus australis, 226
Stenorrhynchus lanceolatus, 227
Sterculia apetala, 277
Stigmatophyllum cf. calcaratum, 193
Stilpnopappus trichospiroides, 93
Strychnos pseudoquina, 185
Stryphnodendron obovatum, 156
Stylosanthes acuminata, 179
 sucupira, sucupira-preta, 161
 sumanera, 188

sumanera, 188
sumbaré, 225
suquiana, 78
Swartzia jorori, 180
Sweetia fruticosa, 180
Syagrus flexuosa, 233
Syngonanthus gracilis, 107

T

Tabebuia aurea, 55
Tabebuia heptaphylla, 56
Tabebuia impetiginosa, 57
Tabebuia insignis, 58
Tabebuia nodosa, 58
Tabebuia ochracea, 59
Tabebuia roseo-alba, 59
taiuiá, 101
taiúva, 212
taleira, 249, 282
Talinum triangulare, 244
taroba, 39
tarumã, tarumeiro, 291
tarumarana, 81
Tephrosia adunca, 181
Teramnus volubilis, 181
Terminalia argentea, 84
Thevetia bicornuta, 45
Tillandsia duratii, 67
Tillandsia streptocarpa, 68
timbó, 260
timbó-branco, 146
tinge-cuia, 224
Tocoyena formosa, 255
Trema micrantha, 283
Trichilia catigua, 204
Trichilia elegans, 204
Trichilia stellato-tomentosa, 205
Trichospira menthoides, 93
tripa-de-galinha, 132
Triplaris americana, 242
Triplaris gardneriana, 243
tucum, 229
Turnera concinna, 281
Turnera melochioides, 281
Turnera orientalis, 282

U

unha-de-boi, 133
unha-de-gato, 252
unha-de-vaca, 133, 134
Unonopsis lindmanii, 36
Urera aurantiaca, 285

urtiga, 111, 285
urtiga-de-pacu, 285
urubamba, urumbamba, 230
urumbeba, 70
uva-brava, 110, 293
uva-do-campo, 240
uveira, 63, 294
uveira-do-mato, 240, 241
uvinha, 263, 293
uvinha-do-campo, 287

V

vai-o-resto, 152
Vanilla palmarum, 227
vassourinha, 247
vassourinha-de-botão, 247
vassourinha-do-brejo, 267
Vatairea macrocarpa, 182
velame-do-campo, 42
veludo, 186, 204, 251
veludo-branco, 251
veludo-de-espinho, 252
Verbena aristigera, 290
Vernonia ferruginea, 94
Vernonia rubricaulis, 94
Vernonia scabra, 95
Vigna longifolia, 182
Vigna peduncularis v. *clitorioides*, 183
vinhático, 155
Vitex cymosa, 291
viviu, 98
voadeira, 87
Vochysia cinnamomea, 296
Vochysia divergens, 297

W

Waltheria communis, 278
Wedelia brachycarpa, 95
ximbuva, ximbuveira, 150
Ximena americana, 223
xique-xique, 166
Xylopia aromatica, 37
Xylosma venosum, 123

Z

Zizyphus oblongifolius, 245
Zornia crinita, 183
Zornia latifolia, 184
Zygia inaequalis, 157

ARNILDO POTT

Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 1971, com Mestrado em Plantas Forrageiras na mesma universidade e doutorado em Pastagens na University of Queensland (Austrália). Apaixonado por Botânica desde os 14 anos, quando ingressou na Escola Agrícola de Panambi-RS, sua terra natal. Foi docente de Botânica e de Pastagens Naturais na UFRGS (1972-80). Trabalha no Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal, da EMBRAPA, desde 1980, nas áreas de Pastagem Nativa e de Flora.

VALI JOANA POTT

Formada em História Natural pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 1975; tem Mestrado em Botânica na Universidade Federal do Paraná – UFPR com tese sobre a família Lemnaceae. Foi docente de Botânica no Centro Universitário de Corumbá, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. É pesquisadora do Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal, EMBRAPA, desde 1989, como Curadora do Herbário, que começou a organizar em 1984, como bolsista do CNPq. Publicou trabalhos sobre macrófitas aquáticas do Pantanal, sobre as quais está concluindo um guia ilustrado, a ser lançado brevemente.

Projeto Gráfico: Tenisson Waldow de Souza

Fotos: Arnildo Pott

Texto: Arnildo Pott e Vali J. Pott